
Caminhos Traçados
Liv Carter

Caminhos Traçados

Liv Carter

Copyright © 2019 Liv Carter

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia da escritora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Sumário

Dedicatória
Sinopse
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22

Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50

Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Epílogo

Dedicatória

Ao meu marido, pela paciência em aguentar meus muitos momentos fora da realidade enquanto estava escrevendo meu primeiro livro. Pelo apoio incondicional, por ouvir minhas indecisões e me ajudar a escolher o melhor caminho a seguir, mas principalmente por ter estado ao meu lado mesmo quando eu fisicamente não estava tão presente.

A minha amiga / revisora / beta Flavinha, que acreditou nesse projeto quando nem eu mesma acreditava. Obrigada por todo empenho e por não me deixar desistir em momento nenhum. Como eu disse, esse livro é tanto meu quanto seu. Ele é nosso!

As minhas amigas, que acompanharam a obra do início ao fim, que sofreram, sorriram, se alegraram e me apoiaram sem pestanejar. Vocês foram fundamentais para que o livro se tornasse realidade.

E por fim dedico este livro a todos vocês que estão começando a ler esta obra, espero que se apaixonem pelos personagens tanto quanto eu.

Sinopse

Maria Luísa sofreu desde a infância com a rejeição e o abandono de todos a sua volta, e após ter seu mundo destruído mais uma vez através de uma decepção amorosa se vê sem opções para seguir adiante.

Ela se encontra desesperada com todas as acusações e ameaças sofridas quando seu melhor amigo a oferece uma saída, mudar de cidade com ele sem deixar rastros para trás.

Então após pesar os prós e contras toma a decisão que irá mudar sua vida para sempre, e junto com ele embarca rumo a um futuro desconhecido carregando junto de si o seu bem mais precioso.

Porém, após uma série de acontecimentos, onde se vê perdida sem ter ao lado seu único amigo e porto seguro, ela conhece Guilherme, um cara que tem a aparência de playboy, que parece ser mimado e egoísta, que não mede esforços para conseguir o que quer.

E nesse caso, ele quer a Maria Luísa.

Capítulo 1

Malu

POSITIVO!

Essas simples oito letras escritas em negrito no papel do laboratório me deixam sem palavras. Literalmente muda.

POSITIVO!

Leio mais uma vez, tentando fazer com que minha mente processe o que está escrito.

POSITIVO!

Instintivamente coloco uma das mãos sobre a minha barriga enquanto a consciência do que está crescendo dentro de mim me bate.

Grávida.

Meu Deus! Eu estou grávida! Grávida de um bebê do Max.

Um sorriso involuntário se expande em meu rosto.

Eu vou ser mãe. Eu vou ter um bebê. Um bebê meu e do Max. Uma parte minha e dele, o meu amor.

Levanto os olhos marejados e encaro o meu amigo, que com certeza pela minha expressão já imagina o resultado do exame. Ele parece tão emocionado quanto eu.

Sorrio para ele, que me devolve o sorriso com a mesma intensidade e antes que eu possa falar alguma coisa ele se adianta e me abraça, me pegando no colo e rodopiando comigo pela sala de espera do laboratório.

Esse é o meu amigo, o meu irmão, essa pessoa linda e iluminada que eu tanto amo que tem o sorriso mais faceiro do mundo, olho para ele que ostenta essa felicidade fora do comum e me lembro de como nos conhecemos.

Lembro como se fosse hoje, apesar de já ter mais de um ano. Eu estava voltando de mais um dia de entrevistas frustradas e tentava pensar como eu poderia continuar vivendo de bicos que eu fazia aos finais de semana como

garçonete em festas. Não que eu achasse ruim esse “emprego”, mas não eram todos os finais de semana que a empresa que me contratava tinha evento, e eu precisava de uma coisa fixa que me desse estabilidade para não ter que chegar ao final do mês e me desesperar em como pagaria as contas que chegavam pontualmente. De todas a que mais me desesperava era o aluguel, eu não queria ter que um dia voltar a morar com as pessoas que me criaram. E infelizmente a data de vencimento do aluguel estava chegando e eu não tinha nem metade do dinheiro ainda. Eu precisava dar um jeito de conseguir mais dinheiro urgentemente.

Uma vizinha minha dizia que com a minha aparência eu poderia facilmente conseguir um bom dinheiro em um curto período de tempo. Recordo que quando ela falou isso eu fiquei sem entender, mas então ela foi bem clara. —Fazendo programas Maria Luísa, ou como dizem por aí para mascarar o que é, sendo acompanhante de luxo. — Ela disse e eu arregalei os olhos, sem acreditar no que ela estava me propondo. —Você já se olhou no espelho? Você parece uma modelo com esse rosto de anjo e essas pernas longas e bem torneadas. Se quiser posso te apresentar algumas pessoas e garanto que você sai desse sufoco rapidinho.

Neguei efusivamente. Não que eu não respeite quem faça isso, mas eu não consigo nem me imaginar nessa situação, ainda mais porque naquela época eu ainda era virgem. Na verdade eu nunca, até o Max, tinha ido além de uns beijos com uns poucos garotos da escola. Sempre tive medo de ir além daquilo e ser rejeitada. Medo que andou de mãos dadas comigo durante toda a minha vida.

E foi com o pensamento longe, tentando achar uma solução para o meu problema que andava pelas ruas sem prestar atenção a minha volta, e continuei assim até que ouvi um gemido de homem ecoar bem próximo a mim.

Olhei para os lados e não vi nada que não fosse a rua e um beco um pouco mais a frente, então mais uma vez ouvi o som acompanhado de um sussurro que parecia dizer “ajuda”.

Mesmo com medo fui na direção da voz, e quando olhei para dentro do beco mal iluminado eu o vi. Um homem grande, deitado no chão com o rosto coberto de sangue e todo encolhido com a testa franzida do que parecia ser dor enquanto segurava a barriga. Não pensei duas vezes e corri em sua

direção. Ele estava com os olhos fechados e vi que lágrimas desciam do seu rosto. Me abaixei e sem me importar com o local imundo em que nós estávamos me ajoelhei ao seu lado, colocando a mão em seu rosto. Ele se encolheu, provavelmente com medo que fosse a pessoa que fez aquilo com ele e abriu os olhos automaticamente, e quando o fez um par de esferas azuis me encararam de uma forma tão intensa que tive vontade de chorar e o proteger de todo mal do mundo. Ele não falou nada, apenas me olhava enquanto eu pegava o telefone e ligava para uma ambulância, quando eu terminei a ligação e olhei novamente para ele vi que estava ficando vez mais pálido, tentei fazê-lo ficar acordado, mas foi em vão, seu corpo desfaleceu no instante em que eu ouvi o som da sirene do socorro soar próximo a nós.

Não hesitei em ir junto com ele, algo me dizia que eu tinha que ficar ao seu lado, e quando recobrou a consciência, já no hospital, a primeira pessoa que viu ao seu lado fui eu. Contra tudo o que eu imaginava que seria sua reação, ele sorriu, mesmo com o rosto bem machucado. Após o médico o examinar, ele me contou o que havia acontecido. Um grupo de homens reparou em sua forma de andar e não sei como descobriu que ele era gay. Daí vocês já podem imaginar o que aconteceu. Foram três contra um, e mesmo que o Bento seja forte, não foi páreo para eles.

Desse dia em diante nos tornamos amigos inseparáveis, até porque eu fiquei alguns dias em sua casa cuidando dele que não podia fazer movimentos muito bruscos. Fiquei admirada com o apartamento que ele morava, mas não disse nada, apenas o ajudei no que pude. Eu chegava bem cedinho e ia embora quando já estava anoitecendo. Uns dez dias depois ele já estava bem melhor e atendi uma ligação na sua frente, era o proprietário de onde eu morava informando que a partir do próximo mês haveria um reajuste no valor do aluguel, me desesperei porque se eu não conseguia pagar nem o valor atual como eu faria de agora em diante? Enquanto eu me desesperava o Bento sorria. Eu olhei para ele sem entender e ele simplesmente me convidou para morar com ele. Como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Fiquei relutante no início, afinal não o conhecia, mas depois de mais alguns dias tendo ele na minha vida e sem nenhuma perspectiva de emprego, além de não ter um mísero tostão para pagar o novo valor que estava sendo cobrado pelo meu cantinho, resolvi aceitar sua oferta. Ele faltou gritar de felicidade, dizendo que não aguentava mais ficar sozinho naquele lugar, que era muito grande para ele e que nós seríamos ótimos colegas de quarto. Eu o

avisei que pagaria pela minha estadia lá, lógico que não conseguiria pagar o certo por um lugar como aquele no bairro nobre que ele morava, mas ele negou veemente e me contou que não tinha família aqui na cidade e nem amigos, e que depois do que eu fiz era o mínimo que poderia fazer por mim. Achei estranho um apartamento tão grande como aquele para um homem tão solitário e quis saber mais sobre a sua família. Ele ficou alguns segundos estático após a minha pergunta, e quando saiu do transe disse que não queria falar sobre o assunto. Achei melhor então deixar as coisas rolarem, um dia ele confiaria em mim e me contaria.

E foi assim que a nossa amizade começou.

E é por isso que assim que desconfiei da minha gravidez eu fui diretamente a ele, desesperada, contar que eu achava que estava grávida. Ele não pensou duas vezes e me arrastou até um laboratório na mesma hora, e ainda pagou para o exame ficasse pronto na hora. Eu odiava quanto ele fazia esse tipo de coisa, mas ninguém segurava esse homem quando ele colocava alguma coisa na cabeça.

Saio do seu abraço e olho ao redor do laboratório, as pessoas estão rindo, com certeza achando que ele é o pai do meu bebê. Ele segura meu rosto e ainda sorrindo fala: —Antes de qualquer coisa eu já quero deixar uma coisa bem clara. — Olho para ele sem entender, então ela sorri ainda mais com aquele seu jeito moleque e declara. —Eu sou o padrinho.

Começo a rir, esse homem a minha frente não existe. —Você ainda tinha dúvidas quanto a isso?

—Dúvidas não, mas gostaria de deixar claro de qualquer forma. — Ele diz e como se sua ficha estivesse caindo ele fala. —Ai meu Deus! Um bebê, Malu. Nós vamos ter um bebê em casa. Você tem que contar logo para o Max!

—Eu sei! Ele teve que viajar para ver a avó dele e só volta semana que vem, então vou deixar para contar a ele quando ele voltar e estivermos comemorando nosso um ano de namoro. Ele me prometeu que estaria de volta nesse dia. Eu não sei qual vai ser a reação dele, Bento, afinal um bebê não estava nem tão cedo em nossos planos, mas eu preciso confessar que eu estou tão feliz! Meu sonho sempre foi ser mãe. — Eu falo e sinto um amor tão grande dentro de mim ao saber que tem uma vida sendo gerada dentro de mim.

—Eu sei, e é por isso que eu tenho certeza que você vai ser uma mãe maravilhosa para o meu afilhado, e quanto ao Max, mesmo que no início ele fique um pouco perdido, tenho certeza que no fim ele vai ficar feliz tanto quanto você.

***

Os dias se passaram lentamente, e a agonia de estar escondendo uma coisa tão séria assim do Max estava me corroendo, por diversas vezes quando ele me ligava tinha vontade de contar a verdade a ele, mas acabava desistindo porque ainda tinha um pouco de medo de qual seria a sua reação.

Enfim o dia da volta do Max chegou e ele me ligou para dizer que a noite estaria aqui para me ver. Meu coração deu um solavanco ao imaginar que o dia de contar a ele sobre a gravidez havia chegado. Apesar do Max não ter uma situação financeira boa, tenho certeza que daremos um jeito. E que acima de tudo iremos amar esse pequeno ser que está aqui na minha barriga com tudo o que temos, afinal ele é fruto de um amor puro e sincero.

Como não poderia ser diferente, Bento me ajudou na organização de um jantar romântico. Eu estava trabalhando como recepcionista de um salão de beleza, o dinheiro era pouco, mas o Bento disse que tanto a decoração quanto a comida seriam por conta dele e que eu só tinha que me preocupar em ficar linda para comemorar em dose dupla, o aniversário de namoro e a chegada do seu afilhado. Sim, ele não para de falar no bebê como seu afilhado.

Meu amigo saiu tem um tempinho e me desejou sorte. A decoração está magnifica, tem pétalas de rosas e velas na mesa do jantar deixando o clima ainda mais romântico. O Max me ligou e eu pedi para ele não se atrasar porque eu tenho algo muito importante para falar com ele. Ele disse que estava morrendo de saudades e que também tem uma coisa que precisa me contar. E com isso eu fiquei ainda mais ansiosa.

Já se passou uma hora desde o horário que combinamos, e nada do Max. Começo a me preocupar e a ficar nervosa. Será que aconteceu alguma coisa com ele? Quando penso em ligar para o seu celular a campainha toca e eu praticamente corro até a porta. Quando a abro, vejo o Max ali parado, com um buquê de rosas vermelhas na mão e vestido com um terno simplesmente perfeito. Estranho a sua roupa, não acho que ele tenha dinheiro para algo assim, mas logo tratei de esquecer isso, afinal ele deve ter pedido emprestado

para alguém para esse dia.

Ele me entrega o buquê e me puxa para os seus braços, me dando um beijo de tirar o fôlego e murmurando o quanto estava com saudade. Eu me perco naquele beijo, no seu cheiro e nos seus braços me envolvendo. Nos separamos aos poucos e ele me olhou de cima a baixo com um olhar malicioso. Eu coloquei um vestido justo vermelho, e deixei meus cabelos castanhos soltos, do jeito que ele gosta.

Assim que terminou sua inspeção ele disse. —Eu sou um homem de sorte. Tenho a mulher mais linda do mundo ao meu lado. Como eu estava com saudades de você.

Sorrio para ele e o encaminho até a mesa de jantar.

Passamos o jantar inteiro conversando. Pergunto da sua avó e percebo que ele fica tenso e se esquiva da resposta, como ele sempre faz quando pergunto da sua família. Tento perguntar se aconteceu algo na empresa que ele trabalhava como office-boy, afinal ele teve que se ausentar por uns dias mesmo tendo me dito que eles haviam dado férias a ele. Ele desconversou e disse que era apenas algumas coisas na cabeça dele, mas que estava tudo bem.

Quando o nosso jantar acabou resolvi que era hora de contar o meu pequeno segredo. Quem sabe assim ele não se anima e esquece o que está deixando ele desse jeito. Mas ele se adianta e diz. —Eu preciso te contar uma coisa.

—Tudo bem, eu também tenho uma coisa muito importante para te dizer. — Eu digo ansiosa.

Ele me olha sério e diz. —Então você diz primeiro.

Eu respiro fundo criando coragem e começo. —Você sabe como eu te amo... — Olho para ele e sorrio. —Eu sei que não era a hora, que a gente ainda tem muita coisa para viver, mas não posso deixar de estar muito feliz com isso.

Ele me olha um pouco incrédulo, acho que ele já adivinhou o que eu tenho para falar. Eu escuto um resmungo que parece com "Eu não acredito nisso".

Fiquei confusa, mas mesmo assim continuei. —Eu estou grávida, amor! Não sei como aconteceu, afinal eu sempre tomei a pílula direitinho. Só sei

que um pedaço meu e seu está crescendo aqui dentro de mim. — Termino de falar e coloco a mão na barriga, abrindo o maior sorriso do mundo. Só de imaginar um bebezinho com os olhos verdes do Max eu já ficava eufórica. Mal sabia eu que meu mundo estava prestes a ruir.

Ele ficou estático, parado, me olhando por uns dez segundos sem dizer nada, achei que ele estava assimilando tudo o que falei, e que quando a ficha caísse ia me pegar nos seus braços e me rodopiar pela sala de tanta felicidade, assim como o meu melhor amigo fez. Mas não foi isso o que aconteceu. O que eu vi ele fazer foi jogar a cabeça para trás e dar uma gargalhada. Fiquei o olhando sem entender a sua reação, até que ele começou a falar.

—É sério isso Malu? Você acha mesmo que vou cair nessa?

Capítulo 2

Malu

O encaro sem conseguir entender a sua reação. Não era isso que eu esperava. Na verdade, eu confesso, que estava até com um pouco de medo de contar a ele, afinal não estava nos nossos planos essa gravidez agora. Claro que já falamos de filhos, ele sabe de toda a minha história e de como meu sonho sempre foi ter uma família para amar e ser amada. Eu sempre deixei bem claro para ele a minha imensa vontade de ser mãe, então esperava que ele ficasse atônito, ou preocupado, ou até um pouco desesperado. Eu esperava qualquer coisa, menos isso.

Menos gargalhar dessa forma estranha.

Não foi um riso de felicidade, muito menos de alegria, ou medo, ou desespero. Foi uma gargalhada sarcástica. Que doeu profundamente dentro de mim.

Mas o pior de tudo foi a forma como ele me olhou. Com desdém, com repulsa, como se não conhecesse a mulher que está na frente dele. E o que falou depois... Como assim cair nessa? Será que ele está achando que eu engravidei de propósito? Para prender ele? Por que ele pensaria isso? Por que eu faria uma coisa dessas?

Claro que meu sonho sempre foi ser mãe e formar família, mas jamais engravidaria apenas para prender um homem a mim. Até porque nos dias de hoje isso não significa nada. Cansei de ver histórias desse tipo onde no início o homem fica junto e logo depois sente falta de liberdade e acaba abandonando tanto a mulher quanto a criança. Inclusive já até conversamos sobre isso, então não há motivos para ele pensar isso de mim.

Ou pode ser que ele esteja rindo porque acha que é uma brincadeira minha. Ou ele pode ter ficado nervoso, muito nervoso e sua reação ao nervosismo seja essa. Um filho assim de repente, ainda mais nas nossas condições, realmente é algo para se preocupar, mas nós nos amamos e eu nunca tive medo de trabalhar, de meter as caras e me sustentar, então não vai ser agora que eu vou deixar de batalhar.

—Max, eu sei que não foi no melhor momento, meu emprego não dá muito dinheiro e eu moro aqui com o Bento e o seu salário de office-boy também não é lá essas coisas. Mas o Bento disse que podemos ficar aqui com ele até a gente conseguir o nosso cantinho e que ia arrum...

—Corta essa Malu! — Ele me interrompe quase gritando, seu timbre de voz passa tanta raiva que eu chego a me encolher. —Porra! — Ele brada e passa as mãos nervosamente pelos cabelos. —Eu sabia! Eu sabia, porra! Eu sabia que você era como todas as outras!

Meu Deus! O que é que ele está dizendo? Meus olhos se enchem de lágrimas, mas eu não vou chorar. *Mantenha a calma Maria Luísa.* Digo para mim mesma e respiro fundo enquanto ele me encara com um olhar que nunca vi. Além da raiva eu vejo decepção. Mas por que decepção? Por que ele está gritando dessa forma e me acusando?

—Max? — Digo com uma calma que não estou sentindo no momento. —O que você está dizendo? Por que está gritando e me acusando?

—Fala a verdade, porra!!! — Ele grita mais uma vez e dá um passo em minha direção, instantaneamente, acho que como instinto de proteção, eu recuo. —Você descobriu não foi? Descobriu que eu não sou nenhuma porra de office-boy, descobriu que o meu pai é o dono da porra daquela empresa e que eu sou o único herdeiro daquela merda toda.

Meu coração falha uma batida. Isso não pode ser verdade. Eu me recuso a acreditar numa coisa dessas.

—O que? Dono da empresa? Max, você não está falando coisa com coisa. Se acalma, senta aqui e vamos conversar.

—Claro que foi isso! Porra! Como eu sou idiota. — Ele fala e dá mais uma risada. —Você descobriu tudo não foi? E agora inventou essa porra de gravidez para me dar um golpe! Você é como todas elas, e eu como o imbecil que sou caí que nem um babaca na sua. Você só se aproximou de mim por causa desse inferno desse dinheiro maldito.

—Você está louco! Só pode. Que história é essa de herdeiro, Max? De dono de empresa? Você mentiu para mim? É isso que você está me dizendo?

—Não vem querer inverter a história aqui não, Maria Luísa. Isso agora não importa mais. O que importa é que você é como todas as outras que só ficam atrás de mim por causa de dinheiro. Eu te dei o meu coração, porra! Eu

vim aqui hoje... meu Deus! Eu vim aqui pronto para te pedir em casamento! Eu ia te contar toda a verdade. Mas você se achou muito esperta, não é? Achou que ia me dar o golpe da barriga. Só que comigo... não vai rolar!

—Max, pelo amor de Deus... Eu nunca te daria golpe da barriga. Eu juro que não fiz isso de propósito. Vamos conversar, por favor. Eu não estou entendendo nada, eu...

—Ahhhh... você não está entendendo? Claro que não está. Além de tudo ainda vai se fazer de desentendida. — Ele diz de forma sarcástica. — Mas não tem problema, eu vou te explicar. O que está acontecendo é que você é uma puta interesseira como todas as outras. — Ele fala com tanta certeza que eu sinto minha cabeça rodar e meu coração se apertar com essas palavras. —Bem que minha mãe me avisou. Mas o babaca aqui dizia que não, que você me amava pelo que eu era. Pela pessoa do Max, pelo homem, e não pelo herdeiro milionário que eu sou. Foi por isso que eu não disse quem eu era. Foi para fugir de mulheres como você que eu não contei que eu era o dono daquela merda de empresa. Mas de nada adiantou. Você me enganou direitinho com esse seu jeitinho de moça inocente, e eu acreditei. Puta que pariu. Eu sou um idiota mesmo, caí de novo nessa. Eu acreditei que você me amava.

—Para Max. Para de dizer essas coisas de mim! Eu não sou nada disso. Eu estou grávida, e eu te amo, Max. Nós vamos ter um filho. — Eu ainda tento argumentar, mas minha voz parece que vai falhar a qualquer momento.

—Será que esse filho é meu mesmo, Maria Luísa? Ou será que você se divertia pelas minhas costas com outro? Ou com outros? Quem vai saber, não é? Ou será que essa criança é do Bento e vocês armaram essa porra toda de amigo gay que foi espancado só para me enganar? Claro! Agora faz todo o sentido. Eu sempre vi a proteção que ele tinha sobre você, essa coisa de irmão era só fachada! Quando eu saía você devia correr para a cama dele. — Ele diz com sarcasmo na voz.

Não penso duas vezes, avanço sobre ele e dou um tapa com força no seu rosto. Ele coloca a mão no lugar onde as marcas dos meus dedos estão e me olha sem acreditar no que eu fiz. Para falar a verdade nem eu estou acreditando. Não sei o que me possuiu naquele momento, afinal eu não sou assim, só fiquei cega pelo ódio. Como o homem que eu amei, que eu amo, pode dizer essas coisas horríveis de mim. Como ele pode falar que eu o traía,

ainda mais com o Bento. Ele que mentiu e enganou. Que me enganou! Que fingiu ser algo que não era. Que durante um ano me fez viver uma mentira.

Meu coração está apertado, a dor começando a se alastrar ao ver que mais uma vez eu estou sozinha no mundo. Mas a raiva de ser enganada e de ouvir essas coisas horríveis a meu respeito é maior do que tudo.

—Você sabe muito bem que você foi o meu primeiro. Você não tem o direito de falar essas coisas de mim. Se tem alguém que foi enganado aqui, esse alguém sou eu. Você mentiu para mim, Max. Me fez acreditar em um homem amável, carinhoso, prestativo... você me fez acreditar no amor, quando na verdade esse homem nunca existiu. Eu não conheço mais você, eu nunca imaginei que você seria capaz de uma coisa dessas. E se você me conhecesse o mínimo que fosse saberia que eu nunca ia me importar com dinheiro ou status.

—Claro que agora vai querer se fazer de boa moça, de...

—Saia daqui agora! — Eu grito. —Eu não quero nunca mais olhar para a sua cara!

Ele me olha incrédulo, não acreditando que eu o mandei sair. Ele esperou o que? Que eu fosse implorar para que ele acreditasse em mim? Não depois de descobrir que ele mentiu para mim. Não depois de descobrir que fui enganada durante um ano. Ele continua me olhando e eu peço a Deus que ele diga algo que mude tudo isso. Mas ele apenas se vira e sai batendo a porta me deixando sozinha. Mais uma vez sozinha.

Olho para os lados, para a casa toda arrumada, para a decoração que foi preparada com tanto carinho para um homem que eu pensei amar e ser aquele que eu passaria o restante da minha vida. E é nesse momento, no silêncio, que tudo o que aconteceu nessa noite bateu em mim como um trem de carga. A dor, a raiva, a decepção, o amor, a felicidade, o desespero, tudo se mistura dentro de mim e eu desabo no chão. Não consigo mais segurar as lágrimas. Choro pelo que vivemos, pela família que poderíamos ter construído e pelo futuro que não teremos mais.

E ali, encolhida no chão, eu relembro o momento que conheci o Max.

1 Ano Atrás

Eu estava andando pelo saguão de um prédio, saindo frustrada de mais

uma entrevista de emprego. A vida para variar não estava sendo muito boa comigo. Para falar a verdade ela nunca foi. Eu sou órfã, não tenho ideia de quem sejam os meus pais biológicos, e depois que por um milagre fui adotada, não tive uma boa relação com meus novos "pais", então assim que foi possível saí de casa e só nos falamos em ocasiões especiais pelo telefone. Acho que nem mais em ocasiões especiais nos falamos. Não que eu sinta falta, mas parando para pensar com calma nem no meu aniversário mais eles ligam. Não que eu seja uma dessas pessoas que ficam chorando da vida ou culpando as pessoas, mas aqui dentro do meu coração eu sinto falta de amor.

Esse emprego na Herbertz Company seria a minha salvação, mas como sempre, existiam mulheres mais qualificadas que eu e acabei não ficando com a vaga. Mas não vou desanimar, sei que em algum momento algo de bom vai acontecer.

Estava quase na porta de saída quando senti meu celular vibrando dentro da bolsa, na certa o Bento querendo saber como eu me saí na entrevista, meu melhor amigo e maior incentivador. Começo a procurar pelo telefone que não para de vibrar, e quando consigo o pegar nas minhas mãos sinto um baque contra o meu corpo, alguém tromba comigo e quase me derruba no processo.

Consigo me equilibrar e olho para a pessoa que quase me jogou no chão e... meu Deus! Fico hipnotizada com o homem que está na minha frente. Ele é lindo. Aqueles olhos verdes brilhantes me encaram de uma forma tão intensa que não consigo nem explicar.
Ele continua com os olhos fixos em mim, e então eu olho para baixo e vejo que ele está todo arrumado em um terno bem alinhado. Puta merda. —Me desculpe. Eu realmente estava distraída.

O homem ainda sem tirar os olhos de mim franze o cenho e diz. —Você trabalha aqui?

Suspiro um pouco derrotada. —Infelizmente não. Acabei de sair de uma entrevista para recepcionista, e digamos que não fui muito bem, na verdade fui bem na dinâmica, mas o meu currículo não era tão bom quanto o das outras candidatas. Esse emprego ia me salvar, mas eu sei que... — Dei uma risada e parei. Mas que porra eu estou fazendo aqui falando da minha vida para alguém que eu nem conheço. —Me desculpe, quando eu fico nervosa acabo falando demais.

—Bom saber que eu te deixo nervosa. — Ele dá uma piscada para mim e eu sinto meu rosto esquentar. Droga! Devo estar mais vermelha que um pimentão.

—Me desculpe, eu tenho que ir.

—Você pede muitas desculpas, linda. — Ele fala e abre um sorriso magnífico. —E eu só vou te desculpar se você aceitar tomar um café comigo.

Eu sorrio sem graça, afinal ele é um homem lindo e deve trabalhar naquela empresa, e a tonta aqui além de não ter capacidade para trabalhar nesse lugar ainda quase o derrubou.

—Sinto muito, mas eu estou com pressa. E você deve estar indo para o trabalho certo?

—O que? Eu? Trabalho... Não! — Ele diz de uma forma estranha e eu o olho um pouco confusa. —Eu fiz uma entrevista aqui mais cedo! Isso! Foi isso. E voltei para ver se já tinham algum retorno.

—Ah sim, não vou te atrasar então.

—Deixa isso para lá, eu posso esperar pela ligação deles. — Ele fala tudo sem tirar os olhos de mim e abre um sorriso tão lindo que quase me faz derreter ali mesmo. —E então linda, aceita tomar um café comigo?

—Mas eu nem te conheço...

—Não seja por isso. — Ele estende a mão e eu automaticamente a aperto. —Prazer, eu sou o Max.

—Maria Luísa.

—Maria Luísa... Um nome lindo para uma mulher ainda mais linda. E então? Agora que nos conhecemos podemos tomar aquele café?

Não sei o que me deu, mas resolvi aceitar. Eu e Max conversamos por um bom tempo naquele dia. Percebi que ele ficou nervoso quando eu perguntei para que vaga ele havia se candidatado, mas logo depois disse que era de office-boy. Eu ri, na verdade gargalhei, e disse que nunca vi um "boy" ir a uma entrevista de terno. Ele apenas sorriu de volta e me respondeu que queria impressionar.

E eu como uma menina inocente caí naquela história.

E foi assim que a nossa história começou.

Capítulo 3

Presente

Malu

Não sei quanto tempo se passou desde que estou aqui no chão, podem ter sido minutos, horas, dias... eu só sei que tudo o que eu queria era poder voltar no tempo e mudar o dia que eu conheci o Max. O dia que eu me deixei enganar por aqueles olhos penetrantes e sorriso encantador.

Cada vez que penso em todas as palavras que ele me disse o meu coração se aperta e eu choro ainda mais. Como ele pôde pensar essas coisas de mim? Como ele pôde duvidar do meu amor? Eu entreguei a ele o meu coração, o meu corpo, a minha vida, os meus sonhos, e o que recebi em troca foram mentiras e acusações.

Queria poder odiá-lo, sentir raiva dele, mas quanto mais o tempo passa a única coisa que consigo sentir é desespero e tristeza. Desespero em não saber o que vai ser do meu filho sem ter o pai presente, porque eu sei o quanto é desesperador você ver os seus amigos com o pai e não ter o seu, e tristeza por ver o futuro que eu tanto almejei sendo destruído, despedaçado, bem diante dos meus olhos.

Saio do meu estado deplorável quando escuto a porta sendo aberta. Uma onda de esperança me invade e levanto imediatamente. Será que o Max voltou? Será que ele vai me abraçar e me pedir perdão? Dizer que me ama e que se arrependeu de tudo o que disse?

Mas tudo o que ouço são passos cautelosos e a voz do meu amigo que assim que me vê arregala os olhos, parecendo alarmado em como estou. — Malu, você está bem?

Quando escuto sua voz choro ainda mais e corro para os braços dele. Ele me segura com força enquanto eu soluço em seus braços. Ele não diz nada, me conhece perfeitamente para saber que eu não conseguiria falar uma mísera palavra nesse momento, apenas me carrega para o sofá e me abraça forte, ainda sem dizer nada, apenas fazendo carinho nas minhas costas e no

meu cabelo, me confortando silenciosamente.

Ficamos assim por um bom tempo, até que seu carinho e seu abraço começam a me acalmar, e quando enfim os meus soluços diminuem pergunto com o meu rosto ainda contra o seu pescoço: —Por que você está aqui?

Ele puxa o meu rosto para que possa olhar para mim, e posso ver seus olhos marejados, como se ele pudesse sentir a minha dor mesmo sem saber o que aconteceu. —Eu estava no bar com um amigo. Mas algo me dizia que eu tinha que voltar para casa. Resolvi te ligar, e mesmo que fosse atrapalhar o seu momento eu precisava saber que você e meu afilhado estavam bem. — Quando ele diz isso a vontade de chorar volta com tudo. Eu tenho o Bento, nunca vou estar sozinha. —Quando você não atendeu fiquei preocupado, então liguei para o Max. Ele simplesmente atendeu e disse que eu podia ir me foder junto com você. Não entendi nada, mas sabia que algo de muito ruim tinha acontecido já que você ia contar para ele sobre a gravidez. Então vim correndo para casa. Achei que vocês tinham brigado por causa do bebê. Mas nunca na minha vida imaginei que encontraria você nesse estado. — Ele suspira e diz. —Quer me contar o que aconteceu?

—Eu... eu... — Tento falar, mas começo a soluçar de novo.

—Se acalma, Malu. Por favor. Se acalma e me conta o que ele fez.

Respiro fundo tentando controlar as minhas emoções. E quando consigo, começo a contar tudo para o Bento. Por diversas vezes eu tive que parar porque não conseguia falar de tanta dor no meu coração. Parecia que eu tinha um aperto de ferro nele. A cada frase dita pelo Max que eu contava sentia o Bento ficando mais tenso. Seu corpo adotou uma postura totalmente diferente. E quando eu termino ele me deixa no sofá e começa a andar de um lado para o outro. Furioso.

—Por que esse filho da puta mentiu para você, Malu? Ele se passou por uma pessoa humilde durante um ano apenas para te testar? Para ver se você não era interesseira? — Faço que sim com a cabeça, ainda sem acreditar que realmente foi isso que o Max fez. —E depois ainda tem a coragem de te chamar de todas essas coisas, te acusar de tentar dar o golpe da barriga e dizer que o filho pode ser de qualquer um? Que pode ser meu? Eu vou quebrar a cara desse desgraçado! — Ele diz gritando e ameaça ir para a porta. Eu corro e me coloco na sua frente, impedindo que ele saia. Eu preciso dele aqui comigo, não que ele arrume problemas com o Max.

—Eu não sei o que aconteceu Bento. Eu estava tão feliz. Nunca imaginei que poderia ser tão feliz na minha vida. Tinha o meu emprego, que mesmo não sendo muito bom me dava o que eu precisava, tinha você, que é mais que meu amigo, é meu irmão, tinha o Max que eu tinha certeza ser o amor da minha vida, e agora tinha esse bebê que seria o fruto desse amor tão lindo e que eu já amo tanto. E agora... agora eu sinto que minha vida está sendo despedaçada. Que eu estava segurando em minhas mãos o que eu sempre quis e de repente tudo foi arrancado de mim. Eu me sinto sozinha. Eu não vou conseguir sozinha, Bento. Eu preciso de você aqui comigo. Por favor, não me deixa aqui sozinha. — Eu digo e as lágrimas caem sem parar pelo meu rosto.

Bento me abraça e me pega no colo, me levando de volta ao sofá. Ele coloca as mãos em concha no meu rosto e faz com que eu olhe bem dentro dos seus olhos. Posso ver sua expressão torturada ao enxergar o meu sofrimento. —Você nunca mais diga uma merda dessas. Você não está e nem nunca estará sozinha. Não sei o que deu na cabeça desse babaca para fazer uma coisa dessas. Porra! Ele realmente parecia te amar. — Ele diz e fica pensativo. —Mas isso não importa. Porque eu estou aqui e nunca, NUNCA, vou sair do seu lado. Ouviu bem? Você é minha família, e esse bebê aqui? — Ele diz e coloca a mão na minha barriga. —Será muito amado. Porque eu vou dar todo o amor do mundo para ele. Vou ensinar ele ou ela a ser uma pessoa de caráter. Vou estar do seu lado em todos os momentos, e você jamais, nem por um segundo nessa vida se sentirá sozinha.

Ao ouvir essas palavras eu sinto um pequeno alívio tentando entrar no meu coração e abraço o Bento sem dizer nenhuma palavra. Não sei porque pensei que estaria sozinha, afinal eu tenho um anjo do meu lado. Meu amigo, meu irmão. Sei que posso contar com ele, e o amo demais por isso. Uma vez ele me disse que não éramos irmãos de sangue, e sim da vida, que nossas almas se reconheceram, e hoje eu tenho a prova disso. A certeza que nossa ligação vai muito além da vida que estamos vivendo.

Me sinto mais calma dentro do seu abraço, mas o meu coração continua doendo, porque quem eu queria que prometesse estar ao meu lado para sempre era o Max. Aquele cafajeste que continuo amando, mesmo depois de tudo.

Meu amigo não diz mais nada, e nem eu. Ficamos ali, naquele casulo, sentindo aquela ligação que só nós temos. O tempo passa e o cansaço

aparece. Não sei se foram os acontecimentos da noite, todo o choro ou o esgotamento emocional. Apenas sinto minhas pálpebras pesadas, meu corpo ficando dormente. Tenho a sensação que estou flutuando e sendo colocada em algo macio. Sei que o Bento me trouxe para a cama, mas estou mergulhando no sono e não consigo falar nem abrir mais os olhos. Apenas sinto ele tirar minha sandália, se aproximar do meu ouvido e sussurrar. —Eu amo vocês dois, e não vou deixar que nada de mal aconteça com vocês. Vocês serão felizes. Eu darei a minha vida por vocês se for preciso.

***

Acordo sentindo dor em todas as partes do meu corpo, minha cabeça latejando, parece que vai explodir, mas o que mais dói é o meu coração. Sinto como se ele tivesse sido pisoteado, e pensando bem, ele foi.

Levanto da cama sentindo meus membros protestarem, pesados, mas mesmo assim me obrigo a sair do quarto. A casa está silenciosa, Bento ainda deve estar dormindo. Vou até o banheiro e me olho no espelho. Meu rosto reflete exatamente como estou me sentindo. Vejo uma mulher acabada, com os olhos inchados e vermelhos e as bochechas marcadas pelo rímel que escorreu junto com as lágrimas.

Passo uma água no rosto e escovo os dentes, e mesmo sabendo que deveria tomar um banho faço apenas minhas necessidades e volto a me encarar no espelho. A mulher que ele reflete nada se parece com aquela de ontem que estava feliz e animada com o futuro que lhe aguardava.

Após um tempo saio do banheiro sentindo minha cabeça ainda pesada, preciso de um analgésico urgente. Vou em direção a cozinha e encontro meu amigo com uma xícara de café na mão olhando para mim. —Uau... como você consegue acordar tão linda? — Ele diz com aquele sorriso lindo dele.

Esboço um sorriso e o abraço. Ele larga a xícara na pia e me acolhe em seus braços. —Só você mesmo para me fazer sorrir. Eu te amo tanto Bento!

—Eu também te amo, minha princesa. E também amo esse bebezinho que está crescendo dentro de você. — Meus olhos se enchem de lágrimas e ele percebe que vou chorar. —Nada de choro. Não faz bem para o nosso bebê toda essa tristeza. Sei o quanto está sendo difícil para você tudo o que

aconteceu. Mas eu tenho certeza que muito em breve as coisas vão se ajeitar.

—Eu sei. Mas essa dor no meu peito parece que vai me esmagar. — Digo massageando o local, mesmo sabendo que não é uma física.

Ele não diz mais nada, apenas me abraça de novo e fica um tempo me segurando. Eu saio de seus braços sabendo que não adianta eu ficar me lamentando. Preciso ser forte como eu sempre fui. —Estou com fome. Estou grávida e você tem que me alimentar.

—Ora, ora, se a mamãe do ano já não está se beneficiando da gravidez para mandar em mim.

Sorrimos e juntos preparamos o nosso café da manhã.

—Bento? — O chamo enquanto estou colocando a mesa. —Me desculpa por ter atrapalhado o seu encontro ontem.

—Até parece que um encontro seria mais importante que a minha amiga. E você não atrapalhou, eu vim para casa porque eu quis.

—Mesmo assim, eu estou me sentindo um pouco culpada.

—Pois não se sinta. O cara era um babaca. Percebi logo de cara que era um daqueles que não assumem o que são, se é que você me entende. Tanto que quando chegamos ele adotou uma postura de colegas que estão tomando uma cerveja depois do trabalho, e não duas pessoas em um encontro. E sinceramente minha amiga, eu mereço mais do que isso.

—Claro que merece. Esse idiota não sabe o que perdeu. — Pego em sua mão e digo: —Um dia meu amigo, você vai encontrar um cara que te ame do jeito que você merece, e nesse dia eu vou estar ao seu lado para comemorar junto com você. Eu e o seu afilhado.

—Claro que estarão. — Ele sorri e vejo o quanto isso o abalou. Ele se faz de forte, mas sei que tem muita coisa ainda guardada em seu coração.

Após comermos aviso que vou me arrumar para trabalhar, o que o Bento não aceitou muito bem. Ele queria que eu ligasse e dissesse que estava passando mal. Disse que iria faltar também e ficaríamos o dia inteiro nos entupindo de chocolate e vendo filmes na TV. Mas achei melhor ir, além de ser uma distração sair de casa eu não posso me dar ao luxo nem de cogitar perder esse emprego. Meu filho precisa de mim. Eu vou ser tudo o que ele precisa.

Tomo um banho bem demorado e tento disfarçar meu rosto inchado com maquiagem, mas acho que não deu muito certo, já que quando eu cheguei no salão todos vieram me perguntar o que tinha acontecido. Logicamente eu menti, não queria que ninguém soubesse de nada nem que ficassem com pena de mim. Se tem algo que eu sempre odiei na vida era o olhar de pena que as pessoas me davam no orfanato. Disse para as meninas que não dormi bem a noite por causa de uma crise de enxaqueca, e graças a Deus todo mundo acreditou e me deixou em paz.

Na hora do almoço não comi quase nada. Nada descia pela minha garganta. O pouco que consegui comer acabei colocando para fora. Minha chefe vendo o meu estado achou melhor que eu fosse para casa. Tentei argumentar que estava bem, mas foi em vão. Ela praticamente me enxotou de lá.

Resolvi então ir andando, a caminhada não era tão longa e eu poderia pensar um pouco mais em todos esses acontecimentos. Mas quanto mais eu me aproximava de casa mais sentia o meu peito se apertar. E quando abri a porta do apartamento a dor voltou com tudo e eu desabei no sofá chorando, lembrando de tudo o que o Max tinha feito no dia anterior.

Depois de um tempo ali, percebi que não podia me deixar abater. Isso não era mais sobre mim, muito menos sobre o Max, era sobre esse grãozinho de areia que estava no meu ventre. Era por ele que eu tinha que levantar e encarar de frente toda essa merda que está acontecendo. Nós não iríamos precisar de um homem para sermos felizes, principalmente um homem que mentiu durante um ano e ainda disse que o bebê podia não ser dele. Que renegou não só a mim, mas também ao nosso filho.

Eu não quero o Max na minha vida nem na vida do meu filho.

Após ter esse pensamento, solto um suspiro. A quem eu estou querendo enganar? É claro que eu quero ele na nossa vida. Eu perdoaria tudo o que ele me disse, perdoaria todas as mentiras, só para sentir ele me abraçar e falar com aquela voz grave o quanto sou importante para ele.

Sou tirada dos meus pensamentos com o barulho da campainha. Vou me arrastando até a porta, e quando abro levo um susto. Ele está lá! O homem que acreditei ser o amor da minha vida e que destruiu o meu coração. Ele está vestindo um terno sob medida. *Claro que está Malu, ele agora não precisa mais se passar por uma pessoa humilde para te enganar.*

Ele me encara por alguns segundos com um olhar frio, como se estivesse me avaliando. Mas eu posso ver as olheiras embaixo dos seus olhos, o que me diz que ele não dormiu bem. Vejo um pouco de amor e saudade no seu olhar, mas ele logo desvia os olhos dos meus e olha para baixo. E quando aqueles olhos verdes que tanto me hipnotizam voltam para mim, vejo raiva e rancor. Ele respira fundo e diz. —Nós precisamos conversar.

Capítulo 4

Malu

Dou espaço para o Max entrar no apartamento. Sei que não deveria nem olhar para a cara dele, mas o que eu posso fazer se o meu coração bate mais forte por ele e o que mais anseia no momento é que o Max me pegue nos seus braços e diga que eu sou a mulher da vida dele? Posso estar errada, na verdade eu sei que estou. Não há desculpas para tudo o que ele fez e o que falou, mas mesmo assim uma parte de mim ainda anseia que ele volte atrás em tudo o que disse.

Olhando agora para ele me pergunto como eu não notei que ele era uma pessoa rica. Ele sempre teve essa postura ereta, esse andar calculado, bons modos e uma gentileza que não se vê mais em quase ninguém, além de sempre saber se portar em todos os lugares impecavelmente. Está certo que eu nunca conheci sua família, nem sua casa. Ele dizia que seus pais moravam em outra cidade e que ele dividia um pequeno apartamento com outros homens do trabalho, e que por isso não me levava lá. E a trouxa aqui sempre acreditou em cada palavra que ele disse.

Max parece nervoso, ele passa as mãos pelos cabelos diversas vezes. Até que vira e olha para mim. —É verdade que você está grávida?

Respiro fundo tentando ficar calma. —Sim, Max. Eu estou grávida. Ainda não sei com quanto tempo estou porque ainda não fui ao médico. Mas com toda certeza estou esperando um bebê.

Ele me olha por alguns segundos, e eu peço a Deus que ele caia em si e diga que me ama, que acredita em mim, e que vamos ser uma família. Mas ele parece cair em si e volta a ter a mesma frieza de ontem. —E você acha que a criança é minha?

Uma raiva sobe dentro de mim que eu tenho vontade de gritar. Eu não vou mais abaixar minha cabeça. —Como assim eu acho que essa criança é sua? É obvio que é sua. Quem foi que tirou minha virgindade e jurou amor eterno para mim? Quem esteve comigo no último ano e jurou passar o resto da vida comigo? Que porra de pergunta é essa?

—Quando foi que você descobriu que eu era? — Ele diz em um tom sério.

—Você está louco! Não é possível! Até ontem eu achava que você era um office-boy naquela merda de empresa que nos conhecemos. Na verdade você me falou isso, lembra?

—Para de mentir porra!!! Eu fui um idiota, um imbecil que me deixei cair no seu papinho de menina inocente e pura! Tão idiota que ia te propor casamento e colocar o mundo aos seus pés. E o que recebo em troca? A porra de um golpe da barriga. — Ele diz cada palavra se aproximando de mim. Eu vou recuando, mas acabo batendo em uma parede. Ele está praticamente em cima de mim. —Você acha que é a primeira que tenta isso? Me diz, você acha? Esse golpe é mais velho que a minha avó! — Ele grita no meu rosto e segura meu braço com força.

—Me solta Max.

—Eu não te solto porra nenhuma! Você tem ideia do que você fez para mim? Do quanto você me destruiu? Eu te amei! Você teria a vida de uma rainha, eu ia te dar tudo o que a vida tem para oferecer.

—Eu nunca quis nada Max. Eu só queria você.

Ele sorri de forma sarcástica. —Pode parar com essa encenação, porque para mim já deu. Eu jurei que nunca mais ia me apaixonar, mas acabei caindo louco de amor por você. Eu realmente acreditei em cada momento que tivemos juntos. E para que? Para mais uma vez ser apunhalado. — Ele diz e aperta ainda mais o meu braço.

—Me solta agora Max! Você está me machucando!

Vejo que o olhar dele fica perdido, mas ele logo volta a si e aproxima ainda mais o rosto do meu.

—Escuta bem o que eu vou te dizer: Se você realmente estiver grávida e esse filho for meu, eu vou mover os céus e a terra para ter ele comigo. Vou colocar os melhores advogados atrás de você e vou provar para qualquer juiz que você não passa de uma puta interesseira que quis me dar um golpe. A criança vai ser minha, e você nunca mais vai colocar os olhos nela.

Fico estática. Não acredito que ele vai ter coragem de fazer isso comigo, não o meu Max.

Mas esse não é o Max que você conheceu.

Tenho vontade de chorar quando percebo quanto ódio ele está sentindo. Ele está transtornado e não sei do que ele pode ser capaz. Ele levanta a mão, e esse movimento combinado com a sua expressão de fúria faz com que eu feche os olhos e me encolha com medo de que ele possa me bater, não sei mais o que esperar dele. Mas antes que qualquer coisa aconteça sinto o Max sendo tirado de cima de mim, e quando abro os olhos vejo um Bento furioso se posicionando na minha frente, como se fosse me proteger de todo mal do mundo.

—Você está maluco, Max?

—Ahhhh... chegou quem estava faltando. — Max diz com sarcasmo. —O defensor da Malu.

—Sai daqui agora, ou eu não respondo por mim. Ela está grávida porra!

—Está defendendo a amiguinha ou a mãe do seu filho?

Bento cerra os punhos e ameaça avançar no Max. Mas depois de mais uma vez ser acusada de ter um caso com o Bento eu fico cega de ódio e esqueço que estou grávida, empurro o Bento e acerto o rosto do Max com toda força que tenho. Ele levanta a mão para revidar e eu grito. —Isso! Bate Max. Mostra quem você realmente é! — Ele arregala os olhos quando se dá conta do que ia fazer, recuando automaticamente e abaixando a mão. Ando até estar bem na sua frente, abaixo meu tom de voz e digo. —Eu vou te falar uma última coisa. Agora quem não quer mais alguma coisa aqui sou eu! Esquece que eu existo, porque eu não quero nunca mais te ver. Você conseguiu destruir o pouco do respeito que eu ainda tinha por você. O meu filho vai crescer sem pai, porque eu não vou deixar um mentiroso filho da puta como você chegar perto dele. — Eu bato no meu peito e continuo. —Eu vou matar esse amor que eu sinto aqui no meu coração. Porque a partir de hoje, aqui dentro só tem espaço para o meu filho. Agora some daqui! Some da minha vida!

Sinto que ele não esperava por essa reação minha. Ele me olha sem acreditar nas palavras que eu acabei de proferir. —Isso não acabou Maria Luísa. Se esse filho realmente for meu, o que eu duvido muito, você não vai nem ter tempo de olhar para o rosto dele.

Ele diz isso e sai. No mesmo instante me viro na direção do Bento,

sentindo uma coisa estranha passar pelo meu corpo com a simples menção de perder o meu bebê. De não poder vê-lo. Dele ser arrancado de mim. Uma tontura me bate e minha vista fica turva. A última coisa que me lembro é do Bento correndo na minha direção e gritando: Malu!

Bento

Neste momento estou sentado num quarto de hospital, imóvel, olhando para minha amiga deitada em uma maca ainda inconsciente. Tenho vontade de gritar, chorar e esmurrar a cara do Max, aquele babaca filho de uma puta. Mas sei que nada do que eu fizer vai adiantar, eu tenho que manter a calma, tenho que ser forte por ela, porque eu sei que ela vai precisar de mim.

Quando eu vi o Max em cima da Malu, segurando o seu braço com força, eu quase perdi o controle e parti para a agressão. Se ele pensa que pelo fato de eu ser gay que eu não quebraria a cara dele, ele está muito enganado. Se tem uma coisa que aprendi desde pequeno foi me defender, afinal não era fácil ser diferente dos outros meninos e não ter ninguém por mim.

Nem mesmo aquele que eu achei que estaria sempre ao meu lado. Penso com amargura.

Desde que a Malu me apresentou o Max, senti que algo estava errado. Ele me lembrava muito as pessoas que eu convivia antes de mudar de cidade e esquecer aquele mundo de pessoas soberbas, esnobes e preconceituosas. Ele não tinha jeito de pessoa humilde, muito menos de office-boy, mas a Malu estava tão apaixonada, e ele parecia gostar tanto dela que acabei deixando essa cisma de lado e aceitando ele com todo o meu coração. Antes eu tivesse seguido meu instinto e alertado a Malu, estaríamos evitando toda essa dor e sofrimento. Mas por outro lado, se eu tivesse feito isso meu afilhado ou afilhada, não estaria a caminho. Só de pensar nesse bebê eu já me encho de euforia. E pensar que por causa daquele desgraçado ele quase não teve a chance de vir a esse mundo.

Quando a Malu me olhou mais branca que um papel e perdeu os sentidos, eu consegui ser rápido e pegá-la nos meus braços antes que ela atingisse o chão. Consegui correr com ela para o hospital e por muito pouco ela não perdeu a criança. O médico nos disse que ela teve um pequeno

sangramento, mas que chegamos a tempo e o bebê estava bem, porém nos alertou que nós tínhamos que ter cuidado daqui para frente, afinal ela ainda estava no início da gravidez, uma fase complicada onde o feto está começando a se formar. Eu não entendi bem os termos técnicos que ele usou, mas entendi que ela tem que se cuidar.

E foi ali que eu tomei uma decisão. Eu iria conversar com a Malu assim que ela acordasse e estivéssemos em casa. Da mesma forma que ela me salvou sem ter nenhum motivo, eu vou salvar não só a ela, mas ao nosso bebê também. E quando digo "nosso", é exatamente isso que quero dizer. Ele vai ser meu e dela. Basta somente ela aceitar a minha proposta. Fazer isso vai ser o melhor para todos nós, pois além de leva-la para longe desse imbecil do Max, eu vou conseguir me reaproximar da minha mãe.

Acho que está na hora de voltar para casa.

De uns dias para cá eu venho sentindo um aperto no peito estranho, uma angústia, como se algo de muito ruim fosse acontecer. E agora olhando para a Malu deitada nessa maca de hospital, o meu peito está se apertando ainda mais.

Malu

Um irritante barulho de *bip bip bip* soa sem parar e eu abro os olhos. Me sinto desnorteada. Olho para o teto e vejo que não estou em casa. Viro a cabeça para os lados nervosa e vejo que estou deitada em uma cama de hospital com alguns aparelhos ligados a mim. Bento está dormindo em uma cadeira do meu lado esquerdo. Instantaneamente tudo o que aconteceu vem na minha cabeça, meu choro, Max me ameaçando, Bento me defendendo, o tapa que dei no Max e o meu ataque de fúria. Depois disso só lembro de ver tudo ficando turvo e o Bento gritando meu nome.

Meu filho!

Coloco as mãos na barriga e começo a chorar.

Meu Deus, por favor, que eu não tenha perdido o meu bebê.

Sinto a mão do Bento em cima da minha, olho em seus olhos e ele sorri. —Fica calma gatinha, nosso bebê está bem. — Ouvir essas palavras traz um alívio fora do comum ao meu coração. Puxo meu amigo para um abraço do jeito que posso.

—Muito obrigada Bento. Muito obrigada. Eu não sei o que aconteceu, mas eu tenho certeza que se não fosse por você meu filho não estaria vivo aqui dentro. — Puxo seu rosto e grudo minha testa na sua. —Você é o nosso anjo.

Ele sorri aquele sorriso de canto de boca tão lindo e faz carinho no meu rosto. —Eu sempre soube que você me amava, baby. — Ele diz e me dá uma piscadela. Eu solto uma gargalhada, só ele para me fazer sorrir em um momento como esse. Ele me conta mais ou menos o que houve e diz que vai chamar o médico, me dá um beijo na testa e sai pela porta me fazendo prometer não tentar levantar.

Alguns minutos depois ele volta com um homem de meia idade que sorri para mim de forma carinhosa. —Olá, mamãe. Que susto você nos deu hoje. — Ele diz assim que chega ao meu lado. —Muito prazer, eu sou o Doutor Jean. Você teve um desmaio e um pequeno sangramento, se não fosse pelo seu amigo aqui o pior poderia ter acontecido, mas ele te trouxe a tempo e seu bebê está bem. Soube que hoje você teve fortes emoções, e uma das minhas recomendações é que você tente não se estressar, mantenha uma alimentação saudável e constante, mesmo com os enjoos, e tudo ficará bem. Você já está fazendo o pré-natal? — Ele me indaga.

—Ainda não. Descobri a gravidez tem pouco tempo.

—Entendo, então recomendo que você procure seu ginecologista para começar a fazer o acompanhamento o quanto antes, isso é vital para o desenvolvimento do feto. Como você já está bem eu vou assinar a sua alta e você pode ir para casa, mas pelo menos por uns dois dias tente não fazer muito esforço e nem pegar peso. — Eu apenas assinto com a cabeça e agradeço. Bento faz algumas perguntas e diz que ele pode ficar mais que tranquilo que eu vou seguir as ordens médicas nem que seja a força. Eu sorrio para o meu amigo, pois sei que ele vai cuidar da gente da melhor forma possível.

O médico sai e nos deixa a sós. Tenho tanta coisa para falar com o Bento, mas quero muito sair desse lugar. Sempre odiei hospitais, então pego minhas roupas e começo a me trocar. Quando termino e estou pronta para ir embora olho para o Bento e vejo que ele está ansioso. Conheço bem esse olhar que ele está me dando. Ele quer me falar alguma coisa.

—Bento, o que foi? — Tenho certeza que ele vai abrir a boca para

retrucar que não é nada, então já o interrompo. —E não adianta dizer que não é nada porque eu te conheço muito bem.

Ele suspira e diz. —Malu, está na hora de você saber tudo que não te contei sobre o meu passado, e depois disso o nosso futuro mudará. Sei que você ainda está abalada pelos últimos acontecimentos, mas também sei que você não vai sossegar enquanto a gente não conversar, então vamos para casa porque a conversa que teremos será longa.

Capítulo 5

Malu

Chegamos em casa e fui direto tomar um longo banho para tirar esse cheiro de hospital entranhado em mim. Bento está meio neurótico, não permitiu sequer que eu andasse até o apartamento. Assim que saímos do carro ele me pegou no colo e começou a andar em direção ao elevador dizendo que era forte o suficiente para carregar a mim e ao meu filho no colo. Eu apenas sorri para o meu amigo, tão lindo, tão doce, mas tão solitário. Como um homem como ele ainda estava sozinho? Não conseguia entender. Mas sei que quando ele menos esperar o destino vai colocar alguém em sua vida que vai amá-lo da forma que ele merece.

Espero a água esquentar para entrar dentro do box, e enquanto a água escorre pelo meu corpo, sinto as lágrimas surgirem mais uma vez em meus olhos. E ali embaixo do chuveiro, quando a água se misturava as lágrimas, me permito desmoronar uma última vez. Me permito chorar e colocar para fora toda dor e angústia que estão em meu peito, porque depois que sair daqui o Max será passado, e eu vou me concentrar simplesmente em ter uma vida tranquila ao lado de quem realmente ama a mim e ao meu filho.

Desligo o chuveiro e encaro o meu reflexo no espelho. Meus olhos vão automaticamente para a minha barriga que ainda estava plana. Começo a imaginar como seria daqui a alguns meses quando ela estivesse inchada e meu bebê começasse a chutar. As lágrimas surgem de novo, mas dessa vez de emoção e ansiedade.

Saio do banheiro e coloco o meu pijama de bolinhas coloridas, o meu preferido, e vou para a cozinha atrás do Bento, e assim que adento o local pego o final de uma conversa dele no telefone.

—Sim, eu estou voltando.

—Juro mãe.

—Não vai ter um ataque de emoção nada. Fique bem viva para me receber de braços abertos e com aquele bolo de chocolate que só a senhora sabe fazer.

—Ah... tem mais uma coisa, vou levar uma surpresa comigo.

—Eu sei, eu sei. Você odeia surpresas, mas essa é boa.

—"Tá" bom, eu conto. — Então ele sussurra no telefone e eu não consigo ouvir, e assim que termina tira o telefone do ouvido rindo.

—Não precisa gritar no meu ouvido, mãe. Eu tenho que desligar agora.

—Também te amo Dona Marta, e estou morrendo de saudades. Beijos.

Ele desliga o telefone e vira o corpo, sorrindo ao me ver. —Vamos comer minha grávida preferida?

Eu aceno com a cabeça, ainda pensando na conversa que ouvi, e pergunto sem conseguir me contar. —Estava falando com a sua mãe? Você... você vai voltar para a casa dela? — Medo enche meu coração.

Por favor, Deus. Não deixe que ele me abandone também.

—Primeiro vamos alimentar o nosso bebê, depois vamos as conversas sérias.

Juntos fizemos sanduíches e comemos em silêncio, mas eu não aguentava mais de ansiedade.

—Vamos Bento, me diz logo o que você tem para me contar.

—Está bem. — Ele diz e respira fundo. —Você sabe que eu não sou daqui. Mas o meu passado sempre foi algo que eu tentei fugir e esquecer. Não por ter alguém me perseguindo ou coisa do tipo, mas porque lá eu não podia ser eu mesmo. — Ele diz com a voz triste. —Minha família sempre foi muito conservadora, principalmente minha mãe, e eles nunca iriam aceitar quem eu sou. Nunca iriam aceitar a minha orientação sexual. As pessoas sempre me cobraram muito, principalmente porque o meu irmão era o pegador e vivia rodeado por mulheres. Eu sempre fui o "queridinho da mamãe" como meu irmão costumava dizer, e ela sempre falava que eu não saía com um bando de mulheres porque eu tinha caráter e não queria ficar por aí com qualquer uma, mas que ela sabia que quando eu encontrasse a pessoa certa iria apresentar a ela e encher a casa dela de netinhos. — Bento fala e seus olhos se enchem de lágrimas. Eu corro para o seu lado e o puxo para os meus braços.

—Bento, você contou a eles? A ela sobre como você se sentia?

—Não, Malu. Eu não consegui.

—Meu Deus, Bento. Como você viveu tanto tempo desse jeito?

Ele me encara com o semblante triste e continua. —Quando eu era adolescente percebi que era diferente, enquanto meu irmão vivia cercado de garotas eu enfiava a cara nos estudos, e enquanto ele pegava todas as meninas da escola eu comecei a sentir atração pelos meninos. Isso me deixou muito confuso, foi uma época muito difícil, e também foi a época que comecei a me afastar dele. O tempo foi passando e eu fui começando a entender o que eu sentia e a me aceitar, mas como eu ia contar para a minha família que eu era gay? Como eu ia falar para a minha mãe que eu nunca ia poder dar netos a ela?

—Claro que você pode Bento. Você pode adotar.

—Hoje eu vejo sim Malu, mas na época eu me sentia tão preso dentro de mim que não conseguia enxergar direito. Então uma noite, que eu estava em uma boate, tudo mudou. — Ele termina e fica com o olhar perdido por alguns segundos, como se estivesse revivendo aquela noite. —Mas isso não importa. Depois disso eu decidi que precisava sair de lá e viver minha vida. E pelo menos uma vez ser quem eu era. Então me mudei para cá, e essa foi a melhor decisão que poderia ter tomado. Eu pude ser livre, e o mais importante, eu pude conhecer você. Mas o meu coração sempre ficou apertado com saudade deles, principalmente da Dona Marta. — Ele sorri com carinho ao falar da mãe dele.

—Bento, por que você não conta a verdade para eles? Tenho certeza que no começo pode ser ruim, mas depois, com o tempo, eles vão aceitar.

—Eu não quero decepcionar a minha mãe, Malu. Não agora. Ia ser muito difícil para ela entender tudo. E é por isso que eu tomei uma decisão, e espero que você embarque nessa junto comigo.

Olho para ele desconfiada. —Agora você está me assustando. O que você quer dizer com isso?

—Eu liguei para a Dona Marta e disse que estou voltando para casa. Falei também que estou levando uma amiga comigo, e que você vai ficar na nossa casa com a gente.

Bento

Malu fica uns 10 segundos me encarando com os olhos arregalados até

que diz: —Você está maluco? A sua mãe vai pensar que somos um casal!

Depois que vi como Malu ficou nervosa e que não receberia bem a minha ideia, resolvi mudar de tática. Vou contar para ela aos poucos o meu plano. Por enquanto eu só preciso convencer ela a sair daqui. A ir embora comigo. Não vou deixar que o Max a perturbe e nem que tente tirar o bebê dela.

—Primeiro, eu disse a ela que estou levando uma amiga, e não uma namorada. Segundo, vai ser bom para você sumir daqui e deixar tudo isso para trás. Terceiro, ter você lá comigo é tudo o que preciso para me dar forças e enfim conversar com a minha família.

Não vou dizer a ela que resolvi assumir seu filho, vou deixar as coisas acontecerem aos poucos. Também não sei se estou agindo certo, só sei que esse sentimento de proteção está cada vez maior dentro de mim, e que a saudade da minha família está me matando.

Ideia maluca a minha? Com certeza. Mas agora não dá mais para voltar atrás.

—Eu não posso Bento. Eu tenho o meu trabalho. Não posso simplesmente mudar toda a minha vida assim de uma hora para a outra. E além do mais eu nem conheço a sua família.

—Claro que você pode. Fica tranquila, eu vou te dar todo apoio que você precisar. E quanto a minha família, tenho certeza que eles vão amar você. — Eu digo e ela fica pensativa. —Vamos lá, Malu. Você vai poder recomeçar longe de tudo isso. Vai poder ser feliz, ter uma gravidez tranquila, e principalmente, vai poder viver sem medo de alguém tentar tirar o seu filho. Você quer passar a vida toda com medo do Max tirar a criança dos seus braços? — Sei que estou apelando, mas preciso convencê-la. —Por favor, pensa nisso.

—Eu vou pensar Bento. — Olho para ela desconfiado. —Eu juro! Só preciso colocar os meus pensamentos em ordem e acalmar o meu coração. — Ela diz e me abraça de novo. —Você é a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha vida. Eu te amo, meu amigo.

Ganho um beijo no rosto bem demorado, logo depois ela se levanta e a vejo caminhar para o seu quarto. Vou dar um tempo para ela pensar, e enquanto isso vou resolvendo as coisas da nossa mudança. Eu tenho certeza

que ela vai aceitar.

Não sei como vai ser quando eu chegar em casa. Na verdade, não sei se vou dar prosseguimento a esse plano maluco. Preciso pensar. Porque se eu continuar vai ser mais uma mentira que vou contar para a Dona Marta, e quando falei que estava levando uma amiga ela logo se animou. Com certeza já está imaginando que estamos juntos. Conheço a minha mãe, já deve ter contado para o meu pai.

E se der mole já está organizando nosso casamento. Sorrio com o pensamento. Que saudade que estou dela.

Capítulo 6

Max

Muitas coisas do meu passado me levaram a tomar as atitudes que tomei em relação a Malu. Coisas que eu lutei muito para esquecer. Coisas que me tornaram uma pessoa rude e egoísta, mas que com o tempo foi ficando para trás. E todas essas coisas ruins que vivi e que me transformaram em um homem frio e desacreditado no amor eu consegui enterrar que coloquei os olhos na Malu.

Confesso que ter mentido para ela esse tempo todo foi uma babaquice da minha parte. Mas eu precisava ter certeza que ela me amava por quem eu era, e não pelo império que eu estava destinado a comandar.

No dia que nós fizemos um ano juntos, eu estava disposto a contar toda a verdade para ela. Sei que seria difícil, e que ela poderia me odiar por um momento. Eu estava preparado para isso, mas eu tinha certeza que o nosso amor ia falar mais alto e ela iria me perdoar, principalmente depois que eu me ajoelhasse e declarasse todo o meu amor por ela a pedindo em casamento.

Eu estava ansioso, nervoso, ainda mais depois que ela me disse que precisava conversar comigo e me contar uma novidade.

Me atrasei quase uma hora para o nosso encontro naquele dia porque minha mãe deu um ataque quando contei que ia pedir a Malu em casamento. Me disse que ela era uma interesseira como todas, e que com toda certeza sabia que eu era rico e se fazia de inocente para me enganar.

Foi uma luta, e eu defendi meu relacionamento com unhas e dentes. Meu pai apenas me olhou e disse que queria que eu fosse feliz, e que se minha felicidade era a Maria Luísa, que eu tinha a sua benção.

Quando cheguei na casa dela e a vi tão linda, tive ainda mais certeza que ela era a mulher da minha vida. Mas quando ela me contou sobre a gravidez, todas as palavras da minha mãe voltaram para a minha cabeça. A Malu, minha Malu, estava me enganando esse tempo todo. Fiquei fora de mim, a destratei, humilhei e agi com brutalidade.

Voltei para casa transtornado, mas não contei nada para ninguém. Me

tranquei no meu quarto me sentindo um nada, um merda. Sem acreditar que tinha sido enganado pela Malu. Minha Malu tão linda, tão doce.

No dia seguinte fui atrás dela de novo, eu queria muito que tudo aquilo não passasse de um pesadelo, mas tudo era real. E de novo eu perdi o controle. Se não fosse o Bento chegar eu poderia ter cometido uma loucura. Voltei para casa e acabei desabafando com meus pais. Minha mãe como sempre começou a dizer que me avisou que ela era só mais uma interesseira, que tentou me alertar, mas que como sempre não dei ouvidos a ela.

Meu pai nada falou, deixou que eu contasse tudo e no final me repreendeu pela forma como a tratei e disse que não criou um filho para se dirigir a uma mulher dessa forma.

Depois desse sermão fui para o meu quarto com os sentimentos confusos e não saí mais de lá. Tem dias que não durmo e nem como direito. Sei que estou parecendo uma sombra do homem que fui, que estou afundando de novo, exatamente como a alguns anos atrás.

Todo ódio que senti pela Malu foi dissipando, e agora, aqui dentro, só resta a mágoa.

Essa dor não sai do meu peito, e eu só queria entender porque ela fez isso com a gente. Mas tem algo que não sai da minha cabeça desde ontem, se ela queria mesmo me dar um golpe e já sabia de tudo, porque ela não correu atrás de mim? Por que não tentou me convencer que eu estava errado? Afinal, já tem quase uma semana desde o dia que a vi pela última vez e ela sequer tentou me ligar.

Meu pai entra no meu quarto e senta na minha cama. —Filho, você precisa sair desse quarto, tomar um banho e comer alguma coisa.

—Como pai? Se essa dor aqui dentro não passa. — Digo e passo a mão no peito.

—Max, olha para mim. — Ele diz e eu olho para aquele homem que sempre foi o meu exemplo de vida. —Eu nunca te vi tão feliz como você esteve nesse último ano, e embora eu não aprove a mentira que você criou, eu entendo o que você fez, entendo que você só estava tentando se proteger. Não vou mentir e dizer que estou feliz com a forma que você tratou essa menina, mas sei muito bem que o passado voltou com força e te fez reviver tudo aquilo de novo. — Ele diz e suspira. —Mas eu queria saber uma coisa. Esse

tempo todo que você viveu com ela, com essa Maria Luísa, você acha que foi tudo uma mentira? Você acha que ela seria capaz de mentir durante todo esse tempo? Fingir te amar, ou fingir não saber quem você era?

— Eu não sei, pai. Minha cabeça está a mil por hora.

—Pense nos pequenos detalhes, no dia a dia de vocês, nas pequenas coisas. — Ele dá um tapinha na minha perna para chamar minha atenção, não tinha percebido que minha mente tinha ido para longe. —Você já parou para pensar que ela pode realmente te amar e que esse filho é seu, que não foi planejado por ela para dar um golpe em você? Que simplesmente aconteceu como em tantos outros relacionamentos? Olha, eu não quero colocar mais coisa na sua cabeça, só quero que você pense direito e não jogue fora um amor que poderia te trazer uma família. Que poderia ser a sua felicidade.

Ele termina de falar e sai do quarto sem me dar chance de responder, e eu fico ali repassando toda a minha vida.

As coisas do meu passado se misturam com os acontecimentos do presente, minha mente começa a ficar confusa. Fecho os olhos tentando pensar, tentando ser coerente, e no meio disso tudo acabo adormecendo sem sentir.

Malu

Já faz uma semana que o Bento me fez aquela proposta, e amanhã é o dia que ele vai embora. Eu resolvi ir com ele, mas ele ainda não sabe. Todos os dias ele conversava comigo, tentando me convencer, e hoje me deu um ultimato, dizendo que quando chegasse em casa iria pegar minhas coisas e colocar nas malas. Que eu iria com ele nem que fosse amarrada.

Eu não tenho nada que me prenda aqui, ainda mais com meu amigo indo para longe. Além do mais não posso arriscar que o Max tente tirar o meu bebê.

Depois que fiquei mais calma comecei a pesquisar sobre ele. Ele não é rico, ele é podre de rico. E se decidir entrar na justiça pedindo um exame de DNA e a guarda do meu filho, eu certamente não teria nenhuma chance contra ele. E é por isso que nesse exato momento eu estou tirando as minhas roupas do armário e as colocando dentro das malas. Vai ser muito difícil viver longe daqui, mas pelo menos eu terei o meu amigo para me apoiar.

Hoje cedo fui até o meu trabalho e conversei com a minha chefe, expliquei que iria precisar sair do emprego pois apareceu uma oportunidade para mim em outra cidade. Não entrei em detalhes e nem disse onde era. Ela ficou triste, disse que gostava muito de mim e do meu trabalho, mas que entendia que eu tinha que seguir com a minha vida, e que se essa oportunidade ia ser boa para mim que tinha que agarrá-la com tudo de mim.

Estou fechando a última mala quando escuto a campainha tocar. Vou até a sala e abro a porta sem ver antes quem é, imaginando ser o Bento, já que ele me ligou dizendo que esqueceu as chaves aqui, mas assim que vejo a pessoa parada na minha frente me encarando intensamente sinto meu coração se apertar.

Max.

Ele não se parece com o homem que eu amei durante um ano. Ele está mais magro, abatido, e seu olhar reflete milhões de emoções ao mesmo tempo.

Sinto vontade de abraça-lo, de confortá-lo, mas então me lembro de tudo o que ele me disse, dos insultos, das acusações, da maneiro como me tratou e a raiva toma conta de mim.

—O que você está fazendo aqui? — Digo de forma ríspida.

—Malu, eu vim em paz. — Ele fala e levanta as mãos em sinal de rendição. —Eu preciso falar com você. Por favor. Eu preciso... eu preciso que você diga olhando nos meus olhos que esse filho é meu. Que você nunca me enganou.

Dou uma risada sarcástica quando escuto o que ele diz. —Agora você quer falar? Agora você está em paz? Porque as últimas vezes que você esteve aqui e eu quis conversar e te explicar você se transformou em um homem descontrolado, que só gritava e falava atrocidades para mim.

Vejo muitas emoções em seus olhos, raiva, tristeza, surpresa... parece que ele está perdido, em conflito consigo mesmo. Mas eu não posso me deixar enganar, ele mentiu para mim durante um ano. Ele fingiu para mim de uma forma tão perfeita que nem por um segundo eu desconfiei de nada.

Ele dá um passo para frente e eu dou um para trás. Ele me olha com um olhar frio e fala entredentes. —As minhas atitudes não importam. Apenas me diga se esse filho é meu.

E assim eu vejo que realmente nunca conheci o Max. Eu não posso ter uma pessoa sem controle em torno de mim e do meu filho. Eu não posso cogitar perder o meu bebê para um homem como ele. E é nessa hora, assim que ele faz menção de segurar o meu braço que uma ideia me vem à mente.

Sei que meu filho pode me odiar um dia por privá-lo de ter um pai, mas eu preciso mantê-lo seguro junto a mim. Eu serei seu pai e sua mãe, além do que, ele vai ter uma figura masculina na sua vida que será o seu padrinho.

—Que filho, Max? Aquele que eu perdi há uma semana depois que você me disse aquelas atrocidades e saiu daqui?

Capítulo 7

Malu

Max recua dois passos e me encara com os olhos arregalados, ele passa a mão diversas vezes no cabelo e no rosto, gesto que só demonstra como ele está nervoso e angustiado. Sua respiração está pesada, como se ele não conseguisse levar ar aos seus pulmões.

Meu coração acelera ainda mais ao vê-lo nesse estado, e a vontade de desmentir que perdi o bebê me bate com tudo. Odeio ter esse coração idiota que não pode ver ninguém sofrer, mas preciso me recompor e não voltar atrás na minha decisão, eu tenho que pensar no bem-estar do meu filho, então apenas continuo olhando para ele, tentando transmitir frieza com o meu olhar, mesmo que por dentro esteja me sentindo destruída.

—Malu, você... você... Porra! Você perdeu o nosso filho?

—*Nosso?* Agora é nosso? Até onde eu sei ele poderia ser de qualquer um. Ele poderia ser até do Bento. Mas se você precisa que eu repita, eu repito, eu perdi o "meu" bebê. — Elevo minha voz, dando ênfase no meu. Ele dá um passo na minha direção, eu conheço esse caminhar, ele vai tentar me abraçar. Levanto a palma da mão direita e digo: —Nem pense nisso, não ouse chegar perto de mim.

Ele para os passos e me olha como se eu tivesse lhe dado um soco no estômago. —Malu, por favor. Deixa eu te abraçar. Eu sei que eu disse palavras horríveis para você, e que você tem toda razão de estar com essa raiva toda de mim, mas por favor, deixa eu te abraçar.

Meus olhos começam a marejar, e tudo o que mais quero no mundo é estar em seus braços, mas eu não posso. Tenho que me manter firme.

Sem que eu espere ele avança em minha direção e me toma nos seus braços. Luto para sair do seu aperto, mas ele é muito mais forte do que eu e me segura apertado contra si e eu acabo cedendo, me permitindo estar ali uma última vez, no lugar que sempre me passou tanta segurança. Me permito sentir seu cheiro único, a suavidade do seu toque e o calor do seu corpo.

Sinto sua respiração pesada no meu pescoço, e logo após ele distribui

alguns beijos suaves no local. Eu não posso me entregar, eu não posso estar com alguém que desconfia de mim, que mente, que engana, e que pode tirar o meu bebê dos meus braços.

Eu preciso colocar o meu filho como prioridade. Então deixo os meus sentimentos de lado e o empurro com toda força que tenho.

—Agora que você sabe que não existe mais criança nenhuma, por favor saia da minha casa, nós não temos mais nada para conversar.

Seu rosto demonstra confusão. —Como não? E tudo o que nós vivemos?

—O que vivemos você destruiu com as suas mentiras, desconfianças e acusações. O que você pensou Max? Que eu iria ficar correndo atrás de você? Implorando pelo seu amor? Eu te amei muito, te daria a minha vida se fosse preciso, mas você conseguiu esmagar tudo o que eu sentia aqui dentro. — Falo e coloco a mão no lugar onde fica o meu coração

—Porra, Malu! Você me deixa desnorteado. — Ele tenta me abraçar, mas eu me desvencilho de seus braços.

Eu respiro fundo para me acalmar e continuo. —O que nós vivemos significou muito para mim, Max. Mais do que eu gostaria. Mas isso não importa mais, porque a partir do momento que você mentiu para mim e me chamou de puta interesseira, um abismo se formou entre nós, e agora é muito tarde para tentar voltar atrás. Então eu peço, se um dia você sentiu alguma coisa boa por mim, saia da minha vida de uma vez por todas e me deixe em paz. — Ele não diz nada por alguns instantes, apenas me encara como se não soubesse o que fazer, como agir. —Por favor. Eu quero que você vá embora.

—Eu vou, mas a gente ainda vai conversar. — Ele diz e sai pela porta.

—Adeus, Max. — Eu sussurro acariciando minha barriga, sabendo que ele não ouviu, mas eu precisava dizer essas palavras, como uma despedida do homem com quem um dia eu fiz tantos planos.

***

Bento chega em casa e vê minhas malas arrumadas. —Eu não acredito nisso! — Ele corre, me abraça e começa a rodar comigo em seu colo. Sorrio com o entusiasmo dele. Eu queria fazer uma surpresa para o meu amigo, e acho que consegui.

—Pare de me girar Bento, ou eu vou vomitar em você todo.

Ele me coloca no chão na mesma hora. —Me desculpa. Fiquei tão empolgado quando vi essas malas que esqueci que você agora virou a dublê da menina do exorcista. — Ele fala e gargalha enquanto eu dou um soco no seu braço fingindo estar com raiva. Mas não aguento manter minha pose de mulher fria por muito tempo e começo a rir junto com ele, porque sei que é verdade. Tudo que como coloco para fora.

Esses dias tem sido difíceis. Suspiro e ele me encara. —O que houve?

—Hoje o Max veio aqui de novo. — Bento fecha a cara na hora. —E eu coloquei um ponto final de uma vez por todas na nossa história. Ele teve a coragem de pedir para eu confirmar que o filho que estou esperando é dele. E por mais que eu negue, eu ainda tinha uma pontinha de esperança que ele voltasse atrás e de alguma forma me pedisse perdão por tudo o que me fez. Só que ele só provou que o Max que eu conhecia nunca existiu e eu acabei me descontrolando.

—Você sabe que não pode se estressar, Malu. — Bento me repreende.

—Eu sei, mas na hora da raiva não aguentei me segurar. — Paro de falar lembrando das coisas que disse para ele. —E Bento, eu acabei dizendo uma coisa que o deixou desnorteado, mas eu não posso arriscar que ele tente ir atrás de mim quando formos embora.

—O que você disse para ele?

—Eu falei que perdi o bebê. — Digo e automaticamente coloco a mão na minha barriga, como se eu precisasse ter certeza que meu bebê estava bem.

—Você o que? — Meu amigo me encara como se não acreditasse no que eu fiz.

—Eu precisava fazer isso, Bento. Quando a semana passou e ele não me procurou pensei que ele me deixaria em paz, que realmente achou que o filho era seu ou sei lá o que, mas quando ele apareceu aqui eu percebi que mesmo que eu negasse que o filho é dele, quando meu bebê nascesse ele iria querer um teste de DNA, e se eu sumisse ele poderia ir atrás da gente e tentar tirar o bebê de mim. Eu não tinha saída. De uma forma ou outra eu acabaria perdendo o meu filho para ele. Então fiz o que achei ser o melhor, assim quando formos embora eu não vou precisar ficar preocupada pensando que

ele pode a qualquer momento aparecer e tomar o bebê de mim. — Termino de falar e olho para o chão com medo do que o Bento pode pensar da minha atitude.

—Malu, olha para mim. — Levanto meu olhar e vejo apenas sinceridade quando ele fala. —Eu não vou te julgar nunca, se o seu medo era esse, pode esquecer.

Saber que ele não vai me julgar, faz com que eu relaxe um pouco e continue. —O olhar no rosto do Max acabou comigo, por mais que eu tente ser fria, eu ainda gosto muito dele. Eu sei que ele é o culpado por eu quase ter perdido o bebê, e eu sei que é errado deixar ele acreditar que eu abortei, que é errado deixar ele sentir essa culpa, mas eu não posso voltar atrás. Não depois de todas as ameaças que ele me fez. Eu preciso nos proteger, e essa é a única forma que eu encontrei.

—Como eu te disse, "eu" vou proteger vocês dois. — Bento diz me abraçando e colocando a mão na minha barriga. —Eu vim para casa te dizer que os planos mudaram e que tenho que viajar essa noite. Tenho uma entrevista de emprego amanhã com um dos conhecidos da minha família, mas ele precisa que eu esteja na empresa às nove horas. Vim o caminho todo pensando em formas de te persuadir a ir comigo, até pensei em te dopar, aí quando você acordasse já estaria lá, mas acho que não faria bem para o bebê. — Ele diz e dá um sorriso maroto.

—Bento, eu não sei o que faço com você. — Dou um beliscão na sua costela e sento no sofá. Ele senta ao meu lado resmungando que eu o machuquei. Reviro os olhos para o seu drama. —Eu realmente não queria ir embora, mas não tenho mais nada para fazer aqui. Acho que vai ser boa essa virada na minha vida, preciso deixar toda essa bagagem para trás e começar tudo de novo. Do zero. Somente eu e meu bebê.

—Ei! Está me excluindo da vida de vocês?

—Nunca! — Respondo com toda sinceridade, porque se tem uma pessoa que quero para sempre na minha vida, essa pessoa é o Bento. — Seremos eu, meu bebê e o seu padrinho.

—É assim que se fala! Vou terminar de arrumar minhas coisas e por volta das oito saímos. Podemos jantar naquele italiano que você tanto ama para comemorar o novo começo das nossas vidas.

Concordo e ele sai andando rumo ao seu quarto. Fico sentada olhando fixamente para as minhas malas prontas. Como em tão pouco tempo uma vida pode mudar tanto? Há menos de um mês eu pensava ter conhecido o amor da minha vida, achava que construiria uma família com ele e que viveríamos felizes para sempre. Que idiota que eu fui, a vida não é um conto de fadas. E agora aqui estou eu, mais uma vez pronta para ir rumo ao desconhecido. Sem emprego e com um coração ferido, mas levando comigo o bem mais precioso da minha vida, o meu filho, que a partir de hoje será o único que terá toda a minha atenção e o meu amor.

Max

—Porra! — Esbravejo e soco a parede do meu quarto. Sangue escorre pela minha mão, mas eu não me importo, continuo andando de um lado para o outro como um animal enjaulado.

Ela perdeu o bebê!

Ela perdeu o bebê!

Ela perdeu o bebê!

Eu não consigo parar de pensar nisso. E eu não posso parar de me culpar. Sinto que vou explodir.

Quero gritar e quebrar a porra da casa inteira só para ver se consigo tirar essa angústia de dentro de mim.

Sair de casa. Eu preciso sair. Não consigo mais ficar aqui. Ando a passos apressados em direção a porta da sala e pegando a chave do carro, minha mãe tenta me segurar, ela grita que eu não posso sair assim, que estou muito nervoso e vou acabar causando um acidente, mas não me importo, pego o carro e saio sem rumo.

Quando fui até ela esperava tudo, que ela implorasse para que eu acreditasse no seu amor, ou que ela gritasse comigo mandando eu ir embora, ou que ela dissesse que realmente o filho não era meu. Porra! Eu esperava qualquer coisa, menos que ela tivesse perdido o bebê.

Isso me dilacerou. Fez com que eu me sentisse o pior de todos os homens da face da terra.

Eu gritei com ela, fui bruto e ela perdeu o bebê. *Porra! Por que eu fiz*

isso? A culpa é minha. E se esse bebê realmente fosse meu?

E se eu matei o meu filho?

Continuo andando em alta velocidade com os vidros abertos, não consigo respirar, preciso de ar, preciso pensar.

Então começo a me lembrar de tudo o que vivemos e meu coração parece começar a se acalmar.

Em minha mente revivo tudo desde o dia que a conheci. Seus olhares, sua voz, nossos pequenos toques, nossas conversas, nossas confissões. Lembro de quando ela falou que tudo o que queria na vida era ter filhos e criá-los com muito amor, todo o amor que ela não teve. Ela dizia que ia amar tanto seu filho que ia sufoca-lo de amor, como gostaria de ter sido sufocada.

Minha mente vagueia e me recordo de uma vez que passamos em frente a uma joalheria e eu disse que queria dar a ela um colar de diamantes, ela riu e perguntou se eu era louco, que eu demoraria anos para pagar aquilo e que ela nem teria onde usar, então me abraçou e me deu um beijo doce dizendo quando nos separamos, *essa é a única coisa que eu quero de você, o seu amor*.

As lembranças vão aparecendo uma a uma, e a cada minuto que passa começo a sentir um desespero tomar conta de mim, do meu coração, do meu ser, principalmente quando lembro dos olhos feridos dela quando eu a chamei de puta interesseira. Quando a acusei de me trair e disse que aquele filho poderia ser de qualquer um, inclusive do Bento.

Freio o carro bruscamente e vejo que estou em uma praça, encosto a cabeça no volante e respiro fundo.

Não é possível. Não Deus! Por favor!

Uma imagem nítida se forma na minha cabeça. Seus olhos cravados nos meus enquanto nossos corpos nus se fundiam pela primeira vez. Nossa primeira noite de amor, a primeira vez da Maria Luísa.

Eu te amo, Max. Aquele foi o momento em que ela falou que me amava pela primeira vez. E era real, ela não conseguiria mentir naquele momento.

Porra! Porra! Porra! Ela nunca mentiu para mim. Ela sempre me amou!

Soco o volante com raiva, minha vontade é de esmurrar a minha cara.

Como eu pude ser tão idiota, tão burro, tão cego e não perceber que ela sempre foi doce demais, amável demais, que nunca mentiria ou me enganaria.

Meu Deus! O que foi que eu fiz?

Eu preciso ir até ela.

Ela não pode me deixar.

Eu preciso implorar pelo seu perdão.

Ela tem que me perdoar.

Ela perdeu o nosso filho.

Essa constatação me faz perder o fôlego. Não consigo respirar. Saio do carro e puxo meus cabelos desesperado.

Meu filho.

Não! Meu filho!

Me ajoelho no meio da calçada vazia e choro. A culpa me corrói e o desespero me invade por completo, meu peito se aperta ao pensar que posso ter perdido minha mulher, minha Malu.

Não eu não a perdi. Eu vou lutar por ela.

E é com esse pensamento que me levanto às pressas, volto para o carro e dirijo a toda velocidade em direção à casa dela. Não importa que já passe da meia noite. Eu vou rastejar se for preciso, implorar que ela me escute. Ela precisa me perdoar.

Estaciono de qualquer jeito da porta do prédio, saio do carro e passo pelo porteiro sem me importar com o que ele está dizendo. Ele me conhece, sabe que sou namorado da Malu, ou era.

Não, não posso pensar assim!

Ela vai me perdoar! Eu vou contar tudo a ela e ela vai entender.

Quando chego no seu andar tomo um fôlego e bato na porta, desesperado para que ela abra logo a porta, mas ninguém atende. Tento de novo e de novo e nada. Bato cada vez com mais força, mas o silêncio permanece.

Estou quase acordando os vizinhos quando resolvo descer e falar com o porteiro, pedir que ele interfone para o apartamento deles. Mas assim que

chego ao térreo, ali no saguão do prédio, o meu mundo desaba de vez.

O porteiro diz que Malu e Bento saíram mais cedo com várias malas nas mãos e se despediram de todos, dizendo que estavam mudando de cidade e não voltariam mais.

Não, não, não!

—Para onde eles foram? — Pergunto em desespero.

—Não sei não, “seu” Max. Eles só se despediram e disseram que se um dia fosse possível voltavam para visitar.

Isso não pode estar acontecendo. Ela não pode ter ido embora.

Ligo para o seu celular, mas só dá desligado, o do Bento a mesma coisa.

Saio do prédio sem nem me despedir do homem, estou completamente enlouquecido, sem saber para onde ir ou o que fazer, dou um chute na lateral do meu carro e puxo meu cabelo com força.

Porra! Preciso me acalmar e pensar.

Mas ali, parado no meio da rua deserta, meu desespero se torna ainda mais opressor quando chego a uma única constatação: eu perdi o amor da minha vida.

Capítulo 8

Malu

Já estamos na estrada há um bom tempo, Bento está animado, falando o tempo inteiro em como eu vou me dar bem com a família dele, em como é a cidade, em como vamos nos divertir, que ele vai me levar para passear em um milhão de lugares e que eu nunca mais vou querer sair de lá.

Ele começa a falar da sua mãe, e sinto tanto amor em suas palavras que cada vez mais quero conhecer essa mulher. Ele diz que Dona Marta vai me adorar, que ela sempre sonhou em ter uma filha, que vivia dizendo estar em desvantagem dentro da casa com tantos homens ao seu redor. E que tem certeza absoluta que ela vai me adotar como filha. Que conhecendo a mãe ela vai me mimar e fazer todas as minhas vontades.

Me pego pensando que se realmente isso acontecer eu não vou saber como me portar. Eu nunca tive alguém que se preocupasse dessa forma comigo, uma mãe, mas acabo deixando esses pensamentos de lado, preciso me concentrar no hoje e não no amanhã.

O Bento continua falando da família, diz que seu pai é um pouco mais fechado que sua mãe, mas para eu ficar tranquila que ele vai me receber de braços abertos. Que na verdade ele faz todas as vontades dela, que nunca viu um casal tão apaixonado mesmo depois de tantos anos de casados.

Depois de um tempo ele para de falar e passamos a ouvir música e cantar bem alto, como sempre fazemos quando estamos sozinhos em casa, mas aos poucos percebo que Bento está cantando mais baixo, até que para de repente, e quando olho para ele percebo que está pensativo.

—Um centavo pelos seus pensamentos. — Digo o chamando.

Bento me olha por um momento, mas logo volta a atenção para a estrada. —Malu, você sabe que eu tenho um irmão, certo? — Ele fala um pouco cauteloso.

—Sei sim. Guilherme, não é isso?

—Isso. Merda! Como eu vou falar isso?

—Você sabe que pode me falar qualquer coisa.

—Certo. Eu vou direto ao ponto. Eu preciso que você me prometa que vai ficar longe dele. — Olho para ele sem entender, e vejo que ele está bem sério. É difícil ver o Bento assim.

—Por que eu teria que prometer uma coisa dessas, Bento? — Digo cruzando os braços.

—Por favor, Malu, só me promete isso. Eu jurei que ia te proteger, e isso inclui te deixar bem longe do meu irmão.

—Você só pode estar ficando doido Bento. Por que eu iria me aproximar do seu irmão? — Pergunto, mas ele não responde. —Eu estou grávida! Além disso acabei de ouvir do cara que eu pensei ser o amor da minha vida que sou uma puta interesseira. Então se tem uma coisa que você não precisa se preocupar é comigo me aproximando de alguém.

—Eu sei Malu, eu sei pelo que você passou. — Ele respira fundo e continua. —E eu te conheço, mas eu também conheço o meu irmão.

—Tudo bem, Bento. Eu prometo ficar longe dele se isso te deixa feliz.

Depois disso ficamos em silêncio por um tempo, um silêncio um pouco chato. Como se algo não finalizado estivesse pairando sobre nós. Porém esse incômodo dura pouco, somente até que sinto meu estômago se contorcer de fome. Como é possível que eu já esteja desse jeito? Nós jantamos antes de pegar a estrada. Resolvo não falar nada, mas de que adianta me calar se nesse momento meu estômago ronca alto? Nós nos olhamos e caímos na gargalhada. Acabando com aquele clima esquisito.

—Meu Deus Malu, você tem um bebê aí dentro ou um alien? Porque esse barulho não pode ser normal.

—Cala a boca e arruma logo um lugar para a gente comer.

Continuamos na estrada por mais trinta minutos e nada de aparecer um restaurante, acabamos avistando um bar que fica ao lado de um posto de gasolina e resolvemos parar, assim podemos comer e abastecer. Bento diz para eu ir entrando e pedindo nossa comida para adiantar que ele vai encher o tanque e já me encontra.

Entro no local um pouco escuro e congelo, esse lugar está caindo aos pedaços. Em uma mesa no canto tem uns caras muito estranhos que estão me

encarando. Merda! Finjo que não vejo e vou até o bar perguntar se eles ainda estão servindo algum tipo de comida, e a atendente, uma mulher de meia idade, diz que só tem bebidas alcóolicas, refrigerante e alguns petiscos.

Sinto os olhos daqueles caras em mim o tempo todo, isso está me deixando nervosa, então peço a mulher batatas fritas e frango para viajem. Não quero comer aqui, estou com uma sensação muito ruim.

Estou ansiosa esperando o pedido quando alguém para ao meu lado e sussurra bem no meu ouvido.

—O que um docinho como você está fazendo por aqui?

Sinto um arrepio na espinha e fico estática. Não respondo nada. Não consigo.

—O que foi delícia? O gato comeu a sua língua?

Não olho para ver quem é, mas eu sei que é um dos caras que estavam me encarando. Fico sem saber o que fazer, minha vontade é de sair correndo, na verdade eu deveria fazer isso, mas não consigo me mover e ele segura meu braço. —Está com medo de mim? Não precisa ter medo docinho, não vou te morder, a não ser que você peça.

Meu corpo inteiro trava. Eu preciso reagir.

—Algum problema por aqui? — Graças a Deus! Ouço a voz do Bento para logo em seguida sentir seu corpo ao meu lado e suas mãos puxando minha cintura para ele. O estranho então é obrigado a me soltar.

—Problema nenhum cara, só estava tendo uma conversa com esse docinho aqui. — A forma como ele diz "docinho" está embrulhando o meu estômago, sinto que posso vomitar a qualquer momento. —Não sabia que ela estava acompanhada.

—Sim, ela está.

O homem olha para nós dois de forma estranha, como se estivesse nos avaliando e para o olhar no relógio de pulso do Bento. Uma vez ele me contou que esse relógio foi um presente do seu pai quando ele fez 18 anos, eu sempre disse a ele para não ficar usando um relógio tão caro pelas ruas porque chama muita atenção, mas ele nunca me deu ouvidos.

O cara dá um sorriso de lado, levanta as mãos em sinal de rendição e senta na banqueta próxima a nós, mas continua nos observando.

Bento está tenso, eu posso sentir pelo jeito que ele está apertando a minha cintura. Seus dedos estão me esmagando. Nós precisamos sair daqui.

A atendente aparece com o nosso pedido e o Bento dá a ela seu cartão, percebo que o cara franze a testa e se levanta. Merda! O cartão do Bento é daqueles que só pessoas com dinheiro tem, de contas exclusivas.

Falo baixinho. —Bento, a gente precisa sair daqui. Esses caras não param de nos encarar, ele viu seu cartão e ficou de olho no seu relógio.

—Eu sei. Vá andando para o carro que eu estou logo atrás de você.

Viro e começo a caminhar, Bento está logo atrás de mim com a sacola de comida na mão. Assim que abrimos a porta vejo todos eles se levantando. Escuto um deles falar alguma coisa, mas não sei o que é, só ouço o Bento falar: —Rápido!

Olho para trás e vejo que eles estão andando rapidamente na nossa direção e apresso os meus passos.

Quando estamos quase alcançando o carro ouço um deles dizer: — Vamos fazer agora ou vamos de perseguição? Mas já aviso que a docinho é minha! — É o mesmo cara que me abordou no bar.

Entramos no carro e o Bento na mesma hora liga o motor, acelerando e cantando pneu pelo estacionamento, pegando a estrada logo em seguida.

Olho para trás e não vejo nada. A estrada está escura e deserta. Meu coração está acelerado. Viro o rosto para o Bento e vejo ele apertando o volante com força.

Ele respira fundo algumas vezes. Sinto o desespero querer tomar conta de mim.

—Bento... está tudo bem, eles...

—Malu, eles vão vir atrás da gente. Até chegarmos a próxima cidade falta uns vinte minutos, e até lá só teremos essa estrada pela frente. — Nesse momento vejo um farol de carro se aproximando atrás de nós em alta velocidade.

—Bento, pelo amor de Deus! O que a gente vai fazer?

—Eu não vou parar, Malu. Não importa o que aconteça. Se eu parar eles vão te machucar, e isso eu nunca vou permitir. Eu jurei que protegeria vocês, e é isso o que eu vou fazer. — Ele diz e segura minha mão, então

afunda o pé no acelerador e o carro vai tão rápido que tudo do lado de fora é apenas um borrão. Me seguro como posso e o Bento solta minha mão para segurar o volante que começa a trepidar.

Olho para trás e o carro está cada vez mais perto, olho para o lado e vejo que estamos próximos de um barranco. Não temos para onde ir.

Escuto barulho de tiro e me abaixo. —Ai meu Deus, eles estão atirando.

Bento não me olha, só continua acelerando. Desespero toma conta de mim, coloco a mão na minha barriga como se eu pudesse proteger meu filho e começo a pedir a Deus que nos proteja.

Viro meu rosto de novo e vejo que o carro que estava atrás de nós pega a contramão e fica ao nosso lado. O cara que estava tentando se aproximar de mim no bar dá um sorriso no banco do carona, como se estivesse adorando tudo aquilo. Aquela perseguição.

Olho para o Bento, mas ele está concentrado na estrada e não vê quando o homem aponta a arma na direção dele. Meu coração acelera, e antes que eu possa gritar ou esboçar qualquer reação um tiro é disparado, escuto o barulho de vidro se quebrando e sinto o carro derrapando e girando sem controle, saindo da estrada.

Caímos no barranco e o carro começa a capotar. Parece que tudo está em câmera lenta, e meu único pensamento é tentar proteger meu bebê. Sinto minha cabeça bater com força no vidro da porta e minha visão começa a ficar turva. Tento olhar para o lado, preciso saber se o meu amigo está bem, se o tiro pegou nele. *Por favor Deus, nos ajude.* Sinto uma nova pancada na cabeça e começo a perder os sentidos, a última coisa que consigo fazer é segurar a minha barriga com força, e então... tudo fica preto.

***

Sinto meu corpo sendo carregado e colocado em uma superfície dura, sinto algo em volta do meu pescoço, mas não consigo abrir os olhos. Estão mexendo no meu corpo, o que está acontecendo? Então me lembro, a viagem, o bar, os homens, a perseguição, o tiro, o carro derrapando e saindo da estrada, meu filho, BENTO! Preciso ver o Bento, preciso saber se meu filho está bem.

Deus, por favor, me ajuda!

Forço minhas pálpebras, eu preciso abrir os olhos.

Sinto dor por todo o meu corpo, minha cabeça está pesada. Ouço alguém dizer: —Ela está mexendo os olhos. — Mas não consigo me mover, apenas escuto barulho de sirene e pessoas correndo.

Depois de muito esforço consigo abrir um pouco meus olhos, está tudo turvo, minha visão está embaçada e minha cabeça latejando. Vejo um homem, um bombeiro, ele está dizendo algo para alguém, mas não consigo entender o que é nem ver com quem ele fala.

Meus olhos começam a se fechar, eu vou perder a consciência. Não, eu não posso me entregar. Tenho que lutar para manter meus olhos abertos, e o bombeiro está pedindo para eu ficar com ele. Eu estou tentando, mas está cada vez mais difícil. Abro a boca, apenas um pouco, e apenas isso faz com que a dor na minha cabeça se intensifique, mas a voz não sai. —Ela está tentando falar alguma coisa. Fica calma, não faça esforço, nós vamos te tirar daqui.

Eu preciso falar, preciso que eles saibam do meu bebê, preciso saber do meu amigo, ele tem que estar bem.

O homem percebe que eu não vou desistir e coloca o ouvido perto da minha boca. Eu uso todas as forças que tenho para dizer em um sussurro. — Bento... Eu... Grávida. — E então a escuridão me puxa e eu não posso mais lutar, não tenho mais forças. Me entrego a inconsciência, e novamente tudo fica preto.

Capítulo 9

Guilherme

Coloco uma blusa de botões na cor azul, calça jeans e tênis branco, borrifo um pouco de perfume e ajeito meu cabelo, olho no espelho e gosto do que vejo, estou pronto para ir à caça.

As mulheres costumam dizer que pareço um Deus grego, alto, cabelo loiro escuro, olhos azuis e corpo sarado. Isso, claro, me faz pegar muita mulher, muita mulher mesmo. Fora a minha conta bancária lógico, pois se tem algo que chama a atenção delas é um homem bonito com uma conta bancária generosa.

Já perdi as contas de quantas mulheres acharam que iam me prender. Umas se faziam de santas, outras achavam que iam me oferecer algo inédito na cama, e haviam até aquelas que fizeram jogo duro para que eu sentisse como se fosse um desafio, mas no fim eram todas iguais. Todas queriam a mesma coisa, casamento.

Termino de me arrumar, pego as chaves do carro e saio do local que apelidei carinhosamente de "abatedouro". Meus amigos dizem que sou louco por manter uma cobertura de frente para a praia só para comer mulher, mas o que eles não entendem é que eu jamais levaria uma qualquer para baixo do mesmo teto que meus pais. Posso ter muitos defeitos, podem me chamar de muitas coisas, mas se tem algo que nunca vão poder falar é que não os respeito.

Tenho um amor sem fim pela Dona Marta e pelo Sr. Luiz, são meus exemples de vida, caráter e julgamento. Há muito tempo atrás eu pensava que queria ter um relacionamento igual ao deles, cheio de amor, carinho e companheirismo, mas com o passar do tempo percebi que o que o meu pai encontrou na minha mãe é coisa de um em um milhão, que o amor é para poucos. E agora, enquanto curto a minha solteirice, percebi que não quero estar amarrado a alguém tão cedo. Para falar a verdade acho que nunca vou querer. Não quero ter que dar satisfação da minha vida a ninguém, muito menos comer a mesma mulher todos os dias.

Para que me prender a uma se posso ter todas? Esse é o meu lema.

Enquanto espero o elevador chegar envio uma mensagem de texto aos meus amigos avisando para me encontrarem na boate mais luxuosa da região.

Hoje quero curtir a noite inteira, beber e sair de lá com uma mulher bem gostosa para me saciar. Isso é o que eu digo a mim mesmo enquanto entro no elevador, mas a verdade é que quero me entorpecer e esquecer o que me aguarda amanhã, o dia que meu irmão estará de volta à cidade, mas propriamente à nossa casa.

Não consigo dormir direito desde o dia que cheguei em casa de mais um dia de trabalho e minha mãe estava eufórica para me contar sobre a volta dele.

Desde esse dia só consigo pensar naquela maldita noite a anos atrás, naquela boate, e em tudo o que aconteceu depois. Queria não ter que encará-lo, não sei como será a sua reação, afinal nunca mais ficamos frente a frente, o problema é que eu não tenho mais como fugir, esse reencontro já foi adiado por muito tempo, e finalmente chegou o momento em que vamos ter que resolver os nossos problemas.

Mas isso será amanhã, porque hoje é uma outra história. Preciso me desligar disso tudo ou vou enlouquecer.

Saio do elevador ainda com os pensamentos um pouco distantes, e quando estou chegando no meu carro, no estacionamento do prédio, meu telefone começa a tocar, o pego do bolso, olho o visor e atendo com um sorriso no rosto. —Boa noite, Dona Marta.

—Meu filho, onde você está? Posso saber onde o senhor se meteu? Você sabe muito bem que seu irmão chega essa madrugada, e que eu quero você aqui para que possamos tomar o café da manhã juntos como há muito tempo não fazemos. — Ela está nervosa, e como de costume fala sem parar. Quando ela fica assim, ansiosa, ninguém a segura.

—Eu não vou dormir em casa hoje, mãe. — Ela já ia começar a reclamar quando eu a corto. —Mas antes que comece o sermão, fica tranquila que estarei aí para o café da manhã como a senhora deseja. Só tente não enfartar até lá, porque do jeito que está nervosa, não duvido nada que caia durinha aí. — Digo e dou uma gargalhada, porque já imagino a cara que ela

está fazendo.

—Vira essa boca para lá porque eu estou falando sério Guilherme. Você sabe que o que eu mais quero na vida é ver minha família reunida de novo. Até hoje não entendo porque o Bento teve que ir para tão longe de nós. Mas isso não importa mais, ele está voltando, e ao que tudo indica está trazendo junto a namorada dele. — Ela fala animada.

Paro os meus passos na hora. Como assim namorada? Meus pais não sabem, na verdade ninguém do nosso meio sabe, mas o Bento é homossexual. É um segredo que na nossa família só eu sei, praticamente guardado a sete chaves, e é por essa razão que a notícia de trazer namorada com ele me deixou um tanto confuso.

—Como assim namorada, mãe?

—Eu não sei, Gui. — Minha mãe me chama assim desde pequeno, e apesar de gostar, mas nunca admitir, sempre que ela usa esse apelido eu reviro os olhos. —Só sei que ele disse que estava trazendo uma "amiga" com ele. — Ela dá ênfase na palavra amiga. —E que ela iria ficar na nossa casa conosco. Eu posso ser velha, mas não sou burra e muito menos tapada. Tenho certeza que finalmente ele está trazendo minha nora para nos apresentar.

Sinceramente, não sei o que está acontecendo, mas com toda certeza desse mundo essa mulher que ele está trazendo não é namorada dele. Mas não vou falar nada para minha mãe agora, não antes de descobrir quem é essa mulher e por qual motivo Bento está trazendo ela para dentro da nossa casa.

—Entendi, então agora acalma o seu coração que amanhã a gente descobre quem é a "amiga" do Bento. Agora tenho que desligar Dona Marta, estou saindo de carro e sei que a senhora me mataria se eu ficasse falando enquanto dirijo.

—Está indo para onde? Deixa, eu prefiro não saber, porque sei que não vou gostar da resposta. Te espero amanhã, e não se atrase. Amo você e cuidado na rua. — Ela diz e desliga. Minha mãe consegue ser dura, engraçada e carinhosa ao mesmo tempo, essa Dona Marta não existe.

Guardo o telefone e fico sentado no carro dentro do estacionamento um tempo tentando entender tudo o que minha mãe disse. Amiga? Por que o Bento iria insinuar que está trazendo uma namorada com ele? Não tem lógica nenhuma nisso. Quando minha mãe disse que ele estava voltando pensei que

ele ia finalmente se assumir. Pelo visto estava enganado.

Sou tirado dos meus pensamentos com o telefone tocando novamente, o pego já pronto para recusar a chamada da minha mãe quando vejo que é a Lia, minha foda fixa. Sim, eu tenho uma foda fixa. Quem não tem? Transo com a Lia há mais de um ano, ela assim como eu não quer compromisso, diz que não nasceu para essa coisa de namorar, noivar e casar. Então juntamos o útil ao agradável, eu tenho minha vida, ela a dela e quando estamos a fim transamos sem compromisso e sem amarras.

Além do sexo incrível ela também é minha amiga e sabe de tudo o que aconteceu entre mim e meu irmão, só que de uns tempos para cá eu tenho reparado que ela está ficando um pouco pegajosa demais e tenho medo que possa estar confundindo as coisas e complicando nossa relação. Então o melhor que tenho a fazer é não atender sua ligação.

Hoje eu quero algo diferente, eu quero esquecer qualquer familiaridade, quero algo novo.

***

Chego na boate e logo encontro meus amigos, a pista de dança está lotada, frenética.

Vamos para nosso camarote habitual de onde podemos ver tudo o que acontece lá embaixo. Peço um uísque e fico ali batendo papo com os caras, mas logo vejo um grupinho de mulheres dançando sensualmente na pista e olhando na nossa direção. Elas começam a sensualizar umas com as outras, rebolando com os corpos grudados em movimentos quase obscenos. São todas lindas e gostosas, mas uma em especial me chama atenção, uma loira com um corpo escultural que dança sem tirar os olhos de mim.

E como tudo acontece na minha vida, o que eu quero eu tenho.

Faço um sinal para o segurança pedindo que oriente as meninas a subirem para onde estamos, fico observando e não há nenhuma hesitação da parte delas. Mulheres fáceis, tudo o que um homem gosta. Pegar, comer e descartar.

Elas já chegam com aqueles sorrisos safados e a loira vem direto na minha direção. Ela já sabe que essa noite vai ser minha.

Pergunto o seu nome e o que ela quer beber, ela se apresenta como Amanda e pede um dos drinks mais caros que a casa tem. Mais uma

confirmação do tipo que ela é, mas não me importo, eu dou o que ela quer e ela me dá o que eu quero, simples assim.

Ela toma sua bebida calmamente, lançando olhares e sorrisos que acha sedutor. Estou cansado de toda essa encenação. Para que jogo de sedução? Está claro o que vai acontecer depois que sairmos daqui.

Puxo seu pulso e colo seu corpo ao meu, coloco minha boca na sua e a beijo com vontade, nada de perguntar se ela quer me beijar ou ficar de carinho, nosso beijo é quase erótico, cheio de línguas e mãos, um verdadeiro amasso. Não estou nem aí que tem outras pessoas a nossa volta, ela queria isso tanto quanto eu.

Ela puxa meu cabelo e geme, em resposta aperto sua bunda para que ela possa sentir minha ereção. Porra, preciso transar logo. —Vamos sair daqui e ter um pouco de diversão? — A safada como resposta segura no meu pau e sorri. Eu não penso duas vezes, me despeço dos caras e a arrasto para fora daquele lugar.

Quando chegamos ao carro a pressiono na porta do carona e tomo sua boca na minha de novo, passo minha mão pelo seu corpo enquanto a outra permanece na sua nuca, não deixando ela se afastar. Meu pau está duro, e ela não para de rebolar e gemer, então resolvo parar senão vou ser preso por atentado ao pudor ao comer ela aqui mesmo no estacionamento.

Entramos no carro e seguimos para o meu apartamento, no caminho olho para ela que está com a palavra "tesão" estampada no rosto. Olho para sua boca e digo: —Quero sua boca no meu pau. — Ela não pensa duas vezes, abre minha calça e coloca meu membro para fora e para ele com os olhos arregalados. Sei que sou grande, e nem todas as mulheres que saio estão acostumadas com isso, mas ela não se detém e começa a me chupar.

Porra! Ela é boa.

Solto um gemido baixo, a desgraçada sabe o que faz. Parece uma profissional. Ela sobe e desce com maestria, colocando quase todo ele na boca. Seguro o volante com uma das mãos e com a outra puxo seu cabelo, ela continua com os movimentos sem parar, seguindo meu ritmo. Ela também usa a mão para me masturbar na parte que não cabe em sua boca. Ela realmente é profissional, se continuar vou gozar aqui mesmo e acabar causando um acidente. Então puxo sua cabeça e digo: —Daqui a pouco você continua. — Ele me dá aquele sorriso safado e volta para o seu lugar,

limpando o canto da boca e se mexendo inquieta, sei o quanto deve estar molhada.

Chegamos ao prédio e vamos direto para o elevador, encosto ela na parede e esfrego meu pau em seu estômago para que ela possa sentir o quanto estou excitado, ela geme e me puxa ainda mais para si, parece que quer se fundir a mim ali mesmo.

O elevador apita dizendo que chegamos a cobertura e a puxo direto para o quarto, não dou tempo para que ela olhe para nada e muito menos diga alguma coisa, hoje eu só preciso foder.

A pressiono na porta e desço minha mão pela sua barriga, abrindo suas pernas com meu joelho, ela não oferece nenhuma resistência, do jeito que eu gosto.

Coloco minha mão dentro da sua calcinha e acaricio seu clitóris tranquilamente, ela geme na minha boca e empurra a boceta na minha mão. Continuo com movimentos preguiçosos, quero que ela saiba o que está por vir, e enquanto isso devoro sua boca com a minha. Ela está pingando de tanto tesão, e meu pau cada vez mais duro.

—Tire a roupa e fique de quatro na cama. — Ela obedece sem tirar os olhos de mim, e quando desce o vestido e vejo seu corpo malhado de academia, meu tesão aumenta ainda mais.

Depois do seu pequeno show ela engatinha na cama para ficar na posição que eu ordenei, e quando estou prestes a avançar nela escuto meu celular tocar.

Mas que porra!

Puxo o telefone e vejo o nome da minha mãe na tela, ela e sua euforia já estão me deixando irritado. Ignoro a chamada e pego uma camisinha na mesa de cabeceira já a desenrolando em mim, o telefone começa a tocar de novo e eu ignoro novamente, na terceira chamada o desligo, amanhã eu lido com a Dona Marta.

Olho para minha cama e vejo a loira ali, de quatro me esperando com as pernas abertas pronta para me receber. Passo meu pau em sua fenda calmamente, fazendo ela se contorcer cada vez mais, e quando ela menos espera, em um único impulso, entro em sua boceta com todo meu comprimento. Ela grita, sei que não esperava por isso, então dou um tempo

para ela se ajustar, não sou tão insensível assim, mas só me seguro até que ela comece a rebolar e pedir por mais, então aperto seus seios e começo a entrar e sair cada vez mais rápido, mordendo seu pescoço, costas e nuca. Ela geme e rebola cada vez mais excitada.

Com uma das mãos seguro seu quadril e com a outra acaricio seu clitóris, sinto ela se contrair e sei que ela vai gozar. Seguro seu quadril com ambas as mãos agora, para ter apoio e começo a socar com vontade, sei que amanhã ela terá as marcas das minhas mãos ali, mas não me importo. Abro sua bunda e vejo meu pau entrando e saindo da sua boceta, isso só me deixa mais alucinado. Ela grita e sinto espasmos apertando meu pau, então sei que ela gozou, mas continuo entrando e saindo até que sinto aquele formigamento nas bolas, dou um tapa com força na sua nádega direita e me deixo levar. Fecho os olhos e gozo, continuando o movimento de vai e vem até a euforia do momento passar.

Abro os olhos e vejo a loira respirando pesadamente deitada de bruços na cama. Deito por cima dela e falo no seu ouvido. —Você tem cinco minutos para se recuperar, porque a noite ainda não acabou, e eu quero que você termine o que começou no carro. — Seus olhos brilham de excitação, e eu já sei que essa será uma noite longa e muito gostosa.

***

Acordo com o sol entrando pela janela e sinto aquela sensação gostosa de saciedade que só uma longa noite sexo pode trazer. Esfrego os olhos e viro o rosto para a janela, ainda está amanhecendo, mas vou levantar e correr um pouco pela orla antes de ir para casa.

Sinto algo se mexer ao meu lado. *Merda! Ela dormiu aqui.* Se tem uma coisa que odeio é isso, ter que enxotar a mulher de manhã da minha cama.

Pode parecer bruto da minha parte, mas se elas não saem quando ainda é noite, quando amanhece querem repetir a dose, tomar café e daí pedir telefone e marcar encontro. É sempre a mesma ladainha. Mas essa mulher aqui ao meu lado é boa no que faz e transamos quase a noite toda, então ela praticamente desmaiou quando terminamos, e eu como estava cansado acabei dormindo também.

Levanto e tomo um banho para despertar de vez, quando volto para o quarto ela está sentada segurando o lençol na altura dos seios e me olhando com uma cara que ela acha que é sedutora.

—Bom dia, Gui. Volta para a cama, vamos continuar de onde paramos. — Ela diz acariciando o lençol ao lado dela. E aí está o problema. Na verdade, os problemas. Primeiro, me chamar de Gui, só minha mãe me chama assim. A Lia também, mas já desisti de tentar fazer ela parar com essa merda. Segundo, continuar com o que paramos, elas nunca entendem o que é sexo casual.

—Bom dia, Amanda. — Sim, eu lembro o nome dela. Não sou um bastardo para nem me lembrar o nome da mulher com quem eu transei. — Estou atrasado, então se você não se importa estou chamando um táxi para te levar até onde você quiser.

Ela me olha como se eu tivesse duas cabeças. —Como assim? Depois de tudo o que fizemos achei que passaríamos a dia juntos, ou pelo menos que tomaríamos o café da manhã.

—Achou errado. Tenho um compromisso. Então se me der licença. — Digo apontando para a porta com a cabeça. Ela faz um beicinho, que deve achar bonito, pensando que vai me fazer mudar de ideia, e quando vê que continuo olhando sério para ela, se levanta com raiva e pega suas roupas do chão.

Enquanto ela se veste pego meu telefone para chamar um táxi e vejo que ele está desligado. *Merda, minha mãe.* Vou ter que enfrentar a fúria dela em breve.

O telefone ainda está iniciando quando ouço a porta do quarto ser fechada com força, e logo após a batida da porta principal. Vou até a sala só para ter certeza que ela foi embora e encontro apenas o silêncio. *Certo, menos um problema.*

Quando enfim o telefone liga, sou bombardeado com ligações perdidas e mensagens da minha mãe e do meu pai. Porra, que merda é essa? Mas antes que eu possa ler qualquer um dos textos o telefone começa a tocar e o nome do meu pai ilumina a tela.

—Pai? — Pergunto preocupado.

—Guilherme, pelo amor de Deus! Onde você está que não atende esse telefone? — A voz do meu pai está tensa, e eu escuto minha mãe falando ao fundo. —Luiz, pelo amor de Deus! O meu filho... — Ela está chorando?

—Pai, eu estou bem. Fala para a mãe se acalmar, o que houve?

—Você precisa vir rápido para cá meu filho, eu... — Meu pai para de falar no meio da frase.

—O que aconteceu, pai? — Começo a ficar nervoso, coloco o telefone no viva voz enquanto vou colocando as roupas.

—O seu irmão... ele... ele sofreu um acidente de carro, e eu não sei, ah meu Deus Guilherme, eu não sei se ele vai sobreviver.

Meu corpo todo trava.

Meus movimentos cessam.

Não respondo.

Não respiro.

Não choro.

Não tenho reação.

Só sinto meu coração acelerar e a culpa de novo me inundar, porque mais uma vez o meu irmão precisou de mim e eu não estava lá por ele.

Capítulo 10

Guilherme

—Guilherme... Guilherme... você está aí? — Ouço meu pai gritar do outro lado da linha, mas minha cabeça não consegue focar no que ele está dizendo, só consigo lembrar do meu último encontro com o Bento.

Sentado no sofá do meu apartamento continuo olhando fixamente para a porta. Eu sei que ele está vindo para cá. Não tenho como evitar esse momento, e em menos de 30 segundos a porta é aberta e ele entra com tudo. Mas ao me ver para e respira fundo como se estivesse tentando se controlar.

—Eu só quero te falar uma coisa. Esquece que eu existo. — Ele diz com ódio, com desprezo. Nunca vi o Bento assim. —Esquece que um dia você teve um irmão, porque a partir de hoje a minha relação com você acabou. Eu só vou dirigir a palavra a você na frente do pai e da mãe porque eu não quero ter que ver eles sofrendo por causa de um problema que é só nosso.

Eu não falo nada porque não sei o que dizer.

—Você, dentre todas as pessoas desse mundo, era a última que eu esperava que me virasse as costas. Mas você provou que eu estava errado, que é um idiota machista como todos os seus amigos. Então, continue vivendo nesse seu mundinho de merda, porque um dia, quando você perceber o babaca que se tornou, será tarde demais. — Meu irmão termina de falar, vira as costas e sai do meu apartamento. Enquanto isso eu continuo sentado na mesma posição, ainda entorpecido pelas palavras dirigidas a mim.

Passo o final de semana inteiro trancado sozinho naquele lugar, não consigo falar com ninguém, nem quero ver ninguém. Minha mãe me liga sem parar, mas eu não quero falar com ela agora, preciso colocar minha cabeça no lugar e entender toda essa merda.

No domingo à noite decido ir para casa disposto a conversar com o Bento, esclarecer toda a situação, entender o seu lado e explicar o motivo das minhas ações, mas quando chego lá encontro minha mãe chorando. Ela corre para me abraçar e diz que o Bento foi embora, que um amigo dele de

outra cidade o chamou para trabalhar na sua empresa e ele aceitou, e como precisava com urgência ele se foi prometendo voltar em breve para resolver algumas pendências que deixou por aqui.

Ela soluça e diz que não entende o por que dele ter ido para tão longe de nós, da nossa família que sempre foi tão unida. Ela não sabe o verdadeiro motivo e eu não tenho coragem de contar a ela. Digo a mim mesmo que estou fazendo isso para que ela não se decepcione com o Bento e com tudo o que aconteceu, mas a verdade, que eu só enxerguei muito tempo depois, é que eu era um covarde para admitir o babaca que me tornei, um homem machista e egocêntrico que só pensava na própria vida.

Volto para o presente e escuto meu pai dizendo que estão no hospital esperando notícias.

—Pai, qual hospital? Eu estou indo para aí agora.

Ele me passa o endereço e eu saio às pressas. Não lembro direito como cheguei no estacionamento do prédio, ou como saí com o carro, o tempo todo o olhar de raiva e decepção do Bento não saíam da minha cabeça. *"Esquece que um dia você teve um irmão"*. Essas palavras não param de martelar na minha cabeça.

Merda! Soco o volante com raiva.

Eu achei que com a volta dele nós poderíamos finalmente colocar um ponto final em toda essa história, que aos poucos iríamos poder voltar ao que éramos antes.

Quando dou por mim já estou na frente do hospital, estaciono meu carro em qualquer vaga e saio, mas não consigo andar, as palavras do Bento continuam voltando.

Esquece que eu existo.

Ouço o barulho de uma sirene e vejo uma ambulância parando às pressas na porta do hospital, e é quando eu caio em mim, me lembrando que tenho que ver como o meu irmão está. Obrigando o meu corpo a reagir.

Corro para a ambulância para ver se é o Bento, mas eles tiram dali uma mulher em uma maca, ela está imobilizada e inconsciente, não consigo ver direito porque eles correm com ela para dentro, só ouço um enfermeiro dizer: —Mulher, 26 anos, inconsciente, mas estável... — Ele continua falando, mas já não consigo ouvir pois entraram no hospital.

Entro logo atrás e vou direto para a recepção, como o dia está amanhecendo o local ainda está vazio. Explico para a recepcionista, uma senhora por volta dos cinquenta anos, sobre meu irmão e ela procura por ele em seus registros, diz que ele deu entrada há algum tempo na emergência, mas que só tem essa informação até o momento. Ela me indica onde fica a sala de espera e eu me dirijo para lá, mas travo quando chego na porta. Eu sei que preciso entrar, mas simplesmente não consigo.

Acabo ficando do lado de fora por uns 20 minutos tentando me acalmar, sei que minha mãe vai estar sem chão. Ela sempre foi uma mulher que prezou muito pela família, principalmente pelos seus filhos, seu sonho não era ter dinheiro ou status, ou comprar joias, nem mesmo fazer viagens caras pelo mundo, seu maior sonho era ver os seus filhos felizes, casados e com filhos, alcançando todos os seus objetivos.

Um médico passa por mim e entra na sala, então sei que tenho que criar coragem e enfrentar a situação.

Abro a porta esperando ver a Dona Marta arrasada, mas nada no mundo poderia me preparar para a cena que vejo a minha frente.

O médico está em pé de frente para os meus pais falando com eles, vejo minha mãe cair de joelhos no chão e gritar, um grito que transmite tanta dor que sinto no fundo do meu peito todo o seu desespero. Meu pai cai ao seu lado, a segurando, a puxando para os seus braços, ela soluça e acena que não com a cabeça para ele que segura seu rosto com as duas mãos e pede que ela o escute.

Eu não consigo me mover, eu não consigo respirar. Não. Ele não pode estar morto. Não. Não o meu irmão.

—Marta, olha para mim. — Ele chama minha mãe em vão, ela continua negando com a cabeça. —Olha para mim, Marta. Agora! — O meu pai diz, tentando fazer com que minha mãe olhe para ele. —Ele não morreu! — Ele grita e segura o seu rosto com as mãos, a obrigando olhar para ele. —Ele não morreu! Nosso filho está vivo!

Minha mãe abraça o meu pai, seu alívio é tão grande que me inunda também. Estou tão concentrado neles que não percebo quando o médico se aproxima de mim.

—Você é da família?

Tiro os olhos dos meus pais que ainda estão no chão e viro o rosto para o médico. —Sim, são meus pais. Meu irmão... ele está bem? — Preciso confirmar que ele está vivo e bem.

—Seu irmão está vivo. Mas infelizmente o quadro dele é grave, o socorro demorou um tempo para chegar porque poucas pessoas usam aquela estrada. Vou conversar com você porque seus pais estão muito abalados, sua mãe nem conseguiu entender quando expliquei o quadro do Bento e já pensou o pior, então é melhor você conversar com eles depois, quando estiverem mais calmos. — Assinto com a cabeça, não tenho como falar nada nesse momento. —Não sabemos o que causou o acidente, sabemos apenas que o carro saiu da estrada, logo depois caiu em um barranco e capotou algumas vezes. Pelo que a equipe dos socorristas nos passou o impacto maior foi do lado do motorista, o que é estranho, pois geralmente nesses acidentes, por puro instinto, o motorista tende a proteger o seu lado. Você está conseguindo me acompanhar.

—Sim, continue.

—Ele teve uma costela fraturada e traumatismo craniano, teve também uma parada cardíaca na ambulância, mas os paramédicos conseguiram reanimá-lo. Pelos exames que fizemos o inchaço no cérebro é preocupante, mas estamos fazendo de tudo para salvá-lo. Nesse momento ele está sendo preparado para uma operação na cabeça. Não vou mentir para você, o estado dele é crítico, mas posso garantir que ele está em boas mãos, sou neurocirurgião e minha equipe está pronta para fazer o possível para que ele fique vivo.

Vejo minha mãe em um rompante levantar do chão com os olhos arregalados e andar na nossa direção.

—Mãe, fica calma. O Bento está vivo, vai entrar em cirurgia, e assim que tiver mais informações eles vão passar para a gente. O que importa é que ele está vivo.

Ela me olha e suspira, sei que meu pai já a acalmou um pouco, mas em seguida ela olha para o médico pedindo sua confirmação.

—Exatamente isso que seu filho disse. Eu tenho que ir agora, ele já deve estar pronto para ser operado. Em breve vocês terão notícias. Havia também uma mulher no carro com ele, mas o contato de emergência dela era o Bento, então não tínhamos ninguém para acionar.

—Meu Deus, esquecemos que ele não estava vindo sozinho. — Minha mãe diz e coloca a mão no coração. —Como ela está?

—O quadro dela é estável. Por incrível que pareça ela e o bebê estão bem.

—Bebê? — Minha mãe diz com espanto.

—Sim, vocês não sabiam? — Meu pai nega com a cabeça. —Eu não estou cuidando do caso dela, mas pelo que soube ela está com mais ou menos 8 semanas de gestação, e é um verdadeiro milagre o feto ter sobrevivido a um acidente dessa proporção. — Ouvimos o autofalante do hospital soar e o nome do médico ser chamado pedindo que se dirigisse ao centro cirúrgico. Ele olha para a minha mãe antes de sair e diz. —Tenho que ir, mas tenha certeza que farei de tudo para que o seu filho fique bem.

Olho para minha mãe que ainda está processando tudo o que o médico acabou de dizer, ela então parece se dar conta de algo e coloca a mão no peito do meu pai, o encara com um olhar esperançoso e diz: —Luiz, nós vamos ser avós.

O que? Penso assim que ela termina de falar, mas quem externa isso é o meu pai.

—O que? — Ele diz e olha incrédulo para a ela.

Já eu? Estou atônito. Completamente sem fala.

Como assim avós? Ela não pode estar pensando que essa criança é do Bento.

Puta que pariu.

Será que o Bento armou essa história de trazer mulher para casa só para os meus pais não descobrirem que ele é gay? *Porra!* Isso não faz o menor sentido, ainda mais envolvendo uma criança. Isso não ser parece com o meu irmão.

—Calma Marta. Nós nem sabemos direito quem é essa mulher, não a conhecemos e nem sabemos se ela é realmente namorada do Bento. — Meu pai diz, mas os olhos esperançosos da minha mãe mostram que nada do que a gente falar irá adiantar.

—Eu posso não conhecer essa mulher, mas eu conheço o meu filho. E quando ele me ligou disse que estava trazendo uma amiga para casa.

Obviamente essa "amiga" de amiga não tinha nada, era namorada dele, e se ele estava voltando para casa e trazendo ela junto, assim do nada, é porque estava precisando de nós. — Ela para um pouco e fica pensativa, então seu rosto se ilumina. —Claro! Tudo faz sentido agora. — Ela diz e esboça um sorriso, mesmo que seu semblante ainda permaneça triste. —Ele disse que tinha uma surpresa para mim, eu insisti que ele me contasse e ele disse que só contaria uma parte, que era trazer essa amiga com ele, e que não adiantava que o restante só me contaria aqui.

Minha mãe para de novo de falar e eu encaro meu pai que aparentemente também não está comprando essa história. —Marta...

Ele tenta a interromper, mas ela não deixa, seus olhos se enchem de lágrimas e ela continua a falar. —Ai meu Deus! No meio de tanta tragédia eu descubro que vou ser avó. — As lágrimas caem em sua face e ela esconde o rosto com as mãos. —Era para ser um momento de pura felicidade e não de tristeza.

Meu pai a abraça e não diz nada, mas eu preciso falar. —Mãe, você está tirando conclusões precipitadas. Vamos nos acalmar, senta um pouco, você sabe que não pode se alterar desse jeito. A cirurgia do Bento vai demorar e não sabemos ainda ao certo o estado dessa mulher.

—Nosso filho tem razão. — Meu pai diz e me olha de uma forma estranha, mas não é a hora de tirar ele do lado da minha mãe para saber o que é. —Senta aqui Marta, você precisa se acalmar, o Bento vai precisar de você bem quando sair da cirurgia.

Eu preciso colocar minha cabeça no lugar. Racionar. Minha mãe está muito abalada e vai se apegar a qualquer parte do Bento que ela possa ter, e isso me preocupa demais. Não sabemos o que realmente aconteceu, quem é essa mulher ou qual a sua índole.

Sento ao seu lado e seguro suas mãos, é a única coisa que posso fazer nesse momento, dar força para ela enquanto tento entender tudo o que está acontecendo.

***

Já se passaram três horas que a cirurgia começou e eu não aguento mais ficar sentado aqui, então resolvo tentar tirar da minha cabeça o que vem me perturbando desde que cheguei ao hospital.

Levanto e falo para os meus pais que irei até a lanchonete comprar algo para comermos, eles dizem que estão bem e não querem nada, mas que eu devo sim ir comer alguma coisa.

Saio e ando pelos corredores, voltando para a recepção. No lugar da senhora de meia idade vejo agora uma morena por volta de uns 20 anos sentada mexendo no celular.

Vou até ela e pergunto se pode me dar uma informação, ela não tira os olhos do telefone e pergunta o nome do paciente.

—Eu não sei o nome da paciente, apenas que sofreu um acidente e deu entrada aqui.

Ainda sem olhar para cima ela diz: —Você é parente?

—Não, mas ela estava...

—Se não é parente não posso dar informação.

Que audácia dessa garota, nem para olhar para cima. Puxo o telefone da sua mão e ela me lança um olhar furioso, pronta para brigar, mas assim que seus olhos param nos meus ela abre a boca e nada sai, então fica vermelha quando coloco no rosto o meu melhor sorriso sedutor.

Eu sei que não devia fazer isso, mas preciso descobrir mais sobre essa mulher sem minha mãe estar presente. Por isso tenho que recorrer a encenação. —Será que agora a gatinha poderia me dar atenção?

—Ahn... claro... senhor... eu... Me desculpe, eu estava resolvendo um problema de família.

—Não tem problema. Sou o Guilherme. — Falo devolvendo o celular para ela e aumentando ainda mais o sorriso. —Então... Bianca. — Leio o nome escrito no crachá. —Eu preciso de uma pequena ajuda. Meu irmão sofreu um acidente e trouxeram ele para cá, mas junto com ele no carro estava sua amiga, só que eu não sei o nome dela e preciso muito acalmar a minha mãe. Ela já está sofrendo demais, então se não for pedir muito, você poderia me dar mais informações sobre ela?

—Claro! Só um momento, Guilherme. — Ela diz corando e começa a digitar no computador. —Qual o nome do seu irmão?

—Bento Carvalho de Moraes.

Ela digita por mais alguns instantes. —Aqui está. Maria Luísa de Assis,

deu entrada no hospital hoje. Pelo que vi aqui nos registros ela está bem, apenas algumas escoriações e cortes por causa do acidente, foi examinada na emergência e direcionada para um quarto.

—E você conseguiria me dizer qual o número do quarto? — Digo e dou uma piscadela para ela.

—S-sim, número 307.

—Obrigada, linda. Mais tarde nos falamos.

E como sempre as mulheres provam que um rostinho bonito e um sorriso encantador conseguem tudo.

Não volto para onde os meus pais estão, vou direto até o quarto da tal Maria Luísa. Chego na porta e vejo que ela está entreaberta, um enfermeiro está saindo.

—Pois não, senhor?

—Bom dia. Sou Guilherme, eu sou... cunhado da Maria Luísa. — Minto, sabendo que esse cara não vai querer deixar eu entrar se eu falar a verdade, que sou um completo estranho e sequer conheço essa mulher. —Ela estava no mesmo carro que o meu irmão na hora do acidente. Ele está em cirurgia e minha mãe está desesperada por notícias dela, então eu queria saber se eu poderia só dar uma olhadinha nela, apenas para ter certeza que está tudo bem e acalmar o coração da minha velha. Ela não vai sossegar se eu não disser que vi com meus próprios olhos que a nora e o neto estão bem.

Ele me encara por alguns segundos até que fala. —Olha, eu não posso deixar você entrar. Mas posso te garantir que ambos estão bem.

—Eu juro que não vou demorar, eu só quero dar uma olhada nela. Por favor, cara. Ninguém vai saber disso.

Ele olha para os lados no corredor como se estivesse conferindo que a barra está limpa e diz. —Tudo bem. Mas presta atenção, a paciente acordou na emergência muito nervosa e teve que ser sedada. Apesar do quadro estável ela não pode se alterar demais por causa do bebê, mas se é para acalmar sua mãe, você tem cinco minutos, depois disso, por favor saia, ou eu vou ter problemas.

Agradeço e espero ele sair da porta e me dar passagem, pelo menos a mentira deu certo.

Quando ele some no corredor eu entro e fecho a porta atrás de mim. O quarto é amplo, arejado, e no meio dele há uma cama com uma mulher deitada com um acesso de soro preso em seu braço esquerdo.

E ali me dou conta que tudo foi em vão, não adiantou de nada todo esse esforço para entrar aqui. Sedada ela não vai poder me explicar quem é e o que fazia com o meu irmão.

Já a vi de longe, então pelo menos vou poder falar para a Dona Marta que ela está bem.

Eu deveria me virar e sair pela porta, certo? Então por que eu não consigo? Continuo parado no mesmo lugar olhando para ela, que parece tão frágil e pequena deitada no meio dos lençóis brancos.

Algo está me atraindo como um imã para ela, uma força que não deixa ficar parado, e quando dou por mim estou caminhando em sua direção.

Não sei que porra está acontecendo, é como seu eu estivesse sendo puxado para ela, e quando paro ao seu lado e olho para o seu rosto sinto que meu coração pode parar a qualquer minuto. Sinto um baque por dentro. Mesmo cheia de arranhões e hematomas e com o lado direito do rosto um pouco inchado, ela é linda. Insanamente linda. Seus cabelos castanhos parecem fazer um contraste perfeito com a sua pele branca.

—Parece um anjo. — Sussurro.

Sinto meu peito se apertar e uma vontade louca de protegê-la com a minha própria vida toma conta de mim.

Que porra eu estou pensando?

Tento mudar meus pensamentos, virar e sair do quarto, mas meu corpo não me obedece e me vejo abaixando para que o meu rosto fique mais perto do dela.

Ela é perfeita!

Não resisto e levanto a mão, passando as pontas dos dedos ao lado do seu rosto que não está tão machucado. A sensação da sua pele na minha é maravilhosa, tão boa que fecho os olhos apreciando uma paz que há muito tempo não sentia.

Puxo a mão do seu rosto assustado com o turbilhão de emoções e sentimentos que surgiram dentro de mim.

Caralho, eu preciso sair daqui.

Estou pronto para levantar e dar um fim ao que quer que seja isso quando vejo que suas pálpebras começam a ficar trêmulas, como se ela estivesse sonhando ou acordando.

Não me movo, parece até que estou prendendo a respiração, e continuo perto dela a encarando**.**

Ela começa a ficar agitada, sua testa se franze e um gemido sai de seus lábios ainda fechados, como se estivesse sofrendo, ou com medo.

Sem que eu possa me parar coloco a mão inteira no seu rosto para acalmá-la, não somente mais as pontas dos dedos. Não sei porque estou fazendo isso, porra. Esse não sou eu. Eu estou fazendo carinho em uma mulher que eu nem conheço, que está inconsciente, mas não consigo me segurar.

Continuo na mesma posição até que ela começa a se acalmar, e mesmo com os olhos fechados um sorriso começa a se formar em seus lábios. Ela calmamente abre os olhos, como se estivesse apenas acordando de um sonho bom, e quando o faz olha diretamente dentro dos meus olhos e eu me vejo preso ali. Ficamos presos um no outro por alguns segundos, é como se ela estivesse buscando conforto em mim, e eu sabendo disso não consigo desviar os meus olhos dela. Então um sorriso imenso aparece em seu rosto, um sorriso lindo que faz seus olhos brilharem, e eu não posso evitar, sorrio em resposta, um sorriso sincero que não dou há anos.

Ela levanta a mão e toca o meu rosto, ainda sem desviar o olhar do meu, como se estivesse copiando o meu gesto com ela. Um toque suave, gostoso, quente, que aquece o meu corpo inteiro. Enquanto ainda sorri abre a boca e sussurra, bem baixinho: —Meu amor. — Fecha os olhos e dorme novamente.

Capítulo 11

Guilherme

O que acabou de acontecer aqui? Que merda está acontecendo comigo que não consigo tirar meus olhos dessa mulher e muito menos minha mão do seu rosto?

Quando ela abriu os olhos senti que poderia me perder dentro daqueles olhos castanhos. Ela me olhou com tanto amor que parecia me conhecer de outras vidas. E quando a toquei e ela fez o mesmo comigo senti como se já tivéssemos repetido esse gesto de carinho milhares de vezes.

Olho para ela de novo, que agora dorme tranquilamente com a minha mão ainda em seu rosto tentando entender pelo menos um pouco do que aconteceu aqui.

Quando ela disse "meu amor" eu senti meu coração acelerar como se eu tivesse acabado de correr uma maratona, sua voz era tão doce e tão meiga que eu gostaria de ouvir ela dizer isso de novo.

Eu gostaria de ouvir sua voz me chamando novamente de meu amor.

Puta que pariu. Pareço um babaca apaixonado falando.

Me dou conta do absurdo que estou pensando e puxo minha mão bruscamente da sua pele. Ela geme em seu sono, como se sentisse que eu a estava deixando, mas não acorda, e a vontade que tenho é de voltar a colocar a mão ali apenas para que ela fique confortável.

Mas que merda! Sai daqui agora, Guilherme!

Vou me afastando lentamente da cama, andando de costas, ainda de frente para ela, não consigo tirar meus olhos do seu rosto, não consigo pensar que ela vai ficar aqui sozinha.

Quando chego na porta do quarto a olho uma última vez antes de sair e fechá-la atrás de mim, na verdade eu me obrigo a fazer isso, e quando o faço sinto meu peito se apertar como se eu estivesse deixando algo precioso para trás.

Que porra é essa?

Sento em uma cadeira próxima e olho fixamente para a parede branca do hospital. O vai e vem de pessoas não impedem que minha mente continue a trabalhar.

O que aconteceu naquele quarto não pode ter sido normal, muito menos as coisas que eu senti, preciso entender que merda aconteceu e porque o meu coração continua apertado e a vontade de voltar lá para dentro só aumenta. De confortá-la. De tirar sua dor, sua agonia.

Coloco o rosto entre as mãos e abaixo a cabeça, forçando meu cérebro a chegar em alguma coisa sólida e contundente para o que acabei de vivenciar.

Penso por longos minutos e por fim chego a uma única conclusão. Levanto a cabeça e sorrio satisfeito.

O que aconteceu foi causado pelas emoções que estou sentindo desde que soube do acidente do Bento. Ela estava com ele e isso me deixou confuso.

Isso! É somente isso!

Foi o stress disso tudo que me fez sorrir e tocá-la daquela forma, que fez eu me sentir daquele jeito. —Graças a Deus cheguei a essa resposta. — Digo para mim mesmo, como se eu precisasse me convencer.

Sou obrigado a sair dos meus pensamentos com o meu celular tocando, puxo do bolso e vejo que é Lia. Resolvo atender logo para que eu possa voltar para os meus pais, e se eu não fizer ela vai continuar insistindo.

—Oi, Lia.

—E aí gato? — Ela diz animada. —Te liguei ontem e você não me atendeu. Achei que ia querer me ver antes do seu irmão chegar. — Em outras palavras, ela achou que eu ia querer transar com ela.

—Lia, esse não é o melhor momento... — Ela me interrompe e volta a falar.

—Mas tudo bem, sei que deve ter sido difícil esse reencontro e você precisava de um momento sozinho. Então se quiser podemos nos encontrar mais tarde e eu posso fazer você se sentir bem.

—Lia...

—Ah gatinho, quero te ver. Tem mais de duas semanas que a gente não

fica junto.

—Lia... — Ela me interrompe de novo e eu respiro fundo, estou quase perdendo a paciência.

—E eu estou com saudade de você, e... — Pronto, ela conseguiu.

—Porra, Lia. — Praticamente grito, então lembro de onde estou e falo mais baixo. —O Bento sofreu um acidente e está sendo operado nesse minuto, você acha mesmo que eu ia ter cabeça para ver você?

—Ah meu Deus. Desculpa Gui, eu não sabia.

—Claro que não, porra. Você não cala a merda da boca e não me deixa falar, então como ia saber?

—Também não precisa ser grosso. — A Lia é uma mulher linda e um furacão na cama, mas de uns tempos para cá está se tornando grudenta demais e isso tem me irritado.

—Está bem, Lia. Me desculpa. Eu estou nervoso e não é uma boa hora para conversarmos. Depois a gente se fala.

—Espera, onde você está?

Conto mentalmente até 10, preciso manter a calma. —Onde você acha que eu estou, Lia? É sério que você está me perguntando isso? — Respondo, mas sai mais como um rosnado.

—Eu só queria saber onde você está para eu poder te encontrar e ficar com você, te dar apoio.

—Lia, eu estou no hospital e as coisas aqui não estão boas, então nem pense em vir para cá. Depois eu te ligo. — Digo e desligo, se tem uma coisa que não preciso no momento é da Lia aqui. Minha mãe a trata bem, mas sempre com polidez, já percebi que a Dona Marta não gosta muito dela, mas é boa demais para tratar alguém mal.

Preciso ir até os meus pais, tranquiliza-los dando notícias da Maria Luísa e saber se já temos notícias do Bento, mas quando me levanto e olho para a porta do quarto dessa mulher totalmente desconhecida para mim a vontade de entrar lá novamente volta com tudo e eu me pego indo em sua direção.

Travo meus passos e balanço a cabeça, negando a mim mesmo e me afasto.

Passo na lanchonete e pego um café para minha mãe, pelo menos um pouco de café vai fazer com que ela se acalme um pouco. Volto para a sala de espera e meus pais continuam no mesmo lugar, minha mãe parece estar rezando e meu pai está segurando sua mão e olhando fixamente para seus dedos entrelaçados. Sento ao lado dela e entrego o café, ela me olha com os olhos vermelhos de tanto chorar e me dá um sorriso triste. —Eu sabia que o meu menino mais velho ia acabar trazendo alguma coisa para mim. Porque por mais que você negue, você é assim, cuida de quem ama. — Ela diz e faz carinho na minha bochecha. Está para nascer alguém no mundo mais carinhosa que a Dona Marta, e sinceramente, eu amo esse jeito dela.

Chega a ser engraçado, eu amo o carinho dela, mas de qualquer outra mulher me irrita. É por isso que sou tão convicto em continuar solteiro, porque só uma mulher tem o meu coração.

—Claro que eu ia trazer alguma coisa, a senhora precisa ficar calma, e sei muito bem que café sempre te deixou mais tranquila. — Ignoro o que ela falou sobre cuidar, porque eu não sou assim, apenas com eles. Minha família. Ela agora faz carinho na minha mão e toma seu café calmamente. —Então, eu demorei um pouco para voltar porque fui até a recepção procurar notícias da mulher que estava com o Bento.

Minha mãe me encara com os olhos arregalados e diz: —Eu sou uma desnaturada, devia ter ido atrás de notícias dela.

—Não, mãe. Você tinha que ficar aqui com o pai esperando notícias do seu filho. Eu não consegui descobrir muito, apenas que o nome dela é Maria Luísa e que o quadro dela é estável.

—Você a viu? — Meu pai pergunta. Penso em omitir a informação, mas acabo desistindo e falo a verdade. Não toda ela, apenas partes.

—Vi sim, descobri em qual quarto estava e fui até lá, mas não consegui falar com ela. — Disfarço meu incômodo quando a imagem dos olhos dela volta a minha mente. —Ela está sedada, o enfermeiro disse que ela acordou muito nervosa na emergência e por isso tiveram que aplicar um sedativo leve nela.

—E o bebê? — Minha mãe pergunta apreensiva.

—Segundo esse mesmo enfermeiro o bebê está bem. Ambos estão bem.

—Graças a Deus, Luiz. — Minha mãe diz ao meu pai. —Eu não ia

aguentar se em um mesmo dia eu tivesse que passar por tudo isso com o Bento e ainda perdesse o meu netinho que nem chegou ao mundo.

—Mãe, nós já conversamos sobre isso. — Ela dá de ombros e termina de tomar o seu café.

—Depois falamos sobre isso filho. — Meu pai intervém.

***

Umas duas horas se passam até que a porta se abre. Olhamos em expectativa e o médico entra com o semblante abatido e cansado. Minha mãe praticamente voa na direção dele e nós a acompanhamos. Meu pai abraça minha mãe pela cintura e diz baixinho —Fique calma.

O médico respira fundo e começa a falar. —A cirurgia foi longa e cansativa, nós fizemos tudo o que podíamos. — As lágrimas já começam a cair pela face da minha mãe. Ela sempre teve isso de não ouvir tudo e já tirar conclusões precipitadas. —Tivemos muitos problemas durante o procedimento, mas o filho de vocês é um guerreiro, lutou até o fim pela vida, e graças a Deus, mesmo com os contratempos, ele está vivo.

—Graças a Deus. — Minha mãe diz aliviada e abraça o meu pai. Alívio também passa por todo o meu corpo.

—Mas eu preciso que vocês me escutem porque a situação ainda é muito delicada.

Minha mãe volta a ficar tensa, e todo o alívio que senti desaparece.

—Como eu disse fizemos tudo o que estava ao nosso alcance e o Bento lutou muito, quase o perdemos por duas vezes, mas fizemos ele voltar e demos continuidade a cirurgia. Devido ao traumatismo craniano que acabou ocasionando o edema, os vasos sanguíneos foram comprimidos na região da pancada, por esse fato tivemos que induzi-lo ao coma para diminuir a atividade celular de todo o corpo, principalmente do cérebro, assim há melhores condições para o tecido cerebral se recuperar. Acreditamos que dessa forma a recuperação dele será bem mais rápida. Ele está sendo levado para a UTI porque o quadro dele ainda é grave, e pelo menos por um tempo terá que respirar com a ajuda de aparelhos.

—Oh meu Deus. — Minha mãe chora, e sei que é um misto de alegria por saber que ele está vivo e desespero em pensar no Bento nessa situação. Meu pai está com os olhos cheios de lágrimas, é duro ver o Sr. Luiz assim. Ele está se fazendo de forte, mas sei que está acabado por dentro. — Nós podemos vê-lo?

—No momento não.

—Por favor, doutor. Nem que seja apenas um minuto, me deixa ver o meu filho.

Ele para e pensa um pouco. —Tudo bem, mas somente uma pessoa pode entrar e ficar por no máximo cinco minutos. O quadro dele é muito delicado e não podemos arriscar nada, muito menos uma infecção.

Ele pede que ela o acompanhe porque para entrar na UTI ela precisa trocar de roupa, meu pai a abraça e diz: —Seja forte, nosso filho precisa de você. Dê um beijo nele por mim e diga a ele que se não voltar logo para nós eu mesmo vou tirá-lo da UTI com uma vara de goiabeira. — Ele sorri e ela também, e eu lembro que ele sempre nos ameaçou com a vara de goiabeira, embora nunca tenha encostado um dedo em nós, diferente da Dona Marta que pegava logo o chinelo e corria atrás de nós dois pela casa.

Não posso nem culpá-la, nós aprontamos muito quando moleques, e confesso que sempre fui pior que o Bento, na verdade eu o induzia a fazer as merdas comigo.

Ela se despede de nós e sai, então ficamos apenas eu e meu pai na expectativa do seu retorno.

Depois de um tempo em silêncio decido começar a falar o que tanto está me atormentando. —Pai, agora que tivemos uma boa notícia em relação ao Bento, nós precisamos conversar sobre essa amiga dele.

—Eu sei, meu filho. Eu sei. — Ele diz se sentando ao meu lado e dando um tapinha na minha perna.

—A mãe já está apegada a uma ideia que nós nem sabemos se é verdade. — Tenho que falar dessa forma com ele, com cautela, porque só eu sei a verdade que essa criança nunca poderia ser do Bento.

Ele me olha daquela forma estranha de mais cedo e pensa antes de falar. —Meu filho, eu sei disso tudo, mas acho que isso é uma coisa que só vamos descobrir quando essa moça acordar e puder conversar conosco. Até lá

melhor deixar como está, você sabe muito bem como é a sua mãe, ela não vai aceitar que a gente diga nada. — Eu concordo e permanecemos ali sentados em silêncio esperando o retorno dela.

Capítulo 12

Marta

Eu nunca imaginei que ia passar por isso na minha vida.

Eu nunca, nem em sonho, pensei que sentiria como se o meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito. Mas foi essa a sensação que tive quando soube do acidente do meu filho.

Eu sempre fui o tipo de mãe que queria ter os filhos por perto 24 horas por dia, podiam até me chamar de super protetora, mas eu nunca consegui ser de outra forma. Eu ria quando o Luiz dizia que eu era uma mamãe galinha que queria proteger os seus filhotinhos de tudo e todos, porque era exatamente assim que eu me sentia.

Foi difícil quando meu filho mais novo saiu de casa e mudou de cidade, eu sempre amei os meus filhos de corpo e alma, mas eles sempre foram muito diferentes um do outro.

Enquanto o Guilherme era o mais atentado, independente e aprontava todas, tanto na adolescência quanto na vida adulta, o Bento era o mais calmo, que conversava horas e horas comigo e pedia minha opinião para tudo. E foi por isso, exatamente por ele ser tão grudado a mim que eu sofri tanto quando ele foi embora de repente.

Eu me preparava para o dia que o Gui sairia de casa, não o Bento. Até hoje não entendo o porquê dele ter saído de uma forma tão brusca, mas com o tempo fui aceitando e entendendo que ele precisava do seu espaço e que eu tinha que respeitar as decisões dele. Mas não posso negar, senti sua falta todos os dias, e quando ele me ligou dizendo que estava voltando para nossa casa o meu coração parecia que ia explodir de tanta felicidade. Eu finalmente teria minha família de volta, bem debaixo das minhas asas como eu sempre gostei.

Para minha surpresa ele não estava voltando sozinho, enfim estava trazendo alguém para casa com ele. Meu maior sonho sempre foi ver meus filhos felizes, amando e tendo uma vida feliz como eu e o Luiz temos.

Enquanto eles cresciam eu via o Gui sempre cercado de mulheres, indo

a baladas e me dando dor de cabeça. Ele aparecia com uma menina diferente a cada semana, já o Bento sempre foi centrado e estudioso, dizia que tinha que pensar no futuro e que só me apresentaria alguém quando encontrasse o amor da sua vida.

Dois filhos tão diferentes, cada um com o seu jeito, mas que eu amo mais que tudo nessa vida.

E agora aqui, nesse momento, enquanto estou colocando essa roupa de hospital e me preparando para ver o meu filho entre a vida e a morte, eu só queria uma coisa. Poder trocar de lugar com ele.

Sem hesitar eu daria a minha vida pelos meus filhos, e saber que eu não posso fazer nada dilacera o meu coração. Eu não posso suportar a ideia dele estar sofrendo, dele poder não voltar a ver a luz do dia, dele não ter a chance de alcançar seus sonhos e viver o futuro lindo que o aguarda.

Não pense assim, Marta. Ele vai ficar bem.

Tento ser otimista, mas é difícil. Muito difícil.

Termino de vestir a roupa que me deram e espero a liberação, e quando ela acontece e eu entro no quarto, a minha vontade é de gritar de tanta dor que sinto no meu peito. O meu coração não estava pronto para a cena que vejo. Meu filho, meu menino, com vários aparelhos ligados a ele e tubos em seu nariz e boca.

Meu Deus, me ajuda. Eu não sei se vou suportar isso.

Tenho pouco tempo, deveria correr para perto dele, mas ao invés de fazer isso continuo parada o olhando enquanto memórias dele inundam a minha mente.

Lembro dele cheio de vida, lembro do seu sorriso faceiro, de como sempre foi carinhoso, de como me assustava quando eu estava distraída na cozinha lavando louça, e de como nunca teve vergonha de dizer o quanto me amava.

Me aproximo dele e as lágrimas caem sem parar pelo meu rosto.

Deus, por favor, tira o meu filho daqui. Eu dou a minha vida se for preciso, mas tira ele daqui.

Paro ao seu lado e vejo o quanto ele está machucado, o médico disse que o acidente foi muito grave e que o lado dele foi o mais prejudicado. Meu

menino sempre pensando primeiro nos outros para depois pensar nele. Sempre se colocando em segundo para proteger aqueles que ama.

Acaricio o que posso do seu rosto e faço uma oração silenciosa, sempre acreditei muito em Deus, e sei que nesse momento ele não vai me abandonar. Olho fixamente para ele, tenho certeza que ele pode me ouvir.

—Meu menino... — Tenho que respirar fundo para me controlar. Tenho que ser forte. —Eu te amo muito, sempre te amei, e me corta o coração saber que você está aí lutando para viver. Saiba que eu não hesitaria um segundo sequer se eu pudesse trocar de lugar com você. Mas eu não posso. — Acaricio agora os seus olhos, pedindo a Deus que eu tenha a chance de vê-los abertos mais uma vez. —Eu sei que logo você vai sair daqui e voltar para nossa casa, porque você é forte, sempre foi. Seu irmão está lá fora morto de preocupação, sei que vocês se distanciaram de um tempo para cá, mas ele te ama e quer te ver bom logo, nunca duvide disso. Seu pai pediu para te dar um recado, ou você levanta logo daí ou ele vai entrar nesse quarto com uma vara de goiabeira. — Paro de falar e dou uma risada triste. —Ele sempre ameaçou vocês e nunca cumpriu né? Mas dessa vez eu vou garantir que ele cumpra, então trate de ficar bom logo e sair logo desse lugar.

Continuo acariciando seu rosto e pedindo a Deus que o proteja e faça a recuperação dele ser rápida. Uma enfermeira entra e diz que eu preciso sair, que ela me deixou ficar o máximo que pôde. Olho para o meu filho uma última vez e digo bem baixinho. —Fica bom logo, meu amor. Agora eu sei o porquê de você estar voltando para casa tão de repente e trazer essa moça com você. Mas pode ficar tranquilo que eu vou cuidar muito bem dela, como se fosse uma filha, afinal ela está carregando um pedaço de você.

Dou um beijo em sua mão e sorrio. E em meio a tanta dor e tantos pedidos que fiz a Deus, eu também paro por um momento para agradecer, pois ele me trouxe um motivo para erguer a cabeça e sorrir.

Ele me deu um neto.

Guilherme

Enquanto espero minha mãe voltar começo a pensar na minha relação com o Bento, sempre fomos muito ligados quando crianças, então a adolescência chegou e fomos nos distanciando, até que tudo aconteceu e ele

foi embora com ódio de mim. Sem me querer em sua vida.

Eu tenho tanta coisa para falar para ele que só o mero pensamento que posso não ter a chance de consertar as coisas entre nós faz o desespero adentrar no meu coração.

A porta se abre e minha mãe passa por ela com os olhos inchados de tanto chorar, eu e o pai nos levantamos na hora, ela mostra um sorriso triste assim que nos vê e vem correndo em nossa direção para nos abraçar. Sei que para ela deve ter sido muito difícil entrar naquela UTI e ver o Bento lutando pela vida, também sei que agora ela está precisando de todo carinho e amor que pudermos dar.

Após um tempo ela se afasta limpando o canto dos olhos com as pontas dos dedos.

—Senta aqui, Marta, e me diz como o meu filho está.

—Nada podia me preparar para entrar naquele lugar e ver o meu Bento tão machucado. Nada. Ele sempre foi tão prudente no trânsito que custa a acreditar que tudo isso está acontecendo. Ele está com vários aparelhos ligados a ele, com tubos no nariz e na boca e com o rosto muito inchado, a enfermeira disse que foi por causa da pancada na cabeça. Mas foi tão... — Ela chora enquanto fala. —Foi horrível ter que ver ele ali deitado, inerte, a cena dele respirando com a ajuda dos aparelhos não sai da minha cabeça, mas eu tenho fé que ele vai sair dessa e daqui a pouco nós vamos estar em casa novamente, rindo e sorrindo como sempre fizemos.

Dona Marta e sua fé inabalável, ela sempre foi assim. Não dizemos nada, apenas ficamos ali em silencio, dando força uns aos outros.

—Meu bem, vamos para casa? Você precisa descansar um pouco e comer alguma coisa. — Meu pai diz a ela.

—O pai tem razão, mãe. Não vamos poder ver o Bento, então o melhor a fazer é ir para casa e mais tarde voltamos para saber como ele está.

—Não, antes de ir para casa eu quero ver a Maria Luísa. Agora que acalmei o meu coração de mãe eu preciso ir vê-la. Preciso ter certeza que ela está bem.

Com essa afirmação sabemos que nada vai fazer ela ir para casa antes de ver a tal mulher, a Maria Luísa. Só a menção do nome dela ela me causa uma euforia tão grande que não consigo nem explicar. Não consigo me

conter, então levanto e digo que vou ver se podemos ir até o seu quarto, mas não consigo ir muito longe pois um enfermeiro entra e pergunta: —Vocês são parentes do Bento Moraes?

—Sim, somos. — Minha mãe responde já levantando ansiosa. — Aconteceu alguma coisa com o meu filho?

—Não senhora, estou apenas procurando pelos parentes dele pois ele era o contato de emergência da paciente Maria Luísa de Assis, e segundo o médico que está cuidando do caso dela o efeito do sedativo irá passar em breve e ele acredita que seria melhor se tivesse alguém no quarto além dos médicos para acalmá-la, já que quando acordou na emergência estava muito nervosa e isso não faz bem ne para ela, nem para o bebê.

—Vamos logo, então. Não vamos deixar ela acordar sozinha. — Minha mãe diz com pressa e eu já sei que teremos problemas quando ela descobrir que esse bebê não é do Bento. Eu e meu pai trocamos um olhar silencioso antes de seguirmos os passos dela.

O enfermeiro lidera o caminho e eu me encontro cada vez mais ansioso. A cada passo que damos para perto do quarto sinto meu coração acelerar um pouco mais, e quando paramos de frente para a porta sinto que ele pode sair do meu peito. Discretamente coloco a mão ali e penso: *Isso não pode ser normal.*

O enfermeiro está falando alguma coisa com os meus pais, mas eu não consigo ouvir o que é, meus pensamentos estão confusos. Imagens dela deitada na maca olhando dentro dos meus olhos, segurando meu rosto e me chamando de meu amor inundam a minha mente e fazem com que eu me sinta um pouco desesperado. Desesperado para tocá-la de novo.

Preciso descobrir porque essa mulher não sai da minha cabeça.

Sou tirado abruptamente dos meus pensamentos quando ouço gritos vindo de dentro do quarto. Gritos dela, gritos desesperados, gritos de dor, de angústia, de medo.

Sem pensar empurro o enfermeiro e praticamente arrombo a porta, mesmo sem entender o porquê eu preciso saber o que está acontecendo ali dentro. Paro assim que entro e olho para a cama, ela está se debatendo, gritando, lágrimas escorrendo sem cessar pela sua face. Ela diz coisas que não fazem sentido juntas, mas as repete sem parar.

—Meu filho. Bento. Eles vão nos pegar. Meu filho. Eles estão chegando. Bento. Meu filho.

Ela fala e se debate, mas não abre os olhos. Meus pais assim como o enfermeiro entram no quarto e ficam ao meu lado, tão assustados quanto eu.

Quero ir lá e acalmá-la de novo, da mesma forma que fiz mais cedo, mas minha cabeça diz que eu não devo ir, que não devo me aproximar. Travo uma luta interna, coração e mente, um diz para eu correr até ela e que se dane tudo, o outro diz que devo ficar aqui e desconfiar dessa mulher, das suas intenções.

De repente ela abre os olhos e se senta ainda ofegante, então seus olhos travam com os meus e eu vejo um milhão de coisas serem ditas sem nenhuma palavra ser pronunciada, coisas que eu não quero ouvir e muito menos sentir. Ela desvia o olhar de mim e minha vontade é de obriga-la a focar em mim de novo, preciso daqueles enormes olhos castanhos em mim. Ela olha para os lados e para o seu braço que tem o soro, se dando conta que está em um hospital, e assim que cai sem si seu choro aumenta e ela coloca a mão na barriga, chorando ainda mais, com soluços desesperados.

Minha luta interna fica maior, coração e razão guerreiam dentro de mim, mas não tenho tempo de tomar nenhuma atitude, antes que possa fazer qualquer coisa minha mãe passa por mim em passos apressados.

Ela corre para o seu lado e a puxa para os seus braços, a mulher apoia a cabeça no ombro da minha mãe e fecha os olhos, mas antes que seus olhos se fechem por completo eles pousam em mim por um segundo. Vejo que ela está perdida e desorientada, é possível ver isso no seu olhar e sentir no seu choro. Ela soluça e em meio ao choro pergunta baixinho como se tivesse medo da resposta. —Meu bebê?

Minha mãe a empurra carinhosamente pelos ombros e coloca ambas as mãos em seu rosto, limpando as lágrimas que caem sem parar. —Seu bebê está bem. Bem vivo dentro de você. — A mulher visivelmente relaxa, então minha mãe continua. —Você tem que ficar calma, minha filha. Você está bem e ele também. — Dona Marta tira uma das mãos do rosto dela e a coloca em sua barriga. —Você tem que se acalmar para que nada de ruim aconteça com o meu netinho.

Assim que minha mãe finaliza a frase vejo a Maria Luísa arregalar os olhos, assustada com o que acabou de ser dito, e assim que vejo sua reação

tenho a confirmação que essa criança não é do Bento.

Ela abre a boca para falar alguma coisa, mas minha mãe a impede, a abraçando com força e prometendo que tudo vai ficar bem, que ela vai cuidar dos dois. Seus olhos se encontram novamente com os meus, como se me pedisse para falar algo ou ajudar, mas eu apenas nego com a cabeça, pois uma decisão acabou de ser tomada.

Minha mãe não pode descobrir a verdade.

Capítulo 13

Malu

Acordo assustada, tento levantar e sinto mãos me segurando. Minhas vistas estão embaçadas. *Não, por favor, Deus! Aqueles homens não podem ter pego a gente.* Tento me debater, vou lutar até o fim. Preciso proteger o meu filho. Começo a gritar. —Socorro! Socorro!!! Bento!!! Alguém me ajuda!

Ouço pessoas falando. —A pressão está subindo, segurem ela. — Me sinto desorientada, forço meus olhos e começo a enxergar melhor. Estou em uma sala e tem várias pessoas ao meu redor. Parecem médicos e enfermeiros. Olho para os lados freneticamente e percebo que estou em um hospital. Conseguiram nos socorrer. Alívio me invade, e as memórias começam a voltar para mim, lembro do bombeiro tentando falar comigo e eu sussurrando para ele sobre a gravidez e sobre o Bento. Bento! Cadê o Bento?

Tento levantar de novo, mas continuam me segurando. —Me solta! Eu preciso ver o Bento. — Puxo meus braços e pernas com toda força que tenho, mas estou fraca demais.

—Você precisa se acalmar, vocês foram socorridos e estão em um hospital.

Se estamos em um hospital cadê o Bento? —Me solta agora. Cadê o Bento? Por que ele não está aqui? — Meus olhos continuam frenéticos tentando vasculhar a sala.

—Ela está muito nervosa, podem sedá-la.

—Não, não... — Tento em vão me livrar deles, sinto uma picada no braço e meu corpo relaxa instantaneamente, e em poucos segundos fecho os olhos.

***

Estou em um campo cheio de flores, o sol está brilhante e o vento está batendo nos meus cabelos, fazendo eles chicotearem de um lado para o outro. Olho para baixo e estou usando um vestido branco esvoaçante com nada nos

meus pés, assim consigo sentir a grama e a sensação gostosa que ela traz. Minha barriga está grande e eu a acaricio com ternura, sabendo que ali está o meu bem mais precioso.

Continuo andando sentindo os cheiros das flores, sei que estou aqui procurando alguma coisa, mas não me lembro o que é. Esse lugar me traz tanta paz que eu não me importo em tentar descobrir, então continuo ali, caminhando e conversando com a minha barriga. Com o meu bebê.

De repente vejo uma sombra cobrindo todo o local, olho para cima e nuvens pesadas estão chegando rapidamente, quando meu olhar retorna para baixo e olho para os lados, as flores estão todas murchas, mortas, e aquele lugar que a menos de dois segundos era deslumbrante se torna um local sombrio e assustador. Gotas começam a cair do céu e molham meu rosto, primeiro é apenas um chuvisco, até que um temporal desaba e lama começa a se formar no chão. O dia vira noite e um vento gelado bate em todo o meu corpo.

Começo a correr, não sei porque, só tenho a sensação de que preciso sair desse lugar, que algo de muito ruim está prestes a acontecer, mas está ficando cada vez mais difícil, o chão está escorregadio por causa da lama e o vestido está me atrapalhando. Raios cortam o céu e relâmpagos iluminam a noite.

Como tudo mudou tão de repente?

Escuto barulho de animais, rosnados mais precisamente. Olho para os lados a procura, mas não sei de onde estão vindo, apenas que parecem estar se aproximando cada vez mais.

Preciso fugir, nos proteger.

Continuo correndo sem rumo, preciso sair daqui, não posso deixar que me pegue. Eu corro, corro e corro, mas parece que não saio do lugar, não posso desistir, continuo correndo até que tropeço em algo e caio. Jogo meu corpo para o lado na tentativa de proteger minha barriga e acabo batendo com a cabeça no chão. A dor é tão forte que fico imobilizada.

Tento me levantar, mas não consigo, parece que vou desmaiar, meus olhos se fecham e desespero toma conta de mim. Eu não vou conseguir nos salvar, eu não vou conseguir salvar o meu filho.

Então sinto como se alguém estivesse segurando meu rosto, um toque

quente, que ao invés de causar mais medo acalma todo a minha alma e traz uma sensação de segurança. Abro os olhos e vejo alguém em cima de mim, um homem. Não sinto medo, pelo contrário, sinto paz. Eu não consigo ver o seu rosto direito, apenas os seus olhos, azuis, intensos, que brilham ao se focar nos meus.

Meu peito acelera e eu sei quem ele é, já sonhei com ele diversas vezes, na verdade com os seus olhos, mas hoje parece real. Ele parece real. Sorrio com a constatação, levanto a mão e coloco em sua face. —Meu amor. — Então meus olhos ficam pesados e eu me entrego a escuridão novamente, não ofereço resistência, porque eu sei que ele está aqui para me proteger.

***

Estou no carro com o Bento, estamos sendo perseguidos, ele diz que não vai parar porque vão me machucar e ele não vai deixar. O homem sorri e atira, o carro sai da pista e eu bato a cabeça. Preciso ver o Bento, preciso saber do meu filho, mas estou presa na escuridão e não consigo sair. Começo a gritar, alguém precisa me ouvir, escuto passos apressados e continuo gritando, mas nada tem sentido, então ouço mais passos, eu preciso sair dessa escuridão. Sei que isso é um pesadelo.

Abro os olhos e vejo que não estou no acidente, que era realmente um pesadelo, estou em um quarto, e assim que começo a assimilar as coisas meus olhos travam com um par de olhos azuis penetrantes. Não consigo desviar o olhar, parece que o conheço de algum lugar, sinto calma e paz e quase me perco naquela imensidão azul, mas esse sentimento de alívio logo vira desespero, pois sei que escapei daquilo, mas não sei do Bento nem do meu filho.

Meu Deus! Meu filho. O Bento. Preciso descobrir como vim parar aqui e onde está o meu amigo, mas minha cabeça está confusa e eu não consigo lembrar de tudo, eu tento, mas não consigo. O meu coração acelera ainda mais e o choro aumenta.

Uma senhora corre na minha direção, eu não sei quem é porque as lágrimas estão me impedindo de ver com clareza. Ela me abraça com carinho e coloca meu rosto em seu ombro, encaro rapidamente aquele homem em pé que não desvia os olhos de mim e parece me desvendar por inteira, então fecho os olhos e permito que ela me acalme. Ela não diz nada por um tempo, apenas faz carinho nas minhas costas. Seu afago é confortante. Ela me

tranquiliza um pouco, e em meio aos soluços baixinhos que dou pergunto quase que em um sussurro. —Meu bebê? — Tenho medo da resposta, mas eu preciso saber. E silenciosamente peço a Deus que ele esteja bem, apesar de saber que é quase impossível que ele tenha sobrevivido ao acidente.

A mulher me empurra de forma gentil pelos ombros e coloca as mãos em concha no meu rosto, me obrigando a olhar em seus olhos. No mesmo instante a reconheço, é a mãe do meu amigo. Ele sempre me mostrou fotos dela, sempre me contava como ela era uma mulher maravilhosa e carinhosa. Uma vontade insana de chorar me envolve de novo porque eu o vejo nela. Todo ele. Eles são tão parecidos.

Ela sorri para mim de forma doce, Bento sempre me disse que ela sorria assim, e diz: — Seu bebê está bem. Bem vivo dentro de você.

Meu coração quase para. Meu bebê está bem. Muito obrigada, Deus.

—Você tem que ficar calma, minha filha. Você está bem e ele também.

Eu respiro fundo, inundada de alívio ao saber que meu filho está são e salvo aqui dentro de mim.

A mulher que agora sei ser a Dona Marta tira uma das mãos do meu rosto e a coloca na minha barriga, mas não tira o olhar do meu em momento nenhum. —Você tem que se acalmar para que nada de ruim aconteça com o meu netinho.

O quê???

Abro a boca para dizer que ela está enganada, que esse bebê não é do Bento, mas sou impedida de falar qualquer coisa com ela me abraçando novamente de forma carinhosa, murmurando e prometendo que vai ficar tudo bem. Olho para o homem que continua me encarando, pedindo silenciosamente que ele me tire dessa situação, mas ele simplesmente faz um sinal de não com a cabeça quase imperceptível. Franzo a testa sem saber o que fazer, mas me sinto tão amada nesse abraço que me permito desfrutar dele por mais alguns minutos.

Saio do abraço calmamente e olho para a Dona Marta que agora está com lágrimas rolando de seus olhos. —Onde está o Bento? — Pergunto e me arrependo imediatamente. Os olhos dela me transmitem tanta dor que eu coloco a mão no coração, já sabendo o que ela vai falar. Não, o meu amigo não pode... —Não, o Bento, ele, não... — Começo a respirar com dificuldade

e a Dona Marta arregala os olhos, então um senhor aparece ao lado dela, Sr. Luiz, o pai do Bento, também já vi inúmeras fotos dele. O estranho é que o Bento nunca me mostrou fotos do seu irmão.

—Calma, minha filha. O Bento está vivo.

—Graças a Deus. — Eu sussurro, está tudo bem com as pessoas mais importantes da minha vida. Meu filho e meu amigo. —Cadê ele? Eu quero ver ele, quero falar com ele. — Falo tentando me levantar, mas sou impedida por eles.

O casal a minha frente se olha como se estivessem conversando silenciosamente entre si, até que o Sr. Luiz começa a falar. —Eu preciso que você seja forte, querida. O Bento está vivo, mas está em coma na UTI e não pode receber visitas. Ele teve que passar por uma cirurgia na cabeça por conta do acidente e os médicos acharam melhor induzi-lo ao coma para que a sua recuperação seja mais rápida.

—O Bento... ele... ah meu Deus... — Nunca senti tanta dor na minha vida. Começo a chorar. Meu amigo, meu irmão. —Ele não pode morrer. Ele não pode me deixar. Ele é tudo o que eu tenho na vida.

—Olha para mim. — Dona Marta me diz de forma firme e eu obedeço. —Meu filho é forte, Maria Luísa. Sempre foi. E eu tenho certeza que ele vai sair dessa por nós, por você e pelo filho que está chegando.

Quando ela fala lembro dessa confusão que fizeram com meu filho e o Bento. Eu preciso corrigir isso. —Dona Marta, eu preciso dizer para a senhora que o Bento não...

Sou interrompida pela porta se abrindo e um outro enfermeiro entrando. Ele olha para o homem de olhos azuis que permanece no mesmo lugar sem tirar os olhos de mim e diz: —Vejo que toda sua família conseguiu entrar para ver a sua cunhada. — Então passa por ele e caminha na minha direção. Olho para o homem de pé e para o Sr. Luiz.

Ah meu Deus, esse cara é o Guilherme?

Mas espera aí, como assim cunhada? Abro a boca para perguntar quando o enfermeiro se aproxima dos pais do Bento. —Eu sei que os vovós estão ansiosos, mas eu realmente preciso que vocês me deem espaço para que eu possa examinar a Maria Luísa e chamar o médico para vê-la.

Por que está todo mundo dizendo que meu filho é do Bento?

Eu quero perguntar, mas não consigo falar nada, apenas olho para todas aquelas pessoas esperando que alguém me explique toda essa situação, só que ninguém diz absolutamente nada.

O casal se afasta e fica ao lado do irmão do Bento, então o enfermeiro se aproxima de mim e me faz perguntas sobre como estou me sentindo. Ele mede minha pressão e a anota em uma prancheta, logo após sai dizendo que o médico logo virá me ver.

Ficamos em silêncio por apenas alguns segundos até que o médico entra. Ele me examina minuciosamente, dizendo que prefere que eu passe a noite no hospital em observação para ter certeza que está tudo bem. Aceno com a cabeça e olho para o quarto, onde os pais e o irmão do Bento ainda estão. O Guilherme continua me encarando como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. Seu olhar é tão intenso que não consigo o encarar por muito tempo.

Volto minha atenção para o médico e pergunto sobre o meu bebê, apenas para ter certeza que ele está bem. O homem diz que o bebê está bem, que foi um verdadeiro milagre ele ter sobrevivido a um acidente desta proporção, e eu mais uma vez agradeço a Deus pela vida do meu filho.

O médico se despede e pede que eu descanse, dizendo que voltará amanhã cedo para me dar alta e que caso eu precise de alguma coisa ou se eu sentir qualquer desconforto que chame um enfermeiro imediatamente.

Assim que ele sai os pais e o irmão do Bento caminham na minha direção. Dona Marta começa a falar. —Maria Luísa...

Eu a interrompo. —Só Malu, por favor.

Ela segura minha mão e diz: —Malu, você gostaria que a gente avisasse a alguém do acidente?

Paro e penso. Meus pais adotivos nunca se importaram comigo, então não tenho motivos para entrar em contato com eles, a outra pessoa que eu tinha era o Max, mas esse eu não quero nunca mais colocar os olhos, então além deles eu só tenho o Bento, que nesse momento está aqui, nesse hospital, lutando pela sua vida.

—Não. — Ela me encara confusa. —Não tenho ninguém para avisar. Era somente eu e Bento.

Ela fica com a expressão triste, mas logo depois dá um sorriso e segura

minhas mãos. — Pois a partir de agora você tem ao Bento e a nós. Você nunca mais estará sozinha, nós somos sua família, e você será a filha que eu nunca consegui ter.

Capítulo 14

Guilherme

Eu não estou acreditando que minha mãe já está caindo de amores por essa mulher. Nós nem a conhecemos, não sabemos de onde ela vem ou o que realmente é do Bento e minha mãe já está a tratando como um membro da família.

Quando minha mãe a abraçou com tanto carinho, eu percebi que não poderia tirar esse alento dela, não nesse momento. Ela está fragilizada, quebrada, com medo de perder seu filho, e a ideia de ter um neto veio como um bálsamo para tranquilizar o seu coração inquieto. Uma parte do Bento. Então eu decidi que não vou falar nada que possa acabar com o pouco de felicidade no coração da Dona Marta, eu não quero ser o responsável por isso. Sei que pode ser errado mentir assim, ainda mais para ela, mas depois que o Bento começar a se recuperar eu dou jeito nisso.

Sinto que a Maria Luísa está perdida, não está entendendo o que está acontecendo, e infelizmente eu não posso falar nada agora. Tenho que esperar ficar sozinho com ela.

Ficar sozinho com ela...

O mero pensamento de ter a atenção dela toda concentrada em mim já me deixa com o coração acelerado. Ela olha para mim e o mundo ao meu redor para de girar e eu não consigo mais focar em nada, nada que não seja ela.

Meu pai está falando alguma coisa comigo, mas meus olhos não desviam dela. Porra! Eu preciso acabar com essa palhaçada. Eu não sou assim.

Balanço a cabeça para me livrar desses pensamentos ridículos que estou tendo e olho para o meu pai. Ele está dizendo que acha melhor levar minha mãe para casa.

—Também acho, ela precisa descansar.

Ele olha para minha mãe e diz com cautela, sabendo que ela não vai

querer ir. —Marta, vamos para casa? Você precisa descansar e a Maria Luísa também. Amanhã nós voltamos.

Minha mãe fica indecisa e olha para a Maria Luísa com olhos tristes. — Mas eu não quero deixar ela sozinha aqui.

—Mãe, tenho certeza que ela vai ficar bem. Não é, Maria Luísa? — Digo e a encaro. O olhar dela fica estranho, mas logo depois concorda.

—Vou ficar bem sim, Dona Marta. Vou descansar e a senhora precisa descansar também. Além do mais estou em um hospital cheio de gente que pode me ajudar se eu precisar.

Minha mãe olha para ela e para mim, depois emenda. —Eu aqui tão preocupada com você que esqueci de lhe apresentar o meu outro filho. Vem aqui, Gui. — Reviro os olhos, mas obedeço e fico ao seu lado.

—Malu, esse aqui é o Guilherme, o meu filho mais velho. Tenho certeza que o Bento já falou dele para você. — Ela aponta para mim e sorri, então eu resolvo estender a minha mão para ser simpático, claro, e não porque estou louco de vontade de sentir o toque dela de novo.

Ela olha para a minha mão e depois para mim, como se estivesse com medo de alguma coisa, mas depois de um momento levanta a mão que não está presa no soro e a coloca junto da minha.

Puta que pariu!

Tenho vontade de fechar os olhos para apreciar o seu toque. Ela é macia, quente, delicada. Sinto um choque passar por todo o meu corpo quando nos tocamos. Será que ela também sentiu?

Ela olha para nossas mãos juntas e então sobe o olhar para encontrar o meu, e mais uma vez me vejo preso ali dentro.

Ela puxa um pouco a mão como se fosse se afastar, mas eu ainda não estou pronto para soltá-la. —Prazer, Maria Luísa. Sou o Guilherme.

Ela continua me olhando, e por um momento penso que não vai falar nada, mas então sua expressão que antes era delicada se transforma e ela diz de forma firme. —Prazer, Guilherme. Sou a Maria Luísa.

Que porra aconteceu aqui? Como em um momento ela está me olhando de forma doce e logo depois muda radicalmente? Puxo a mão de forma rude e chamo minha mãe. —Vamos?

—Vamos sim. — Ela diz e olha para a Maria Luísa. —Querida, amanhã bem cedinho estou de volta para te levar para casa.

Eu e Maria Luísa falamos juntos. —O quê?

Dona Marta ignora nosso tom e fala calmamente para mim. —Você achou que a Maria Luísa iria para onde, Guilherme? — Então se vira para ela. —E você mocinha, nem pense em dizer não. Você vai ficar na nossa casa conosco, onde eu possa cuidar de você e desse bebezinho. — Minha mãe termina de falar e faz carinho na barriga dela.

Os olhos da Maria Luísa se enchem de lágrimas, mas eu vejo o esforço que ela está fazendo para não chorar, então apenas assente com a cabeça. Minha mãe a abraça cheia de carinho, meu pai dá um beijo em sua mão e eu apenas faço um aceno com a cabeça.

Não posso tocá-la de novo. Não posso. Mesmo que eu queira muito. Porra! Não, Guilherme!

Saímos os três do quarto e vamos direto para o estacionamento. Me despeço dos meus pais dizendo que vou passar no meu apartamento antes de ir para casa porque tenho que pegar algumas coisas que deixei lá, mas a verdade é que vou voltar para aquele maldito quarto e descobrir de uma vez por todas quem é essa mulher.

Vou na direção do meu carro e entro, espero alguns minutos até ver o carro dos meus pais saindo do estacionamento, então respiro fundo, abro a porta e volto para o hospital. Ando pelos corredores lentamente, me preparando para usar todas as armas que tenho para descobrir quem de fato é essa mulher e o que fazia com o meu irmão.

Malu

Os pais e o irmão do Bento saíram do quarto já tem uns dez minutos e eu continuo na mesma posição, sentada olhando para a porta tentando entender tudo o que aconteceu aqui.

Sinto meu coração leve por saber que meu bebê está bem, e apesar do Bento estar em coma na UTI, ele está vivo, e eu sei que meu amigo é forte o bastante para passar por mais essa. Ele já passou por tanta coisa ruim nessa vida e sempre superou tudo, lutando bravamente pelo que acreditava. E eu tenho que acreditar que dessa vez não vai ser diferente. Ele vai sair dessa e

continuará iluminando o mundo com a sua alegria que contagia todos a sua volta.

Sorrio lembrando de como ele conseguia fazer as pessoas sorrirem, era impossível ficar triste ao lado dele. Meu menino grande.

Ao mesmo tempo que estou aliviada me sinto preocupada com a sua família achando que estou grávida de um bebê dele. Eu sempre soube que os seus pais não sabiam da sua orientação sexual, mas tinha minhas dúvidas em relação ao irmão, afinal eles têm quase a mesma idade e com certeza deveriam sair juntos e tudo mais.

O irmão dele...

Só de lembrar daqueles olhos azuis lindos e penetrantes um arrepio percorre todo o meu corpo. Ele parece entrar dentro da minha cabeça e desvendar toda a minha alma somente com os olhos, e quando segurou minha mão senti minha pele formigar somente com a sensação do seu toque.

Como seria se ele tocasse o meu corpo? Como seria se ele passasse as pontas dos dedos em mim??

Ah meu Deus! O que eu estou pensando?

Pare com isso agora mesmo Maria Luísa! Você está grávida e a prioridade da sua vida é o seu filho.

Passo a mão pela minha barriga e olho para ela, então sussurro. — Graças a Deus você está bem aqui dentro meu amor.

Ouço batidas na porta e ao mesmo tempo o barulho dela se abrindo. Olho para cima e mais uma vez sou capturada pelos olhos azuis mais lindos que alguém poderia ter. Algo ali dentro me chama, me puxa, e eu não consigo parar de o olhar.

Ficamos apenas nos encarando por alguns segundos até que ele quebra o contato visual, entrando e fechando a porta logo em seguida.

Ele me olha de uma forma diferente agora, com ar de superioridade, como se fosse melhor do que eu, e eu não estou gostando nada do que estou vendo. Sempre me disseram que eu era doce, mas quando me irritam ou machucam quem eu amo eu saio de mim e me transformo em outra pessoa.

—Eu voltei porque preciso conversar a sós com você. Por que eu quero que você me explique algumas coisas. — A voz do Guilherme soa pelo

quarto.

Graças a Deus é isso. Eu devo estar muito abalada e estar vendo coisas onde não existem. Ele só quer conversar, provavelmente sobre tudo o que aconteceu.

Eu não sabia como passaria a noite sem conversar com alguém e entender porque todo mundo acha que o meu bebê é do Bento. —Graças a Deus você voltou, porque eu também quero conversar com você e entender tudo isso que está acontecendo. Porque eu realmente não estou entendendo nada. Mas acho melhor eu te explicar o acidente primeiro, eu não quis falar nada na frente da sua mãe porque ela já está muito nervosa. —Um defeito que eu tenho é que quando começo a falar não consigo mais parar. —Nós estávamos vindo para cá, então resolvemos parar para comer e abastecer, e quando entrei no restaurante para pegar a nossa com...

Ele não deixa que eu termine de falar, me corta levantando a mão e diz de forma rude. —Antes de qualquer coisa você vai me falar quem é você e o que estava fazendo no carro com o meu irmão. Vai me falar porque estava vindo para cá e porque ia ficar na nossa casa com ele, e principalmente porque motivo o Bento deu a entender que você era sua namorada.

Abro a boca e fecho pelo menos umas três vezes. Estou sem palavras com esse bombardeio de perguntas. Estou muda. Literalmente.

—Eu vou te falar, mas antes acho que preciso contar que quando a gente estava...

—Eu já disse que quero saber quem é você. Se eu quiser saber outra coisa eu pergunto.

Esse cara é mesmo irmão do Bento? Do meu doce amigo bento?

Eu estava prestes a contar para ele tudo o que aconteceu do acidente porque achei que podia confiar, afinal ele é irmão do Bento, e aí ele vem com cinco pedras na mão para me atacar? Mas não mesmo. Levanto o rosto e empino o nariz, como o Bento costuma dizer que faço, e falo. —Quem você pensa que é para vir com esse monte de perguntas para cima de mim?

—A pergunta aqui não é essa, e sim: Quem é você Maria Luísa? Porque eu conheço o meu irmão e sei muito bem que é impossível que esse bebê seja dele. —Com essas palavras tenho certeza que ele sempre soube que o irmão é gay. —Então você pode começar me dizendo quem você é. — Ele diz de

forma arrogante.

Olho para ele e entendo porque o Bento nunca me falou muito sobre ele. Esse cara se acha o dono do mundo, acha que todos estão aos seus pés e devem fazer tudo como ele quer, da forma que quer e na hora que ele bem entende. Mas ele não me conhece, ou melhor ele está prestes a conhecer a Maria Luísa.

Levanto com soro e tudo, como ele está perto da cama consigo chegar bem perto dele e, puta que pariu, que homem cheiroso.

Para com isso, Maria Luísa. Agora não é hora de pensar nessas coisas.

Coloco o dedo no meio da cara dele e digo. —Quem eu sou não importa. Pelo menos não para você. — Ele arregala os olhos, com certeza não esperava essa atitude minha, deve estar acostumado com aquelas mulheres que abaixam a cabeça. Coisa que eu nunca fiz e nem nunca vou fazer. —Se você fosse uma pessoa de bom coração estaria preocupado em saber o que aconteceu com o seu irmão e porque ele, justo ele, um motorista tão prudente perdeu o controle do carro e quase nos matou. Mas não, ao invés disso entra aqui se achando o rei do mundo com esse ar de superioridade querendo exigir respostas. Respostas que eu não sou obrigada a dar, então pode tirar o seu cavalinho da chuva porquê de mim... — Digo e aponto com o dedo para mim mesma. —Você não vai conseguir nada.

Falo tudo isso olhando bem dentro dos olhos dele. Vejo fúria e algo a mais passando por ali, mas não consigo identificar o que é. Ele está respirando pesadamente e eu acho que ele vai discutir comigo, brigar ou sei lá, viras as costas e ir embora como o mimado que ele aparenta ser, mas ao invés de me responder ou começar uma discussão, ele chega mais perto, quase colando nossos corpos. Ele está tão perto que posso sentir sua respiração no meu rosto. O que ele está fazendo?

Ele abaixa a cabeça para ficar na mesma altura que eu e continua olhando para mim. Ele tira os olhos dos meus e os desce para a minha boca. A atmosfera do quarto muda completamente e posso sentir algo se formando entre nós.

Sinto meu corpo ficando mole, minhas pálpebras ficando pesadas enquanto ele aproxima o rosto cada vez mais do meu.

Ai meu Deus, ele vai me beijar. E o pior é que acho que quero muito

que ele me beije. Acho não, tenho certeza.

Separo meus lábios como se estivesse a espera de um movimento dele, nunca senti um desejo tão forte na vida.

Ele se aproxima ainda mais, falta muito pouco para nossos lábios se tocarem, então fecho os olhos, ansiando sentir sua boca na minha. Eu estou entregue, a sua mercê. Como eu posso estar assim? Não importa, nada importa. Eu só preciso sentir sua boca na minha.

Seu nariz toca o meu, sua respiração se mistura a minha. Estou inebriada, perdida, ansiando, querendo, e quando nossos lábios estão prestes a se tocar ouço um barulho alto vindo do lado de fora do quarto e dou um pulo, isso parece tirar ele do transe que estava.

Ele olha para mim assustado, como se tivesse se dado conta do que estava prestes a acontecer, a fazer, então dá um passo para trás, passa a mão pelos cabelos com raiva e quase correndo sai do quarto batendo a porta com força, sem olhar na minha direção nenhuma vez.

E enquanto isso eu fico estática, parada no mesmo lugar, em pé olhando para a mesma porta que ele acabou de passar e me perguntando: *o que foi que acabou de acontecer aqui?*

Capítulo 15

Guilherme

Saio pela porta do quarto como um furacão, pronto para destruir qualquer coisa na minha frente. Vejo um enfermeiro agachado próximo a porta pegando várias bandejas do chão e as colocando em um carrinho.

Filho da puta!

Minha vontade é de pegar esse desgraçado e socar seu rosto até não poder mais. Se não fosse por ele eu teria sentido aqueles lábios rosados nos meus.

Merda!

Passo pelo homem sem olhar para baixo porque sei que se fizer não vou me controlar.

Saio do hospital praticamente correndo para que eu não ceda a tentação de voltar para aquele quarto e terminar o que comecei. Vou a passos decididos na direção do meu carro, e só depois que entro e fecho a porta que enfim solto a respiração que estava prendendo desde que me toquei do que estava prestes a fazer.

—Porra! Porra! Porra! — Soco o volante repetidamente até que meus pulsos começam a doer, então encosto a testa nele com a respiração ofegante.

Entrei naquele quarto pronto para pegar ela de surpresa. Eu estava preparado para o ataque, mas quem acabou sendo surpreendido fui eu. Eu sempre consigo tudo o que quero, e naquele momento eu queria descobrir quem era aquela maldita mulher e o que fazia no carro com o meu irmão.

Fui pronto para intimidar, pronto para deixa-la sem palavras, e quando ela começou a querer se explicar, cortei logo seu papinho usando toda a arrogância que aprendi com o tempo que é necessário ter para fazer as pessoas terem medo de mim.

Se ela pensava que ia me enrolar estava muito enganada.

Quando a confrontei esperava tudo, que ela chorasse, gaguejasse e até mentisse. A única coisa que eu não esperava era que aquela mulher deliciosa

tivesse a petulância de me enfrentar. *Porra!* Ela me enfrentou de igual para igual, eu nunca podia imaginar que ela teria essa atitude.

E quando ela o fez, a minha reação foi totalmente inesperada. Eu esperava sentir fúria, ódio, raiva, esperava que eu fosse bruto e ignorante, mas quando ela levantou da cama, mesmo presa ao soro, com tanta altivez e tanta determinação, eu fiquei sem ação.

Quando se aproximou de mim olhando dentro dos meus olhos eu fiquei mudo. E quando começou a falar, se exaltando, irritada e com o dedo no meu rosto, *puta que pariu*, nunca senti tanto tesão na minha vida. Meu pau deu sinal de vida instantaneamente. Deu sinal de vida não? Ele tentou se libertar do aperto do meu jeans de todas as formas possíveis.

"Quem eu sou não importa. Pelo menos não para você..." Essa foi a única parte que eu consegui escutar de tudo o que ela disse, porque depois disso eu só conseguia olhar para o seu rosto e pensar em como ela ficava ainda mais linda irritada, mesmo com o seu rosto machucado.

Seus cabelos sacudiam conforme ela balançava o braço, e ela ia ficando cada vez mais vermelha conforme mexia a boca e apontava o dedo para mim, e eu só conseguia pensar em como ela ficaria vermelha quando eu colocasse minha cabeça entre suas pernas e a fizesse gritar meu nome.

Cacete! Só de pensar nisso sinto meu pau latejar.

Então ela parou de falar e eu não consegui pensar em mais nada, apenas em como eu queria sentir aqueles lábios juntos aos meus, saber qual a sensação de ter a minha língua dentro da sua boca, de saber se o seu corpo se moldaria perfeitamente junto ao meu como eu tinha certeza que faria. Foi ali que me deixei levar e me aproximei com o único intuito de saciar esse desejo feroz que eu nunca tinha sentido antes na vida. Desci meu rosto para ficar na sua altura, nunca tirando meus olhos dos seus, mas eu precisava olhar para sua boca mais uma vez, e o que vi ali me deixou louco, ela entreabriu os lábios como se me esperasse, como se ansiasse por mim. Voltei os olhos para ela e a vi com os olhos fechados e a respiração pesada, me chamando, dizendo sem palavras que queria aquilo tanto quanto eu, mas quando eu ia acabar com aqueles poucos centímetros que nos distanciavam fui tirado do feitiço que me encontrava e vi a merda que ia fazer.

Bato com a testa no volante. —Eu ia beijar a Maria Luísa. — Merda! E o pior é que eu ainda quero beijar. Quero pra caralho beijar essa mulher que

eu não tenho ideia de quem seja ou porque está aqui.

—Eu tenho que sair daqui. Tenho que sair daqui agora. — Digo em voz alta para mim mesmo, tentando me convencer a não voltar lá dentro e a tomar nos meus braços.

Mas antes que eu possa ligar o carro meu celular toca e o atendo sem olhar o visor.

—Alô.

—Oi, Gui. — Merda, é a Lia. —Queria saber como você está?

—A pergunta certa não seria: Como o meu irmão está?

—Ai Gui, eu também quero saber isso, mas estou preocupada com você.

—Eu estou bem, Lia. Era só isso?

—Não, eu também queria saber se podemos ir até o seu apartamento. Assim você pode relaxar um pouco. — Ela diz com aquela voz melosa que está começando a me irritar.

Penso em dispensá-la e ir para a casa dos meus pais, mas parando para pensar até que não seria uma má ideia encontrar a Lia. De repente transar com ela me faz acabar com essa merda de confusão que está a minha cabeça.

—Encontro você lá em trinta minutos. — Digo e desligo, sem dar margem para ela falar qualquer coisa.

***

Chego ao apartamento com um único propósito, comer a Lia e esquecer esse dia fodido. Sei que falando assim parece que sou bruto com ela, e a verdade é que eu sou, mas ela gosta, e assim como eu não liga de ter apenas uma foda.

Abro a porta e quando entro a vejo, ela já está lá dentro deitada no sofá da sala só de calcinha e sutiã de renda vermelha. Uma visão e tanto. Ou seria, se eu estivesse animado.

Ela tem a chave do lugar, eu dei a ela há muito tempo atrás, mas só a usa quando eu permito, como agora. Olho para o seu corpo escultural dentro da lingerie que não deixa nada para a imaginação, olho para os seus cabelos loiros que estão jogados nas almofadas e finalmente para a pose sensual que

ela se encontra e espero, espero que meu pau dê sinal de vida como ele sempre faz quando a vejo assim a minha espera. Mas caralho, nada acontece.

Ela me olha com um brilho de malícia nos olhos, tão diferente dos olhos hipnotizantes da Mar...

Porra! Para de pensar nela.

Vou até ela em passos determinados, já puxando minha camisa fora, preciso tirar da minha cabeça o que aconteceu com aquela mulher.

Sem falar nenhuma palavra a puxo do sofá e a colo ao meu corpo. Ela fica na ponta dos pés para tentar me beijar, mas eu não deixo. Eu não quero a boca dela na minha, eu quero a boca d...

De novo não! Porra!

Desvio meu rosto da sua boca e beijo seu pescoço, vou deixando chupões por onde minha boca passa. Ela começa a gemer e tenta grudar ainda mais seu corpo ao meu. Desço seu sutiã e coloco seus seios em minhas mãos, apertando-os com força, fazendo ela gemer ainda mais. Desço uma das mãos e enfio dentro da sua calcinha enquanto a outra continua apertando seu peito, ela está encharcada e joga a cabeça para trás gemendo enlouquecida quando começo a acariciar seu clitóris. Ela rebola na minha mão sem nenhum pudor, se tem algo que essa mulher não tem é isso.

Enquanto a acaricio sinto meu pau ficar semiereto. Dou um sorrisinho de canto de boca e sinto quando ela desce a mão e segura meu membro por cima da calça jeans. Ela já sabe o que eu quero, e sem nenhuma cerimônia se afasta e tira o sutiã por completo, ficando apenas em uma calcinha fio dental.

Calmamente ela começa a passar a mão pelo meu abdômen, distribuindo beijos molhados por ali enquanto abre o botão e o zíper da minha calça, então a tira junto com a cueca. A cachorra me olha com cara de safada e se ajoelha, bombeando meu membro vagarosamente com a mão, fazendo vazar pré-semen da ponta.

Ela olha para ele e então para mim e faz uma cena ao passar a língua pelos lábios e depois na cabeça do meu pau. Quero dizer que estou em êxtase como sempre fico com esse showzinho, olhar para ela naquela posição sempre me deixou com uma sensação gostosa de poder, de superioridade, de comando, mas hoje a única coisa que sinto é uma sensação estranha, como se isso que estamos fazendo aqui fosse errado.

Ela lambe toda a extensão do meu pau e logo em seguida o coloca por inteiro na boca, fazendo um movimento de vai e vem. Ela faz isso diversas vezes, chupando com vontade como se eu fosse sua última refeição da vida. A Lia sempre conseguiu me deixar louco com um boquete, mas hoje está... normal, quase como se fosse algo mecânico. Estou com tesão e de pau duro, mas parece que é somente uma reação normal do meu corpo que está acostumado a foder quase todos os dias.

Fecho os olhos tentando entender o porquê de isso estar acontecendo e meu corpo estar reagindo dessa forma, mas quando começo a pensar minha mente voa e vejo um par de olhos castanhos me encarando, começo a imaginar que quem está ali de joelhos me dando prazer é outra pessoa, uma certa mulher petulante de olhos e cabelos castanhos que não tem medo de mim, e porra, meu pau fica ainda mais duro.

Seguro seus cabelos com força, imaginando aqueles lábios rosados e cheios da Maria Luísa em volta do meu membro. Então me perco e começo a bombear com brutalidade, sem me importar com nada. Filha da puta gostosa!

Abro os olhos eufórico, pronto para me deparar com os olhos castanhos mais profundos que já vi, mas ao fazer me decepciono ao encontrar olhos azuis esverdeados me encarando e sinto um baque no coração.

Que caralho!

Puxo a Lia para cima e ela me olha sem entender. Não tenho como explicar se nem eu estou entendendo, então apenas digo. —Quero te comer.

Ela sorri maliciosamente e faz menção de se afastar e ir para o quarto, mas eu não quero isso hoje, quero sexo bruto, carnal, quero gozar, quero esquecer.

Sem que ela espere a viro de bruços no braço do sofá com a bunda empinada para mim e o rosto no assento. Ela dá um grito de surpresa, mas não tenta sair do lugar. Pego uma camisinha da carteira e a coloco rapidamente, preciso entrar logo nela para me lembrar de quem eu sou. O Guilherme que não se apega a ninguém. Que faz sexo sem sentimentos.

Puxo sua calcinha para o lado sem me preocupar em tirar, e sem que ela espere a penetro de uma única vez, todo o meu comprimento. Eu gosto disso. Ela dá um grito misturado com gemido, e eu que sempre gostei dos sons que saíam da sua boca, hoje só quero que ela fique quieta.

—Calada. — Digo, mas sai mais como um rosnado.

Ela fecha a boca e puxa uma das almofadas para o seu rosto, na certa para abafar seus gritos. Seguro em seu quadril e começo a estocar devagar, olho para sua cintura fina, para sua bunda empinada e para o meu pau entrando e saindo da sua boceta esperando que aquela sensação gostosa de comer uma mulher gostosa como a Lia me preencha, mas a porra da sensação não vem.

Fecho os olhos já pronto para sair de dentro dela e acabar com essa merda, mas sou atacado novamente com imagens da Maria Luísa, dessa vez ela está se exaltando e ficando vermelha, vejo sua boca entreaberta esperando pela minha, a vejo olhando dentro dos meus olhos e... puta que pariu, começo a bombear cada vez mais rápido. A imagino gemendo meu nome e o tesão me toma de uma forma violenta.

Eu preciso gozar, nada mais importa.

Escuto ao longe gemidos abafados, mas os ignoro e me concentro apenas nas imagens que minha mente insiste em trazer para mim, fazendo com que eu me torne ainda mais selvagem, entrando e saindo quase que com raiva.

Continuo de olhos fechados e vejo Maria Luísa atingindo o clímax, linda, corada e ofegante, sinto minhas bolas se contraírem e gozo com um gemido baixo. —Malu...

Fico entrando e saindo devagar, apenas aproveitando o momento, e quando desço do clímax que estava me dou conta do que acabou de acontecer.

Abro os olhos instantaneamente e, *puta que pariu*, gozei transando com a Lia e chamei o nome de outra mulher. Chamei o nome da Maria Luísa. Merda!

Olho para a Lia já esperando que ela dê um de seus ataques, mas graças a Deus parece que ela não ouviu. Ela está corada e satisfeita com o rosto de lado na almofada e meu pau ainda dentro dela. Me afasto sem dizer nada e vou até o banheiro, preciso de um tempo sozinho.

Descarto o preservativo e tomo um banho rápido. Volto para a sala ainda sem roupas e ela está sentada usando apenas a calcinha. Ela me vê e seu olhar vai direto para o meu pau.

—Nossa, Gui. Você hoje estava tão bruto, tão gostoso. — Diz de forma manhosa.

Não sei o que dizer ou o que responder, porque sendo sincero comigo mesmo, nem lembro direito do que aconteceu, estava perdido nos meus pensamentos, só o meu corpo estava ali. E para confessar eu estou até um pouco sem graça, isso nunca aconteceu antes. Eu nunca transei com uma mulher pensando em outra, pelo contrário, sempre dediquei toda a atenção a quem estava comigo. Então apenas sorrio e me abaixo para pegar minhas roupas.

—Onde você vai?

Olho para ela e respondo. —Para casa.

Ela se levanta em um rompante. —Como assim, eu achei que nós iríamos passar a noite juntos aqui. — Ela diz e faz um beicinho.

—Preciso ir para casa, você sabe disso.

—Tudo bem, eu vou com você então. — Porra! Ela vai começar a ladainha de novo. Eu juro que tento ter paciência, mas ela está cada dia mais difícil. Foi um erro ter encontrado ela aqui. Além de estar me sentindo um merda por ter estado com ela pensando em outra pessoa, ainda estou com essa porra de sentimento de culpa que não sei de onde veio como se o que fizemos aqui foi errado.

—Lia, não.

—Por que não? Eu posso cuidar de você, e...

—Porra Lia, o que está acontecendo com você? — Ela me encara assustada pelo meu tom de voz. —De um tempo para cá você está chata, melosa, carente, parece que se esqueceu do que temos. Você sabe muito bem que nós somos apenas amigos que transam e se dão prazer, então para de querer fingir que temos algo que você sabe muito bem que nunca vai rolar.

Ela me encara e vejo dor em seus olhos, mas ela tem que entender que o que temos é apenas isso. Eu não posso deixar que ela nem por um segundo pense que teremos algo além disso.

—Também não precisa ser grosso desse jeito. — Ela diz de forma magoada. Pega suas roupas e as veste enquanto eu faço o mesmo.

—Vamos, deixo você em casa.

Ela me olha ainda magoada, mas tentando se manter firme e diz. —Não precisa, eu sei muito bem me virar sozinha, Guilherme. — Então sai pela porta e vai embora. Sento no sofá do jeito que estou e coloco o braço nos olhos, tentando mais uma vez entender o que está acontecendo comigo. Porque eu estou me sentindo desse jeito? Porque essa sensação de culpa? E conforme deixo minha mente vagar, ela volta para um único lugar, para uma só pessoa.

Maria Luísa.

Capítulo 16

Malu

O dia está amanhecendo e eu ainda não consegui pregar os olhos. Estou inquieta desde o momento que o Guilherme saiu pela porta desse quarto, e estar em um hospital não me ajudou nenhum pouco a relaxar.

Todas as vezes que fecho os olhos imagens do rosto dele próximo ao meu invadem a minha mente e meu coração acelera como se estivesse tentando sair do meu peito. Eu nunca senti nada como aquilo na minha vida. Em um momento eu queria esganar e estapear ele e no outro queria pular no seu colo e sentir sua boca na minha, seu corpo no meu.

Como eu posso ter sentido uma coisa tão forte por uma pessoa que acabei de conhecer e que ainda por cima desconfia de mim?

Minha vida está virada de cabeça para baixo de novo. Eu pensei que finalmente poderia viver em paz e ser feliz, mas como sempre ela veio e me deu uma rasteira, mostrando que nada para mim vem de forma fácil.

Suspiro alto, sentindo a tristeza querer tomar meu coração. Além de ter sido praticamente escorraçada da vida do Max, quase perdi meu irmão e agora ainda tem a Dona Marta que acredita que o meu filho é do Bento.

Max... como eu posso ter sentido essas coisas pelo Guilherme se acabei de me afastar desse homem que é o pai do meu filho. Que eu amo. Não, que eu pensei amar. Estou confusa. Não sei mais o que sinto. Só tenho certeza que o que as sensações que o Guilherme me causa nunca senti por ninguém nessa vida.

Coloco a mão na minha barriga e a acaricio, hábito que peguei e não consigo parar, e de repente percebo que não tenho motivos para desanimar. Meu filho está aqui dentro de mim e meu amigo vivo, mesmo que lutando pela vida, e é por isso eu tenho que ser forte, por eles, mesmo com todos os problemas que virão.

—Ah meu filho, que confusão nos coloquei. — Digo em voz alta ainda com as mãos no ventre.

Queria tanto que eu já pudesse sentir ele se mexer, assim eu teria certeza que ele está bem.

A porta se abre e uma enfermeira entra. —Bom dia Maria Luísa. Preciso trocar o seu soro.

Dou bom dia a ela e aceno com a cabeça. Ela se aproxima e começa a trocar o soro, então olha para mim e diz: —Você não parece ter dormido muito bem.

Ela já é uma senhora e tem um sorriso amigável, retribuo seu sorriso na mesma hora. —É difícil dormir em um hospital.

Ela solta uma gargalhada divertida. —Eu trabalho a tantos anos nessa profissão que durmo até em pé no corredor se deixar. Mas tente dormir um pouco, você precisa descansar pelo seu bebê. — Ela verifica se o soro está colocado corretamente e antes de sair diz que se eu precisar de algo é só chamar.

Assim que ela sai eu fecho os olhos.

Preciso dormir pelo bebê.

Preciso dormir pelo bebê.

Preciso dormir pelo bebê.

Repito isso diversas vezes na mente, até que me sinto cada vez mais longe e acabo adormecendo.

***

Acordo lentamente ao ouvir pessoas sussurrando, e ainda com os olhos fechados ouço a voz do Sr. Luiz.

—Marta, ela ainda está dormindo. Eu te falei que era muito cedo para virmos para cá.

—Não tem nada de cedo. Por mim não tinha nem saído daqui. E cadê o Guilherme que ainda não chegou? — Dona Marta fala mais alto.

—Se acalma, Marta.

—Para de falar alto, Luiz. Vai acordar a menina. — Ela diz, mas quem está falando alto é ela, ele continua sussurrando.

Abro os olhos e eles imediatamente se viram para mim. Dona Marta dá um tapa no braço do Sr. Luiz e o olha de cara feia, tenho vontade de rir dessa

cena. —Viu, eu falei para você falar baixo. Acordou ela. — Diz e se aproxima de mim com um sorriso no rosto como se não tivesse acabado de brigar com o marido. —Bom dia, minha menina. Você dormiu bem?

Apesar de não ter dormido nada bem prefiro não falar isso para ela. Não quero a preocupar desnecessariamente. —Dormi sim, Dona Marta. Depois que vocês saíram eu deitei e dormi praticamente direto até agora.

Ela faz carinho no meu rosto e sorri ainda mais. —Que bom meu bem, você precisava descansar.

Olho para o Sr. Luiz que está no pé da cama. —Bom dia.

—Bom dia. Você está bem?

—Estou sim. — Então volto a atenção para Dona Marta. —Notícias do Bento?

Seu semblante se entristece na hora. —Não me deixaram ver ele hoje. Disseram que esses primeiros dias são cruciais para a sua recuperação e que seria melhor não receber visitas, mas disseram que o quadro é estável e que está tudo indo bem. Fica tranquila, você não tem nada para se preocupar porque ele vai ficar bom logo.

Sorrio para ela porque sei ela está tentando não demonstrar tristeza. Eu não consigo imaginar a dor que ela está sentindo, só de pensar em perder o meu filho eu já tenho vontade de morrer.

Ela vira a cabeça para o marido. —Luiz, vá atrás do médico. Quero levar a Maria Luísa para casa logo. E cadê o Guilherme que não chega? Quando saímos de casa ele disse que estaria logo atrás. — Ela diz e eu congelo. Droga! Me esqueci completamente que ele mora com os pais, e eu não posso ficar na mesma casa que ele. Não depois de ontem.

—Dona Marta, falando nisso... _ Digo e ela olha para mim. —Eu não quero que a senhora fique chateada comigo, mas eu pensei bem e acho melhor eu ficar em um hotel até conseguir um emprego e um lugar para morar. — Eu não sou ingênua e guardei umas economias, não é muita coisa, mas dá para eu me virar até conseguir um emprego. Sei que vai ser difícil por eu estar grávida, mas nunca tive medo de trabalho, sendo honesto está valendo.

—Eu vou fingir que não ouvi isso. — Ela diz e faz um movimento com a mão como se estivesse dizendo "deixa para lá" e me ignora completamente.

—Luiz, o que você ainda está fazendo aqui? — Ela coloca as mãos nos quadris e se vira para ele de cara feia. Ele apenas sorri e levanta as mãos em rendição dando passos para trás em direção a porta, mas não precisa andar muito porque o médico entra.

—Bom dia. Visitas a essa hora Maria Luísa? — Abro a boca para responder, mas Dona Marta fala primeiro.

—Bom dia Doutor. Sim, visita da família não tem hora. Já podemos levá-la para casa?

O médico sorri e diz que antes precisa me examinar.

Ele conversa um pouco comigo e faz algumas perguntas, fico sem graça quando ele diz que a enfermeira anotou no prontuário que eu não dormi a noite, olho para a Dona Marta e ela aperta os olhos para mim. Merda! Encaro minhas mãos, me sinto como uma criança pega pela mãe fazendo arte.

O médico diz que posso me trocar pois estou liberada, e eu sorrio com o pensamento de sair desse lugar. Ele chama uma enfermeira que tira o soro de mim, eu me levanto e vou na direção do banheiro, mas paro de andar e olho para a bata de hospital que estou usando e me lembro que não sei onde estão minhas roupas. Dona Marta parece ler os meus pensamentos pois pega no canto do quarto uma mala pequena que eu não tinha reparado e me entrega.

—Aqui "Maria Luísa", eu trouxe algumas coisas que você poderia precisar. — Ela diz e dá ênfase no Maria Luísa, isso faz eu me encolher. —E não pense que passou despercebida a sua mentira, só não farei nada agora porque você está debilitada, mas aguarde uma conversa mais tarde.

—Dona Marta, eu...

—Mais tarde.

Merda! Vou para o banheiro praticamente correndo, abro a mala e tem umas 3 mudas de roupa. Todas parecem ser novas, a blusa que escolho tem até etiqueta. Deixo para tomar banho depois, preciso sair desse hospital urgentemente.

Coloco uma calça jeans e sapatilha, ela trouxa até escova de cabelo, o que é maravilhoso, pois quando me olho no espelho parece que tem um ninho de rato na minha cabeça.

Saio do banheiro e vejo a Dona Marta conversando no canto do quarto com o médico, mas o que prende minha atenção é o que está ao lado da janela, na verdade, quem está ali, o homem de olhos azuis que me encara com intensidade.

—Minha filha, se prepare para um sermão da Marta. Ela está chateada que você mentiu dizendo que dormiu bem. — Sou obrigada a olhar para o Sr. Luiz.

—Eu não queria mentir para ela, mas também não queria que ela se preocupasse. Eu não fiz por mal. Eu juro.

—Entenda de uma vez, ela vai se preocupar independente de qualquer coisa, e outra, ela odeia mentiras, então sempre seja sincera com ela, por mais doloroso que seja ela vai entender.

Me encolho e meu coração se aperta porque o que estou fazendo no momento é exatamente isso, estou deixando ela acreditar que meu filho é seu neto. Eu já amo demais essa mulher e não posso magoá-la. Tendo isso em mente tomo a decisão de que assim que chegar na casa deles vou contar toda a verdade para ela.

O médico se aproxima de mim. —Maria Luísa, eu já assinei sua alta e você está liberada, mas preciso que você se hidrate bastante, se alimente bem e procure um obstetra com urgência para começar o pré-natal. Eu deixei também algumas recomendações com sua família, e espero não ter que ver você tão cedo nesse hospital como paciente.

—Pode ficar tranquilo que eu vou cuidar dela. — Dona Marta diz e estende a mão para mim.

Minha garganta parece que vai se fechar com o nó que se formou ali, e meus olhos queimam com as lágrimas querendo cair.

Ninguém nunca cuidou de mim, apenas o Bento. Família era algo que não estava no meu vocabulário, eu tive apenas duas pessoas que me tiraram do sistema quando eu tinha 13 anos e até hoje não entendo para que.

Quando fui adotada eu queria explodir de felicidade, finalmente ia ter uma mãe e um pai e formaríamos uma família. Sonhei com isso desde que me entendo por gente. No início eles até que tentavam, mas depois de um tempo pareciam ter se arrependido da adoção. Eles não eram pessoas ruins, mas também não eram carinhosos, muito menos amorosos. Não se importavam

comigo, apenas me davam o que era necessário para sobreviver, ou seja, comida, escola e um teto para dormir.

Sempre me deixavam sozinha para que eles pudessem sair ou viajar, assim eu tive que desde muito cedo aprender a me virar sozinha.

Uma certa noite quando eu estava quase completando 18 anos ouvi a minha "mãe" falar para o meu "pai" assim: *"Já não está na hora dessa menina seguir o rumo dela não? Não aguento mais, quero ter nossa liberdade de volta."*

Não precisei escutar mais nada, fui para o meu quarto e chorei a noite toda. Não seria ingrata de simplesmente sumir, afinal eles me deram um lugar para ficar por anos, mas no dia seguinte comecei a procurar emprego, e assim que consegui aluguei um lugar para morar que consistia em um espaço de dois cômodos que era sala/quarto/cozinha e um banheiro.

Quando contei que tinha alugado um lugar para mim e ia sair de casa vi alívio nos olhos dos dois. A despedida foi apenas um tchau, um se cuida e um abraço estranho, e desde então nos falamos muito raramente por telefone e sempre apenas para saber se está tudo bem. Como se estivéssemos cumprindo um protocolo apenas.

E é por isso que me encontro agora com essa vontade insana de chorar, porque ouvir a Dona Marta dizer que vai cuidar de mim com tanto carinho, como uma verdadeira mãe, é uma coisa que sonhei escutar toda a minha vida.

Olho em volta e vejo que todos estão me olhando, então forço as lágrimas para baixo e dou o melhor sorriso que consigo, aceitando sua mão. Olho para o médico e digo. —Obrigada Doutor, vou me cuidar.

O Guilherme, que até o momento estava como uma estátua ao lado da janela, se adianta e abre a porta, sou a última a sair, e quando passo por ele sinto aquele cheiro gostoso de novo e memórias do dia anterior voltam a minha cabeça.

Fecho os olhos e inspiro, me deliciando com aquele aroma masculino, mas quando abro os olhos e viro para o lado ele está me encarando.

—Você está bem? — Ele pergunta com as sobrancelhas arqueadas e um sorrisinho cínico na boca, como se soubesse o que causa em mim.

—Estou. — Respondo de forma seca. Tenho que me armar contra ele, não posso deixar ele se aproximar.

Desvio o olhar a muito custo e volto a andar, mas sinto sua presença atrás de mim o caminho inteiro até o estacionamento. Dona Marta e Sr. Luiz estão na frente, e quando chegamos perto de um carro grande e preto ela vira para trás e diz: —Querida, me desculpe, mas eu tenho que ir até a empresa com o Luiz assinar alguns papéis, não sei se o Bento contou para você, mas nós temos uma empresa de arquitetura. Mas eu prometo para você que vai ser bem rapidinho, você pode até conhecer o local enquanto me espera.

Sorrio porque ela é carinhosa até para se desculpar. —Não me importo Dona Marta. Eu posso esperar o tempo que for preciso.

—Ela não precisa esperar, mãe. Eu posso levá-la para casa.

—O que? — Falo automaticamente e olho para o Guilherme que acabou de soltar isso do nada. Ele está louco? Depois do que aconteceu ontem quer ficar sozinho comigo de novo?

Estou pronta para dizer que não precisa quando a Dona Marta o abraça. —Ah meu filho, muito obrigada. Eu ia te pedir isso, mas não sabia se você estava indo para a empresa. Mas já que você se ofereceu vou ficar muito mais tranquila sabendo que a Malu vai para casa e vai poder descansar. Já preparei o quarto de hóspedes para ela. Tudo bem para você, filha?

—Não... — Eu praticamente grito e todos me olham. Merda! O que eu faço agora? —Não, quer dizer, não precisa se dar a esse trabalho Guilherme. — Digo para ele, então me viro para ela e suplico com os olhos. —Eu posso ir com vocês e esperar. Eu realmente não me importo.

Guilherme pega no meu braço e o puxa de leve, sinto um arrepio percorrer por todo o meu corpo quando ele faz isso, o mesmo de quando ele apertou minha mão ao me cumprimentar.

Eu sei que ele percebe a minha reação porque olha para o local que está segurando e franze a testa. Meu olhar encontra o dele quando diz: —Eu insisto. Já estou com tudo adiantado e só tenho reunião a tarde. Vamos?

Merda!

Dona Marta me abraça me prometendo que logo estará em casa, pede que eu tome um banho para tirar o cheiro de hospital e descanse.

Vejo eles entrarem no carro e o Guilherme me aponta para o carro ao lado, um desses modelos esportivos na cor azul. Vou andando até a porta do carona em passos incertos, tento abrir a porta, mas não consigo, está travada.

Meu corpo fica tenso, mas eu permaneço de frente para a porta esperando ele abrir, porém ele apenas fica ali parado atrás de mim sem fazer nenhum movimento.

Quando estou pronta para abrir a boca e perguntar porque ele continua ali parado sinto ele se aproximar e meu coração passa a bater forte no meu peito. Ele desce a boca até perto do meu ouvido e sinto sua respiração ali, causando aquele formigamento gostoso que senti ontem quando sua respiração se misturou a minha.

Minhas pernas estão bambas e tenho medo de cair. Coloco a mão na maçaneta para me apoiar exatamente no momento que ele diz com a voz rouca. —Agora somos só nós dois.

Capítulo 17

Malu

Sinto que posso desmaiar a qualquer minuto, a respiração dele continua próxima ao meu ouvido e tudo o que mais quero é dar um passo para trás e colar meu corpo ao seu.

Não sei o que acontece comigo quando estou perto dele, só sei que a vontade de tê-lo grudado a mim é insana. Fecho os olhos e respiro pausadamente, então junto o que resta do meu auto controle e me viro, ficando assim de frente para ele, o que não foi uma ideia muito boa pois chego muito perto daquela imensidão azul que me encara fixamente.

Se controla Maria Luísa.

Então faço o que aprendi há muito tempo com a vida, me armo contra ele.

—O que você quer dizer com isso, Guilherme? — Digo empinando o nariz e tentando demonstrar uma calma que não existe.

—Quero dizer que agora vamos poder terminar o que começamos ontem. — Ele diz com a voz rouca sem desviar os olhos dos meus.

Merda! O pouco da barreira que comecei a subir desmorona em questão de segundos.

Meu corpo inteiro reage as suas palavras se lembrando de quando ele esteve tão perto de me beijar.

Dou um passo para trás e me grudo ao carro. Preciso fugir, não entendo que tipo de poder ele tem sobre mim.

Sinto meu rosto ficar quente e sei que estou ficando vermelha, olho para os lados procurando uma saída, mas não sei o que fazer. Ele se aproxima um pouco mais e olha para a minha boca, depois sobe o olhar para encontrar o meu, e ali vejo apenas desejo e luxúria.

Respiro fundo de novo e essa é a pior coisa que eu poderia ter feito, porque seu perfume me embriaga e tudo que eu mais quero é pular no pescoço dele e grudar meu nariz ali para sentir seu cheiro mais de perto.

Quer saber de uma coisa? Quero que tudo vá para o inferno, quero que ele me beije. Pronto! De repente se isso acontecer eu o tiro da minha cabeça.

Já estou quase fechando os olhos quando ele praticamente cola o corpo ao meu e diz em um sussurro. —A conversa Maria Luísa, é isso que quero dizer. O que você achou que era?

Gelo. Meu corpo congela como se eu tivesse tomado um banho de água fria.

Desgraçado!

Olho para ele e vejo um sorrisinho debochado no canto da sua boca como se soubesse muito bem que eu estava prestes a agarrá-lo aqui no meio do estacionamento do hospital.

Babaca!

Raiva! É isso que sinto nesse momento. Quem ele pensa que é para ficar fazendo esses joguinhos comigo?

Coloco as duas mãos em seu peito e o empurro. Me afasto e começo a andar pelo estacionamento.

Idiota!

Imbecil!

Arrogante!

—Maria Luísa! — Ouço ele falando alto, mas não olho para trás, apenas continuo andando.

Andando para onde Maria Luísa?

Droga! Eu não sei para onde estou indo.

Pensa. Pensa, Maria Luísa.

Mas quanto mais eu penso, mais sem rumo eu me sinto. Eu não sei onde fica a casa do Bento e muito menos onde fica a empresa do Sr. Luiz, não conheço nada nessa droga de cidade. Mas não vou dar o braço a torcer para esse idiota do Guilherme. Ele se acha demais. Tudo bem que ele é lindo de morrer, mas é um mimado egoísta.

Que ódio!

Saio do estacionamento e olho para os lados sem saber para onde ir, sei

que deveria voltar e exigir que ele me levasse até a Dona Marta, afinal é por causa dele que eu não estou com ela, mas meu orgulho é maior.

Viro a direita e continuo andando. Preciso pensar o que fazer. Eu sei o sobrenome do Bento e que a empresa deles é de arquitetura, de repente se eu voltar ao hospital eles podem me ajudar, ou eu posso perguntar por aí.

Viro mais uma esquina e já começo a me arrepender porque não sei em que direção estou indo. Melhor voltar para o hospital. Quando vou virar para voltar escuto um carro andando devagar ao meu lado e sei que é o Guilherme, desisto de virar e continuo andando em linha reta com a cabeça erguida.

Ele abaixa o vidro e diz: —Entra no carro. — Ignoro sua presença. Continuo andando e ele continua me seguindo. Infantil da minha parte eu sei, mas é mais forte que eu. —Maria Luísa, entra no carro! — Ele praticamente grita, mas eu continuo seguindo em frente.

Escuto o carro freando e uma porta batendo com força, segundos depois sinto meu braço sendo puxado e vejo o Guilherme me olhando com raiva. — Que porra você acha que está fazendo?

—Não te interessa o que eu estou fazendo. Me solta. — Digo e tento puxar o braço em vão, o aperto dele é forte em mim.

—Você está maluca? Você nem sabe onde a gente mora. Acha que vai chegar lá como? — Não respondo porque eu realmente não sei. —E eu já disse que temos que conversar.

—Conversar? Não existe conversa entre a gente. — Digo na defensiva.

—Claro que existe e você sabe muito bem disso. Eu quero saber o que você fazia com o meu irmão.

Dou uma risada e digo: —Engraçado, ontem eu quis te contar tudo o que aconteceu e você não quis me ouvir, então sinto muito, não tenho mais nada a dizer para você. — Puxo o meu braço e me solto do seu aperto, mas assim que dou um passo para trás uma onda de tontura me bate e eu sinto meus pés ficando instáveis.

—Merda! — Escuto ele dizer e logo após suas mãos estão na minha cintura me segurando. —Vamos logo.

—Eu não vou com você. — Não me dou por vencida.

Ele parece que vai explodir de tanta raiva. —Entra logo na porra do

carro! Você acabou de sofrer um acidente e ainda está fraca, além de estar grávida. Quase desmaiou aqui no meio da rua. Quer voltar para o hospital? Se for isso pode continuar. — Ele fala, mas não tira a mão da minha cintura e já está me levando em direção ao seu carro.

Me calo na hora porque ele tem razão, mas eu nunca vou falar isso para ele.

Preciso me conter, estou grávida e o médico disse que preciso de repouso, então deixo que ele me acompanhe e me coloque no banco do carona. Ele dá a volta, entra colocando o cinto de segurança e dá partida.

Viro a cabeça para a janela e fico apenas olhando a paisagem, sinto que ele me olha de vez em quando, mas não ouso olhar para o lado.

Depois de uns 20 minutos paramos na frente de um condomínio com seguranças em vários pontos, ele digita um código perto do portão que se abre automaticamente. Quando entramos fico abismada, o condomínio é imenso e totalmente arborizado com mansões bem espaçadas umas das outras. Ele para o carro na frente de uma delas e eu fico em choque com o que vejo, é a maior de todas, tem um jardim imenso na frente com aquelas portas e janelas enormes que eu via nas revistas e admirava. Eu sabia que o Bento era rico, mas não tanto.

Percebo que ele está me olhando, então me apresso em sair do carro para não ter que encará-lo em um espaço tão pequeno como esse. Preciso de distância.

Ele sai e caminha para a porta, e quando a abre minha boca vai ao chão. É a casa mais linda que eu já vi na vida, consigo imaginar perfeitamente uma família feliz vivendo ali dentro.

Estou encantada, tudo é lindo, mas ao mesmo tempo simples, é possível ver que cada coisa ali dentro foi escolhida com carinho, provavelmente pela Dona Marta, e me pego pensando como seria construir uma família em um lugar como esse.

Sou tirada dos meus pensamentos pela voz de uma mulher. —Meu filho, você não devia estar no trabalho? — Olho para a porta de onde ela saiu e vejo que se trata de uma senhora baixinha de uns 50 anos. Ela sorri com carinho para o Guilherme, e quando nota a minha presença vejo surpresa em seus olhos. Ela abre um sorriso gigante para mim que eu não tenho como não

retribuir. —Uau, e quem é essa? Sua namorada? Se for eu aprovo, ela é linda e tem cara de boa moça, não como aquela sirigaita da Lia.

O que? Aprova quem? E quem é Lia?

Guilherme dá uma gargalhada gostosa e eu olho para ele, seu sorriso é sincero para a mulher, seus dentes brancos perfeitamente alinhados só deixaram o desgraçado ainda mais bonito. Ele anda na direção dela ainda sorrindo. —Rosa, minha linda. — Ele diz e se agacha para abraçar a mulher bem mais baixa do que ele. —Você sabe que no meu coração só tem lugar para você. — Ele diz e dá um cheiro no pescoço dela. Ela dá um tapa no braço dele e sorri, e eu fico ali desconcertada sem saber o que fazer.

Ele olha para mim e seu sorriso diminui, mas seus olhos ainda são intensos. —Essa é a Maria Luísa. Maria Luísa, essa é a mulher que cuida da gente, a Rosa.

—Ah meu Deus, essa é a Malu que sua mãe tanto falou hoje cedo? — Ela pergunta e corre na minha direção, me puxando para um abraço. —Seja bem-vinda minha filha. — Ela me solta e segura meu rosto, vejo seus olhos cheios de lágrimas. —A Marta me disse o que aconteceu com você e meu menino. Mas graças a Deus vocês estão vivos, vocês e esse bebê.

Sorrio para ela porque já sinto que vamos nos dar muito bem. O telefone do Guilherme toca e ele atende. Escuto ele dizer. —O que é Lia? — E sai pela porta que a Rosa entrou. Ela faz uma cara de desgosto ao ouvir o nome da mulher.

—Não sei o que meu Guilherme vê nessa mulher. Uma interesseira, nojenta e mimada. Já disse mil vezes que ele tem que arrumar uma mulher decente, mas ele não me escuta, e essa garota vive atrás dele, não importa como ele a trate, ela não desiste.

Tenho uma sensação estranha ao ouvir ela falar dessa mulher. —Essa Lia é namorada dele? — Pergunto sem conseguir me conter. Claro que é por pura curiosidade, não porque quero saber da vida dele.

Ela coloca seu braço no meu e diz: —Não, Deus me livre. Guilherme diz que não namora, que não nasceu para isso. Uma vez ele me disse que ela era sua amiga com benefícios. Não sei o que isso significa porque vocês jovens mudam tudo. — Ela balança a mão em um gesto estranho. —Mas me diga de você, meu bem. Você está com fome? Quer que eu prepare algo para

você comer agora ou quer tomar um banho primeiro?

Apesar de estar morrendo de fome decido pelo banho, preciso tirar esse cheiro de hospital entranhado em mim. —Eu prefiro tomar um banho primeiro.

—Venha que eu vou te mostrar onde fica o seu quarto. — Ela me leva por uma escada que dá acesso ao segundo andar e diz que depois me mostra o restante da casa. Paramos em frente a uma porta e ela diz: —Eu e Marta preparamos o quarto de hóspedes para você. Espero que você se sinta confortável.

Entro no quarto e fico boquiaberta, ele é todo decorado em tons pastéis, simplesmente maravilhoso. Tem uma cama imensa no centro que só de olhar já sei que vou dormir como um anjo, uma TV enorme na parede, além de quadros lindos pendurados. Rosa me indica duas portas e diz que são o banheiro e o closet, que eu posso ficar à vontade e que já tinha algumas roupas ali, logo depois sai dizendo que vai preparar algo para eu comer enquanto tomo banho porque saco vazio não para em pé.

Essa mulher é engraçada, sorrio com o pensamento e vou para o banheiro.

Tiro as roupas, entro no box e abro a água quente. Depois de limpa ainda fico ali por uns bons vinte minutos só deixando a água escorrer pelo meu corpo, como se ela pudesse tirar de mim todos os problemas.

Saio do banho me sentindo um pouco letárgica e me enrolo em uma toalha, vejo que no balcão tem tudo o que eu possa precisar, escova de dente, pente, escova de cabelo, cremes, e mais uma infinidade de coisas. Realmente a Dona Marta pensou em tudo.

Escovo os dentes e penteio meu cabelo, opto por não secar pois sinto meu corpo cansado demais, então vou para o quarto. Decido deitar só um pouquinho antes de me vestir e descer para comer alguma coisa. Fecho os olhos e sinto a maciez da cama, penso em levantar logo, mas o cansaço físico e mental não me deixam e me sinto a deriva de um sono leve.

Acho que vou deixar para comer mais tarde.

Meu corpo se arrepia e sei que estou com frio, mas não quero me mover, então continuo vagando naquele lugar entre realidade e sonho. Sinto algo se mover ao meu lado e logo após me sinto quente, como se alguma

coisa tivesse sido colocada em cima de mim, depois disso sinto algo como uma pena passando de leve pelo meu rosto, é uma sensação gostosa, e um beijo ser depositado na minha cabeça com palavras sussurradas que não consigo entender.

Quero abrir os olhos para ver o que é, mas aqui está tão gostoso e minha mente está tão cansada que me perco no mundo dos sonhos e adormeço.

Capítulo 18

Guilherme

Essa mulher está me deixando louco!

Uma hora ela está praticamente se derretendo para mim e no instante seguinte empina a porra daquele nariz e me enfrenta, e o pior é que isso só me deixa ainda mais excitado.

Quando me lembro que parei o carro no meio da rua e fui atrás dela, praticamente a obrigando a aceitar minha carona... Puta que pariu! Eu correndo atrás de mulher. Isso é totalmente inédito! Elas que sempre imploraram para irem comigo, mas essa mulher teimosa só entrou depois de ter me desafiado mais uma vez e quase ter desmaiado no asfalto. Tenho certeza que se não fosse por isso não teria vindo comigo.

Não falei nada o caminho todo, já percebi que não adianta pressionar, tenho que esperar o momento certo. Assim que chegamos ela já ganhou a Rosa, o sorriso que a mulher deu para ela antes mesmo de saber quem era já me mostrou que ela havia ganho mais um aliado, e eu continuo sem entender que feitiço ela tem que todos caem de amor por ela.

Estava esperando só a Rosa sair para tentar outra abordagem quando a Lia me ligou, para variar estava arrependida de ter saído do meu apartamento da forma que fez. Tratei de dispensar logo e avisei que quando quisesse ligava para ela e que ela tinha que repensar nas atitudes que estava tendo.

Rosa entrou na cozinha e preparou um lanche para mim e para a Maria Luísa, dizendo que ela estava tomando banho, mas que achava melhor levar a comida para ela no quarto já que ela parecia tão abatida. Vi ali minha oportunidade tentar arrancar alguma informação dela e disse que eu mesmo levava assim que terminasse de comer.

Bati na porta do quarto e ninguém atendeu, bati mais uma vez e nada. Imagens dela passando mal ou desmaiando fizeram com que eu entrasse no quarto mesmo sem a sua autorização, e me arrependi assim que o fiz.

Ela estava deitada na cama, dormindo, com os cabelos molhados e enrolada em apenas uma toalha. Parecia um anjo.

Passei meus olhos pelo seu corpo e meu pau deu sinal de vida assim que me deparei com aquelas pernas compridas de fora e os seios quase saindo por cima da toalha.

—Gostosa...

Vou andando a passos leves e paro ao seu lado, coloco a bandeja com o lanche na mesinha ao lado da cama e volto a observá-la. Vejo seu corpo inteiro se arrepiar e percebo que está com frio, e mesmo que queira continuar olhando para ela, acabo pegando um cobertor e a cubro, não resisto e passo a ponta dos dedos no seu rosto, dormindo assim ela parece tão frágil. Nem de longe parece aquela mulher que me enfrenta de igual para igual.

Acabo cedendo a mais uma vontade minha e beijo seus cabelos, falando baixinho em seu ouvido. —Quem é você Maria Luísa?

Suas pálpebras se mexem e eu paro de respirar. Porra! O que vou falar se ela acordar e me pegar aqui abaixado ao seu lado? Por sorte ela não acorda e eu me chuto mentalmente por estar parecendo um idiota apaixonado que quer tocar na sua mulher.

Mas que caralho eu estou pensando?

Tenho que ficar longe dela, mas também tenho que saber quem ela é.

Fico indeciso, não sei o que fazer, e isso me perturba, porque eu nunca me senti assim. Eu sempre tenho controle sobre as coisas.

Olho para a poltrona de frente para a cama e para a Maria Luísa que continua dormindo tranquilamente e tomo minha decisão, não saio daqui sem as respostas que preciso.

Malu

Acordo calmamente de um sono tranquilo sabendo exatamente onde estou, na casa dos pais do Bento. Continuo de olhos fechados sentindo a maciez da cama que parece me abraçar e não querer me deixar levantar nunca mais, mas meu estômago escolhe esse momento para me lembrar que eu preciso comer, então me lembro do meu bebezinho que precisa ser alimentado. Sorrio só de pensar nele e me espreguiço tentando tirar esse sono de mim, mas está tão quentinho aqui que acho que vou dormir mais um pouco.

Quentinho? Mas eu dormi só de toalha.

Abro os olhos e me sento na cama abruptamente, e ao fazer isso dou de cara com o Guilherme me encarando, sentado em uma poltrona com as pernas cruzadas na altura do tornozelo como se tivesse todo o tempo do mundo para estar ali.

—O que você está fazendo aqui? — Indago já de cara feia.

—O que parece que estou fazendo? Esperando a bela adormecida acordar. — Ele diz e sorri e... merda é um sorriso lindo demais.

Faço menção de levantar, mas lembro que estou só de toalha e volto ao lugar que estava imediatamente. —Será que você poderia me dar licença?

Ele me analisa por alguns instantes, mas nega com a cabeça. —Não, não posso. Não saio daqui até terminarmos essa maldita conversa que começamos ontem. E dessa vez você não vai fugir.

—Você me cobriu? — Pergunto e nem sei porque.

Ele desvia o olhar e vejo que não esperava minha pergunta, então responde sem graça. —Sim, você estava gelada. — Ah cacete, então não foi sonho, ele me cobriu e... espera aí, me acariciou e beijou? Fico olhando para ele sem saber o que dizer. Então ele continua. —Olha, eu só quero conversar para tirar tudo isso da minha cabeça, depois disso cada um vai para o seu lado e não precisamos nem mais nos olhar.

Isso. É exatamente isso que eu preciso, distância dele, então concordo. —Tudo bem, mas será que eu posso colocar uma roupa primeiro? Já que me cobriu tenho certeza que viu que não estou vestida adequadamente. — Digo e arqueio uma sobrancelha.

Ela dá um sorrisinho de lado e olha para os meus seios protegidos pela coberta. —Não, não posso dar licença porque você pode fugir de novo. E como você mesmo disse, eu te cobri e já vi o que tem aí embaixo, então não se preocupe.

Filho da puta.

Mas como não sou uma mulher de abaixar a cabeça, simplesmente jogo as cobertas para o lado e seguro a toalha com força para ter certeza que está tudo no lugar, então me levanto e paro de pé ao lado da cama. —Satisfeito?

Ele passeia os olhos pelo meu corpo lentamente e diz: —Dá para o

gasto.

Babaca!

Viro as costas para ele com raiva e vou na direção do banheiro, mas no meio do caminho resolvo provocá-lo.

Ele quer briga? Então ele vai ter.

Entro no banheiro, mas fico parada na porta do lado de dentro em um lugar que ele ainda consiga me ver. Sinto seus olhos em mim o tempo todo, então ainda de costas para ele deixo a toalha cair e fecho a porta com o pé. Escuto algo como um *"porra"* no quarto e sorrio, olho para a porta e digo baixinho. —Dois podem jogar esse jogo, querido.

***

Acho que estou a uns 10 minutos dentro do banheiro, coloquei as mesmas roupas que usei quando saí do hospital, mas não tenho coragem de sair, não depois da cena que fiz. Por isso me encontro sentada no chão de frente para a porta a encarando e me perguntando porque eu fiz isso?

Porque. Diabos. Eu. Fiz. Isso?

Porque eu deixei a toalha cair para que ele visse meu corpo nu?

Ele tem o poder de me fazer ir de 8 a 80 em questão de segundos. Ele me provoca e eu não consigo me controlar. E agora estou aqui sem saber com que cara vou sair desse banheiro e encará-lo.

Ele me viu nua.

Tudo bem que foi de costas, mas mesmo assim... ele me viu nua.

Bato com a cabeça na parede.

Burra!

Burra!

Burra!

A cada palavra dou uma batida com a cabeça na parede.

E isso que você é, Maria Luísa. Burra!

Paro de me martirizar quando escuto passos pelo quarto. Será que ele está indo embora? Levanto e coloco o ouvido na porta para tentar escutar melhor, mas me assusto quando duas batidas fortes soam e logo depois ouço

a sua voz. —Só para avisar que continuo esperando e que não saio daqui sem essa conversa finalizada. Não adianta tentar fugir, muito menos se esconder. — Ele diz e escuto seus passos se distanciando.

Merda!

Olho para o espelho e digo: —Vamos lá, Maria Luísa. Levante a cabeça e arque com as consequências dos seus atos.

Vou até a porta e coloco a mão na maçaneta, respiro fundo e a abro, olho para o quarto e vejo que ele está sentado na mesma poltrona.

—Eu não estava fugindo Guilherme, estava apenas colocando minha cabeça em ordem para essa conversa. — Digo andando até a cama e fico de pé olhando para ele que continua na mesma posição, sentado com as pernas abertas e braços cruzados. Apenas nos olhamos por um tempo e eu espero que ele comece.

—Tudo bem. Primeiro eu quero saber se essa criança que você espera é do meu irmão ou não.

—Não, não é dele e você sabe muito bem que não teria como ser.

Ele assente com a cabeça concordando comigo. —E por que você estava vindo para cá com ele?

—Eu estava vindo para cá porque ele me convidou e eu precisava sair de lá.

—Resposta um pouco vaga você não acha? — Ele diz em tom sarcástico.

Mantenha a calma Malu. —Não, não acho vaga porque foi exatamente o que aconteceu.

—E você espera que eu aceite uma resposta dessa?

—Olha, eu não tinha que te dar satisfação nenhuma, mas em respeito ao Bento eu vou dar. Eu tive um problema pessoal na cidade que morávamos e o seu irmão me convidou para vir com ele. Eu relutei no início porque minha vida era lá, mas ele acabou me convencendo que seria melhor para mim e para o meu bebê ter essa mudança. — Assim que termino de falar coloco a mão na barriga, ele olha para ela e fica pensativo por um tempo.

—E onde está o pai do seu filho?

—Isso não te interessa. — Digo na defensiva.

—Claro que interessa.

—Meu filho não tem pai.

—Não tem pai ou você não sabe quem é?

—Isso não te diz respeito. — Como ele tem a coragem de me desrespeitar dessa forma?

—Não me diz respeito? — Ele diz com raiva e se levanta andando na minha direção enquanto fala. —O Bento deixou que minha mãe pensasse que você era namorada dele. Logo depois você aparece aqui grávida e não me diz respeito? Sabe o que isso está parecendo? Que você se meteu em uma encrenca das grandes e precisava deixar tudo para trás e sair correndo da cidade e viu no Bento, um cara que sempre teve coração mole e acreditou nas histórias mais mirabolantes que contaram para ele, a chance perfeita de fugir e se dar bem na vida fingindo para a família dele que eram namorados. — Ele dá uma risada sarcástica e eu não posso acreditar no que ele está insinuando que eu sou. De novo não. —Para mim está tudo muito claro Maria Luísa, você com esse jeitinho de boa moça deu um jeito de convencer o Bento a entrar nessa história e te proteger, e de quebra conseguir uma boa vida às custas da nossa família.

Capítulo 19

Guilherme

Plaft!

Esse é o barulho que eu escuto, e na mesma hora fecho os olhos sentindo minha bochecha queimar porque a mão da Maria Luísa bate com toda força que ela tem no meu rosto.

Coloco a mão no local logo depois. Estou atônito com o que ela fez.

Como ela teve coragem de fazer isso?

Fúria me toma e eu estou pronto para começar uma discussão, avanço em sua direção e seguro seu braço com força pronto para jorrar toda minha fúria nela com palavras, sim palavras, eu nunca machucaria uma mulher, mas quando vou começar a falar a vejo com o rosto vermelho e o corpo trêmulo, ela está com raiva, raiva não, ódio. Ela não demonstra um pingo de medo de mim, pelo contrário, parece que ela cresce e a qualquer momento pode pular no meu pescoço e me sufocar até a morte.

Estou praticamente bufando de raiva, mas não consigo nem começar a falar porque ela começa a me empurrar e a se debater, dando socos no meu peito com o braço que está livre, então a deixo ir porque sei que vou acabar a machucando.

Solto seu braço e ela se desequilibra, faço menção de segurá-la, mas o olhar de ódio que ela me lança faz eu me afastar e ficar apenas encarando seus olhos que agora estão ficando vermelhos. Eu já não sei mais se é de raiva, de ódio ou de vontade de chorar.

—Você nunca mais ouse insinuar isso de mim. Eu não sou interesseira! Nunca fui e nunca vou ser! Você quer a porra da verdade? Então aqui está a verdade. — Ela diz isso tudo com o tom de voz elevado e gesticulando muito com as mãos. —Foi exatamente por causa de insinuações como essa que eu abandonei a minha vida inteira e vim para cá, porque o babaca do meu ex-namorado era podre de rico e fez um teste de merda comigo durante um ano fingindo ser uma pessoa humilde para ver se eu gostava mesmo dele, e quando descobriu que eu estava grávida me acusou de saber que ele era rico e

de tentar dar o golpe da barriga nele, me acusando também de ser uma puta interesseira e dizendo que se o bebê fosse mesmo dele ia tomar o meu filho de mim. Eu passei um ano da minha vida ao lado dele acreditando em tudo que ele me dizia, acreditando no seu amor, e quando descobri que estava grávida quis gritar para o mundo a minha felicidade porque tudo o que eu sempre sonhei na vida foi ter uma família para amar e ser amada, já que eu nunca tive isso, afinal fui abandonada na porra de um orfanato e quem me adotou simplesmente se arrependeu, e o seu irmão com aquele coração enorme vendo o quanto aquilo tudo estava me fazendo mal, a ponto de eu quase perder o meu bebê em um aborto espontâneo, me tirou daquele lugar para que eu não tivesse que conviver com o medo de perder o meu filho para um bastardo egoísta que nem o Max.

Ela está cada vez mais vermelha, parece que nem respira e continua falando.

—Mas quando estávamos vindo para cá, aqueles desgraçados que estavam no bar nos seguiram e o Bento não parou o carro. E você quer saber o motivo que ele não parou? Quer saber por que ele não parou o carro? Ele não parou para me proteger! Porque ele sabia que eles iam me machucar. Eu estava vindo para cá apenas para tentar ser feliz com o meu filho e o meu amigo e aconteceu essa desgraça toda.

Ela faz uma pausa respirando pesadamente.

Eu não consigo falar nada, não consigo expressar nada, mas tenho certeza que o meu olhar de incredulidade me entrega, eu estou sem conseguir acreditar em tudo o que ela está dizendo.

Ela suspira e continua. —E eu sei que é tudo minha culpa! — Quando ela fala isso lágrimas começam a descer pelo seu rosto, ela tenta enxugá-las com as costas das mãos, mas é em vão porque elas continuam descendo sem cessar. —Eu sei que se não fosse por minha causa o meu melhor amigo, o meu irmão, a única pessoa que eu tenho na vida estaria feliz com a sua família e não em coma lutando para viver. Se não fosse por mim ele estaria aqui, vivo e alegre, como sempre foi. Vocês não estariam sofrendo essa angústia de vê-lo dessa forma e nem eu estaria sentindo esse medo desesperador de perder a única pessoa que se importa comigo. Então você nunca mais ouse falar isso de mim, porque eu deixei minha vida inteira para trás fugindo exatamente de gente mimada e egoísta como você que acha que

pode falar o que quer para mim. Eu não sou isso! Eu não sou interesseira! — Ela termina de falar e cai de joelhos no chão chorando compulsivamente. Eu posso sentir a sua dor nos seus soluços. O seu desespero.

Filho da puta!

É isso que eu sou!

Eu queria a verdade? Claro que eu queria. Mas nunca imaginei que seria isso, e muito menos que ela estivesse tão machucada desse jeito.

Quando ela disse que o seu filho não tinha pai eu tive certeza que ela era uma qualquer que ficava com todos e nem sabia de quem era o filho. Já vi essa história muitas vezes, e achei que ela tivesse usado o Bento para conseguir uma saída para a merda que tinha arrumado, por isso a confrontei, porque vi que falar disso a deixava desconfortável, então era só apertar um pouco que ela ia acabar entregando tudo.

Eu esperava que ela dissesse qualquer coisa, que ia fingir para a nossa família que era namorada do Bento, que veio para melhorar de vida em uma cidade maior, ou até mesmo que ela estava aqui com interesse no nosso dinheiro, afinal na hora do desespero acabamos falando demais, mas ver ela nervosa desse jeito praticamente gritando as acusações que sofreu e que teve que abandonar tudo com medo de um cara que a enganou, a ofendeu e a ameaçou, é demais.

Pior ainda é vê-la se culpar pelo acidente que quase causou a morte do meu irmão e dela.

Sinto sua dor dentro de mim, e saber que eu fui o culpado por ela ter colocado tudo isso para fora me deixa ainda pior. *Porra!* Que dor é essa que eu estou sentindo que parece que vai me comer vivo?

Não penso duas vezes, me abaixo ao seu lado e a puxo para os meus braços. Preciso que ela se acalme. Ela se debate e me empurra. —Não encosta em mim. — Ela grita e continua me empurrando, mas eu não a solto, eu não posso, eu não consigo. Eu preciso fazê-la parar de chorar, eu preciso que essa dor insana suma do meu peito.

Me levanto do chão com ela ainda se debatendo nos meus braços e digo. —Fica calma. — Ela continua me empurrando. —Pensa no bebê! — Falo mais alto, e isso parece ser um gatilho, pois ela para de tentar se soltar de mim, mas continua chorando sem parar.

Vou andando até a poltrona com ela ainda nos meus braços e sento ali com ela no meu colo. A seguro como uma criança, a embalando. Sinto essa necessidade louca de protegê-la desde o momento que a vi, e agora a vendo dessa maneira, o instinto de proteção só se aguçou.

Ela fica rígida contra mim, mas aos poucos parece relaxar, e como eu não a solto acaba me abraçando como se eu fosse sua tábua de salvação, colocando a cabeça no meu peito e chorando, colocando para fora toda a sua angústia.

A sensação de tê-la nos meus braços, mesmo que em um momento como esse, é simplesmente a melhor coisa que eu já senti na vida. É como se ela pertencesse a aquele lugar, é como se os meus braços tivessem sido feitos para segurá-la e protegê-la de todo mal.

Eu não sou assim. Por que eu estou dessa forma? Querendo que ela nunca mais saia daqui.

O pensamento vem na minha cabeça, mas sinceramente eu estou pouco me fodendo para tentar descobrir o porquê disso tudo, eu quero apenas continuar sentindo-a contra mim me apertando como se eu fosse seu porto seguro.

Faço movimentos circulares em suas costas e beijo os seus cabelos repetidamente, não mais aquele beijo roubado de mais cedo, são beijos lentos e demorados. Me perco sentindo a maciez dele contra a minha boca e imagino como seria ter seus lábios nos meus.

Foda-se tudo!

Eu preciso provar a sua boca, mas antes preciso fazer ela se acalmar, então continuo ali apenas a apertando nos meus braços.

Enquanto estou a acalmando um turbilhão de pensamentos passa pela minha cabeça, fazendo eu me lembrar de tudo que ela disse em seu rompante de nervosismo.

Não é possível que uma pessoa em meio a aquilo tudo pudesse mentir. Não, ela estava falando a verdade, e isso só faz o meu peito se contrair de novo. *Puta que pariu!* Eu espero que esse babaca do ex-namorado dela nunca apareça na minha frente, porque eu sou capaz de matá-lo com as minhas próprias mãos.

Como ele pôde acusar ela de uma coisa assim?

E o que você fez foi muito diferente Guilherme... Minha consciência me acusa.

Foi diferente sim, porra! Apesar da conexão que eu sentia, não sabia quem ela era, diferente do imbecil desse Max que esteve com ela por um ano e a enganou, que teve o seu amor e mentiu, que a teve em seus braços e a ameaçou. A aperto ainda mais contra mim, ele a teve e a deixou escapar, ela se entregou para ele, ela foi dele. Foda-se! Ela não é mais dele, agora ela está aqui e é minha.

Não, ela não é minha!

Merda! Estou confuso.

Então me lembro dela dizer que o acidente foi causado por causa de uma perseguição e que a culpa daquilo tudo era dela. Como ela pode se culpar? Ainda não sei direito o que aconteceu, mas pelo pouco que entendi uns marginais os seguiram e causaram isso tudo.

Ela estremece contra mim e sinto que está mais calma, mas ainda ouço seus soluços baixinhos. A empurro devagar com a intenção de olhar em seus olhos, mas ela se gruda ainda mais em mim como se tivesse medo que eu a soltasse, e porra se isso não me faz sorrir, mas eu preciso falar com ela.

—Malu, olha para mim. — Ela faz que não com a cabeça, mas eu insisto. —Por favor.

Ela afrouxa o seu aperto e começa a sair do meu peito, mas não a deixo ir muito longe, seguro seu rosto com minhas duas mãos e faço ela olhar para mim. Seus olhos transmitem tanta dor que tenho vontade de socar a cara de um por um que causou todo esse sofrimento nela, inclusive a minha que trouxe a tona tudo que ela viveu nos últimos dias.

Ela continua soluçando e as lágrimas caem sem parar, seu rosto está vermelho e sua boca apertada como se estivesse tentando se controlar. Passo meu polegar carinhosamente no seu rosto para tentar limpar suas lágrimas, ato que nunca tive com nenhuma mulher, sempre me irritou vê-las chorando, para mim não passava de uma cena, mas não com a Maria Luísa, vê-la chorando é como se uma faca estivesse sendo enfiada vagarosamente no meu peito.

O tempo vai passando e continuamos ali nos encarando, e eu aproveito para acariciar seu rosto e ela parece gostar do meu toque, mas de repente seu

olhar muda, como se tivesse se dando conta do que aconteceu e passa e me olhar de uma forma magoada, com certeza se lembrando de tudo que a acusei. Ela desvia o olhar do meu e coloca a mão no meu peito, me empurrando devagar e tentando sair do meu colo. Ela pode tentar, mas eu não vou deixar, eu não consigo.

Coloco uma das mãos na sua cintura para prendê-la no meu colo e a outra na sua nuca. —Olha para mim. — Peço mais uma vez com o tom de voz baixo, pronto para ter que argumentar, mas ela me surpreende e coloca seus olhos nos meus imediatamente, e eu me vejo fazendo algo que nunca imaginei fazer com uma mulher. —Me desculpa. Eu fui um babaca, não devia ter falado aquelas coisas para você.

Ela arregala os olhos, surpresa, com certeza não esperava essa atitude minha. Para ser sincero, nem eu esperava. Ela relaxa e sinto que não vai mais tentar se distanciar de mim.

—E quero que você me escute. — Digo e solto sua cintura, colocando a mão novamente em seu rosto, mas a outra continua na sua nuca. —Você não tem culpa de nada. — Ela fecha os olhos e nega com a cabeça.

—Tenho sim. — Ela diz soluçando. —Se eu não tivesse aceitado vir com o Bento aquele cara não teria tentado flertar comigo, e nem visto que o Bento tinha dinheiro e nem nos perseguido. — Ela diz baixinho e eu sinto que nada do que eu diga vai fazer com que ela tire essa culpa de si, então a puxo e a abraço de novo, dessa vez ela encosta a cabeça no meu ombro com o rosto virado para mim e chora. Ficamos ali desse jeito até que ela vai se acalmando de novo e finalmente para de chorar.

Coloco meu rosto na curva do seu pescoço, inalando seu cheiro doce que aos poucos vai me deixando louco. Não resisto e vou passando meu nariz por ali. Sinto ela estremecer nos meus braços, e sei que não é mais de choro e sim de desejo.

Passo minha mão pelas suas costas e vou depositando pequenos beijos no seu pescoço, sua pele é suave e tenho vontade de ficar ali o dia inteiro. Sei que não devia estar fazendo isso, ela está fragilizada, mas porra! É mais forte do que eu.

Ela arqueia o corpo para mim e abre espaço para que eu possa ter acesso melhor ao seu pescoço, e dessa vez vou deixando beijos molhados até sua orelha, e quando chego ali digo baixinho: —Malu...

—Humm... — Ela geme. *Puta que pariu.* Ela geme.

Puxo seu corpo e faço seu rosto ficar de frente para o meu, suas pálpebras estão semicerradas como se ela estivesse embriagada de desejo, sua boca entreaberta parece chamar por mim.

Beijo sua testa, depois seus olhos, suas bochechas, nariz e queixo. A respiração dela está acelerada, e a minha acho que nem existe mais. Nunca senti tanto desejo por uma mulher.

Me distancio um pouco e olho dentro dos seus olhos, e ali, naquele momento, eu desisto de lutar e me entrego.

Sem dar chance para um único pensamento meu ou dela, fecho os olhos e junto nossos lábios.

Com o pouco de consciência que ainda me resta espero que ela me empurre ou tente me afastar, mas quando sinto suas mãos se juntarem atrás do meu pescoço e sua boca se abrir para a minha tenho a plena certeza de uma única coisa: *Essa mulher será o meu fim.*

Capítulo 20

Malu

Paz

Culpa

Calmaria

Tristeza

Desejo

Raiva

Luxúria

Amor

São sentimentos contraditórios, são sentimentos distintos, são sentimentos que esmagam, mas são exatamente esses sentimentos que no momento se misturam dentro do meu peito e parecem querer sair de dentro de mim como uma explosão.

Ele me puxa tentando me afastar do seu ombro, mas eu não quero levantar a cabeça, eu não quero sair daqui, eu quero continuar exatamente nesse lugar, em seus braços, em seu colo, sentindo o seu cheiro, sentindo segurança, sentindo seus beijos que me arrepiam e me fazem querer me fundir a ele. Não quero levantar o rosto e ter que olhar para ele porque eu sempre fui uma pessoa transparente e meus olhos sempre me entregaram, eles sempre disseram por mim o que minha boca não conseguia expressar, e eu tenho certeza que aqui, agora, o Guilherme vai conseguir ver todos esses sentimentos que me confundem refletidos nos meus olhos.

Como uma pessoa pode ir de rude a carinhosa em questão de segundos? Como eu posso em um momento querer mata-lo e no instante seguinte não querer sair de seus braços?

Como eu posso ter acabado de sofrer uma decepção com um cara que eu pensei me amar, ter tido meu coração destruído, ter jurado para mim mesma que seríamos só eu e meu filho e agora não querer sair desse

aconchego que o Guilherme está me dando?

Com toda sinceridade que existe dentro de mim eu não consigo explicar, eu não consigo entender, e para ser mais sincera ainda, acho que nem quero.

O Guilherme consegue trazer à tona o pior de mim, ele consegue me tirar do sério, ele faz com que eu tenha atitudes que nem eu mesma acredito, e por fim ele conseguiu me levar a um ponto de ruptura que nem eu sabia que estava chegando.

Juro que tentei me manter calma, eu tentei de tudo para me manter sã, mas fazer perguntas sobre o Max, e o pior ainda, praticamente me acusar da mesma forma que ele fez, foi demais. Eu não aguentei, eu surtei, eu me expus, eu desci todas as barreiras que eu tinha criado, eu deixei minha máscara de mulher forte cair e mostrei a ele todos os meus medos, o meu desespero, a minha solidão, a minha culpa.

Mas tudo isso se dissipou quando ele me tomou em seus braços. Eu tentei lutar, mas ele não deixou eu me afastar e agora estou muito longe da realidade, estou viajando em uma dimensão que nunca imaginei que pudesse existir.

Estou me perdendo nas sensações do seu toque, da sua boca, da sua respiração contra a minha pele, me perdendo na forma como ele me abraça como se fosse me proteger de tudo e de todos, na sensação de segurança que ele me traz, e quando ele diz meu nome com aquela voz rouca de puro desejo, eu sinto meu ventre se contrair e a única coisa que sai da minha boca é um gemido. Sou incapaz de falar qualquer outra coisa.

Sem que eu perceba estou fora do seu peito, ele coloca uma das suas mãos na minha nuca e a outra acaricia o meu rosto, o toque dele é como fogo e gelo, acalma o meu coração, mas me incendeia na mesma proporção. Estou olhando fixamente dentro dessa imensidão azul que ele tem no rosto, e por mim continuaria olhando para ele para sempre, somente para não perder essa sensação que seu olhar me causa, a sensação de estar em casa, de proteção, de querer me perder ali dentro e nunca mais ser encontrada.

Ele não é muito diferente de mim, ele deixa transparecer tudo com seus olhos, eu consigo ver que ele está em uma luta interna, que ele está esperando algo de mim. Como ele pode esperar que eu faça qualquer coisa se eu não consigo pensar em mais nada que não seja sua boca na minha e seu corpo no

meu?

Vejo o exato momento que ele se deixa levar, que ele se entrega, sua mão puxa minha cintura de encontro ao seu corpo e sua boca toca a minha.

A princípio é apenas um roçar de lábios, mas o seu aperto na minha cintura mostra que ele está se segurando.

Ele me quer!

Ofego com a constatação e ele vê nos meus lábios abertos todo o consentimento que precisava e invade minha boca com a sua língua.

Céu!

Não existe outra palavra para isso. Eu estou no céu!

Sua boca se molda contra a minha, sua língua acaricia a minha de forma terna, carinhosa, de uma forma que eu nunca fui beijada na minha vida inteira, de uma forma que me faz querer que esse beijo nunca mais acabe.

Errado!

Isso é errado, muito errado.

Eu não posso sentir essas coisas por ele, eu não posso querer que esse beijo nunca tenha fim, eu não posso sentir o meu coração querendo pular do peito de tão acelerado que está, eu não posso querer esse homem, ele me acusou, me olhou com fúria, com raiva, mas ele também cuidou de mim, me olhou com carinho, me segurou quando eu desabei.

Ah meu Deus, ele é irmão do Bento! E eu estou aqui com os braços envolta do seu pescoço sentindo toda a maciez dos seus lábios nos meus, a aspereza da sua língua duelando contra a minha, sentindo seu aperto no meu corpo e querendo ainda mais.

Eu preciso de força. Força para lutar contra esse sentimento, contra esse desejo que está crescendo a cada minuto dentro de mim, força para não me entregar de vez a esse beijo, força para parar toda essa loucura que está acontecendo entre a gente. Mas de onde posso tirar forças quando sua mão começa a deslizar pelas minhas costas e a outra puxa os meus cabelos para colocar minha boca na posição exata que ele quer?

Nosso beijo está ficando intenso, gostoso, insano, não consigo mais respirar, e seu braço que não segura meu cabelo agora me aperta com mais força contra ele, como se quisesse grudar cada pedaço do nosso corpo.

Eu não posso me deixar levar, eu preciso parar com isso, eu já me machuquei demais, e sei que se eu não parar isso agora eu não vou mais conseguir.

Eu estou grávida!

Tiro as mãos do seu pescoço e o empurro abruptamente, e como estou sentada de lado no seu colo consigo levantar em um pulo e ficar de pé na sua frente.

Minhas pernas estão bambas e não consigo ir mais longe que isso. Olho para ele que está me encarando com olhos de puro desejo e tesão, sua boca que está vermelha do nosso beijo faz um contraste perfeito com sua pele clara, seu peito sobe e desde rápido da sua respiração irregular.

Eu não sei o que dizer, eu não sei o que fazer, nem como agir, porque a única coisa que eu quero é voltar para ele, voltar para o seu colo, voltar para o seu calor.

Ele fecha os olhos e respira fundo, e eu me preparo para o que pode vir a seguir, mas então ouço.

—Que se foda.

E logo em seguida ele segura meu pulso com força, me puxando novamente para o seu colo, mas dessa vez ele não me coloca de lado como antes, ele me senta escarranchada em cima dele, uma perna de cada lado do seu corpo, e assim que nossos corpos se encontram eu posso sentir a enorme protuberância formada embaixo de mim.

Ah meu Deus! Ele é enorme.

Sem que eu possa proferir uma palavra ele toma a minha boca na sua, com fúria, com tesão, com desejo, com luxúria, e eu desisto de lutar porque eu não consigo mais, eu quero isso tanto quanto ele.

Suas mãos que antes faziam um carinho lento nas minhas costas agora se tornam frenéticas e brutas, passando por todos os lugares do meu corpo ao mesmo tempo. Eu puxo seu cabelo enquanto enfio minha língua em sua boca e sinto ele empurrar sua ereção para cima, indo de encontro ao meu núcleo que está se contraindo de tanto desejo por esse homem.

Ele segura minha bunda com as duas mãos e mói seu pau contra mim, e eu não tenho outra reação a não ser jogar a cabeça para trás e gemer.

—Gui...

Não sei o que acontece, mas de repente ele rosna e parece estar possuído, enfia os dedos de uma das mãos no meu cabelo e puxa minha cabeça ainda mais para trás, deixando assim meu pescoço totalmente exposto. Ele começa a dar mordidas e beijos de boca aberta por toda a extensão, e enquanto faz isso passa a se movimentar ainda rápido contra mim, fazendo com que meus gemidos fiquem ainda mais altos.

Estou me perdendo...

Não consigo parar...

Eu não quero mais parar...

Eu preciso dele...

Eu o quero...

Eu quero ele dentro de mim...

Eu o quero agora...

Sua barba por fazer roça no meu pescoço e eu me arrepio inteira, estou totalmente dominada pelo tesão.

Enfio minhas mãos embaixo da sua camisa e sinto seu abdômen malhado em meus dedos. Oh meu Deus, ele tem a barriga sarada. Eu quero me abaixar e lamber cada um desses gominhos que estou sentindo com as mãos.

Ele mantem seu aperto firme no meu cabelo e passa a beijar minha clavícula, descendo e indo na direção dos meus seios. Ele solta a minha bunda e eu perco um pouco de contato com o seu pau, o que faz com que eu solte um gemido de frustração, sinto ele sorrir contra minha pele e logo em seguida gemo novamente, mas dessa vez de satisfação, pois com a mão livre ele aperta um dos meus seios com vontade e morde o outro por cima da blusa.

—Ah meu Deus!

Perco a sanidade de vez e começo a montar seu pau sem um pingo de pudor.

Que se dane tudo.

Eu preciso disso.

Eu preciso dele.

Ele solta o aperto do meu cabelo e na mesma hora tiro a mão de debaixo da sua camisa, enfiando meus dedos no seu cabelo e puxando seu rosto de encontro ao meu, o beijando com tudo de mim. Ele retorna o beijo com a mesma intensidade ou até mais que eu, e a única coisa que eu quero é eliminar essas barreiras de roupas que existem entre nós dois. Ele parece ter o mesmo pensamento que eu porque enfia as mãos embaixo da minha blusa e massageia os meus seios por cima do sutiã. Sinto que estou perto, muito perto de alcançar o orgasmo apenas com a fricção da minha boceta coberta em sua protuberância e suas mãos nos meus seios. Isso nunca aconteceu antes, eu sempre fui uma mulher que demorava para gozar e precisava de estimulação para alcançar o clímax.

Gemo em sua boca e ele diz em um comando: —Abra os olhos.

Eu obedeço imediatamente, e ver seus olhos intensos fixos nos meus, ter suas mãos em mim e sentir seu pau roçando onde mais preciso é tudo o que basta para que eu exploda em um orgasmo fulminante.

—Guilherme... — Gemo enlouquecida dizendo seu nome sem desviar meus olhos dos seus, ele solta meus seios e segura minha bunda fazendo movimentos de vai e vem mais rápidos e frenéticos.

Ah meu Deus... ele vai gozar.

Eu vou fazer esse homem gozar sem ao menos termos tirado as roupas.

Seus olhos vão ficando nebulosos e cada vez mais pesados, e eu continuo sem tirar minha atenção das suas feições, quero admirar cada segundo disso. Aperto seus músculos dos braços e escuto seus gemidos roucos, ele abre a boca e busca a minha em um beijo de tirar o folego, arrebatador, sem ao menos diminuir ou abrandar o ritmo do quadril. Com a testa grudada na minha ele olha no fundo dos meus olhos, franze a testa e geme. —Malu... — Eu sinto seus movimentos mais brandos, menos intensos.

Puta merda! Ele gozou!

Sua testa continua grudada na minha, estamos ambos ofegantes e ainda sem desviar os olhos um do outro, apenas curtindo aquele momento mágico entre nós.

Conforme a onda de luxúria vai passando eu me dou conta do que acabou de acontecer. Eu acabei de fazer sexo a seco com o irmão do Bento

depois de ter dado um tapa na cara dele.

Ele não desvia os olhos dos meus, continua ali me encarando, seus olhos descem para a minha boca e sinto que ele vai me beijar de novo. Eu não posso deixar, mas eu não sou forte o bastante para o impedir, então fecho os olhos e simplesmente espero. Quando sua respiração já está se misturando a minha sinto uma vibração na perna e ele congela.

Seu celular está vibrando no bolso da sua calça, mas ele o ignora e a vibração para, ele então roça os lábios nos meus.

Estou começando a me perder de novo com seu beijo lento quando a vibração volta. Ele resmunga um "merda" e puxa o telefone do bolso, acho que ele tenta ignorar a chamada, mas acaba atendendo e colocando no viva voz.

Ouço barulho de carros e logo após uma voz melosa e irritante soa pelo alto-falante do telefone, e quando termina de falar eu sei exatamente quem é.

—Oi Gui, só queria te dizer que estou a caminho do seu apartamento e vou te esperar lá para que eu possa me desculpar daquele jeito que você gosta... Gui? Você está aí?

Capítulo 21

Guilherme

Eu vejo o exato momento que a Maria Luísa se dá conta do que acabou de acontecer entre nós. Seus olhos não mentem, como eu não percebi isso antes? Eles são como um mar transparente que demonstra tudo o que ela sente, e eles me mostram que a realidade acaba de bater nela como um soco.

Ela arregala os olhos e abre a boca em um "o" perfeito, e tudo o que mais tenho vontade é de sentir de novo a suavidade dos seus lábios nos meus.

Puta que pariu!

O que foi aquilo que senti com essa mulher me beijando? Parecia que eu estava em uma outra dimensão, seus lábios se moldaram perfeitamente aos meus como se tivessem sido desenhados especialmente para se encaixar na minha boca e feitos unicamente para me beijar. E quando ela começou a montar o meu pau e gemer enlouquecida eu joguei a precaução ao vento. Fiquei entorpecido, desesperado, louco, insano. Tudo o que eu queria era dar prazer a ela e ver suas feições quando atingisse o orgasmo, mas eu não imaginava que vê-la se desfazer diante de mim faria com que o devasso dentro de mim viesse à tona e eu fosse em busca da minha própria libertação.

Eu gozei em mim mesmo.

Tenho vontade de rir com essa constatação. Desde que eu tinha 15 anos eu não fazia uma coisa dessas. Desde que perdi minha virgindade com a filha da vizinha que eu não tenho uma mulher se esfregando em cima de mim, se contorcendo e me fazendo gozar ainda vestido.

Para mim o sexo sempre foi pele com pele, química pura. Claro que existem as preliminares antes do ato em si, e eu sempre gostei disso, sempre achei gostosa essa antecipação que sentimos antes de alcançarmos o ápice. Para falar a verdade tudo sobre sexo sempre me atraiu, só que sempre foi uma coisa de momento, de tato, de sentir prazer e pronto, quando acaba cada um vai para o seu lado e vida que segue, não isso que tivemos aqui.

Que feitiço essa mulher tem que faz isso comigo?

Eu não pensei, eu não medi as consequências, e tenho certeza que se esse telefone não tivesse tocado nós estaríamos agora na cama, ambos nus e ofegantes comigo dentro dela sentindo toda a suavidade do seu corpo embaixo do meu.

Eu estaria vendo suas feições se contorcendo de prazer, luxúria e desejo enquanto eu afundava em seu calor. Seus olhos estariam pesados de tesão e não arregalados de descrença como agora. Como se estivesse horrorizada com o que acabou de acontecer.

Maldita Lia!

Eu vou matar essa mulher! Eu falei para ela que quando eu quisesse e estivesse afim ligaria, estou de saco cheio dela achando que é algo mais do que uma foda ocasional para mim.

Eu sempre estabeleci os parâmetros da nossa relação e ela sempre aceitou. Essa situação já estava saindo de controle, e agora passou de todos os limites porque interrompeu o meu momento com essa mulher gostosa sentada do meu colo que até minutos atrás eu pensava ser uma escavadora de ouro.

Olho para a Maria Luísa e ela está branca que nem um papel, pálida ao extremo. Merda! Eu preciso falar alguma coisa, eu sou o homem aqui e tenho que ter atitude. Mas falar o que se eu mesmo não estou entendendo o que acabou de acontecer?

Primeiro entrei no quarto e a vi dormindo, depois a vi acordando sorrindo lindamente e se assustar ao me ver, a provoquei sobre o seu corpo e a maldita me respondeu a altura deixando meu queixo no chão quando soltou aquela toalha e eu pude ver o seu corpo nu, e mesmo que tenha sido de costas eu fiquei embasbacado em como ela é gostosa.

Confesso que precisei de todo auto controle que existe dentro de mim para não arrombar aquela porta e foder ela sobre a pia do banheiro, apenas para ela aprender que não se brinca comigo dessa maneira.

Volto para o momento quando ela coloca a mão no meu peito para me empurrar, mas para por alguns segundos e olha onde suas mãos estão tocando, provavelmente se lembrando de quando as enfiou embaixo da minha blusa. Ela sacode a cabeça como se tivesse tentando tirar os pensamentos da cabeça e puxa as mãos para si como se estivessem queimando, em seguida pula do meu colo na velocidade da luz.

Sinto falta do seu calor em mim na mesma hora, e minha vontade é fazer como fiz quando ela se levantou pela primeira vez, a puxar e a colocar de volta aqui, em cima de mim, no meu colo, no lugar dela.

Lugar dela? De onde surgiu esse pensamento?

Eu estou confuso pra caralho! Em menos de uma hora eu já a admirei dormir, coisa que nunca tinha feito na vida, já a acusei e tomei um tapa na cara em resposta, mais uma estreia na vida, a vi desmoronar e fui surpreendido pela enxurrada de palavras sinceras que saíram de sua boca, e para minha surpresa a tomei em meus braços e a acalmei, para logo após tê-la gozando em cima de mim e ser pego desprevenido querendo repetir o que aconteceu mais e mais.

Cacete! Que porra é essa Guilherme?

Faço menção de levantar, mas ela levanta as mãos assustada e diz: — Não saia daí. — Olho para ela sem entender e ela começa a andar de um lado para o outro no quarto passando a mão pelo rosto e falando alguma coisa bem baixo que eu não consigo entender.

Conforme ela anda eu analiso o seu corpo, suas pernas são longas, e pelo que vi quando estava de toalha são bem torneadas, sua bunda redonda e empinada encheu minhas mãos, seus seios são pequenos, mas tenho certeza que seus mamilos vão caber perfeitamente na minha boca. Sua barriga é chapada, nem parece que está grávida.

Porra!

Ela está grávida!

Sinto meu peito se contrair em pensar que seu ventre está carregando um bebê.

Um bebê que não é meu!

Eu só posso estar ficando louco. Não tem outra explicação para tudo o que aconteceu e para esse pensamento absurdo. Eu nem quero ter filhos, como posso desejar que uma mulher que acabei de conhecer esteja grávida de mim?

—Você está maluco? Por que você fez isso?

Olho para ela que está parada a uma distância considerável de mim me encarando com as mãos na cintura. Porra, se ela não fica ainda mais gostosa

assim.

—O que? — Pergunto sem entender, distraído com seu corpo, com as lembranças do que fizemos e com esses pensamentos de merda.

—Quem você pensa que é para sair me agarrando e me beijando desse jeito?

Sorrio internamente, ela está atacando como forma de se defender.

Ah... Malu, assim você deixa as coisas muito fáceis para mim.

—Pelo que me lembro durante todo o momento você teve uma participação bem ativa em tudo o que fizemos. E eu não lembro de você pedir para eu parar quando estava gozando bem gostoso em cima de mim. — Digo tudo isso com um sorriso no rosto.

—Eu.. eu... você, eu tentei me soltar, mas você me prendeu e...

—É sério que você vai querer ir por esse caminho? É sério que você vai querer mesmo colocar a culpa em mim?

Me levanto da poltrona, mesmo estando incomodado com toda essa umidade dentro da calça, e dou dois passos na sua direção, ela recua dois na mesma hora.

—Engraçado Maria Luísa, que quando eu te abracei você se agarrou a mim como se eu fosse sua tábua de salvação. — Dou mais um passo e ela recua outro. —Engraçado que quando eu te segurei e te acalmei não vi nenhuma objeção da sua parte. — Dou dois passos e ela tenta recuar também, mas após o primeiro passo se vê presa contra a parede e eu sorrio como um predador olhando para sua presa. Esse é o meu jogo, e é assim que as coisas devem ser. —Sabe o que é mais engraçado? É que quando eu fiz isso... — A seguro pelo braço e a viro de costas para mim, a imprensando na parede e me abaixando para encaixar suas costas em meu peito e meu pau, que já deu sinal de vida de novo, na sua bunda. —Quando eu te puxei para mim, mais precisamente para o meu colo, você não protestou. — Ela está ofegante, diabo de mulher quente que está empurrando a bunda contra a minha ereção. Passo meu nariz pelo seu pescoço e digo bem no seu ouvido: —Quando eu fiz isso você gemeu meu nome... e quando fiz isso... — Empurro meu quadril em sua bunda redonda e meu pau fica totalmente ereto. Ela está grudada na parede com o rosto para o lado e posso ver sua boca entreaberta e olhos fechados. —Você montou no meu pau e jogou a cabeça para trás

enlouquecida, gozando e gritando por mim. E isso tudo sem que eu tirasse uma peça de roupa sua... Agora Maria Luísa, imagina... — Passo minha língua por toda a extensão do seu pescoço, do ombro até a orelha. —Imagina se eu tirar peça por peça das suas roupas e colocar minha língua na sua boceta...

—Ah meu Deus... — Sua voz sai mais como um sussurro e eu quero rasgar as roupas do seu corpo agora e fazer exatamente o que acabei de falar, eu quero lamber sua boceta e olhar nos seus olhos enquanto ela agarra os meus cabelos e os puxa com vontade, em êxtase pelo prazer que só eu posso dar a ela. Somente eu. Porque ela é minha e ninguém toca no que é meu.

Porra! Isso de novo. Fecho os olhos tentando me concentrar no que estou fazendo, mas meus pensamentos começam a me bombardear de novo.

Ela não é minha.

Eu nem a conheço.

Ela não pode ser minha.

Eu não sou assim.

Ela está grávida de outro homem.

Eu não quero ter filhos.

Eu não sou homem de apenas uma mulher.

Ela está apenas carente.

Eu posso ter todas.

Mas eu só quero ela.

Tudo vêm aleatoriamente na minha cabeça.

O que está acontecendo comigo?

Eu preciso sair daqui. Eu não posso mais ficar perto dela. Eu preciso respirar.

Ela me confunde, me deixa atordoado, me deixa louco.

Eu a quero, mas eu não posso querer.

Minha mãe acha que ela é namorada do Bento. Ela está grávida de outro. E eu não sou homem de me apegar, mesmo ela sendo linda, doce e tão gostosa.

Foda-se.

Tiro forças não sei de onde para desgrudar meu corpo do dela, e quando faço isso ela geme em frustração. Caralho! Que vontade de girar seu corpo, grudá-lo em mim e juntar minha boca na sua.

Antes que eu faça uma merda ainda maior, me empurro para longe dela e vou a passos decididos para fora do quarto, fechando a porta com um estrondo.

Passo as mãos pelo cabelo repetidas vezes, me sinto frustrado e muito puto pelo que deixei acontecer. Mais puto ainda porque estou sentindo aquele sentimento estranho no peito de novo como se eu tivesse deixado alguma coisa muito importante para trás, a mesma sensação de quando a deixei no quarto do hospital.

Preciso de distância, clarear a mente, me afastar, sair de casa, mas quando dou por mim estou dentro do meu quarto deitado na cama revivendo os momentos que acabaram de acontecer, quarto que por ironia do destino fica ao lado do que ela está ocupando.

Esse é o máximo de distância que eu consigo impor agora.

Capítulo 22

Malu

Já passou da hora do almoço e eu estou morrendo de fome, já comi tudo o que tinha na bandeja ao lado da cama, acho que o Guilherme deixou aqui enquanto eu dormia, mas continuo sentindo meu estômago se contorcer.

Não sei se é pela gravidez ou pelo nervosismo, acho que pelos dois. Desde que ele saiu do quarto permaneço deitada na cama pensando e relembrando tudo o que aconteceu conosco desde o momento que cheguei nesta casa, o tempo inteiro tentando entender como eu tive a coragem de dar um tapa no rosto do Guilherme e logo depois me esfregar nele como uma gata no cio até gozar, e pior ainda é que eu teria feito tudo de novo quando ele me encostou na parede e grudou seu corpo no meu.

Isso se não fizesse pior e arrancasse suas roupas e o atacasse como era a minha vontade.

Em um momento ele estava quase se fundindo a mim e no outro perdi o seu calor e escutei a porta batendo com força.

Graças a Deus ele saiu, e assim que a realidade bateu em mim eu corri para trancar a porta, não queria que houvesse a possibilidade dele entrar aqui de novo, não depois de tudo. Não confio nele perto de mim.

A quem eu estou querendo enganar? Eu não confio em mim perto dele.

Quanto mais eu penso mais confusa fico.

—Meu Deus... — Sussurro e coloco as mãos no rosto. Eu parecia uma depravada rebolando no colo dele. Eu nunca fui assim, nunca fui desinibida dessa forma.

Claro que sempre gostei de sexo e tudo o que vem com ele, mas nunca fiquei tão excitada e muito menos gozei assim. Sinto meu corpo esquentar só de lembrar de como ele me segurou contra ele e fez com que eu gozasse olhando fixamente em seus olhos.

Sou tirada dos meus pensamentos com batidas na porta. Não respondo, não me mexo, acho até que paro de respirar.

Será que ele voltou?

Não vou responder, vou fingir que estou dormindo, eu não tenho condições nem de olhá-lo nesse momento. Mas então ouço a voz doce da Dona Marta dizendo baixinho. —Malu, você está acordada?

Levanto rapidamente e vou até a porta, abrindo e sorrindo para a senhora que me olha com tanto carinho. Ela não diz nada, apenas me abraça por um momento para só depois dizer: —Me desculpe minha filha, acabei demorando mais tempo que o previsto. Você está bem? Se alimentou?

—Imagina Dona Marta, não precisa de desculpar. Eu nem vi o tempo passar porque acabei dormindo. E eu comi sim, o lanche que a Rosa preparou estava maravilhoso.

Ela arregala os olhos. —Como assim lanche? Já são duas horas da tarde, achei que você já tivesse almoçado. — Ela fala de cara feia. —Não acredito nisso Maria Luísa. Você tem que se alimentar direito, afinal agora está comendo por dois, não pode se descuidar assim. Vou relevar por hora porque você estava cansada e pelo menos comeu alguma coisinha e dormiu. Vem, vamos descer, eu também não almocei e acabei deixando o Luiz com fome porque queria vir direto para casa ver como você estava. — Ela entrelaça seu braço no meu sem me dar chance de resposta e me puxa para fora do quarto. Vou de bom grado, é tão bom ter alguém para cuidar de você assim. Eu só tive o Bento, ele sempre se preocupou comigo de uma forma linda, como um irmão, já a Dona Marta tem aquele carinho de mãe que eu sempre quis receber.

Descemos as escadas com ela falando o tempo todo sobre a minha alimentação e que tenho que me cuidar porque o meu bebê recebe todos os nutrientes através dela. Sorrio com a sua proteção. É maravilhoso se sentir assim tão querida, mas uma coisa ainda está me incomodando, então resolvo perguntar como quem não quer nada.

—Vamos almoçar só nós três?

—Acredito que sim. Eu não vi o Guilherme quando cheguei, provavelmente te deixou aqui e foi trabalhar. Ele quase não para em casa, já é difícil jantar com ele, almoçar então quase impossível.

Sorrio aliviada porque pelo menos por enquanto não terei que vê-lo, mas assim que entramos na sala de jantar meu sorriso congela porque sou

capturada instantaneamente pelos olhos azuis dele.

O Guilherme está sentado do lado direito do Sr. Luiz que está na ponta de uma mesa de 12 lugares. O senhor se levanta. —Você está bem, minha filha? A Marta faltou me enlouquecer na empresa querendo vir logo para casa. — Ele diz rindo e eu apenas aceno com a cabeça, tenho certeza que estou vermelha de tanta vergonha do Guilherme que não deixa de me encarar um segundo. Mesmo não olhando para ele eu sinto seus olhos em mim. —E olha que surpresa temos hoje Marta, nosso filho resolveu dar o ar da graça e almoçar conosco.

Ela dá um sorriso triste e fala melancólica. —Faltou só uma pessoa para nossa família estar completa. — Eu aperto seu braço, estou pronta para falar quando ela continua. —Mas não vamos ficar tristes porque tenho certeza que em breve estaremos todos reunidos aqui, rindo e brincando como sempre foi quando nos juntávamos.

Nessa hora a Rosa entra sorrindo para mim, olha para Dona Marta e diz. —Já estou colocando mais um lugar na mesa. Com tanta coisa esqueci que a família aumentou.

A família aumentou... Merda! Eu tenho que conversar com a Dona Marta, eu não posso continuar com essa mentira. Eu não posso enganar uma pessoa tão boa quanto ela.

A Rosa se apressa para colocar um prato a mais na mesa, enquanto isso Dona Marta concentra minha atenção toda nela falando sobre a casa e como eu vou adorar a comida da Rosa, Dou graças a Deus por ela não parar de falar porque assim não tenho que olhar para o Guilherme que continua com seus olhos fixos em mim me deixando desconfortável.

—Prontinho, já vou trazer o almoço. — Escuto a voz da Rosa e olho para a mesa, mas quando vejo onde vou sentar quase caio para trás. Há um prato em frente ao Guilherme, obviamente é o lugar da Dona Marta, ao lado do marido, e um outro prato está posto ao lado dele.

Fecho os olhos e penso que Deus poderia facilitar só um pouquinho as coisas para mim, mas não tem jeito, eu não tenho como dizer que não vou sentar ali. O que eu poderia falar? *Dona Marta, a senhora poderia colocar meu prato ao lado da senhora? Não é por nada não, mas é que eu acabei de gozar no colo do seu filho e não queria ficar perto dele.*

Prefiro morrer do que ela descobrir o que aconteceu, então traço um plano mentalmente, vou comer bem rápido e pedir para me retirar alegando cansaço.

Sei que vai ser mais uma mentira, e pior ainda, vou estar fugindo, mas eu não estou pronta para isso, não estou pronta para permanecer ao lado dele por muito tempo, não porque sempre que o olho me lembro da sua fisionomia me olhando com desejo e sua boca gemendo meu nome. *Puta Merda!* Sinto meu rosto esquentar, e quando olho para ele vejo aquele sorrisinho de canto de boca. O desgraçado sabe o que estou pensando. Minha vontade é dar um soco nele. Mentira! Minha vontade é de beijá-lo.

Dou passos cautelosos até a mesa, parece que quero postergar o momento que ficarei ao seu lado. Fico um pouco mais tranquila quando sento e ele começa a conversar com a sua mãe, dizendo que está com fome e que a reunião que tinha foi cancelada, por isso resolveu ficar em casa.

A comida logo é servida, mas eu perdi completamente a fome, por mim voltaria para o quarto agora mesmo, mas como sei que se eu disser que não vou comer vou ouvir um sermão sobre isso acabo colocando um pouco de comida no meu prato.

Começo a mastigar devagar, tensa, nervosa por estar ao lado desse homem, Dona Marta fala o tempo inteiro, tentando me deixar a vontade, e ela consegue, é impossível não se sentir assim na presença dela. Ela gargalha contando que o marido largou tudo na empresa hoje mais cedo de tanto que ela o perturbou, e eu me pego rindo dos dois.

Ela está dizendo que ele só pensa em trabalho e ele que ela não o deixa em paz. Não digo nada, apenas fico olhando para eles que parecem dois adolescentes e não dois senhores.

Estou começando a relaxar quando sinto um toque na minha perna, como uma pluma, passando logo acima do meu joelho. Olho para baixo e vejo a perna do Guilherme bem perto da minha e sua mão subindo e descendo por toda a extensão dela, isso faz com que seus dedos acabem resvalando na minha.

O que diabos ele está fazendo?

Olho para ele pelo canto do olho e vejo que ele não está mais comendo, apenas bebendo suco e segurando o copo com a outra mão, conversando com

o pai como se nada estivesse acontecendo.

Tento pensar que é apenas coisa da minha cabeça, que ele não está fazendo isso de propósito, então volto minha atenção para a comida, pedindo a Deus que esse almoço termine logo. Mas então sinto um toque mais forte, não mais aquele sútil de antes. Sinto a mão dele inteira na minha coxa e prendo a respiração.

Olho para Dona Marta que continua alheia ao que está acontecendo aqui do outro lado da mesa, mais precisamente embaixo dela. Eu não vou conseguir tirar a mão dele dali sem fazer alarde, e sinceramente, não sei se quero tirar.

Fecho os olhos tentando controlar minha respiração que já está ficando ofegante. Se controla Malu...

Por que ele está fazendo isso comigo?

Olho para ele e ele me olha de volta, franzo a testa e o encaro tentando dizer silenciosamente com o olhar para ele parar com isso. Pelo amor de Deus! Estamos na mesa com seus pais. Mas ele não para, apenas sorri para mim e continua com a mão na minha perna, só que agora ele sobe e desce a mão, do meu joelho até quase minha virilha, fazendo movimentos calmos e precisos, e eu quero me contorcer e gemer porque esse pequeno toque está me incendiando.

Ouvimos a campainha tocar e a Rosa sai da cozinha passando por nós, dizendo que vai atender e já volta, os pais dele engatam uma conversa sobre a empresa e o Guilherme continua com os olhos em mim, prendendo o meu olhar no seu, subindo sua mão ainda mais.

Minha mente fica em branco, ele está perto, muito perto de onde eu mais necessito dele. Abro a boca para tentar sugar um pouco de ar, parece que ele não chega aos meus pulmões.

Ele olha para minha boca e passa a língua nos lábios, e eu sinto como se ele estivesse lambendo minha boca. Ele sobe ainda mais a mão e morde o canto da boca.

Ah meu Deus! Isso é errado, é indecente, é imoral, é louco, mas eu não faço um movimento para tirar a mão dele de mim.

Olho novamente para os pais dele que continuam alheios a tudo, sua mão volta para o meu joelho e eu volto meu olhar para ele, parece que ele fez

isso apenas para chamar minha atenção, porque assim que eu o encaro ele sobe a mão de novo, devagar, bem devagar, olhando profundamente dentro dos meus olhos, parece que quer me dizer que gostaria de fazer aquilo com a boca.

Eu estou para lá de excitada, estou quase fechando os olhos de tanto desejo quando ouço passos rápidos e olho para a porta, na verdade todos ouvimos e nos viramos naquela direção. Vemos a Rosa entrar com o rosto amarrado e dizer entre os dentes: —Guilherme, visita para você, é...

Mas antes que ela possa terminar a frase uma loira linda de olhos verdes adentra na sala de jantar usando um macacão preto tomara que caia que marca todas as suas curvas e saltos altíssimos, extremamente elegante e muito bem maquiada.

A atmosfera da casa muda, olho para todos na mesa, Dona Marta que antes sorria agora fecha o semblante, Sr. Luiz apenas olha para a moça sem esboçar nenhuma reação, o Guilherme parece tenso e aperta minha coxa com força, chego a puxá-la para o lado, mas ele não diminuiu o aperto, me impedindo de me mover.

Parece que o ambiente ficou pesado, o silêncio pairou de repente. Quero perguntar quem é aquela mulher e porque todo mundo ficou assim, mas não preciso me dar ao trabalho porque assim que ela começa a falar eu reconheço essa voz enjoativa e irritante.

—Não precisa me anunciar Rosinha, eu já sou de casa. — Ela diz com um sorriso falso no rosto, olhando diretamente para o Guilherme ao meu lado, mas logo depois seu olhar cai sobre mim e seu sorriso morre na mesma hora. —Quem é ela?

Capítulo 23

Malu

O silencio se torna quase que opressor na mesa de jantar. Ninguém fala nada, ninguém esboça uma reação, ninguém faz um movimento, nem mesmo a Rosa que continua de pé, muito menos a tal mulher que agora sei ser a Lia. Ela continua olhando para mim com o cenho franzido como se aguardasse que eu me apresentasse ou que eu dissesse o que estou fazendo ali.

Sua presença é imponente, ela me olha com um ar superior, como se eu não fosse nada nesse lugar e ela fosse tudo.

Seu rosto é angelical, seus traços são finos, de longe se vê que é uma mulher refinada, e seus cabelos loiros só fazem com que ela fique ainda mais linda. Tenho certeza que por onde ela passa deve chamar atenção tanto de homens quanto de mulheres, pois é impossível não admirar sua beleza.

Seus olhos são verdes, geralmente são olhos que os outros cobiçam e acham perfeitos, que muitos matariam para ter, mas quando olho para eles apenas sinto uma sensação estranha, como se essa mulher com cara de anjo pudesse se transformar em um demônio a qualquer momento.

Estou começando a me sentir desconfortável com o seu olhar fincado em mim, e mais desconfortável ainda com o aperto da mão do Guilherme na minha coxa. Me remexo na cadeira tentando mais uma vez puxar a perna para o lado sem que os outros percebam, mas como da outra vez ele apenas me segura com mais força, não a ponto de dor, mas de uma forma que me impede de sair do seu lado, que é exatamente o que estou tentando fazer.

Viro o rosto para ele rezando para que ele me olhe de volta e eu possa tentar fazê-lo me soltar, mas ele continua encarando a Lia com o rosto fechado, como se a presença dela estivesse o incomodando.

Torno a encará-la e vejo quando ela desvia o olhar do meu, se voltando para ele e então sorri lindamente com seus dentes brancos perfeitos. E a realidade me bate.

Ela é a namorada dele. Não, ela é a amiga de foda dele.

—Lia, que merda você está fazendo aqui? — Chego a dar um sobressalto ao me assustar com o tom de voz que o Guilherme usa. Ele foi grosso comigo e me tirou do sério, mas a forma ríspida e indiferente que ele fala com ela faz com que eu me encolha.

Está claro que ele não está feliz com a presença dela, mas ao contrário de mim a mulher parece não perceber, ou finge não perceber, ou está acostumada a ser tratada dessa forma, porque ao invés de ficar sem graça ela abre um sorriso ainda maior antes de falar.

—Ah Gui, eu vim ver como você estava, te dar meu apoio nesse momento. — Ela então olha para Dona Marta e seu semblante muda, o sorriso morre, mas é possível ver na sua cara que ela está fingindo uma tristeza que não existe. —Ah Dona Martinha... — Ela diz e coloca a mão no coração em um gesto para lá de fingido.

Dona Martinha? Sério?

Olho para Dona Marta que continua com a mesma expressão vazia no rosto. —Eu sinto muito pelo que aconteceu com o Bento, muito mesmo. Um menino tão novo, ele era tão cheio de alegria, tinha tanta vida pela frente...

O que? Como assim? O que essa mulher está querendo dizer?

O Bento está vivo!

Ela não pode estar insinuando isso.

Dona Marta fecha os olhos e não sei se é por vontade de chorar ou por estar tentando se controlar, realmente é difícil saber, porque a minha vontade nesse momento é de levantar e dar um soco na cara dessa fingida.

Eu já não tinha gostado da voz dela, não gostei da forma que ela me olhou, muito menos da falsidade com que ela se dirigiu a Dona Marta, e agora, para completar, está falando como se o meu irmão estivesse morto?

Graças a Deus o Guilherme mantem o seu aperto e eu não consigo me mexer, porque eu quero voar no pescoço dela.

Antes que qualquer um possa tomar uma atitude o Sr. Luiz olha para o Guilherme e diz: —Não sabia que teríamos mais um convidado para o almoço. — Pelo seu tom de voz a visita é realmente indesejada.

—Ah não, o Gui não sabia que eu vinha. Quis fazer uma surpresinha para ele. Mas já que estou aqui posso me juntar a vocês. — Além de tudo é

intrometida. Seu olhar volta para mim. —E você quem é? Prazer, eu sou Lia, a namor...

—Maria Luísa, essa é a Lia, uma velha amiga minha. Lia essa é a Maria Luísa, uma amiga do Bento. — O Guilherme diz de forma rápida, interrompendo a Lia que com certeza se auto intitularia como namorada dele.

Velha amiga? Conta outra!

Ela está comendo ele com os olhos, e se a Rosa não tivesse me contado da "amizade colorida" deles, só pelo olhar no rosto dela eu saberia que eles têm algo.

Uma raiva sobe em mim e eu puxo minha perna com tudo. Foda-se se alguém vai perceber que ele estava me segurando, eu não quero mais essa mão em mim, não a mão que tocou essa vadia.

Na mesma hora ele me olha com os olhos semicerrados, como se estivesse me perguntando porque eu me afastei. Não me dou ao trabalho nem de olhar para ele, continuo olhando para a Lia que parece ter sido a única a perceber onde a mão dele estava, pois ela nos encara com a testa franzida e a boca apertada em uma linha fina, ou isso ou ela não gostou de ter sido chamada de "velha amiga".

Estou pronta para levantar, pedir licença e me retirar antes que eu cometa uma loucura e acabe me metendo em encrenca quando a Dona Marta se levanta e começa a falar.

E a cada palavra que ela profere minha boca vai se escancarando de incredulidade. Não parece que a pessoa que está de pé agora é a mesma que me acolheu com tanto amor em seus braços e me consolou.

Eu não consigo reconhecer o tom de voz que ela usa, afinal sempre que a ouvi ela foi calma e carinhosa, mesmo quando me prometeu uma conversa séria sobre minha pequena mentira no hospital.

—Boa Tarde Lia. Para início de conversa, o meu nome é Marta e o da mulher de pé ao seu lado é Rosa, e eu ficaria muito feliz que você nos chamasse pelo nome e não por diminutivos. A Rosa precisa sim anunciar a chegada de visitas nesta casa, ainda mais se for uma visita que não estamos esperando e que interromperá a nossa refeição, mesmo que tardia. Agradeço pela sua preocupação com o meu filho, mas para sua ciência ele está vivo e se recuperando no hospital, então não fale dele no passado como se ele não

estivesse mais entre nós. E essa mulher que você tanto quer saber quem é, que está na nossa mesa almoçando junto conosco, é minha nora, mulher do Bento e mãe do meu neto. — Ela se vira para o Guilherme e diz: —Meu filho, eu nunca me meti nas suas relações e amizades, nem nunca pedi que ninguém se retirasse da nossa casa, mas agora, antes que algo de pior aconteça, você poderia por favor acompanhar a sua "amiga" até a saída?

Todos nós olhamos para a Dona Marta sem acreditar no que acabou de acontecer, sem acreditar que tais palavras saíram da sua boca, e eu estou ainda mais abismada pela forma como ela praticamente "esculhambou" a Lia sem usar uma palavra de baixo calão ou sem se alterar. Ela falou tudo com classe e calma, demonstrando uma frieza sem tamanho.

O Sr. Luiz nada diz, apenas aperta a mão da esposa como se estivesse concordando com cada palavra proferida, e o Guilherme está com aquele sorrisinho de canto de boca lindo que me dá vontade de beijar. Não! Beijar não, vontade de socar.

A Lia está mais vermelha que um pimentão, tamanha é a sua vergonha. Se eu fosse ela já teria me retirado a muito tempo daqui, na verdade eu nem teria entrado, afinal não vou a lugares que não sou convidada. Mas como uma boa sem noção que aparenta ser ela permanece no mesmo lugar e seus olhos começam a marejar, mas percebo que é apenas encenação. Cada momento que passa eu fico com mais raiva dessa mulher.

—Dona Marti... — Ela se corrige a tempo. —Dona Marta, me desculpe, eu não quis dizer que o Bento não está mais entre nós, foi apenas forma de falar. — Ela olha para o Guilherme e faz um beicinho ridículo. —E eu tentei te avisar que estava vindo Gui, mas seu telefone só chamava. — Ela volta a olhar para a Dona Marta. —Eu não queria incomodar. Eu realmente só queria dar o meu apoio a vocês, afinal convivo tantos anos com essa família que sinto como se ela fosse minha também.

Dissimulada! É isso o que ela é. Mas pelo que estou vendo ninguém acredita em nada do que ela fala, porque todos continuam impassíveis ao seu teatro.

—Gui... — Ela olha de novo para o Guilherme como se pedindo que ele a salvasse. Ele se levanta da cadeira e ela dá um sorriso, como se tivesse conseguido o que veio buscar aqui.

O encaro com raiva, não acredito que ele realmente vai com ela. Ele

deveria mandá-la embora e continuar aqui comigo, não, comigo não, com a sua família.

Ele olha dentro dos meus olhos e sinto como se ele quisesse me dizer alguma coisa, mas estou com muita raiva para tentar decifrar o que é.

Ele se encaminha para o lado dela e eu vejo o quão lindo eles são juntos. Mesmo sabendo que jamais poderíamos ter algo e que o que aconteceu mais cedo foi um erro, não posso deixar de me comparar a ela.

Enquanto ela é loira, tem olhos claros, pele perfeita e um corpo escultural, eu sou morena, pela pálida, magra e alta demais. Ela é muito mais feminina que eu e parece ficar ainda mais perfeita ao lado do Deus grego que é o Guilherme.

—Vamos Lia. — Ele diz entredentes.

Ela sorri, então se vira para a Dona Marta e diz com o semblante triste. —Estou indo, me desculpe mais uma vez. — Como ela consegue mudar as feições tão rapidamente? Falsa!

Gui

Raiva

Irritação

Ódio

Fúria

São poucas palavras, mas que conseguem descrever o meu atual estado. E conforme ando pela casa em direção a porta principal com a Lia logo atrás de mim, esses sentimentos ruins só vão aumentando.

Eu já estava com a minha paciência se esgotando, e depois desse episódio deplorável dela simplesmente invadir a casa dos meus pais e dar esse espetáculo para eles, eu cheguei no meu limite. Tudo piorou quando vi o olhar dela para a Malu, já vi aquele olhar, ela se sentiu ameaçada e quis impor e mostrar uma coisa que não somos.

Caminho a passos rápidos, estou a ponto de explodir, mas não quero fazer isso aqui, meus pais não merecem passar por mais esse constrangimento.

Abro a porta e saio, dou espaço para que ela passe, fecho a porta atrás de mim e permaneço de pé ali enquanto ela vai se encaminhando na direção do meu carro, mas para ao ver que não estou indo com ela.

—O que foi? Vamos? — Ela me olha com aqueles olhos verdes brilhantes.

—Você precisa que eu chame um táxi para ir embora?

Ela abre a boca e fecha diversas vezes. Ela achava o que? Que ia entrar aqui, armar esse showzinho, por pouco não dizer para a Malu que era minha namorada, agir como se meu irmão estivesse morto e que eu ia sair com ela sabe lá Deus para onde?

—Guilherme! — Ela praticamente grita. —O que está acontecendo com você?

—Não Lia, você que tem que dizer o que está acontecendo com você! Na verdade, nem precisa se dar ao trabalho de explicar porque eu não quero mais ouvir. Eu falei com você hoje mais cedo e disse para repensar sobre as suas atitudes, que quando eu quisesse te ligaria. E o que você faz? Aparece na porra da casa dos meus pais e arma esse showzinho ridículo.

—Gui, eu só queria te consolar. Eu tentei te ligar, mas você não atendeu e eu liguei para a empresa e eles disseram que você desmarcou a reunião de hoje à tarde. Achei que estivesse mal e vim ficar com você.

—Se eu não atendi a sua ligação era porque eu não queria falar com você. Quantas vezes eu vou ter que dizer que nós não temos a porra de uma relação, Lia? Quantas vezes eu vou ter que repetir para que você entenda de uma vez por todas que não somos nada um do outro, apenas transamos quando temos vontade e conversamos as vezes, mas isso não significa que somos algo mais e nem te dá o direito de entrar aqui como se fosse da minha família. — Seus olhos começam a marejar, e dessa vez sei que é real, não aquela encenação de pouco minutos atrás. Também sei que fui um estúpido com ela, mas não posso mais aguentar ela agindo dessa forma. Já estou com problemas demais na minha vida para ela vir adicionar mais um. —E então Lia, você precisa que eu chame um táxi para você?

Ela ainda faz menção de falar algo, mas acaba desistindo. Apenas acena com a cabeça que não, mas antes de ir embora vira para mim e diz: —Não precisa Gui. Eu já entendi que não sou bem-vinda aqui.

Se ela achou que falando isso eu ia me sentir culpado por alguma coisa, se enganou. Continuo no mesmo lugar e a vejo andar pela rua.

Assim que ela some pelo condomínio eu respiro fundo e volto para dentro de casa. Vejo meus pais indo na direção do escritório, mas não vejo a Malu com eles. Essa mulher está me tornando um homem louco, tanto que acabei de chutar a Lia de novo e cancelei uma reunião hoje só para ficar e almoçar com ela. E é para tentar entender essa loucura que nesse momento eu vou até a sala de jantar ver se ela ainda está lá, mas a encontro vazia. Rosa sai da cozinha e eu a abraço. —Rosinha... — Ela me olha enviesada. —Ei... eu posso te chamar de Rosinha.

—Você pode, aquela sirigaita não. — Ela diz de cara feia e eu caio na gargalhada.

—Então Rosinha, você viu a Maria Luísa?

—Vi sim, ela está lá na área da piscina. A teimosa queria se enfiar na minha cozinha e lavar louça acredita? Tratei de despachar. — Ela diz e ri. — Agora deixa eu ir meu menino, tenho que falar com a sua mãe.

A deixo ir e me encaminho para os fundos da casa, onde Rosa disse que ela estaria, e quando olho pela porta de vidro tenho certeza que estou tendo a visão de um anjo.

Maria Luísa está sentada lá, na beira da piscina. Ela subiu a bainha da calça e está com os pés dentro da água, seus olhos estão fechados e ela está passando a mão na barriga e sorrindo. E que sorriso...

Fico ali parado como um idiota apenas observando-a por longos minutos, e durante todo esse tempo emoções diferentes passam por mim. Tento entender tudo que sinto, mas não consigo, e quando, por fim, relaxo e apenas me deixo observar a cena na minha frente, única palavra me vem à mente. ***MEUS!***

Capítulo 24

Guilherme

Uma semana.

Uma semana se passou desde aquele dia que eu tive a Maria Luísa nos meus braços. Desde o dia que a vi se contorcer de prazer em cima de mim.

Sete dias.

Sete dias infernais que estou vivendo desde aquele almoço. Desde o dia que a vi acariciar sua barriga ainda lisa parecendo um anjo na piscina de casa.

Passo as mãos pelos cabelos em um gesto de puro nervosismo.

Querem saber o que eu fiz depois de ficar um bom tempo a observando como um maldito voyeur?

NADA!

Eu não fiz absolutamente nada!

Fiquei apenas olhando os seus traços delicados, seu sorriso, suas expressões, seu corpo.

E querem saber o motivo de eu não ter feito nada? É simples... eu sou um filho da puta de um covarde. Não fiz nada porque eu tive medo. Medo do desconhecido. Medo dos sentimentos que nunca senti na vida e pareciam querer me sufocar.

Não fiz nada porque eu tive medo da possessividade que senti quando a vi radiante sorrindo e passando a mão em seu ventre. Porque a minha vontade era de ir até ela, colocá-la nos ombros e fugir para algum lugar que fosse somente nós dois, sem essa loucura de Lia, ex-namorado e família.

Medo porque em apenas dois dias ela se infiltrou na minha vida de um jeito que mulheres tentaram por anos e não conseguiram.

Então fiz o que achei que era certo.

Eu fugi.

Como o babaca que sou não fiquei e encarei a situação, simplesmente

subi para o meu quarto, peguei minhas coisas e fui para o meu apartamento.

Minha mãe me ligou todos os dias desde então para saber o porquê de eu não estar dormindo em casa. Me disse um milhão de vezes que eu tinha que estar lá nesse momento, que eu tinha que estar junto da minha família.

Eu sei que ela tem razão, mas estar com eles significa estar perto da Maria Luísa, e estar perto dela significa perder o controle das minhas ações. Como aconteceu enquanto estávamos almoçando e eu não consegui me segurar.

Só de lembrar dela ficando corada apenas com a minha mão passando pela sua coxa o meu pau pulsa de tanto desejo por aquela mulher.

Perdi a conta de quantos banhos frios tomei nesses dias e de quantas vezes me masturbei apenas lembrando do seu rosto em êxtase enquanto gozava e gemia meu nome.

Puta que pariu!

Diabo de mulher gostosa.

Eu preciso transar, mas só de pensar em estar com outra mulher o meu pau perde toda a vontade e a ereção desaparece. *Porra!* O que está acontecendo com ele? Penso em qualquer mulher e o desgraçado nem dá sinal de vida, mas é só me lembrar de qualquer coisa da Maria Luísa que ele sobe em uma fração de segundos.

Preciso de um médico urgentemente. Não! Eu preciso de uma igreja! Porque essa merda só pode ser algum tipo de feitiçaria.

Lembram que falei lá em cima dos sete dias infernais? Isso inclui também sete dias sem transar.

SETE. DIAS. SEM. TRANSAR.

Cacete de inferno da porra!

Estou com um mau humor de cão. Estou insuportável. Nem eu estou mais me aguentando.

Nunca fiquei tanto tempo sem transar na vida. Minha secretária já deve ter chorado no mínimo umas três vezes com a quantidade de patadas que eu dei nela. Na última ameacei demiti-la, mas acho que se eu continuar assim nem precisarei me dar ao trabalho, ela mesmo vai pedir as contas.

Os funcionários da empresa estão fugindo de mim, e até o meu pai veio na minha sala me perguntar o que está acontecendo que estão todos reclamando da minha ignorância esses dias.

—Guilherme, que porra está acontecendo com você? — Olhei para ele sem acreditar que ele simplesmente entrou na minha sala sem bater, falando alto e ainda por cima xingando. Tudo bem que a empresa é dele, mas ele nunca entrou assim. Ele também nunca fala palavrão, a não ser que minha mãe o tenha mandado dormir no quarto de hóspedes ou que esteja muito puto. E como sei que eles estão bem, só me restou acreditar que ele estava muito, muito irritado.

Preferi fingir que não sabia do que ele estava falando e apenas perguntei: —Do que o senhor está falando?

—Em quatro dias Guilherme, ouviu bem, quatro dias eu recebi mais de 7 reclamações de como você tem tratado os nossos funcionários. Me passaram que você está pedindo coisas impossíveis em prazos absurdos, além de estar andando por aí distribuindo coices em todos. Acabei de passar pela sua secretária e ela está com os olhos vermelhos, com certeza estava chorando. Nós não somos assim. A nossa filosofia não é essa. Então trate de me dizer o que está acontecendo.

Fiquei sem saber o que falar, então apenas disse o que veio na mente como desculpa. —Eu estou estressado pai, e antes que comece a falar de novo eu já digo que sei que estou errado, mas fica tranquilo que vou dar um jeito de resolver tudo.

Sou tirado das lembranças desse dia com meu celular em cima da mesa tocando, olho para ele e vejo que é a Lia. Reviro os olhos irritado, acho que essa deve ser a milésima vez que ela me liga desde o showzinho que fez para os meus pais. Eu posso ser tudo nessa vida, e tolero qualquer coisa que façam comigo, mas não mexa com a minha família que eu não respondo por mim.

Ignoro a chamada, não é possível que ela ainda não percebeu que eu não quero falar com ela. Menos de cinco minutos depois o telefone toca de novo. Olho para a tela e não me surpreendo com o nome dela piscando novamente. Porra de mulher insistente. Aperto ignorar e silencio o telefone o colocando dentro da gaveta, quem sabe assim tenho um pouco de paz.

Me concentro em algumas plantas de um projeto que estamos fazendo e quando vejo está quase na hora de uma reunião com um cliente novo que está

expandindo seus negócios e abrindo uma filial aqui na cidade. Ligo para a Camila, minha secretária, e peço que reserve um almoço em um restaurante aqui perto mesmo. Poucos minutos depois ela entra na sala e me informa que os clientes chegaram. Peço que os acomode na sala de espera e ofereça água e café que já estou indo. Termino de ajeitar as últimas coisas e quando estou pronto para sair o telefone da minha mesa toca.

—Já estou indo Camila.

—Sr. Guilherme, está na linha a senhorita Lia, eu informei que o senhor está saindo para uma reunião, mas ela insiste que eu tente passar a ligação. Na verdade, ela já tentou ligar diversas vezes, mas como o senhor avisou que não queria ser incomodado eu não passei nenhuma das ligações.

Pego o celular da gaveta e vejo 5 chamadas não atendidas dela. —Fez muito bem Camila, e diga a Lia que quando eu tiver um tempo retorno a sua chamada. — Desligo o telefone, coloco o celular de volta na gaveta e saio pela porta. Melhor deixa-lo aqui, porque se a Lia continuar ligando não vou conseguir me concentrar na reunião. Saio da sala e digo para a Camila: — Não quero que passe nenhuma ligação da Lia para mim até segunda ordem. Na volta passamos o restante das pendências de hoje.

Vou até a sala de espera e cumprimento o cliente que está me aguardando, um senhor que aparenta ter a idade do meu pai. Pergunto a ele se aceita que nossa reunião seja em um restaurante próximo já que estamos perto do horário de almoço. Ele prontamente aceita e nos dirigimos para lá.

***

A reunião foi um completo sucesso, o que fez meu ânimo melhorar um pouco. Digo um pouco porque no meio do almoço tive uma sensação estranha, um aperto no peito como se algo de muito ruim tivesse acontecido. Na mesma hora pensei no Bento, mas tinha ligado para o hospital de manhã e me informaram que ele estava evoluindo e seu quadro já estava muito melhor. Mesmo assim resolvi ligar para minha mãe só para ter certeza que estava tudo bem, mas quando fui pegar o celular lembrei que tinha deixado ele na empresa para evitar as ligações da Lia. Merda! Resolvi focar na reunião que estava acontecendo, afinal era um grande cliente, consegui-lo para o nosso portfólio ia ser uma grande conquista e com certeza essa inquietude era coisa da minha cabeça.

Meu pai sempre disse que eu tinha tino para fechar contratos, e ele

como sempre tinha toda razão, acredito que se perdi um contrato desde que comecei a trabalhar com ele foi muito. Eu sempre consigo mostrar aos clientes em potencial como nossa empresa é a melhor no que faz.

Volto para o escritório com mais um contrato fechado e já pensando em tudo o que o cliente me disse que queria, imaginando como faria para colocar no papel tudo o que ele pediu.

Assim que saio do elevador no meu andar a Camila se levanta imediatamente e vem até mim com os olhos arregalados. Puta que pariu! Aconteceu alguma coisa com o meu irmão.

—Sr. Guilherme, a sua mãe está desesperada atrás do senhor. Começou a ligar uns vinte minutos depois que o senhor foi para a reunião. Desde então já ligou diversas vezes dizendo que o celular do senhor só cai na caixa postal. Eu também tentei entrar em contato, mas aconteceu a mesma coisa.

Meu coração para na hora. Não pode ser o que eu estou pensando, o Bento não pode ter nos deixado, ele não pode ter *me* deixado.

—Ela disse o que era?

—Não, só que era para o senhor entrar em contato urgente. Mas pela voz dela deu para perceber que estava muito nervosa.

Saio correndo para dentro da minha sala e pego meu celular dentro da gaveta. Que porra que a Lia tinha que ficar me perseguindo que me fez deixar o telefone aqui? Assim que o telefone inicia vejo mais de trinta ligações perdidas, sendo umas 7 da Lia e o restante da minha mãe.

Respiro fundo diversas vezes e tento me controlar, então começo a raciocinar, se fosse algo com o Bento o meu pai também teria tentado me ligar, como no dia do acidente, então o que será que aconteceu?

Meu coração perde uma batida quando imagino o que possa ter sido, mas meus pensamentos não vão muito longe porque logo o celular começa a tocar de novo e vejo o rosto da minha mãe aparecer na tela.

—O que aconteceu mãe?

—Meu filho, onde você estava? — Sua voz está aflita.

—Em um almoço com um cliente, esqueci o celular aqui. O que houve? O Bento...

—Não, foi a Malu. — Sento na cadeira com um baque. A Malu... —Ela

saiu de casa para caminhar um pouco e disse que iria até a padaria comprar um sonho porque estava com vontade de comer doce. Teimosa! Eu falei que estava quente demais e pediria a Rosa para ir, mas ela não me escutou. Então me ligaram de lá dizendo que ela tinha desmaiado assim que entrou na loja. Por sorte eles a reconheceram porque outro dia ela foi com a Rosa até lá. — Meu coração acelera, o ar não entra nos meus pulmões.

—Onde ela está? Ela está bem? — Pergunto quase gritando, mais desesperado que o normal. Ela tem que estar bem. E se ela não estiver? E se eu nunca mais tiver a chance de olhar em seus olhos? Tudo por imaturidade minha que fugi. E se alguma coisa tiver acontecido com o bebê? Porra! Começo a pegar minhas coisas para ir atrás dela.

—Calma meu filho, ela está bem. Chamei o Dr. Moretti e ele a examinou aqui mesmo. Eu fiquei nervosa na hora, e como o seu pai teve que ir naquele cliente em outra cidade eu acabei ligando para você. Mas pode ficar tranquilo e voltar a trab...

—Estou indo para casa. — Não deixo ela terminar de falar, desligo o celular e saio praticamente correndo do escritório. Passo como um furacão pela Camila, ela ainda tenta falar alguma coisa, mas eu não entendo o que é. Eu só preciso chegar em casa e ver com os meus próprios olhos que ela está bem.

Malu

Acordo um pouco desorientada e vejo uma aglomeração a minha volta. Estou deitada em um chão frio e duro, e pessoas me olham assustadas. Tento me levantar, mas me impedem.

—Moça, acho melhor você ficar aí e esperar a Sra. Marta chegar. — Diz uma moça que aparenta ter a minha idade.

—O que foi que aconteceu? Onde é que eu estou?

—Você está em uma padaria e desmaiou assim que entrou aqui.

As memórias começam a voltar e eu me lembro de ter saído da casa da Dona Marta dizendo que iria até a padaria, eu até estava com vontade de comer doce, mas a verdade mesmo era que eu queria sair daquela casa e

pensar um pouco.

Hoje fazem sete dias que não vejo o Guilherme e minha cabeça continua martelando tudo o que aconteceu desde que o conheci. Minha mente tenta buscar respostas para as perguntas que continuam em aberto. E meu coração se aperta de saudade dos poucos momentos que vivemos juntos. Como eu posso sentir saudade de uma pessoa que mal conheço?

Nesses dias eu tive muito tempo para pensar e analisar a minha vida, e o mais estranho de tudo é que eu quase não pensei no Max. Não vou mentir e dizer que de vez em quando eu não lembrava dele, mas era estranho, como se o que vivemos tivesse acontecido há anos atrás. Será que eu o amei mesmo? Ou será que eu estava apenas carente e acreditei no conto de fadas que ele criou?

Sinceramente não sei, só que o que eu sentia por ele é totalmente diferente do que estou sentindo pelo Guilherme. Com o Max nossa relação foi sendo construída aos poucos, como uma amizade que se fortaleceu e depois se transformou em algo mais, exatamente como eu imaginava que seria. Já com o Guilherme eu senti esse baque por dentro desde que nossos olhos se encontraram pela primeira vez. Como se eu o reconhecesse de algum lugar, como se já tivéssemos vivido alguma história antes.

No dia seguinte ao episódio da sala de jantar com aquela vadia da Lia eu resolvi procurar por ele e esclarecer as coisas, mas para minha surpresa ele tinha sumido. Fiquei sem saber se perguntava ou não para Dona Marta sobre ele, mas após quatro dias eu não aguentei e durante o jantar acabei perguntando. Ela disse que ele estava em seu apartamento e que de vez em quando ele sumia assim mesmo, para eu não me preocupar. Então sorriu para mim e disse: *"Ele acha que eu não sei, mas quando faz isso é porque está saindo com alguma garota nova e quer ficar mais à vontade com ela, se é que você me entende."*

Eu não acreditava no que estava ouvindo, o desgraçado depois de tudo o que tivemos tinha saído de casa sem me dar uma resposta para tudo o que aconteceu para passar a semana com alguma mulher?

Babaca! Que raiva!

Eu também saí para espairecer porque estou com o coração pesado por estar mentindo para a Dona Marta. Não, eu ainda não tive coragem de contar a ela que o bebê que estou esperando não é do Bento, não consegui porque

sempre que eu tento ela dá um jeito de dizer que o seu neto é o que está a mantendo lúcida nesse momento de desespero de não ter o filho ao seu lado.

Olho para o lado e a vejo entrar correndo na padaria, se jogar no chão e me abraçar.

—Minha filha, o que houve? — Ela passa a mão pelo meu rosto e corpo como se estivesse procurando por ferimentos.

Como não sei explicar as pessoas contam que entrei na padaria e de repente desmaiei. Eu lembro apenas de ter sentido uma tontura, depois disso mais nada. Ela me ajuda a levantar e diz que o médico já está a caminho de casa.

Insisto que não precisa, que já estou bem, mas ela não me ouve.

Chegamos em casa e a Rosa está na porta aflita, nesse período que estou aqui criei um laço de amizade muito forte com ela. Ela me ajuda, junto com a Dona Marta, a subir para o meu quarto, e dez minutos depois sai para atender a porta. Em seguida um médico entra e se apresenta como Dr. Moretti, ele me examina e diz que estou bem, fazendo a Dona Marta suspirar aliviada.

Ele diz que tenho que me alimentar melhor porque estou fraca, e sem a alimentação adequada meu quadro pode evoluir para uma anemia e isso seria prejudicial ao bebê. Explico a ele que não tenho conseguido comer direito devido aos enjoos e Dona Marta falta me fulminar com o olhar.

Ele pede que eu tente fazer refeições pequenas em um intervalo menor de tempo e evite esforços, e que por hoje eu fique de repouso absoluto.

Ele sai prometendo a Dona Marta que indicará um excelente amigo obstetra para me acompanhar, Rosa o acompanha e logo depois retorna com uma tigela de sopa em uma bandeja. Eu torço o nariz, mas juntas elas conseguem me obrigar a comer, mesmo que uma quantidade pequena.

Começo a me sentir cansada e elas saem para que eu possa descansar. Não demora muito eu fecho os olhos e o sono me leva.

Acordo com a sensação de que estou sendo observada de perto por alguém e meu corpo todo se retesa. Sinto um cheiro familiar, um perfume que não sinto tão de perto há exatos sete dias.

Abro os olhos ainda me sentindo cansada, mas preciso fazer para ter a

certeza de que estou apenas alucinando. Encaro a poltrona de frente para a cama e nada. Minha mente está me pregando peças para variar. Então um barulho ao meu lado chama minha atenção, e quando sigo o som me deparo com o Guilherme sentado em uma cadeira bem ali ao lado da cama me encarando com a testa franzida e um olhar preocupado no rosto.

Não falo nada. Não consigo. A visão dele tão perto de mim depois de tantos dias faz com que a minha voz simplesmente desapareça. Aquele mar azul tão intenso faz com que eu não encontre as palavras necessárias a serem ditas. Faz com que qualquer pensamento suma e fique apenas a vontade de me perder ali dentro.

Ficamos assim por alguns minutos, apenas nos olhando sem nada dizer, até que ele chega mais perto de mim, acaricia meu rosto, gruda sua testa na minha e com os olhos ainda nos meus diz: —O que você está fazendo comigo, Maria Luísa?

Capítulo 25

Guilherme

Dirijo como um louco, ultrapasso semáforos vermelhos e ando acima do limite de velocidade, com toda certeza no mínimo umas quatro multas eu vou levar, mas não consigo me controlar, não posso ir mais devagar, meus pensamentos a todo momento criam imagens horríveis da minha Malu desmaiada em um lugar qualquer no meio de estranhos sem ninguém para protege-la.

Mesmo que minha mãe tenha dito que ela está bem na segurança da nossa casa e que o médico já havia a examinado, as imagens continuam a aparecer na minha mente, e não adianta eu repetir para mim mesmo que ela está bem, eu sei que só vou me acalmar quando a ver sã e salva com aqueles olhos castanhos tão expressivos fixos em mim.

Eu não deveria estar me sentindo assim tão desesperado querendo a presença dela ao meu lado, muito menos querer o corpo dela junto ao meu. Mas quer saber do que mais? Foda-se! Foda-se a porra toda! Eu a quero e ponto final. Se é uma coisa de momento ou uma coisa mais duradoura eu não sei. Só sei que preciso descobrir de uma vez por todas o que é esse sentimento dentro de mim. E nesse exato momento eu tomo uma decisão. Eu não vou mais fugir, eu vou descobrir o que é isso de uma vez por todas. Eu já tentei me afastar e não deu certo, então agora vou ficar perto e ver o que acontece.

Eu não deveria ter me afastado, porque esse tempo longe só serviu para mostrar que existe realmente algo acontecendo entre nós dois, só serviu para mostrar que eu fui um babaca como sempre a deixando sem resposta para tudo o que fiz. E se eu não tivesse fugido naquele dia talvez isso não tivesse acontecido com ela.

Merda!

Estaciono de qualquer jeito na entrada de casa, saio do carro sem ao menos me preocupar em trancá-lo. Abro a porta de casa e graças a Deus não tem ninguém por aqui, então não preciso fingir que estou tranquilo e inventar

uma desculpa para estar em casa a essa hora, eu posso simplesmente fazer o que o meu coração pede, que é correr até ela.

Corro na direção das escadas e subo os degraus de dois em dois, e mesmo assim não parece ser rápido o suficiente. Mas quando chego na porta do seu quarto a insegurança me invade de novo. Será que estou certo em tentar desvendar o que é essa coisa que faz meu coração perder o compasso só de imaginar que algo pode ter acontecido com ela? Então me lembro de tudo o que aconteceu naquele quarto há uma semana atrás, e a saudade toma o lugar das incertezas fazendo com que eu abra a porta e entre sem ser autorizado.

Assim que minha visão se enche dela dormindo serenamente eu perco todo o ar dos meus pulmões. Seu corpo está relaxado como se nenhum problema no mundo existisse, como se ela fosse a porra de um anjo que veio a esse mundo para acalmar o meu ser.

Instantaneamente me sinto leve, calmo, tranquilo.

Me aproximo a passos cautelosos da cama para que possa a observar melhor.

Pego uma cadeira e a coloco ao lado da cama e me sento ali de frente para ela, o mais próximo que posso sem a tocar.

Olho para o seu rosto que não tem mais as marcas do acidente, para o seu corpo onde ela protetoramente, mesmo que por puro instinto, está com a mão sobre a barriga, como se quisesse proteger seu filho, e mais uma vez a palavra "meus" toma minha mente.

Fico ali sentado olhando para o seu rosto, esperando ansiosamente que ela acorde e eu possa me perder mais uma vez naqueles grandes olhos castanhos.

Fico ali pelo que parecem ser horas, e de repente eu começo a pensar em tudo que poderia ter acontecido com ela desde que morava com o Bento. Começo a pensar em tudo que sofreu com o imbecil do ex, no acidente de carro e no desmaio de hoje.

Ela poderia ter morrido.

Só de pensar nisso sinto que vou sufocar, só de pensar nela morta parece que meu coração está sendo arrancado do meu peito.

Ela está bem.

Ela está bem.

Ela está bem.

Continuo repetindo isso como um mantra na minha cabeça, mas não adianta. E porra, porque ela não abre logo esses olhos para que eu possa ter certeza que ela está bem?

Estou quase a acordando quando vejo suas pálpebras se mexerem, ela está despertando.

Continuo na mesma posição que estava, mesmo que agora eu esteja com a ansiedade me consumindo, e vejo o exato momento que ela percebe não estar sozinha, porque seu corpo que antes estava relaxado fica tenso.

Ela abre os olhos e encara a poltrona de frente a cama, e parece ficar decepcionada por encontra-la vazia.

Ela esperava me encontrar ali.

Faço um barulho com os pés e ela vira a cabeça na minha direção, e quando o faz sou dominado por um sentimento de alívio.

Ela está bem.

Minha vontade é de puxá-la para os meus braços e nunca mais deixa-la sair deles, mas me encontro embargado, mudo, com todos esses sentimentos dentro de mim.

Ela não diz nada também, parece que está tão confusa quanto eu.

Chego mais perto dela, preciso tocar sua pele. Acaricio seu rosto e grudo minha testa na sua, ela não desvia os olhos dos meus nem por um segundo, então faço a pergunta que quis fazer desde que a vi deitada naquela cama de hospital e ela me chamou de meu amor.

—O que você está fazendo comigo, Maria Luísa?

Ela fecha os olhos como se estivesse tentando entender o que eu perguntei, então os abre e vejo ali toda confusão em sua mente com a minha pergunta. —Eu não fiz nada.

Mal sabe ela que fez sim, ela invadiu o meu mundo como um tornado descontrolado que carrega tudo por onde passa, porque foi exatamente o que ela fez comigo e com a minha vida. Ela apareceu do nada e me

desestabilizou, me fez ver e sentir coisas novas, me fez ter sentimentos nunca antes sentidos e ansiar por estar ao lado de alguém, de ter uma vida com alguém. Um alguém que eu mal conheço, mas que parece ter sido feita para mim.

Ela abre a boca como se fosse falar algo, mas eu não deixo, coloco o polegar em seus lábios, o que a faz fechar os olhos de novo como se estivesse saboreando a sensação do meu toque.

Passo o dedo por todo o seu lábio inferior e depois pelo superior, seu peito começa a subir e descer rapidamente, sua respiração está trôpega, suas bochechas começam a assumir um tom rosado. Ela abre os olhos e vejo suas pupilas se dilatarem. Não resisto, toco sua boca com a minha, apenas um toque suave, como que para ter certeza que ela está ali e sente a mesma coisa que eu.

Ela coloca a mão no meu rosto e eu sinto o calor que emana dali, isso me faz relaxar ainda mais, o puro prazer da sua mão em mim me faz fechar os olhos.

Estou prestes a para aprofundar o beijo quando ela coloca a outra mão no meu peito e diz com os lábios ainda grudados nos meus: —Guilherme... — Ela fala quase que em um sussurro, e eu já estou me preparando para a sua entrega, mas o que vem a seguir é como um balde de água fria em mim. — Nós não podemos.

Abro os olhos frustrado. Como assim nós não podemos? Ela está me rejeitando? Nenhuma mulher nunca me rejeitou. Porque justamente ela está fazendo isso comigo?

Esse é um sentimento ainda mais novo para mim, rejeição, estou sentindo ele pela primeira vez e posso dizer que ele é amargo, difícil de engolir.

Estou pronto para mostrar a ela que podemos sim, mas o que vejo em seus olhos me faz recuar. Eu não vejo raiva ou indiferença, ou até nojo de quem está rejeitando uma pessoa que não quer. Eu vejo o contrário, eu vejo que ela me quer tanto que tem medo. Não o medo que eu sinto do desconhecido, de algo novo que está surgindo. Eu vejo o medo de se entregar e sofrer de novo, eu vejo uma pessoa que tem medo de todo esse sentimento que está nos embriagando, medo de uma pessoa que sofreu com a vida e está tentando criar muros em torno do coração para não quebrar novamente.

Mas eu a quero, preciso dela e vou tê-la.

Eu vou derrubar uma por uma dessas barreiras que ela subiu ou não me chamo Guilherme. Ela não vai saber como e nem porque, quando se der conta ela já vai ser minha.

Ainda com meus lábios grudados nos seus eu digo: —Eu vou te provar que nós podemos sim.

Malu

Ele diz isso com uma intensidade tão grande e com tanta sinceridade nos olhos que eu quase acredito.

A verdade é que eu quero mais que tudo acreditar que eu ainda posso ser feliz, que eu ainda posso amar e ser amada, mas aí me lembro que ele sumiu durante uma semana inteira, e como a própria Dona Marta disse, ele faz isso sempre que está com uma mulher nova. E ele ainda tem aquela insuportável da Lia.

Eu não posso me deixar levar, eu não tenho condições psicológicas de entrar em uma relação agora, não depois de tudo o que eu passei, não depois do Max. Principalmente uma relação com o Guilherme, ele é irmão do meu melhor amigo, e para piorar sua mãe acredita que vai ser avó e que eu sou namorada do Bento.

Então algo volta a minha mente, me lembro do Bento me fazendo prometer que não iria me aproximar do irmão dele, e se ele me fez fazer isso é porque conhecia bem o irmão que tem. Além de tudo eu estou grávida, não tenho como simplesmente me jogar nisso e ver no que vai dar.

Se fosse antes eu iria mergulhar de cabeça e que se dane tudo, mas agora não sou mais somente eu. Eu tenho uma vida dentro de mim que precisa de proteção. E apesar da minha vontade ser de me atirar em cima dele e beijá-lo até não poder mais, eu preciso me controlar, porque pelo pouco que escutei ele é um desses "playboys" conquistadores que estão acostumados a ter a mulher que quer aos seus pés, e eu não preciso de mais turbulência na minha vida, eu preciso de calmaria.

Ele calmamente se senta de volta na cadeira ao meu lado e continua com aquelas esferas azuis concentradas em mim. Me sento na cama e cruzo as pernas. Nesse momento parece que ele percebe que estou de short e seus

olhos cravam nas minhas coxas nuas.

—Guilherme, o que você está fazendo aqui? — Quebro o silêncio dentro do quarto fazendo ele voltar a se concentrar no meu rosto.

Ele respira fundo e diz: —Eu estava em uma reunião e acabei não levando o meu telefone. — Quando diz isso uma carranca se forma em seu rosto, mas logo depois suas feições se suavizam um pouco e ele dá um sorrisinho. —E quando cheguei na empresa fiquei sabendo que você tinha desmaiado na rua, fiquei desesperado, saí de lá correndo, dirigi como um louco e fiquei aqui te vendo dormir para ter certeza que você estava bem. Esperei você acordar para poder tocar em você e sentir sua pele na minha, então te beijei, na verdade tentei te beijar já que você me interrompeu e disse que não podemos, e eu não entendi o porquê, mas não tem problema, porque como eu disse vou te provar que nós podemos sim. Eu sou um cara paciente, mas não muito. E é só uma questão de tempo até você entender isso. — Ele simplesmente joga isso em cima de mim como se fosse a coisa mais normal do mundo falar essas coisas. Abro a boca e fecho umas três vezes, estou sem palavras com tanta sinceridade, não sei nem o que responder, e ele apenas me olha e sorri como se não tivesse acabado de me dizer que largou tudo para vir atrás de mim e que vai me provar que podemos ficar juntos.

—Você não pode falar essas coisas para mim Guilherme.

—Por que não? — Ele diz com aquele sorriso de molhar calcinha dele, e eu quero estapeá-lo por ser tão lindo.

—Porque nós não podemos ter nada. E aproveitando que estamos a sós, eu queria esclarecer o que aconteceu na semana passada. — Digo e seu sorriso cresce ainda mais, me deixando desconcertada. —Eu... eu não sei o que deu em mim, eu não sou daquele jeito. Nós precisamos esquecer aquilo e fingir que nada aconteceu.

Seu olhar muda. Eu conheço esse olhar, é o olhar de quem está preste a atacar. —Você está falando de quando eu estava sentado naquela poltrona ali e você montou no meu pau e gozou enlouquecida gemendo meu nome? Ou de quando eu te prendi na parede e você ficou rebolando na minha ereção? — Ah meu Deus! Porque ele está falando desse jeito? Porque ele está fazendo isso comigo? Ele levanta e me puxa pelo braço, fazendo com que eu fique de pé e o meu corpo grude no seu. Eu tenho que empurrá-lo, não posso ficar tão perto, mas eu não quero perder esse contato.

Ter e querer são duas coisas completamente diferentes, e tenho que ser sincera que ouvir ele falar desse jeito faz com que um fogo comece a queimar dentro de mim e se alastre por todo o meu corpo. Ele aproxima a boca do meu ouvido e diz: —Você não é daquele jeito? Isso quer dizer que você só fica assim comigo? Responde para mim se é isso, Maria Luísa. Porque se for, você pode ter certeza que eu não vou esquecer, e te garanto que muito em breve aquilo tudo vai se repetir, e quando acontecer de novo não há nada nesse mundo que me faça parar, porque eu vou te fazer minha. Completamente minha.

Sinto que posso desmaiar, mas com o pouco de consciência que ainda me resta peço. —Para, por favor. Eu estou grávida.

Ele coloca uma das mãos entre nós, mais precisamente na minha barriga, e eu tenho vontade de chorar porque eu sinto algo lindo dentro de mim, como se finalmente eu estivesse completa. —Eu sei. — Ele diz abrindo um sorriso lindo que me faz retribuir mesmo sem querer, é como se ele conseguisse me hipnotizar todas as vezes que olha dentro dos meus olhos. — E vocês serão meus. — Ele fala, deposita um selinho nos meus lábios e sai do quarto, mais uma vez me deixando sem palavras.

Capítulo 26

Malu

Não, de novo não.

Saio do meu estupor quando escuto uma porta ao lado do meu quarto batendo, e sei que foi ele entrando em seu próprio quarto porque a Dona Marta havia me dito que se eu precisasse de alguma coisa eles estavam no final do corredor, mas que apesar do Guilherme quase nunca estar em casa o quarto dele ficava ao lado do meu.

Na mesma hora eu pensei: *Só pode ser brincadeira eu estar bem ao lado dele.*

Ele não vai fazer isso comigo de novo.

Ele não vai simplesmente jogar esse monte de coisas em cima de mim e sair desfilando aquele corpo maravilhoso, diga-se de passagem, pelo quarto e me deixar totalmente atônita e sem resposta para todas as perguntas que se formaram na minha cabeça.

Mas ele não vai mesmo!

Ele não tem o direito de fazer isso!

Ele está achando que eu sou uma dessas mulheres que ele pega e pode fazer o que bem entender? Que ele beija, ela se derrete e suspira ansiando pelo próximo toque?

Ok, eu sei, foi praticamente isso que aconteceu nas duas vezes que estivemos aqui dentro desse quarto. Mas eu não sou esse tipo de mulher, eu não sou como essas que ele está acostumado por aí, e eu vou mostrar para ele agora mesmo que ele não vai fazer o que bem entender de mim.

Quem ele pensa que é para vir todo possessivo desse jeito dizer que eu e meu filho seremos dele?

Não sei porque ele disse isso, mas vai ter que me explicar muito bem.

Ando em passos decididos até a porta do quarto, pronta para acabar com isso de uma vez por todas.

Se eu disse que não podemos é porque não podemos.

Mas a verdade, que eu preciso admitir para mim mesma, é que eu quero muito que ele me prove que nós podemos sim. É por isso que eu vou atrás dele.

Abro a porta do quarto e me deparo com a Dona Marta andando pelo corredor, vindo na minha direção. Ela abre um sorriso enorme assim que me vê. —Oi, minha filha, você está precisando de alguma coisa? Está fazendo o que de pé se o médico recomendou repouso absoluto?

Arregalo os olhos e fico parada que nem uma estátua sem saber o que responder. —Eu... eu, eu ia... eu ia pegar água.

Ela franze a testa e estreita os olhos. —Você está é querendo andar por aí e passar por cima das ordens médicas. Eu não nasci ontem, Maria Luísa. Pode voltar para a cama e ficar deitadinha lá que eu estou descendo e peço para a Rosa trazer água para você. Inclusive eu me lembrei que você queria comer doce e decidi fazer um bolo de cenoura com cobertura de chocolate para a gente lanchar. O que acha? — Minha boca se enche de água na mesma hora, esqueço de Guilherme, de beijo, de "vocês serão meus", de tudo. Só consigo imaginar um bolo bem quentinho na minha frente. Dona Marta começa a gargalhar. —Não precisa nem falar o que achou da minha ideia porque esses olhinhos brilhando aí já me disseram tudo. — Eu sorrio para ela que continua. —Então já que a senhora ia até a cozinha o que acha de descer e me fazer companhia enquanto eu preparo o nosso lanche? Não é bom também ficar dentro do quarto o tempo inteiro.

Apesar de ela mesmo sem saber estar estragando os meus planos de ir até o Guilherme, eu não posso negar que quero estar em sua companhia. Enquanto caminhamos pelo corredor eu pergunto a ela. —E o Bento? A senhora teve alguma notícia dele?

Ela suspira e segura no meu braço quando chegamos ao topo das escadas. —Cuidado com a escada. — Me adverte. —Ontem eu consegui entrar na UTI, e ele nem parece mais que sofreu um acidente tão grave, seu rosto já está quase sem machucados e bem pouco inchado, parecia estar dormindo e que a qualquer momento iria acordar. O médico disse que ele está ficando melhor, e que se tudo continuar como previsto em breve outras pessoas vão poder visita-lo.

Meus olhos se enchem de lágrimas, eu estou com tanta saudade do meu

amigo, queria tanto vê-lo e dizer o quanto o amo.

—Não chore minha querida, lembra que o médico disse de nada de fortes emoções? Então nada de choro também.

Quando entramos na cozinha a Rosa quase teve um ataque, dizendo que podíamos ir para a sala que ela mesma ia fazer o bolo, ainda ficou emburrada quando a Dona Marta a dispensou mais cedo dizendo para ela ir descansar e aproveitar um pouco os netos.

Muito relutantemente ela foi embora e nos deixou sozinhas na cozinha, e assim que saiu eu não me controlei e caí na gargalhada quando a Dona Marta disse: —Ela parece uma mãe galinha com essa cozinha.

Quando paramos de rir ela voltou sua atenção para os armários e começou a pegar tudo o que poderia precisar, e enquanto eu estou sentada em um dos bancos da ilha da cozinha apenas a observando me contar de como era quando os meninos eram crianças e ela tinha que fazer dois bolos para não dar briga entre eles, eu começo a me imaginar no lugar dela, cozinhando para o meu filho enquanto ele me observa com expectativa.

***

O bolo já está no forno e Dona Marta conversa comigo animadamente sobre suas duas gestações, me conta como sofreu com os enjoos, principalmente do Guilherme, ela ri e diz que ele sempre foi o filho que deu mais trabalho, desde a gravidez. Enquanto fala ela vai preparando a calda para o bolo, eu tentei me oferecer para fazer, mas como já era de se esperar ela me mandou permanecer no meu lugar ou ir para o quarto, então aqui estou eu, sentada como uma menininha obediente.

De repente Dona Marta ainda de costas para mim concentrada no fogão, diz: —Sabia que hoje aconteceu uma coisa estranha? Liguei para o Guilherme quando soube do seu desmaio, ele ficou nervoso, não deixou que eu terminasse de falar e disse que estava vindo para casa, mas até agora não o vi. Onde será que esse menino se meteu?

—Serve esse menino aqui, Dona Marta?

Guilherme

Saí do meu quarto e fui seguindo o cheiro de bolo que tomou conta da

casa, sou levado até a cozinha, e quando chego na porta a cena que vejo ali me deixa com uma sensação enorme de nostalgia, minha mãe rindo e falando alto enquanto mexe em uma panela no fogão.

Ao mesmo tempo em que o passado invade a minha mente e eu me lembro de mim e do Bento correndo escada abaixo porque sabíamos que ela estava fazendo bolo para o lanche e discutindo de quem seria o primeiro pedaço, eu consigo facilmente vislumbrar o futuro ao ver a Maria Luísa tão à vontade conversando e sorrindo com ela. A Malu está de uma forma que eu nunca vi antes, tranquila e relaxada, sorrindo e rindo de coisas que minha mãe diz.

Eu poderia ficar horas aqui apenas observando as duas, uma é e sempre será a mulher mais importante da minha vida e a outra está se infiltrando na minha pele e mente e me faz ansiar por algo que eu nunca tive, mas quando minha mãe fala sobre a ligação de mais cedo eu percebo que não posso mais ficar escondido, então faço com que elas saibam da minha chegada.

Minha mãe que estava de costas se vira sorrindo para mim e eu ando até a ilha da cozinha me sentando ao lado da mulher que está tomando os meus pensamentos.

Na mesma hora que sento ao seu lado percebo que ela fica tensa, parece até que pode levantar e sair correndo a qualquer momento, com certeza está se lembrando do que eu fiz na mesa de jantar.

Faço uma nota mental que preciso fazê-la relaxar e se abrir para mim, só assim eu vou poder tê-la da forma que quero. Totalmente entregue.

—Que cheiro maravilhoso é esse, mãe? — Digo com as duas mãos na bancada para que ela veja que não farei nada com ela, por enquanto, claro.

—Depois do susto que essa menina me deu hoje eu resolvi fazer um bolo para o lanche da tarde, você sabe que isso sempre me fez relaxar.

Viro o rosto para a Maria Luísa e pergunto olhando dentro dos seus olhos: —Você está bem?

Vejo suas bochechas ficando rosadas, e amo o poder que eu tenho sobre ela, afinal como ela mesmo disse, ela não é assim, então isso é só comigo. — Estou, foi só um susto. — Ela fala com a voz baixa e logo desvia os olhos para a minha mãe.

—Um susto que me fez perder uns dez anos de vida! — Minha mãe diz

e arranca uma risada de nós dois. —Aí tive que vir aqui e praticamente expulsar a Rosa da cozinha para poder fazer um bolo e relaxar. Foi difícil fazer aquela mulher ir embora. Nunca vi uma pessoa ficar com raiva de ser dispensada mais cedo do trabalho.

Começo a rir e a Malu ao meu lado também, nos encaramos e as poucos nosso sorriso vai morrendo, olho para sua boca e ela passa a língua nos lábios, e eu juro que se a minha mãe não estivesse aqui eu ia jogá-la em cima da bancada e beijá-la até que nossas bocas estivessem inchadas e doloridas.

—O bolo está pronto! — Minha mãe fala nos tirando do nosso momento e a Maria Luísa abaixa a cabeça como se estivesse envergonhada pelos poucos segundos que nos perdemos um no outro.

Olho para frente e percebo que minha mãe está virada de frente para nós dois com o bolo nas mãos e a testa franzida nos encarando, mas não diz nada, apenas fica nos encarando.

—O que foi, mãe?

—Nada não. — Diz e vai até o armário pegar um prato.

Depois do bolo já estar com a cobertura ela coloca um prato na nossa frente e serve um pedaço generoso para cada, depois se senta na nossa frente e fica nos observando comer. A Maria Luísa não perde tempo e enfia o garfo no bolo.

—A senhora não vai comer? — Ela diz com a boca cheia e eu sorrio da sua espontaneidade.

—Não, minha filha. Na minha idade bolo é uma bomba calórica, então vou ficar satisfeita de ver vocês comendo.

—Será que tem espaço para mais um? — Ouço a voz do meu pai e logo depois ele para ao lado da minha mãe dando um beijo em sua cabeça. — Como estão as coisas por aqui?

—Agora estão bem, quer um pedaço de bolo querido?

—Mas é claro! Jamais iria recusar algo feito por você.

—Começou a melação... — Brinco com eles, mas acho linda demais a forma como se tratam mesmo depois de tantos anos de casados.

Minha mãe me olha com as sobrancelhas arqueadas e diz: —Um dia

você vai se apaixonar, e nesse dia eu vou estar sentada de camarote para assistir você todo meloso com a sua mulher e dizer: *"Começou a melação"*

Não aguento e começo a rir, porque a Dona Marta é uma mãezona, mas as vezes parece minha irmã mais velha.

—Marta, estava pensando que podíamos sair para jantar naquele restaurante novo que abriu e você estava querendo ir. O que acha de termos uma daquelas nossas noites? — Ele diz e olha dentro dos olhos dela. Eu sei bem o que esse olhar sugestivo do meu velho significa. Eles vão sair para jantar e depois o meu pai vai sequestrar a minha mãe e vão dormir fora de casa ou chegar só de madrugada. Uma vez ele me disse que faz isso para não deixar o fogo da relação morrer, e quem quis morrer foi eu por imaginar os meus pais transando.

A Malu continua comendo seu bolo alheia a tudo o que acontece a sua volta.

—Acho melhor não, ainda mais depois do que a Malu passou hoje. Eu não quero deixa-la sozinha.

Isso parece chamar sua atenção, porque ela levanta a cabeça e fala: — Não, eu estou bem. É só vocês deixarem mais pedaços de bolo desse aqui que eu vou ficar muito bem. Podem ir tranquilos, eu prometo que não vou sair, e se eu não vou sair o que pode acontecer comigo dentro de casa? — Ela termina de falar e eu penso em muitas coisas que podem acontecer com ela dentro desta casa, mais precisamente coisas que envolvem ela nua debaixo de mim.

Porra, como eu posso pensar em sexo com os meus pais na minha frente?

Eu realmente preciso transar.

Meu telefone toca e eu atendo sem nem olhar o visor. —Alô.

—Oi meu bem, que saudade de você. — A voz da Lia soa do outro lado.

—Oi, Lia. — Na mesma hora a Maria Luísa vira a cabeça na minha direção e crava os olhos em mim. Será que é ciúme que eu vejo ali? Não sei, mas pode ter certeza que eu vou descobrir.

Malu

Involuntariamente a minha cabeça voa na direção do Guilherme e os meus olhos se fixam nos dele.

Eu não posso acreditar que depois de tudo o que ela fez e falou para a Dona Marta ele ainda continua se encontrando com ela. Será que foi com ela que ele passou essa semana? Ele franze a testa como se não estivesse entendendo a minha reação, olha para a Dona Marta que tem seus olhos em nós dois e diz: —Só um minuto, Lia. Com licença, vou atender na sala.

Nós três olhamos para ele saindo e falando no telefone. —O que você quer Lia?

Mas não conseguimos escutar mais nada porque ele some pelo corredor. Ai que raiva! O Sr. Luiz apenas balança a cabeça em negação, mas a Dona Marta não consegue se controlar. —Eu queria muito saber porque o Guilherme continua se encontrando com essa mulher. Não é possível que depois de tudo o que ela fez ele ainda continue dando assunto para essa biscate.

—Marta! — O Sr. Luiz a repreende.

—Me desculpe falar assim Malu, mas essa menina não é flor que se cheire. E eu não consigo aceitar que o meu filho continue caindo nos encantos dela.

—Não tem problema Dona Marta. Eu também não entendo... — Falo a última parte em voz baixa.

—O que? — Ela me pergunta.

—Nada, eu só disse que realmente ela parece ser um pouco intrometida. — Olho para os dois e vejo que é o momento perfeito para acabar com uma coisa que está me corroendo desde o acidente. —Eu queria aproveitar que os dois estão aqui e... — Não consigo concluir porque sou interrompida pela volta do Guilherme que se joga no banquinho ao meu lado com um sorriso enorme no rosto.

Desgraçado!

Está todo feliz com a ligação dessa vadia.

—E então mãe, vai sair para jantar com o pai?

—Eu não queria deixar a Malu sozinha, mas realmente estou

precisando sair um pouco e espairecer. — Ela olha para mim e diz: —Você vai mesmo ficar bem?

—Claro que vou, e qualquer coisa eu prometo ligar para a senhora na mesma hora. — Digo porque além de querer que a Dona Marta se distraia um pouco vai ser um ótimo momento para poder colocar os pingos nos is com o Guilherme, afinal estaremos só nós dois nessa casa.

Minha mente começa a voar em uma direção que não deveria. Imagino que vou até o seu quarto e ele abre a porta com apenas uma toalha enrolada no seu corpo e...

Acho que ele percebe o rumo dos meus pensamentos porque fala: — Que bom que você vai ficar bem sozinha Maria Luísa.

—E você meu filho, vai finalmente ficar um pouco em casa? — Dona Marta pergunta a ele e eu espero ansiosa sua resposta.

—Pensei em ficar e fazer companhia para a Maria Luísa, mas acabei de marcar de sair com uns "amigos".

***

Desgraçado!

Idiota!

Babaca!

São apenas alguns dos adjetivos que eu digo em voz alta enquanto tomo banho. Todos são direcionados a uma única pessoa.

Dona Marta já saiu para jantar com o marido, passou aqui no quarto e me fez um milhão de recomendações. Deixou um pote cheio de bolo e uma garrafa de água no criado mudo dizendo que não queria que eu descesse as escadas enquanto estou sozinha em casa. Falei para eles se divertirem que eu ficaria apenas deitada assistindo um filme até pegar no sono.

Estou me tornando uma grande mentirosa! Porque desde então estou repassando tudo o que aconteceu hoje. Será que todas as vezes que eu estiver perto do Guilherme os dias serão dessa forma? Intensos?

Não o vejo desde que ele disse que não ficaria em casa, porque ele simplesmente se levantou e sumiu.

Sair com amigos? Conta outra! Ele vai é se encontrar com a Lia. Deve

ter vindo aqui mais cedo achando que eu ia ceder e transar com ele, e como não aconteceu e eu não caí na sua historinha de "vocês serão meus", foi correndo atrás da outra.

Tudo mentira!

Ele falou todas aquelas coisas porque viu a minha vulnerabilidade e atacou justamente o meu ponto fraco. Tudo para que eu acreditasse em suas palavras e caísse nas suas garras.

E a trouxa aqui ainda estava iludida querendo que ele provasse para ela que eles poderiam ficar juntos.

Realmente Maria Luísa, você é uma trouxa.

Agora eu estou aqui, enrolada em uma toalha olhando para o meu reflexo no espelho e me sentindo totalmente exposta. Ainda mais vulnerável do que antes.

Acho que o amor realmente não é para mim.

Tenho vontade de chorar com a constatação. Me sinto triste e sozinha. E agora eu só queria alguém para me abraçar e dizer que tudo vai ficar bem.

Fecho os olhos, respiro fundo e digo em voz alta. —Levanta a cabeça Maria Luísa, você nunca precisou de ninguém e não é agora que vai precisar.

—Falando sozinha, Maria Luísa? — Abro os olhos e pelo reflexo do espelho vejo o Guilherme lindo em uma camisa preta e bermuda branca encostado no batente da porta do banheiro com os olhos fixos nos meus.

Capítulo 27

Malu

Ficamos nos encarando pelo espelho pelo que parecem ser horas, seus olhos fixos aos meus me prendem e me perturbam de uma forma que não consigo mensurar.

Desço o olhar pelo seu corpo e meu Deus! Ele está lindo demais encostado dessa forma no batente da porta. Ele parece um modelo saído diretamente de uma capa de revista. Seu cabelo está perfeitamente penteado, em seu corpo uma blusa preta molda todos os seus músculos, além de uma bermuda branca e tênis preto.

Ele está pronto para sair e ainda teve a coragem de vir aqui esfregar isso na minha cara.

—Como você entrou aqui? — Digo e aperto ainda mais a toalha no meu peito, me sinto nua sob o seu olhar que agora desliza por todo o meu corpo, vai até os meus pés e volta calmamente até parar novamente no meu rosto e se fixar ali.

—Pela porta? — Ele responde com uma pergunta e dá aquele sorrisinho sacana de canto de boca.

E aí está, a prova que ele só está brincando comigo, com os meus sentimentos, com a minha vida.

—Você pode por favor sair do meu quarto? — Peço com a voz baixa, cansada, e abaixo a cabeça. O dia de hoje foi intenso demais e eu estou esgotada. Eu queria muito escorraçar ele daqui, mas acho que não tenho forças nem para discutir.

—Claro. — Ele fala e eu não posso acreditar que foi tão fácil assim, então levanto a cabeça para ver ele indo embora, mas como tudo nele não tem lógica, o vejo dar um passo para frente e entrar de vez no banheiro.

—O que você está fazendo? — Franzo a testa para ele, ainda o olhando pelo espelho.

—Você pediu para eu sair do quarto, e eu saí. Tecnicamente estou fora

do quarto. — Ele fala e sorri ainda mais.

Ele vem se aproximando lentamente e eu levanto a mão. —Não chegue mais perto.

Ele para os passos e me olha confuso. —Por que?

Eu quero chorar.

Eu quero gritar.

Eu quero esmurrar esse rostinho lindo.

Eu quero que ele vá embora.

Eu quero que ele me abrace.

Eu não quero mais me sentir sozinha.

Eu cansei.

Não sei o que está acontecendo comigo, mas eu estou mais emotiva que o normal, eu consigo ir da fúria a tristeza em questão de segundos. E agora, toda a raiva que eu estava dele por me fazer acreditar que me queria e logo após esfregar na minha cara que ia sair com a Lia se transformou em uma angústia sem fim.

—Eu não aguento mais. — Sussurro e fecho os olhos, deixando minha cabeça tombar para trás.

Sinto que posso quebrar a qualquer momento, mas eu não vou deixar que ele me veja como uma mulher fraca.

Viro de frente para ele e levanto o rosto, percebo que sua expressão está assustada, parece que tem medo que eu comece a chorar como no outro dia. Eu posso até quebrar de novo, mas nunca mais será na frente dele.

Coloco minha máscara de mulher forte que aprendi a usar com o tempo e empino o nariz.

—Sai daqui, Guilherme. Eu quero que você saia daqui agora. Você não ia sair com os seus "amigos"? — Friso bem a parte do "amigos" para que ele veja que eu não sou idiota e sei muito bem para onde ele está indo. —Então está fazendo o que aqui? Vai lá... sua velha amiga, — Uso o termo que ele me apresentou a ela. —...deve estar te esperando ansiosamente. — Termino de falar e cruzo os braços sorrindo de forma vitoriosa. Se ele pode ser sarcástico, eu também posso ser.

Mas sabem o que ele faz?

Tentem adivinhar!

O babaca começa a gargalhar.

O imbecil está gargalhando bem na minha cara. Deve estar se divertindo muito as minhas custas mesmo.

A bobinha de outra cidade que ele está manipulando. Deve ser isso que ele pensa de mim.

Será que se eu o enforcar com o cabo do secador eu vou ser presa? Posso alegar legítima defesa por ele ter invadido o banheiro.

Ele não para de rir.

Idiota!

Se ele não sai, saio eu.

Dou um passo para frente, mas ele continua parado no mesmo lugar ainda com um sorriso enorme no rosto. Dou um passo para a esquerda, mas ele me acompanha me bloqueando. Vou para o outro lado e ele também.

—Dá para sair da minha frente?

—Não, não até você me escutar. — Ele diz agora sério.

—Eu não quero escutar mais nada de você. Eu não vou mais cair nos seus joguinhos. Veio aqui esfregar na minha cara que vai sair? Já fez, parabéns, conseguiu mais uma vez o que queria. Então sai logo daqui e vai atrás daquela loira oxigenada porque eu não quero mais saber de você. — Falo e coloco o dedo na cara dele.

Ele segura o meu pulso com leveza, e contra tudo o que acreditava pega minha mão e beija o dedo que estava apontando para ele. Com o braço que está livre enlaça minha cintura e me cola ao seu corpo.

—Isso tudo é ciúme de mim, Malu? — Ele fala com um sorriso convencido no rosto.

—Seu babaca! — Com a mão livre dou um soco no seu peito. —Eu não tenho ciúme de você! Está se achando demais, Guilherme. Eu só estou deixando claro que não vou mais cair no seu papinho. E para você é Maria Luísa. — O sorriso do desgraçado cresce e eu tento sair do seu aperto, começo a empurrá-lo, mas em um movimento rápido ele me vira e me prensa

na parede, e quando dou por mim ele prende com uma das mãos os meus dois pulsos acima da minha cabeça grudando ainda mais nossos corpos.

—É ciúme sim... e saber que você tem ciúme de mim só me deixa ainda mais louco por você.

—Me solta... — Eu falo, mas já estou perdendo as forças. Esse poder que ele exerce sobre mim não pode ser normal.

—Não solto. Não solto até você entender que eu não ia para porra de lugar nenhum. Que eu não ia encontrar com ninguém.

—Mentiroso! Você atendeu o telefone e disse... — Ele me interrompe.

—Eu disse aquilo porque não queria que os meus pais soubessem que eu queria ficar em casa. Eu disse para que eles não vissem que eu queria desesperadamente ficar sozinho com você. Eu menti porque eu não queria que eles percebessem o quanto eu estava louco para ter você só para mim. — Ele fala para logo depois descer a boca para o meu pescoço e roçar a ereção em mim, posso sentir seu corpo na minha pele, então me lembro que estou só de toalha.

—Guilherme...

—Oi... — Ele diz com a voz abafada no meu pescoço e começa a dar beijos de boca aberta até a minha orelha. Sinto meu corpo todo se acender imediatamente para ele.

Ele morde o lóbulo da minha orelha e eu sinto um arrepio percorrer o meu corpo, o que me faz estremecer. Eu sei que ele percebe a minha reação porque sinto seus lábios, ainda grudados na minha pele, se abrirem em um sorriso. Ele já conhece os meus pontos fracos.

Ah Deus, como eu posso resistir a esse homem?

Acho que nenhuma mulher em sã consciência conseguiria resistir, na verdade eu acho que elas de bom grado se ofereceriam a ele em uma bandeja de prata e diriam: *Tudo o que o senhor quiser mestre.*

—Gui... — Eu gemo quando a mão que não está segurando os meus pulsos aperta a minha bunda e me gruda ainda mais no seu pau que está completamente duro.

—Isso... É exatamente assim que eu quero você falando o meu nome, no diminutivo e gemendo. — Ele para o seu assalto ao meu pescoço e me

olha mais uma vez, seus olhos estão escuros, posso ver o tesão estampado no rosto dele. —Acho que eu não fui muito claro mais cedo quando eu disse que vocês são meus, mas pode ficar tranquila que agora você vai entender perfeitamente a quem você pertence. — E sem que eu espere ele toma minha boca na sua em um beijo faminto, possessivo, de tirar o fôlego.

Ele não pergunta se pode, ele não pede permissão, ele simplesmente enfia a língua na minha boca e eu fecho os olhos, me entregando a sensação dos seus lábios sedentos, da sua língua duelando com a minha e vasculhando cada canto da minha boca. Me entrego porque sou fraca, porque eu não consigo dizer não para ele, porque mesmo sabendo que é errado eu quero beija-lo até o fim dos meus dias.

Ele começa a amassar minha bunda e eu sinto que estou ficando muito, muito molhada mesmo. Sinto o líquido já na minha coxa e então me lembro que apenas uma toalha me impede de ficar nua.

Puxo a cabeça, descolando nossas bocas e sinto a falta dos seus beijos instantaneamente, mas ele não para e aproveita para beijar meu pescoço novamente.

—Para...

—Não... — Ele nega e distribui beijos na minha mandíbula.

—Por favor...

—Não. — Ele continua de olhos fechados e não para de beijar e morder meu queixo. —Eu não vou parar.

—Guilherme, vamos conversar. — Ele continua seus beijos. —Gui, a gente precisa conversar. Eu estou só de toalha, deixa eu colocar uma roupa e a gente...

Ele cessa todos os movimentos e parece se dar conta do que eu estou falando, porque os seus olhos se abrem automaticamente e ele olha para os meus seios que estão quase pulando da toalha.

Sua respiração que estava acelerada agora está ofegante, ele parece um animal pronto para atacar, meu peito sobe e desce rapidamente e eu me esforço para levar o tão necessário ar aos meus pulmões.

Penso em algo que eu possa falar que o faça me soltar, mas antes que me dê conta sua mão que estava na minha bunda a solta e com brutalidade ele

arranca a toalha do meu corpo, a jogando de qualquer jeito no chão do banheiro.

Abro a boca surpresa com a sua reação, porque simples assim eu estou completamente nua na frente dele.

Nua. Sem nada que possa cobrir meu corpo.

Ele dá um passo para trás e solta os meus pulsos, seus olhos vão descendo calmamente por todo o meu corpo, analisando cada pedaço de pele, cada curva, cada centímetro.

Me sinto vulnerável demais, exposta demais, mas não consigo mover os braços e nem abrir a boca.

Seus olhos param nos meus seios e se demoram por ali, onde os mamilos estão endurecidos e apontam na sua direção. Ele abre a boca e fecha, como se quisesse falar alguma coisa, mas não conseguisse.

Seus olhos descem mais um pouco e passam pela minha barriga, e quando eu vejo para onde eles estão indo fico tensa. Ninguém nunca me viu dessa forma e me sinto envergonhada.

Faço um movimento com o braço direito para me cobrir e ele quase rosna ao falar. —Não ouse acabar com o meu prazer, porque se você fizer eu vou ser obrigado a te amarrar. — E que Deus me ajude se essas palavras não aumentaram ainda mais o meu tesão.

Seus olhos chegam até o local que eu queria tanto esconder e eu me sinto mortificada, porque por mais liberal que eu sempre tenha sido em relação ao sexo, ter esse Deus na minha frente totalmente vestido e me analisando minuciosamente é demais. Ele olha para a minha boceta totalmente depilada por longos segundo antes de passar a língua pelo lábio inferior como se não pudesse esperar para me provar. E mesmo sabendo que não devo anseio que sua língua me leve ao céu.

Seu olhar continua descendo até chegar nos meus pés e depois volta por todo o meu corpo até os meus olhos.

Ele se aproxima e eu me sinto enfeitiçada, não consigo me mover, muito menos falar.

Ele tira uma mecha de cabelo do meu rosto e coloca atrás da minha orelha, olhando no fundo dos meus olhos. —Eu deveria ser bom e perguntar

se você deixa eu te tocar, se você deixa eu te beijar, mas então me dei conta que eu não preciso de permissão para pegar o que é meu. E você é minha Maria Luísa.

Eu não tenho tempo nem de reagir, porque assim que ele termina de dizer que eu sou dele me beija de uma forma enlouquecedora. Esse beijo é diferente de todos os que já demos, parece que ele quer me mostrar que eu realmente sou dele, e eu não consigo pensar em outra coisa a não ser isso, *eu quero ser dele*.

Coloco minhas mãos em seus cabelos e dou um leve puxão, na mesma hora suas mãos vão para os meus seios e ele mói sua ereção contra o meu ventre, eu gemo em sua boca com a sensação do seu toque nos meus mamilos doloridos. Ele massageia o direito com a mão inteira e da leves beliscões com o polegar e o indicador no esquerdo, me deixando ainda mais louca pelo seu toque.

Ele me pressiona na parede e eu sinto que posso me fundir a ele, mas nesse momento eu não poderia me importar menos, a única coisa que me importa é que eu quero esse homem dentro de mim, eu quero sentir de novo a sensação maravilhosa de chegar ao ápice com ele olhando dentro dos meus olhos. Eu quero ser a causadora do seu orgasmo, eu quero que ele rosne o meu nome quando estiver gozando, eu quero que ele diga de novo que eu sou dele.

Ele continua com a sua tortura nos meus seios, mas eu preciso de mais, eu preciso de contato onde eu mais preciso. Ele parece ler os meus pensamentos, já que uma das suas mãos abandona um dos meus seios e vai descendo pela minha barriga. Estou ofegante já antecipando a sensação dos seus dedos em mim, mas o que ele faz é muito melhor. Ele tira a mão do meu outro seio, e quando estou prestes a protestar ele segura a minha bunda com as duas mãos e me levanta, automaticamente eu enrolo minhas pernas em sua cintura enquanto seu corpo me prende na parede.

—Perfeito. — Ele sussurra na minha boca e eu quero chorar de alívio quando sinto a protuberância do seu pau moendo contra o meu ponto sensível, mesmo que ainda coberto pela sua bermuda.

Sem pudor nenhum eu começo a rebolar, aumentando o atrito entre minha boceta latejante e seu pau coberto pelo jeans. Ele me prende com o quadril, continua a assaltar minha boca com a sua língua e deixa as mãos

livres para deslizar pelo meu corpo.

Ele passa as mãos pelo meu pescoço, rosto, seios, barriga, braços, quadris, bunda... Ele está em todos os lugares, ele me deixa tonta, totalmente entregue.

Quanto mais nos beijamos mais ele parece me querer, ele não diminui o ritmo nem por um segundo, pelo contrário, quando eu mordo o seu lábio inferior ele geme e parece entrar em um frenesi. Ele aperta meu seio com força, fazendo com que eu puxe a boca da sua e comece a gemer em voz alta, sua outra mão vai para o meu quadril, ditando um ritmo mais acelerado. Ele desce a boca pelo meu queixo, deixando beijos molhados no meu pescoço e para.

Para completamente.

Abro os olhos já desesperada com medo dele me dizer que só queria provar que eu me rendia a ele facilmente e ir embora, mas para minha completa rendição ele está com a boca a centímetro do meu peito apenas esperando que eu desse atenção máxima ao que ele faria.

Então vejo sua língua sair da sua boca e lambe lentamente o meu mamilo direito, nunca tirando os olhos dos meus. Eu ofego com a sensação da sua língua quente no meu mamilo sensível. Ele faz isso de novo e de novo, e eu não aguento mais essa tortura. Minhas mãos voam para o seu cabelo, o puxando para mim, e parece que era essa a reação que ele queria, porque ele abre a boca e passa a chupar com força.

Rebolo ainda mais enquanto ele continua chupando e mordendo meus seios, ele alterna entre um e outro, e enquanto faz isso aperta minha bunda e faz movimentos de vai e vem com o quadril.

Eu não vou aguentar. Eu vou gozar. O atrito no meu clitóris combinado com as mãos e boca dele em mim são demais.

Preciso da sua boca na minha e seus olhos nos meus.

Puxo sua cabeça dos meus seios e busco seus lábios em um beijo faminto, cheio de tesão e desejo.

—Eu vou gozar... — Digo para que ele saiba que eu estou quase lá, mas então ele tira a boca da minha e desenrosca minhas pernas da sua cintura. Eu tenho que me equilibrar para me manter de pé com as pernas bambas.

Olho para ele sem entender e ele simplesmente diz: —Não. — Quero protestar, mas ele me impede de falar. —A partir de hoje você só goza em dois lugares. No meu pau comigo dentro de você ou na minha boca. Então você me diz, onde você quer gozar?

Ele não pode estar falando sério, ele não vai fazer isso comigo. Eu não tenho coragem de responder. Sei que já estou corada de tudo o que estamos fazendo e da sua barba que passeou pelo meu corpo, mas tenho certeza que agora, depois disso, estou mais vermelha que tudo.

Ele sorri com o meu constrangimento. —Ok, eu decido por você então.

Eu não tenho chance de responder, porque antes que eu possa sequer piscar os olhos o Guilherme se ajoelha aos meus pés e coloca minha perna direita sobre o seu ombro.

Ah meu Deus, ele vai mesmo fazer isso.

Seu rosto está a centímetros da minha boceta, ele inspira fundo e fecha os olhos, dizendo algo que eu não consigo decifrar, mas parece algo como "*Minha*".

Ao mesmo tempo em que quero pegar sua cabeça e colocar sua boca onde mais preciso, quero me esconder de vergonha pela posição em que estamos, eu completamente nua e ele completamente vestido ajoelhado diante de mim.

Fecho os olhos porque eu não esperava por isso, apesar de não ver a hora dele afundar a cabeça em mim.

Eu estou uma bagunça.

—Abra os olhos. — Ele diz em um comando e eu imediatamente olho para baixo. —Eu quero esses olhos em mim o tempo inteiro. Eu quero que você veja quem está te dando prazer, porque a partir de hoje estes olhos aqui serão os únicos que você verá quando estiver gozando.

Ai Deus!!! Eu quero dizer que estou mais do que feliz em gozar apenas olhando para esses olhos azuis, mas não tenho coragem suficiente para isso.

Sem desviar sua atenção ele morde minha coxa e logo depois a beija, e vai trilhando beijos e mordidas até a minha virilha. Quando já estou sentindo sua respiração em mim vejo ele passar a língua nos lábios, logo depois ele a coloca para fora e lambe toda a extensão da minha boceta.

—Ah meu Deus... — Eu gemo com a sensação da sua língua em mim, e sem que eu possa controlar minhas mãos voam para os seus cabelos puxando seu rosto ainda mais para mim.

Ele literalmente me devora, sua mão segura meu seio, a outra aperta minha bunda e sua língua... meu Deus, o que é essa língua?

Gemo descontroladamente quando ele chupa meu clitóris sem me dar um segundo para respirar. Ele sabe o que está fazendo.

Eu vou gozar rápido demais.

Puxo seu cabelo mais ainda e rebolo na sua boca, não consigo pensar em mais em nada, apenas em gozar na boca desse homem que está infiltrado na minha mente, corpo e alma sem que eu entenda o porquê.

Jogo a cabeça para trás. —Gui...

Ele rosna com a boca grudada na minha boceta e aumenta ainda mais o ritmo dos movimentos. Ele lambe, chupa, morde, me aperta, me toma, me devora.

Sinto o orgasmo se construindo dentro de mim, e nem que eu quisesse poderia segurá-lo.

Olho para baixo e vejo os olhos do Guilherme cravados em mim enquanto eu seguro sua cabeça e forço seu rosto ainda mais entre as minhas pernas, ele não diminui o seu ataque e nem tira os olhos dos meus.

Ele tira a boca da minha boceta por apenas um segundo, e olhando dentro dos meus olhos diz: —Você é minha. — E volta a me chupar. E apenas isso basta, sinto minhas pernas tremerem, meu ventre se contrair, jogo a cabeça para trás e me deixo levar.

—Guilherme... — Chamo seu nome enquanto o orgasmo me atinge.

Isso é diferente de tudo o que eu já vivi, de tudo que eu já senti.

É intenso, é lindo, é gostoso, é louco, é maravilhoso.

Ele continua com a boca em mim, tomando tudo o que tenho para dar.

Sinto que vou desabar, não tenho mais forças, meus olhos estão pesados, minha respiração irregular e eu não consigo sentir minhas pernas. — Eu vou... — Consigo dizer apenas isso antes de sentir seus braços me rodeando e minhas pernas sendo enroscadas em sua cintura.

Apoio o rosto na curva do pescoço dele, inspirando esse cheiro único que ele tem, mas sem forças para fazer muito mais do que isso.

Quando consigo raciocinar um pouco vejo que ele está me carregando para fora do banheiro.

Com muito cuidado ele me coloca deitada na cama, mas quando tenta se levantar eu aperto as pernas em volta dele. Sinto seu sorriso em meu pescoço, ele tenta levantar de novo, mas não deixo. Ele levanta apenas a cabeça e diz: —Eu preciso cuidar de você.

Eu sei o que ele quer fazer, eu sei o que significa cuidar de mim, e saber que ele quer fazer isso me deixa ainda mais encantada por ele, mas agora eu só quero que ele deite aqui comigo. Tenho medo que ele possa se afastar e esse momento acabe. Eu só quero viver isso mais um pouco.

Ele percebe que não vou soltá-lo e deita ao meu lado, me puxando para o seu peito, o lugar que eu me sinto segura e protegida.

Ele beija o meu rosto e acaricia meus cabelos. Não falamos nada, ele apenas faz esse carinho e eu fico ali, curtindo suas mãos em mim. Vou me sentindo sonolenta cada vez mais em mais e acabo fechando os olhos.

Já não sei mais se estou acordada ou dormindo, apenas sinto um toque suave como uma pena na minha barriga e uma voz distante dizer: —*Meus*.

Capítulo 28

Guilherme

Acordo de um sono leve ao sentir algo se mexer em cima de mim, abro os olhos e sorrio ao me deparar com uma cabeleira castanha sobre o meu peito. Estou com os braços envoltos em uma Maria Luísa completamente nua e desacordada. Seu rosto descansa em meu peito e sua mão direita está sobre o meu coração, uma de suas pernas está entre as minhas e ela respira tranquilamente.

Olho para a sua boca entreaberta que ainda está um pouco inchada dos nossos beijos e relembro tudo o que aconteceu essa noite.

Fiquei em meu quarto impaciente esperando que meus pais saíssem para vir atrás dela, minha intenção era conversarmos e tentar entender o que estava havendo entre nós.

Sorrio para a minha própria mentira.

É obvio que eu não vim atrás dela para isso, pode até ser que conversaríamos, mas eu vim atrás dela mesmo para tê-la exatamente como ela está agora, protegida do mundo em meus braços e com o corpo saciado por mim.

Assim que pude vim para seu quarto e entrei sorrateiramente, mesmo que só estivéssemos nós dois em casa. Quando vi a porta do banheiro aberta não resisti a tentação, acabei a admirando, ela vestia apenas uma toalha e falava sozinha. Aproveitei para provoca-la um pouco, eu gosto disso, de vê-la irritada. Ela fica ainda mais linda brava.

Então tudo aconteceu, ela me enfrentou e como sempre perdi o controle, a imprensei na parede e acabei devorando-a, literalmente.

Sentir o gosto dela na minha boca foi a coisa mais saborosa que eu já provei na vida, sentir suas mãos nos meus cabelos me forçando ainda mais para si e ver ela corada, ofegante, gemendo meu nome e rebolando na minha boca quase me fez, pela segunda vez, gozar nas calças como um maldito adolescente.

Essa mulher me deixa louco. Por mim passaria a noite inteira com a minha boca ali, tirando mais e mais orgasmos dela.

Fiquei fora de mim quando gozou na minha língua, só conseguia pensar em como seria vê-la gozando comigo dentro dela, com o meu pau a preenchendo por inteiro, em como seria gozar dentro dela e enchê-la com o meu esperma. Me levantei já pronto para a reivindicar de vez, mas vi suas pernas tremerem e seus olhos se fecharem, ela parecia a ponto de desabar.

Porra! Eu sou um maldito bastardo.

A mulher desmaiou hoje cedo e está esperando um bebê e eu estou agindo como um moleque inconsequente.

Com muito cuidado a peguei no colo, e ali ao enroscar suas pernas na minha cintura, pude sentir o quanto estava molhada, pelo seu gozo e pelos meus beijos. Pela primeira vez na vida senti vontade de cuidar de alguém após o sexo, mesmo que de fato não tenhamos consumado o ato.

Ela achou que eu ia abandoná-la aqui sozinha para ir ficar com a Lia. Tenho vontade de me dar um soco por ter feito ela pensar isso, mas eu não tive alternativa, minha mãe é esperta e acho que percebeu nossa troca de olhares, por isso achei melhor não arriscar e fingir que ia sair.

A Maria Luísa não sabe ainda, mas a Lia é uma página virada na minha vida, amanhã terei uma conversa definitiva com ela para acabar de uma vez por todas com isso. Estivemos durante muito tempo nesse lance casual sem compromisso, mas acho que ela está começando a se apegar demais, confundindo as coisas, e tenho certeza que ela será um empecilho na minha história com a Malu.

E quando digo história é exatamente isso que quero dizer, eu acabei de admitir para mim mesmo que isso aqui não é só uma coisa de momento. Essas coisas que eu sinto que ainda não sei definir o que é não pode uma coisa passageira.

Olho de novo para a mulher deitada sobre mim e aperto ainda mais meus braços a sua volta. Eu nunca gostei desse lance pós sexo que as mulheres curtem de ficar abraçados. Para mim sexo sempre foi apenas sexo. Um encontro de corpos que se davam prazer e fim. Acabou o momento cada um vai para o seu lado. A Lia as vezes até dormia no meu apartamento, mas cada um no seu quadrado, ela no canto dela e eu no meu.

Já com a Malu a única coisa que consigo pensar é em como me sinto bem em ficar assim com ela, em cima de mim como se eu fosse tudo o que ela precisava. Não vou ser hipócrita e dizer que só isso bastaria, a ereção monstruosa entre as minhas pernas me entregaria. Se eu pudesse nesse momento a acordaria e a faria minha por completo, mas preciso pensar no bem-estar dela e do bebê.

Vejo meu celular piscando na mesa de cabeceira, onde o coloquei assim que entrei no quarto, e não me surpreende ao ver o nome da Lia. Porra de mulher chata, ainda bem que a Malu está dormindo e eu coloquei o celular no silencioso. A melhor decisão que tomei foi acabar com essa merda, até porque a Malu parece não gostar nada dela.

Lembro do seu ciúme e isso faz meu ego inchar, ela pode negar o quanto quiser, mas estava enlouquecida de ciúmes.

Olho para o horário e me assusto. Merda! Já são quase duas da manhã, daqui a pouco meus pais chegam e com certeza a Dona Marta zelosa como é vai vir aqui ver como a Malu está.

A indecisão bate em mim. O que eu vou fazer? Eu não posso deixar que minha mãe me pegue aqui, não agora, eu tenho que primeiro pensar em um jeito de nos tirar dessa merda que eu mesmo nos coloquei ao não deixar que a Maria Luísa contasse para a minha mãe que o bebê não é do Bento e que ela não é sua namorada.

Quando eu fiz isso achei que estaria fazendo bem para todos, principalmente para a Dona Marta, mas agora vejo que eu só consegui foder a minha vida.

Mas isso é uma coisa que eu preciso pensar com calma, agora eu tenho que pensar em como vou conseguir deixar a Malu aqui sozinha.

Olho para o seu corpo nu junto ao meu e, porra! Quero mandar tudo para o inferno e ficar exatamente aqui onde estou. Dou um beijo demorado na sua cabeça, depois com cuidado puxo seu rosto um pouco para eu possa a olhar melhor, beijo sua testa e olhos, acho que estou mesmo tentando acordá-la para dizer a ela o que vou fazer, o porque eu estou indo embora, mas ela parece estar no sono dos mortos porque apenas resmunga alguma coisa e se aperta mais em mim, sua perna roça no meu pau e eu quero gemer de tão dolorido que estou.

Com muita delicadeza, coisa que eu nem sabia que tinha, tiro seu braço de cima de mim e vou me desvencilhando dela, quando consigo sair da cama, quase caindo no chão, ela resmunga de novo e vira para o outro lado, pegando um travesseiro e enfiando no meio das pernas.

Puta que pariu! Porque ela tinha que virar essa bunda redonda para mim?

Estou naquele pensamento se vou ou se fico quando escuto o barulho de um carro se aproximando. Porra! Eles chegaram.

Pego um edredom nos pés da cama e a cubro, agora que ela não tem mais meus braços para a aquecer tenho certeza que sentirá frio. Deixo mais um beijo nela, dessa vez em seus lábios macios, mas nem assim ela acorda. Passo meus dedos pelo seu rosto e ela sorri ainda dormindo. Deus! Como consegue ser tão linda?

Vou andando a passos cautelosos até a porta e saio, mas antes de a fechar dou uma última olhada para a mulher lá dentro adormecida, e com o coração pesado fecho a porta e corro para a cozinha.

***

Uma vez me disseram que eu poderia ser ator, não só pelo meu rostinho bonito, sim eu sei que sou bonito, mas também pela minha ótima performance na atuação. E é por isso que agora estou na cozinha, obviamente atrás do balcão para esconder meu pau que continua duro como pedra, com uma garrafa de água nas mãos como se nada tivesse acontecido e a vida prosseguisse normalmente.

Meus pais entram na cozinha rindo alto demais, com certeza beberam mais vinho do que o normal. Meu pai está abraçando minha mãe por trás e falando alguma coisa no seu ouvido, ela ri ainda mais, mas quando seus olhos se deparam com os meus ela estaca e empurra meu pai para o lado, como se eu fosse uma criança e não soubesse o que meus pais faziam entre quatro paredes, apesar de preferir não imaginar isso.

Minha mãe está corada e os olhos um pouco vidrados, ela definitivamente bebeu mais do que devia, já o meu pai parece normal, com certeza se segurou para que pudesse tomar conta da mulher. Ele sempre foi assim.

—Isso são horas de chegar em casa? Espero que os senhores não tenham vindo para casa dirigindo. — Digo e cruzo os braços. Não disse que minha capacidade de atuação era estupenda?

—Olhe para isso Luiz, está se achando nosso pai! Para seu governo mocinho, nunca viríamos dirigindo após beber, pedimos um carro e amanhã seu pai vai buscar o nosso. Agora me diga o que o senhor está fazendo em casa? Não ia sair?

—Acabei de chegar, vim aqui só beber uma água antes de subir.

—A gente também ia só beber uma água. — Ela diz.

—E pegar um vinho. — Meu pai emenda e dá uma piscadela para ela.

—Eu não vou ficar aqui e estragar a festa do casalzinho. Boa noite para vocês! — Digo e trato de sair da cozinha. Ainda consigo escutar um *"Para, Luiz. O Guilherme está em casa."*, mas já estou saindo e não escuto mais nada.

Subo as escadas correndo e paro em frente ao quarto da Malu, penso em entrar somente para vê-la mais uma vez, mas sei que se o fizer não vou conseguir sair, então sigo para o meu quarto conta minha vontade.

Penso em tomar um banho antes de dormir, mas então sinto o seu cheiro que ainda está impregnado em mim e resolvo fazer isso só de manhã, quero continuar com esse aroma gostoso dela pelo tempo que for possível.

Tiro as roupas e deito só de cueca, viro de um lado para o outro, mas não consigo dormir com essa porra dessa ereção que não desce nem por um decreto.

Foda-se!

Coloco a mão no meu pau e lembro da Maria Luísa corada e ofegante gemendo meu nome, seus olhos pesados olhando para mim com desejo, e apenas algumas estocadas já bastam para que eu chegue ao orgasmo.

Levanto e vou ao banheiro me limpar, olho no espelho e falo para mim mesmo. —Definitivamente você voltou a ser um adolescente Guilherme. Se masturbando antes de dormir.

Volto para a cama e logo o sono vem, e eu acabo adormecendo com imagens de uma morena de pernas longas preenchendo a minha mente.

Malu

Acordo lentamente com os raios de sol trazendo claridade para o meu rosto. Não abro os olhos, apenas fico curtindo esse momento em que ainda estou meio dormindo, meio acordada. Me sinto relaxada, tranquila, fazia um bom tempo que eu não dormia tão bem, para falar a verdade acho que nunca dormi tão bem em toda a minha vida.

Um sorriso teima em querer surgir nos meus lábios quando minha mente é inundada com as cenas do que aconteceu entre mim e o Guilherme ontem à noite.

Ah meu Deus, foi tão maravilhoso. Ele foi tão cuidadoso, tão carinhoso, teve tanto zelo por mim que tenho vontade de gritar de felicidade. Achei que ele ia me levar para a cama e tentar transar comigo, mas ele apenas me deitou em seu peito e se aconchegou a mim, e sem dizer uma palavra me fez relaxar e eu acabei adormecendo grudada a ele, em seu peito, em cima dele.

Mas espera, abro os olhos e vejo que estou com a cabeça no travesseiro e não nele.

Sento rapidamente na cama e olho para o lado, a cama está desfeita, mas fria, e não há sinal do Guilherme. Ele deve ter ido ao banheiro, claro que é isso.

—Gui? — Chamo por ele, mas não tenho resposta. Sorrio e uma ideia me vem à cabeça. Levanto e vou em direção ao banheiro sem me importar com a minha nudez, se ele estiver tomando banho eu vou entrar e retribuir o orgasmo que ele me deu.

Sorrio maliciosa com o pensamento.

Deus! Virei uma devassa.

Entro no banheiro já pronta para o ataque, mas paro na porta quando olho para o espaço totalmente vazio.

O aperto no peito junto com a sensação de abandono que insiste em não me deixar tenta me golpear, mas eu não posso ser tão pessimista assim. Ele não viria aqui, me diria tudo aquilo e faria tudo o que fez se quisesse apenas brincar comigo.

Não, ele não faria.

Se fosse apenas uma brincadeira ele não teria deitado comigo, não teria tentado cuidar de mim e muito menos me feito carinho até que eu adormecesse.

Você não pode ser tão carente assim. Brigo comigo mesma.

Ele foi embora porque a Dona Marta e o Sr. Luiz iriam voltar para casa.

Claro que foi isso!

Com o coração mais tranquilo e um sorriso no rosto entro para um banho e me preparo para encará-lo no café da manhã.

***

Desço as escadas sentindo uma euforia dentro de mim tão grande que parece que estou indo encontrar meu primeiro namoradinho da adolescência. Estou com um sorriso de orelha a orelha, mas tenho que me controlar, não posso parecer uma idiota encantada por um homem, mesmo que esse homem seja o Guilherme.

Entro na sala de jantar e encontro a mesa posta, mas não tem ninguém ali. Olho para o relógio e vejo que estou no horário de costume, então sigo para a cozinha e encontro a Rosa lavando louça.

—Bom dia. — A cumprimento.

—Oi, minha filha. — Ela diz se virando para mim. —Está se sentindo bem hoje? — Aceno com a cabeça que sim. —Sente na mesa que eu já vou levar o seu café.

—Onde estão todos? — Pergunto assim superficialmente para que ela não perceba de quem eu realmente quero saber.

—Ih... já foram, levantaram bem cedinho e saíram. Luiz e Marta estavam com uma ressaca de cão, tomaram só um café preto e saíram, ele disse que ia para a empresa e ela foi para o hospital ver nosso menino. Mas deixaram ordens específicas que a senhorita se alimentasse bem. — Merda! Ela não falou do Guilherme.

Me sento na bancada da cozinha mesmo e digo que vou comer ali, mesmo a contragosto a Rosa acaba se dando por vencida quando eu digo que quero só um pedaço de bolo e leite. Já estou quase terminando de comer quando não aguento e acabo perguntando.

—E o Guilherme? Já saiu também? — Tento parecer casual.

—Já! — Ela diz e torce o nariz, e eu já sei que coisa boa não vem por aí. —Antes de sair ele disse para o pai que só iria para a empresa na parte da tarde, que agora de manhã tinha uma reunião com um cliente fora da cidade e depois ia para lá. — O bom de perguntar as coisas para a Rosa é que ela entrega tudo sem que eu nem mesmo precise perguntar. —Os pais saíram e ele ficou terminando de comer, mas ouvi quando ele ligou para alguém e disse que estava com o dia agitado, mas que precisavam se encontrar hoje sem falta. E pelo que entendi ele estava falando com aquela sirigaita.

Engulo o pedaço de bolo que estava na minha boca e sinto minha garganta se fechando. A sirigaita é a Lia? Ele vai se encontrar com ela?

Eu não vou chorar.

Eu não vou chorar.

Eu não vou chorar.

—O que foi, Malu? Você está bem?

Quando a Rosa termina de falar sinto meu estômago revirar e corro para o banheiro mais próximo. Me ajoelho em frente ao vaso e coloco tudo o que eu comi para fora. Estou suando frio, e mesmo depois de despejar todo o café da manhã ali a ânsia de vomito continua vindo e eu sinto que posso desmaiar.

A Rosa entra no banheiro com uma toalha molhada e coloca na minha testa, me ajudando a me sentar. Quando já estou um pouco melhor ela sorri. —Esses enjoos matinais são mais difíceis do que a gente pensa. Vamos deitar um pouco que eu vou preparar um chá para você.

Ela me ajuda a subir para o quarto, digo que já estou me sentindo melhor e ela desce para pegar chá e biscoito de sal que segundo ela ajuda um pouco. Olho para a cama e me lembro do Guilherme. Eu me recuso a acreditar que ele seja tão dissimulado assim. Ele deve ter uma explicação para tudo isso.

Eu não vou me abater e nem tirar conclusões precipitadas como fiz ontem.

Deito na cama e inspiro seu cheiro que continua ali, isso me acalma um pouco, me faz relembrar o que vivemos e me deixa mais tranquila. Ele não

brincaria assim com meus sentimentos.

Quase na hora do almoço já estou me sentindo bem melhor e estou ajudando a Rosa a preparar o almoço, e quando digo ajudar consiste em ficar sentada cortando batatas, é a única coisa que ela me deixar fazer. A Dona Marta liga para o telefone da casa eufórica e me diz que irão começar a tirar os medicamentos que induzem o coma do Bento, mas que por conta de questões burocráticas ela terá que resolver alguns problemas com o plano de saúde e não conseguirá almoçar em casa, ela também diz que a tarde terá que ir à empresa, mas que a noite estará aqui para jantarmos juntas.

Depois do almoço, que graças a Deus ficou no meu estômago, passeio pelo jardim, pela piscina e depois subo para o quarto. Ficar sozinha não é uma coisa que eu goste muito, porque minha cabeça começa a voar e pensar demais, e isso nunca é bom.

A tarde passa e eu continuo sozinha, nenhuma notícia do Guilherme, nenhum sinal de vida, nenhuma ligação. Meu coração começa a se apertar, mas logo tiro isso da cabeça porque já está anoitecendo e ele voltará para casa com o Sr. Luiz, com certeza a Rosa entendeu errado e ele não marcou de se encontrar com a Lia.

A noite chega e minha cabeça está a mil por hora, a Rosa me chama e diz que já serviu o jantar e que estão me esperando lá embaixo. Desço as escadas com a certeza que o Guilherme vai estar lá e irá me prender naqueles olhos azuis assim que os colocar em mim, mas quando entro na sala de jantar e vejo que ele não está na mesa o sentimento de rejeição volta com tudo. Ele foi encontrar com ela.

—Você está bem? — O Sr. Luiz pergunta e Dona Marta logo fica em alerta.

—Estou, desculpem, eu só estava com a cabeça um pouco longe. — Coloco um sorriso forçado no rosto, mesmo que por dentro eu esteja despedaçando, e me sento a mesa. Dona Marta fala sem parar sobre a melhora do Bento e isso alivia um pouco meu coração, pelo menos eu sei que em breve meu amigo vai estar aqui comigo para me apoiar e me amar.

Rosa entra na cozinha e faz a pergunta que eu não tenho coragem de fazer. —Cadê o Guilherme?

Quem responde é o Sr. Luiz. —Ele saiu da empresa um pouco mais

cedo hoje e disse que tinha um assunto importante para resolver, que talvez não chegasse a tempo para o jantar, então vamos comer sem ele mesmo.

Dou mais um sorriso forçado e me obrigo a comer um pouco, tento conversar e interagir, mas acabo transparecendo que não estou bem. Pergunto se eles se importariam que eu subisse mais cedo que o costume, digo que estou cansada e com sono. Como eles ainda estão muito animados com a melhora do Bento acabam acreditando no que digo.

Subo as escadas devagar, e a cada passo que dou o meu peito parece se comprimir ainda mais. Ele me deixou aqui e foi atrás da Lia, agora eu tenho certeza.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando imagens dele com ela invadem a minha mente, mais precisamente imagens deles transando com ela em algum lugar.

Entro correndo no quarto para que não escutem os meus soluços. Dessa vez a dor é pior porque eu estava pronta para me entregar a ele. Estou despedaçada e me sentindo mais uma vez abandonada.

Não sei bem como, mas acabo adormecendo após passar mais de uma hora chorando, acredito que deva ter sido de cansaço.

No meio da noite, não sei bem que horas, sou despertada abruptamente com o Guilherme me puxando para os seus braços. Abro os olhos com dificuldade devido a claridade da lâmpada da luminária que ele acendeu. Ele me encara com o semblante preocupado, analisando todo o meu rosto que certamente está inchado de tanto chorar e diz com a maior cara de pau do mundo: —Eu posso explicar...

Capítulo 29

Algumas horas antes...

Guilherme

Acordei bem cedo, na verdade não dormi quase nada, sentia falta de algo, para ser sincero de alguém em meus braços. Sorrio ainda com os olhos fechados em pensar que no quarto ao lado está a minha Malu dormindo serenamente. Pego o relógio e vejo que ainda falta uma hora até meus pais levantarem para tomar café e tenho uma ideia.

Levanto às pressas e entro no banheiro para me preparar para o dia, faço tudo rapidamente já pensando no meu plano que é bem simples, entrar no quarto dela, deitar ao seu lado, puxá-la para os meus braços e acordá-la com beijos molhados em seu pescoço, do jeito que eu sei que ela gosta.

Meu pau fica duro na mesma hora quando penso em como ela se derrete para mim quando faço isso.

Se acalma aí companheiro, ainda não vai ser agora que você vai entrar no jogo.

Entro no quarto já colocando a roupa e pegando a chave do carro, carteira e celular que permanece desligado desde que a Lia não para de perturbar.

Lia... mais um assunto que tenho para resolver hoje.

Abro a porta do quarto e olho para os dois lados, não vejo ninguém, então saio e começo a caminhar para o quarto da Malu, quando estou quase chegando e a euforia já está tomando conta de mim por tê-la de novo, mesmo que por poucos segundos, escuto: —Onde o senhor vai a essa hora? — Paraliso ao ouvir a voz da minha mãe e a vejo toda arrumada saindo do seu quarto que fica no final do corredor.

Eu não acredito que fui pego.

Invento uma desculpa qualquer de ter muito trabalho e uma reunião fora da cidade, o que não deixa de ser verdade, mas eu não precisava sair tão

cedo assim. Tenho que tomar café com os meus pais que justamente hoje resolveram sair mais cedo de casa, fazendo com que os meus planos fossem todos ladeira abaixo.

Mas eu tenho um plano B, sorrio olhando para eles enquanto ligo meu telefone para conferir a agenda do dia, imediatamente sou bombardeado com ligações perdidas e mensagens da Lia. Ignoro todas e vejo a agenda enquanto eles saem, e quando penso em subir para concluir o plano a Lia liga de novo.

Porra! Essa garota não dorme?

Vejo que no fim estou atrasado para a reunião e me levanto, mas o telefone vibra na minha mão e resolvo atender. —Gui... — Ela já diz com voz chorosa. —Por que você não está me atendendo?

Vou saindo da cozinha e a Rosa me segue dizendo que vai subir para arrumar os quartos. *Filha da puta!* Até ela está dando um jeito de estragar meus planos. —Nós precisamos conversar hoje, mais tarde te mando uma mensagem com o horário para nos encontrarmos no meu apartamento. — Ela dá um gritinho agudo no telefone de felicidade que só faz eu me perguntar porque eu passei tanto tempo com ela.

Vou para a reunião que parece não ter fim, já estou ficando angustiado com essa demora, principalmente pela assistente pessoal, uma loira extremamente linda, do gestor da empresa que não parar de se insinuar para mim. Se fosse em outra época eu não me importaria de simplesmente a comer no banheiro, mas agora eu não consigo nem sentir tesão por outra mulher que não seja a Maria Luísa.

Quando enfim a bendita reunião termina já passa da metade do dia, a loira ainda tenta falar comigo, mas me esquivo dela e me despeço do homem com quem temos inúmeros contratos fechados. Tenho que voar para a empresa, estou com o dia lotado e essa reunião demorou mais do que o previsto.

Penso em mandar uma mensagem para a Malu, mas então me lembro que não tenho o número dela.

Cacete!

Depois não entendo porque ela é tão insegura com relação a mim. Não me importei nem em pegar o número do seu telefone.

Faço tudo às pressas, estou irritado e louco para ir para casa. Corri tanto

que quando vejo vou conseguir sair mais cedo que o costume. Isso faz eu me aquietar um pouco.

Então meu telefone toca com um aviso de mensagem, é a Lia querendo saber se esqueci dela.

Porra! Esqueci completamente. Minha mente girou o dia inteiro em torno de uma única mulher que não vejo a hora de ter em meus braços de novo. Mas por mais que a ansiedade de tê-la seja grande, eu preciso por um fim nessa loucura da Lia.

Respondo a mensagem dizendo para me encontrar em uma hora no meu apartamento, não quero mais ela sozinha lá.

Saio da minha sala e encontro meu pai conversando com a Camila, e quando paro ao seu lado ele me pergunta se irei jantar em casa. Digo que não sei, que estou saindo mais cedo para resolver um problema. Não vou entrar em detalhes, não quero que ele acabe falando demais para a Malu, e se tudo correr como o previsto, antes do jantar eu estarei com ela nos meus braços.

***

Estou há trinta minutos sentado no sofá olhando para o nada e pensando porque eu resolvi vir para cá. Eu poderia ter ido para casa e ter um tempo com a Malu, já que tanto minha mãe quanto meu pai estavam na empresa.

Então me lembro que não falo com ela desde que a fiz dormir em meus braços, quando ela se agarrou a mim parecendo ter medo que a deixasse lá sozinha, e assim que penso nisso começo a me perguntar se ela está achando que a abandonei de novo. Porra! Será que ela está pensando que eu não a quero, que foi só um jogo para mim como ela me acusou ontem?

Ah caralho!

Levanto às pressas e pego minhas coisas já indo em direção a porta. Que se foda a Lia, depois me resolvo com ela.

Mas quando estou entrando no corredor vejo a Lia saindo do elevador, ela abre um sorriso enorme quando me vê e olha maliciosamente para o meu corpo.

—Onde você vai? Eu nem estou atrasada... — Ela diz quando se aproxima e coloca as mãos no meu peito. Dou espaço para ela entrar e fecho a porta atrás de mim.

—Lia, eu preciso ser rápido porque tenho algumas outras coisas para resolver. — Digo e viro para ela que está desamarrando o laço de um sobretudo que só agora percebi que ela está usando.

—Rápido? Tem certeza? — Ela diz com voz sensual e desfaz o laço, abrindo a peça e me deixando ver o que ela traz por baixo. Ela está com uma lingerie preta e saltos vermelhos. Ela faz um show ao deixar o sobretudo cair no chão e dá uma voltinha tranquilamente para que eu possa a ver de todos os ângulos, inclusive a calcinha fio dental.

Se fosse há um mês eu já estaria a atacando e enfiando meu pau dentro dela, ou a fazendo se ajoelhar e me chupar, mas hoje, a olhando assim, não consigo sentir nada, absolutamente nada.

Essa vulgaridade e essa oferta dela só me deixam com nojo de mim, de pensar que um dia eu vivi essa vida.

Vejo ela me olhando com desejo, o que não condiz com o que eu sinto no momento.

Ando até ela e vejo seus olhos brilhando de antecipação e algo mais que parece muito com angústia, desespero. Se fosse qualquer outra mulher eu simplesmente avisaria que acabou e a colocaria para fora daqui, mas com ela eu não tenho coragem, eu finjo que é fácil a dispensar, mas não é. Querendo ou não nós vivemos uma história, louca e regada a sexo, mas vivemos.

Me abaixo pego o seu sobretudo e coloco em seus ombros, olhos no fundo dos olhos dela e digo. —Se vista, por favor. Nós precisamos conversar. — Na mesma hora os seus olhos ficam marejados e eu percebo que esse foi um teste que ela fez comigo, sua cartada final. Ela tentou me seduzir com o seu corpo, e eu não posso nem começar a julgá-la porque eu sempre a usei assim. —Senta aqui. — Digo enquanto ela coloca o sobretudo e aponto para o sofá.

Ela faz que não com a cabeça. —Acho melhor eu ir embora, Gui. Você não parece estar muito bem. — Ela diz e tenta passar por mim em direção a porta.

A seguro pelo braço. —Não, nós vamos conversar hoje.

—Eu não quero ouvir o que você tem para dizer. — Ela grita e eu me assusto porque eu nunca a vi assim.

—Lia, vou ser direto com você. Você sabe muito bem que o que nós

tínhamos era uma coisa casual, apenas sexo sem compromisso. — Ela abre a boca para falar, mas eu levanto a mão a impedindo. —Deixa eu terminar, por favor. Foi muito bom o que tivemos, mas era só aquilo, sexo, prazer mútuo. E eu acho que chegamos a um ponto que não dá mais para continuar. Eu sinto que você está ultrapassando uma linha que impomos lá no início. Sem amarras, sem cobranças, lembra?

—Você não sente mais tesão por mim? Ou você arrumou um outro brinquedinho? É isso? Resolveu me trocar por carne nova? — Ela diz com sarcasmo, e cada palavra que sai da sua boca eu desconheço ainda mais a Lia com quem estive todo esse tempo.

—Lia, me escuta. Você é uma mulher linda, sensacional, e eu tenho certeza que vai encontrar uma pessoa para te fazer feliz, mas essa pessoa não sou eu. Eu gosto muito de você, mas... acabou.

—O que? — Ela parece atordoada.

—Lia, não dá mais para continuar, eu gosto muito e você, mas não dá mais.

Ela puxa o braço que eu estava segurando e me olha com raiva.

—Não! Eu não vou perder você. Eu não vou aceitar isso. Eu não passei esse tempo todo fazendo tudo o que você queria, sendo o seu capacho, a sua válvula de escape para você me dispensar assim sem mais nem menos.

—Lia, você sabia que o que nós tínhamos er...

—Eu vivi anos das suas migalhas. — Ela não deixa que eu termine de falar. —Aguardando ansiosamente as suas ligações, esperando que enfim você percebesse que eu sou a mulher da sua vida. Eu não aceito que você faça isso comigo. — Ela grita e começa a andar de um lado para o outro com as mãos na cabeça. O que está acontecendo com ela? Ela sempre foi mimada, meio louca, mas está completamente descompensada. —Foi aquela mulher, não foi? — Ela para de andar como se algo se iluminasse em sua mente. — Foi aquela desgraçada que está na sua casa? Eu sei que é ela. Eu vi a forma como vocês estavam na sua casa, eu vi o seu olhar para ela. Você nunca me olhou daquela forma. Tudo se encaixa. Você não me procura desde que a conheceu, desde que ela apareceu do nada e fodeu a minha vida!

—Lia, para de gritar. Entenda logo que acabou. É melhor você ir embora, não dá para conversar com você desse jeito, não com você

descompensada assim. Parece maluca, porra!

Ela se aproxima e com um olhar maníaco no rosto que eu nunca vi fala apontando o dedo para mim. —Eu só vou te dizer uma coisa, Guilherme. Se você não for meu, também não vai ser dela. Eu não vou deixar. Eu não passei anos lutando pelo seu amor para perder você assim. Eu vou derrubar qualquer uma que se meter no meu caminho.

Seguro o seu braço de novo, mas dessa vez com mais força que o normal e praticamente grito no rosto dela. —Você está ameaçando a Maria Luísa? Você nem pense em encostar um dedo nela. Eu acabo com você. — Digo e a empurro.

Ela se equilibra e me dá um sorriso sarcástico. —Obrigada por me dizer que realmente é por ela que você me trocou Guilherme. — Se vira e vai embora correndo, sem me dar chance de falar ou fazer qualquer coisa.

Porra! O que foi que acabou de acontecer aqui? Sento no sofá e fico olhando para a porta que ela acabou de sair, relembrando tudo o que tivemos.

Em nenhum momento eu dei indícios que teríamos algo a mais, em nenhum momento eu fiz promessas, pelo contrário, eu sempre deixei claro o que nós éramos, ela já até me viu com outras mulheres, assim como eu a vi com outros homens.

Olho para o relógio e me assusto quando vejo que já passa das nove horas.

Fiquei aqui perdido nos meus pensamentos por tempo demais.

Merda!

Saio às pressas, preciso ver a Maria Luísa.

Chego em casa e abro a porta em um rompante, meus pais que estavam assistindo a alguma coisa na sala se assustam ao me ver.

—Está fazendo o que em casa? Achei que fosse dormir fora. — Minha mãe diz.

Eu franzo a testa e respondo. —Por que eu dormiria fora? Eu sempre aviso quando vou fazer, e não lembro de ter falado isso com a senhora, Dona Marta.

Ela sorri para mim. —Apenas deduzi, seu pai disse que você saiu mais cedo da empresa para resolver alguns problemas e a Rosa me contou que

escutou você marcando alguma coisa com a Lia e...

Ela continua falando, mas eu não escuto mais nada.

Puta que pariu!

E se eles falaram isso para a Malu?

Porra!

Olho para os lados e não a vejo, a casa está toda escura, o que significa que ela está no quarto.

—Vou subir. — É a única coisa que consigo dizer antes de correr escada acima.

Escuto apenas meu pai dizendo *"Esse menino anda estranho"*.

Mas não tenho tempo para responder e nem estou preocupado se eles vão vir atrás de mim. Eu preciso chegar até ela.

Abro a porta do seu quarto e está tudo escuro, ela está dormindo. Acendo a luz da luminária ao lado da sua cama porque eu preciso ver o seu rosto, e quando o faço sinto meu peito se contorcer de tanta angústia. Ela está com os olhos inchados e vermelhos. Ela chorou. E por minha causa.

Sem pensar a puxo para os meus braços, a acordando no meio disso. Ela se assusta e abre os olhos com dificuldade, não sei se devido a claridade ou ao inchaço dos olhos. Eles estão vermelhos e eu quero me chutar por mais uma vez ser o causador dessas lágrimas.

Quando seus olhos se fixam nos meus o que eu vejo acaba comigo. Dor, tristeza, mágoa e decepção, então digo a única coisa que me vem à mente. —Eu posso explicar...

Capítulo 30

Guilherme

—Então explica. Vai, explica. — Ela fala e seus olhos começam a se encher de lágrimas. —Me explica porque depois de tudo o que aconteceu ontem eu acordei sozinha nessa cama? Me explica porque você sumiu o dia inteiro sem dar nenhum sinal de vida? Me explica porque ao invés de vir para casa você foi atrás da Lia? — Conforme ela vai falando as lágrimas caem como cascata pelo seu rosto e o meu peito se aperta ainda mais. —Me diz, Guilherme. Me diz porque você me fez acreditar que eu posso ser feliz, me fez acreditar no amor e depois me deixou desse jeito?

Grudo minha testa na dela e respiro fundo tentando controlar minhas emoções. Eu quero falar, ela vai entender, mas minha garganta parece estar querendo se fechar e as palavras não saem.

Ela fecha os olhos, abaixa a cabeça e acena com a cabeça negativamente como se estivesse desistindo de nós. De algo que nem ainda começou. Eu não posso deixar isso acontecer. Eu não consigo.

—Olha para mim. — Ela continua negando com a cabeça. —Por favor, eu vou te explicar tudo, mas eu preciso que você olhe nos meus olhos para acreditar em mim. — Seguro seu rosto e o levanto, limpo suas lágrimas e beijo os seus dois olhos. —Eu não queria ter ido atrás da Lia. — Quando falo isso ela tenta se afastar de mim, mas eu a impeço. —Não, por favor, escuta até o fim, depois você pode fazer o que quiser. — Digo apenas para que ela se acalme e continue me ouvindo.

Ela respira pausadamente, tentando controlar o choro e diz quase em um sussurro: —Tudo bem, pode falar.

—Não existe nada mais nesse mundo que eu quisesse tanto quanto acordar hoje ao seu lado, abrir os meus olhos, me deparar com você e sentir o calor do seu corpo enrolado ao meu, mas eu tive que sair no meio da noite porque minha mãe podia aparecer aqui e nos pegar, e embora eu já esteja pensando em uma forma de nos tirar dessa situação que eu mesmo nos coloquei e fez ela acreditar que você é namorada do Bento, acho que você

não gostaria que ela nos pegasse dormindo juntos.

—Não, eu não posso fazer isso com ela, e eu até pensei que esse fosse o motivo de você não ter ficado, mas conforme o dia foi passando e você não apareceu e ainda foi atrás da...

—Deixa eu terminar. Por favor. — Ela assente com a cabeça e continua com os olhos inchados fixos nos meus, parece mais calma, e pelo menos parou de chorar. —Eu acordei mais cedo hoje e tinha todo um plano elaborado para vir aqui e te acordar com beijos. — Digo e passo a mão pelo seu pescoço, exatamente onde sei que ela gosta. —Mas fui pego pela minha mãe antes que alcançasse a sua porta, então tive que descer para que ela não desconfiasse, e acabou que ficou tarde e eu tive que sair para trabalhar. Eu passei o dia inteiro querendo voltar para casa e ficar com você, e eu quase voltei, mas então eu acabei marcando com a Lia porque eu precisava conversar com ela.

Quando falo a última parte os olhos delas voltam a marejar e eu sei que tenho que ser rápido. —Não é dessa forma que você está pensando. Eu precisava encontrar com ela para colocar de uma vez um ponto final no que tivemos. — Falo e ela arregala os olhos, surpresa.

—Mas eu pensei...

—Eu sei o que você pensou, e sinceramente depois de tudo o que aconteceu entre a gente eu achei que tivesse deixado bem claro a minha posição com relação a tudo isso, afinal todas as vezes sempre eu que fui atrás de você, sempre fui eu que roubei beijos e toques, sempre fui eu que te disse com todas as letras que te queria, que queria vocês. E você em nenhum momento disse nada, não fez nenhum movimento, e mesmo assim eu estou aqui. — Seguro seu rosto com as duas mãos. —Eu posso ser muitas coisas Maria Luísa, mas uma coisa que não sou é mentiroso, e eu nunca enganei ninguém, nunca joguei com ninguém. Todas as mulheres que eu já fiquei sabiam muito bem o que podiam esperar de mim, e foi por isso que eu fui conversar com a Lia, porque eu precisava mais uma vez ser sincero com ela e dizer que eu não estou mais disponível. — Dou uma risada baixa quando penso que o Guilherme, o pegador, dispensou hoje duas mulheres lindíssimas e está aqui praticamente implorando para ficar com outra. —Eu até tentei te ligar, mas não tinha o seu número e fiquei receoso de ligar para cá.

Digo e espero pela sua reação. Ela suspira e fala: —Você me deixa

confusa Guilherme. Eu estou uma bagunça emocional. Antes de vir para cá eu tinha jurado para mim mesma que o meu filho seria a minha única preocupação, a minha prioridade, mas aí você apareceu e deixou tudo de pernas para o ar. Você diz que me quer, que nos quer, mas logo depois toma algumas atitudes que me fazem duvidar de tudo o que você disse. Eu já sofri tanto, já me decepcionei tanto, eu já fui abandonada de muitas formas, tantas que você não pode nem sequer imaginar. E agora não sou mais somente eu. — Ela diz e coloca a mão na barriga. —Eu tenho uma outra vida que depende de mim agora.

—Eu sei que as minhas atitudes podem ter sido confusas. Não vou mentir e dizer que não, até porque eu também estava confuso. Muito confuso para falar a verdade. Mas você também precisa me entender. — Digo e faço carinho em seu rosto. —Eu nunca na vida imaginei sentir essas coisas que sinto desde que te conheci. Eu sempre levei uma vida desregrada, sem amarras e sem compromisso, eu nunca tive essa vontade louca de estar junto de uma pessoa e de fazer planos para o futuro com ela. — Coloco a mão em sua barriga, por cima da sua e digo. —Eu nunca pensei em ter uma família, Malu. Nunca cogitei nem ter filhos, e agora eu me vejo querendo ter vocês para mim. Eu quero cuidar de você, eu quero cuidar desse bebê que está aqui dentro, eu quero vocês para mim. E não me importa que ele não seja do meu sangue, eu vou amá-lo como se fosse.

—Gui, você não pode me dizer essas coisas.

—Posso. Posso sim. Eu sei que é louco, tem tão pouco tempo que a gente se conhece, tão pouco tempo que eu te vi pela primeira vez, mas eu sinto que isso aqui é diferente, que o temos é especial, é único, e eu quero viver essa loucura, eu quero descobrir o que é isso, eu quero você. — Fecho os olhos e respiro fundo antes de continuar. —Mas eu não posso querer isso tudo sozinho, você tem que querer também. Eu estou disposto a deixar você entrar, mas você também tem que abrir o seu coração e deixar que eu cuide de vocês, e o mais importante, eu preciso que você confie em mim.

—Eu não sei...

—Não diz nada agora, por favor. Eu só quero que você descanse e pense em tudo o que eu te disse. Eu sei que não era o momento, não com essa confusão toda, mas eu quero você, e só preciso que você me queira tanto como eu te quero.

Dou um beijo em sua testa, depois em seus olhos, desço para o nariz e finalmente chego em sua boca. Não dou um selinho apenas, eu a beijo com vontade, para que ela possa sentir tudo o que eu sinto por ela, para que ela possa ver o quanto a quero.

Suas mãos automaticamente vão para o meu pescoço e ela se derrete para mim, e mesmo que minha vontade seja de arrancar suas roupas e provar que ela é minha, eu acabo de entender que ela já sofreu tanto na vida que precisa se sentir amada, e não apenas desejada. Percebi também que ela nunca teve controle sobre as coisas, e agora eu vou dar isso a ela. Eu vou deixar que ela decida o nosso futuro. Na verdade, eu vou deixar ela pensar que vai decidir, porque se ela demorar muito eu vou voltar e a adorar até que ela caia em si e veja que devemos ficar juntos.

Paro o beijo aos poucos, e quando puxo minha boca da sua ela geme em protesto, tentando me puxar de novo para si.

Como eu queria jogar tudo para o alto e ficar aqui, mas eu preciso que ela queira também, que ela se entregue sem receios, então me afasto, mesmo que meu coração implore para que eu não faça.

—Boa noite, Malu. — Vejo seus olhos confusos, ela esperava que eu a tomasse de novo. —E antes que essa sua cabecinha comece a pensar demais, eu não estou te abandonando, nem te deixando, estou apenas te dando espaço para que você possa decidir se pode se abrir verdadeiramente para mim. E quando você fizer, eu vou estar te esperando para amar cada pedacinho de você, inclusive esse que você carrega dentro do ventre.

A vontade de ficar e tê-la em meus braços chega a ser insana, mas eu sei que não posso. Eu preciso dar esse controle para ela. Eu sei que ela ficou confusa com tudo o que aconteceu esses dias, mas eu vim aqui e abri o meu coração, agora é a vez dela dar o próximo passo.

Pego um papel e uma caneta do criado mudo, ela me olha atentamente enquanto escrevo. Termino e entrego a folha a ela. —Eu não vou ficar aqui porque não quero que você se sinta pressionada, e também porque eu não vou aguentar ficar tão perto e tão longe ao mesmo tempo. Eu não vou conseguir não te tocar, não te beijar. Eu vou estar nesse endereço. — Ela me olha estranho e eu complemento. —Sozinho. Quando você decidir eu vou estar lá te esperando. Eu também deixei o número do meu telefone, se você precisar de qualquer coisa me liga, se você se sentir sozinha me liga também, se você

quiser que eu te sequestre pode ligar que eu venho na mesma hora. — Digo brincando para amenizar um pouco o clima e ela sorri. —Só não demore muito, porque eu ainda nem fui e já estou morrendo de saudades.

Dou um último beijo nela, esse mais casto, e saio do quarto sentindo que deixei o meu coração para trás.

Malu

Dois dias se passaram desde que eu vi o Guilherme entrar no meu quarto, dizer todas aquelas coisas para mim e ir embora.

Foram dois dias de agonia, angústia e saudade.

Passei aquela noite em claro pensando em tudo o que ele tinha me dito, e em um rompante fui atrás dele no seu quarto, mesmo ele tendo dito que não estaria lá.

Eu ainda tentei me convencer que ele só falou aquilo tudo para me pressionar e me fazer correr atrás dele, e que quando eu abrisse a porta do seu quarto ele estaria lá dentro dormindo e eu poderia me aninhar ao seu corpo e dormir em seus braços. Mas ele não estava, apenas o seu cheiro impregnava cada canto do espaço.

Andei pelo quarto escuro sem me importar em acender as luzes e deitei em sua cama. Enfiei a cabeça em um dos travesseiros e inspirei aquele seu perfume de homem tão gostoso que ali nos travesseiros o cheiro era mais forte.

Fiquei um bom tempo deitada naquela cama pensando em tudo o que ele tinha me falado e não cheguei a conclusão nenhuma, continuei muito confusa e principalmente com muito medo de sofrer, de me entregar e ser abandonada de novo. Mas principalmente medo desse sentimento que entrou e praticamente me devastou, totalmente diferente de tudo o que eu já senti na vida.

Totalmente diferente do que eu senti pelo pai do meu filho, que agora parece ser apenas uma lembrança distante da minha vida.

O dia já estava clareando quando eu me dei conta que tinha de sair dali o mais rápido possível, se eu ficasse como ia explicar que estava deitada na cama do Guilherme abraçada a um dos seus travesseiros e com a cara enfiada em outro? No mínimo achariam que eu sou louca.

Então fiz o que uma mulher madura da minha idade faria. Eu roubei um dos travesseiros e levei para o meu quarto, o escondi dentro do armário no meio das minhas roupas, e quando a próxima noite veio eu tranquei a porta do meu quarto e me grudei a ele. Só assim eu consegui dormir e sentir um pouco de paz.

***

Hoje já é o terceiro dia que não o vejo, já perdi as contas de quantas vezes peguei o papel que ele me entregou com seu endereço e telefone com vontade de ligar e ouvir sua voz.

Ele não sabe, mas eu não tinha um celular até o dia do desmaio, o meu havia se quebrado no acidente, mas depois do que aconteceu, mesmo com muita relutância, eu tive que aceitar o telefone que a Dona Marta me entregou. Ela alegou que eu poderia precisar por causa do bebê e eu acabei aceitando.

Não aguentei e cedi a uma das minhas vontades. Adicionei o Guilherme em um aplicativo de mensagens, ali eu consegui visualizar uma foto dele de perfil e para me martirizar mais um pouco a salvei e a admirei por incontáveis vezes. A foto era só do seu rosto, mas ele sorria, um sorriso que chegava aos seus olhos e os fazia brilhar. Lindo, simplesmente perfeito.

Na noite passada eu não aguentei e enviei uma mensagem para ele, mesmo sem saber bem o que dizer.

Malu: Oi, aqui é a Maria Luísa. Eu só queria dizer que estamos bem, para o caso de você querer saber.

Ele me respondeu imediatamente.

Gui: Eu sei que é você, minha mãe me deu o seu número, e graças a isso eu tenho uma foto sua de protetor de tela no meu telefone que faz a saudade que eu sinto amenizar um pouco.

Ah meu Deus... como eu posso ainda ter dúvidas com relação a esse homem? Vejo as três bolinhas piscando no canto da tela, o que indica que ele está digitando, e meu coração acelera.

Gui: Não vou me segurar e vou escrever o que quero. Estou feliz demais que você me mandou mensagem, na verdade eu estava me segurando

para não te ligar, mas estou mais feliz ainda em saber que vocês estão bem e que você me procurou.

Não tenho chance de responder porque logo vem outra.

Gui: Você tem pensado em mim? Em nós?

Malu: Sim, eu tenho. Não faço outra coisa a não ser isso.

E em um ato de loucura continuo.

Malu: Eu queria muito que você estivesse aqui.

A resposta vem como um áudio e meu coração parece que vai sair pela boca com a ansiedade de ouvir sua voz. Aperto o play e a voz rouca dele invade o meu telefone, fazendo com que eu sinta vontade de chorar. Não sabia que sentiria tanta falta dele assim.

"Eu estou aqui, Malu, esperando ansiosamente. E continuarei aqui esperando por vocês. Eu sei que já te pedi isso, mas vou pedir de novo. Não demore muito, porque eu não sei se vou conseguir viver mais muito tempo sem vocês."

Estou revivendo tudo isso enquanto estou no carro com a Dona Marta e o Sr. Luiz. Estamos indo ao hospital, os medicamentos do Bento foram reduzidos e agora só resta esperarmos que ele volte para nós. A Dona Marta conseguiu que nós entrássemos, mesmo que bem rápido, para vê-lo. Eu mal posso esperar para ver o meu amigo de novo.

O Sr. Luiz é o primeiro a entrar, e quando sai seus olhos estão vermelhos, tenho certeza que a emoção de ver o seu filho falou mais alto e ele não conseguiu se segurar.

Dona Marta me cedeu a vez e disse para eu entrar.

Pergunto do Guilherme, se ele não virá, e ela me diz que não conseguiu falar com ele pelo telefone, mas que deixou recado, e mesmo que ele não possa vir hoje ele poderá entrar depois, já que agora as visitar estão menos restritas.

Me preparei e escutei atentamente as ordens dos médicos, jurei para mim mesma que eu seria forte, mas parada na porta, a apenas alguns passos do meu irmão, eu sinto que posso desabar.

Entro com cautela e fecho a porta atrás de mim, caminho até a cama onde ele está deitado e olho para o seu rosto. Ele não parece estar doente,

parece apenas que está dormindo e que a qualquer momento vai acordar e me encarar com aqueles olhos brilhantes de menino que ele tem.

Seguro a sua mão e antes de mais nada faço uma oração silenciosa, não pedindo pela sua recuperação, porque ela já é nítida, mas agradecendo por Deus tê-lo deixado ficar aqui conosco, por não ter levado para junto de si esse homem que mais parece um anjo na minha vida.

Sei que tenho pouco tempo, mas eu preciso falar algumas coisas para ele. Passo a mão pelo seu rosto, e mesmo com a garganta querendo se fechar, eu consigo fazer a minha voz sair.

—Ah meu amigo... dói no fundo da minha alma ver você aqui. —Falo e um soluço escapa. —Durante um bom tempo eu me culpei pelo acidente e por você estar nesse estado. Mas então eu lembrei que você me disse uma vez que eu tinha te salvado, e que você não hesitaria em fazer o mesmo por mim, e você fez, não só me salvou, mas também ao nosso bebê, que graças a sua atitude está crescendo bem forte aqui dentro de mim e esperando ansiosamente para ouvir a voz do padrinho dele de novo. — Faço uma pausa e respiro fundo. —Eu sinto tanto a sua falta. Você não tem ideia de como a sua ausência é dolorosa para mim. Sinto falta das nossas conversas, do seu sorriso fácil, do seu jeito moleque e principalmente dos seus conselhos. — Passo a mão em seus olhos. —Eu estou em uma encrenca das grandes meu amigo, consegui fugir do Max, mas agora sua mãe pensa que somos um casal e que meu bebê é seu filho, e para piorar aconteceu uma outra coisa e eu sei que se você estivesse acordado iria ficar muito bravo comigo porque eu quebrei uma promessa que fiz a você. Mas... mas eu não posso e nunca vou esconder nada de você, mesmo que você não possa me ouvir. Eu ainda não admiti nem para mim mesma, mas eu preciso e quero fazer isso com você ao meu lado.

Olho para o Bento e vejo os traços do Guilherme nele, e isso me faz sorrir. —Eu estou apaixonada pelo seu irmão, Bento. E eu não sei o que fazer com esse sentimento. Ele já foi grosso comigo, já gritou, já me fez ficar com raiva, e até já me humilhou, mas ele se arrependeu e me consolou, me abraçou, me escutou, me beijou e... eu não vou falar tudo porque ele é seu irmão. — Digo e sorrio em meio as lágrimas. —Quando você acordar eu vou te contar tudo e explicar o que sinto. — As lágrimas continuam descendo, não consigo controlar. —Eu estou tão perdida sem você... eu me sinto tão sozinha. Eu queria tanto que você estivesse aqui para me aconselhar, para me

ouvir, para... para ser apenas você. Você sabe que eu nunca fui uma pessoa que lidava bem com a solidão, e mesmo tendo o seu pai e sua mãe que são pessoas maravilhosas, eu ainda me sinto sozinha, e quando estou com o seu irmão eu me sinto completa de uma forma que eu nem sabia que era possível.

Suspiro quando penso em como estou me sentindo só. —Eu estou tentando. Eu juro que estou tentando ser forte, mas o Guilherme está me esperando, e ao mesmo tempo que eu tenho medo de me entregar e lembro da promessa que te fiz, eu quero estar com ele, entregar o meu coração e tentar ser feliz.

Ouço uma batida na porta e sei que meu tempo acabou. —Eu tenho que ir, mas prometo que volto assim que puder e fica bom logo, por favor, você não sabe a falta que me faz.

Me abaixo, dou um beijo na sua cabeça e digo baixinho: —Eu te amo.

Assim que saio pela porta a Dona Marta corre para me abraçar. —Ele vai ficar bom, você não precisa chorar.

—Eu sei, mas ver ele deitado ali me deu uma sensação tão grande de impotência.

Ela segura meu rosto com as mãos. —Eu sei que dói, mas temos que ser fortes porque ele vai precisar da gente.

Saímos do hospital e eles me deixam em casa, Dona Marta diz que eles terão que ir a uma cidade vizinha pois a neta de uma grande amiga havia nascido e eles tinham marcado de ir até lá, mas para eu ficar tranquila que antes do jantar estariam de volta.

Antes de sair ela me faz prometer que ia me alimentar e que ficaria com o telefone ao meu lado o tempo inteiro, já que a Rosa precisou se ausentar para ir a uma consulta médica. Ela ainda tenta me convencer a ir com eles, mas eu digo que não porque estou muito cansada. A verdade é que só quero ficar sozinha e pensar na loucura que minha vida se transformou.

Deito na cama e acabo dormindo a tarde inteira, acordo quando já está começando a escurecer com um barulho muito alto de trovão. Olho pela janela e vejo que vai cair um temporal a qualquer momento, meu telefone toca e vejo que é a Dona Marta.

—Oi Dona Marta.

—Minha filha, está caindo um dilúvio aqui e estamos ilhados, não tem condições de pegarmos a estrada. O Luiz ainda tentou, mas está perigoso demais e acabamos voltando e parando em um hotel. Você vai ficar bem sozinha essa noite?

Sorrio da sua preocupação. —Claro que sim, fica tranquila, acho que posso me cuidar durante um tempinho.

Conversamos mais um pouco e ela faz mil e uma recomendações antes de desligar.

Sento na cama e pego o telefone, olho para as mensagens que troquei com o Guilherme pela milionésima vez. Está escuro e só os trovões iluminam o quarto. Começo a repassar de novo tudo o que vivemos, nossas conversas, seus sorrisos, seus beijos, toques, carinhos, seu olhar...

Escuto o seu áudio mais uma vez e uma agonia maior do que a de antes começa a tomar o meu coração. Então lembro do acidente, de que eu quase morri, de que eu poderia ter perdido o meu bebê, de que o Bento ainda está lutando para viver e... de repente tudo fica claro. Um único pensamento me vem à mente: *A vida é muito curta para não ser vivida.*

Não penso, não analiso, não me seguro, eu simplesmente corro porta afora do jeito que estou com o celular na mão e chamo um carro, dou o endereço que eu já sei de cabeça ao motorista e rezo para que a chuva não desabe agora.

O trajeto é rápido e quando menos espero estou na porta de um prédio luxuoso em uma das melhores áreas daqui. Antes que eu possa sair do carro a chuva desaba, mas isso não me impede, eu abro a porta e saio correndo com um único propósito, chegar até ele.

Entro no prédio e me identifico na portaria, dou um sorriso largo quando o porteiro diz que minha entrada está liberada e que posso subir sem ser anunciada.

Ele está mesmo esperando por mim.

Entro no elevador eufórica, mas conforme os andares vão passando, a confiança que eu estava sentindo começa a querer desaparecer.

E se ele desistiu de mim? E se ele não estiver em casa? Pior ainda, e se ele não estiver sozinho?

Não, Maria Luísa. Você não vai voltar atrás agora. Você vai até o fim.

Chego na porta do seu apartamento e toco a campainha rapidamente antes que eu desista, estou ansiosa, nervosa, receosa, com medo, com saudade...

A porta se abre bruscamente e um Guilherme apenas de toalha aparece no meu campo de visão. Ele abre a boca, mas nenhum som sai, é como se ele não acreditasse que eu estou de fato ali.

Penso no que posso dizer, eu tenho tanta coisa para falar, mas meus pensamentos estão todos incoerentes enquanto estou aqui presa nesses olhos azuis que tanto amo.

Amo?

Sim, eu amo. É surreal, mas eu amo.

Abro a boca para começar a falar, mas sou impedida com um puxão forte no meu braço que me faz colar o corpo ao seu. Ele me segura forte, como se para ter certeza que eu não sou uma miragem. Ele inspira meu cheiro e beija meu pescoço como um viciado tomando uma dose do seu entorpecente, então sobe a boca para o meu ouvido e sussurra. —Eu acho bom você ter uma desculpa muito boa para dar a minha mãe, porque hoje você não volta para casa Maria Luísa.

Capítulo 31

Guilherme

Mais um dia se passou sem que a Maria Luísa me desse uma resposta. Estou fodido, irritado, louco, com tesão e principalmente com saudades.

Não sei de onde surgiu essa ideia idiota de dar tempo a ela para pensar, eu deveria ter ficado na casa dos meus pais e a obrigado a admitir o que sente por mim, ter feito ela se render a esse sentimento que surgiu tão repentinamente e a feito minha mulher de uma vez por todas.

Mas ao invés de tomar o que é meu o que foi eu fiz? Dei espaço. A merda do espaço para ela.

Pela primeira vez na vida quis ser um completo cavalheiro e deixar que ela se entregasse a mim no seu tempo. E agora estou aqui como um babaca apaixonado olhando pela janela pensando nela enquanto uma tempestade se aproxima, com o telefone na mão ansiando por qualquer sinal de sua parte.

Acabei de sair do banho, meus amigos estão insistindo que eu vá com eles para uma boate, e eu até poderia ir, encher a cara e esquecer um pouco a falta que ela me faz. Mas de que adiantaria? Ela está entranhada na minha mente, corpo, alma e coração.

Olho para o telefone mais uma vez e nada.

Porra! Eu vou enlouquecer.

Bato com a cabeça no vidro da janela.

Maldita ideia!

Quer saber de uma coisa?

Que se foda o cavalheirismo, o romantismo, a ideia, a vontade dela... que se foda esse maldito espaço que inventei. Eu não aguento mais isso. Ela já é minha! Eu sei que vi medo nos seus olhos, mas eu posso provar que ela não precisa ter receio de mim, de preferência de uma forma que eu não precise ficar sem vê-la.

Largo o celular na mesa do quarto decidido a ir atrás dela, então escuto

a campainha do apartamento e meu corpo trava na mesma hora. Eu deixei autorizada a sua subida assim que cheguei aqui há três dias. Será que é ela?

Meu coração acelera e parece que vai sair pela boca, e eu não penso duas vezes, corro até a porta a abrindo sem nem perguntar quem é. E a cena que vejo ali me deixa sem palavras.

É ela.

Ela veio.

Ela me quer.

Ela é minha.

Palavras não são necessárias nesse momento. Seguro em seu braço e a puxo para mim, a abraçando e cheirando seu pescoço como se eu fosse um maldito viciado. Seu cheiro me inebria, me deixa com os pensamentos incoerentes, me deixa louco.

Junto o pouco de sanidade que ainda me restou para dizer. —Eu acho bom você ter uma desculpa muito boa para dar a minha mãe, porque hoje você não volta para casa Maria Luísa.

Ela coloca a mão no meu peito e puxa a cabeça para trás para que possa olhar para mim, mas não olha nos meus olhos, fica encarando meu peito como se tivesse com medo de olhar em meus olhos. —Guilherme... — Ela diz em um sussurro. —Eu vim aqui para... para... — Ela está nervosa, não consegue falar, e eu adoro saber que a deixo assim, então abaixo minha boca até o seu pescoço e começo a distribuir beijos onde sei que a deixo ainda mais perdida. Ela fecha os olhos, abre ainda mais espaço para que eu possa continuar o meu assalto e diz ainda mais baixo. —Conversar.

—Pode falar. — Digo com a voz rouca sem tirar a boca dela. —Estou ouvindo.

—Eu... eu não consigo, não com você fazendo isso.

—Então não diga nada. — Paro os beijos. Ela geme em protesto e eu sorrio em resposta.

Olho para ela e espero que ela abra os olhos, e quanto faz eu coloco os dedos em seu queixo e puxo seu rosto para que possamos ficar com os olhos um no outro. Ela me encara e eu vejo o seu conflito interno, seu coração diz uma coisa e a razão diz outra. —Eu só quero ouvir uma palavra sua, e ela vai

definir o que vai acontecer a partir de agora.

Sim ou Não. É só isso que eu quero ouvir.

—Guilherme, eu...

Ela começa a falar, mas eu coloco um dedo em sua boca a impedindo. —Mas antes que você me diga a sua resposta eu quero que você entenda uma coisa, se a resposta for não eu vou sumir de uma vez da sua vida, vou me mudar de vez para cá e nós nos veremos e falaremos apenas quando necessário. — Pauso e penso na mentira que estou contando, nunca que eu vou deixa-la sair da minha vida, e muito menos eu vou sair da dela. —Mas se for sim... — Pego sua mão e coloco no meu coração. —Ele vai ser seu, não só ele como tudo de mim, e eu vou te amar e proteger incondicionalmente. Não garanto que serão flores do início ao fim, até porque eu nunca senti isso antes e muito menos vivi, mas posso te dar a certeza que farei de tudo para que você seja feliz, você e o nosso bebê.

Seus olhos ficam marejados quando menciono que o bebê é nosso e uma lágrima solitária escorre pela sua face, eu a limpo com o polegar e ela se aproxima do meu toque, aproveito e beijo sua boca bem de leve, apenas um roçar, eu preciso de qualquer coisa dela.

Fecho os olhos com a sensação dos seus lábios nos meus. Então ouço ela sussurrar contra a minha boca. —Sim.

Sinto meu coração querer pular fora do meu peito tamanha é a alegria que o toma. Eu nunca pensei que ouvir um sim de uma mulher pudesse me deixar dessa forma.

Paro de beijá-la e vejo seu olhar incerto, como se esperasse pela minha reação. Eu abro o maior sorriso que eu poderia para expressar como estou feliz com isso.

—Sim? — Pergunto.

Ela retribui o meu sorriso, coloca a mão no meu rosto e faz carinho na minha barba, o toque dela é como uma pluma. —Sim.

Seguro seu rosto com ambas as mãos e digo: —Eu vou te mostrar que eu posso ser o homem que você sempre sonhou. Eu vou amar cada pedacinho seu. Com carinho, com adoração...

Fecho os olhos para controlar essa vontade insana que eu estou de jogá-

la na parede e fodê-la como um animal, de marca-la como minha para que todos possam ver a quem ela pertence.

Eu preciso me segurar. Eu preciso mostrar a ela que posso ser mais que isso, mas quando estou pronto para beijá-la ela me empurra com o cenho franzido e diz: —Não.

—Não? — Pergunto sem entender.

—Não.

Abro a boca para perguntar, mas ela nega com a cabeça e me olha de uma forma que eu nunca vi antes. Ela abre um sorriso malicioso e desce a mão pelo meu peito até chegar na borda da toalha que estou usando, a única coisa que esconde o meu pau que está mais duro que rocha, louco de vontade de estar dentro dela.

—Eu não quero que você me trate assim. — Ela diz e brinca com a borda da minha toalha. —E sabe por que não? — Nego com a cabeça porque não consigo fazer minha voz sair. —Porque eu não quero que você seja algo que não é por minha causa. Eu não quero que você banque o príncipe encantado apenas para me agradar. Eu quero que você seja exatamente o Guilherme que me beijou de forma insana sentado na poltrona do meu quarto e me fez gozar na sua língua, aquele que não espera uma resposta, que não aguarda uma permissão, que não se contém, aquele que pega o que é seu. E eu quero você exatamente desse jeito agora Guilherme, porque eu sou toda sua e não aceito nada menos do que isso.

Foda-se!

Eu tentei. Eu juro que tentei, mas ela conseguiu com algumas míseras palavras libertar o animal de dentro de mim que eu estava tentando tanto segurar.

Ver ela toda maliciosa dizer que quer o Guilherme devasso é demais para mim.

E o que minha mulher quer, ela tem.

Eu não penso.

Eu não raciocino.

Eu não peço.

Porque esse sou eu, aquele que age por impulso e toma o que quer.

E não há nada nesse mundo que eu queira tanto quanto essa mulher aqui.

Em um único movimento a puxo para mim e a seguro pela nuca, colocando meus dedos no seu cabelo e puxando sua cabeça para trás. Grudo minha boca no seu ouvido e roço minha ereção em seu ventre

—A quem você pertence? — Falo e mordo seu pescoço.

—Hummmm... — Ela geme colando o corpo ainda mais ao meu, já totalmente perdida em meio ao desejo que nos toma.

Ah Maria Luísa, você não sabe o que lhe aguarda.

Puxo com mais força seu cabelo e rosno. —Diga. A. Quem. Você. Pertence. — A cada palavra eu dou uma mordida em seu pescoço, fazendo uma trilha, deixando minha marca por onde passo.

—A você.

Dou um beijo de boca aberta no seu ombro e ela geme ainda mais alto. —Eu quero nomes Maria Luísa.

—Guilherme... — Ela fala ofegante. —Eu pertenço a você, Guilherme.

—Isso. Minha. Somente minha. Ouviu bem? — Digo e a puxo para que seu rosto fique de frente para o meu. Seus olhos estão pesados, sua face corada e sua boca entreaberta. Eu nunca me senti tão possessivo com alguém em toda a minha vida, e eu preciso que ela saiba. —Somente minha.

Tomo sua boca como o homem faminto que eu sou, dou tudo de mim e tomo tudo dela.

Somos um emaranhado de beijos, mãos, toques, gemidos. Essa mulher me enlouquece a ponto de eu querer me perder, jogá-la no chão e a foder com abandono. Mas eu não posso, ela é minha mulher e merece mais do que isso.

Estou repetindo como um mantra na minha mente:

Se controla

Se controla

Se controla

Então ela desce sua mão pelo meu peito, acariciando cada parte do meu abdômen. Espero que ela pare, mas em um piscar de olhos sinto sua mão no meu pau por cima da toalha, e isso é o que basta para que eu perca o controle

de vez.

Sem desgrudar minha boca da sua, seguro sua bunda com ambas as mãos e a levanto, suas pernas se enroscam em minha cintura e eu praticamente voo para o meu quarto. O sofá estava mais perto, mas eu preciso de um local macio para fazer tudo o que eu quero com ela.

Enquanto estou andando ela tira a boca da minha e começa a sugar meu pescoço como se eu fosse algo comestível. Encosto ela na parede mais perto e pressiono minha ereção contra ela. —Porra! Se você não parar com isso eu vou te comer aqui mesmo no corredor.

Ela sussurra no meu ouvido. —Eu não iria me importar. — Para logo depois rebolar descaradamente no meu pau sem nenhuma vergonha.

Filha da puta. De onde surgiu essa Maria Luísa atrevida?

—Safada... — Falo e mordo seu ombro, então continuo andando a passos largos para dentro do quarto.

A jogo na cama sem nenhuma cerimônia e caio em cima dela sem dar um segundo para um pensamento seu, ataco sua boca enquanto minhas mãos passeiam pelo seu corpo.

—Roupas demais... — Levanto de cima dela e arranco sua blusa, sutiã e calça, então me levanto e fico de pé na cama bebendo a imagem dela apenas de calcinha deitada na minha cama, sua face está corada e sua respiração ofegante, seus olhos pesados de desejo e a boca inchada dos meus beijos. — Linda. Linda e toda minha.

Coloco a mão na toalha para tirá-la, mas ouço-a dizer: —Não. — Olho para ela e vejo ela se levantando e engatinhando na cama na minha direção. —Deixa que eu tiro. — Eu não consigo falar, apenas observo seus movimentos. Ela calmamente puxa a toalha e a deixa cair aos meus pés, vejo seus olhos se arregalarem um pouco, mas logo ela se recupera, apenas olhando para mim e sorrindo.

Ainda com os olhos nos meus ela o segura com seus dedos delicados e eu sinto minhas pernas trêmulas apenas com esse contato, fecho os olhos saboreando a sensação da sua mão em mim, da mão da minha mulher.

Ela faz movimentos calmos de vai e vem, como se estivesse me testando, e eu gemo em resposta, perdido na sensação do seu toque quando sinto algo molhado passando por ele, antes que possa sequer abrir os olhos

sua boca me toma.

—Porra... — É impossível me controlar, minhas mãos vão direto para os seus cabelos enquanto ela me suga mais e mais. Uma das mãos masturba o que não cabe de mim em sua boca e a outra massageia minhas bolas.

Olho para baixo e seus olhos estão em mim e, caralho... como eu sonhei com isso, porém a realidade é mil vezes melhor que os meus sonhos.

Ela suga, lambe e geme, como se eu fosse a coisa mais gostosa que ela já colocou na boca. Sem que eu espere, ela coloca meu membro quase inteiro dentro da boca e... puta que pariu, eu vou gozar, não vou aguentar.

Puxo sua boca de mim e ela geme. —Não... — Ela diz e puxa meu quadril tentando voltar a me chupar, mas eu não deixo, eu a quero e preciso dela, eu preciso estar dentro dela**.**

Com brutalidade a jogo novamente em cima da cama e em um único movimento rasgo a calcinha do seu corpo, ela me olha assustada, mas eu não poderia me importar menos. Ela disse que queria o Guilherme que pega o que é seu, e esse pedaço de pano estava no meu caminho.

Com a mesma intensidade abro suas pernas, no mesmo instante enfio minha boca em sua boceta e o gosto do paraíso invade minha língua.

Suas mãos seguram em punhos o lençol quando eu passo a língua em toda a sua fenda, sua cabeça se joga para trás e da sua boca sai um gemido longo. Ela tenta fechar as pernas, mas eu não deixo, continuo o meu ataque, não tenho piedade, eu quero que ela goze na minha língua. Alterno entre morder, chupar, lamber e sugar, eu quero prepara-la para mim.

Puxo a boca da sua boceta para pedir que ela goze para mim, mas não tenho tempo porque suas mãos seguram com força minha cabeça e me colocam de volta onde ela precisa de mim. Ela rebola na minha boca, nariz e queixo, estou literalmente me lambuzando dela e se pudesse eu passaria a noite inteira aqui tomando tudo que ela tem para me dar.

Ela geme descontroladamente e tenta levantar o quadril, mas eu não deixo, a seguro com força enquanto continuo lambendo, chupando, me deliciando.

Ela fala meu nome repetidas vezes. Porra! Sinto minhas bolas querendo se contrair e sei que se ela continuar gemendo assim eu vou gozar. Então dou atenção unicamente ao seu ponto sensível, o chupando com força sem parar

até que ela grita alto e seu corpo inteiro estremece em um orgasmo intenso.

Foda-se eu preciso estar dentro dela agora.

Ela ainda está gozando quando eu subo em cima do seu corpo e a beijo, ela sente seu gosto na minha língua e boca e geme rebolando ainda mais, fazendo meu pau roçar em sua fenda.

Continuo passando o pau pelo seu clitóris até que ela desce do orgasmo e me olha ainda cheia de tesão, coloco meu membro em sua entrada e digo ofegante: —Eu prometo que depois eu vou adorar o seu corpo, mas agora eu vou te devorar. — E sem que ela espere empurro todo o meu comprimento para dentro dela. Ela morde o meu ombro e eu solto um gemido longo a sentindo envolta de mim.

Nada poderia me preparar para o que sinto nesse momento, nada nunca foi parecido com isso, nada nunca será como isso.

—Abra os olhos. — Ela os abre na mesma hora. —Eu quero que você permaneça assim, com os olhos nos meus e veja quem é o único homem que te dará prazer de agora em diante.

Eu não preciso perguntar e nem dizer nada, porque os seus olhos me dizem tudo o que eu preciso saber. Ela sabe que é minha.

—Camisinha... — Ela em um momento lúcido se lembra.

—Eu nunca transei sem camisinha antes, e meu último exame foi há menos de 2 meses. — Digo ofegante. —Por favor, não me faça sair desse paraíso. Eu não quero nada entre a gente.

—Eu estou limpa, junto com o teste de gravidez eu recebi os resultados.

—Graças a Deus.

Tiro quase todo o meu comprimento e ela geme, então entro vagarosamente, analisando cada expressão que seu rosto faz, como suas pupilas estão dilatadas, como sua boca se abre, sua testa se franze e sua face fica ainda mais corada.

Continuo com essa tortura até que ela fala. —Mais.

Tiro e coloco na mesma velocidade, eu quero que ela implore. Ela tenta ditar o ritmo com o quadril, mas eu a impeço, parando todos os meus movimentos. —O que você quer?

—Mais.

—Mais o que? — Eu quero que ela fale, eu quero ouvir tudo.

—Mais forte, mais rápido, mais duro. Me fode, Guilherme!

Porra!

Tomo sua boca na minha e me perco. Entro e saio sem pensar, se ela queria me ver perder o controle, ela conseguiu.

Sou um animal pronto para marcar a sua fêmea, para fazê-la minha.

Minhas mãos estão em todos os lugares, eu aperto seu pescoço, seios e pernas. Ela beija minha boca, queixo e ombro. Seu quadril se movimenta no mesmo ritmo que o meu.

Ela me quer tanto quanto eu a quero.

Sinto que vou gozar, mas eu preciso que ela venha comigo.

Coloco uma das mãos entre nós e começo a acariciar seu clitóris enquanto a outra aperta seu seio com força. Ela grita quando eu aumento os movimentos dos quadris e dedos.

—Eu vou... — Ela não consegue terminar de falar, um gemido alto escapa da sua garganta e o próximo som que eu ouço saindo da sua boca é o meu nome sendo dito repetidas vezes enquanto sua boceta se contrai e aperta meu pau. Jogo a cabeça para trás e me deixo levar pela plenitude de ter pela primeira vez a mulher da minha vida gozando embaixo de mim. Comigo dentro dela.

Dou apenas mais três estocadas e gozo buscando sua boca para que ela possa engolir os meus gemidos e saber o que faz para mim.

Continuo com os movimentos do quadril vagarosamente até que o êxtase passe por completo, e quando acontece abro os olhos e a vejo me observando. Uma fina camada de suor cobre sua pele, ela está mais linda do que nunca, nua debaixo de mim e com cara de mulher bem fodida. A minha mulher bem fodida. Ela passa os dedos pelo meu rosto e com muito carinho no olhar diz: —Você é lindo.

Sorrio em resposta. —Não, você que é linda, e toda minha. — Falo e dou um beijo na ponta do seu nariz.

Ela abre a boca e diz bem séria. —E você é meu.

Olha se minha Malu já não está querendo marcar território. Amplio ainda mais o sorriso quando respondo. —Todo seu. — Me jogo para o lado e a puxo para o meu peito, ela vem de bom grado e se aninha a mim como uma gatinha manhosa. Eu queria transar com ela de novo, porra meu pau já está duro, mas eu não posso, eu tenho que pensar no bem-estar dela.

Sinto ela rindo no meu peito. —O que foi?

Ela passa a perna no meu pau. —Alguém já está pronto para outra. — Diz e desce a mão, mas antes que chegue a ele eu a pego e a seguro contra o meu coração.

—Ele sempre está pronto para você, mas agora ele vai ficar quietinho ali. — Ela apoia o queixo no meu peito e me olha com a testa franzida, como se não entendesse. Então sou obrigado a explicar. —Você está grávida, e até que a gente tenha certeza que não faz mal para você ou para o bebê, nós vamos com calma. Já basta eu estar com essa culpa imensa de ter sido tão bruto com você.

Ela sorri, não um sorriso qualquer, mas um sorriso imenso, e sem que eu espere sobe em cima de mim, espalma as mãos no meu peito e coloca meu pau na entrada da sua boceta que tem vestígios do meu sêmen. Eu deveria ter limpado e cuidado dela, mas a verdade é que eu não queria que meu esperma saísse do seu corpo. E ver isso assim me faz querer bater no peito como um maldito homem das cavernas. Eu a marquei como minha.

Ainda estou perdido olhando para sua boceta com apenas a ponta do meu pau dentro quando ela chama minha atenção e começa a falar. — Acontece que a grávida aqui está com libido a mil e passou dias e dias sonhando com o seu homem a fazendo gozar de todas as formas possíveis. — Ela vai falando e descendo o quadril, e quando eu já estou totalmente dentro dela diz: —E não vai ser ninguém e muito menos ele que vai acabar com a minha festa.

Capítulo 32

Malu

Acordo com o cheiro do Guilherme entranhado no meu nariz, então me lembro de onde estou, no quarto dele em seu apartamento.

Depois que eu praticamente o ataquei e gozei enlouquecida em cima dele só me lembro do meu corpo desabar, depois disso mais nada. Acho que apaguei antes mesmo de deitar em cima dele. Digamos que não estou acostumada a tantos exercícios físicos assim, e o Guilherme literalmente sugou todas as minhas energias. Meu Deus! O que é esse homem na cama? Se antes eu já estava completamente apaixonada, agora estou com os quatro pneus arriados. Não é possível que um homem seja lindo, gentil, carinhoso, bruto, gostoso e bom de cama. Tudo isso em um único pacote.

As coisas que ele pode fazer com a boca e mãos eu já sabia, mas juntar tudo isso com aquele pau enorme que ele sabe muito bem usar, é fora deste mundo.

E que pegada é aquela?

Sorrio ainda com os olhos fechados e na mesma hora sinto beijos sendo distribuídos em toda a minha coluna. —Eu espero sinceramente ser o motivo deste sorriso. — A voz grave do Guilherme soa e eu sorrio ainda mais. Os beijos vão subindo e agora ele os alterna com mordidas. Quando enfim chega na minha nuca ela dá um beijo de boca aberta para logo depois morder bem de leve. —Diz para mim que você está acordada... — Ele fala bem no meu ouvido e eu me arrepio por inteira. Sinto sua ereção que está bem encaixada na minha bunda, e mesmo que ele esteja de cueca fico molhada na mesma hora.

Não respondo, ao invés disso rebolo no seu pau para mostrar a ele que estou muito bem acordada e que preciso dele. Ele ri e força a ereção contra a minha bunda, o que faz com que eu solte um gemido involuntário. —Minha gatinha nem bem acordou e já está querendo fazer safadeza? — Ele diz e rebola ainda mais, fazendo com que eu fique a ponto de me virar e agarrá-lo. —Mas não vai ser agora que eu vou dar o que você quer. — Ele diz, se

levanta e rapidamente sai do quarto.

Abro os olhos na mesma hora e sento na cama olhando para a porta que ele saiu, instantes depois ele retorna com uma bandeja nas mãos e um sorriso encantador no rosto. Por puro reflexo puxo o lençol para me cobrir e ele faz cara feia. —Você acabou com a minha visão preferida. — Merda, sinto que estou corando. —Mas vale a pena apenas para ver esse rosto lindo ficando nesse tom avermelhado que eu tanto gosto.

Ele senta na cama e coloca a bandeja entre nós, um cheiro maravilhoso de comida enche os meus pulmões e minha barriga ronca alto. Ele olha para a minha barriga e começa a rir, eu arregalo os olhos e coloco a mão no rosto.

Que vergonha, meu Deus! É a primeira vez que durmo com esse Deus e acontece isso.

Sinto suas mãos nas minhas, ele as tira do meu rosto e as beija. —Você não precisa ter vergonha, a culpa disso tudo é minha que simplesmente te ataquei e não perguntei se você tinha se alimentado.

—Eu não como nada desde o almoço.

—E sabe que está errada mocinha. A senhora come por dois agora, e eu não quero saber de você sem se alimentar. Faz mal para o nosso bebê.

Quando ele diz isso eu me lembro das suas promessas e também que ele não sabe da minha história, além de eu precisar saber da relação dele com a Lia. —Guilherme, a gente precisa conversar.

Ele faz carinho no meu rosto. —Eu sei, mas primeiro eu vou alimentar a minha mulher com a minha especialidade, que é um pouco simples, mas posso garantir que é bem gostoso. E depois disso nós vamos conversar.

Olho para o prato e vejo uma macarronada com um aspecto maravilhoso. —Você que fez?

—Claro, está duvidando dos meus dotes culinários?

Nego com a cabeça, sorrio e pergunto. —Onde está o seu prato?

—É um prato para nós dois, vamos dividir. — Ele fala naturalmente sorrindo, pega o garfo, o enche de espaguete e o coloca na minha boca.

Uau, ele realmente cozinha bem. Fecho os olhos para apreciar o sabor e quando os abro ele está olhando fixamente para minha boca com o garfo ainda parado no ar. —O que foi?

—Se você gemer desse jeito de novo eu vou esquecer que você precisa se alimentar e vou fazer de você a minha refeição. — Ah meu Deus, que vontade de gemer de novo só para que eu possa ser a refeição dele. —Então aprecie a comida sem fazer sons, por favor. — Ele diz e me dá uma piscada de olho. Sorrio em resposta e espero ele me alimentar.

Comemos em silêncio, seu olhar sempre atento aos meus movimentos e principalmente na minha boca. Ele está vestindo apenas uma boxer preta e eu posso ver claramente seu pau grosso fazendo volume e deixando a cueca bem marcada. Ele percebe meu olhar e sorri de canto, não fazendo nada para escondê-lo.

Convencido.

Depois de terminarmos ele pede que eu espere aqui mesmo na cama e diz que já volta, e quando faz traz uma enorme taça de sorvete de flocos. Meus olhos brilham, é o meu preferido. —Comprei para você. — Ele diz ao me entregar.

Coloco uma colher cheia dentro da boca e vejo ele sorrir. —Como você sabia que era o meu preferido?

—Escutei a mãe falando com a Rosa para comprar porque você havia dito que gostava, e assim que vim para cá comprei dois potes.

—Então você achava mesmo que eu viria?

Seu semblante cai um pouco. —Para falar a verdade, não. Eu tinha esperança, tanto que comprei isso, mas os dias foram passando e você não veio. Hoje quando você apareceu eu tinha acabado de tomar a decisão de ir atrás de você e te obrigar a ficar comigo. — Ele fala e sorri tristemente. —Eu não estava mais aguentando ficar aqui esperando por você.

Sem pensar coloco a taça no criado mudo, pulo em seu colo e o abraço encaixando nossos corpos. Ele se surpreende, mas me segura, como se eu fosse o seu bem mais precioso.

—Me desculpa ter demorado tanto.

—Eu te desculpo por qualquer coisa se você fizer o pedido sempre assim, nua e escarranchada em cima de mim.

—Eu estava muito confusa. Eu sofri demais Gui.

Ele acaricia os meus cabelos e costas. —Eu sei, e eu quero que você me

conte tudo o que aconteceu na sua vida, tudo que te trouxe até mim. — Aceno com a cabeça e começo a me desvencilhar dos seus braços. Ele aperta os braços na minha cintura e diz: —Onde você vai?

—Me vestir.

—Para que? — Ele pergunta com a testa franzida.

—Para conversarmos. — Digo e o empurro de novo.

Ele ri e comigo ainda em seu colo se ajeita na cama, encostando as costas na cabeceira. —Pronto, agora podemos conversar.

—Não mesmo, você está vestido e eu pelada. Isso é desigual.

—Confia em mim, é melhor eu ficar de cueca. Se eu tirar essa peça de roupa nós vamos fazer muitas coisas, menos conversar. — Fala e pressiona a protuberância em mim.

—O que você quer saber?

—Tudo, mas principalmente do homem que foi imbecil o suficiente para te perder.

Respiro fundo, me preparando para contar tudo a ele. Começo contando da minha adolescência e dos meus pais adotivos que nunca me deram um pingo de carinho, conto de como me virei sozinha quando saí de casa, conto também de como conheci o Bento, e enquanto falo essa parte, que o encontrei muito machucado e que cuidei dele, sinto o corpo do Guilherme se tencionar, mas logo relaxa quando eu começo a acariciar seus braços. Chego então na parte crucial que me fez fugir de tudo e acabo travando, não querendo reviver aquilo tudo.

O Guilherme me puxa e olhando dentro dos meus olhos diz: —Não importa o que tenha acontecido, eu estou aqui com você.

—Eu conheci o Max quando estava saindo de uma entrevista de emprego, por mais clichê que pareça nos esbarramos no saguão do prédio e acabamos indo para um café, ele era tão lindo e tão sedutor que me encantou na mesma hora. Naquele mesmo dia acabamos nos beijando e... — As mãos do Guilherme me apertam e seus olhos ficam escuros, mas ele não fala nada. —acabamos saindo várias vezes, ele dizia morar com amigos e ser office-boy desta mesma empresa que eu não passei na entrevista. Depois de um tempo de namoro eu acabei confiando nele e me entreguei, ele foi o meu primeiro.

O Guilherme parece rosnar quando falo a última parte e emenda. —E eu o seu último.

Faço carinho na sua barba, sorrio e continuo. —Pouco antes de completarmos um ano eu descobri que estava grávida, não sei como, porque eu sempre tomei a pílula corretamente, mas aconteceu, e eu fiquei em êxtase, porque mesmo não tendo uma situação financeira muito boa, nem ele, eu teria a chance de finalmente ter uma família para amar. Mas quando contei para ele do bebê, ele surtou. Ele me chamou de coisa horríveis, me acusou, me humilhou e eu ali sem entender nada. No final ele disse que ia me pedir em casamento naquela noite e me contar que era rico, que na verdade era dono daquela empresa que eu fui fazer entrevista e ele fingiu ser boy. — Olho para as minhas mãos, tentando não sentir aquilo tudo de novo. —Eu fiquei devastada pela mentira dele, mas principalmente porque eu fui ingênua demais para não ver os sinais que estavam todos ali. Nesse meio tempo o Bento estava vindo embora e queria que eu viesse junto, mas eu não queria sair de lá, não até que o Max apareceu um dia e ameaçou tomar o meu bebê de mim. — Falo e começo a chorar. —Ele disse que se o bebê fosse mesmo dele ia tirá-lo dos meus braços.

O Guilherme me abraça e mais uma vez me consola. —Calma, não se esquece que você não pode se estressar por causa do bebê.

Aceno com a cabeça e continuo. —Então eu menti para ele. Eu sei que foi horrível o que eu fiz, mas eu não tive saída. Eu falei que perdi o meu filho, eu tive que falar porque sabia que mesmo que eu sumisse da cidade ele poderia vir atrás de mim fazendo exigências, assim ele não teria motivos para me procurar. Então vim com o Bento e estava tudo tranquilo na viagem, até que paramos para abastecer e uns caras mexeram comigo, e quando o Bento foi me defender eles perceberam seu relógio e o cartão exclusivo que ele usou e nos seguiram e eu... eu... — Não consigo terminar de falar porque tenho uma crise compulsiva de choro. Coloco o rosto entre as mãos relembrando os momentos de horror que passei e o medo de perder meu bebê.

O Guilherme puxa minhas mãos e beija meu rosto repetidas vezes até que eu começo a me acalmar. Ele não precisa dizer nada, apenas seu toque já me deixa mais tranquila. —E eu pensei que tinha perdido o meu bebê, o meu amigo, que tudo tinha acabado, mas aí eu acordei sabendo que meu bebê estava bem e jurei para mim mesma que ele seria minha prioridade, e que depois do que o Max me fez eu não iria me abrir para mais ninguém. — Olho

para ele e sorrio. —Então você apareceu e virou o meu mundo de cabeça para baixo. Me fez reavaliar tudo, tudo que eu estava tão decidida a deixar para trás. — O encaro sabendo que ele precisa ver a sinceridade nos meus olhos. —Desde o primeiro dia que te vi eu senti uma coisa dentro de mim tão forte que parecia me puxar para você, mas eu tinha tanto medo de sofrer de novo que tentei fechar os olhos e me proteger. Não por não te querer, pelo contrário, foi por te querer demais, por perceber que o que eu sentia pelo Max não era nem um décimo do que eu sentia por você sem ao menos termos passado um tempo juntos.

Ele segura meu rosto com ambas as mãos e sem que eu espere se declara para mim. —Eu também não sabia o que era esse sentimento imenso que nasceu entre a gente, Malu. Não até hoje que tive você completamente entregue nos meus braços. Eu só sabia que esse sentimento tinha tomado conta de mim e não me deixava ver mais nada na minha frente que não fosse você. E eu sei que o seu maior medo, mesmo você não falando, é pela criança que você carrega. Você tem medo que ela sofra o abandono que você sofreu quando criança. — Pressiono os lábios com força um no outro para segurar o soluço que tenta escapar. Sim, esse sempre foi o meu maior medo. —Mas eu quero que você saiba que ela é uma parte sua, e sendo uma parte sua eu já a amo e a quero na minha vida do jeito que você permitir. Eu vou ser para ela o que você me deixar ser, e vou amá-la incondicionalmente, porque é impossível não amar um pedaço seu. — Ele diz e eu sinto meu peito sufocar de tanto amor. —E eu vou proteger você, você e esse bebê de tudo e todos. Eu só peço que você confie em mim sempre. E eu te juro que você nunca mais vai sofrer. Eu não vou deixar. — E olhando no fundo dos meus olhos ele diz: —Eu te amo.

Eu já ouvi essas palavras antes, mas nunca foi dessa forma. Eu nunca senti a plenitude delas, eu nunca senti que elas eram tão verdadeiras até esse momento. Eu me sinto completa, segura.

As palavras me fogem, a mistura de emoções dentro de mim é tão grande que eu não consigo expressar com palavras o que sinto, então faço a única coisa que consigo, grudo o meu corpo ao seu e o beijo intensamente para demonstrar que eu também o amo, que estou me entregando de corpo e alma a ele. Não poderia ser diferente depois de tudo o que ele me disse.

Ele me deita com muito cuidado na cama, cobre o meu corpo com o seu e limpa as minhas lágrimas com todo carinho do mundo. —Deixa eu te amar?

Esse homem não pode existir. Tenho certeza que a qualquer momento eu vou acordar e tudo isso não terá passado de um sonho, então eu vou aproveitar cada segundo antes que acabe.

Aceno com a cabeça e ele sorri, encosta sua boca na minha e sussurrando "eu te amo".

Ele levanta e tira a cueca, e eu admiro pelos poucos segundos que tenho seu corpo completamente nu. Ele vem engatinhando de volta para a cama e eu me perco na intensidade do seu olhar, ele rasteja pelo meu corpo e vai lambendo tudo por onde passa, pés, pernas, quadris, mas quando chega na minha barriga ele para por um segundo a observando, então levanta o rosto e seus olhos encontram os meus, e sem os desviar ele abaixa o rosto e dá um beijo demorado nela, para logo após sussurrar palavras com a boca grudada na minha pele que eu não consigo entender.

A cena me faz transbordar de amor e lágrimas de felicidade enchem os meus olhos, ele sorri para mim e continua subindo, agora chupa e morde meus seios, arrancando gemidos dos meus lábios, depois beija minha clavícula e lambe meu pescoço, para enfim chegar na minha boca e me beijar apaixonadamente, de um jeito que ele nunca tinha feito. Calmo, terno, carinhoso, sem pressa. Degustando, admirando, querendo, ansiando. Suas mãos deslizam por todo meu corpo causando arrepios por onde passam. Seu toque é tranquilo e seus dedos passam vagarosamente por cada centímetro meu, como se estivesse decorando todo o meu corpo.

Ele pega uma das minhas pernas e a coloca em volta da sua cintura, encaixando ainda mais nossos corpos, e sem tirar a boca da minha vai entrando devagar em mim até que não haja um centímetro que nos separe.

Abro os olhos e o vejo me observando, só então ele começa a se movimentar, não naquele ritmo frenético de antes, onde o tesão e o desejo falavam mais alto. Agora ele está me amando, me adorando, exatamente como ele disse que faria.

Minhas mãos passam pelas suas costas e as suas pelos meus seios, seguro seus braços e ele aperta minha cintura, busco sua boca no mesmo momento que ele busca a minha.

Deixamos que o amor nos leve e acabamos nos entregando de vez nos braços um ao outro, e quando alcançamos o clímax, juntos, eu faço a única coisa que poderia fazer. Eu me declaro para o homem que roubou o meu

coração. —Eu te amo, Gui.

***

Depois de nos amarmos, o Guilherme me levou para tomar um banho, e mesmo sob os meus protestos me lavou da cabeça aos pés, dando atenção especial a algumas partes específicas do meu corpo. Só aceitei que fizesse isso com a condição de fazer o mesmo com ele, o que resultou em mãos e línguas e os dois tendo mais um orgasmo, eu gozei na sua boca e ele na minha mão, e eu me senti maravilhosa quando ele disse "você me faz perder o controle".

Agora estamos deitados, ambos nus com apenas um lençol nos cobrindo, a tempestade deu uma trégua e apenas o som das nossas respirações pode ser ouvida. Estou com a cabeça no seu peito sentindo as batidas do seu coração enquanto ele traça desenhos abstratos nas minhas costas com a ponta dos dedos.

Dou um suspiro longo quando penso que preciso tocar no nome de uma certa pessoa que nem conheço bem e não vou com a cara. Ele na mesma hora me puxa para cima para que fiquemos com os rostos bem próximos um do outro e com a testa franzida pergunta: —O que foi?

—Eu quero saber o que a Lia significa na sua vida. — Vou direto ao ponto. Tento falar suavemente, mas a amargura na minha voz entrega o que sinto ao falar o nome dela.

O filho da mãe abre um sorriso do tamanho do mundo. —Ciúmes de mim, Maria Luísa?

Eu poderia negar, mas não quero mais mentir sobre os meus sentimentos para ele. Empino o nariz, mesmo deitada, e digo: —Ciúmes sim. Quero entender essa relação de vocês para saber se tenho que me preocupar com alguma coisa. E já adianto que aqui as coisas são bem simples, ou somos exclusivos ou não somos.

—E você não vai dividir esse corpinho aqui com mais ninguém? — Ele diz e sorri ainda mais, mas mal sabe ele que nesse jogo eu sou mestre e já sei como acabar com essa presunção toda.

—Isso vai ficar a seu critério, Gui. Eu posso dividir sim... — Chego bem perto do seu ouvido para dizer. —Só não reclame quando outro homem tocar nesse corpinho aqui.

Ele rosna e sobe em cima de mim, vejo fúria em suas feições. —Você é minha, porra!

—Direitos iguais querido. — Sorrio sarcasticamente.

—O único direito que existe aqui é o meu sobre você, o que significa que você é exclusivamente minha. Ninguém toca em você, apenas eu.

—E você? É exclusivamente meu?

—Exclusivamente, unicamente e totalmente seu. — Seu tom suaviza.

—Inclusive essa parte do seu corpo que parece ter vida própria e já está querendo entrar na brincadeira? — Falo me referindo ao seu pau que já está duro de novo.

—Principalmente essa parte do meu corpo, que para sua informação, só ganha vida para você.

—Eu acho muito bom mesmo. — Sorrio para ele. —Mas agora falando sério, você pode me explicar essa relação que vocês tinham?

Ele bufa e se joga para o lado, deitando de barriga para cima, aproveito e me viro de lado para poder olhá-lo melhor, e quando meus olhos percorrem seu corpo nu eu me pego pensando em como maravilhoso ele é. —Se você continuar me olhando assim não vai ter conversa nenhuma. — Ele diz com a voz rouca e eu sorrio sabendo que fui pega. —Eu preferia não falar disso com você, mas acho que será melhor esclarecer logo tudo de uma vez por todas.

Ele se vira e fica de frente para mim. —Eu nunca quis nada sério com ninguém, não até conhecer você. — Ele emenda rapidamente a parte final. — Sempre levei uma vida meio louca e ficar com uma única mulher estava fora de cogitação. Então conheci a Lia, que aparentemente levava a mesma vida que eu. Ficamos algumas vezes e acabamos entrando em um consenso que poderíamos nos tornar algo mais, só que menos complicado. Éramos basicamente amigos que transavam, nada de namoro, mãos dadas, cobranças, ciúmes, encontros... nada. Eu ficava e transava com quem queria, e ela fazia o mesmo, e quando estávamos afim ficávamos juntos. Isso era tudo o que eu queria, e eu achei que estava bom para ela também. — Escuto atentamente, mesmo não entendendo como alguém pode ter um tipo de relação assim. —

Só que de um tempo para cá ela mudou, estava ficando meio pegajosa e eu já estava desconfiado que ela esperava algo a mais de mim. Mas só tive a certeza no dia que coloquei um ponto final em tudo que tivemos. Quando ela surtou dizendo que não ia aceitar que eu terminasse com ela. — Arregalo os olhos imaginando o show que ela deve ter dado. Ele acaricia o meu rosto e diz: —Mas pode ficar tranquila que eu não tenho mais nada com ela e nem tenho olhos para mais ninguém além de você.

Nunca na vida eu iria imaginar que o Guilherme poderia ser tão carinhoso. —Obrigada por compartilhar isso comigo. E principalmente por ser meu. — Sorrio para ele com sinceridade e me sento na cama, coloco os pés para fora e faço menção de levantar. Mesmo com essa sinceridade dele eu sinto que preciso de um tempinho para processar isso tudo, mas não consigo nem me mover porque ele me puxa pelo braço e eu caio de volta deitada na cama.

—Onde a senhorita pensa que vai?

—Eu tenho que ir embora, Gui.

—Mas nem em sonho você sai daqui hoje. — Ele fala e me prende em seus braços. —Eu te avisei assim que você entrou que não sairia daqui essa noite.

—Me solta Guilherme. — Falo com um tom mais sério. —Eu preciso voltar para a casa dos seus pais. Eles iam dormir fora por causa da tempestade, mas podem voltar, e se eu não estiver lá sua mãe vai ficar preocupada e eu preciso pensar... — Não consigo terminar de falar porque ele coloca o corpo por cima do meu e me cala com um beijo de tirar o fôlego.

—Você não precisa pensar mais em nada. Eu sou seu, você é minha e ponto final.

—Mas a sua mãe...

—Amanhã bem cedo você vai mandar uma mensagem para ela e falar que saiu e volta logo, apenas para ela não se preocupar. Depois nós vamos tomar um banho juntos, eu vou te fazer gozar no banheiro e vamos tomar café. Quando acabarmos eu vou te comer no sofá da sala, porque fantasiei com você nua ali para mim, e por fim vamos voltar juntos para a casa dos meus pais e vamos esclarecer de uma vez por todas que você não é namorada do Bento, e sim minha mulher. Que esse bebê dentro de você é meu e que nós

estamos juntos e vamos continuar assim. — Abro a boca para protestar, mas ele coloca o pau na entrada da minha boceta e começa a entrar em mim ao mesmo tempo em que desce a boca até o meu seio e começa a sugar, fazendo eu perder completamente o raciocínio. Ele puxa a boca apenas um centímetro do meu seio e diz: —Você queria falar alguma coisa? Ir para algum lugar? Porque eu posso parar o que estou fazendo e te ouvir. — Apenas nego e empurro sua cabeça de volta para o meu peito e elevo o quadril, precisando que ele entre completamente em mim.

—Gui... — Gemo quando o sinto inteiro dentro do meu corpo.

—Isso... é isso que eu quero ouvir a noite toda. Essa voz de gatinha sexy gemendo meu nome enquanto eu arranco mais e mais orgasmos seus.

Capítulo 33

Malu

Acordo com a sensação esmagadora de algo me apertando, e só consigo me dar conta do que é quando tento me mover e um braço musculoso me puxa ainda mais para si, tão forte que quase não consigo respirar.

Guilherme.

Antes de enfim cedermos ao sono ele me disse que nunca dividiu uma cama com ninguém, que sempre odiou o pós sexo que as mulheres tanto gostavam e que estava com medo de dormir na mesma cama que eu e acabar me machucando por algum motivo, mas que não era forte o suficiente para me deixar aqui sozinha na cama e ir dormir em outro lugar. Ele falou tudo isso comigo em seus braços, e eu pensei que ele esperaria eu dormir para me soltar, virar para o seu lado e dormir, não que ele iria se agarrar a mim como se eu fosse sua tábua de salvação a ponto de quase tirar minha respiração.

Por incrível que pareça não acordei com enjoo, o que vem acontecendo quase sempre, mas sinto que posso sufocar se ele não me soltar um pouco.

Olho para fora e vejo que ainda é noite, provavelmente o final da madrugada, tento sair de novo do seu aperto e parece que o acordo.

—Quietinha... Shiii... Eu estou aqui... — Ele fala com a voz rouca no pé do meu ouvido já que estamos de conchinha.

Deus, até sua voz sonolenta me deixa excitada, isso e esse coisa firmemente pressionada na minha bunda. O problema é que ele fala e me aperta ainda mais.

—Eu preciso respirar, Gui.

Ele dá uma risadinha e tira o braço da minha cintura, mas não consigo ter tempo nem de respirar direito porque ele vira de barriga para cima e me puxa para o seu peito, tira o cabelo que ficou no meu rosto e coloca uma das minhas pernas entre as suas.

Sim, ele fez tudo isso como se eu fosse uma boneca e ele estivesse a ajeitando para ficar do jeito que queria. —Pronto. — Diz, fecha os olhos e

enfia o rosto no meu cabelo, inspirando profundamente. No mesmo instante sinto sua respiração se tranquilizar, olho para cima e tenho vontade de rir, ele já dormiu de novo. Eu então relaxo em seu peito e me deixo levar junto com ele.

***

Acordo novamente, mas dessa vez com os raios solares invadindo o quarto, abro os olhos e vejo que estou sozinha na cama. Me espreguiço languidamente e sinto que estou sendo observada, olho para a porta do quarto e não vejo ninguém, então olho para o lado e o Guilherme está lá, parado no batente da porta do banheiro me encarando com olhos famintos.

Dou um sorriso enorme para ele que retribui com aquele sorrisinho de canto de boca que o deixa com um ar ainda mais sexy, se é que isso é possível. Ele vem na minha direção tranquilamente, sobe em cima da cama, mais precisamente em cima de mim, olha dentro dos meus olhos e diz: — Bom dia minha linda. — Então desce a boca para me beijar. Passo os braços pelo seu pescoço e dou um selinho em sua boca, e quando ele tenta aprofundar o beijo viro o rosto. Ele o puxa na sua direção e franze a testa. — O que foi?

Coloca uma das mãos na minha boca para falar. —Eu ainda não escovei os dentes.

O vinco na sua testa aumenta ainda mais. —E?

—E que eu não vou te beijar sem escovar os dentes. É nojento.

Ele revira os olhos. —Nada em você é nojento, então você tem duas opções, ou me beija de livre e espontânea vontade, ou eu vou tirar a mão da sua boca e te beijar a força. Porque você sabe, eu pego o que é meu...

Uso todas as minhas forças e o empurro, saio da cama em um pulo e corro na direção do banheiro. Sorrio vitoriosa, mas então me dou conta que foi fácil demais tirá-lo de cima de mim e olho para trás.

Ele está deitado com as mãos atrás da cabeça e os olhos cravados no meu corpo. —Não pare agora, a vista está maravilhosa. — Filho da mãe! Ele fez isso de caso pensado apenas para eu sair nua da cama, então resolvo melhorar o show para ele. Jogo os cabeços para trás e caminho o pouco que falta para o banheiro rebolando provocativamente.

Acho que nem preciso dizer o que aconteceu, certo?

Ele me seguiu para dentro do banheiro e cumpriu tudo o que havia prometido na noite anterior.

Fez amor comigo no box debaixo dos jatos de água, gozei duas vezes, uma na sua boca e a outra no seu pau enquanto ele apertava minha bunda e lambia meus seios dizendo o quanto sou gostosa.

Ele ainda queria que eu gozasse mais uma vez enquanto estava me enxugando, mas então se lembrou que ainda não tínhamos comido e quase enfartou dizendo que era um imbecil que não cuidava das minhas necessidades.

Ainda tentei argumentar que eu queria mais um pouco dele e que poderia esperar para comer, mas não teve jeito, ele estava irredutível e acabamos tomando café vestindo apenas toalhas, o que foi de ótimo proveito, já que assim que acabamos de comer ele a arrancou de mim, me jogou no sofá e me fez gozar mais uma vez enterrado profundamente dentro de mim. A bagunça foi tão grande que tivemos que voltar para o quarto e tomar um segundo banho, mas desta vez sem nenhum cunho sexual.

Ok, mentira. O pau dele estava duro apontado para mim e eu só queria me ajoelhar e chupá-lo, mas ele não deixou dizendo que se eu fizesse isso ia me foder de novo e eu precisava de um descanso.

Nesse exato momento estamos saindo do elevador, no estacionamento do prédio dele e eu estou literalmente uma pilha de nervos. Estamos indo para a casa dos seus pais. Eu estava calma até instantes atrás, mas foi só sairmos pela porta que o nervosismo bateu com força em mim, ainda mais depois que a Dona Marta me enviou uma mensagem dizendo que já estavam a caminho de casa.

O Guilherme segura a minha mão enquanto caminhamos até o carro, mas eu paro assim que ele o destrava.

—Guilherme? — Ele sorri e me dá toda sua atenção. —Eu estava pensando, será que não seria melhor se a gente deixasse para contar sobre nós para os seus pais em um outro momento?

—Como assim em outro momento? — Aquele vinco na sua testa se forma de novo.

Merda!

Como eu posso dizer para ele que sou uma covarde que está com medo

de decepcionar a única figura materna que já teve na vida e que já ama de todo o coração?

—Não sei, acho que pode ser um baque muito grande para sua mãe descobrir assim do nada que meu bebê não é neto dela e que a gente está ficando...

—Ficando? Sério? — Ele não me deixa terminar de falar e praticamente grita, soltando minha mão. —Porra Malu, eu achei que tinha deixado muito claro que quero você para muito mais que uma noite. Não só você, mas esse bebê também.

—Eu sei, Gui. Me desculpa. Foi apenas uma forma de falar, eu sei que você nos quer e eu também te quero muito. — Coloco a mão no rosto dele e digo com toda sinceridade. —É que eu estou com medo, Gui. Eu amo a sua mãe e não quero que ela fique magoada comigo.

Ele me puxa pela cintura e me abraça, cola a testa na minha e respira fundo. —Me desculpa por ter gritado com você. Eu pensei que você tinha desistido de nós. Eu estou inseguro Malu, eu nunca amei nenhuma mulher que não fosse minha mãe, e o mero pensamento de você já estar desistindo de nós me deixa louco. — Fico sem palavras com sua sinceridade. —Quanto a minha mãe, ela também te ama, e não vou mentir, ela vai ficar chateada sim, não tem jeito, mas depois ela vai entender. Além disso eu vou assumir toda a culpa, afinal eu que não deixei você desmentir essa história que ela criou na cabeça. Eu fiz isso acreditando ser o melhor para todos e acabei criando um problema maior ainda. Eu estou com você. E não vou sair do seu lado de jeito nenhum.

Sorrio para ele porque o meu coração ficou muito mais tranquilo depois dessas palavras. Ele abre a porta do carro e me coloca sentada dentro, depois dá a volta e sai pelas ruas, mas sinto que ele está tenso pelo que falei, então resolvo brincar um pouco para tentar amenizar o clima.

—Uau, que cavalheiro, abrindo portas e tudo.

—Apenas para a minha mulher. — Olha para mim e pisca um dos olhos.

Pronto! Já estou com vontade de tirar o cinto de segurança e pular no pescoço dele.

Será que é normal sentir tanta atração assim por uma pessoa?

O trajeto até a casa é rápido e falamos bem pouco, e quando entramos no condomínio toda a tranquilidade que eu estava sentindo se evapora como pó. Minha perna começa a tremer e minhas mãos a suar, e quando ele para na frente da casa e eu vejo o carro do Sr. Luiz na entrada eu tenho vontade de sair correndo e fugir. O Guilherme estaciona e parece perceber que estou entrando em pânico, então coloca a mão na minha perna e puxa meu rosto na sua direção.

—Se acalma. Vai dar tudo certo, eu estou aqui.

Não consigo falar, apenas aceno com a cabeça.

Ele sai do carro, dá a volta e abre a porta para mim. Eu seguro a sua mão e ele diz: —Você está passando mal? Sua mão está gelada.

—Eu estou nervosa Guilherme. Ela vai me odiar.

—Não vai não, deixa que eu falo e tudo vai ficar bem. — Mais uma vez apenas aceno com a cabeça e deixo que ele me guie pelo jardim da casa em direção a porta principal. Estamos na metade do caminho quando a porta é aberta bruscamente e Dona Marta aparece com o semblante preocupado. Imediatamente puxo minha mão da do Guilherme e ele solta um palavrão, mas acho que não foi rápido o suficiente, porque Dona Marta franze a testa olhando para mim e para ele.

—Onde é que você estava? — Ela diz olhando para mim.

Abro a boca para responder, mas o Guilherme fala na minha frente. — Bom dia, mãe. Ela estava comigo, e como pode ver sã e salva. — Olho para ele e seu rosto permanece sereno, sem demonstrar um pingo de nervosismo enquanto eu estou aqui quase tendo um ataque e meu coração parecendo que vai sair pela boca. Não é possível que ele esteja tão calmo.

—Dona Marta, eu...

—Como assim com você? — Ela me interrompe e pergunta diretamente ao Guilherme.

—Vamos entrar, mãe. Nós precisamos conversar.

Ela assente e vira, entrando na casa. Olho para ele sem acreditar. — Você está louco? Como você fala assim para a sua mãe que eu estava com você?

—Malu, ela nos viu de mãos dadas. Assim que saiu pela porta pode não

ter visto, mas você fez tanto alarde puxando a mão da minha que acabou chamando a sua atenção. E você está chegando comigo, queria que eu falasse o que? Que te encontrei vagando pelo condomínio e te trouxe para casa? — Não sei o que responder, então prefiro me calar. Ele tenta me abraçar, mas eu dou um passo para trás e me afasto. —Merda! Odeio quando você se afasta assim.

—Sua mãe está nos esperando, e mesmo que eu quisesse adiar esse momento e minha vontade seja correr para as montanhas, vamos entrar e acabar logo com isso.

Ele sorri malicioso e diz: —Sim, vamos acabar logo com isso para eu poder te levar de volta ao meu apartamento e te amar o resto do dia.

Meu Deus! Como ele consegue me fazer sentir tesão em uma situação dessas?

Só ele para falar uma coisa assim em um momento como esse e me fazer querer entrar logo nessa casa anunciar para a Dona Marta que eu não sou namorada do Bento e voltar para o apartamento dele e me perder nos seus braços.

—Isso, Maria Luísa. Gosto de você assim, corando e pensando no que eu vou fazer com você. — Ele diz e me puxa pelo braço para dentro da mansão, sem me dar tempo de tentar me afastar.

Quando entramos me deparo com a Dona Marta e o Sr. Luiz sentados no sofá, eles apenas nos encaram e esperam que a gente entre na sala. Com certeza Dona Marta já contou para o marido o que viu lá fora e eu não sei o que fazer nem como agir.

O Guilherme me orienta, ainda com a mão no meu braço até as poltronas que ficam de frente para o sofá, e assim que eu sento cruzo as mãos no colo para evitar que o Guilherme as pegue e gere um momento ainda mais constrangedor.

Ele senta ao meu lado e faz um movimento como se fosse busca-las, e quando vê o que fiz estreita os olhos para mim como se dissesse "eu sei o que você está fazendo".

Ficamos os quatro ali sentados em um silencio constrangedor, até que Dona Marta se pronuncia e fala olhando diretamente para mim. —Alguém poderia me explicar o que está acontecendo?

Olho para o Guilherme pedindo socorro, eu não vou conseguir fazer isso. Ele apenas me olha de volta e estende a mão para mim, como se pedisse que eu prove para ele que estamos juntos nessa. Olho para a Dona Marta e Sr. Luiz que estão nos olhando perdidos, volto o olhar para o Guilherme que continua com a mão estendida para mim e com aquela imensidão azul fixa no meu rosto, e nesse momento eu sei que ele precisa que eu tome mais uma atitude, que eu mostre que posso vencer os meus medos e receios para ficar com ele.

Sorrio para ele que sorri em resposta, ele já sabe que minha decisão é ele.

Solto as mãos uma da outra, e quando começo a estender na direção dele pronta para assumir o que temos e desmentir toda essa história criada em cima de uma mentira, a Rosa entra na sala como um furacão com o telefone da casa nas mãos. —Dona Marta, ligação do hospital.

Tudo acontece simultaneamente, todos olhamos ao mesmo tempo para a mulher que está com os olhos marejados estendendo o telefone para a Dona Marta que está com a mão no coração e não esboça reação, a minha mão que estava indo de encontro a do Guilherme para no ar, o sorriso dele cai e o Sr. Luiz se levanta em um rompante tomando o telefone da mão da mulher e o colocando no ouvido.

Todos nós acompanhamos em silêncio a ligação. Apreensivos.

—Alô.

Silêncio.

—Sim, é o Luiz. Pai do Bento.

Silêncio.

—O que?

Silêncio.

—Quando?

Os olhos dele se enchem de lágrimas e uma cai pelo canto do olho direito.

Não. Não. Não.

Deus, por favor, não.

—Sim, nós estamos indo.

Ele fala, desliga o telefone e fica o encarando por alguns segundos que parecem durar uma eternidade enquanto mais lágrima caem dos seus olhos.

Eu quero levantar e fazer ele dizer o que aconteceu com o meu amigo, mas não consigo. A única coisa que faço é pegar a mão do Guilherme e a puxar para mim, a segurando com força. Eu só preciso dele agora, mesmo que seja um toque sútil, porque ele me tranquiliza, e eu não estou pronta para ouvir o que eu acho que acabaram de comunicar ao Sr. Luiz.

Olho para Dona Marta e ela está pálida, sua mão continua no coração e ela apenas encara o marido esperando que ele fale alguma coisa.

O Sr. Luiz enfim parece sair do transe em que estava, olha para o Guilherme, depois para a esposa e diz: —Marta, o nosso menino... ele... ele acordou.

Capítulo 34

Guilherme

Solto a respiração que eu nem sabia que estava prendendo e um alívio enorme enche o meu peito. O meu irmão acordou. Eu vou ter a chance de me explicar e pedir perdão por tudo o que fiz. Eu vou poder abraça-lo de novo, e dessa vez demonstrar todo o meu apoio independentemente das suas decisões. Eu vou poder mostrar para ele que mudei e que quero tê-lo de volta na minha vida, que eu quero fazer parte da sua.

—Meu menino... — Minha mãe diz e chora compulsivamente, meu pai se senta no sofá ao seu lado e a abraça.

—Ele está bem, Marta. Ele voltou para nós. — Ele fala com um sorriso no rosto.

Olho para o meu lado e vejo a Malu com os olhos marejados, aperto ainda mais sua mão para que ela olhe para mim, mas ela não faz, continua olhando para os meus pais sem esboçar reação, apenas lágrimas começam a cair dos seus olhos. É como se ela estivesse processando aos poucos tudo em sua mente.

—Malu. — A chamo, mas ela continua sem olhar para mim. —Malu! — Falo um pouco mais alto, ela vira o rosto para mim, olha para minha mão grudada na sua e a puxa, se levantando ao mesmo tempo.

—Ele acordou? Ele está bem? Está consciente? Nós podemos vê-lo? — Ela dispara perguntas ao meu pai que solta minha mãe para responder.

—Sim, ele acordou. Pelo que disseram no telefone ele está bem e lúcido. Nós não podemos ir, nós devemos ir, principalmente você Malu, já que o médico disse que a primeira coisa que ele fez quando recobrou a consciência foi perguntar de você.

Minha mãe se levanta de repente demonstrando toda a sua euforia. — Vamos Luiz, vamos pegar algumas coisas para levar para o Bento. Ah meu Deus! Meu filho acordou! — Ela praticamente grita e sai como um foguete da sala sendo seguida pelo meu pai e pela Rosa.

Assim que eles saem a Malu coloca ambas as mãos no rosto e começa a soluçar, levanto na mesma hora para abraça-la, e mesmo que ela não retorne o meu abraço eu a aperto contra mim porque preciso que ela se acalme e veja que eu estou ao lado dela.

—Olha para mim. — Falo bem baixinho e ela tira as mãos do rosto. Passo o polegar pelas suas bochechas para enxugar as lágrimas que teimam em cair. —Não chora minha linda, por favor. Eu não suporto ver você chorando.

—Ele voltou, Gui. — Ela fala ainda soluçando. —Eu pedi tanto a Deus para trazer ele de volta para mim. Eu me senti tão perdida sem ele, tão sozinha. — Sinto uma dor estranha no peito quando ela fala essas coisas, mas que logo é esquecida quando ela me dá um sorriso imenso e passa a mão pelo meu rosto, ficando na ponta dos pés para me beijar, mas quando seus lábios roçam nos meus escutamos minha mãe nos chamando e ela me empurra. — Ah meu Deus! Eu ia te beijar na casa dos seus pais! Três metros de distância, Guilherme. Eu não confio em você perto de mim.

—Não confia em mim perto de você ou em você perto de mim? — Sorrio de lado, já percebi que ela gosta desse meu sorriso.

Ela suspira. —Os dois.

Não resisto, a puxo para os meus braços e colo minha testa na sua, olhando profundamente em seus olhos. Tenho feito muito isso, mas não me canso de olhar para esses olhos tão expressivos.

—Vamos logo antes que a sua mãe tenha um ataque. — Somos interrompidos pela voz do meu pai e temos tempo apenas de soltar nossos braços um do outro antes dele entrar. Maria Luísa sorri para ele e sai da sala, meu pai segura meu braço e diz: —Depois nós vamos conversar.

Meu pai é muito observador, já deve ter reparado que algo não está batendo nessa história toda, mas não temos como conversar agora, algo mais importante nos espera.

Meu irmão.

***

Viemos para o hospital em dois carros e eu não entendi o porquê de a Maria Luísa não ter vindo comigo. Ela é minha mulher e tem que estar ao meu lado sempre.

Eu sei que pareço um imbecil possessivo, mas eu nunca senti essa necessidade tão grande de ter alguém só para mim e querer que ela fique grudada comigo o tempo todo.

Antes que eu pudesse questioná-la sobre o fato ela já estava dentro do carro dos meus pais. E o que me deixou mais puto é que ela não me deu um olhar sequer que pudesse me dizer que estava tudo bem. Ela simplesmente entrou no carro e abaixou a cabeça.

Porra! Minha mente já começa a imaginar mil cenários.

E se ela desistiu de nós?

E se ela pensou melhor e viu que eu não sou o homem que ela sempre quis?

Será que ela está pensando em sustentar essa mentira para a minha mãe sobre o bebê? Sobre ser namorada do Bento? Porque com certeza ele queria que nossa mãe pensasse isso.

Que merda!

Escuto uma buzina soando alto ao meu lado e vejo que quase saí da pista. Porra! Se acalma Guilherme, você nunca foi assim.

Respiro fundo e tento me concentrar em chegar vivo no hospital, estou ansioso pelo reencontro com o Bento e nervoso achando que a Malu pode estar querendo se afastar de mim.

O restante do caminho é feito de forma tranquila e chegamos no hospital praticamente juntos. Meus pais são levados imediatamente para o quarto que o Bento está.

Antes de entrar os médicos disseram que pode ser que ele apresente alguns lapsos de amnésia e fique um pouco confuso, mas que é normal, e se acontecer devemos lembra-lo das coisas que a memória vai voltar naturalmente.

Minha mãe fica nervosa achando que ele não se lembrará dela, mas ele a tranquiliza, dizendo que até agora ele não apresentou nada disso.

Estamos eu e Malu do lado de fora do quarto, ela está inquieta roendo

as unhas e olhando impaciente para a porta, parece que ela vai a qualquer momento invadir o quarto e ignorar que o médico pediu que esperássemos aqui fora.

Não resisto e acabo fazendo a pergunta que está me corroendo desde que saímos de casa. —Por que você não veio no carro comigo?

Ela vira para mim e me olha incrédula. —Sério que você vai querer falar sobre isso agora?

—E por que não? Já estamos aqui esperando mesmo, então você pode me dizer o porquê de não ter vindo comigo.

Ela respira fundo como se estivesse pensando o que falar. —Eu não sei Guilherme, eu nem pensei. Eu só queria chegar aqui e ver o Bento.

—Mas você é minha mulher e tem que andar comigo. Ou já está querendo desistir da gente? — Porra! Soei mais babaca que o normal. Não sei o que acontece comigo que fico totalmente sem filtro perto dela.

Ela me olha como se pudesse me fulminar a qualquer instante. — Primeiro, eu ser sua mulher não significa que eu tenho que estar ao seu lado o tempo todo, muito menos atender os seus caprichos de homem das cavernas e seguir seus passos para todos os lados. Segundo, ao invés de pensar numa besteira dessas você deveria era estar eufórico para entrar nesse quarto e ver o seu irmão que acabou de sair do coma, não estar aqui me indagando coisas sem sentido. Por falar nisso, eu quero saber por que você e seu irmão não se dão bem. — Abro a boca para falar, mas ela não deixa e continua. —E nem adianta me falar que vocês são amigos porque eu sei que não são, já que durante o tempo que convivi com o Bento ele falou raríssimas vezes o seu nome, e quando estávamos vindo para cá me fez prometer que não me aproximaria de você, e você há de convir comigo que não é normal um irmão falar isso do outro.

Com toda a certeza desse mundo essa mulher será o meu fim!

Ninguém nunca me enfrentou de igual para igual como ela, que além de reverter tudo o que eu falo, ainda é capaz de me encurralar contra a parede me deixando totalmente sem palavras.

E para completar consegue ficar mais linda ainda com esse queixo empinado.

Sua pergunta afunda em mim e... cacete, o que eu posso falar para ela

sobre a minha relação com o Bento? Se ela souber o que aconteceu vai me odiar.

Antes que eu possa falar qualquer coisa a porta se abre e o médico sai e diz: —Podem entrar.

Balanço a cabeça em concordância e olho para a Maria Luísa que agora me encara apreensiva. —O que foi?

—Nada. — Responde e começa a caminhar em direção ao quarto comigo em seu encalço.

Assim que entramos tenho que parar pois ela praticamente trava no lugar, a contorno e paro ao seu lado, vendo lágrimas descerem pela sua face em um fluxo constante, acompanho seu olhar e me deparo com o meu irmão sentado em uma cama de hospital, recostado em travesseiros e com alguns fios presos em seu braço olhando fixamente para ela.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao pensar que eu poderia nunca mais ter tido a chance de vê-lo vivo, e ali eu agradeço silenciosamente a Deus por me dar mais essa chance.

Eles continuam com os olhos fixos um no outro, como se não existisse mais ninguém dentro desse quarto. Os olhos dele começam a vagar pelo corpo da Malu, da cabeça aos pés e depois voltam para o seu rosto.

Mas que porra ele está fazendo?

Então ele percebe a minha presença e crava os olhos em mim, estreitando-os minimamente como se perguntasse o que eu estou fazendo ao lado dela. Malu soluça ao meu lado e tanto eu quanto ele voltamos a atenção para ela que continua com sua atenção fixada nele.

Então ele sorri, um sorriso completo e estende a mão para ela. É como se eles não precisassem de palavras para se comunicar e ele já tivesse feito esse gesto um milhão de vezes.

Ela ofega e sussurra: —Ah meu Deus. — Para logo depois correr em sua direção.

Tudo parece acontecer em câmera lenta.

Vejo ela correndo na direção dele no mesmo momento em que ele abre os braços. Ela se joga em cima dele ainda chorando e ele a aninha em seus braços sussurrando algo em seu ouvido e fazendo carinho em seus cabelos.

Que vontade louca é essa de tirá-la dos braços dele?

Eles ficam ali pelo que parecem ser horas, e eu continuo aqui sem conseguir me mover, apenas observando o carinho dos dois.

Ele a empurra com delicadeza, pega seu rosto com ambas as mãos e vejo que seus olhos também estão cheios de lágrimas. Ele encosta a testa na dela e coloca uma das mãos na sua barriga.

Eles são meus, porra! Nenhum homem tem o direito de tocá-la assim.

Que merda eu estou pensando? Ele é meu irmão e amigo dela. Eu só posso estar ficando louco.

Então por que ele parece um homem apaixonado olhando para sua amada? Minha consciência ataca.

—Vocês estão bem? — A voz do meu irmão soa pelo quarto.

—Você nos salvou, Bento. — Malu fala entre soluços, o abraçando de novo.

Mas que caralho!

Olho para os meus pais que estão com sorrisos bobos no rosto olhando para a cena romântica na frente deles, e eu estou aqui dividido entre correr e abraçar o meu irmão, aliviado por ele estar bem, ou correr e puxar a Malu dos braços dele gritando para todo mundo que ela é minha e que só eu tenho o direito de tocar nela dessa forma.

Sinto olhos fixos em mim e me volto para o Bento, que agora me encara de uma forma estranha e eu não consigo decifrar o que é.

—Guilherme. — Seu tom de voz é firme ao pronunciar meu nome.

A Malu parece se dar conta que eu estou no quarto e em um pulo sai dos braços dele.

Eu me aproximo da cama a passos vacilantes, parando ao lado dela e estendendo a mão para ele.

A que ponto eu cheguei! Não sei como agir com meu próprio irmão.

Mesmo que minha vontade seja abraça-lo, tenho medo que ele não queira, ou pior que me empurre e diga coisas que irão nos machucar ainda mais.

Eu sei que temos nossas diferenças, mas agora eu só queria sentir que

tenho o amor do meu irmão de novo, eu só queria que ele me olhasse daquela forma que fazia quando éramos crianças e ele me admirava por ser seu irmão mais velho, dizendo o tempo todo que queria ser igual a mim.

Meu braço continua estendido aguardando que ele tome uma decisão, eu queria muito que ele pelo menos me desse uma chance.

Eu sei que tenho muito que explicar, mas eu precisava que ele me desse uma abertura, a mínima que fosse.

Ele olha para a minha mão estendida, depois para nossos pais, seus olhos se voltam para os da Malu e mais uma vez parece que eles conversam silenciosamente entre si.

Estou quase desistindo quando ele olha dentro dos meus olhos e me surpreende ao dizer: —Eu não quero esse aperto de mão.

Sinto meu corpo inteiro se retesar com a recusa dele.

Olho para meus pais que estão com os olhos arregalados, surpresos, com certeza não esperavam essa reação do Bento, e eu juro que nem eu esperava. A Malu está com a boca aberta e estreita os olhos para ele, parece que está pronta para me defender. E mesmo que eu esteja com o coração pesado por essa atitude do Bento, tenho vontade de sorrir por ver minha menina querendo sair em minha defesa.

—Bento! — Malu o repreende.

Ele olha para ela tranquilamente e depois para mim.

—Guilherme, nós temos muito o que conversar, muito o que acertar e mais ainda, muito o que explicar, mas eu não aceito agora esse simples aperto de mão. Não aceito porque eu quero um abraço seu, eu quero sentir que eu tenho o meu irmão do meu lado, e lembrar como é bom ter você de novo na minha vida.

Meus olhos se enchem de lágrimas com cada palavra proferida por ele, eu estou tentando segurá-las, mas como eu posso me manter firme e não parecer um garotinho chorão depois de ouvir isso?

Não penso duas vezes e o abraço. Não aquele abraço de homem meio de lado com tapinha nas costas. Não, esse é um abraço completo, apertado, cheio de emoção e saudade.

Mesmo tentando eu não consigo mais segurar e deixo que as lágrimas

caiam pelo meu rosto, porque a angústia que eu sentia desde o dia em que discutimos no meu apartamento e ele foi embora da cidade começou a se dissipar no exato momento que ele me abraçou e eu senti que a nossa relação tem salvação.

Ainda abraçado a ele eu digo: —Eu pensei que nunca mais teria a chance de te abraçar, que eu não poderia me explicar e pedir perdão por tudo o que aconteceu.

Após um tempo naquele abraço nos soltamos e eu limpo minhas lágrimas, vejo que ele faz o mesmo enquanto sorri para mim. —Nós teremos muito tempo para conversar e para nos perdoar, mas agora eu só quero ter minha família ao meu lado e viver cada segundo ao lado de vocês. — Ele diz e eu o entendo, porque ele esteve entre a vida e a morte e poderia nunca mais ter voltado para nós.

Então a voz da minha mãe soa atrás de nós. —Como assim se perdoar? — Merda! E agora?

—Coisas de irmãos Dona Marta, que caem na porrada em um segundo e logo depois estão se abraçando. — O Bento com aquele jeito moleque de ser fala arrancando risadas de todos no quarto. Ele sempre foi assim, iluminava o local que estava.

Ele olha para a Malu. —E você minha linda? Quero saber como você está? Pelo pouco que soube o acidente que sofremos foi muito grave. — Ele pega sua mão e fala. —Quando eu acordei só queria ter notícias suas. Suas e do nosso bebezinho.

—Ah Luiz, eles não formam um casal lindo? Casal não, família, já que agora nosso neto está a caminho.

Puta que pariu! E agora?

Nós quatro olhamos para a minha mãe que está com um sorriso radiante no rosto. Eu preciso fazer alguma coisa, eu não posso deixar que essa mentira continue, mas antes que eu tome qualquer atitude o Bento mais uma vez me surpreende e fala em alto e bom som.

—Mãe, depois de tudo o que passei eu jurei para mim mesmo que ia viver minha vida de forma intensa e sem mais mentiras. E uma delas eu quero que acabe agora, porque eu não quero mais ter que viver me escondendo de vocês. — Ele olha para nosso pai, e logo depois volta o olhar para nossa mãe.

—Eu já imaginava que vocês estavam pensando que a Malu era minha namorada, e a culpa disso tudo é toda minha que deixei que você pensasse isso quando te liguei avisando que estava voltando para casa e ia trazê-la comigo, mas ela não é minha namorada mãe, ela é uma grande amiga que esteve ao meu lado em um dos momentos mais difíceis que eu passei na vida. Ela é como uma irmã para mim. E esse bebê que carrega, mesmo eu o amando muito, não é meu filho.

Um silêncio invade o quarto, olho para a mãe e vejo que ela está pálida, então volto o olhar para a Malu e parece que ela pode desmaiar a qualquer momento, com certeza não esperava essa sinceridade do Bento.

Como ninguém fala nada, o Bento continua. —E já que as pessoas mais importantes da minha vida estão reunidas aqui, eu quero aproveitar para começar do zero essa nova chance que Deus me deu. — Ele olha para nossos pais e respira fundo, como se estivesse tomando coragem. —Mãe, pai, eu sou gay.

Capítulo 35

Guilherme

PUTA QUE PARIU!

Que merda o Bento acabou de fazer?

Como ele conseguiu transformar um momento de pura emoção e felicidade em tensão e desespero.

Encaro o Bento o fulminando com o olhar. Porra! Não era para ele ter jogado tudo assim!

Ele olha para a nossa mãe como se estivesse pronto para ser crucificado, esperando que ela fale algo sobre ele ser gay, mas mal sabe ele que ela acreditava piamente que a Malu era sua mulher e que ia ser avó.

Merda!

Minha mãe permanece com a boca aberta e os olhos vidrados nele. Parece estar tentando processar tudo o que ele jogou em cima dela. Foi muita informação, muitas revelações, e o principal, ele desmentiu a história que eu criei e acabei fazendo a Malu embarcar nela comigo.

Porra!

Meu pai permanece imóvel ao seu lado, a reação dele eu já sei qual é, ele vai ponderar tudo e depois que eu explicar a situação irá entender e acabará aceitando. Já da minha mãe, podemos esperar tudo.

Não era para ter sido assim. Eu ia conversar com calma com eles. Claro que eu não falaria sobre a sexualidade do Bento, afinal essa era uma decisão dele e não minha, mas explicaria sobre a Malu e o bebê, e que ela só mentiu porque eu pedi acreditando ser o melhor para todos.

O olhar da minha mãe se volta para a Malu, que está de cabeça baixa e aperta uma mão na outra freneticamente. —Maria Luísa, olha para mim. — Minha mãe diz. A Malu levanta a cabeça e seus olhos perdidos se fixam em mim. —Eu disse para olhar para mim! — Ela fala com o tom de voz mais alto.

—Mãe... — O Bento tenta falar, mas minha mãe o interrompe.

—Calado, minha conversa com você será outra. — Ele se cala na mesma hora porque sabe que quando a Dona Marta está desse jeito é melhor não tentar contrariá-la.

—Dona Marta, eu... — Malu começa a falar, mas desiste. Acho que ela não sabe nem como se explicar.

—Como você teve coragem de fazer isso comigo? Eu te acolhi na minha casa, te tratei como uma filha e você esse tempo todo fingindo ser uma coisa que não era. Me deixando acreditar que eu ia ser avó!

—Eu não queria...

—Se não queria porque não me contou? O que mais fizemos esses dias foi conversar. Eu sempre te dei abertura suficiente para você me falar qualquer coisa. — Minha mãe está nervosa, dificilmente a vejo assim. — Você estava esperando o que? Que meu filho morresse para você continuar com esse fingimento e viver as nossas custas?

—Calma Marta. Também não é assim. — Meu pai tenta intervir.

Sinto a Malu se encolher ao mesmo tempo que abaixa a cabeça e não fala nada, e eu estou ao lado dela sem reação.

—Você não precisava ter mentido para mim Maria Luísa, eu te acolheria e te trataria como uma filha independente de qualquer coisa, mas você preferiu me enganar, me deixar acreditar em uma coisa que sempre sonhei, que era ser avó. Somente para ter isso tirado de mim e descobrir que a menina doce que eu confiei de doce não tinha nada, mentiu e traiu a minha confiança. — Malu começa a chorar silenciosamente e eu sinto sua dor em mim. —Me diz por que você fez isso? Conforto? Dinheiro? Status?

Malu ofega ao meu lado e eu não aguento mais, a puxo para os meus braços enquanto ela chora copiosamente, escutando calada cada palavra dita. Minha Malu não merece isso.

—O que é isso Guilherme? Vai dizer que caiu nos encantos dela também? — Minha mãe fala com raiva. Eu não esperava uma reação tão ruim assim. Apesar de que se tem uma coisa que ela nunca tolerou foi mentira, e eu imbecil criei uma imensa e ainda carreguei outra pessoa comigo. A Malu começa a tremer nos meus braços, eu tenho que fazer alguma coisa.

—Gui... — Ela sussurra grudada em mim.

—Mãe, por favor, fica calma. Deixa eu acalmar a Malu e depois nós sentamos e conversamos.

—Eu não vou ficar calma. Eu não quero ficar calma. Espera! Você sabia? Me enganou também? É isso que você está querendo dizer?

—Gui... — Ouço a voz baixa da Malu e olho para ela, vejo que está pálida e com a boca roxa.

—Malu, você está bem?

—Gui, eu acho que eu... eu vou... — Ela não consegue terminar de falar, seus olhos se fecham, seu corpo fica mole nos meus braços e ela perde os sentidos bem diante de mim.

Demoro cerca de 2 segundos para ter uma reação.

Ouço pessoas falando ao meu redor e sinto alguém tentando pegar a Malu dos meus braços, não sei quem é, meu foco está todo no rosto sem vida dela. Empurro quem quer que seja e a pego no colo, saindo em disparada pelo corredor do hospital ao mesmo tempo que grito pedindo por ajuda.

Um enfermeiro vem correndo pelo corredor de encontro a mim.

—O que aconteceu?

—Ela desmaiou, está grávida. — Minha voz soa desesperada, e quando olho para ela completamente mole no meu colo o desespero aumenta ainda mais.

O enfermeiro corre na minha frente e me guia para dentro de um quarto, a coloco deitada na cama e logo após um médico entra e pede que eu saia.

Eu não quero sair, mas sei que posso atrapalhar se ficar.

Merda!

Saio pela porta olhando para minha Malu uma última vez antes de fechá-la.

Me sento em uma cadeira de frente para a porta e fico a encarando pelo que parece ser uma eternidade, mas deve ter passado apenas alguns minutos, já que ninguém entrou ou saiu de lá de dentro.

Sinto alguém se sentar ao meu lado e colocar a mão na minha perna.

Olho para a pessoa e vejo que é o meu pai.

—Você quer me contar o que está acontecendo? — Ele diz.

—Eu não sei pai. Só sei que o Bento não deveria ter jogado tudo assim em cima de vocês. E agora a minha mulher está lá dentro desmaiada e não me deixaram ficar com ela.

—Minha mulher? — Meu pai praticamente grita do meu lado.

—Sim pai, minha mulher. É o que ela é, e já que a bomba estourou mesmo, é bom que vocês já saibam de tudo. Cadê a mãe?

—Ela pediu que eu saísse do quarto porque queria conversar sozinha com o Bento. E mesmo fingindo que não, sei que está preocupada com a Malu e se culpando por esse desmaio. Eu vi nos olhos dela quando pediu que eu saísse e viesse atrás de você. Mas eu quero que você me diga o que está acontecendo meu filho, e sem mentiras.

—Pai, eu não sei...

—Se abre comigo Guilherme. Nós sempre fomos amigos.

—Tudo bem. — Respiro fundo e começo. —Quando a mãe disse que o Bento estava voltando e trazendo a namorada junto eu sabia que aquilo não podia ser verdade. Eu descobri que o Bento era homossexual pouco antes dele ir embora de casa, na verdade eu já desconfiava, mas só tive certeza depois.

—Eu também desconfiava.

Olho para o meu pai incrédulo. —Você sabia?

—Eu não sabia, mas um pai conhece seus filhos, e eu sempre vi a diferença entre você e o Bento, que começou a aparecer mais na adolescência. Por diversas vezes eu tentei conversar com ele, mas acabava travando na hora porque não queria parecer invasivo. Eu queria que ele por vontade própria se abrisse comigo. Mas continua o que você estava falando.

—Então houve o acidente e a mãe ficou arrasada com o Bento entre a vida e a morte, e aí ela descobriu que a mulher que estava vindo com ele estava viva e grávida e surgiu com essa história de ser avó, eu vi ali um motivo para ela ser forte e permanecer firme, afinal ela teria mais um motivo para sorrir. Um neto. Eu sei que foi errado e que eu não deveria ter feito isso. A Malu queria contar, mas eu não deixei. E nesse meio tempo eu acabei me

envolvendo com ela. — Dou uma risada triste e olho para ele. —Eu me apaixonei, pai. Eu amo essa mulher de uma forma que eu nunca pensei que poderia amar ninguém na vida. Só que ela tinha medo de se envolver... você não tem ideia do que ela já passou e do porque estava vindo para cá com o Bento. Sua história é tão triste que eu tenho vontade de colocar ela em um casulo e não deixar ninguém nunca mais a magoar.

Meu pai sorri brilhantemente para mim. —Enfim o meu menino virou um homem.

Sorrio em resposta. —Eu a amo tanto pai. A amo com todas as minhas forças, e ontem ela finalmente decidiu se render a esse amor, e eu estava tão feliz, tão em êxtase... — Abaixo a cabeça e continuo. —Quando chegamos em casa nós íamos contar tudo para vocês. A Malu estava morrendo de medo da reação da mãe, ela realmente a ama demais. Mas antes que a gente pudesse falar a Rosa nos interrompeu e o resto você já sabe. Mas saiba pai, que se tem algum culpado disso tudo sou eu. Inclusive sou culpado pela minha mulher estar dentro desse maldito quarto desmaiada.

Meu pai coloca a mão no meu ombro e fala. —Ela vai ficar bem filho, a pressão de algumas mulheres cai muito durante a gravidez, principalmente se sofrer grandes emoções. — Ele tenta me confortar. —Mas Guilherme, ela está grávida, como você vai lidar com isso?

—Eles são meus, pai. Ela e o bebê são meus. Eu sempre vi a relação de vocês, sua com a mãe, como uma exceção à regra da vida, e nunca imaginei que pudesse ansiar ter algo assim. Só que hoje eu não me vejo de outra forma, eu não me vejo sem a Malu. Eu quero amá-la como você amou minha mãe e cuidar desse bebê e dos outros que virão da mesma forma que você cuidou de mim e do Bento, com amor e carinho sem deixar que a gente se perdesse pelo caminho.

Meu pai me abraça emocionado. —Que orgulho de você, meu filho. Você não será igual a mim, você será melhor do que eu. E eu vou estar ao seu lado para o que você precisar, sempre.

A porta se abre e eu o solto, levantando e andando na direção do médico. —Como ela está?

Ele olha para mim e para o meu pai. —O que vocês são da Maria Luísa?

—Eu sou o namorado dela. Como ela e nosso filho estão?

—Eles estão bem.

—Graças a Deus. — Meu pai fala ao meu lado.

—Ela teve uma queda de pressão, mas já está normalizada. Pode ter sido causada por diversos fatores, como falta de uma alimentação apropriada, desidratação ou até mesmo estresse.

—Eu posso vê-la? — Pergunto, mesmo sabendo que ele deixando ou não eu vou entrar nesse quarto.

—Pode sim, mas apenas você. Ela está dormindo, acordou nervosa e começou a chorar, mesmo a gente falando que o bebê estava bem, então achamos melhor aplicar um sedativo leve para que ela descansasse. Ela precisa ficar calma, não faz bem para ela e nem para o bebê ficar nesse estado.

Olho para o meu pai e digo: —Eu queria conversar com a mãe, mas eu não posso deixar a Malu agora.

Meu pai sorri e dá tapinhas no meu ombro. —Muito bem, meu filho. Cuida bem da sua mulher porque pelo pouco que a conheço ela é uma em um milhão, assim como a sua mãe. E pode deixar que eu vou conversar com a Marta e tentar amansar a fera. Fica tranquilo que tudo vai se resolver, você vai ver. — Ele diz e sai andando pelo corredor na direção do quarto do Bento.

Meu pai é o meu maior exemplo de homem, e se ele diz que tudo vai ficar bem eu me sinto um pouco aliviado.

Espero meu pai sumir no corredor e entro no quarto, meu peito se aperta ao ver minha Malu, sempre tão cheia de vida, deitada em uma cama de hospital. Puxo a cadeira e sento ao seu lado, passo a mão pelo seu rosto e cabelos, logo depois dou um beijo em sua testa. Ela se mexe um pouco, mas não acorda. Pego sua mão na minha e deixo também um beijo ali, esperando que ela possa sentir a minha presença e o quanto a amo.

Fico olhando para ela e lembrando de todos os momentos que vivemos juntos até agora, desde as nossas brigas até o sexo, que diga-se de passagem é maravilhoso. Nunca senti tanta química com nenhuma outra mulher.

Claro Guilherme, você a ama. Por isso é tão perfeito.

Minha consciência acusa e eu sorrio. Sim eu a amo, nunca achei que

diria isso com tanta facilidade.

Fico a observando dormir por um bom tempo. Eu só queria que ela acordasse e olhasse dentro dos meus olhos, abrisse aquele sorriso que pode me deixar de joelhos e dizer que me ama e que tudo vai ficar bem.

Para ser sincero, estou com medo de como será daqui para frente, eu amo muito minha mãe, mas também amo demais a Malu. Por isso fico tentando me convencer que minha mãe vai acabar entendendo tudo, mas no fundo tenho medo que as coisas não sejam tão simples e eu tenha que escolher um lado.

Não consigo me imaginar sem nenhuma das duas e vou fazer de tudo para tê-las para sempre comigo.

Estou tão absorto nos meus pensamentos que não percebo o que acontece ao redor até que sinto um aperto na minha mão, olho para a Malu e ela está sorrindo para mim. Chego mais perto e colo nossas testas, ela passa a mão livre na minha barba e sussurra. —Meu amor.

Sorrio para ela, é a segunda vez que ela faz isso, mas dessa vez eu tenho a plena certeza de que ela está falando para mim, e a sensação de saber que sou seu amor é surreal, é perfeita, é indescritível. —Eu te amo. — Digo a ela que sorri ainda mais, mas então seus olhos se desviam dos meus na direção da porta e seu corpo fica totalmente tenso. Viro a cabeça e vejo minha mãe parada ali, com certeza tentando assimilar a cena que acabou de presenciar.

—Mãe...

Ela levanta a mão para me calar. —Eu gostaria de conversar com a Maria Luísa. — Antes que eu possa falar ela continua. —A sós.

Olho para minha Malu que está com olhos assustados, e minha vontade é de não arredar o pé daqui, pelo contrário, quero falar para minha mãe sair e nos deixar, a Malu não pode mais se estressar.

—Estou esperando Guilherme. — Volto a olhar para minha mãe. —E pode deixar que eu sei muito bem que ela não pode sofrer fortes emoções, não precisa me olhar como se quisesse me expulsar daqui.

Me viro para Malu e nos encaramos por alguns segundos, até que ela assente com a cabeça, dizendo silenciosamente que está tudo bem.

Suspiro, deixo um beijo em sua testa e me levanto, passando pela minha mãe e saindo do quarto sem saber o que pode acontecer ali dentro, mas pronto para voltar a qualquer instante e defender minha mulher.

Malu

Olho apreensiva para a mulher que aprendi a amar como uma mãe em tão pouco tempo. A reação dela foi muito pior do que eu imaginava, tanto que não consegui me defender, apenas chorei e acabei desabando nos braços do Guilherme. A dor no meu coração era tanta que não aguentei, ainda mais por saber que a culpa era toda minha e ela tinha total razão em ficar tão brava.

Quando ela entrou no quarto e nossos olhares se encontraram eu não consegui identificar nenhum sentimento da parte dela, então ela pediu que ficássemos a sós e o Guilherme parecia pronto para lutar por mim, mas eu tenho que ser mulher e enfrentar a situação por mim mesma.

Eu sei que se depender do Guilherme ele irá assumir a culpa toda sozinho, mas eu sou tão culpada quanto ele, talvez até mais. Eu deveria ter contado para ela que eu não era namorada do Bento e que o bebê não era dele assim que pude. Se eu tivesse feito isso estaríamos evitando todo esse sofrimento e eu não estaria sentindo esse desespero e esse medo de perder o amor da única mulher que já cuidou de mim com tanto carinho.

Ela se aproxima da cama do hospital com calma, senta na cadeira que antes o Guilherme estava e sem tirar os olhos dos meus pergunta: —Como você e o bebê estão?

—Estamos bem. — Minha voz soa baixa, quase um sussurro.

Ela suspira, desvia os olhos para minha barriga e fala: —Sabe, eu sempre sonhei em ser avó.

Sinto como se uma faca estivesse sendo cravada no meu peito. —Me desculpe, Dona Marta. Eu não queria que fosse assim. — Falo com os olhos cheios de lágrimas.

Ela volta o olhar para mim e vejo que eles também estão marejados. — Eu ouvi muita coisa desde que você desmaiou no quarto do Bento, logo após ele ter dito tudo aquilo. Foram informações demais para assimilar de uma vez, mas eu estou conseguindo, e muitas coisas que antes não faziam sentido

na minha cabeça agora estão começando a se encaixar. Porém eu quero ouvir de você. Eu quero saber a sua versão da história. Eu quero que você me conte tudo o que aconteceu desde o dia que você conheceu o meu menino lá onde vocês moravam até a cena que eu acabei de presenciar entre você e o Guilherme. — Ela faz uma pausa. —E Maria Luísa, eu já tenho uma opinião formada sobre tudo o que aconteceu, então pense bem o que você irá dizer, porque é isso que vai definir o futuro da nossa relação.

Meu coração acelera, ela está me dando uma chance de me explicar, e eu não preciso pensar nem um segundo para decidir que eu nunca mais irei mentir para ela.

Fecho os olhos para tomar coragem, e quando os abro olho no fundo dos seus olhos para que ela veja minha sinceridade e conto tudo, exatamente da mesma forma que eu fiz com o Guilherme. Eu não começo do dia que conheci o Bento, eu conto para ela toda a minha vida, desde a infância no orfanato, da minha adoção, de como sempre acabei sendo abandonada, de como sempre me senti sozinha e rejeitada, de como o Bento foi um anjo que Deus mandou para a minha vida e de como o Max me enganou e me humilhou, e que foi por isso que eu vim para cá com o Bento.

Falo tudo de uma vez sem dar uma única pausa. Eu simplesmente jogo as palavras em cima dela sem esperar para saber se ela está conseguindo me acompanhar. Ela apenas me olha sem esboçar nenhuma reação e eu tenho medo, muito medo que ela não esteja acreditando em mim.

—E com relação ao Guilherme, eu juro para a senhora que eu não queria me envolver com ele. Eu lutei contra esse sentimento que surgiu no meu peito no exato instante em que nós nos olhamos. Eu lutei principalmente pela situação em que eu me encontrava, sozinha em um local desconhecido, com um filho na barriga e sustentando uma mentira para a mulher mais maravilhosa que eu já conheci na vida. — Seco uma lágrima que escapou. — Mas eu não consegui ser forte o suficiente e acabei me entregando a ele, eu não pude ir contra esse sentimento avassalador que tomou conta de mim. E o Guilherme, apesar de no começo ter sido rude e ter me humilhado, cuidou de mim e me mostrou como pode ser doce e carinhoso. Como eu posso amar e ser amada. Ele me mostrou que apesar de tudo eu ainda posso ser feliz. Nós íamos contar tudo para vocês hoje, mas então o Bento acordou e acabou fazendo isso pela gente. — Abaixo a cabeça sem conseguir mais olhar para ela. —Mas Dona Marta, eu juro que eu não fiz por mal, eu tentei contar

diversas vezes, mas aí eu acabava desistindo porque eu via a senhora tão triste pelo estado do Bento e sentia que o bebê era como um bálsamo para a sua dor. E eu amo muito a senhora, amo como uma mãe, como a mãe que eu não tive, e eu vou entender se a senhora não puder me perdoar, mas eu peço que por favor tente, porque eu não sei se conseguiria mais viver sem ter a senhora na minha vida.

Passo as costas das mãos pelas bochechas, tentando em vão limpar as lágrimas que agora caem sem cessar.

Por alguns segundos não escuto nada a não ser minha respiração, então ouço a cadeira que ela estava sentada deslizar pelo chão abruptamente e olho para ela, que se levantou e está com o semblante fechado e o rosto vermelho, como se estivesse com muita raiva e pronta para explodir, então me preparo para mais uma vez ser abandonada, mas dessa vez será pior, porque sei que tudo é culpa minha.

Capítulo 36

Alguns momentos antes...

Bento

Não sei o que diabos acabou de acontecer aqui, mas está tudo confuso pra cacete.

Assim que acordei e soube de tudo o que passei, de como quase morri naquele maldito acidente, do tempo que fiquei em coma e de que eu poderia ter acordado com sequelas ou ter apenas continuado dormindo, tomei uma decisão que iria mudar tudo.

Decidi que a partir daquele momento eu seria um novo homem e que começaria uma nova vida do zero, que viveria intensamente, sem mágoas e muito menos rancores do passado, afinal nunca se sabe o que o futuro pode nos reservar, e para esse novo início eu precisava fazer algo que tinha que ter sido feito há muito tempo. Eu precisava tirar do meu peito essa angústia de me esconder e fingir ser algo que eu não era, então, assim que encontrasse os meus pais abriria o jogo com eles sobre a minha orientação sexual, e foi o que fiz, mas agora começo a achar que não foi uma ideia tão boa ter feito isso de forma tão abrupta.

Ao que tudo indica minha mãe realmente achava que a Malu era minha namorada, só não entendi até agora porque minha amiga sustentou essa mentira que ela nem sabia que eu ia inventar.

Eu sei que dei a entender para a Dona Marta que estávamos juntos, mas ia conversar sobre isso com a Malu antes de chegarmos e pedir sua ajuda para preparar o terreno até ter coragem de me abrir para a minha mãe.

Hoje vejo que foi uma ideia estúpida e totalmente sem sentido, e pelo que vi aqui nesse quarto acabou gerando uma confusão das grandes.

Outra coisa que não estou entendendo é essa proximidade do Guilherme com a Malu. Eu vi o olhar de homem possuído que ele me lançou quando a abracei, e o mais espantoso é que foi totalmente espontâneo da

parte dele, conheço meu irmão, ele acha que é um bom ator e que sabe esconder seus sentimentos, mas eu sempre soube o que se passava com ele só de olhar dentro dos seus olhos. E o que eu vi ali me assustou, parecia como um homem apaixonado e totalmente furioso, parecia o olhar do meu pai quando via um homem se aproximando da mãe.

Então ele se aproximou de mim, e seu olhar mudou. Eu vi ali tanto remorso, tanto arrependimento, que resolvi deixar por ora o passado de lado e ter o meu irmão de novo comigo.

Claro que ainda temos muito o que conversar, mas eu só queria sentir aquele abraço de irmão e amigo que só ele sabe me dar e que tanto senti falta.

Saber que ele estava ali ao meu lado, como a minha amiga, me deu mais coragem para abrir o meu coração. Eu só não esperava a reação da minha mãe, não essa raiva direcionada a Malu. E quando minha amiga começou a chorar e eu vi o desespero do Guilherme a abraçando e mais ainda quando ela desmaiou, só me fez ver que as coisas são muito mais complexas do que eu imaginava.

Mas que porra!

Eu não devia ter jogado tudo assim em cima deles. Devia ter sondado primeiro como as coisas estavam para depois assumir para eles minha sexualidade.

Que merda que eu não penso antes de agir.

Eu tentei levantar e ir atrás da Malu, meu coração martelava no peito de tanta culpa e preocupação, se algo acontecer com ela e meu afilhado por minha causa eu não vou me perdoar, mas meu pai me impediu dizendo que eu não podia me esforçar, que o Guilherme ia cuidar dela e que ela anda fraca porque não está conseguindo se alimentar direito por causa dos enjoos da gravidez.

Mesmo ouvindo isso tudo a minha vontade é de ir lá e ver com meus próprios olhos se ela realmente está bem, mas minha mãe manda eu me deitar e apenas olha para o meu pai e pede que ele vá atrás deles, dizendo que queria conversar comigo a sós. E ali eu soube que eu não podia mais fugir, que a hora de enfrentar minha mãe tinha finalmente chegado.

Ela espera meu pai sair e fala com os olhos cheios de lágrimas. —Por que Bento?

Como eu posso explicar para a minha mãe que eu não gosto de mulheres de forma sexual? Como eu posso explicar para ela que eu não vou ter uma família tradicional? Mas que eu quero muito formar uma família um dia, quando eu encontrar o grande amor da minha vida e adotar no mínimo duas crianças que vou amar e educar do mesmo jeito que ela fez comigo?

—Mãe, eu não sei como isso aconteceu...

Ela se aproxima de mim, agora as lágrimas rolam pelas suas bochechas. —Foi por isso que você foi embora?

Abaixo a cabeça porque não quero ver a desaprovação no seu olhar para o que eu vou falar a seguir. —Também mãe. Chegou um ponto da minha vida que eu não conseguia mais esconder o que eu era, e a última coisa que eu queria era que você sofresse ou me olhasse de forma diferente pelo que eu sou. Eu só queria ser feliz e continuar tendo o seu amor.

—Ah meu Deus! — Minha mãe fala e começa a soluçar.

—Me desculpa mãe, mas eu sou assim e não tenho nada que possa fazer para mudar. E eu... eu queria muito que você tentasse entender, não precisa aceitar e nem conviver com as minhas escolhas, mas eu não podia mais guardar isso dentro do meu peito.

—Olha para mim. — Ela pede e eu faço. —Quando Bento? Quando eu dei a entender que não te aceitaria? Me diz quando? — Abro a boca para responder, mas ela me impede. —Eu mesma vou te responder. Nunca. Eu nunca fiz isso. Eu sempre disse que gostaria que vocês, você e seu irmão, formassem uma família e fossem tão felizes quanto eu e seu pai. Mas família Bento não significa um homem e uma mulher, família significa amor, carinho, companheirismo e respeito. — Lágrimas começam a cair dos meus olhos quando ela passa as duas mãos pelo meu rosto. —Eu te amo meu menino, e não me importa se você vai me apresentar uma nora ou um genro, ou como você vai formar a sua família. Eu só quero que você seja feliz e esteja sempre perto de mim para que eu possa te amar e te mimar como a mãe coruja que eu sempre fui.

Eu não consigo falar, minha garganta parece estar fechada, então eu choro. São tantos sentimentos juntos no meu coração que eu não consigo fazer outra coisa a não ser chorar.

Sinto alegria por saber que ela me aceita como eu sou, sinto remorso

por não ter falado antes com ela e ter evitado tanto sofrimento, sinto tristeza por ter perdido tanto tempo ao lado dela e da minha família, alegria por saber que vou poder viver sem ter que me esconder, e plenitude por finalmente me sentir livre.

Ela me abraça e sinto que posso me afogar em tanto amor nesse abraço. —Me perdoa por não ter percebido que você precisava tanto de mim, me perdoa por não ter notado os pequenos detalhes que você deixou escapar, por não ter sido a mãe que você precisou, e principalmente se te deixei achar que eu te recriminaria por ser o que você é. — Ela diz abraçada a mim.

—Eu não preciso te perdoar por nada mãe. Você foi e é a melhor mãe que alguém poderia ter na vida. — Me afasta para olhar seu rosto. —Eu estava com tanta saudade de você, mãe. Me perdoa por não ter te falado antes, me perdoa por ter sido covarde, mas eu tinha medo que você me olhasse diferente, e eu não suportaria não ter o seu amor, o seu apoio, o seu carinho.

—Eu poderia te olhar diferente sim Bento, mas seria um olhar de admiração por você ser corajoso o suficiente de enfrentar esse mundo tão preconceituoso e lutar pela sua felicidade. Eu teria estado ao seu lado para te ouvir e te aconselhar sempre. Eu te amo, Bento. E vou amar tudo de você, vou amar tudo o que vier com você. Você estando feliz eu vou estar ao seu lado sempre.

A abraço de novo porque palavras não podem descrever o alívio e o peso que saíram de dentro de mim. Ela sorri ainda em meio as lágrimas e beija o meu rosto inteiro. —Meu menino doce, eu tive tanto medo de te perder meu filho. Foram dias e noites de angústia, pedindo a Deus que não levasse embora o meu anjo. — Ela limpa minhas lágrimas enquanto as suas continuam caindo. —E se prepare, porque nem tão cedo você sai de debaixo da minha asa.

Dou uma risada pelo jeito que ela fala. —Como eu senti sua falta Dona Marta. E eu vou ficar muito feliz de ficar debaixo da sua asa, para falar a verdade, eu não quero nunca mais sair de debaixo dela.

—E eu senti muito a sua falta, meu menino. Promete que nunca mais vai esconder nada de mim? Além de sua mãe eu sou sua amiga. Sempre fui.

—Eu juro, mãe. E é por isso que nós precisamos conversar sobre a Malu.

Presente

Malu

Continuo olhando para a Dona Marta que parece que vai explodir a qualquer instante, ela vira as costas para mim e eu sinto a dor da rejeição e abandono me invadir, mas então me surpreendo quando ela não sai do quarto, apenas fica ali parada puxando respirações profundas, como se estivesse tentando se acalmar.

Ela continua ali por um tempo, até que parece estar mais tranquila, então vira de frente para mim de novo e fala: —Levanta.

—O que? — Pergunto sem entender.

—Eu disse para você levantar. Agora.

Eu obedeço, mesmo com medo do que me aguarda, mas o que acontece assim que me levanto me deixa totalmente sem palavras.

Ela se aproxima de mim olhando dentro dos meus olhos e diz com o tom de voz baixo. —O que você fez foi errado Maria Luísa, muito errado. Você deveria ter me falado a verdade, por mais dolorosa que ela fosse.

—Me perdoa. — Falo abaixando a cabeça, envergonhada demais por tudo o que fiz.

Ela então coloca as duas mãos no meu rosto, o levantando para que pudesse me olhar nos olhos, e com os olhos marejados diz: —Eu te perdoei antes mesmo que você pedisse desculpas. E sabe por que? — Nego com a cabeça. —Porque eu te amo, Malu. Amo você como a filha que eu não tive. Eu vou te contar uma coisa, eu sempre sonhei em ter uma menina, mas Deus me presenteou com dois homens, e logo após o nascimento do Bento o médico me disse que eu não poderia ter mais filhos, que seria arriscado demais uma próxima gravidez, e a minha tão sonhada garotinha ficou guardadinha aqui dentro do meu peito como um sonho distante que eu nunca poderia alcançar. E eu tenho pena, Malu, muita pena das duas mulheres que tiveram você, que tiveram nas mãos a oportunidade única de te chamar de filha e a desperdiçaram. Porque você é isso, Malu. Você é única.

Soluços escapam da minha garganta sem que eu possa controlar.

—Você é exatamente como a menina que eu sempre sonhei ter. Linda,

doce, delicada e gentil, mas também guerreira e forte, que não abaixa a cabeça e enfrenta as adversidades da vida de queixo erguido, mesmo tendo que fazer isso tudo sem ninguém ao seu lado. Mas você pode ter certeza que nunca mais, nunca mais mesmo você vai estar sozinha. Você agora tem uma família, Malu. E você tem a mim, principalmente a mim, que se você quiser serei a mãe que você não teve. E eu espero de coração que você queira porque eu gostaria muito que você fosse a filha que eu não tive.

Quando ela termina de falar eu estou chorando e soluçando sem conseguir me conter. —Mas eu pensei... você estava tão irritada, tão nervosa...

Ela enxuga minhas lágrimas tranquilamente. —Eu estava sim, Malu, com muita raiva, mas não de você, porque o Bento já havia me dito a mulher incrível que você é. Ele não me deixou sair do quarto até que eu entendesse a pessoa maravilhosa que ele chama de amiga. Eu estava com raiva das pessoas que te fizeram sofrer tanto minha menina, da vida que foi tão cruel com você, do homem que te abandonou e te humilhou quando você mais precisou. Mas agora isso tudo é passado, porque eu vou te amar tanto, mas tanto, que você vai se sentir sufocada de tanto amor. — Ela fala sorrindo.

Sorrio em resposta. —Eu gostaria de me sentir sufocada por esse amor. Eu gostaria muito. E Dona Marta, me perdoa por ter deixado a senhora acreditar que ia ser avó, sei que acabei brincando com o seu sonho e seus sentimentos, e me sinto a pior pessoa do mundo por isso. A senhora era a última pessoa que eu queria magoar. A senhora me acolheu com tanto carinho e tanto amor, e eu não devia ter levado essa história a frente.

Neste momento a porta se abre e o Guilherme entra sem pedir permissão. —E quem disse que ela não vai ser avó? — Ele para ao meu lado e abraça minha cintura. —Mãe, eu sei que tem pouco tempo que eu conheço a Malu, mas eu vou assumir esse bebê como se fosse meu. — Então ele olha para mim e diz: —Como se fosse não, porque ele é meu. Ela e ele são meus.

Dona Marta sorri e passa a mão na barba do Guilherme chamando sua atenção. —Você não tem ideia do orgulho que estou sentindo de você, meu filho. Eu nunca te vi olhar para ninguém do jeito que você olha para a Malu. Você a olha do mesmo jeito que seu pai olha para mim, e eu sei muito bem que isso é amor, daqueles que duram uma vida inteira, e talvez até depois.

—Eu espero que sim, mãe. Porque eu sinceramente não consigo mais

imaginar a minha vida sem essa mulher aqui do meu lado. — Ele diz e dá um beijo na minha cabeça.

Ouço o suspiro da Dona Marta. —Que lindo, meu filho. Mas agora solta ela que eu quero abraçar minha menina. — E assim o Guilherme faz me vejo envolta em um abraço de mãe, aquele que eu sempre quis ter e nunca tive. E dessa vez parece diferente, dessa vez é leve, sem as mentiras que faziam eu me sentir culpada a cada instante. —Me perdoa por ter gritado com você minha filha. — Ela fala ainda abraçada a mim. —Eu estou me culpando tanto pelo seu desmaio, não me perdoaria se algo acontecesse com você ou com o bebê.

—Eu estou bem Dona Marta.

—Está, graças a Deus. Mas agora deita um pouco, você precisa descansar e eu preciso voltar lá para o quarto do Bento antes que ele venha aqui atrás de você. Menino teimoso, foi difícil fazer ele ficar lá, nem parece que acabou de acordar de um coma. — Ela coloca a mão no coração. —Eu nem acredito que eu tenho a minha família toda de volta, e agora ainda ganhei uma filha e um neto. É muita alegria para uma pessoa só. — Ela então olha para o Guilherme me ajudando a deitar de novo na cama e sorrindo diz: —Eu ia perguntar se você ia ficar aqui com ela, mas esse seu olhar todo protetor e cuidadoso já me mostrou que você não vai sair daqui de jeito nenhum.

—Eu não vou sair daqui nem que tentem me expulsar. Não até que ela possa sair comigo.

—Cuide deles que eu vou lá cuidar do seu irmão. — Ela me dá um beijo no rosto e sai do quarto, então ficamos apenas eu e o Guilherme que está me olhando com um sorriso imenso no rosto.

—Por que você está me olhando assim?

—Porque mesmo não tendo sido como eu planejei, no final deu tudo certo. Na verdade, deu mais que certo, porque agora além deles saberem que estamos juntos e nos amamos, meu irmão saiu do coma e eu vou poder finalmente pedir perdão pelos meus erros.

Quero perguntar o que ele fez de tão ruim para o Bento, mas acredito que não é o melhor momento para isso.

—E também estou te olhando assim porque você é linda. — Diz e se

aproxima ainda mais de mim, então passa o nariz pelo meu pescoço. —E cheirosa. — Coloca a mão na minha barriga. —Está carregando nosso bebê. — Roça o nariz no meu e fala: —E o principal. É minha. Completamente minha. — E sem que eu espere ataca minha boca em um beijo faminto que me deixa atordoada. Fecho os olhos e me deixo levar na sensação da sua língua duelando com a minha e vasculhando cada canto da minha boca, mas poucos segundos depois ele puxa os lábios dos meus e encerra o beijo me dando um único selinho.

—Me beija... — Digo com os olhos ainda fechados.

Ele passa a mão pelo meu rosto. —Não, Maria Luísa. Nada de beijos.

—Por que? — Abro os olhos e digo com o cenho franzido.

—Porque se eu começar a te beijar, não vou parar, vou querer arrancar suas roupas e te lamber inteirinha, da cabeça aos pés, dando atenção especial a uma parte do seu corpo que eu tenho certeza que está toda molhada e implorando pela minha atenção nesse momento.

Merda! Estou deitada em uma cama de hospital e completamente excitada, encharcada de tanto tesão querendo que ele dê atenção a essa parte do meu corpo.

—Mas espere Maria Luísa, porque assim que o médico entrar nesse quarto e falar que você está de alta, eu vou te pegar no colo, te levar para o meu apartamento e te foder até você gritar, perder as forças e praticamente desmaiar de exaustão de tantos orgasmos que vai ter. Serão muitos Malu, vou usar meus dedos, minha boca, minha língua e meu pau. E você vai gozar em cada um deles. — Fecho os olhos e gemo baixinho quando sinto seus dedos acariciando a lateral do meu seio. —Eu gosto muito desse som, Malu, mas ele está baixo demais. Guarde suas energias para mais tarde, porque você vai precisar.

E simples assim eu me vejo ansiando por essa alta e quase indo atrás do médico para dizer que estou bem e indo embora, não porque quero sair do hospital, mas porque quero que o Guilherme me leve para o seu apartamento e cumpra cada palavra que acabou de proferir.

Capítulo 37

Malu

Guilherme ficou ao meu lado o tempo inteiro, não saiu do quarto nenhum minuto. Eu já estava ficando impaciente, me sentia bem e não via motivos para continuar ali, mas ele foi irredutível e não deixou nem que eu me sentasse na cama, alegando que eu deveria ficar deitada, exatamente como o médico orientou, então dei graças a Deus quando a porta se abriu e eu ouvi a voz de um médico dizendo que iria me examinar e em seguida me liberar para ir para casa.

Enquanto o doutor falava e ia entrando no quarto o Guilherme continuava sentado segurando minha mão e olhando para mim com tanto amor que eu não conseguia desviar meus olhos dos seus. Sorri para ele quando ouvi a palavra liberar, lembrando de tudo o que ele havia me prometido para quando saíssemos daqui e vi suas pupilas se dilatarem na expectativa de me fazer sua de novo.

Desviei os olhos para o médico que tinha acabado de parar ao lado do Guilherme e me olhava com olhos tranquilos e quase parei de respirar.

Meu Deus do Céu! Que homem é esse?

O médico que entrou vestindo um jaleco branco não era um senhor de meia idade como os que eu costumo ver nesse hospital. Não. Nem perto disso.

Esse homem deve ter por volta de 25 anos. É loiro, alto, e parece que debaixo desse jaleco esconde um corpo musculoso. Olho para o Guilherme e vejo que ele seguiu o meu olhar, seu semblante agora está fechado e uma carranca se formou no seu rosto assim que o médico em questão abriu um sorriso enorme para mim mostrando seus dentes perfeitamente alinhados e brancos.

Sorrio em resposta, é impossível não fazer.

Ele é lindo, não vou mentir ou fingir que não é. Mesmo que eu esteja apaixonada pelo Guilherme isso não tirou a minha visão e muito menos vou deixar de admirar um homem como esse. A única coisa que está me

intrigando não é o fato de não me sentir atraída por ele, porque todos os homens para mim perderam a graça depois do Guilherme. O que está me deixando um pouco confusa é que sinto algo diferente em relação a ele, mesmo sem o conhecer.

Parece uma familiaridade que só senti com uma pessoa na vida, o Bento.

Esse homem tem olhos de menino e um sorriso encantador, o mesmo que o Bento me dá quando olha para mim

—Olá, Maria Luísa. Sou Mauricio, médico residente do hospital. O médico que inicialmente atendeu você teve que entrar em uma cirurgia de emergência e me passou o seu caso, então como eu disse anteriormente apenas irei te examinar e tudo estando certo vou assinar sua alta. Como você se sente, querida? — Ele fala com voz doce para mim.

Minha mente demora um tempo para processar, mas então eu entendo tudo. Sorrio ainda mais e abro a boca para responder, mas o Guilherme me interrompe.

—Ela está ótima, e se possível assine logo a alta da "minha" mulher para que eu possa leva-la para a nossa casa. — Ele frisa bem o "minha" quando fala com o médico, e já estou pronta para dizer que ele não precisa responder por mim quando vejo seu olhar furioso se voltar do doutor para mim.

Ah meu Deus! Ele está com ciúmes. O que é esse homem marcando território? E no caso território eu quero dizer "eu".

Minha vontade é de expulsar o médico do quarto, pular no pescoço do Guilherme, arrancar suas roupas e transar com ele aqui mesmo nessa cama de hospital. Só para mostrar que eu sou dele e de mais ninguém.

—Entendi. — O médico diz e sorri ainda mais para mim, então se volta para o Guilherme e fala: —Mesmo assim eu preciso examiná-la, então por favor me dê licença.

Olho para o Guilherme que parece estar tentado a não deixar o médico chegar perto de mim, então me adianto e falo: —Claro, doutor. Pode me examinar, porque quanto antes fizer isso, mais cedo irei para casa. — Termino de falar olhando dentro dos olhos do Guilherme para que ele entenda que se não deixar o homem me examinar eu não vou poder sair

daqui.

Ele entende o que eu quero dizer e sorri maliciosamente para mim enquanto varre o meu corpo com os olhos. Eu estou tentando me concentrar e não ficar excitada, ainda mais tendo o médico aqui conosco, mas fica cada vez mais difícil me manter sã com o Guilherme mordendo o canto da boca desse jeito.

Filho da puta! Ele sabe o que faz comigo e está fazendo isso de propósito.

—Você está bem, Maria Luísa? Ficou vermelha de repente. — O médico pergunta e eu fuzilo o Guilherme com o olhar e o desgraçado sorri largamente para mim.

—Estou bem sim, doutor. Só tenho sentido calor mais que o normal ultimamente. — Minto e sinto uma vontade insana de levantar e estrangular o homem ao lado do médico que continua sorrindo para mim.

—Durante a gravidez a temperatura corporal das mulheres costuma aumentar, isso é perfeitamente normal, pode ficar tranquila. — Ele olha para o Guilherme que continua parado ao meu lado e pede novamente. —Você poderia me dar licença?

—Sim. — O Guilherme responde entre os dentes e dá um passo para o lado muito a contragosto.

O médico se aproxima e começa a me examinar tranquilamente. Ele faz várias perguntas sobre como me senti desde que acordei, as quais respondo de bom grado, ele também pergunta sobre o que causou o desmaio e conto a ele mais ou menos o que aconteceu quando estava no quarto do Bento, obviamente não contaria tudo, mas quando falo sobre o meu amigo que acordou do coma vejo os olhos dele aumentarem um pouco, é quase imperceptível, mas como ele está próximo a mim consigo perceber.

—Ele acordou? — Sorrio para ele que perguntou animadamente sem nem perceber, e quando percebe o que fez volta para o tom profissional, mas é tarde demais para que possa esconder de mim. —Quer dizer, eu o examinei algumas vezes e fico muito contente que ele tenha saído do coma.

Ele muda de assunto e volta a falar sobre a minha condição, afere minha pressão e faz alguns testes com uma luz nos meus olhos para logo depois começar a fazer anotações em uma prancheta.

—Já podemos ir? — O Guilherme pergunta, sinto que ele está ficando impaciente com a demora e com o médico com as mãos em cima de mim.

O médico se vira para ele e diz: —Podem sim, acabei de assinar a alta, porém vocês terão que ter alguns cuidados. Vi aqui que a Maria Luísa sofreu um acidente recentemente e é a segunda vez que desmaia. — Então olha para mim. —Eu sei que os enjoos podem ser cruéis, mas você precisa tentar se alimentar melhor, se quiser posso te indicar um...

—Pode deixar que eu vou cuidar da minha mulher e do meu filho muito bem. Era só isso?

O médico dá uma risada cúmplice para mim porque já percebeu o ciúme exagerado do Guilherme. —Eu sei que vai. Está liberada Maria Luísa. Fique bem. — Ele fala e toca no meu braço, dá um aceno com a cabeça para o Guilherme que não corresponde, com certeza porque está puto, e vai em direção a porta.

Assim que ele sai olho para o Guilherme que está puxando o meu braço e me fazendo ficar de pé.

—Por que você está com essa cara?

Ele tenta sorrir, mas percebo que não é um sorriso sincero.

—Vamos. — Ele não responde e continua me segurando.

—O que foi isso, Guilherme? — Pergunto puxando o braço do seu aperto.

—Isso o que? — Ele se faz de desentendido e tenta me segurar de novo, mas eu recuo.

—Você sabe muito bem do que estou falando.

—Não se distancie de mim. Odeio quando você faz isso. — Ele diz e chega mais perto, me fazendo encostar na cama, então gruda o corpo no meu e fica apenas me encarando.

—Anda Guilherme, estou esperando você me explicar a ceninha que fez aqui com o Mauricio.

—Mauricio? Que merda de intimidade é essa, Maria Luísa?

Tenho que me segurar para não rir.

—Você não percebeu mesmo, não é?

—É claro que eu percebi. — Ele diz já um pouco exaltado se afastando de mim e passando as mãos pelo cabelo. —Eu vi o jeito que ele ficou te olhando. O filho da puta ficou cheio de sorrisos para você, todo galanteador, todo cheio de gracinha tocando em você enquanto te examinava, e eu tive que me segurar para não esmurrar aquela cara fingida dele porque não queria sair daqui algemado e te deixar sozinha por ter tentando matar alguém.

—Mas Guilherme, ele...

—E você queria que eu fizesse o que? Que ficasse aqui parado que nem um imbecil vendo o cara dar em cima da minha mulher descaradamente como se eu não estivesse presente?

—Guilh...

—Você é minha, porra! — Ele praticamente rosna e me abraça com força. —É claro que eu percebi que ele queria a minha mulher!

Começo a rir. Rir não, gargalhar, tanto que meus olhos estão cheios de lágrimas de tanto que estou rindo.

Ele olha para mim de cara feia e me solta. —Está rindo de mim, Maria Luísa? Você quer aquele almofadinha? É isso?

Paro de rir porque já percebi que vou ter que ter muita paciência com o Guilherme. Ele nunca teve nada sério com ninguém, nunca teve uma mulher para chamar de sua, nunca amou, e vai ser difícil para ele se adaptar a um relacionamento.

Ando até ele e passo os braços pelo seu pescoço, ele não retribui o meu abraço, mas me olha em expectativa.

Meu menino carente.

—Você acha mesmo que eu queria aquele médico Guilherme? Você acha que depois da noite que tivemos e de tudo o que te falei e confidenciei que te trocaria por outra pessoa? É sério que depois de me declarar e abrir o meu coração você ainda tem alguma dúvida de que eu quero apenas você? De que eu te amo? — Ele abre a boca para falar e tenta me abraçar, mas o impeço dando um passo para trás e tirando as mãos do seu pescoço. —Me magoa que você pense tão pouco assim dos meus sentimentos. — Sei que não devia nem pensar em falar o que vou dizer a seguir, mas preciso que ele entenda que precisa confiar em mim. —Se é assim que vai ser o nosso futuro Guilherme, eu acho melhor a gente repensar a nossa relação.

Ele fica algum tempo me olhando como se não tivesse entendido o que falei, e eu permaneço em calada apenas esperando sua reação. Suas feições de repente começam a mudar, ele abre a boca e fecha por duas vezes, seus olhos se arregalam e sua respiração fica irregular quando o que eu disse finalmente afunda em sua mente.

—O que? — É a única coisa que ele fala.

—Não existe relação sem confiança. Acho que vai ser melhor Guilherme. — Falo, mas meu coração está apertado só de imaginar que posso ficar sem ele.

—Porra, não! — Ele xinga e anda na minha direção, não me dando tempo de fugir ou me esquivar. Ele segura o meu rosto e fala decidido. — Não. Não temos nada a repensar. Eu já deixei você pensar demais e você já decidiu ficar comigo. Você não vai voltar atrás, Maria Luísa. Não vai! Eu não vou deixar. — Ele diz e eu sinto desespero na sua voz.

Respiro fundo e falo: —Você tem que confiar em mim, Guilherme. Ele não estava dando em cima de mim, ele estava sendo simpático e educado, e mesmo que estivesse você tem que entender que eu nunca iria dar margem ou responderia seu flerte. Eu amo você, apenas você, e não há nenhum homem nesse mundo que me faria desistir desse amor imenso que carrego aqui dentro do peito.

Seus olhos se suavizam e ele solta a respiração que estava prendendo. —Me perdoa, meu amor. Eu sou um babaca. — Ele diz beijando minha boca.

—Não, não é. — Respondo com a boca grudada na dele.

Ele se afasta apenas um pouco e segura meu rosto entre as mãos. —Sou sim, e não estou sabendo lidar com todos esses sentimentos novos. Tenha paciência comigo minha linda, mas por favor, não desista da gente mesmo que eu seja um imbecil. — Ele para por um momento e suspira. —Eu vou errar, eu sei que vou, e não vai ser pouco, mas eu preciso que você me ensine a viver plenamente esse sentimento, e quando eu for um idiota quero que você grite comigo, chame minha atenção, sei lá faça qualquer coisa que me traga de volta para a realidade. — Ele pensa um pouco e sorri de lado. —Já sei, quando eu estiver sendo um idiota você tira a roupa e fica pelada, isso vai chamar minha atenção e minha cabeça vai voltar para o lugar rapidinho. — Sorrio com esse pedido dele, afinal é tão ele. —Mas não diz que vai repensar a nossa relação, eu não aguento nem pensar que você pode me deixar.

—Eu só quero que você confie em mim.

—Eu confio em você, não confio é neles. Mas eu prometo que vou tentar me controlar. Mas e você? Vai confiar em mim também, Maria Luísa? Você sabe que eu tenho um passado conturbado.

Paro um pouco e começo a pensar, o Guilherme é esse Deus em forma de homem e as mulheres com certeza se jogam em cima dele, fora que já deve ter transado com mais da metade das mulheres daqui. Só de pensar nisso um ciúme louco tenta se apossar de mim, mas então me lembro que elas foram apenas mulheres que passaram pela sua cama, apenas um número e que nenhuma teve valor, que ele nunca as amou e nunca quis construir uma vida com elas.

—Vou confiar sim, Guilherme. Porque eu sei que você é meu, somente meu e de mais ninguém. — Ele sorri e me beija. —Mas ande na linha Sr. ex pegador, porque se tem uma coisa que eu nunca perdoaria é uma traição.

—Eu nunca te trairia, Malu. Eu não jogaria fora a chance de viver ao lado da mulher da minha vida. Eu já te disse isso, mas vou repetir. Eu nunca pensei que poderia ter o que meus pais têm, e agora que tenho você, não te deixo escapar por nada nesse mundo. Você é minha para sempre.

Se eu já não estivesse apaixonada por ele, com certeza depois dessa declaração eu ficaria. Mas claro que não seria o Guilherme se ele não complementasse uma declaração de amor com algo de teor sexual.

—Você e seu corpo são completamente meus, e eu não vejo a hora de me afundar no seu calor de novo, de ver seu rosto corado enquanto grita o meu nome com o meu pau enterrado profundamente dentro de você.

Meu Deus! Eu poderia gozar só de ouvir essas palavras saindo da boca dele. Olho para o seu corpo e vejo que o seu pau está tão duro que está marcando a calça. Olho de volta para ele e passo a língua pelos lábios, claramente mostrando o que eu quero fazer.

—Então me tira daqui logo, Guilherme. — Digo e chego bem pertinho dele, acariciando seu peito sobre a camisa e descendo os dedos calmamente, sem tirar os olhos dos seus até chegar no local que está duro como rocha chamando por mim. Dou um leve apertão e vejo suas pupilas se dilatarem. — Porque eu quero muito gritar o seu nome enquanto você está enterrado profundamente dentro de mim. Mas sabe o que eu quero de verdade? — Ele

não responde. —Responda Guilherme. — Digo e aumento um pouco o aperto.

—Não. — Ele fala negando com a cabeça.

—Eu quero chegar no seu apartamento, tirar todas as suas roupas, uma por uma. Quero que você deite na cama completamente nu para mim, então eu vou beijar a sua boca, lamber seu pescoço, fazer uma trilha de beijos por esse abdômen cheio de gominhos até chegar a esse V que leva ao caminho da felicidade. — Faço a expressão mais sedutora que consigo. —Então vou descer mais um pouco e lamber toda a extensão do seu pau, da base até a cabeça rosada para depois colocá-lo inteiro na boca e chupar loucamente enquanto massageio suas bolas com uma das mãos, com a outra eu vou estar me masturbando para aliviar um pouco o tesão que sinto sempre que estou perto de você. — A respiração do Guilherme acelera e ele cerra os punhos ao lado do corpo enquanto falo e continuo massageando seu pau por cima da calça. —E eu não vou parar, não até que você goze e derrame tudo dentro da minha boca e eu possa engolir e sentir o gosto de tudo o que você me der.

—Caralho. — Ele rosna e abaixa, segura minha bunda com as duas mãos e me pega no colo, me fazendo enrolar as pernas em seu quadril. Com apenas alguns passos ele me encosta na parede mais próxima e começa a moer a ereção contra o meu centro latejante enquanto me beija furiosamente. Gemo em sua boca enquanto ele me prensa ainda mais e assalta minha boca. —Você queria me deixar louco? — Ele fala com os lábios ainda grudados nos meus. —Você queria me ver perder o controle? Porque se era isso você está de parabéns, Maria Luísa. Você conseguiu. Eu estou a ponto de arrancar suas roupas e te foder aqui mesmo contra a parede desse quarto de hospital.

—Sim...

—Mas eu não vou fazer. — Ele diz e me coloca no chão enquanto eu o vejo se afastar um pouco de mim ajeitando aquela monstruosidade que ele chama de pau dentro da calça.

—Guilherme... — Era para minha voz ter saído como uma repreensão por ter me soltado, mas acaba saindo como um gemido.

—Porra! Não fala o meu nome assim. — Ele volta e me beija de novo. —Eu não vou te comer aqui porque eu não vou correr o risco que algum bastardo como aquele doutorzinho de merda entre e veja minha mulher nua, muito menos que ouçam os seus gemidos e gritos de prazer. Eles pertencem

apenas aos meus ouvidos, e a visão do seu corpo nu apenas para os meus olhos.

Eu não tinha pensado por esse lado. Merda! E se alguma enfermeira entra e vê o Guilherme ostentando essa ereção imensa e essa cara de homem que quer foder cheio de tesão. —Você tem razão. — Falo firmemente.

Ele me olha como se um bicho de sete cabeças tivesse brotado na minha cabeça. —Malu, não fica chateada comigo. Porra! Eu só não quero te expor, e eu não quero...

Não deixo que ele termine de falar, me afasto e cruzo os braços. —E eu não quero que nenhuma mulher olhe para o meu homem. Então trate de fazer com que seu amiguinho aí abaixe logo porque a gente não sai desse quarto enquanto você estiver desse jeito.

Ele sorri de lado. Cacete de homem lindo. —Ciúmes, Maria Luísa?

—Ciúmes não, apenas precaução. Se é meu, é só meu. — Digo, viro de costas para ele e vou rebolando até a porta, mas antes que a alcance ele me puxa, me envolve em seus braços e roça a ereção contra mim.

—Porra de mulher gostosa que eu fui arrumar. — Ele diz e massageia um dos meus seios com a mão. —Vamos logo sair daqui para que eu possa te mostrar o quanto eu sou completamente seu.

Com isso ele me solta, abre a porta do quarto e sorri para mim quando me oferece a mão. Não é um sorriso forçado e muito menos um sorriso obsceno ou malicioso, é o sorriso de um homem apaixonado que precisa sentir que sua mulher está ao seu lado.

Vejo seus olhos se iluminarem quando coloco minha mão na sua e penso em como minha vida mudou. Agora eu tenho uma família, meu amigo de volta, meu bebê que em breve estará comigo e um amor, um amor que eu sempre sonhei viver.

Obrigada Deus, eu não poderia me sentir mais feliz.

Enquanto caminhamos pelo corredor do hospital eu começo a sentir um aperto esquisito no peito como se a minha felicidade pudesse ser ameaçada a qualquer momento, mas quando olho para o lado e vejo o meu Guilherme sorrir para mim eu percebo que todos os meus medos são infundados, porque ele estará ao meu lado sempre.

Capítulo 38

Guilherme

Antes de sair do hospital e levar a Malu para casa e cumprir minhas promessas, eu tenho mais uma coisa a fazer.

Eu preciso colocar toda a minha história com o Bento em pratos limpos.

Sei que talvez esse não seja o momento ideal, mas dentro do meu coração eu sinto que eu preciso encerrar esse assunto de uma vez por todas para que eu possa tirar esse peso que está comigo desde a nossa discussão.

O abraço que ele me deu foi tudo o que precisei para saber que tudo ficaria bem, mas agora eu preciso ser homem o suficiente e assumir as merdas que fiz por conta de uma imaturidade sem tamanha e um medo descabido do julgamento dos outros.

A Malu está me olhando em expectativa enquanto nós andamos pelos corredores do hospital, e eu sei muito bem o que ela quer. Não, ela não que eu a arraste para casa. Seus olhos me dizem outra coisa.

Ela quer entrar no quarto do Bento para vê-lo, e eu sorrio para o olhar que ela está me dando. Ela parece me dizer que quer vê-lo, mas está procurando as palavras certas, provavelmente com medo que eu tenha outro ataque de ciúmes como o de agora pouco com aquele médico engomadinho e metido a sabichão que estava dando em cima dela.

Não vou ser hipócrita de dizer que não senti ciúmes da cumplicidade que ela e meu irmão tem, seria uma mentira das grandes, afinal parece que eles se entendem somente com o olhar e que já viveram muitas coisas juntos.

Quando vi os dois juntos e ela correndo para ele eu senti ciúmes sim, e muito, tanto que minha vontade era de arrancá-la dos braços dele e avisar que somente eu posso tocá-la daquela forma, mas depois de me acalmar e pensar com clareza eu pude ver o quão ridículo eu estava sendo. Ele não a tocou com nenhuma má intenção, era carinho puro.

Eles se amam como irmãos, e por tudo o que a Malu me contou e eu

conheço dele, durante o tempo que viveram juntos foi sempre um cuidando do outro, e eu não poderia ser mais grato a ambos, afinal ela cuidou do meu irmão que estava tão longe da família e ele cuidou e trouxe para mim a mulher da minha vida.

—O que você acha de antes de irmos para casa passarmos para ver o Bento mais um pouco?

O sorriso que recebo em troca dessa pergunta faz o meu coração acelerar, e eu faço uma anotação mental que tenho que fazê-la sorrir dessa forma mais vezes.

—Eu te amo! — É a resposta que ela me dá e um beijo casto nos lábios que me deixa com vontade de muito mais dela.

Se acalma Guilherme, ela é sua e você agora pode tê-la sempre que quiser.

Seguimos para o quarto do Bento quase correndo, porque ela me puxa pela mão de tanta euforia.

—Nossa, será que você ficou tão eufórica assim quando estava indo me ver ontem à noite?

Ela para os passos, vira para mim e me encara.

—Eufórica nem começa a descrever o que eu estava sentindo, Gui. Eu estava muito confiante quando saí da casa dos seus pais, tinha certeza absoluta que estava fazendo a coisa certa indo atrás de você, mas quase desisti quando cheguei no seu prédio e entrei no elevador. A insegurança que sempre me acompanhou tentou fazer com que eu desistisse de tudo. Eu estava com medo que fosse tarde demais ou que você estivesse com alguém lá dentro. — Ela faz uma pausa enquanto abaixa a cabeça como se estivesse envergonhada de me contar isso. Como ela pôde pensar que eu estaria com alguém depois de ter me declarado e ter me afastado apenas para que ela pudesse tomar a decisão final? Depois das mensagens que trocamos? —E antes que você venha discutir comigo eu já digo que sei que não tinha cabimento nenhum esse meu medo, não depois de tudo o que você me disse antes de ir embora e por nossas mensagens, tanto que fui até o fim e bati na porta do seu apartamento e me rendi de vez a você.

Abro um sorriso enorme para ela. Porra é impossível não fazer. Ela me desestrutura de uma maneira que eu nunca pensei ser possível. Com apenas

algumas palavras ela me tem na palma da sua mão.

—Vamos logo ver o meu irmão antes que eu desista e te leve daqui.

Agora quem a puxa sou eu, preciso ter logo essa conversa com o Bento para levar minha mulher para casa e cuidar dela como se deve.

Quando viramos no corredor que fica o quarto dele meus pais vêm andando na nossa direção. Acho estranho minha mãe ter saído de lá e ainda ter carregado o meu pai junto. Do jeito que ela é não sairia de perto dele tão cedo.

—Graças a Deus a Malu já foi liberada. — Minha mãe diz e a abraça. —Nós vamos ter que resolver alguns problemas sobre o plano de saúde do Bento. Eu não queria sair de perto dele, mas o diretor do hospital pediu que nos chamasse porque precisava conversar conosco sobre a cirurgia. Algo sobre o plano não cobrir a anestesia. Vocês podem ficar com ele até nós voltarmos?

—Claro que sim, mãe. Nós estávamos indo justamente vê-lo.

—Assim eu fico mais aliviada, não quero que ele fique sozinho. — Ela diz e coloca a mão sobre o peito, demonstrando seu nervosismo por tê-lo deixado sem ninguém.

—Pode deixar que cuidaremos do seu bebê enquanto você não volta. — Digo e solto uma risada enquanto minha mãe dá um tapa no meu braço.

—Me respeite moleque, e não fale assim do seu irmão. — Ela me diz e logo depois fala para a Malu. —E você, pulso firme com esse daí.

—Pode deixar Dona Marta, ele sabe muito bem que tem que andar na linha comigo.

—Muito bem, minha filha, assim que se fala. E meu bebê como está?

—Está bem, eu tenho uma consulta com um obstetra amanhã.

Como assim consulta? E por que diabos ela não me falou nada?

Elas se despedem e meus pais seguem para o elevador, puxo o braço da Malu e pergunto. —Você pretendia me contar dessa consulta, Maria Luísa? — Já falo puto por ela estar me excluindo.

—Claro que ia, Guilherme. Pode tirar essa carranca do rosto porque eu ia contar sim. Quando você quis ficar comigo sabia muito bem que não

levaria apenas a mim, mas de brinde também iria esse bebezinho que está crescendo aqui dentro. E como você mesmo gosta de dizer, nós somos seus. — Pronto, já estou sorrindo de novo. Sim, eles são meus. —Eu não contei antes porque as últimas horas foram difíceis. — Então se aproxima de mim, fica na ponta dos pés e sussurra no meu ouvido. —Eu poderia ter te contado na noite passada, mas acontece que eu estava ocupada demais rebolando no pau do meu homem e tendo orgasmos inesquecíveis.

Caralho! Fiquei duro. Muito duro. Meu pau está quase explodindo dentro da calça.

—Porra, você não pode falar essas coisas para mim no meio de um hospital onde eu não posso arrancar as suas roupas e te foder. Se eu morrer de tesão acumulado a culpa vai ser toda sua.

—Claro que posso falar isso. Eu posso tudo, além do mais não disse nenhuma mentira. E você não vai morrer de tesão acumulado, porque assim que sairmos daqui eu vou dar um jeito em você e no seu amiguinho aí.

Não resisto e a puxo para um beijo, mas antes que eu possa aprofundar ela me para e diz: —Mais tarde. — Pisca um olho e vai em direção a porta do quarto do Bento e eu a sigo tentando ajeitar meu pau para que não vejam o que acontece ali embaixo, porém quando chegamos e ela já está colocando a mão na maçaneta para abrir eu a seguro.

Toda a excitação some e no lugar um desespero de saber que a hora de encará-lo está chegando, mas dessa vez eu não vou me esquivar ou fugir, vou enfrentar o que vier.

—Malu, você se importaria de me dar alguns minutos sozinho com o meu irmão?

Ela parece não entender. —Mas...

—Eu preciso desse tempo com ele Malu. Você sabe disso.

—Gui, eu acho que vocês deveriam conversar depois, ele acabou de acordar.

—Eu sei, mas ele está bem e parece estar querendo deixar o passado para trás, tanto que assumiu para nossos pais que é gay sem nem dar tempo de preparar a mãe e o pai para uma notícia dessa. — Respiro fundo e falo: — Você sabe que aconteceu um problema entre nós, o que acabou acarretando a ida dele embora, deixando tudo para trás inclusive sua família. Eu prometo

que vou te contar tudo, porque não quero nenhum segredo entre nós, mas antes preciso conversar com ele, preciso do seu perdão. Eu preciso me livrar de uma vez por todas desse peso que sinto desde que ele foi embora.

Ela suspira e parece indecisa se me deixa entrar sozinho ou não. —Está bem, Gui. Vocês realmente precisam se acertar de uma vez por todas porque eu não posso viver sem nenhum dos dois. Vocês são os homens da minha vida. Ele é o irmão que eu não tive e você é o meu amor. Então trate de resolver logo essa situação para que eu possa entrar e ver o meu amigo.

—Eu estou com medo. — Assumo para ela.

Ela faz carinho no meu rosto. —Não precisa ter medo, o Bento tem um coração enorme e te ama. Eu vi o jeito que ele te olhou quando te viu. Eu imagino que o que aconteceu entre vocês tenha sido uma coisa muito ruim, então seja sincero e abra o seu coração, se mostre verdadeiramente arrependido das suas atitudes como eu sei que você está, e eu tenho certeza que vocês vão se entender. — Ela tem esse dom de me acalmar. —Eu estou aqui para você.

—Eu sei, e é isso que está me dando forças, porque essa conversa não vai ser fácil, e se ele não me perdoar eu vou precisar muito de você.

—Ele vai te perdoar. Eu te amo.

—Eu também te amo.

Dou um selinho em seus lábios e vejo ela se sentar em uma cadeira próxima.

Tomo coragem e bato na porta, logo em seguida a abro e encontro o Bento deitado na cama com os olhos fechados.

Merda! Ele está dormindo.

Resolvo entrar assim mesmo e fecho a porta atrás de mim, fico parado de pé o observando até que ouço sua voz.

—Você agora tem mania de olhar as pessoas dormirem ou está apenas observando a minha beleza?

Sua voz soa pelo quarto ao mesmo tempo que seus olhos se fixam em mim.

—Na verdade eu estava pensando em como a mãe conseguiu fazer um filho tão lindo quanto eu e um tão esquisito como você.

Ele sorri e eu também. Não falamos nada por um tempo e nosso sorriso aos poucos vai morrendo. Eu sei que ele está esperando que eu tome a iniciativa, então faço.

—Bento, eu sei que você acabou de passar por momentos difíceis e que acabou de acordar, mas eu queria conversar com você. — Ele não diz nada, apenas continua me encarando. —E você sabe sobre o que é.

Ele assente com a cabeça e indica a poltrona ao lado da cama para eu me sentar enquanto se ajeita e senta encostando as costas na cabeceira.

Penso em como posso começar a falar, em como vou fazer para reviver aquela merda de noite, mas nada me vem à mente, então começo do único jeito que posso porque ele continua esperando que eu fale.

—Bento, eu... eu queria me desculpar. Eu fui um babaca e deveria ter ficado do seu lado, te ajudado, mas fui imaturo e egoísta demais. Eu não tinha ideia que você estaria naquela boate aquele dia. Eu estava andando com uns caras que se achavam os donos do mundo e acabei ficando como eles, egocêntrico e imbecil. Eu já tinha visto eles arrumarem confusão antes, mas nunca tinha sido por nenhum preconceito, sempre por valentia mesmo de querer mostrar que eram mais fortes e que podiam mais. Mas nesse dia em especial eles estavam falando de como era bizarro e esquisito homens que gostavam de outros homens, de como era nojento. — Ele faz uma careta e eu me apresso em dizer. —Mas eu nunca compartilhei dessa opinião, Bento. Eu juro para você. É uma realidade diferente da minha, do que eu sinto, mas você sabe tão bem quanto eu que o pai e a mãe sempre nos ensinaram a respeitar as pessoas independente de qualquer coisa.

—Se você não partilhava da opinião deles, porque continuou com eles? Porque não expôs sua opinião?

—Porque eu era covarde demais para bater de frente com eles, afinal eu gostava de como me sentia quando estávamos juntos e não queria perder aquela amizade, já que onde íamos as mulheres se jogavam em cima da gente e éramos tratados como reis.

—Eu me lembro muito bem desses seus amigos. — Bento fala com amargura na voz. —Continue.

—Resolvemos ir em uma boate para pegar mulher, como sempre fazíamos. Chegamos e entramos direto para a área vip, ficamos lá um bom

tempo até que dois deles desceram para coletar as presas como costumavam dizer. Uns quinze minutos depois eles voltaram com algumas mulheres e rindo muito, dizendo que tinha um casal gay se pegando na pista e perguntando quem toparia ensinar uma lição para eles e mostrar como um homem de verdade deve ser.

Vejo os olhos do Bento marejando e sei que ele está lembrando de tudo o que aconteceu depois disso.

—Eu não concordei, lembro que me chamaram de bicha, mariquinha e mais uma infinidade de outros nomes enquanto desciam para a pista de dança, mas eu não fui com eles, eu fiquei, primeiro porque não queria participar daquilo, segundo porque uma loira tinha se jogado no meu colo e estava se esfregando em mim. Foi então que escutei o barulho da briga e de pessoas gritando, mas uma voz em especial chamou minha atenção porque parecia muito com a sua, e sem pensar eu joguei a mulher para o lado e corri para o lugar que a confusão estava acontecendo.

—Guilherme, chega.

—Não, me deixa terminar. E quando eu cheguei lá e vi o que eles estavam fazendo fiquei paralisado com tamanha brutalidade, eles batiam, socavam e chutavam um homem que parecia estar desacordado. Aí eu te vi, você estava tentando tirá-los de cima do homem, e quando seus olhos encontraram os meus você começou a pedir pela minha ajuda. — Minha voz sai embargada quando lembro dos olhos desesperados do Bento pedindo por mim. —Mas eu não consegui me mover, eu não consegui assimilar tudo o que estava acontecendo ali por dois motivos, pelo álcool que eu já tinha ingerido e porque eu percebi que era você que estava com aquele homem, fazendo com que as minhas suspeitas sobre você ser homossexual se tornassem realidade. E eu te digo Bento que eu nunca te recriminaria por isso, nunca, mas quando eu consegui finalmente tomar uma atitude já era tarde demais. Os seguranças já estavam tirando os homens de cima do seu namorado desacordado e você me olhava com uma expressão furiosa no rosto.

Uma lágrima cai pelo seu rosto. —Eu lembro de tudo desse dia Guilherme, esse rapaz não era meu namorado, era um cara que eu tinha conhecido e que tinha me chamado para sair. A gente nem estava fazendo nada, estávamos apenas dançando, rindo e conversando. Eu tinha ido ao

banheiro por apenas um minuto, e quando voltei vi aquela cena que até hoje me atormenta.

—Não importa o que vocês estavam fazendo, eles nunca deveriam ter feito aquilo com ele. E eu... eu não deveria ter demorado tanto para tomar uma atitude. Você precisou de mim e eu não estava ali para você. Eu tinha que ter ido te ajudar sem pensar em nada. Eu deveria ter te socorrido sem pestanejar, mas fui um idiota, um covarde, um babaca, e quando você entrou no meu apartamento e falou aquilo tudo eu deveria ter te segurado e pedido seu perdão, mas fui orgulhoso e nem sei o porquê, e por minha culpa você foi embora e deixou nossa família e toda a sua vida para trás. Você foi embora me odiando e eu carreguei o peso disso por tempo demais. E é por isso que eu quero o seu perdão, Bento. Eu sempre imaginei que um dia você voltaria e acabaríamos nos entendendo, mas então você sofreu esse acidente e eu achei que nunca mais teria a chance de olhar para você e te pedir perdão, de te abraçar e dizer o quanto eu sinto muito por tudo aquilo. — Não consigo mais falar, então apenas o encaro esperando que eu possa transmitir sinceridade com o meu olhar.

Ele limpa algumas lágrimas que caíram e eu me seguro para não chorar. Preciso ser forte.

—Foi muito difícil ver o meu irmão ali, pedir sua ajuda e ele não fazer nada. Me deixou atordoado te ver parado ali vendo aquela monstruosidade acontecer e não tomar nenhuma atitude, que fosse entrar no meio da briga ou apenas pedir para eles pararem. Eu saí da boate com tanto ódio, com tanta raiva que assim que o meu amigo foi encaminhado para o hospital em uma ambulância eu peguei meu carro e fui direto para o seu apartamento. Eu precisava descarregar tudo aquilo em alguém. E doeu muito que você não tenha tentado se explicar ou me segurar ali, mas eu não fui embora só por causa daquilo, o que aconteceu foi só mais um motivo para eu sair. Eu queria viver livre, ser livre, e tinha muito medo de me assumir e a mãe não me aceitar, o pai acho que como você já desconfiava, mas ela não, e eu tinha pavor dela descobrir e me rejeitar.

—Ela ia te aceitar.

—Agora eu sei, mas na época não conseguia enxergar e acabei indo embora. Pouco tempo depois que me mudei a mesma coisa que aconteceu com o meu amigo aconteceu comigo, eu fui atacado por um grupo de

homofóbicos sem ter feito nada para nenhum deles, e com certeza eles dariam fim a minha vida. Eles diziam que pessoas como eu não deveriam estar no mundo. Até hoje eu não sei bem porque eles pararam de me bater, só sei que eu não estaria vivo se não fosse pela Malu ter me encontrado desacordado e me socorrido. Ela nem me conhecia, me levou para o hospital e cuidou de mim, e desde então somos eu e ela contra todos. — Ele respira fundo, segura minha mão e olhando dentro dos meus olhos diz: —Eu te perdoo Guilherme, na verdade acho que eu te perdoei há muito tempo, só tinha medo de voltar e ter que enfrentar a realidade daqui. Eu te amo cara, e quero que a gente comece de novo, não do zero porque temos uma vida inteira juntos, mas como amigos que nós nunca deveríamos deixar de ter sido.

Levanto da cadeira e o abraço, sentindo aquele peso imenso saindo de vez do meu coração.

Eu precisava falar tudo isso para ele, mas precisava principalmente do seu perdão, que ele me dissesse que teríamos a chance de sermos irmãos e amigos novamente.

—Você mudou Guilherme, e dou graças a Deus por isso. Você está diferente, e é muito bom ver que o meu irmão está de volta.

—É muito bom estar de volta e ter você na minha vida de novo. Eu te amo, cara!

Ele ri limpando mais lágrimas que caíram. —Meu Deus! O que foi que aconteceu com você? Onde está aquele cara que não demonstrava seus sentimentos? — Sorrio e caminho em direção a porta. —Ei, aonde você vai? Eu não quero ficar nesse quarto sozinho.

Não dou ouvidos a ele, sei que tem uma pessoa lá fora que deve estar impaciente querendo entrar. Abro a porta e a Malu se levanta na mesma hora, seus olhos estão aflitos quando ela se aproxima de mim, sorrio para que ela saiba que está tudo bem e ela respira aliviada sorrindo de volta.

Dou espaço para ela entrar, mas ela não entra, ela invade o quarto e praticamente pula em cima do Bento. Ele ri alto e geme um pouco de dor.

—Ai Malu, cuidado, eu sou um homem doente. — E aí está o meu irmão. Que faz piadinhas de tudo e contagia a todos.

Ela se afasta dele, coloca as mãos na cintura e aperta os olhos. —Ah não, pelo amor de Deus, não vai começar o drama de homem doente de novo

não. Você adora me fazer de escrava quando está com alguma coisa.

Os dois riem e eu não digo nada, fico apenas ali os observando.

—Vocês estão bem? — Ele fala e coloca a mão em sua barriga. — Quase tive um ataque do coração com a cena que presenciei aqui Maria Luísa. Porra! O que foi que aconteceu enquanto eu dormia?

—Me desculpa Bento, foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, e depois nós vamos ter tempo para conversar com calma, mas eu amo demais sua mãe, acho que é impossível não amar, e só de pensar que mais uma vez eu poderia ser rejeitada... eu não aguentei.

Ele desvia os olhos dela e olha para mim, depois volta o olhar para ela como se estivesse mostrando que não estão sozinhos no quarto.

Ela percebe e sorri. —Ele sabe de tudo, Bento. Nós estamos juntos. — Ela se afasta dele e vem para perto de mim, me abraçando e encostando a cabeça no meu peito. Enlaço sua cintura e dou um beijo em seus cabelos. Feliz que ela está assumindo o que temos para todos.

—Eu te disse para não se aproximar dele, Malu. Você tinha me prometido que não faria. — O que é que o Bento está dizendo? Ele vai tentar colocar ela contra mim? —Mas eu não vou brigar com você, primeiro porque eu o conheço. — Diz sorrindo e aponta para mim. —E sei que quando ele quer alguma coisa vai até o fim para conseguir. Esse foi um dos motivos para eu pedir que você ficasse longe dele, porque eu sabia que quando te visse ele ia ficar louco e te querer. Também não vou falar nada porque eu percebi apenas pelo olhar que ele te deu mais cedo, pelo desespero que ficou quando você caiu desacordada, e pelo jeito que te abraçou agora, que ele não é mais o mesmo Guilherme que eu deixei para trás quando saí daqui. — Ele então olha para mim. —Mas isso não quer dizer que eu não possa quebrar a sua cara se a magoar.

Sorrimos juntos e fico muito feliz em saber que se eu não estiver presente a Malu tem uma pessoa para a proteger. Ouvimos uma batida na porta e o barulho dela se abrindo, olho para trás e fecho o semblante na hora, apertando a Malu contra mim ainda mais quando vejo o mesmo médico que a atendeu a poucos minutos entrando no quarto do Bento.

—Com licença. Olá Bento, sou o Dr. Mauricio. — Ele entra no quarto e ignora totalmente a nossa presença, indo direto para próximo da cama que o

Bento se encontra. Estranho. Olho para a Malu que está sorrindo como uma criança vendo um filme de conto de fadas. Sigo seu olhar e vejo o Bento hipnotizado pelo médico enquanto o mesmo apenas o olha com um sorriso nos lábios. Será que ele...? —Como você se sente? Fiquei muito feliz quando soube que acordou do coma, e embora seu caso não esteja comigo e não seja minha especialidade, acabei te examinando algumas vezes a pedido do seu médico, por isso resolvi vir ver como você estava.

O Bento continua o encarando e não fala nada, sinto que o médico está ficando sem graça com o olhar penetrante do Bento para ele, até eu estou ficando, então a Malu intervém.

—Bento, nós estamos indo.

Ele parece sair do transe que estava e olha para a Malu. —O quê?

—Nós temos que ir. O Dr. Mauricio me examinou mais cedo e disse que eu precisava de repouso, então o Guilherme vai me levar para casa. — Ela caminha até ele e o abraça, vejo que sussurra algo em seu ouvido e ele sorri. —Eu te amo, meu amigo. E amanhã volto para te ver. — Ela se vira para o médico que agora já não vejo como um inimigo mortal e diz: —Será que você se importaria de ficar aqui um pouco aqui até que os pais do Bento voltem? Eu não queria ter que ir, mas sinto meu corpo um pouco dolorido e acho melhor descansar.

Porra! Porque ela não me disse que não estava se sentindo bem?

—Claro. — O médico responde. —Eu já terminei o meu plantão, só vim aqui mesmo ver como ele estava. Se você não se importar Bento posso te fazer companhia.

—Claro, pode ficar, quer dizer, se não for incomodar. — Eles sorriem um para o outro.

Vou até o meu irmão e o abraço. —Cuida bem dela, cara. Ela já sofreu muito e merece ser feliz.

Ainda abraçado a ele respondo. —Cuidar dela e desse bebê é a minha missão de vida. Eu a amo, Bento. — O solto e vejo ele surpreso com o que eu disse.

Me viro para a Malu e vejo ela rindo e sorrindo para o médico, e mesmo já tendo entendido o que aconteceu aqui, não consigo não sentir uma pontada de ciúmes. A abraço e digo: —Vamos?

—Vamos. Obrigada por ficar com o Bento, Mauricio. Eu realmente não me sinto totalmente bem.

Saio com ela do quarto e a puxo para mim. —Por que você não me disse que precisava descansar? Porra, Malu! Eu teria te levado direto para casa e deixado para conversar com o Bento depois. — Digo aflito.

Ela dá uma risadinha e me abraça. —Ah Guilherme, como você é inocente. Eu só disse aquilo tudo lá dentro para sairmos e deixarmos aqueles dois sozinhos. Você não percebeu a troca de olhares deles? A química que rolou? Era isso que eu estava querendo te dizer quando o Mauricio estava me examinando. Ele é gay Gui, só você não percebeu o jeito doce dele e como ficou feliz quando eu disse que o Bento tinha acordado.

Filha da mãe! Arquitetou todo um plano em apenas alguns segundos.

—E precisava ter dito que não estava se sentindo bem? Eu fiquei preocupado! — Digo exasperado.

—Me desculpa, meu amor. — Fecho os olhos com ela ainda abraçada a mim, como é maravilhoso ouvir ela me chamando assim. —Mas eu não menti totalmente, eu realmente estou com um problema, mas é uma coisa que só você pode ajudar a curar.

Tiro meus braços de volta dela e a faço me olhar, preciso ver seu rosto. —E o que você está sentindo? — Pergunto traçando com a ponta dos dedos seu pescoço.

—Estou sentindo um calor fora do comum, sabe? Também tem uma parte do meu corpo que está precisando de uma atenção especial, e outras partes que necessitam de muito carinho, além de estar sentindo uma vontade louca de saber se as promessas que me fizeram mais cedo serão todas concretizadas ou foram feitas apenas da boca para fora. — Ela diz com os olhos pesados e as bochechas coradas. E eu não penso duas vezes, a arrasto para o meu carro com a intenção de leva-la diretamente para o meu apartamento, onde eu vou poder cuidar da minha mulher e mostrar que eu nunca deixo de cumprir com as minhas promessas.

Capítulo 39

Malu

Ah meu Deus! Desde quando eu me tornei essa ninfomaníaca que só pensa em sexo?

Que fica encharcada apenas com palavras sujas de um homem e que tem a coragem de atiça-lo nos locais mais inusitados possíveis?

E sabem o que é pior?

Eu estou amando viver tudo isso.

Estou adorando colocar para fora a devassa que sempre existiu dentro de mim que eu não deixava sair. Estou empolgada de pensar que eu consigo deixar o meu homem louco de tesão por mim sem que eu nem encoste nele.

E é por isso que enquanto o Guilherme está dirigindo o carro na direção do seu apartamento para cumprir as suas promessas sexuais eu me sinto cada vez mais excitada.

Sinto a umidade na minha calcinha e olho para o colo do Guilherme, seu pau está duro, extremamente duro, como se estivesse tentando se libertar. Sua mandíbula está trincada e ele segura o volante com força, não sei se está tentando se concentrar no trânsito ou se está tentando se controlar para não jogar o carro para o acostamento e me foder aqui mesmo.

Merda!

Fiquei com ainda mais tesão em pensar nele me fodendo dentro do carro. E eu quero, quero muito que isso aconteça.

—Uhmmm... — Não consigo me controlar e um gemido involuntário sai da minha boca quando penso nele me fodendo aqui no banco do carona.

—Maria Luísa... — Ela fala com os dentes cerrados. —Se você não parar com isso agora mesmo eu vou entrar em qualquer rua dessas, parar o carro e te foder.

Viro o rosto e vejo seu olhar predador em cima de mim, e o tesão só aumenta ainda mais. Tranquilamente estendo a mão e passo os dedos pelo

braço dele, vejo os pelos do seu corpo se arrepiarem com o meu toque e isso me dá ainda mais coragem de ser ousada.

Desço a mão e paro com ela na sua coxa, ele aperta ainda mais o volante e fala em um gemido: —Malu... Não faça isso. — Eu não escuto e começo a subir a mão. —Eu quero amar e adorar o seu corpo, não te foder brutamente. E se você continuar eu não vou conseguir me segurar. Você está brincando com fogo.

—E quem disse que eu quero ser adorada? Quem disse que eu não quero me queimar? Eu quero sexo Guilherme, eu quero que você me foda, quero que seja duro, que seja bruto. — Digo e seguro seu pau com força.

—Porra! — É a única coisa que ele diz antes de acelerar o carro e o jogar em uma rua que aparentemente não tem saída.

Eu continuo acariciando seu pau e sinto ele ter alguns espasmos mesmo através da calça. Faço isso até que ele para o carro, tira o cinto de segurança e destrava o meu. Não sei como, mas em um segundo eu estou sentada no banco do carona e no seguinte estou em seu colo sentindo aquela protuberância deliciosa contra minha boceta encharcada.

Ele segura com força os cabelos da minha nuca e puxa minha cabeça para trás. Suas pupilas estão dilatadas e o azul claro que sempre me encara agora está escuro. Ele me olha como se pudesse me devorar a qualquer momento, e o que eu mais quero é que ele faça, então rebolo no seu colo, gemendo e sentindo a fricção das nossas roupas contra mim.

Ele puxa um pouco mais o meu cabelo, fazendo minha cabeça tombar levemente para o lado, deixando meu pescoço exposto, e quando estou na posição que ele quer lambe toda a extensão, desde a clavícula até a orelha.

Fecho os olhos na sensação da sua língua na minha pele.

—Você tem ideia de como me deixa louco? Tem a mínima ideia de como eu não posso mais viver sem você? De como eu quero te foder a cada instante do dia e ouvir esses seus gemidos de gatinha quando goza gritando meu nome? Tem ideia da forma insana que eu quero te fazer delirar de prazer enquanto goza na minha língua? De como eu tenho vontade de ser um animal e te marcar inteira como minha?

—Hum... — Não consigo responder, já estou muito além do tesão.

Ele aumenta o aperto no meu cabelo. —Responde. — Ele fala e dá um

beijo de boca aberta naquele lugar que me deixa louca. —É isso que você quer? Que eu seja um animal.

—Sim...

—Tem certeza? Eu posso o príncipe que você merece.

—Não... — Respondo ofegante. —Eu quero o animal. Eu quero que você me devore até que eu esqueça até mesmo o meu próprio nome.

Ele rosna contra a minha pele, exatamente como um animal faria e me joga de volta no banco do carona. Em um único movimento abre minha calça e a puxa para baixo junto com a calcinha até os tornozelos, escuto um barulho e sei que ele está empurrando os bancos o máximo que pode para trás.

Tento ficar confortável, mas ele não me dá chance nem de respirar, quando menos espero ele levanta minhas pernas e enfia a cabeça no meio delas, lambendo de forma enlouquecida minha fenda. Toda a extensão dela enquanto enfia dois dedos dentro de mim.

—Oh meu Deus...

Tento rebolar, mas ele segura com força meus quadris contra o assento de uma forma que eu não consigo me mover.

Puxo seu cabelo com força, trazendo-o ainda mais contra mim, se é que isso é possível.

Vejo ele abrir os olhos e me encarar, então abre a boca e chupa minha boceta inteira sem tirar os olhos dos meus para logo depois se concentrar no meu ponto sensível e o chupar sem cessar.

Sentir a sucção da sua boca e ver os seus olhos cheios de desejo é o meu fim.

—Oh meu Deus. Oh meu Deus. Gui. Eu vou... Gui. Ahhh... Gui... — Falo de forma incoerente enquanto sinto meu ventre se contrair e o prazer se espalhar por todo o meu corpo. O Guilherme não para o seu ataque nem por um segundo, ele parece nem respirar de tão concentrado que está em me dar prazer.

Jogo a cabeça para trás e me deixo levar, gritando coisas que eu sequer entendo com as mãos firmemente grudadas em seu cabelo enquanto o clímax me atinge.

Não sei por quanto tempo fiquei nesse torpor, apenas lembro que em

algum momento comecei a sentir beijos suaves na minha coxa.

Abro os olhos e vejo que o Guilherme ainda está com a cabeça entre as minhas pernas sorrindo para mim.

—Era isso que a minha mulher queria?

Sorrio languidamente para ele em resposta. —Sim...

Ele dá uma mordida na minha coxa, se ajeita no banco do motorista colocando minhas pernas em seu colo e começa a subir minha calça.

O que? Como assim subir? Ele tinha que terminar de tirá-las.

—Não... — Digo e começo a me contorcer, tentando tiras as pernas do seu colo.

—Para de se mexer. Deixa eu subir logo isso antes que alguém passe por aqui e te veja nua.

Quando ele fala isso olho para os lados freneticamente para ver se tem alguém por perto.

Merdaaaaaa.

Quando estava gozando nem pensei nisso, mas imagina se um homem passa por aqui e me vê nua.

—Fica tranquila, gostosa. — Ele diz enquanto termina de subir minha calça, levanto a bunda para ajudar. —Ninguém nos viu. Eu não seria louco de deixar alguém ver suas feições ao atingir um orgasmo e muito menos ver sua boceta toda meladinha que pertence somente a mim. — Ele diz e me puxa para o seu colo trazendo sua boca à minha e me beijando deliciosamente. Sinto meu gosto em sua boca e posso afirmar que só me deixa com mais tesão. Ele sente isso porque aprofunda ainda mais o beijo.

Sinto seu membro ainda duro como rocha embaixo de mim.

—Mas e você?

—Eu? Eu posso esperar mais um pouco. O que eu não podia fazer era deixar minha mulher cheia de tesão e com a boceta latejando implorando por mim. Além do mais eu estava louco de vontade de provar você de novo e ficar com o seu gosto na minha boca.

—Não faz isso Gui, que me dá vontade de arrancar suas roupas, te colocar inteiro dentro da boca e te chupar até você gozar em mim.

—Porra de mulher gostosa! É isso que você é. — Ele diz me beijando de novo e apertando minha bunda de forma que eu me grude ainda mais nele. Nossas línguas se enroscam em um frenesi e minha vontade é nunca mais sair daqui, mas cedo demais ele termina o beijo. —Volta para o seu lugar logo Malu, antes que eu esqueça de onde estamos e te foda aqui mesmo sem pensar nas consequências. E apesar de estar louco para sentir meu pau sendo apertado por essa boceta gostosa eu não quero que seja aqui, eu não quero ter que te foder rápido para que ninguém nos veja. Eu quero ter você nua na minha cama, completamente exposta para mim. Eu quero ter o seu corpo ao meu dispor para que eu possa me deleitar em cada centímetro seu. Eu quero te foder com pressa para logo depois fazer amor com calma.

—Gui... — Por que ele fala essas coisas se sabe que vai me deixar ainda com mais tesão.

Ele dá aquele sorrisinho molha calcinha e eu percebo que era essa a real intenção dele, me deixar com ainda mais desejo por ele. Então volto para o meu lugar colocando o cinto de segurança e observo enquanto ele faz o mesmo e ajeita o membro dentro da calça antes de colocar o carro em movimento, e a vontade de provar o seu gosto vem com tudo em mim.

Ele me pega olhando para o seu pau e diz: —Nem pense em fazer isso ou vamos acabar batendo o carro. Eu não vou ser capaz de ter o pau na sua boca sem dar atenção completa ao seu rosto enquanto você me engole por inteiro. — Ele faz carinho no meu rosto. —Mas não vou me opor a ter essa boquinha linda em mim assim que entrarmos no apartamento. Na verdade, não vejo a hora de gozar e derramar meu esperma todo dentro dela enquanto você geme e engole tudo que te dou.

E assim ele tira a mão de mim e se concentra em chegar o mais rápido que pode em seu apartamento, e eu fico ao seu lado me contorcendo de ansiedade louca para que não tenha nenhum engarrafamento pela frente e a viagem seja rápida. Porque assim que entrarmos pela porta eu vou fazer exatamente o que ele quer, vou fazê-lo gozar dentro da minha boca.

***

Chegamos no seu apartamento em tempo recorde, mas eu não tenho chance de fazer o que eu quero, que consiste basicamente em joga-lo no sofá, me ajoelhar aos seus pés e chupar aquela maravilha que ele chama de pau.

Não consigo porque o Guilherme parece um homem possuído pela

luxúria, e assim que entramos pela porta me joga na parede e cola seu corpo ao meu em um beijo ardente cheio de tesão enquanto mói o pau contra o meu ventre.

—Gui, eu quero outra coisa. — Tento falar, mas é em vão, ele está totalmente dominado pelo desejo.

Sua boca me devasta enquanto suas mãos apertam com força meus seios por cima da blusa. Eu gemo, mas eu preciso de mais, o contato é pouco, eu preciso das mãos dele na minha pele.

Me remexo tentando tirar a blusa, mas ele pega meus pulsos e os prende acima da minha cabeça, e com um sorriso predador rasga minha blusa com a mão livre e puxa meu sutiã para baixo, fazendo meus seios saltarem livres.

Não tenho tempo para reclamar da blusa rasgada porque meio segundo depois ele abocanha um dos mamilos e o suga com vontade, fazendo com que eu jogue a cabeça para trás e grite o nome dele.

Ele solta minhas mãos e me pega no colo, enrolo minhas pernas em seus quadris e começo a rebolar, segurando sua cabeça contra o meu seio.

Ele começa a caminhar comigo em seu colo, mas não vai muito longe e me deita com cuidado no sofá com o seu corpo sobre o meu. —Eu quero você. Agora.

—Sim...

Ele tira a blusa dele e arranca minha calça e calcinha, minha blusa rasgada voa para algum lugar e ele volta a sugar um dos meus seios enquanto aperta o outro com a mão.

Passo os dedos pelo seu abdômen, sentindo toda aquela musculatura gostosa até chegar em sua calça, e mesmo com os dedos trêmulos consigo desabotoar e abrir o zíper.

Enfio a mão dentro da sua cueca e sinto em minha mão o quanto ele me deseja. Ele está rígido, pronto para mim. Passo o dedo pela cabeça do seu pau e sinto vazar pré sêmen, uso isso como lubrificação e faço movimentos de vai e vem, o Guilherme solta meu peito e sua boca voa direto para a minha enquanto ele geme.

Nosso beijo é avassalador e eu não paro de masturbá-lo nem por um

segundo, sua mão desce pelo meu corpo até chegar em minha boceta, onde ele começa a acariciar do clitóris até a entrada, indo e vindo sem parar. Me sinto cada vez mais excitada, se é que isso é possível.

—Tão molhada, tão pronta, tão minha...

Aumento o movimento em seu membro no mesmo momento em que ele aumenta o movimento dos seus dedos no meu ponto sensível. Sinto aquele familiar formigamento e quero que ele também goze, mas ele tenta tirar minha mão do seu pau. —Para ou eu vou gozar.

—Eu quero, quero gozar na sua mão e quero que você goze na minha.

Não sei como consegui falar, muito menos que saísse de forma coerente, minha mente está nublada e a única coisa que preciso é gozar e ver a expressão dele enquanto se desfaz para mim.

Ele abaixa a calça junto com a cueca até a altura dos joelhos para que eu tenha um melhor acesso ao seu pau e volta a me masturbar enquanto beija e morde e lambe os meus seios, aumento a velocidade da mão e o sinto inchar sob ela, jogo minha cabeça para trás quando meu ventre se contrai e sinto os espasmos se espalhando pelo meu corpo no mesmo instante em que sinto os jatos de um líquido quente na minha coxa e boceta.

Abaixo a cabeça a tempo de ver o Guilherme de olhos fechados e boca entreaberta gemendo meu nome enquanto a última gota de seu esperma é derramada sobre mim.

Ele abre os olhos e me perco naquele azul que tanto amo. Ele é lindo. Eu quero ver para sempre essa expressão no seu rosto.

Ele sorri. —Minha menina safada não deixa de me surpreender.

—Eu não era assim, mas você traz a tona o meu lado mais devasso. Então a culpa é toda sua. — Digo o puxando para mim e beijando sua boca.

Ele se levanta e me pega nos braços. —Vamos, eu fiz uma bagunça em você, e agora preciso te deixar limpinha e cheirosa.

—Eu gosto quando você me deixa assim. Suja!

Ele morde meu ombro. —E eu gosto de deixar você assim, mas agora eu vou te dar um banho bem gostoso de banheira e se você se comportar bem quem sabe ganhe mais alguns orgasmos.

Sorrio em seu pescoço, porque sei que não importa como eu me

comporte, ele vai me fazer gozar inúmeras vezes.

***

Acordo com um barulho insistente de um zumbido de telefone. Meus olhos se recusam a se abrir e meu corpo inteiro está dolorido pela maratona de sexo que o Guilherme me proporcionou.

Fizemos sexo na banheira, onde ele me fez cavalgar em seu pau até que eu estourasse em um orgasmo surreal, depois me lavou inteira e me fez gozar de novo com seus dedos enquanto apertava meu seio e mordia meu pescoço, e para finalizar me levou para a cama e mais uma vez nos perdemos nos braços um do outro, mas dessa vez com calma, com carinho e cuidado.

Como ele havia prometido, me amou e adorou cada pedacinho do meu corpo.

E depois disso tudo eu não poderia estar de outra forma que não fosse esgotada, então desmoronei assim que gozei pela última vez e não lembro de mais nada depois disso.

Quero continuar dormindo, mas essa merda de zumbido não para.

Parou.

Graças a Deus.

Estou entre a realidade e sonho quando o barulho começa de novo.

—Gui... — Falo e espero um pouco para que o Guilherme veja o que é isso, mas nada acontece e o zumbido irritante não para.

Abro os olhos e vejo que já está escurecendo. O Guilherme não está ao meu lado e a cama do seu lado está gelada, o que significa que ele saiu há um bom tempo. Olho ao redor do quarto e nada, nenhum sinal dele.

Vejo um celular se iluminar na mesinha ao lado da cama e identifico que o zumbido vem dali, do celular do Guilherme.

Deve ter acontecido algo muito grave para a pessoa insistir tanto assim.

Pego o telefone, sei que eu não deveria pegar e invadir a privacidade assim dele, mas e se algo tiver acontecido com o Bento?

Meu coração acelera só no pensamento.

Mas quando olho para o telefone em minhas mãos e leio o nome que aparece na tela, juntamente com a foto da loira linda que conheci em um

almoço na casa da Dona Marta, sinto meu estômago embrulhar.

Lia.

Fico olhando para o telefone sem saber o que fazer ou pensar até que ele para de tocar. Logo depois uma mensagem chega, seguida de outra e mais outra.

O celular é bloqueado por senha, mas é possível ler o que ela digitou para ele pelas notificações.

Gui, meu amor, me atende.

Minhas mãos começam a tremer quando leio a próxima.

Essa garota sem sal não vai te satisfazer como eu.

Mas é a última que me quebra.

Vamos nos encontrar que eu vou te fazer relembrar o que um homem como você precisa.

Um homem como ele precisa.

Um homem como ele precisa.

Essa frase fica martelando na minha cabeça.

Não! Eu não posso deixar que isso me atinja, o Guilherme me ama, ele disse isso com todas as letras.

Mas será que eu vou ser suficiente para um homem como ele?

Será que eu vou conseguir satisfazer todos os seus desejos?

Será que eu vou conseguir dar o que ele precisa? E o que será que ele precisa?

Antes que eu possa pensar em mais alguma coisa o telefone começa a tocar de novo e a foto dela aparece novamente.

Penso em colocá-lo de volta no lugar e fingir que nada aconteceu, mas assim que o pensamento me atinge a porta do quarto se abre e um Guilherme vestindo apenas uma cueca cinza entra segurando uma bandeja em suas mãos.

Um sorriso ilumina seu rosto quando ele diz: —Está acordada, estragou minha surpresa. — Sorriso esse que morre assim que ele vê minhas feições e olha para as minhas mãos que seguram seu telefone que continua tocando e

mostrando a foto da sua ex-amante.

Capítulo 40

Guilherme

Depois de amar minha Malu de todas as formas possíveis e lhe proporcionar inúmeros orgasmos, ela simplesmente desabou em cima de mim.

Confesso que me assustei, porque parecia que ela tinha desmaiado. Ela estava jogada sobre o meu peito comigo ainda dentro dela.

Mas que merda!

Eu sou um imbecil!

Para variar pensei somente com a porra da cabeça de baixo.

A balancei com desespero, que logo se transformou em uma risada quando ela resmungou ainda de olhos fechados.

—Não... eu não aguento mais. Você acabou comigo. Shiiiii... dormir.

Minha gatinha está cansada, e eu vou deixá-la dormir, mas antes preciso limpá-la e a deitar direito na cama para que fique em uma posição confortável.

Sorrio com o pensamento.

Quem diria que o Guilherme, aquele cara que não suportava nem o pensamento de dormir ao lado de uma mulher agora está aqui todo preocupado com o bem-estar de uma e não vê a hora de se grudar a ela e dormir sentindo o seu cheiro gostoso.

Com muito cuidado a coloco para o lado e saio de dentro dela. Sinto falta do seu calor instantaneamente, e a vontade de ficar lá dentro mesmo com ela dormindo me invade.

Nunca imaginei que sexo com uma única mulher poderia ser tão gostoso, tão único e tão poderoso. Parece que nos encaixamos perfeitamente, que nossos movimentos são sincronizados e entendemos exatamente o que o outro quer.

Levanto com calma para não acordá-la, e quando saio da cama percebo

que eu poderia pular em cima dela como uma criança que ela não acordaria.

Eu realmente cansei minha menina. Mas o que posso fazer se sinto uma fome insaciável pelo corpo dela?

Vou até o banheiro e tomo um banho rápido, coloco bastante sabão na mão e a desço pelo abdômen, quando chego ao meu pau o desgraçado já está semiereto implorando para estar em seu local favorito. Dentro da Malu.

Olho para baixo e falo: —Agora não amigão, nossa menina precisa de um descanso.

Saio do banho, me enrolo em uma toalha e pego uma outra menor, a molho com água quente e vou até o quarto cuidar da minha mulher. Coloco ela de barriga para cima e sinto vontade de rir, ela parece uma boneca que eu posso manejar como bem quiser.

Quando abro suas longas pernas e sua boceta fica exposta para mim vejo meu esperma escorrendo por toda sua fenda.

Puta que pariu.

Não sei que porra é essa, mas minha vontade é de enfiar tudo lá dentro de volta e o que não ficar lá dentro espalhar por todo o seu corpo.

Para com isso Guilherme, está parecendo um homem das cavernas.

Passo a toalha com cuidado em toda sua boceta, tirando todo o resquício da nossa maratona de sexo. Não vou mentir e dizer que foi fácil fazer isso, o meu pau tinha outras ideias e a vontade de cair de boca ali e sentir seu gosto novamente foi grande, mas eu consegui me controlar e apenas a limpei.

Quando termino o meu "trabalho", me deito ao seu lado e a puxo para o meu peito. Abraço sua cintura enquanto ela repousa a cabeça em meu peito e joga uma de suas pernas sobre as minhas. Tiro um pouco de cabelo que ficou no seu rosto e olho para toda a sua beleza pensando em como sou sortudo de ter uma mulher como ela.

Ela ressona baixinho e eu deixo um beijo em sua testa.

Pronto, agora eu posso fechar os olhos e descansar.

***

Dormi bastante, e quando acordo estou na mesma posição, já que a

Malu continua apagada em cima de mim. Fico ali por um tempo apenas observando o quanto ela é linda, e o mais importante, minha. Toda minha.

Meu estômago começa a roncar e sei que preciso comer algo e o mais importante, trazer algo para ela. Ela já ficou tempo demais sem se alimentar, e isso faz mal para o nosso bebê.

Sinto uma coisa estranha no peito quando pronuncio essas palavras.

Nosso bebê.

É como se uma euforia tomasse o meu coração e surgisse uma ansiedade de ter uma pessoa nos meus braços.

Coloco a Malu deitada no travesseiro e ela se espalha pela cama de barriga para cima, expondo todo o seu corpo nu.

Linda!

Ela realmente é linda, mas o que me chama a atenção nela é que sua barriga agora ostenta uma pequena saliência. É quase imperceptível, mas apesar de pouco tempo eu já conheço bem o corpo dela. Decorei cada centímetro dele, e notaria até uma nova pintinha que aparecesse.

Sento na cama e me aproximo ainda mais do seu ventre, fico ali olhando para sua barriga e não resisto a tentação, coloco minha mão sobre ela sabendo o que tem ali dentro. Uma criança.

Nosso filho.

Sorrio imaginando uma mini Malu correndo pela casa da minha mãe.

Imagino uma menininha linda com seus longos cabelos castanhos correndo pelo jardim ao me ver chegar. A imagino pulando no meu colo enquanto a rodopio e caio com ela no gramado. Fecho meus olhos e posso ver claramente dois olhos profundos castanhos me olhando com amor e me chamando de papai.

Meu coração acelera com esse simples pensamento e eu finalmente entendo. Eu já amo essa criança tanto quanto amo a sua mãe.

Elas são minhas, e nada nem ninguém irá tirá-las de mim.

Me abaixo e deixo um beijo na minha filha. Sim, eu tenho certeza que será uma menina como a minha Malu, então ainda com os lábios grudados ali sussurro esperando que ela possa me ouvir: —Eu vou cuidar de você, minha

princesa.

Sorrio assim que levanto da cama e saio do quarto deixo minhas duas meninas lá dentro, indo em busca de algo para alimentá-las e fazer com que elas fiquem bem.

***

Depois de ver que não tinha quase nada no armário da cozinha volto para o quarto com um sorriso no rosto satisfeito e nas mãos uma bandeja com uma omelete, que era a única coisa que dava para fazer, além de um copo de suco.

Ok, não é lá essas coisas, mas me deem um pouquinho de crédito, era o que tinha disponível e eu não queria sair de casa e deixar a Malu aqui, vai que ela acorda e não me encontra.

Cacete! Eu realmente me tornei um imbecil apaixonado, e sabem o que é o pior disso tudo? Estou adorando viver essa nova fase da minha vida.

Abro a porta do quarto com um sorriso imenso no rosto e vejo minha menina sentada na cama olhando para baixo. Brinco com ela: —Está acordada, estragou minha surpresa.

Ela levanta o rosto e eu congelo na porta, meu sorriso morre assim que vejo seus olhos marejados e seu olhar triste.

Mas que porra aconteceu para ela estar assim? Eu me certifiquei de não demorar muito, e pelo seu rosto um pouco inchado e seus cabelos bagunçados ela acabou de acordar.

Ela abaixa a cabeça de novo e sigo seu olhar, que agora está fixo em suas mãos sobre o seu colo. E o que vejo ali faz meu coração acelerar.

Meu telefone.

Meu telefone tocando e a foto da Lia aparecendo e iluminando a tela.

Mas que porra essa mulher está me ligando? Eu já deixei claro que tudo o que tínhamos acabou. E porque a Malu está com meu telefone na mão e com essa tristeza no olhar?

—Malu, o que f...

—Guilherme, eu... — Ela levanta a cabeça e me olha, e parece que pode chorar a qualquer momento. —Me desculpe... — Ela fala baixinho. —

Eu ouvi o seu celular vibrando sem parar e achei que era sua mãe. Eu... eu não fiz por mal, não queria me intrometer na sua vida e nem ler nada. — Como assim se intrometer na minha vida? Ela é a minha vida! Ela arregala os olhos como se tivesse falado demais.

Continuo parado no mesmo lugar, tenho medo até de me mover. —O que foi que você leu?

—Eu... eu... acho melhor... — Ela começa a falar, mas antes que termine vejo seus olhos desfocarem e ela ficar pálida. Não tenho tempo de reagir, ela levanta, joga o celular na cama e corre para o banheiro batendo a porta atrás de si.

Largo a bandeja de qualquer jeito em cima da cama e vou atrás dela. Não sei que merda a Lia escreveu que a fez ficar assim, mas vou esclarecer essa merda de uma vez por todas.

Giro a maçaneta e encontro a porta trancada.

Trancada?

Bato com força na porta. —Malu, abre a porta. — Ela não responde, mas ouço o barulho da torneira se abrir. —Malu. — Falo mais alto.

—Eu já vou sair. — Ouço sua voz baixa e espero, de repente escuto passos apressados lá dentro e um barulho que faz meu sangue gelar. Ela está vomitando.

PORRA!

—Malu, abre essa porra dessa porta agora. — Já estou gritando, e ela não responde, apenas ouço suas ânsias de vômito e me desespero ainda mais. —Eu vou arrombar essa merda. Abre agora. — Digo socando a porta.

Eu vou arrombar essa porta. Foda-se. Não vou deixar minha mulher lá dentro passando mal sozinha.

Começo a dar chutes na porta quando ouço o barulho da descarga e ela dizer. —Para com isso, Guilherme. Você vai se machucar, eu já estou saindo.

Sinto meu coração apertar, ela está magoada com alguma coisa que ainda não sei o que é, passando mal e ainda assim preocupada comigo.

Ouço o barulho do chuveiro ligando e sei que ela está tomando banho.

Cacete de mulher teimosa! Já era para ela ter aberto essa porta e eu

estar cuidando dela.

Me escoro na porta esperando ansiosamente que ela saia logo dali, então me lembro que ela deixou o telefone na cama quando correu para o banheiro.

Pego o celular que ficou ali esquecido, vejo inúmeras ligações da Lia e mensagens suas, ignoro as ligações e vou direto para as mensagens, e quando começo a lê-las sinto que posso matar essa mulher com as minhas próprias mãos.

Não acredito que minha Malu leu essas coisas, e pior ainda, acreditou nelas.

A porta do banheiro se abre quando termino de ler uma mensagem que fala sobre o que um homem como eu preciso.

Mas que merda. Então é isso.

Olho para cima e vejo a mulher que eu “preciso” ali parada. A mulher da minha vida bem diante de mim enrolada em uma toalha com a cabeça baixa.

Caminho até ela com o celular ainda nas mãos, paro diante dela, mas não digo nada. Aperto retornar chamada e coloco no viva-voz.

Quando o barulho da chamada começa a soar do alto falante a Malu levanta o rosto e abre os olhos assustada.

—Não precisa... — Levanto a mão a cortando.

O telefone toca apenas mais uma vez quando a voz da Lia soa quase desesperada.

—Gui, meu amor, que bom que você me retornou, eu...

—Lia, eu vou te dizer pela última vez, o que nós tínhamos acabou. Não ligue mais para mim, não mande mais mensagens, nem tente me procurar.

—Não fala isso, Gui. Você leu minhas mensagens? — Ela diz com a voz chorosa. Ela sabe que não suporto ver ou ouvir uma mulher chorar, mas agora ela pode chorar rios de lágrimas que não vou me comover, não quando por causa dela minha menina passou mal e sabe-se Deus o que está pensando sobre tudo isso.

—Li sim, e minha mulher também leu, inclusive ela está ouvindo essa

conversa já que o telefone está no viva-voz.

—O que? — A Lia pergunta como se não acreditasse no que eu estava dizendo.

—Sim, ela está ouvindo, não tenho nada a esconder. Ela sabe do meu passado. — Então olho dentro dos olhos da Malu. —Eu não preciso esconder o que fui da Malu, muito menos o meu passado, já que ele está exatamente onde deve ficar, enterrado. Ela é o meu presente e o meu futuro. — Digo mais para a Malu do que para a Lia e vejo minha menina esboçar um sorriso. —E não que eu precise te dar satisfações da minha vida, mas faço questão de responder a uma das suas mensagens. A Malu não é tudo o que eu preciso, ela é mais, muito mais do que eu um dia sequer pensei em ter. Então por favor, não me faça ter que te bloquear, tenha respeito pela minha decisão, e em consideração a nossa amizade não faça mais isso.

Encerro a ligação e respiro fundo. Ainda com os olhos nos da Malu falo com a voz triste. —Eu não sei mais o que fazer para provar que eu te amo, que eu não quero mais ninguém além de você.

Eu me recuso a acreditar que depois de todas as provas de amor que eu dei ela ainda se sinta insegura comigo.

Estendo a mão e faço um carinho em seu rosto quando vejo arrependimento em seu olhar, mas preciso de mais do que isso.

—Coma um pouco, você precisa se alimentar. Eu fiz uma omelete e está ali na bandeja. — Viro as costas para ela e me dirijo para fora do quarto, não sei para onde ir, mas preciso de um tempo sozinho.

Quando estou quase na porta ela diz: —Você vai me deixar?

E aí está a insegurança que ela tem que superar, mas também sei que isso é uma coisa que foi construída por anos e anos de rejeição e abandono, e não será tão fácil ela mudar.

Paro os passos e viro o corpo de frente para ela. —Eu nunca te deixaria, nem que eu quisesse eu poderia, mas eu preciso que você entenda de uma vez por todas que você é a única para mim. Desde o dia que eu te beijei pela primeira vez eu não quis mais ninguém, na verdade desde o dia que eu te vi naquela cama de hospital sedada eu já sabia que não haveria mais ninguém. Desde o momento que mesmo dopada por sedativos você abriu os olhos para mim e sorriu me chamando de meu amor eu tinha certeza que você seria a

única, a mulher da minha vida.

Ela coloca a mão no coração. —Eu pensei que tivesse sido um sonho.

—Não foi, foi muito real. E eu nunca me senti tão feliz como naqueles poucos segundos em que você me tocou e disse aquelas duas únicas palavras. E eu te amo Malu, acho que amei desde aquele momento, mas eu preciso de mais que isso.

Penso em sair e espairecer a mente, deixar que ela pense um pouco nas coisas que aconteceram, mas percebo que não sou forte o suficiente para fazer isso quando vejo uma lágrima deslizar pela sua face.

—Me desculpa. Eu não queria me sentir assim, mas é mais forte do que eu, e ler aquelas coisas, e saber que vocês já estiveram juntos inúmeras vezes me deixou com tanto ciúme que eu fiquei cega. — Ela suspira. —Eu não sou uma mulher experiente Guilherme, apesar de estar grávida você é o segundo homem que eu tenho na vida, e eu fiquei com medo de não ser boa na cama o bastante para você.

Minha vontade é de sacudi-la por pensar tão pouco de si.

Não deixo que ela termine.

—Você não ter experiência na cama não é e nunca será um problema para mim. Se você fosse nós iríamos quebrar esse quarto, e não sendo eu estou mais do que satisfeito em te ensinar coisa por coisa do que eu sei. O que você precisa saber é que pouco me importa o que você sabe fazer dentro de quatro paredes, porque eu não preciso que você tenha experiência para me agradar, eu poderia ficar satisfeito só de olhar para o seu rosto sorrindo e ouvir sua boca dizer que me ama todos os dias. — Me aproximo dela porque não consigo mais suportar essa distância entre nós. —Mas pelo que pude perceber a senhorita é uma devassa na cama, e eu não vou ser contra se além de dizer que me ama e sorrir para mim você quiser ter o meu pau dentro de você o tempo inteiro, rebolar gostoso nele e gozar gritando meu nome enquanto eu derramo todo o meu esperma dentro de você.

Sua face fica corada e vejo em seus olhos o quanto já está excitada.

Pego sua mão e a coloco sobre o meu pau. —Está sentindo isso aqui? Ele só fica assim por você. Somente por você. Então por favor, nunca pense que você não é mulher suficiente para mim. Eu te amo, e nada mais que isso importa.

Ela me abraça e encosta a cabeça no meu peito. Retribuo o seu abraço e inalo o perfume dos seus cabelos.

—O que foi que aconteceu no banheiro? — Digo baixinho enquanto acaricio suas costas

Ela se afasta um pouco, mas permaneço com meus braços envolta dela. —Eu não sei, senti um enjoo muito forte de repente. Mas já estou bem. É sempre assim, depois que coloco tudo para fora fico boa na hora. — Ela coloca a mão no ventre e fala sorrindo. —Ele já está me dando trabalho desde a barriga.

—Ela.

—O que?

—Ela. Será uma menina, tão linda quanto a mãe. — Falo traçando seu rosto com a ponta dos meus dedos.

—Como você sabe que será uma menina? — Ela me indaga com o cenho franzido.

—Eu não sei, mas sinto que vai ser. Agora vem aqui que você precisa comer. — Ela entorta o nariz. —Vai comer sim, nossa menininha precisa que você se alimente por ela, então vai comer nem que seja um pouco.

—Adoro quando você cuida de mim. — Ela diz enlaçando o meu pescoço com os braços e me dando um beijo calmo e tranquilo que eu retribuo de bom grado.

—E eu adoro cuidar de você. — Digo quando o beijo termina, a levando para a cama onde a sento no meu colo e puxo a bandeja para perto. —O menu de hoje está bem simples, já que não tenho quase nada aqui. Mas não se preocupe que depois nós sairemos para jantar.

—Eu não tenho roupas para sair bonitão, já que você rasgou a única blusa que eu tinha aqui. — Ela diz e começa a comer.

Sorrio lembrando de como rasguei sua blusa. —A culpa foi toda dela que estava no meu caminho me atrapalhando. Mas não se preocupe, podemos comprar uma blusa em algum lugar, ir em um drive thru ou pedimos algo para comer aqui mesmo.

—Gui, e a sua mãe? — Ela pergunta e coloca outro pedaço imenso de omelete na boca.

—O que tem ela?

O celular começa a vibrar na cama e a Malu não tem tempo de responder, sinto seu corpo tenso e pego o telefone já pronto para rejeitar a ligação e bloquear a Lia, mas acabo sorrindo para a foto de uma Dona Marta sorridente abraçada a mim que aparece no visor.

—Falando nela... — Atendo a ligação colocando no viva voz novamente. —Olá, Dona Marta.

—Guilherme, onde você se enfiou com a Maria Luísa? — Malu dá uma risadinha com a boca cheia de comida ao ouvir minha mãe me repreender.

—Uau mãe, eu estou bem e a senhora?

—Sem piadinhas agora, Guilherme. Cadê a minha menina? E porque eu chego em casa e vocês não estão aqui?

—Você não ia ficar no hospital com o Bento? — Respondo com outra pergunta, não quero dizer para minha mãe que trouxe a Malu para o meu apartamento, ela vai logo saber o que fizemos aqui, não que eu tenha vergonha, mas com certeza a mulher sentada no meu colo não ia gostar nada da minha mãe saber da nossa vida sexual.

—Ia, mas quando eu voltei para o quarto do seu irmão tinha um rapaz muito simpático lá fazendo companhia para ele, seu irmão sorria como há muito tempo eu não via, e quase nos expulsou de lá dizendo que tínhamos que descansar e que se precisasse de algo estava cheio de médicos por perto para o ajudar. — Ela suspira. —Eu não queria vir embora, mas o Dr. Mauricio, o rapaz que estava com ele e que também é médico de lá, me garantiu que ele estava muito bem assistido e que ficaria um pouco mais por lá pois precisava resolver algumas pendências, então acabamos saindo. E eu também estava preocupada com a Malu, até passei no mercado para comprar aquele sorvete que ela adora, mas aí chego em casa e nada de vocês.

A Malu abre um sorriso enorme, não sei se pelo sorvete, pela preocupação da minha mãe com ela ou por perceber que seu plano de deixar o Bento com o "doutorzinho" havia dado certo. Pela sua expressão parece ser um pouco dos três.

—Mãe, você sabe que eu e a Malu estamos juntos certo? E hoje nós não vamos...

Malu arregala os olhos e nega com a cabeça, já sabendo que vou falar

para ela que não vamos voltar para casa.

—Nem pense nisso Guilherme. Você tem uma hora para estar em casa com ela para jantarmos juntos, nem um minuto a mais. Preciso ficar um pouco com ela meu filho, ainda estou me sentindo muito culpada por ter tratado ela tão mal mais cedo.

Olho para a Malu que está com os olhos brilhando me encarando, quase me implorando para levá-la até minha mãe.

Como negar alguma coisa a ela?

—Tudo bem mãe, daqui a pouco estamos aí.

—Até daqui a pouco, meu menino. — Ela fala e desliga. Acho tão engraçado quando ela me chama de menino.

Aperto os olhos para a Malu e digo: —Eu tinha planos para nós dois.

Ela coloca o prato na bandeja e se ajeita no meu colo de forma que suas pernas fiquem uma de cada lado do meu corpo. Posso sentir sua boceta nua debaixo da toalha contra o tecido da minha cueca, que é a única coisa que me impede de me enfiar profundamente dentro dela.

Ela então abaixa a cabeça e sussurra no meu ouvido.

—Então seja rápido Guilherme, coloque logo seu plano em ação, ou será que você não consegue me fazer gozar em tão pouco tempo?

Filha da puta!

Seguro seu cabelo pela nuca com força e o puxo para traz.

—Isso é um desafio, Maria Luísa? — Ela sorri e acena positivamente com a cabeça. —Pois saiba que eu amo um desafio e nunca entrei em um para perder.

A jogo na cama já tirando a toalha do seu corpo enquanto com a outra mão puxo minha cueca para baixo, em um único movimento estou completamente dentro dela. Ela grita pela minha entrada inesperada e eu paro por um instante. —Ah Malu... — Digo e aperto seu seio direito enquanto sugo o mamilo esquerdo. —Você me desafiou e agora vai ver como e quantas vezes sou capaz de fazer você gozar em um pequeno espaço de tempo...

Não sei quanto tempo depois tomamos banho para irmos jantar com meus pais, mas sei que deixei minha mulher satisfeita e provei para ela o

quanto gosto de vencer um desafio.

Capítulo 41

Bento

E aconteceu o que eu mais temia.

Minha amiga caiu nas garras do meu irmão.

Eu sabia, não, eu tinha certeza que assim que ele colocasse os olhos nela ia ficar louco.

O conheço muito bem, ele sempre foi assim, não podia ver um rabo de saia que tinha que ter a mulher para ele. E só de olhar para a Maria Luísa você corre o sério risco de se apaixonar. Ela é deslumbrante, e após ter um minuto de conversa e ver toda a sua bondade, simplicidade e magnitude você fica com os quatro pneus arriados.

Isso teria acontecido comigo com certeza se eu não fosse homossexual. A mulher é espetacular, com aquelas pernas que parecem não ter fim, corpo esbelto, seios grandes e rosto de menina, consegue fazer qualquer um ficar aos seus pés, e de quebra ainda tem o coração tão puro que você tem vontade de colocá-la em uma redoma de vidro e guardar ela só para você.

Foi exatamente por ter esse coração gigante e confiar tanto nas pessoas, acreditar na bondade delas, que ela já sofreu e se machucou tanto.

Minha menina já passou por tanta coisa nessa vida que só de lembrar tenho vontade de chorar. E por medo que ela sofresse de novo, que se iludisse e tivesse o coração partido, que eu a fiz prometer ficar longe do Guilherme, porque eu sabia que ele tentaria de todas as formas leva-la para sua cama e depois a descartaria como sempre fez com todas.

Ele as usava até se satisfazer, e quando uma nova presa aparecia ele as descartava.

Mas de nada adiantou a sua promessa, o Guilherme conseguiu conquista-la.

Pensei que ela seria mais dura na queda, principalmente depois de tudo o que aconteceu com o Max e da desilusão que sofreu com ele, porém sei que quando meu irmão está afim ele consegue ser persuasivo, age como bom

moço e faz tudo o que for preciso para conseguir o que quer. E ele mais uma vez conseguiu, não só a levou para a cama, como também conquistou o seu coração.

Ela se entregou de corpo e alma, pude perceber apenas a observando que ela estava totalmente apaixonada por ele.

Mas isso não foi o que mais me surpreendeu nessa história toda, o que me deixou realmente sem palavras foi ver a forma como ele a trata, o jeito que ele a olha, o carinho que ele a segura e a possessividade que ele tem sobre ela.

Esse homem aqui parado na minha frente nem parece o galinha do meu irmão. Que pega e não se apega. O sr. solteirão convicto que jamais se prenderia a uma única mulher.

Como ele dizia mesmo? Lembrei. *Para que ter uma se posso ter todas?*

O pai sempre falou que um dia ele ia cair de amor. Ele ria e dizia que nunca aconteceria. E aí está, o Guilherme totalmente envolvido por uma mulher.

Mas para ter certeza que ele mudou eu relembrei a Malu sua promessa de não se aproximar dele. A carranca que se formou no rosto do meu irmão foi impagável, ele parecia prestes a coloca-la sobre os ombros e fugir com ela antes que eu detonasse o seu relacionamento.

Eu jamais imaginaria que ele se apaixonaria, querer pegar sim, mas cair apaixonado? Nunca!

Ele é meu irmão, mas isso não impede que eu mostre a ele que a Malu não está sozinha nessa vida, que ela tem a mim para defende-la no caso de ele a machucar. Eles sorriem um para o outro e eu vejo nos olhos da Malu, algo que não vi em todo esse tempo que nos conhecemos. Amor. Amor puro, sem censura e sem limites.

O que ela tinha com o Max não era amor, era paixão.

Ela sempre foi muito carente e se apegava fácil demais. Não digo que ela não gostava dele, claro que gostava, mas não era como isso que vejo aqui.

Estou no meio desses pensamentos quando a porta se abre e um anjo loiro adentra o quarto. Fico sem fala, algo que nunca acontece comigo.

Ele fala algo e vem direto em minha direção, mas eu não consigo ouvir,

não consigo raciocinar, parece que o mundo ao meu redor sumiu e eu só consigo ver ele.

Vejo sua boca se mexendo e sei que está falando comigo, mas não consigo falar nada.

—Bento, nós estamos indo. — A voz alta da minha amiga me tira desse transe.

—O que? — Respondo a ela que sorri e diz que não está se sentindo muito bem. Estranho porque ela parece normal. Ela diz também que o homem na minha frente a examinou mais cedo e indicou repouso depois do desmaio. Ah... então ele é médico, por isso está aqui.

Uma decepção invade o meu coração, pensei que ele poderia estar aqui por mim, não por eu ser paciente, mas então minha amiga me abraça e sussurra no meu ouvido. —Aproveita esse médico gostoso que ficou todo eufórico quando eu contei que você tinha acordado. — Abro um sorriso enorme porque eu sabia que essa saída repentina dela não era à toa. Minha menina como sempre mostrando como me ama e lutando pela minha felicidade. Como eu a amo!

Fico um pouco sem graça quando ela pergunta se o Mauricio, sim agora sei que esse é o nome dele, pode ficar comigo até meus pais voltarem. Fica na cara todo o jogo da Malu, mas graças a Deus ele parece não perceber e logo se prontifica a ficar comigo e me fazer companhia, e uma pontinha de esperança tenta entrar no meu coração.

Se acalma Bento, pode não ser nada, ele pode apenas ser um médico gentil e a Malu estar fantasiando as coisas.

O Guilherme se despede de mim e eu o faço prometer que irá cuidar bem dela, fico satisfeito com sua resposta, mas quando se vira e vê que a Malu está conversando com o médico fecha o semblante e trata logo de ir marcar território.

Acho que só eu percebi o joguinho da Malu.

Eles saem pela porta e o Mauricio se aproxima de mim, seus olhos brilham quando chegam ao meu lado.

Tenho medo do que vejo ali. Eu sou um cara extrovertido e brincalhão, todos acham que levo a vida numa boa, mas eu já sofri e tomei muitas rasteiras da vida. A diferença é que eu sempre mascarei os meus medos e

incertezas, nunca demonstrei para ninguém como eu sou frágil, e sob o olhar minucioso do Mauricio eu me sinto um pouco perdido, parece que ele está desvendando minha alma com aqueles olhos verdes.

Ele estende a mão para mim. —Deixa eu me apresentar direito agora que estamos sozinhos. Eu sou Mauricio e sinto como se já te conhecesse há um bom tempo, afinal por inúmeras vezes eu entrei na UTI para te examinar e algumas vezes apenas para ver se você tinha tido alguma melhora. — Ele termina de falar e sorri, e... minha nossa senhora, que sorriso perfeito.

Ele olha para baixo e vejo sua mão ainda estendida aguardando por mim. Ele deve estar achando que sou um imbecil. —Me desculpe, eu geralmente sou melhor com as pessoas do que isso. — Porra. Nem uma frase consigo formular direito. Aperto sua mão e sinto uma corrente elétrica percorrer todo o meu corpo, ele a aperta ainda mais e sorrio para ele. —Sou Bento e como você já sabe sofri um acidente de carro e fiquei entre a vida e a morte, mas graças a Deus estou aqui vivo. — Ele solta minha mão e se senta na cadeira ao lado da cama.

—Não precisa se desculpar, eu também estou nervoso, só consigo esconder um pouco melhor que você. — Ele diz e eu não posso acreditar que ele esteja sendo tão direto. —Bom, saí agora pouco do meu plantão, e como eu prometi a sua amiga e ao seu irmão, que parecia prestes a me matar alguns instantes atrás, vou lhe fazer companhia. Claro se você não se importar.

—Eu não me importo! — Cacete, falei rápido demais. —Quer dizer, pode ficar. Mas imagino que você esteja cansado e tenha algum lugar melhor para estar do que ficar dentro de um quarto de hospital conversando com um cara que acabou de conhecer.

Ele olha dentro dos meus olhos, pega minha mão e fala: —Não há nenhum outro lugar que eu queira estar além desse quarto de hospital.

Ele é direto. Ok, muito direto. Ou eu posso estar fantasiando.

Rapidamente ele solta minha mão e começa a fazer várias perguntas, de como me sinto, de como foi o acidente, de onde estava vindo e muitas outras coisas.

Eu sempre fui um cara um pouco reservado e não me abria tão fácil para as pessoas, mas com ele é fácil, é como se fosse certo, é como se eu precisasse contar a ele toda a minha vida.

Conto para ele do acidente e ele fica tenso. Seguro sua mão e digo: —Já passou. O que importa é que eu estou bem.

—Você foi muito corajoso, se sacrificou por sua amiga.

—Eu faria qualquer coisa por ela, quando nos conhecemos ela me salvou, eu tinha acabado de ser espancado e ela sem me conhecer me socorreu e ficou ao meu lado até que eu ficasse bom, então o mínimo que eu poderia fazer por ela e pelo meu afilhado era isso.

Ele dá uma risada e fala: —Ela parece ser uma mulher incrível mesmo, já o seu irmão parece não gostar nenhum pouco de mim. Parecia que ia me expulsar do quarto quando fui examiná-la.

—Para falar a verdade eu estou muito surpreso pelo Guilherme estar assim com ela, com essa possessividade toda.

—É normal, Bento. Ela está grávida dele e é linda. Qualquer homem ficaria assim.

—Ela não está grávida dele, Mauricio. Isso é o que mais me espanta. Ela nem conhecia ele até depois do acidente, e aí eu acordo e vejo os dois assim apaixonados e meu irmão como um homem das cavernas com ela e com o bebê que ela carrega.

—Uau, ele realmente parece gostar dela.

—Parece mesmo, mas vamos deixar isso para depois, eu ainda tenho que conversar melhor com ela para entender como isso tudo aconteceu em tão pouco tempo. Me fala um pouco sobre você.

Ele sorri, coisa que faz muito, e pergunta: —O que você gostaria de saber.

Tenho vontade de dizer "tudo", mas acho melhor ir aos poucos, então pergunto como ele resolveu entrar para a faculdade de medicina e ele me conta que foi algo que sempre sonhou em fazer, que sempre quis ajudar as pessoas e passa a me contar como foi sua vida acadêmica, de como teve que virar noites em claro e se encher de café para permanecer acordado, mas que finalmente estava tudo chegando ao fim e em breve ele receberia seu diploma.

Ficamos ali pelo que parecem ser horas, conversando, rindo e conhecendo um pouco mais um do outro.

Nesse meio tempo uma enfermeira entra para ver como estou e se surpreende um pouco ao ver o Mauricio ali, afinal deve conhece-lo do hospital, mas ele não dá satisfação a ela do que está fazendo no quarto, então ela acaba medindo minha pressão e verifica algumas coisas antes de sair.

Mauricio volta para perto de mim e engatamos em uma conversa animada até que a mãe e o pai entram no quarto.

—Quanta burocracia Luiz, olha quanto tempo fiquei longe do meu menino. — Ela diz enquanto entra no quarto, sorrio para ela que retribuiu meu sorriso. Ela então nota o homem ao meu lado e sorri para ele. —Olá, quem é você?

Ele se levanta e parece ficar um pouco nervoso, então falo por ele. — Mãe, esse é o Mauricio, ele é médico residente aqui do hospital. Ele inclusive me contou que algumas vezes cuidou de mim enquanto eu estava em coma. Mauricio, essa é minha mãe, Marta, e meu pai, Luiz.

Ela o abraça, o pegando de surpresa, ele me olha e sorri com a súbita demonstração de afeto. Dona Marta segura sua face com ambas as mãos e diz: —Obrigada por ter cuidado do meu menino. — Então o solta e olha ao redor do quarto. —Cadê Guilherme e Maria Luísa?

Meu pai aperta a mão do Mauricio e se apresenta a ele enquanto eu respondo.

—Eles já foram porque o Mauricio disse que a Malu tinha que descansar, e acho que vocês deveriam fazer a mesma coisa, ir para casa, comer alguma coisa e dormir.

—Eu não vou te deixar aqui sozinho. — Dona Marta quase grita.

—Eu não vou estar sozinho, mãe. — Reviro os olhos. —Estou em um hospital e se precisar de alguma coisa está cheio de pessoas aqui que podem me socorrer.

Ela abre a boca para responder, mas meu pai se adianta depois de olhar de mim para o Mauricio.

—Vamos Marta, nosso filho tem razão. Nós precisamos descansar e comer, e também temos que ver como a Malu está. Além do mais tenho certeza que ele ficará muito bem até amanhã quando chegarmos para visitá-lo bem cedo.

Meu pai então olha para o meu lado, sigo seu olhar e vejo o Mauricio me observando. Porra! Meu pai percebeu o clima entre a gente e está me ajudando a ficar sozinho com ele.

Tenho vontade de rir. Eu amo o meu pai, ainda não conversei com ele sobre eu ser gay, mas já percebi que ele vai me apoiar assim como a mãe.

—Mas eu queria ficar aqui com ele.

Meu pai sorri. —Eu sei, meu bem. Mas ele vai dormir em breve e você precisa cuidar do seu neto.

Os olhos da minha mãe se iluminam com a palavra "neto" e enfim se dá por vencida. —Promete que vai ficar bem e que qualquer coisa vai me ligar?

—Eu prometo, mãe. — Digo para tranquiliza-la.

Meu pai se despede de mim e quando me abraça fala: —Você me deve uma hein...

Sinto minhas bochechas ficarem quentes.

Que merda!

—Não precisa sentir vergonha de mim, meu filho. — Ele diz ao desfazer o abraço. —Eu quero a sua felicidade acima de qualquer coisa. Mas isso é uma conversa para outra hora.

Eles se despedem do Mauricio e se vão. Olho para o Mauricio e ele sorri.

Cacete!

Meu coração acelera a cada sorriso que ele me dá. —Sua mãe é maravilhosa.

—Sim, ela é.

Não falamos nada por algum tempo, apenas ficamos nos olhando, então percebo seu semblante cansado, ele tem olheiras embaixo dos olhos, e eu egoísta o fazendo ficar aqui.

—Mauricio, eu sei que você acabou de sair de um plantão e deve estar cansado, então pode ir para casa descansar. Como eu disse para a minha mãe estou no melhor lugar se eu precisar de alguma coisa.

Ele desvia o olhar do meu e encara suas mãos. —Ah sim, claro, você quer descansar. Eu pensei... — Seu olhar retorna ao meu e vejo uma mistura

de ansiedade e tristeza ali. —Deixa para lá. Até mais, Bento.

Ele se despede de repente e começa a caminhar até a porta. Sinto meu peito se apertar de pensar que ele pode ter ficado chateado comigo por alguma coisa que falei. Não posso deixá-lo ir embora assim. —Espera. — Ele para os passos na mesma hora. —O que você pensou?

—Nada.

—Por favor... — Insisto.

Ele vira o corpo para mim e fala de uma vez, sem filtro, sem pensar. — Eu pensei que você tivesse falado para eles irem embora porque queria ficar sozinho comigo. — Puta que pariu! Meu coração parece que vai sair pela boca com cada palavra que ele fala a seguir. —Olha, desculpa a sinceridade, acho que acabei confundindo as coisas. Mas eu te visitei muitas vezes enquanto você dormia e senti uma coisa diferente desde que te vi pela primeira vez. Eu não conseguia ficar um dia sem te ver, vinha até nas minhas folgas, e quando você acordou eu fiquei tão ansioso que acabei criando algumas coisas na minha cabeça, e... e eu vim te ver assim que pude, e eu achei que talvez tudo o que senti fosse recíproco, mas acho que não era. Me desculpe. Eu não queria incomodar, eu... — Ele respira fundo e abaixa a cabeça. —Eu nem sei mais o que estou dizendo. Melhor eu ir. Tchau Bento.

—Não. — Ver essa tristeza no olhar dele partiu o meu coração, mas saber que ele sente algo por mim a ponto de falar isso tudo sem nem mesmo me conhecer direito me enche de alegria.

Tento levantar da cama e ir até ele, mas meu corpo ainda está muito fraco e acabo me desestabilizando.

—Bento! — Ele corre na minha direção e me segura antes que eu caia, me abraçando contra o seu peito. Aproveito e inalo seu cheiro. Delicioso. Ele percebe o que fiz e sorri para mim ao me colocar de volta na cama. —Você não pode fazer esforço.

—Eu sei, mas não poderia deixar você ir embora assim. — Ele me deita na cama e agora está pairando sobre mim. Coloco a mão no seu rosto e ele fecha os olhos apreciando o meu toque. —Eu quero muito ficar mais um tempo com você. Eu só falei para você ir embora porque sei que deve estar cansado do plantão, e mesmo que minha vontade seja que você fique aqui comigo, eu sei que você precisa descansar um pouco. — Ele abre os olhos e

vejo de perto o quão hipnotizantes suas íris esverdeadas podem ser. —Eu não sei o que é isso que estou sentindo, na verdade nunca senti nada parecido, mas se você quiser nós podemos descobrir juntos.

—Eu quero. Eu realmente quero. — Ele coloca a mão no meu rosto e acaricia minha face. —Posso fazer uma coisa que tenho vontade de fazer desde o primeiro dia que te vi dormindo e achei que estava tendo uma visão e vendo um anjo?

—Pode. — Digo já ofegante, antecipando o que ele pode fazer.

—Fecha os olhos.

Faço como ele pede e sinto que meu coração pode sair pela boca de tão acelerado que está.

Ele coloca a mão sobre ele e fica por um tempo apenas sentindo as batidas. Logo após sinto ele se aproximando ainda mais de mim e seus lábios tocam a minha testa, sinto sua boca descendo e logo depois toca a ponte do meu nariz, em seguida passa e toca o canto da minha boca para em seguida tocar o meu queixo. Seu nariz roça o meu e nossas respirações se misturam, ele encosta a testa na minha e eu abro os olhos apenas para encontrá-lo bem pertinho de mim, e por alguns segundos ficamos ali apenas nos perdendo nos olhos um do outro, até ele fechar os olhos e falar em sussurro: —Fecha os olhos para mim...

Eu faço e no instante seguinte sinto seus lábios nos meus em uma carícia suave. Meu coração retumba no peito, sua língua espreita para fora pedindo passagem e eu abro a boca para que ele encontre a minha, e quando acontece seguro seus cabelos e o puxo ainda mais para mim. Ele segura minha nuca e aprofunda o beijo.

Sinto que posso flutuar.

Que posso voar.

Que posso me perder.

Que posso me apaixonar.

Não quero nunca parar esse beijo.

Quero parar esse momento.

Quero congelar esse instante.

Me sinto como nunca me senti antes.

Leve.

Livre.

Feliz.

É como se eu finalmente tivesse encontrado o meu lar.

Minha vida.

Meu amor.

É puro.

É simples.

É real.

É intenso.

Quero me agarrar a ele e nunca mais soltar.

Aos poucos vamos parando o beijo porque precisamos respirar. Tenho medo de abrir os olhos e descobrir que tudo não passou de um sonho. Se for esse o caso, prefiro continuar aqui e nunca mais acordar. Mas preciso abri-los e ter certeza que isso é real.

Abro os olhos e respiro aliviado, o encontro me encarando e vejo suas pupilas dilatadas.

Ele me quer tanto quanto eu o quero.

Como eu posso sentir tudo isso por uma pessoa que acabei de conhecer? Isso importa? Acredito que não. Eu quero viver, ser feliz, amar e ser amado.

Ele se levanta, caminha até a porta e a tranca. Volta andando tranquilamente para mim se abaixa e diz no meu ouvido: —Eu espero sinceramente que você esteja preparado Bento, porque eu não saio desse quarto tão cedo.

Não tenho tempo de resposta porque ele me toma em um novo beijo, dessa vez mais faminto que o anterior e eu estou mais que pronto para ele não sair daqui, na verdade não vou reclamar nenhum pouco dele passar a noite toda aqui comigo.

E se ele quiser, a vida inteira.

Capítulo 42

Malu

Chegamos a casa dos pais do Gui depois de duas horas que Dona Marta falou com ele pelo telefone. Tivemos que passar em uma loja de roupas e muito a contragosto tive que deixar que ele comprasse uma blusa para mim.

Fui contra, não queria que ele gastasse dinheiro comigo, mas então ele me convenceu com uma simples frase. —Você quer mesmo chegar na casa dos meus pais vestindo uma das minhas camisas ou então com a blusa rasgada?

Não teve jeito, tive que ceder e acabamos passando em um shopping que tinha bem perto do apartamento dele.

Enquanto entrávamos no estacionamento ele ligou para a mãe e avisou que nos atrasaríamos um pouco e inventou uma desculpa qualquer, olhei para baixo e tive vontade de rir com a blusa branca do Guilherme que eu estava usando. A amarrei de lado e dobrei as mangas para tentar parecer menos masculina, mas de nada adiantou.

Assim que saímos do carro e começamos a caminhar ele tratou logo de pegar minha mão e entrelaçou seus dedos nos meus, sorri para ele no momento em que ele a levou até os lábios e deixou um beijo casto ali.

Essas demonstrações de carinho dele acabavam comigo, sentia vontade de pular nele e beijá-lo até perder os sentidos.

Começamos a caminhar pelos corredores do shopping ainda de mãos dadas e conversando sobre tudo e nada, ele tentou me fazer entrar em diversas lojas, mas só de olhar a vitrine eu já sabia que cada peça ali seria o olho da cara, e nunca deixaria que ele pagasse caro por uma simples blusa para mim.

Por fim, depois de muito discutirmos, acabei entrando em uma loja que achei boa o suficiente e tivemos mais um embate lá dentro. Tenho certeza que as vendedoras deveriam estar rindo o bastante de nós dois, e talvez até tivessem pego uma pipoca para assistir a cena.

—Você não vai usar isso. — Ele diz assim que eu saio do provador.

—E por que não? — Cruzo os braços e espero por sua resposta.

—Porra, olha esse decote. Definitivamente não.

Ah Guilherme, está para nascer o homem que vai mandar nas minhas roupas.

—Para começo de conversa Guilherme, essa blusa não é nenhum pouco decotada, estou achando-a até comportada demais. — Mentira minha, ela tinha um decote acentuado, mas não mostrava nada demais, apenas um pouco de pele. —E segundo, ou vamos comprar essa ou não compramos nenhuma e eu saio daqui da loja de sutiã mesmo, porque não visto mais a sua camisa. — Ele abre a boca para responder, mas eu não deixo. —Você escolhe.

—Amor...

Me aproximo dele. —Meu corpo, minhas regras. Jamais usaria algo que fosse indecente, e se você me falasse que estava e eu concordasse trocaria na hora, mas isso seria por mim e não por você. Então pode parando de machismo que eu vou levar essa blusa. Me senti bem e linda dentro dela. — Então colo o corpo no dele e sussurro no seu ouvido. —E mal posso esperar para que você a arranque de mim mais tarde. — Termino de falar, dou um selinho nele e vou até a vendedora, que está tentando não rir e falhando miseravelmente. Digo que adorei a blusa e que vou levar.

Escuto o Guilherme resmungar. —Virei um pau mandado mesmo. — Quero rir, mas não posso perder a compostura, então permaneço séria enquanto ele vai até o caixa e paga pela blusa que já estou usando enquanto a moça que me atendeu tira as etiquetas para mim.

Saímos da loja e vamos direto para o carro. Quando chegamos lá ele me puxa para ele e me prende contra a porta e olha para o decote da minha blusa. Resolvo provoca-lo um pouco.

—Gostou da minha blusa nova? Um amigo que comprou para mim.

—Amigo? Não Maria Luísa, não foi um amigo, foi o seu homem que te deu essa blusa, e você não perde por esperar, porque assim que estivermos sozinhos eu vou arrancá-la do seu corpo e te castigar por ter me deixado de pau duro dentro de uma loja cheia de vendedoras me olhando.

Sinto meus mamilos se enrijecerem e um fogo começa a se alastrar pelo

meu corpo. —Castigar?

—Sim... castigar. — Ele fala com a voz rouca já carregada de desejo.

—Que tipo de castigo? — Digo ofegante.

—Está curiosa?

—Sim...

—Ou excitada?

—Também.

—Eu sei, você está corada, sua respiração está irregular, seus mamilos estão rígidos e eu posso vê-los mesmo através das roupas. Eles estão pedindo pela minha boca os sugando e mordendo.

—Hummm... — Fecho os olhos e um gemido escapa quando ele roça o pau contra o meu ventre.

—E eu sei que agora, nesse exato momento, se eu enfiar minha mão dentro da sua calça, mais precisamente dentro da sua calcinha, vou encontrar sua boceta completamente molhada e seu clitóris totalmente inchado implorando pela minha atenção. Acho inclusive que bastaria somente um toque meu e você estaria se desfazendo para mim. Gozando e gemendo o meu nome daquele jeito que eu tanto amo. E eu tenho certeza que você gostaria que eu fizesse tudo isso com você, não é?

—Quero...

Ele abaixa o rosto até o meu, passa a barba pela minha bochecha, morde o lóbulo da minha orelha e sussurra. —Mas não vai ter, o seu castigo começou. — Fala e se afasta, abrindo a porta para que eu possa entrar.

—Você não pode fazer isso comigo. — Digo quase implorando.

—Direitos iguais Maria Luísa, você um dia falou isso para mim. E se você pôde me deixar excitado dentro de uma loja, eu também posso te deixar excitada agora. Mas fique tranquila, que o castigo real virá mais tarde, e eu vou bater nessa bunda gostosa até que ela fique vermelhinha para mim. — Merda! Já estou louca para sentir as mãos dele em mim.

—Eu te odeio. — Falo quando estou entrando no carro, estou muito, mas muito excitada, e tenho certeza que ele não vai fazer nada para me ajudar.

Ele me ajuda a colocar o cinto e fala: —Odeia nada, você me ama. — Então me dá aquele sorriso malicioso que me deixa ainda com mais tesão, dá a volta no carro, entra, coloca seu cinto de segurança e dá partida como se nada tivesse acontecido. A única coisa que o denuncia é a protuberância marcada em sua calça que não abaixou, mas de resto ele parece completamente normal.

E eu?

Fico aqui admirando o quanto ele é lindo e torcendo para que chegue logo o momento em que vamos ficar sozinhos e ter a mão dele sobre mim enquanto me leva a loucura.

***

Assim que entramos na mansão Dona Marta vem correndo na minha direção e me abraça apertado, retribuo o abraço com alegria. —Fiquei preocupada, o Bento disse que o médico havia indicado repouso e que você não estava se sentindo muito bem.

Me sinto culpada por ter inventado isso para que o Bento pudesse ficar sozinho com o Mauricio. —Eu só queria deitar um pouco e sair do hospital. — Não deixa de ser verdade o que estou dizendo.

—E por que não veio para casa?

—Oi mãe. — O Guilherme me salva da pergunta.

—Oi meu filho. — Ela diz enquanto ele beija sua testa. —Por que você não trouxe a Malu para casa?

Ele olha para mim e eu o encaro como quem diz: Isso aí Guilherme, segura essa.

—O apartamento era mais perto, então a levei para lá.

—Sei... — Ela diz, claramente não comprando a história, mas também não fala mais nada. Graças a Deus o Sr. Luiz entra e nos cumprimenta, dizendo que a Rosa já está colocando a mesa.

Seguimos para lá e o jantar transcorre de forma alegre e leve, sem aquele ar pesado de preocupação que tínhamos pelo Bento. Em determinado momento Dona Marta nos olha e pergunta: —Vocês conheceram o Dr. Mauricio?

Fico tensa e o Guilherme segura minha mão. —Sim, ele me examinou

hoje e depois o encontramos de novo no quarto do Bento.

Ela sorri para mim. —Gostei dele. Parece ser um menino muito doce. Além de ser muito bonito.

—Sim, ele é. — O pescoço do Guilherme quase quebra de tão bruscamente que ele virou a cabeça para mim, seus olhos me fulminam.

—Seu castigo acaba de ser dobrado. — Ele fala de uma forma que só eu consigo ouvir, mas seu corpo está todo tenso. Como ele ainda pode ter ciúmes do Mauricio?

—É isso mesmo que estou vendo Luiz? — Dona Marta pergunta.

O homem solta uma gargalhada e fala. —Sim, meu bem. Nosso filho está com ciúmes. Quem diria que eu viveria para presenciar isso. Agora Guilherme, você vai entender o que eu sinto todas as vezes que vejo um homem se aproximando da sua mãe.

—Eu não estou com ciúmes. — Ele diz emburrado, parece um garotinho.

—Ah não? — Digo para ele. —Então você não vai se importar se eu marcar de me encontrar com ele.

—Você é minha! — Ele fala com a voz um pouco mais alta, então percebe que todos estão olhando para ele. —Ok, eu admito que senti ciúmes. Satisfeitos?

—Sim meu filho, muito satisfeita. — Dona Marta diz. —Eu sabia que um dia você encontraria uma mulher maravilhosa que te colocaria nos eixos e faria você se apaixonar perdidamente. E para minha felicidade essa mulher é a Maria Luísa, esse doce de menina que eu amo como se fosse minha filha.

Meus olhos se enchem de lágrimas e tenho que me segurar para não derramá-las.

—Agora só falta o nosso menino encontrar a sua felicidade.

Ela se refere ao Bento, e então para minha surpresa o Sr. Luiz é quem responde. —Quem sabe ele já não tenha encontrado?

Dona Marta parece um pouco confusa, mas logo seus olhos se iluminam em entendimento. —Como eu não percebi?

Todos rimos e Dona Marta começa a me perguntar sobre o meu bebê.

—Eu tenho uma consulta amanhã para ver como ele está. Estou ansiosa, pelo que li vou ouvir o coraçãozinho dele.

—Eu tenho uma reunião importante amanhã cedo e depois vou ver o Bento, mas me fala o horário que eu dou um jeito de ir com você.

—Não precisa mãe, eu vou com ela. Também estou ansioso para ver como o bebê está.

Começamos a falar sobre outras coisas, e continuamos conversando amenidades até que terminamos o jantar, mas continuamos ali conversando e rindo das histórias que eles contam do Guilherme. Dona Marta está com o semblante cansado e o seu marido percebe.

—Hoje o dia foi cansativo. — Ele fala. —Marta, vamos subir e descansar.

—Vamos, estou com o corpo todo doído.

O Guilherme me olha e fala: —Vamos também?

—Vão para onde? — Dona Marta pergunta.

—Voltar para o...

—Subir e dormir. — Falo junto com ele que parece querer me matar. Ele está louco de querer me levar de volta para o apartamento dele? Acho que a Dona Marta teria uma síncope. Ele me olha como se eu tivesse duas cabeças e eu sorrio, levantando da mesa junto com os outros enquanto ele vai andando na frente.

O Guilherme está puto. Muito puto. Mas eu sei bem como acalmá-lo, só preciso ter uma oportunidade de dizer isso. Vou contar a ele o meu plano assim que a Dona Marta e o Sr. Luiz seguirem o corredor para o quarto deles e nós pararmos em frente ao nosso, que graças a Deus fica um do lado do outro.

Mas assim que chegamos e ficamos sozinhos ele me olha friamente antes de dizer. —Boa noite.

—Gui... — Seguro seu braço.

Ele não me olha quando diz. —Eu ia te levar para o apartamento e você não deixou, então aproveite sua noite sozinha. Eu ia espancar sua bundinha gostosa enquanto enfiava o meu pau profundamente dentro de você, mas você não quis. Então agora entre no seu quarto e durma. Até amanhã.

Não tenho reação para o que ele fala. Fico pasma e não consigo nem responder, ele então puxa o braço e entra em seu quarto, batendo a porta e a trancando.

Eu não acredito no que ele acabou de fazer.

Entro no meu quarto completamente revoltada. Agora quem está puta sou eu.

Que se foda! Eu não queria mesmo que ele espancasse minha bunda, nem que enfiasse aquele pau imenso em mim.

—Ahhhhhhh... que raiva! — Tiro as roupas e deito na cama só de calcinha e sutiã sentindo um calor surreal.

Eu não acredito que ele ficou com raiva porque eu disse que iríamos dormir aqui. Eu ia explicar a ele porque fiz isso, mas o idiota fez o favor de ficar irritadinho e ainda por cima fechou a porta na minha cara e a trancou.

Trancou!!!

Trancou aquela merda!

Vou fazer como ele disse. Vou dormir.

Viro para um lado, viro para o outro e nada.

Mas que merda de calor é esse que não passa?

Vou tomar um banho para ver se melhora.

Enquanto ando para o banheiro vou resmungando para mim mesma.

—Ah Guilherme... você podia estar aqui apagando o meu fogo, mas nãoooo, resolveu agir que nem um babaca. — Sorrio para mim mesma porque estou parecendo uma criança que tiraram seu doce preferido. No meu caso, o meu pirulito preferido!

Abro o chuveiro e me jogo lá dentro de calcinha e sutiã mesmo, lá dentro enquanto me ensaboo tiro as peças para terminar de me limpar. Sinto uma vontade insana de me tocar e me aliviar, mas não vou fazer.

Me recuso!

Saio do chuveiro, paro em frente ao espelho e escovo os dentes, penteio os cabelos e me enrolo em uma toalha. Não adiantou porra nenhuma esse banho. Continuo em chamas.

Saio do banheiro distraída em meus pensamentos e sou brindada com a visão mais linda e gostosa que eu poderia ter.

O Guilherme está deitado na minha cama completamente nu, com os braços flexionados atrás da cabeça, o pau duro apontando para o seu estômago e um sorriso diabólico no rosto.

Guilherme

Pelo olhar incrédulo em seu rosto ela realmente acreditou que eu a deixaria sozinha.

Nunca!

Nunca mesmo.

Depois de saber como é maravilhoso tê-la em meus braços a noite toda eu não passo mais nenhuma noite sequer sem ela. Isso está totalmente fora de cogitação. É nos meus braços que ela vai dormir todas as noites a partir de agora, e é sentindo seu cheiro gostoso e tendo seu corpo macio junto do meu que eu dormirei.

Seu olhar percorre todo o meu corpo e eu sorrio. Era exatamente esse olhar de desejo que eu imaginei que ela teria quando tirei todas as minhas roupas e deitei em sua cama. Não precisei fazer nada para o meu pau subir e ficar desse jeito, ele já estava duro antes mesmo de eu entrar aqui, e depois que o fiz e ouvi o chuveiro ligado e lembrei de como o seu corpo fica escorregadio enquanto a água o percorre tive que me controlar para não gozar.

Então me lembro do meu plano para ela.

Levanto com calma da cama e caminho tranquilamente até ela. Seus olhos estão pesados, sua respiração irregular e sua boca entreaberta chama a minha.

—Nua.

—O que?

—Você não fala a não ser que eu mande. Você só obedece. — Digo com a voz firme.

Suas bochechas ficam ainda mais vermelhas quando ela acena com a

cabeça, e vejo o tesão estampado em seu rosto.

Então minha menina gosta disso.

—E eu disse nua. Agora.

Ela abre a toalha e me brinda com a visão espetacular do seu corpo, seus cabelos molhados cobrem os seus seios, e não posso deixar que isso atrapalhe minha visão. Os tiro com cuidado e dou um passo para trás apenas para admirar aquilo que é meu.

Após minha análise minuciosa de todo o seu corpo me aproximo novamente dela que levanta o rosto acreditando que irei beijá-la.

—De costas para mim. — Ela vira na mesma hora, e saber que dentro de quatro paredes ela me obedece sem pestanejar me deixa ainda mais louco. —As duas mãos na parede. — Ela prende a respiração, já imaginando o que vai acontecer a seguir, mas vai até onde ordenei e espalma as duas mãos lá.

Chego bem perto dela, mas nenhuma parte do meu corpo a toca, puxo seu cabelo molhado para o lado e passo meu nariz pelo seu pescoço, sentindo aquele cheiro inebriante que só ela tem misturado com a sua excitação que já toma conta do quarto.

—Será que você pensou que dormiria sozinha essa noite, Maria Luísa? — Ela não diz nada. Dou um tapa com força em sua nádega direita e ouço um gemido sair de sua boca. —Responda.

—Sim... — Ela diz jogando a cabeça para trás e tentando encostar o corpo no meu. Ela está excitada além da razão.

—Você achou mesmo que dormiria sozinha? Que eu não viria atrás de você te castigar por ter me deixado duro como rocha no meio de um shopping onde eu não poderia nem te tocar? — Ela apenas acena com a cabeça. —Pois pensou errado. O seu castigo começou quando eu te dei boa noite, e vai terminar agora. — Seguro seus quadris e os puxo de encontro ao meu pau. — Está pronta?

—Sim.

—Você quer isso? Se você me disser que não eu vou apenas fazer amor com você, mas se disser que sim... Ah Maria Luísa... Você vai ver como o sexo selvagem pode ser gostoso.

—Eu quero...

Ela quer, era só isso que eu precisava saber.

Dou um passo para trás e ela reclama da minha ausência, mas não sai do lugar. —Empina essa bundinha gostosa para mim, empina. — Ela joga a bunda para trás. —Mais um pouco. Isso, perfeito.

Chego atrás dela, me agacho um pouco e começo a passar o pau em toda sua fenda, a estimulando, quero ela louca de tesão. Ela geme e rebola junto comigo.

E quando menos espera desfiro um tapa forte em sua bunda. Ela grita, sei que não esperava por isso. —Quietinha, ou quer que meus pais ouçam o que estamos fazendo? — Pergunto sem deixar de passar meu membro em sua boceta, que a essa altura está toda melada e já o deixou completamente lubrificado.

—Mete em mim. — Ela pede.

—Ainda não. — Tiro o pau da sua fenda e passo pela sua bunda, bem próximo daquele local proibido. Ela fica um pouco tensa, e eu tenho vontade de jogar um pouco ali com ela, mas acho melhor não fazer isso agora, então volto para sua fenda e ela relaxa, rebolando novamente. —Você achou bonito me deixar assim? — Ela nega com a cabeça. —Responda.

—Não... — Ela diz ofegante.

—E o que você merece, Maria Luísa?

—Eu não... não sei.

—Será que você merece que eu faça amor com você? Ou merece que eu te coma como um selvagem? — Pergunto e encaixo meu pau em sua entrada.

—Não sei... por favor...

—Por favor o que?

—Entra em mim. Por favor. Me faz gozar. Me castiga. Como um selvagem... Qualquer coisa... Só entra em mim.

—Seu desejo é uma ordem, meu amor.

E em uma única estocada estou dentro dela.

Sinto a plenitude da sensação do corpo dela me apertando e rosno em seu ouvido. Ela morde o braço para abafar o grito que iria sair da sua

garganta com a minha súbita invasão, mas não dou a ela nem tempo de se acostumar comigo, eu não a deixo nem mesmo respirar, entro e saio como um animal, como o selvagem que me sinto perto dela.

Ao mesmo tempo que estoco em sua bocetinha alterno entre apertar seus seios com força e dar tapas em sua bunda.

Tapas fortes que a deixaram marcada.

Marcada como minha. Somente minha.

Ela se contorce, geme, grita, rebola e fala palavras desconexas. Ela está totalmente enlouquecida.

Olho para sua bunda e a vejo totalmente vermelha dos tapas que dei, e aquilo só me deixa com ainda mais tesão. Ela não reclamou nenhuma vez, pelo contrário, pedia por mais. Seus seios sobem e descem no mesmo movimento das minhas estocadas e sua cabeça está jogada para trás.

—Eu estou quase. Ai Gui... Continua. Gostoso... Eu quero... Sim... Ah meu Deus...

Sinto minhas bolas se apertarem e sei que estou muito perto de gozar, seguro seu seio direito com uma das mãos e com a outra alcanço seu clitóris e começo a estimula-lo. Quero que ela goze comigo.

—Goza comigo. Eu quero que você goze comigo.

—Eu vou, sim, agora, eu, ahhhhh... — Busco sua boca com a minha para abafar o gemido alto que sairia dali no momento em que começou a gozar. Ela me beija desesperadamente enquanto também engole o meu gemido, sua boceta aperta o meu pau e eu me derramo dentro dela. Sinto meu coração acelerado e meu corpo relaxado, e quando estou saindo daquele clímax gostoso que só sinto quando estou com ela a sinto ainda tremendo do seu orgasmo.

A seguro contra mim com as duas mãos para que ela não caia, mas ela coloca uma das minhas mãos de volta no seu clitóris enquanto ainda rebola no meu pau prolongando seu orgasmo.

Seus movimentos vão parando aos poucos, até que somente sua respiração pode ser ouvida.

Dou mais algumas estocadas e mordo seu lábio inferior, ela abre os olhos pesados, ainda um pouco nublados e sorri para mim. Eu faria tudo para

ver esse sorriso todos os dias.

—Eu te amo. — Me declaro porque não consigo me conter, preciso que ela saiba que nunca será só sexo para mim.

Seu sorriso se amplia. —Acho que depois de hoje eu te amo um pouquinho mais. Você acabou comigo.

—Vem, vamos tomar um banho gostoso juntos. — Os olhos dela se iluminam. —Maria Luísa, deixa de ser safada, é só um banho.

A levo para o banheiro sabendo que nunca seria apenas um banho. A ensaboo devagar, dando atenção a sua bunda que está toda avermelhada e meu pau já dá sinais de vida de novo. Ela vê e seus olhos brilham de desejo.

Essa mulher é insaciável.

A pego no colo e ela envolve as pernas em torno de mim. Entro nela devagar, apreciando cada centímetro. Nos beijamos apaixonadamente enquanto fazemos amor no chuveiro até explodirmos mais uma vez gemendo o nome um do outro.

—Vou ter que te lavar novamente. — Digo enquanto a coloco em seus pés.

—Eu não vou reclamar disso. — Ela sorri e deixa que eu a lave novamente. Nunca senti tanta vontade de cuidar de alguém assim. O bem-estar dela vem acima de tudo.

Terminamos nosso banho e nos secamos tranquilamente, rindo e conversando sobre estarmos parecendo dois adolescentes que namoram escondido dos pais.

Dou uma gargalhada enquanto ela penteia os cabelos de frente para o espelho e observo seu corpo nu. —Foi exatamente assim que me senti quando sorrateiramente me enfiei no seu quarto e tranquei a porta. Um adolescente cheio de tesão que não consegue ficar longe da sua garota.

Ela me olha pelo espelho e dá um sorriso de lado, claramente me imitando. —Sua garota, é?

A abraço por trás e nossos corpos se encaixam, ela solta a escova de cabelos e vira o corpo para mim, me abraçando logo em seguida. —Sim. Minha garota. Somente minha. — Ela me dá um beijo e ainda com a boca junto da minha solta um bocejo, rindo logo em seguida. —Minha garota que

agora precisa dormir e descansar. Então já para a cama. — Dou um tapinha de leve em sua bunda.

—Ai, não faça isso. Essa região está bastante dolorida. — Fala de forma manhosa.

—Engraçado que antes você não reclamou, até pediu por mais.

—Foi realmente muito bom ser castigada. Acho que vou ter que aprontar mais vezes para ganhar mais castigos.

—Não me provoque, Malu... — Acaricio sua bunda. —Para a cama, agora!

A levo para a cama e deito logo atrás dela, a abraço por trás e começo a fazer carinho em seu ventre, na nossa menina. —Tomara que ela não tenha sentido, nem visto as coisas que fizemos.

Maria Luísa solta uma gargalhada gostosa. —Você é louco? Que ideia. É claro que ela não viu.

—Espero realmente que não.

—Você já imaginou que pode ser um menino?

—Já sim, mas tenho certeza que será uma menina. E se eu estiver errado e vier um garotão eu vou ensinar ele a ser um pegador que nem o pai.

—Ah é, e se for uma menina eu vou ensinar um ou dois truques de como agradar um homem na cama.

Meu corpo trava na mesma hora. —Porra, Maria Luísa. Claro que não. Nossa filha nem nasceu e você já está pensando nela... nela... Caralho, não consigo nem pensar na minha filha fazendo essas coisas.

Minha mulher ri ainda mais. —Pois se prepare Guilherme. Se for uma menina você terá duas para tomar conta.

Cacete! Eu não tinha pensado nisso.

—Não quero falar disso agora. Vamos dormir antes que eu te dê mais alguns tapas nessa bunda por falar essas coisas absurdas que minha menininha só vai fazer depois do casamento.

A desgraçada gargalha ainda mais. —Depois do casamento? Aham, tá bom. — Então vira o rosto e me dá um beijo gostoso para logo depois dizer. —Boa noite, meu amor.

—Boa noite, minha linda.

A felicidade que sinto de ter a Malu em meus braços é tanta que tenho vontade de gritar para o mundo inteiro ouvir.

Adormeço me sentindo leve, tranquilo, amado e feliz, mal sabendo o que me aguarda no dia seguinte.

Capítulo 43

Malu

O Guilherme está estranho.

Muito estranho.

Desde que nos entendemos e resolvemos ficar juntos ele foi carinhoso e cuidadoso comigo, mas desde que acordamos hoje e fizemos amor no banheiro que ele está dizendo que me ama sem parar, que eu sou dele, que não vai deixar eu sair da sua vida.

Ele foi para o seu quarto trocar de roupa para trabalhar, mas voltou em menos de 2 minutos com as roupas nas mãos dizendo que ia se trocar aqui.

—Guilherme, você não ia se arrumar?

—Decidi me arrumar aqui. — Ele diz entrando no quarto e colocando as roupas em cima cama. —Não quero ficar longe de você. — O abraço quando ele se aproxima me envolvendo em seus braços e escondendo o rosto na curva do meu pescoço.

—Mas seria só 5 minutos.

—Não importa, até porque tenho que ir para a empresa, tenho uma reunião que não posso adiar, um cliente novo que faz questão de ser atendido por mim, senão ia ficar grudado em você o dia inteiro.

—Você é louco.

—Por você, só por você.

—Você vai na consulta comigo hoje? — Pergunto um pouco receosa, sei que ele disse que iria, mas também sei que ele é um homem ocupado.

Ele me solta. —Mas é claro que vou. Que pergunta é essa?

—Você falou que tinha uma reunião, e eu não sabia se daria tempo...

—Nada vem antes de você ou da nossa filha. Ouviu bem? Nada.

—Ouvi... — Digo e me afasto para colocar um vestido.

—Isso é uma blusa certo?

Reviro os olhos. —Não vou nem responder.

Ele ri enquanto coloca sua roupa. —Estou brincando minha linda, se fosse curto eu rasgaria e te castigaria daquele jeito que você bem conhece...

Arregalo os olhos brincando e saio em direção ao closet. —Onde você vai?

Quando chego na porta viro a cabeça para ele e digo. —Procurar um vestido curto. — Dou uma piscadela e sumo de sua vista.

—Filha da puta. — Ouço ele resmungar e logo depois seus passos apressados vindo na minha direção, e ali no chão do closet, nos amamos mais uma vez.

***

Enfim estamos nos vestindo para descer e tomar café da manhã. Estou morrendo de fome!

—Gui, a consulta é as 13h.

—Está bem, a reunião é as 11h, mas acho que consigo terminar rápido, te busco aqui e vamos.

—Não precisa vir me buscar, nós nos encontramos lá.

—Tem certeza?

—Claro que sim. Você precisa trabalhar. — Nessa hora meu estômago dá sinal de vida.

—E você precisa comer. — Ele ri e eu dou um tapa no seu braço.

Descemos as escadas e encontramos Dona Marta e Sr. Luiz quase na porta de saída.

—Enfim vocês desceram. — Ela diz. —Demoraram tanto que tomamos café sem vocês e já estamos saindo.

—Me desculpe, eu estava... — Porra o que eu falo.

O Sr. Luiz ri e fala. —Não precisam se explicar, já tivemos a idade de vocês.

—Luiz... a menina vai achar o que de nós? — Ela diz com a face corada para o marido.

—Que já fomos jovens e selvagens. — Ele diz sorrindo.

—Ah meu Deus... que vergonha. — Guilherme gargalha ao meu lado. —E você... — Ela diz apontando para ele. —É um devasso igual ao seu pai. Graças a Deus o Bento puxou a mim.

—Isso é o que a senhora pensa.

—Vamos Luiz, antes que eu dê uns tapas nesse moleque.

Eles se despedem e saem enquanto eu olho para o Guilherme de cara feia.

—Você não tem vergonha de fazer isso com a sua mãe?

—Vergonha de que? Se você quer saber meus pais tem uma vida sexual bem ativa. Meu pai uma vez me disse, em um dia que estava bêbado claro, que eles transam quase todo dia. Eu preferia não ter ouvido isso, mas me fez perceber que quando se ama e se tem química, o tesão não morre. — Ele me olha malicioso. —Falando nisso...

Coloco a mão para cima fazendo ele parar de falar. —Nem pense nisso. Preciso comer antes que eu desmaie de fome. — Falo e saio em direção a sala de jantar onde uma mesa farta me espera. Sento já atacando tudo, do jeito que as coisas da Rosa são gostosas eu vou engordar uns 30 quilos durante a gravidez.

Guilherme come rápido e diz que tem que ir. Me dá um beijo nos lábios e me puxa da cadeira, fazendo nossos corpos se moldarem em um encaixe perfeito.

—Se eu tivesse tempo te comeria aqui nessa mesa.

—Acho que a Rosa ficaria assustada se entrasse aqui e nos pegasse fodendo em cima da mesa.

—Ou ela poderia gostar de me ver pelado. — Ele sobe e desce as sobrancelhas sugestivamente.

—Ou ela teria um enfarte ao te ver nu. Tenho certeza que não é normal isso aí que você tem entre as pernas.

Ele gargalha e aperta minha bunda, me levando ainda mais de encontro a ele. —Normal pode até não ser, mas você não reclama quando eu o coloco todo dentro de você.

Como eu queria que ele me fodesse agora mesmo sobre essa mesa. — Não reclamo e ainda peço por mais.

—Mulher... — Ele coloca uma das mãos na minha nuca e entranha os dedos nos meus cabelos. —Você será a minha morte.

Então me beija como se não houvesse amanhã. O beijo com a mesma intensidade, mas no meio do beijo nossas línguas se acalmam e damos início a um beijo lento, calmo, tranquilo, parece que estamos nos despedindo.

—Eu não quero ir. — Ele diz quando o ar nos falta e paramos o beijo.

—Mas tem que ir, precisa trabalhar. Por falar nisso, eu vou começar a procurar emprego assim que voltarmos na consulta.

—O que?

Ele praticamente grita e dá dois passos para trás como se eu tivesse falado uma barbaridade.

—Eu vou procurar um emprego. — Repito com muita tranquilidade.

—Você só pode estar brincando...

Cruzo os braços. —E por que eu estaria brincando?

—Porra, você ainda pergunta o por quê?

—Sim, quero saber o motivo desse showzinho.

—Você está grávida! — Ele responde exasperado.

—E...?

—E??? E??? Porra, você não pode trabalhar grávida.

Começo a rir, tenho que me controlar para não ter uma crise.

—Faça-me rir Guilherme. Eu trabalhei a minha vida inteira, desde bem novinha, e não vou parar agora só porque estou grávida. Gravidez não é doença, e sim saúde. Além disso, preciso ter o meu dinheiro para comprar as minhas coisas.

Ele passa as mãos pelos cabelos em um sinal de puro nervosismo.

—Mas eu quero cuidar de você... — Ele diz emburrado e eu me aproximo dele.

—Meu menino grande... Você vai cuidar de mim me dando amor, carinho e atenção, sendo meu companheiro e aturando todas as minhas fases, que são muitas, e não me sustentando. Eu preciso ter essa independência, sempre fui assim e não vejo outra forma de viver. Não critico quem

consegue, mas eu preciso disso, sempre precisei.

Ele suspira, acho que o convenci, mas o danado não se deixa vencer. — Façamos assim, vamos ao médico e perguntamos o que ele acha, depois da consulta conversamos. — Ele diz esperançoso.

—Certo. — Digo para que ele se acalme, mas ficar de madame está fora de cogitação. A Rosa não me deixa ajudar com as coisas da casa, então eu faria o que? Ficaria o dia todo esperando ele voltar do trabalho? Eu ia morrer de tédio e ansiedade. Se bem que vai ser difícil alguém me dar emprego estando grávida, mas não custa nada tentar.

Ele me beija de novo e fala bem baixinho. —Estou com uma sensação esquisita.

Brinco com ele. —É porque você sabe que vai morrer de saudades de mim.

Ele abre um sorriso e responde. —Eu já estou com saudade. Me manda o endereço do consultório por mensagem que eu te encontro lá. — Me dá mais um beijo e vai em direção a porta, antes de sair se vira e fala: —Eu amo vocês.

E meu coração se derrete mais uma vez para ele.

***

Termino de tomar meu café e subo para o quarto para ajeitar minhas coisas e me preparar para a consulta. Estou ansiosa. Tomara que dê para escutar o coração do meu bebê, já sei que vou chorar, só de pensar meus olhos já se enchem de lágrimas.

Envio a mensagem com o endereço para ele e vou até o espelho, levanto o vestido e sorrio, já se pode ver uma pequena barriguinha querendo aparecer e meu coração se enche de felicidade por meu filho ser forte e ter sobrevivido apesar de tudo o que aconteceu conosco.

Estou ali apenas namorando minha barriga quando meu celular apita, o pego vendo uma mensagem do Guilherme.

Gui - Amor, vou entrar naquela reunião que te falei daqui a 15 minutos, meu celular está descarregando porque me mantive muito ocupado ontem a noite e esqueci de carregá-lo. Vou deixar ele carregando na minha sala, se precisar de alguma coisa liga aqui para o escritório que a Camila

me passa a ligação ou o recado. Te Amo. Seu Gui!

A mensagem termina com o número do telefone do escritório e eu a respondo com uma foto minha com o vestido levantado de frente para o espelho com a seguinte frase: *"Te amamos."*

Falo apenas isso porque é a verdade.

Eu achava que conhecia o amor, achava que o tinha com o Max, mas aquilo não era nada comparado ao que tenho hoje com o Guilherme. Não me arrependo do que vivi com ele, mesmo ele tendo sido um covarde mentiroso, porque ele me deu o meu bem mais precioso que eu carrego aqui comigo.

As vezes penso que é um sonho tudo isso que estou vivendo com o Guilherme, e confesso que ainda sinto uma pontada de medo.

Ele é lindo, carinhoso, amoroso, bom de cama, e ainda assumiu meu filho como se fosse dele. Claro que ele tem seus defeitos, como essa possessividade e ciúmes sem motivos, não aceitar um não como resposta e achar que tudo tem que ser do jeito dele, mas eu consigo contornar tudo tranquilamente.

O que mais me causa insegurança é lembrar o mulherengo que ele era, fico pensando se vou ser suficiente para ele ou se ele sentirá falta de dormir com outras mulheres. Sei que é besteira da minha cabeça... para falar a verdade eu espero que seja.

Ele pediu para que eu confiasse nele, e é isso que eu vou fazer. Só espero não sair machucada depois.

Olho para o celular na esperança que ele tenha respondido, mas não tem nada ali, provavelmente já entrou na reunião, e eu eufórica como sou resolvo ir logo para a consulta.

Antes de ir converso um pouco com a Rosa que me fez levar um lanche dizendo que não posso ficar muito tempo sem comer.

Essa mulher não existe.

Saio de casa com o coração a mil e chego ao consultório com uma hora de antecedência.

Sento na cadeira de espera, mas não dou o meu nome, porque eles podem adiantar minha consulta ou fazer algum encaixe e não dar tempo do Guilherme chegar.

Pego uma revista que eles disponibilizam e começo a ver mobiliário para quartos de bebês, babando por cada foto que vejo, cada decoração minimamente perfeita me deixa extasiada, mas uma em especial me chama atenção, é uma decoração toda em tons pastéis com figuras do fundo do mar. Fico ali analisando cada coisinha da decoração e me apaixono. Já escolhi o quarto do meu bebê. Tiro uma foto para que eu não esqueça de nenhum detalhe e envio para o Gui dizendo o seguinte: "*O que acha de fazermos o quarto do bebê assim?"*

Fico aguardando ansiosa a sua resposta, mas ela não vem, na verdade ele nem recebe a mensagem.

Olho para o relógio e vejo que já são 12:20, mas não me importo, ainda tem tempo e continuo folheando a revista.

Quando vejo o horário de novo começo a me preocupar e envio mais uma mensagem.

12:30 - *Você já está vindo?*

12:40 - *Gui, cadê você?*

Nada ainda, vou até a recepcionista e entrego meus documentos e ela pede desculpas dizendo que o médico está em uma consulta de uma moça grávida de gêmeos e deve demorar um pouco mais. Acabo ficando um pouco aliviada pelo atraso, vai dar tempo dele chegar.

12:50 - *Guilherme, onde você está?*

Não sei por que ainda estou insistindo em enviar mensagens, elas nem chegam ao seu telefone. Estou sentada olhando fixamente para a porta esperando ele entrar e nada.

O relógio marca o horário da consulta e o Guilherme não chega.

Graças a Deus a consulta na minha frente está atrasada.

13:15, vejo a porta do consultório se abrir, o médico sai se despedindo da paciente grávida e começo a sentir desespero por ele não chegar.

Mas que merda Guilherme, onde você se enfiou?

Pego o telefone decidida a ligar para ele, mas a chamada vai direto para a caixa postal, não é possível que ele me deixaria aqui sozinha. O médico então olha para a sala de espera e chama: —Maria Luísa.

Meu coração cai, o Guilherme não chegou, e eu não vou ter tempo de ligar para a empresa.

Mais uma vez estou sozinha, me sinto sozinha e terei que enfrentar mais uma coisa na vida sem ninguém ao meu lado.

Levanto a cabeça e sorrio para o médico, indo em sua direção e fazendo o que aprendi com o tempo, mascarando meus sentimentos.

Ele sorri e diz: —Se estiver acompanhada a pessoa pode entrar.

Tenho vontade de ir atrás do Guilherme e bater nele. Como ele pôde me deixar sozinha? Ele podia ao menos ter se dignado a me ligar ou enviar uma mensagem.

—Não, sou somente eu. — Sorrio para o médico e entramos em seu consultório.

Ele é muito simpático e me deixa bem a vontade, me explica muitas coisas sobre a gravidez e eu aproveito para perguntar tudo o que anotei que tinha dúvidas.

Chega então o momento que eu tanto aguardei.

—Maria Luísa, hoje nós vamos fazer um ultrassom para ver como está o bebê, já adianto que o sexo não poderemos ver já que ele é bem pequeno, mas tudo estando certo ouviremos as batidas do seu coração. — Ele faz uma pausa e liga para alguém, logo depois uma enfermeira entra na sala. — Carmem, acompanhe a Maria Luísa até a sala de imagem, assim que ela estiver pronta me avise.

Levanto animada para ver o meu bebê, não vou me deixar abater pela falta do Guilherme. Eu nunca precisei de ninguém e não é agora que vou começar.

Vou repetindo para mim mesma algumas frases:

Eu estou bem.

Não preciso dele aqui.

Eu me basto.

Droga! A quem estou querendo enganar? Claro que eu queria ele aqui segurando minha mão e sorrindo enquanto vemos nosso bebê.

Nosso bebê não, meu bebê.

Entramos na sala e a enfermeira pede que eu coloque um roupão e deite na maca, aproveito que ela me deixou sozinha para me trocar e pego o telefone para ver se perdi alguma coisa. Vejo uma mensagem de um número desconhecido e meu coração acelera pensando que pode ser ele, mas não é.

Eu deveria ficar triste quando vejo que não é ele, mas ao invés disso um sorriso enorme aparece em meu rosto quando leio a mensagem que mais parece um testamento, e mesmo que a foto do perfil seja de um certo loiro gato, eu já sei quem é.

Oi minha flor, eu queria estar com você nesse momento e ver o nosso bebê. Não acredito que vou perder a oportunidade de vê-lo pela primeira vez. A mãe passou aqui quase agora e disse que você estava indo para uma consulta e Deus sabe a minha vontade de jogar tudo para o alto e te acompanhar, mas ela disse que o Guilherme vai então fiquei mais tranquilo. Espero que tudo corra bem e que ele esteja forte e saudável. Esse é o número do Mauricio e vou ficar com ele hoje a tarde toda. Ahhh minha amiga, tenho tanta coisa para te contar, mas não vou fazer agora porque ele está sorrindo aqui para mim enquanto lê o que estou digitando. Te espero aqui para me visitar em breve, de preferência hoje ainda porque quero saber tudo sobre a consulta. Te amo e amo esse bebê mais que tudo na vida. Beijos, Bento.

Preciso dizer que eu chorei?

O Bento como sempre me mostrando que eu nunca estarei sozinha. Minha resposta vai para ele em forma de imagem. Abro o roupão e envio uma foto da minha barriga dizendo *"Nós também te amamos, dindo!"*

Ele responde com vários corações.

A enfermeira retorna junto com o médico e diz que iremos começar o procedimento. Eles me explicam tudo o que irá acontecer e eu escuto atentamente.

Conforme o exame vai se desenvolvendo eu vou sentindo o meu coração se apertar e a solidão vai tentando me invadir quando me vejo sozinha deitada nessa maca. Eu daria qualquer coisa para ter o Guilherme aqui comigo, e chego a fechar os olhos e pedir a Deus que ele adentre esse quarto como um furacão e invente qualquer desculpa para mim, segure minha mão e diga que está aqui comigo, mas isso não acontece, o que acontece é muito melhor e mais apaixonante do que essa cena romântica que eu criei.

Abro os olhos automaticamente quando o som mais lindo que eu poderia ouvir enche os meus ouvidos e vai direto para o meu coração fazendo ele bater descontroladamente.

Sem que eu possa segurar lágrimas rolam pela minha face com a emoção de ouvir o coraçãozinho do meu filho pela primeira vez que bate forte e rápido.

Um soluço me escapa quando penso que poderia tê-lo perdido, e então sorrio com a mão no coração agradecendo a Deus pela sua vida.

O médico sorri e olhando para mim fala. —Calma mamãe, seu bebê está bem e saudável. Pelo que vejo aqui está se desenvolvendo muito bem. O coração está ótimo também.

—Eu posso gravar? — Pergunto com a voz embargada.

—Claro que pode. — Ele responde sorrindo.

Pego o meu telefone e gravo um áudio enviando automaticamente para o Bento, assim ficará guardadinho no meu telefone para que eu possa escutar muitas e muitas vezes mais tarde. Não espero por sua resposta e guardo o celular.

O médico termina o procedimento e pede que eu me troque, e enquanto faço isso começo a sentir raiva do Guilherme por não ter vindo e nem me dado uma satisfação.

Volto para o consultório do médico onde ele me passa algumas vitaminas e me entrega alguns folhetos que devo ler quando tiver tempo. Coloco tudo na bolsa, agradeço a ele e saio da sala já pegando meu telefone.

Vejo que o Bento respondeu a mensagem, mas não abro. Ligo direto para o telefone do Guilherme, a raiva está me consumindo. Mais uma vez a ligação vai direto para a caixa postal, então pego o número que ele me deu do escritório e ligo para lá. Tento me acalmar um pouco, mas está muito, muito difícil.

—Camila, boa tarde.

Ele me deu o telefone direto da secretária.

—Boa Tarde Camila, aqui quem fala é a Maria Luísa, eu poderia falar com o Guilherme.

—Oi Dona Maria Luísa, o Sr. Guilherme não se encontra, saiu as

pressas logo após a reunião que teve.

—Sem o Dona por favor, Camila. Ele disse para onde ia? Não consigo falar com ele pelo celular.

—Só um minuto. — Ela diz e a linha fica muda por alguns instantes até que ela volta. —Olhei aqui no escritório e o celular dele está carregando.

Meu coração chega a parar, será que aconteceu algo com o Bento? Não, acabei de trocar mensagens com ele. Mas o que será que houve para o Guilherme sumir e não aparecer para a minha consulta?

Só tem um lugar que ele pode estar, ele me disse que quando tem problemas gosta de ir para o seu apartamento. E é para lá que eu vou.

—Obrigada Camila, vou tentar encontrá-lo.

—Por nada, e se o vir, por favor diga que o celular dele ficou aqui.

Me dirijo para o apartamento dele. Ele só pode estar lá, já liguei para a Rosa e ela disse que ele não está em casa. Meu coração está dividido entre raiva e preocupação, sendo que a preocupação está ganhando.

Assim que chego ao prédio meu peito se aperta, e um calafrio sobe pela minha espinha. É como se algo me dissesse para não subir. Mas eu preciso ir até lá. Porque depois que eu ver que ele está bem, ele terá que me dar uma explicação muito boa para ter me deixado sozinha na primeira consulta do meu bebê.

O porteiro sorri quando eu passo e eu retribuo com um sorriso tenso. Nem pergunto se o Guilherme está, apenas chamo o elevador e entro assim que ele chega.

Conforme ele vai subindo meu coração vai acelerando, e quando para no andar do apartamento dele parece que vai sair pela boca.

Em passos cautelosos paro em frente a porta sem saber se bato ou se entro direto, e enquanto estou nessa indecisão uma voz que eu jamais esqueceria chega aos meus ouvidos. Mesmo aqui fora eu consigo ouvir claramente.

—Eu estou aqui para você, Gui. Sempre!

Não é possível, só pode ser minha mente pregando peças em mim.

Abro a porta sem pensar e a cena que vejo ali faz meus joelhos quase

falharem e meu coração se quebrar em mil pedaços.

A sala está bagunçada, sinal claro de que houve algo por ali, e no meio dela está o Guilherme sem camisa abraçado a Lia.

E ali, de pé na porta olhando para os dois na minha frente, minha mente, minha pior inimiga, começa a trabalhar.

Você não foi suficiente.

Você foi deixada de lado mais uma vez.

Ele te abandonou por ela.

Você nunca vai ser feliz.

Um soluço alto escapa da minha boca antes que eu possa impedir. O Guilherme solta a Lia e vira para mim, seu corpo fica rígido e seus olhos demonstram surpresa por me ver em seu apartamento, logo depois algo como desespero parece surgir naquelas íris azuis que eu tanto amo.

—Malu...

Capítulo 44

Algumas horas atrás...

Guilherme

Deixar a Malu em casa hoje foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida. Não, não estou dando uma de louco possessivo que quer ficar 24h grudado na sua mulher, se bem que não seria uma má ideia ficar agarrado naquele corpo o dia inteiro. Principalmente se estivermos nus.

Foi difícil porque desde que acordei estou com essa porra de sensação esquisita de que alguma coisa vai acontecer e perturbar nossa paz.

Já pensei, pensei e pensei, mas não chego a nada que possa acabar com o nosso sossego.

Ela já aceitou que é minha e que o bebê que espera também é meu. Meus!

Sorrio pensando na minha possessividade. Eu vi alguns amigos se amarrando e ficando assim, e sempre pensei que era maluquice deles ou apenas cena para suas mulheres. Hoje vejo o quão possessivo um homem apaixonado consegue ser.

Meus pais aceitaram o nosso relacionamento, na verdade minha mãe parecia estar mais do que feliz por eu finalmente ter me aquietado, eu também estou feliz. Feliz não, extasiado.

Nunca pensei que estar com uma mulher pudesse ser tão maravilhoso.

Penso em todas as mudanças e em como as coisas estão.

Tenho pais maravilhosos, encontrei o amor da minha vida, serei pai em breve e salvei meu relacionamento com o meu irmão. Ele saiu do coma e enfim eu pude pedir perdão por não ter estado lá para ele.

Ele como o cara de coração mais generoso que conheço já tinha me perdoado antes mesmo de eu pedir, confesso que ver ele me ameaçando por causa da Malu foi ao mesmo tempo engraçado e estranho, mas aos poucos eu

estou conseguindo entender o tipo de relação que eles têm.

Durante muito tempo eles foram o alicerce um do outro, a Malu sozinha na vida encontrou um irmão, e ele sozinho em outra cidade longe da sua família a encontrou e a trouxe para mim. E agora, pelo que entendi, ele também encontrou o seu par.

Dou uma risada em pensar que senti ciúmes do Mauricio, quando na verdade ele estava de olho no meu irmão.

Espero que ele faça o Bento feliz, porque se não fizer eu vou acabar com a raça dele. Meu irmão não merece mais sofrer, não depois de tudo o que passou.

Vou dirigindo pelas ruas até chegar a empresa, tentando entender esse aperto no peito e essa vontade insana de voltar para casa e abraçar minha mulher.

Deve ser coisa da minha cabeça, afinal desde que ela se entregou a mim é a primeira vez que nos separamos.

Calma Guilherme, você só tem uma reunião e depois vai encontrá-la na consulta médica.

Meu coração acelera no pensamento que talvez possamos escutar o coração do bebê, eu até pensei que um dia pudesse encontrar uma mulher que me deixasse de quatro por ela. Mas me apaixonar por um ser que ainda é só um grãozinho de areia e ainda nem nasceu é algo que nunca passou pela minha cabeça.

Sei que a Malu ainda tem as dúvidas dela sobre a minha relação bebê, mas eu estou mais que disposto e tenho todo o tempo do mundo para mostrar a ela que não importa que nossa filha não compartilhe o meu sangue, eu serei o seu pai e nós compartilharemos o amor. Apenas isso para mim basta.

Chego na empresa e vou direto para o meu andar, cumprimentando todos por onde passo com um sorriso no rosto. Alguns me olham espantados, com certeza se lembrando dos dias que fiquei sem minha mulher e mais parecia um homem louco distribuindo grosserias e andando de cara amarrada o tempo inteiro.

O verdadeiro terror dos funcionários.

Me aproximo da mesa da minha secretária e a vejo teclando

tranquilamente algo no computador, de todos os meus funcionários ela foi a que mais sofreu, e por sorte não a perdi. Tenho que admitir, ela é ótima no que faz.

—Bom dia Camila.

Ela se assusta e olha para cima com os olhos bem abertos, não sei se pela surpresa do meu bom dia ou de medo que eu já comece a destrata-la.

—Bom dia. — Ela responde com cautela.

—Camila, eu queria pedir desculpas pela forma como a tratei nesses últimos dias. Eu estava com alguns problemas e acabei descontando em quem não devia.

Seus olhos se abrem ainda mais, com certeza não esperava por essa.

—Imagina Sr. Guilherme, não tem o porquê se desculpar.

—Tenho e você sabe disso, mas vamos deixar isso para trás, gosto muito do seu trabalho e espero que você continue conosco por um longo tempo. Hoje no final do dia passe no RH que eu estarei lhe promovendo.

—Mas senhor Guilherme, eu gosto de trabalhar aqui para o senhor. — Ela fala assustada.

—Não se preocupe, você continuará comigo, será apenas uma mudança de função e aumento de salário. — Ela abre a boca em surpresa, mas não deixo que responda. —Esteja na minha sala em 5 minutos para passarmos a agenda da semana e se puder me traga uma xícara de café.

Entro em minha sala e me sento na minha mesa, ligo o computador e assim que abro o e-mail uma enxurrada de mensagens aparece na tela. Merda! Odeio essa parte do meu trabalho, gosto de desenhar e das plantas, essa parte burocrática acaba comigo.

Passamos a agenda da semana e ela me lembra da reunião de hoje, assim que sai tomo meu café e mergulho nessa infinidade de e-mails.

O tempo passa e me perco em meio ao trabalho, Camila entra e diz que o cliente que agendou a reunião já chegou e me aguarda na sala de reuniões. Pergunto então a Camila sobre o cliente.

—Camila, não sei nada além do sobrenome desse cliente, onde está a pasta com as informações do que ele quer para que eu possa dar uma lida.

—Me desculpe Sr. Guilherme, mas quem tratou de tudo comigo foi a secretária dele, e ela apenas me disse que ele só aceitava ser atendido pelo senhor, e que na reunião diria tudo o que o Sr. precisasse saber.

Acho estranho, mas deve ser um desses senhores de idade que só fecham negócios pessoalmente, olho no olho, então não me importo.

Como sei disso? Meu pai é assim. Diz que uma pessoa precisa passar confiança a ele para que ele feche um negócio, e nada melhor que fazer isso cara a cara.

—Veja se ele está bem acomodado, sirva um café e avise que estou indo em cinco minutos, preciso somente resolver uma última questão.

Ela assente e sai. Na mesma hora puxo meu telefone para ligar para Maria Luísa e vejo a bateria com apenas 4%.

Mas que merda!

Esqueci completamente de carregar o telefone, também... minha mulher me manteve bastante ocupado para pensar nisso.

Resolvo então enviar uma mensagem para ela falando isso, além de avisar que estou entrando na reunião e que ficarei sem telefone, para ela ligar aqui para o escritório se for preciso.

Organizo minha mesa, coloco o celular para carregar e saio da sala, parando na mesa de Camila.

—Camila, se a Maria Luísa ligar para o escritório passe a ligação imediatamente para mim, não hesite por eu estar em uma reunião.

—Sim Sr. — Seus olhos denunciam que ela ficou intrigada já que nunca pedi nada parecido, mas não pergunta.

Enquanto caminho pelo corredor em direção a sala de reuniões a sensação esquisita começa a aparecer de novo, sinto como se eu devesse virar as costas e correr.

Mas que porra está acontecendo comigo?

Deixa de neurose Guilherme, enfrenta logo essa reunião, fecha o contrato para a empresa e corre para a sua mulher.

Penso comigo mesmo.

Respiro fundo e coloco o ar profissional que aprendi a ter com o tempo.

Abro a porta e para minha surpresa quem está sentado na mesa para 8 pessoas não é um senhor e sim um rapaz que deve ter a minha idade. Ele tem cabelos pretos e olhos verdes que estão focados em mim e parecem estar me estudando.

Ele me olha como se me conhecesse, e eu busco na mente de onde eu poderia o conhecer, mas nada me vem a mente. Eu realmente não me lembro dele de lugar nenhum.

Seus olhos de repente se tornam duros e desafiadores, e um calafrio sobe pela minha espinha como se ele pudesse fazer algo de ruim para mim ou para a minha família.

Não deixo transparecer nada disso, minhas feições continuam tranquilas, tenho que entender o que é isso tudo primeiro.

Ele se levanta sem tirar os olhos dos meus, como se estivesse me desafiando.

Durante todo esse tempo não dissemos uma palavra.

Resolvo então acabar com a situação e ver logo o que esse cara quer, um projeto, uma remodelação ou uma reestruturação. Não gostei dele, por mim nem fechava nada.

—Boa Tarde. Sou Guilherme. — Ele nada diz, apenas me encara com o semblante fechado. Profissionalismo Guilherme, seja profissional. —Minha secretária informou que o Sr. somente me passaria as informações do que precisava na reunião, pois bem, estamos aqui, então pode me dizer o que precisa. O que você quer.

Não sei porque, mas as palavras saem mais ríspidas do que eu gostaria.

As feições dele de repente mudam e ele começa a gargalhar. Uma risada estranha, meio enlouquecida. Fico o encarando sem entender o porque disso tudo até que ele para de rir, abre a boca e o meu mundo desaba.

—O que eu quero? — Ele diz praticamente rosnando. —Eu quero o que é meu e você roubou, Guilherme. A propósito, meu nome é Max.

Max?

Não, não pode ser.

Não pode ser esse Max...

Ele continua me encarando e então eu tenho certeza que é ele sim.

Max, o ex da Malu.

Max, o cara que a fez sofrer e quase perder o bebê.

Max, que mais uma vez fez com que minha menina se sentisse rejeitada.

Max, o babaca que a abandonou e agora está aqui na minha frente com um sorriso sarcástico no rosto, como se fosse o dono do mundo dizendo que quer o que é dele?

O que ele pensa que é dele? A minha mulher?

Filho da puta.

—Não vou dizer que é um prazer te conhecer porque não é, e até onde sei não roubei nada que fosse seu. Portanto, se me der licença, tenho um compromisso inadiável daqui a pouco. — Digo e viro as costas, não posso deixar que ele veja que me abalou.

—Não sabe? Tem certeza que não? Pois eu te digo o que foi que você me roubou. — As palavras dele me fazem parar e eu viro novamente para ele. —Você roubou minha mulher, Guilherme. Você roubou minha família. Minha mulher e meu filho.

Ele se exalta, está vermelho.

Eu permaneço calmo, pelo menos por fora, porque por dentro sou um turbilhão de emoções, e a que mais prevalece é o desespero. Ele veio atrás dela, e está na cara que vai tentar reconquista-la.

—Se você está falando da Maria Luísa, deve ter cometido algum engano, porque ela é a minha mulher, e até onde eu sei estava solteira quando começamos a nos relacionar. E quanto ao bebê que carrega, pelo que sei, um babaca filho da puta a abandonou grávida.

—Abandonou? Ela fugiu e levou o meu filho junto com ela porque... — Ele para de falar e balança a mão no ar. —Isso não importa mais, porque eu vim para levar eles de volta para o lugar que eles nunca deveriam ter saído.

Começo a rir, mas é mais de nervoso do que qualquer outra coisa. Chego bem perto dele e com o rosto quase grudado no dele praticamente rosno.

—Você nem tente se aproximar dela.

—Me aproximar? — Ele me olha sem medo, mas dá um passo para trás. —Ela é minha, e eu não saio daqui sem ela. Sem eles. Ela me ama, só está confusa por tudo o que aconteceu. Mas isso é passado, tenho certeza que assim que a tiver nos meus braços de novo tudo será esquecido e voltaremos a ser o que éramos.

—Você não vai chegar perto dela. — Meu tom sai mais duro, com raiva e agora quem permanece calmo é ele. Só consigo pensar nele se aproximando dela, pedindo desculpas e ela ficando dividida, e...

—Bom, eu vim aqui apenas para avisá-lo para sair do meu caminho, porque eu estou disposto a tudo para reconquistar a minha Malu, e nada, nem mesmo você, que a conhece a o que? 1 mês? Vai ficar no meu caminho.

—Você vai sair daqui e vai voltar para o diabo do lugar que você veio e vai esquecer que ela existe.

Ele ri, anda na minha direção e eu me preparo para socar a cara dele. É o que eu mais quero, quebrar essa cara de mauricinho desse imbecil, mas ele apenas passa por mim em direção a porta e para assim que passa por ela. Então se vira e fala: —O recado está dado, e se eu fosse você já desistiria da batalha, porque nós nos amamos, eu fui o primeiro homem dela, nós teremos um filho, ela vai voltar para mim e seremos uma família.

Ele sai e bate a porta, e eu permaneço imóvel olhando para ela.

Meus pensamentos parecem confusos com as informações desconexas sendo lançadas para o meu cérebro. Eu queria correr atrás dele e bater em seu rosto até que ele ficasse desfigurado, mas meu corpo não me obedece, e eu continuo ali processando tudo o que aconteceu.

Não sei há quanto tempo estou olhando para a maldita porta quando uma frase que ele disse começa a se repetir na minha cabeça.

Seremos uma família.

Seremos uma família.

Seremos uma família.

Ele, a Malu e a minha menina.

Não eu, a Malu e a minha menina. Não nós. Eles.

Um desespero bate em mim e meu peito começa a retumbar como se meu coração pudesse sair dele.

Eles ficaram juntos por um ano, ela está gravida dele, ela vai me deixar...

Me sinto sufocado, preciso sair daqui.

Saio da sala como um furacão, passo pela Camila que fala algo comigo, mas eu não ouço, não consigo escutar ninguém com os meus pensamentos gritando tão alto dentro da minha cabeça.

Entro no elevador e parece que ele vai me sufocar, saio dele sem conseguir raciocinar, apenas sabendo que preciso sair desse lugar.

Eu senti que não deveria ter vindo.

Tiro o terno e entro no carro, a gravata também sai. Porra não consigo respirar.

Acelero o carro e quase quebro a cancela do estacionamento ao passar por ela. Dirijo sem rumo, acelerando cada vez mais e mais.

As palavras dele ficam se repetindo na minha cabeça.

Ela é minha, e eu não saio daqui sem ela.

Eu vim para levar eles de volta.

Eles... eles... minha mulher e minha filha.

Acelero ainda mais sem saber para onde estou indo. Apenas dirijo.

Não sei a quanto tempo estou vagando pelas ruas, só que tudo é um borrão passando pela janela do carro.

Quando dou por mim estou na frente do meu apartamento, freio bruscamente e quase causo um acidente. O carro de trás buzina e eu puxo o ar em grandes lufadas.

Calma Guilherme, calma.

Entro no estacionamento do prédio antes que eu acabe causando um acidente nas ruas e subo. Entro no apartamento e olho para a sala vazia, então as imagens da minha Malu ali de pé se entregando para mim vem a minha mente e a minha respiração trava de novo.

Abro os botões da camisa e a tiro, passando as mãos pelos cabelos e

indo em direção ao sofá.

Paro de pé ao lado dele e lembro dela nua ali, totalmente entregue a mim.

Eu vou perdê-la.

Minha Malu.

Eu vou perdê-las.

Minha filha.

Seremos uma família.

Seremos uma família.

Não a minha família.

O desespero me toma, meu peito sobe e desce rapidamente. Eu vou perder minhas meninas. Preciso pensar, bolar um plano, mas não consigo.

Em um ato de fúria por não conseguir raciocinar empurro o sofá com raiva, viro a mesinha de centro e jogo um vaso na parede.

Um grito de desespero sai do fundo da minha garganta.

—Ahhhhhhhhhhhhhhhhh...

Ouço a porta se abrir, viro esperando ver a minha menina ali, mas quem está na porta me encarando e parecendo um pouco assustada é a última pessoa que eu esperava que aparecesse ali.

Lia.

—Guilherme, o que aconteceu aqui?

—Saia... — Grito com ela.

—Calma. — Ela diz, entra e fecha a porta. —Me diz o que houve.

—Lia, não é um bom momento. Por favor, saia daqui. — Digo agora em um tom mais brando e viro as costas para ela, fechando os olhos e tentando me controlar.

Ela dá a volta e fica de frente para mim. Abro os olhos e a vejo me encarando.

—Calma Gui. Conversa comigo.

—Lia, sai. — Meu coração está apertado e sei que posso desmoronar a

qualquer momento. —Eu quero ficar sozinho. — Peço, mas as palavras já saem quase que como um sussurro. Estou perdendo as forças.

Ela coloca a mão no meu braço. —Antes de qualquer coisa somos amigos, Gui. Sempre fomos. E você pode contar comigo. — Ela diz e sem que eu espere me abraça. Me sinto tão perdido que acabo retribuindo, mesmo sentindo que isso é errado.

—Eu estou aqui para você, Gui. Sempre! — Ela fala e eu apenas aceito o seu consolo, precisando me acalmar para pensar em como vou fazer para tirar esse imbecil das nossas vidas.

De repente um soluço alto irrompe os meus pensamentos e eu saio do meu torpor. O som veio da porta, então tudo vem para mim de uma só vez.

Malu.

Consulta.

13h.

Meu celular descarregado.

Puta que pariu!

Eu perdi a consulta e estou aqui na minha sala revirada, sem camisa e com a Lia abraçada a mim.

Não Deus, por favor. Não deixe ser ela na porta. Por favor.

E mesmo sabendo que não poderia ser outra pessoa, empurro a Lia e me viro, apenas para encontrar a minha menina ali com os olhos cheios de lágrimas olhando para a cena a sua frente.

Não, não, ela está tirando conclusões erradas. Eu sei que está. Seus olhos estão me dizendo claramente isso.

O Max... Porra! Ele vai tentar tirar ela de mim, e isso aqui só servirá de trunfo para ele.

Ela precisa saber o que aconteceu, que ele está aqui, que o que ela viu aqui não foi nada.

Ela precisa entender que só existe ela para mim.

Então começo a pensar se fosse o contrário, eu chegando e a vendo abraçada a um homem com o torso nu no meio de uma sala revirada depois de ter me deixado sozinho.

—Malu...

Digo porque não sei nem por onde começar. Ela olha de mim para a Lia e vejo a dor passando pelos seus olhos.

Dou um passo em sua direção e ela recua, a Lia coloca a mão no meu braço e vejo os olhos da Malu caírem para o local. Puxo o braço e rosno. — Saia daqui.

—Calma Gui, a gente pode explicar tudo a ela. — Malu abre ainda mais os olhos e suas mãos voam para o seu coração. Explicar o que porra? Tenho vontade de perguntar isso para a Lia, mas então eu começo a ligar os fatos e... Caralho! Tenho vontade de me socar por ser tão estúpido.

Tudo faz sentido agora, porra!

—Malu, me escuta. — Vou andando em sua direção e ela levanta a mão, me impedindo de chegar perto dela. —Não faz isso... Me escuta, por favor. Cinco minutos, é tudo que eu te peço. — Imploro, não tenho vergonha nenhuma de fazer isso quando o meu futuro está em jogo.

Ela olha para a Lia que está a encarando com o semblante sereno.

Essa filha da puta me paga.

Minha menina parece estar no meio de um conflito interno e eu torço para que ela se lembre de tudo o que conversamos e vivemos. Então seus olhos recaem sobre mim e ficam duros, parecem lançar adagas contra mim. Ela levanta a cabeça e puxa o ar, e eu sei que ela tomou sua decisão. Ela não vai me escutar. As palavras do Max voltam para mim.

Seremos uma família.

Ela vira as costas e dá um passo para fora da porta, olho para a Lia que ostenta um sorrisinho de canto, ela não conseguiu se conter. Então faço a única coisa que poderia para tentar fazer com que ela me escute.

A vejo dar o segundo passo para fora quando digo: —Eu te amo. Eu amo vocês duas. Vocês são a minha vida, são a minha família.

Capítulo 45

Malu

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco...

Conto mentalmente ainda de costas para o Guilherme tentando acalmar o meu coração.

Minha mente diz que eu tenho que sair daqui, correr o mais rápido que posso. Fugir! Ela me diz que mais uma vez eu fui rejeitada e trocada. Que eu não mereço ser feliz.

Ela exerce um poder tão grande sobre mim que eu virei as costas para ir embora, não aguentando a dor de ver o meu amor, o meu Gui, abraçado a outra mulher, pior ainda, abraçado a Lia.

Porém, quando estava prestes a sair pela porta, suas palavras fizeram com que meus passos parassem. Minha mente, minha pior inimiga, continuava me mandando ir embora dali. Correr para bem longe, mas o meu coração, aquele que sempre acaba falando mais alto e me faz acreditar nas pessoas, fez com que minhas pernas não obedecessem ao comando do meu cérebro.

O silêncio se mantém, e eu não consigo fitar as feições do Guilherme para tentar ver se ele está me dizendo a verdade. Não consigo ver a cara de sonsa da Lia se fazendo de inocente. Eu não tenho como saber as suas expressões e isso está me perturbando.

—Malu... — Ouço o Guilherme dizer e logo em seguida um passo ecoa pela sala. Eu sei que ele vai tentar se aproximar de mim. Levanto a mão mesmo sem vê-lo porque não quero que ele chegue perto de mim agora, eu não posso ter essa proximidade nesse momento, eu tenho que tomar essa decisão sozinha, e sei que se ele me tocar eu não vou resistir.

Eu não quero mais ser enganada, eu não mereço isso. Eu mereço mais,

eu mereço ser feliz e me sentir completa.

Sim, eu mereço.

Coloco a mão no ventre e penso no meu bebê, no seu coraçãozinho que bate tão forte dentro de mim e eu pude ouvir hoje, na menina que o Guilherme insiste em dizer que eu terei e peço que ela me ajude.

De repente flashes de memória de tudo o que vivi desde o meu acidente começam a aparecer na minha cabeça, e parece que em um minuto eu revivo dias e dias de desespero, raiva, medo, amor, desejo e luxúria.

Relembro cada palavra dita pelo Guilherme, cada ação sua, cada gesto seu, cada carinho, cada declaração. Parece que posso sentir de novo cada beijo dado, cada toque sentido, cada orgasmo, cada risada e olhar.

Revivo também o momento em que me senti sozinha e abandonada na consulta hoje, mas ao mesmo tempo me lembro do dia que ele disse que nós seríamos dele, quando ele tão carinhosamente beijou minha barriga e conversou com ela achando que eu não estava ouvindo.

—É melhor deixar ela ir Gui, vai ser melhor assim.

As palavras ditas pela Lia chegam até os meus ouvidos e eu abaixo a cabeça.

Sinto as lágrimas rolarem pelo meu rosto quando a decisão é tomada.

—Tira a mão de mim. — O Guilherme praticamente rosna e sei que é para ela. Lentamente viro o corpo para onde eles estão e encaro a realidade de frente.

A Lia me olha com ar superior, como se tivesse ganho uma batalha, já o Guilherme... seus olhos transmitem desespero, parece que ele quer correr até mim e me segurar em seus braços, e minhas suspeitas se confirmam quando ele dá mais um passo na minha direção, ansioso para chegar mais perto.

—Não... — Digo com a voz firme olhando dentro dos seus olhos. Ele abre a boca para falar algo, mas eu novamente nego. —Não.

—Malu...

—Eu disse não Guilherme.

Viro o rosto para a Lia e vejo um sorriso no canto da sua boca. A desgraçada está gostando de tudo o que está acontecendo aqui. Ela está

sorrindo, feliz por achar que eu vou deixar o caminho livre para ela.

Isso não vai ficar assim...

Ela agora vai conhecer a Maria Luísa.

Ando em passos largos até o Guilherme que arregala ainda mais os olhos conforme me aproximo. Vejo medo em seu olhar, medo que eu faça algo estúpido.

O que eu farei em seguida pode ser estúpido sim, pode me quebrar um dia, pode ser o meu fim, mas eu decidi que ele vale a pena. Que nós valemos a pena. Que a nossa família é muito mais importante do que isso tudo. E apesar de ele ainda ter muito o que explicar, a decisão está mais do que tomada.

Meu corpo se choca com o dele e nossas bocas se encontram, seus olhos se abrem em espanto quando meus braços envolvem o seu pescoço e eu fecho os olhos abrindo a boca e pedindo passagem a sua. Pedindo não. Exigindo.

Sinto seu peito duro contra os meus seios no momento em que suas mãos seguram minha cintura e me puxam contra si.

Assim que seus lábios se abrem nossas línguas se encontram e um beijo faminto se inicia, e como sempre acontece seu pau começa a tomar vida e ele me puxa ainda mais, colando totalmente nossos corpos, querendo mais de mim, e eu vibro de satisfação.

Ele é meu.

Somente meu.

Começo a me perder no seu beijo, uma de suas mãos sobe para a minha nuca e segura o meu cabelo, fazendo com que eu fique a sua mercê, tornando o beijo ainda mais gostoso, quente e molhado.

Meu corpo se incendeia por ele, a vontade de tê-lo dentro de mim passa a ser insana, e a vontade de arrancar suas roupas e sentir seu corpo contra o meu quase me faz perder a cabeça, mas então passo as mãos pelos seus braços e sinto seu torço nu, e me dou conta que não estamos sozinhos.

Lembro da cena que acabei de presenciar e a raiva volta com tudo para mim.

Abruptamente puxo minha boca da sua e dou um tapa em seu rosto. Ele

coloca a mão no local onde meus dedos estiveram e me olha espantado. Aponto o dedo para o seu peito e falo empurrando o seu corpo. —Isso é para você aprender a nunca mais deixar essa vagabunda encostar a mão em você.

Então me viro para ela e vejo que seu sorrisinho triunfante de antes sumiu, ela agora mostra sua verdadeira face, seu rosto está vermelho e seus olhos queimam de raiva. Aquele ar angelical que ela sempre ostenta deu lugar a um olhar demoníaco, que assim que percebe que mostrou trata de tentar disfarçar, mas agora é tarde demais.

—E você... — Digo andando na sua direção, ela vai dando passos para trás conforme eu vou para cima dela como um animal caçando sua presa.

Sinto uma mão se fechar no meu braço e me segurar. —Calma Malu.

Puxo o braço do aperto do Guilherme e olho com raiva para ele. —Não se meta nisso, com você eu me entendo depois.

Volto minha atenção para a Lia de novo que agora parece estar com medo de mim. Ah querida, é bom você ter medo mesmo.

—Olha, Maria Luísa, isso tudo foi apenas um mal-entendido... — Continuo andando em sua direção sem dizer nada. —É melhor eu ir embora. Eu e o Guilherme somos apenas amigos, e eu...

—Mal-entendido? Mal-entendido você não entender que o Guilherme não quer mais nada com você? Amigos? Conta outra. Você não quer ser amiga dele! Você quer ele como homem, você quer ele na sua cama, você quer ser a mulher dele. — Digo já muito próxima dela que agora está com um olhar apavorado no rosto. —Mas para seu conhecimento, a única que está e continuará na cama dele sou eu.

Seu rosto se transforma e uma risada maléfica sai da sua boca. Ela não conseguiu manter o teatro por muito tempo. —Você? Você acha mesmo que é mulher suficiente para ele? Você está grávida, diga-se de passagem, de outro homem. Além disso, você acha mesmo que quando estiver enorme de gorda o Guilherme vai olhar para você tendo a mim para o satisfazer? Olhe para você e olhe para mim... o Guilherme vai enjoar de você, e quando acontecer é para os meus braços que ele vai voltar como sempre fez.

Se fosse a um tempo atrás as palavras dela iriam me ferir, mas agora eu consigo me enxergar melhor e ver que tudo isso não passa de despeito. E é apenas por isso que estou me controlando tanto para não acabar com a raça

dessa vadia.

—Estou olhando para você Lia e vendo uma mulher desesperada que acha que conquistará alguém usando o próprio corpo, coisa que nunca passou pela minha cabeça fazer. E quanto a minha gravidez, não se preocupe, sei como agradar o meu homem e ser o suficiente para ele. Agora por gentileza, se retire. Na verdade, não sei o que você veio fazer aqui e também não me interessa.

Ela abre a boca para responder, mas acaba não dizendo nada, apenas levanta a cabeça tentando demonstrar superioridade. Ela sabe que perdeu a luta. Adota então uma postura elegante e passa a mão pelo cabelo, o ajeitando, em seguida arruma o vestido, logo depois abre um sorriso angelical e passa por mim. A acompanho com o olhar e vejo quando ela para perto do Guilherme que continua parado no mesmo lugar sem esboçar nenhuma reação.

—Estou indo Gui, mas antes vou te dizer uma coisa. — Ela olha para mim e depois para ele. —Você vai cansar dessa vidinha de casado. Eu sei que vai! Você não foi feito para isso. E quando acontecer eu vou aguardar ansiosa a sua ligação.

Agora é o momento que eu espero que ele a coloque no lugar, mas ele não tem tempo porque as próximas palavras dela acabam com qualquer sanidade que eu poderia ter.

—Afinal você um dia vai acordar e se dar conta da mulher sem sal que está ao seu lado e se lembrar de tudo o que posso fazer para você, e tenho certeza que você não vai querer criar um bastardinho que sabe lá Deus de quem é.

O que?

Ela chamou o meu bebê de quê?

Eu não penso.

Eu não respiro.

Eu enlouqueço.

Filha da puta!

Qualquer linha de raciocínio que eu poderia ter sumiu no momento em que ela chamou o meu bebê tão amado de "bastardinho".

Fale o que quiser de mim, do Guilherme, ou de quem for, mas não fale do meu bebê.

Eu praticamente voo em cima dela já puxando os seus cabelos e a jogando no chão.

—Aiiiiiii — Ela grita enquanto seu corpo cai no piso duro e eu continuo puxando seus cabelos loiros.

Subo em cima dela que tenta se debater, mas sou muito mais forte que ela e a imobilizo.

—Malu, o bebê... — O Guilherme fala e segura meu ombro.

—Não chegue perto! — Eu grito para ele e na mesma hora ele retira a mão de mim.

—Você está me machucando... — A Lia choraminga embaixo de mim.

—Está doendo? — Pergunto e puxo ainda mais o cabelo dela que grita de dor. —É para doer mesmo sua puta. — Digo e com a mão livre dou um tapa na sua cara.

—Guilherme, me ajuda. — Ela pede ajuda a ele, e eu juro que se ele falar alguma coisa eu nunca mais olho para a cara dele. Essa infeliz merece isso.

—Isso foi por chamar o meu filho de bastardo. — Dou mais um tapa em seu rosto. —Isso por ter insinuado que o meu amigo estava morto. — Tapa. — Isso por me chamar de sem sal. — Tapa. —E isso é para você entender de uma vez por todas que o Guilherme é meu, sua piranha. — Com toda força que tenho dou mais um tapa em sua face.

Levanto ainda segurando ela pelos cabelos, ela tenta segurar minha mão, tentando em vão diminuir meu aperto. Meu peito sobe e desce da adrenalina enquanto eu caminho até a porta praticamente a arrastando.

Sem nenhuma cerimônia a jogo para fora do apartamento.

—Você é louca! — Ela grita segurando o rosto que agora está todo vermelho com as marcas dos meus dedos.

—Você ainda não viu nada. Se meta de novo comigo, dirija a palavra ao meu homem ou insulte o meu filho novamente que então você verá do que eu sou capaz.

Bato a porta com força na sua cara toda machucada. Estou ofegante, com raiva e irritada com tudo o que acabou de acontecer aqui.

Sei que o Guilherme está esperando que eu diga alguma coisa, mas não consigo falar nada, apenas continuo encarando a porta, ponderando.

Não posso ficar aqui para sempre, então quando penso no que fazer a seguir sinto o corpo dele se grudar no meu e seus braços me envolverem. Automaticamente sinto sua enorme ereção na minha bunda, o desgraçado ficou excitado com a cena, e o pior de tudo é que senti-lo assim tão duro pressionado contra mim e ter essa adrenalina toda correndo pelo meu corpo só me faz deseja-lo ainda mais.

Gui

Meu Deus!

Ainda estou um pouco atordoado com o que acabou de acontecer. A Malu não foi embora, ela ouviu minhas palavras e deixou que entrassem em seu coração, voltou me deu um beijo de tirar o fôlego para em seguida me dar um tapa na cara, o que não tenho nem do que reclamar porque eu merecia muito mais, depois se impôs para a Lia e a convidou a se retirar do meu apartamento. Até aí eu estava sem reação, mas estava conseguindo acompanhar tudo, porém a Lia ao passar por mim falou aquelas coisas horríveis e ainda por cima chamou minha menina de bastarda.

Fiquei louco, possesso, estava prestes a escorraça-la daqui quando ouvi passos apressados e uma Malu furiosa agarrando a Lia pelos cabelos, a jogando no chão e fazendo o que eu tinha vontade de fazer, mas nunca faria por ela ser uma mulher.

Na hora o meu cérebro ainda conseguiu raciocinar e tentei tirar a Malu de cima da Lia, porque ela podia acabar machucando minha mulher e minha filha, mas a Malu gritou para eu não chegar perto e eu não tive como fazer nada, mas fiquei atento a tudo, pronto para a qualquer momento intervir e defender minha menina.

Mas não foi preciso, a Malu sabe se defender e atacar. Ela parecia uma tigresa lutando pelos seus.

A forma como ela defendeu nossa filha e meu irmão foram... não sei nem como mensurar. Mas quando ela disse em alto e bom som que eu era

dela... Porra, que tesão!

Eu sei que não devia estar sentindo isso, não era para eu estar querendo enterrar o meu pau profundamente dentro dela para que ela veja o quanto eu sou dela, mas cacete, é mais forte do que eu.

Antes que eu possa me controlar encosto meu corpo no dela, encaixando meu pau bem na fenda da sua bunda e rodeando meus braços em sua cintura. A respiração dela está ofegante e seu corpo trêmulo. Busco um pouco da minha sanidade para formar uma frase, eu sei que nós temos que conversar.

—Deixa eu te explicar.

—Não...

Não? Como não? Meu coração parece que vai sair pelo peito. Ela me defendeu, nos defendeu...

—Por favor. Malu eu...

Ela se vira em meus braços e seus olhos parecem nublados, não consigo lê-los. Que merda!

—Eu não quero ouvir nada agora Guilherme. A única coisa que eu quero é que você me responda a uma única pergunta olhando dentro dos meus olhos.

Apenas aceno com a cabeça, com medo do que pode estar por vir.

—Você trouxe essa mulher para cá?

—Não! — Falo desesperado. —Claro que não, eu...

Não consigo terminar a frase porque no instante seguinte sua boca está na minha e sua língua invadindo meus lábios. Os abro automaticamente e começamos uma dança erótica de mãos e línguas. Essa mulher me enlouquece! Ela pula e envolve as pernas nos meus quadris, imediatamente roçando a boceta no meu pau. Ela está de vestido e só o que me separa do paraíso é a merda de uma calcinha.

Sinto a quentura da sua boceta mesmo através da minha calça. Porra! O que essa mulher está fazendo? Ela arranha minhas costas enquanto eu aperto sua bunda e ela geme em minha boca.

Tento andar com ela até o sofá, preciso estar dentro dela, mas ela não

deixa, fica de pé e me empurra até a porta.

—Eu quero você aqui... exatamente aqui.

De início não entendo o porquê, mas depois a consciência me bate.

Ela então se aproxima com aqueles imensos olhos castanhos cravados em mim, e quando seu corpo está a centímetros do meu ela segura o meu pau por cima da calça e fala: —Esse pau pertence a quem Guilherme?

Merda. Eu achei que não poderia ficar mais duro, mas com ela falando desse jeito ele faltou explodir para fora da calça, ela então abre o zíper e desce a calça junto com a cueca, deixando ele se libertar.

—A você.

—Exatamente. A mim, somente a mim. E agora eu vou lembrar a você o porque ele pertence a mim.

Em um segundo ela está dizendo essa frase, no outro está ajoelhada com o meu pau inteiro dentro da boca.

—Porra... — Quase gozo quando ela faz isso, e o palavrão sai praticamente como um grito ao mesmo tempo que dou um soco na parede ao lado.

Ela me olha com luxúria e eu seguro sua cabeça com força enquanto ela me chupa, lambe e arranha minhas pernas com suas unhas.

Eu vou gozar. Puta que pariu! Eu vou gozar como um maldito adolescente.

Começo a estocar em sua boquinha rosada gemendo o quanto ela é gostosa. Minha! Me perco e passo a fodê-la. Entrando e saindo da sua boca com brutalidade, segurando seus cabelos com força e ditando o ritmo com meus quadris.

Seus olhos estão lacrimejando de tão fundo que estou indo, saliva escorre pela sua boca e ela está corada. Penso que estou indo muito longe, mas ela geme e aperta minha bunda, me colocando ainda mais dentro dela. Puta que pariu! Ela está gostando disso.

Ela continua o seu ataque, eu não tenho escapatória, e olhando profundamente em seus olhos gozo de uma forma arrebatadora. É tão intenso que jogo a cabeça para trás e grito seu nome. —Malu... Porra... Malu!!!!

Ela não para de me chupar, continua chupando e engolindo tudo o que dou a ela, e quando termina tira o meu pau da boca e lambe os lábios, limpando os resquícios de porra que estavam ali, não deixando nada de fora.

Caralho de mulher gostosa!

A ajudo a ficar de pé e beijo sua boca com paixão, ainda sentindo meu gosto em sua boca.

Não, eu quero o gosto dela na minha boca.

Inverto nossas posições e a pressiono na porta. Ainda a beijando levanto o seu vestido e passo a mão em sua boceta por cima da calcinha, ela está perdida na luxúria quando em um puxão eu rasgo a calcinha de sua pele.

Ela dá um grito de surpresa e eu ataco o seu pescoço, lambendo e mordendo. Ela segura os meus cabelos quando meus dedos encontram seu centro molhado, encharcado de tanto desejo. Ela rebola na minha mão enquanto eu desço a boca e chupo seu seio por cima do tecido. Sem mais poder esperar me ajoelho a seus pés e inalo seu cheiro que me embriaga.

—Foda-se. Você é minha! Só minha.

Sem dar tempo de resposta, até porque essa foi uma afirmação, ataco minha mulher com lábios, língua, dentes e dedos. Eu sei como fazer uma mulher gozar com apenas um deles, mas da mesma forma que ela precisou afirmar que eu sou dela, eu preciso que ela se lembre do porque é minha.

Coloco uma de suas pernas em meu ombro para que eu tenha um melhor acesso, e assim que o faço ela força minha cabeça ainda mais em sua boceta e eu dou a ela tudo de mim.

A todo instante ela diz que eu sou dela e que ela é minha, e em apenas alguns minutos minha menina explode em um orgasmo estarrecedor, gritando meu nome alto e puxando meu cabelo.

—Guuiiiiiii... — Isso. Sim. Isso é música para os meus ouvidos. Minha mulher gemendo e gritando meu nome.

Continuo ali lambendo sua fenda até que seus espasmos diminuem e seu orgasmo termina, então levanto e a olho nos olhos. Mesmo depois de mostrarmos que pertencemos um ao outro minha mulher ainda tem dúvidas, eu posso ver isso em seus olhos, e não poderia ser diferente, não depois de tudo o que aconteceu.

Ficamos pelo que parecem ser horas apenas nos encarando, sem nada a dizer.

Penso em como posso começar a explicar as coisas para ela. Busco as palavras certas para não a assustar, mas sem que eu espere minha boca se abre e eu despejo meus medos em cima dela.

—O Max está na cidade, me procurou hoje e disse que vai tirar vocês duas de mim.

Capítulo 46

Guilherme

Merda!

Não era para ter saído assim.

Eu deveria ter escolhido as palavras certas, formulado melhor a frase, não simplesmente ter jogado em cima dela.

Porra!

Por que ela não diz nada?

—Malu?

Nada.

Seus olhos apenas estão fixos nos meus e um mar de sentimentos parece transbordar por eles. Fora isso, nada. Ela permanece impassível.

—Malu? Você está me ouvindo?

Nada.

Puta que pariu! O que foi que eu fiz?

Seguro seus braços e sinto o quão gelada sua pele está. Mas que merda.

—Meu amor, fala comigo. Por favor. Me desculpa, eu não devia ter falado tudo assim.

Digo e a abraço, tentando passar um pouco de calor para seu corpo que parece tão frio, mas ela não retribui o abraço, seus braços continuam moles ao lado do seu corpo, ela não se molda a mim como sempre faz, ela não encosta a cabeça no meu peito e nem envolve os braços em mim naquele encaixe perfeito que temos.

—Por favor... olha para mim. — A afasto na tentativa que ela tenha alguma reação, mas ela continua ali, parada, apenas os olhos fixos nos meus.

—Você está me assustando, meu amor. Fala alguma coisa, por favor. — Peço, mas nada acontece, então eu fico ali esperando que ela diga alguma coisa enquanto passo as mãos para cima e para baixo em seus braços,

tentando de alguma forma passar algum tipo de confiança a ela.

Alguns minutos se passam até que a primeira reação dela aparece e parte o meu coração em mil pedaços.

Lágrimas começam a cair de seus olhos e soluços escapam do fundo da sua garganta. É um choro sofrido, cheio de dor, que me deixa desesperado. De repente ela começa a olhar freneticamente para os lados, como se estivesse procurando por algo ou se dando conta de onde está.

—Malu... — Ela não me responde, parece se desesperar ainda mais enquanto mais lágrimas caem dos seus olhos.

Seguro seus braços com mais força e a balanço um pouco para que ela possa concentrar sua atenção em mim. E dá certo. Seus olhos voltam para os meus.

—Fala comigo. — Peço mais uma vez.

—E-le... E... O Ma-Max está aqui? — Ela fala gaguejando em meios aos soluços e eu quero me dar um soco por ter sido o causador disso tudo. Eu deveria ter sido mais cauteloso.

Ela espera minha resposta e vejo esperança em seu olhar, esperança que eu desminta e diga que ela entendeu errado, mas não posso fazer isso com ela.

Respiro fundo tentando me acalmar, o que é quase impossível, já que parece que eu posso sentir o seu desespero. —Está Malu, mas eu n... — Minha frase é interrompida por uma Malu desnorteada.

Ela tenta dar um passo para trás, mas eu a seguro com mais força. — Me solta. — Ela diz tentando puxar os braços.

—Não. Para e me escuta.

—Me solta. Eu preciso ir. Ele me achou. Me solta. Me solta! — Ela grita e olha novamente para os lados como se procurasse uma saída.

—Se acalma. — Falo sem soltar seus braços.

—Eu não vou me acalmar! Ele está aqui. Ele vai tirar o meu bebê de mim. Eu não posso deixar. O meu bebê...

—Ele não vai tirar nada de ninguém. Eu não vou deixar. Você está ouvindo? Eu não vou deixar.

Seus olhos parecem derrotados quando ela fala.

—Você não o conhece. Você não sabe do que ele é capaz. As coisas que ele me disse... — Ela faz uma pausa parecendo relembrar o que ele fez com ela. —Eu tive os meus motivos para fugir, e não sei como ele me achou, como ele soube que eu não perdi o bebê.

—Não importa do que ele seja capaz, eu estou aqui e não vou d...

O seu desespero é tanto que ela parece nem ouvir o que eu falo, me interrompendo a todo momento.

—Eu preciso ir, preciso pensar. — Seus olhos se iluminam. —Isso, eu tenho que ver o Bento. Ele vai me ajudar, vai nos proteger. Eu tenho o Bento.

A puxo para mim, colando nossos corpos. —Você tem a mim, porra! — Minha voz soa mais alta do que deveria, mas não me importo já que isso parece fazer com que ela se cale e coloque sua atenção total em mim. —Você não precisa procurar ninguém porque eu vou proteger você. Eu vou proteger vocês. E não vou deixar que ninguém, muito menos esse homem tire nossa filha da gente. Vocês são minhas, e é comigo que vão continuar.

As palavras que uso parecem afundar em sua mente e seu choro aumenta ainda mais, mas ao invés de se afastar ela se joga em mim, envolvendo seus braços ao meu redor com força, como se estivesse buscando abrigo, consolo, proteção. Querendo que eu a segure e demonstre que estou ao lado dela.

E é isso que eu quero, eu quero ser o seu tudo. Seu amigo, namorado, futuro marido, pai dos seus filhos, amante e companheiro, mas acima de tudo quero ser o seu porto seguro, aquele que ela procura sempre, não só para dividir as alegrias, mas também as tristezas, aquele que vai a consolar quando for preciso e lutar pela sua felicidade.

—Você acredita em mim? — Ela acena com a cabeça ainda abraçada a mim, então eu a coloco na minha frente para que ela possa me responder. — Você vai deixar que eu cuide de vocês? Que eu proteja vocês?

Ela prende o lábio inferior com os dentes, como se estivesse tentando se segurar para não chorar ainda mais e diz que sim com a cabeça.

—Você não está mais sozinha, Malu. Eu estou aqui para você. Sempre.

—Você não esteve hoje na consulta. — Sua voz sai como um sussurro

enquanto ela abaixa a cabeça. Seu tom é magoado, triste, e eu quero mover céus e terra para que ela nunca mais use esse tom de voz comigo. Eu prefiro que ela grite, brigue, até que ela me bata, mas nunca mais quero ouvir essa decepção em sua voz, ainda mais sendo direcionada para mim.

Com os dedos trêmulos seguro seu queixo e levanto sua cabeça, seus olhos tentam desviar dos meus, mas eu peço que ela olhe para mim, e quando o faz tenho vontade de gritar de tanta dor que vejo ali dentro.

—Eu nunca ia faltar a consulta da nossa filha em condições normais, Malu. Você sabe como eu estava ansioso para isso, mas eu fiquei desnorteado depois do meu encontro com o Max. Era com ele a reunião que eu tinha, mas é claro que eu não sabia que era ele, e quando ele disse todas aquelas coisas para mim e que você e o bebê eram dele, que ia tirar vocês de mim, eu fiquei tão fora de mim que saí do escritório sem pegar nada, inclusive meu telefone que ficou lá. — Faço carinho em seu rosto, odeio vê-la chorando. —Eu nunca vou me perdoar por ter perdido esse momento, nunca mesmo. Mas queria que você pelo menos tentasse me entender, pelo menos um pouco. Fiquei louco com a mera possibilidade de não ter mais você na minha vida, e ele me disse que vocês se amavam, e que você era dele, e eu... eu fiquei com tanto medo.

Ela coloca a mão no meu rosto. —Eu amo você. Somente você.

—Eu também te amo, e é por isso que só de pensar que outro homem vai tentar tirar você de mim eu fiquei louco.

Seus olhos se endurecem de repente e ela tira a mão do meu rosto. Ah merda, o que foi que eu falei de errado agora?

—Malu, o que foi?

—Eu entendi o motivo de você não ter ido até a consulta, na verdade eu estou apavorada com o motivo, mas e a parte de você estar sem camisa agarrado a Lia aqui nessa sala toda bagunçada, Guilherme?

Ela está com ciúmes! Tenho vontade de sorrir com a constatação, porque isso só prova o quanto ela me ama e o quanto me quer, mas não vou fazer, sei que se sorrir agora ela vai me matar. Minha mulher brava. Só de lembrar dela toda irritada partindo para cima de mim me deixa com um desejo do cacete.

Se acalma Guilherme. Minha consciência diz.

Não posso pensar nisso agora, preciso me explicar, e apesar de não ter

certeza da minha teoria vou contar tudo a ela. Não vou esconder nada, ela não merece ficar no escuro, até porque preciso que ela confie em mim e me queira ao seu lado sempre.

—Promete que vai me escutar até o final sem tirar conclusões precipitadas?

Ela me olha com um pouco de desconfiança, mas acaba cedendo.

—Prometo.

A puxo até o sofá que está virado, coloco ele no lugar e sento, ela permanece de pé e eu ofereço a mão para que ela pegue, sem hesitar ela faz, minha menina que tanto amo apesar de tudo está me dando esse voto de confiança.

Ela faz como se fosse sentar ao meu lado, mas eu não deixo, a coloco sentada no meu colo de lado, ela sorri quando faço e eu pergunto: —Está confortável?

—Eu sempre fico confortável com você.

Acaricio seus cabelos e inalo o seu perfume doce, me preparando para contar a ela o que aconteceu.

—Você sabe que eu tinha uma reunião... — Ela acena com a cabeça. — Esse cliente só aceitava ser atendido por mim, e eu não sabia nem o seu nome ou o que ele queria, apenas que tudo seria passado no momento que nos encontrássemos. Eu não me importei muito com isso, já que muitos dos nossos clientes são senhores mais velhos que só fecham contratos pessoalmente, mas quando entrei na sala me deparei com um cara da minha idade que me media de cima a baixo com olhar superior. Algo nele me deixou desconfiado, algo no seu olhar me dizia que ele era problema, mas como profissional dei início a reunião, sendo o mais cordial possível, e ele continuava me analisando sem falar nada. — Respiro fundo e olhando nos olhos da Malu digo: —Eu não sabia quem ele era até que perguntei o seu nome e o que ele queria. Foi então que meu mundo desabou, ele se apresentou e disse que queria o que era dele e eu havia roubado. A ficha demorou a cair, então associei o nome dele ao seu ex namorado, e o que ele queria era você e o nosso bebê.

—Mas... como...

—Ele disse outras coisas que eu prefiro não repetir, mas basicamente

disse que estava aqui para lutar por vocês e que era melhor eu sair do caminho dele, que vocês eram dele.

—Eu não sou dele. Deixei bem claro quando o deixei. Ele deve estar falando do bebê Guilherme. Ele vai tirar o bebê de mim.

—Não Malu, ele deixou muito claro que eram vocês. E antes de sair ainda disse que você era mulher dele e que juntos seriam uma família. Foi tão duro ouvir aquilo que fiquei sem reação por um tempo, até que tudo aquilo afundou em mim. — Faço uma pausa porque só de lembrar daquele imbecil tenho vontade de encontrá-lo e encher sua cara de socos. —Quando saí do escritório eu dirigi sem rumo por um tempo, estava com a cabeça a mil e sem saber o que fazer, então continuei dirigindo até que cheguei aqui em frente ao prédio, sinceramente nem me lembro do caminho até aqui, acho que foi instintivo, porque sempre que tenho um problema acabo vindo para cá. Eu estava me sentindo sufocado com tudo que ouvi, e minha mente não parava de trabalhar.

Olho para os lados e vejo a destruição que fiz. —Quando entrei tive um acesso de fúria com a mera possibilidade de perdes vocês, e no meio disso acabei quebrando algumas coisas, no processo tirei a blusa porque parecia que eu não conseguia respirar de tão sufocado que me sentia, e no momento não achei nada demais nisso, afinal eu estava sozinho em casa. Foi quando eu ouvi a porta se abrir e a Lia entrou.

Seu corpo fica tenso e ela tenta se afastar. Aperto meus braços em torno de sua cintura.

—Você prometeu que ia me escutar até o fim.

Mudo sua posição no meu colo, fazendo com que ela fique com as pernas uma de cada lado do meu corpo, ela está sem calcinha e posso sentir o quão molhada ainda está. Involuntariamente meu quadril vai de encontro ao dela, mas ela coloca as mãos no meu peito. —Não me distraia. Continue.

—Eu a mandei sair, eu a mandei embora. Eu juro que fiz, mas ela não foi, ficou de frente para mim e disse que era minha amiga acima de tudo e me abraçou, e eu estava tão desesperado com medo de te perder, me sentindo tão sozinho que acabei aceitando o abraço. Agora pensando em tudo com calma vejo o quão idiota fui e que a cena não mostrava nenhum pouco a realidade do que estava acontecendo.

—Você tem ideia do que eu senti quando entrei aqui e vi vocês dois juntos? Abraçados? E ela ainda deu a entender que vocês estavam juntos. Você não viu o sorriso no rosto dela.

—Me perdoa meu amor, eu nunca iria fazer nada assim de propósito, eu jamais te trairia. E foi exatamente por ela ter dito essas coisas que eu comecei a juntar as peças.

—Que peças?

—Como o Max te achou e soube que você ainda estava grávida? Como ele sabia que você estava comigo? E como a Lia sabia que eu estaria aqui?

—Você acha que foi ela? Mas como?

—Quando eu ainda saía com ela acabei me abrindo e contando as coisas do meu irmão, inclusive para onde ele tinha se mudado. É apenas uma teoria, mas acho que ela pode ter ido atrás do Max e contado tudo a ele.

—Eu vou matar essa mulher.

—Acho que você já deu uma bela de uma lição nela. — Digo e sorrio de lado, me lembrando de como a Malu ficou ao defender nosso bebê e nosso relacionamento. —Mas você não deveria ter feito aquilo, Malu. Você está grávida e poderia ter acontecido algo com o bebê.

Ele suspira. —Eu sei, mas na hora não pensei, não consegui. Fiquei cega quando ela chamou meu filho de bastardo.

—Seu não, nosso filho. E eu sei o que você sentiu minha linda, eu também fiquei possesso de raiva. Ia colocar ela para fora daqui, mas não precisei mover um dedo porque minha mulher muito brava fez isso por mim.

Ela sorri um pouco. —É bom para que você saiba onde está se metendo e o que acontece se não andar na linha.

Sorrio para ela. —Depois de hoje, não saio nunca mais dela. Meu rosto ainda está ardendo do tapa que me deu. — Sua mão automaticamente vai para a minha bochecha e ela dá um beijo no local.

—Perdi a cabeça, me desculpa. Mas você mereceu! Não tinha nada que ter abraçado ela. Queria ver se fosse eu abraçando algum amigo daquele jeito.

—Não quero nem pensar nisso, eu mataria quem se atravesse a encostar o dedo em você. E eu te desculpo se você me prometer que vai confiar em mim, Malu. Doeu muito ver você virando as costas para mim.

—Eu sei, mas você tem que concordar que os fatos não estavam nenhum pouco a seu favor. Por falar nisso, como ela entrou aqui?

—Ela tinha autorização para subir e também tinha uma chave do apartamento. Eu acabei esquecendo de falar com a portaria e nem me lembrei de pedir a chave de volta, mas hoje mesmo vou mandar trocar a fechadura e avisar aos porteiros que ela está proibida de entrar no prédio. Só quem está autorizada a entrar aqui sempre que quiser é você.

Ela sorri um pouco e me abraça. —Eu estou com tanto medo, Gui. O Max é poderoso, tem dinheiro e influência, e eu não sou nada, não sei nem por onde começar para me defender dele.

Enfio meus dedos em seus cabelos sedosos sentindo seu corpo moldado ao meu. Como eu amo essa sensação. —Você não precisa se preocupar meu amor, porque eu vou cuidar de tudo, hoje mesmo vou procurar os advogados da família para que ele possa nos orientar em como proceder. Eu vou proteger você e não vou deixar que ele se aproxime. E você é alguém sim, nunca mais diga que não é nada. Você é a Maria Luísa, o amor da minha vida e futura mãe dos meus filhos, uma mulher linda que passou por muita coisa ruim na vida e nunca desistiu, muito menos perdeu a bondade e a generosidade. Você é o ser mais lindo que eu já conheci na vida depois da minha mãe.

Ela coloca o rosto a centímetros do meu e sussurra com os olhos cheios de lágrimas. —Você faz com que eu acredite que ainda posso ser feliz. Que eu mereço ser feliz.

—Nunca duvide disso, você merece e vai ser feliz. E já aviso que será ao meu lado. Nem adianta tentar fugir que eu não vou deixar. Agora que te encontrei e provei um pedaço do que é o paraíso, não te largo nunca mais.

Ela cola a boca na minha, fecha os olhos e sussurra. —Eu te amo.

E naquele instante, mesmo com todo o caos a nossa volta, eu me sinto tranquilo, me sinto forte, pois sei que tendo ela ao meu lado eu posso enfrentar tudo.

Malu

O Guilherme me beija e eu sinto que nada poderá me tirar dos eixos, me abalar. Seus braços me rodeiam e eu me sinto protegida e segura.

Não vou negar que o medo ainda persiste em entrar no meu coração, e que a minha primeira ideia ao saber que o Max estava aqui foi tentar fugir. Me esconder.

Mas o Guilherme me fez abrir os olhos, e mesmo ele não tendo falado, eu sei que de nada adiantaria fugir de novo, o Max acabaria me encontrando, ainda mais agora que sabe que não perdi o bebê.

Desde quando minha vida ficou tão complicada?

Mas não posso reclamar, apesar de tudo Deus me presenteou com um filho, um irmão, um amor, e de quebra ainda ganhei pais. Sim, eu vejo a Dona Marta e o Sr. Luiz como meus pais e espero de coração que eles me vejam como filha.

Estou perdida no beijo do Guilherme quando ele de repente o para e pergunta aflito. —Você pode me contar como foi a consulta da nossa filha?

Dou um tapa de brincadeira em seu braço. —Pare de dizer que será uma menina, porque se for um menino você vai se decepcionar.

—Não vou, e sabe por que? Porque vai ser uma menina. A princesinha do papai.

Quando conheci o Guilherme jamais imaginaria que ele pudesse ser assim, tão carinhoso.

—E então, como foi? Está tudo bem?

—Estamos ótimos. O médico receitou algumas vitaminas e me deu alguns panfletos para ler. Fiz também um exame para ouvir o coração.

Seus olhos se arregalam. —Você ouviu?

Abro um sorriso do tamanho do mundo ao lembrar. —Sim. E foi a coisa mais mágica que ouvi em toda a minha vida. Parecia que meu coração ia sair do peito de tanta emoção.

Ele segura meu rosto com as duas mãos e com pesar em seu tom de voz diz: —Eu queria tanto ter estado lá. Queria ter segurado a sua mão e sentido essa emoção junto com você.

—Eu sei, agora eu sei. Na hora eu fiquei com muita raiva de ter que viver aquilo sozinha, mas agora eu entendo.

—Nunca vou me perdoar por não ter estado lá e escutado o coração

dela batendo. Eu tinha até pesquisado sobre isso.

Ele diz e eu percebo o quanto está chateado, então me lembro de algo que vai fazê-lo sorrir. Olho para os lados em busca da minha bolsa que nem sei onde deixei, e quando a vejo levanto do seu colo enquanto ele protesta. —Onde você pensa que vai?

Corro até a bolsa, pego meu telefone e volto para perto dele, ficando na mesma posição que estávamos antes. —Eu vou alegrar um pouco o seu dia.

Ignoro as mensagens do Bento e da Dona Marta, mesmo sabendo que deveria responder, coloco o áudio no volume máximo e aperto o play no mesmo momento que fixo meus olhos no Guilherme, querendo ver sua reação.

A sala então é preenchida pelo som mais lindo que eu já ouvi na vida e meus olhos se enchem de lágrimas. O Gui em um primeiro momento franze a testa em confusão, mas em questão de segundos ele entende o que é e seus olhos se arregalam olhando fixamente para o telefone em minhas mãos. Ele não fala nada, apenas fica ali encarando o telefone até que o áudio termina.

—Isso é... é... ah porra. É o coração do nosso bebê?

Ele pergunta com os olhos ainda fixos no telefone.

—Sim, é. O médico autorizou que eu gravasse.

—Coloca de novo. — Ele diz ainda olhando para o aparelho enquanto eu dou play. Um sorriso lindo vai se formando no seu rosto conforme as batidas vão ecoando, e quando termina ele sobe os olhos em minha direção. —Bate tão rápido. É normal?

—Sim, o médico disse que é. Ele falou que o bebê está ótimo e que seu coração está perfeito.

—Porra... — Ele fala e me joga de costas no sofá, caindo de joelhos no chão ao meu lado e subindo o meu vestido.

—Gui, o que você está fazendo?

—Shiiiiii. Não estrague o meu momento.

Ele olha para a minha barriguinha de grávida e sem que eu espere chega bem perto dela e fala: —Você está mesmo aí. E tem um coração, e... meu Deus... Ele bate muito rápido.

Ah meu Deus. Ele está conversando com a minha barriga.

—Eu sabia que você estava aí, mas ouvir tornou tudo mais real. Eu já te amo e estou te esperando ansioso aqui fora. — Ele olha para mim e sorri, levanta a cabeça e começa a distribuir beijos por todo o meu rosto. — Obrigado. Obrigado por me deixar cuidar de vocês. Eu juro que você não vai se arrepender.

—Eu sei que não vou.

O telefone dele toca e ele atende, é a Dona Marta preocupada que não respondi as suas mensagens. Ele diz que estamos bem e pede que ela por favor chame os advogados da família para uma reunião de urgência.

—Eu vou explicar tudo, mãe. Quero você e o pai nessa reunião também... Certo, espero você avisar... De preferência hoje... Eu dou um beijo nela... Sim, mãe, vou levar ela para casa hoje... Também te amo...

Então desliga e parece se lembrar de algo. —Você almoçou?

Merdaaaaaa!!!

—Nem precisa responder, você não comeu. Mas que merda, Maria Luísa. Sabe que não pode ficar sem comer. Vem, vamos sair para almoçar.

—Mas Gui, eu estou sem calcinha, e eu...

—Apesar de eu achar sexy pra caralho imaginar você sem calcinha, nem por um decreto você anda na rua assim, vou pegar uma cueca minha e você veste.

O celular dele apita e ele olha o visor. —Minha mãe marcou a reunião com os advogados hoje no final da tarde, depois do almoço vamos direto para lá. Você está pronta para isso?

—Se você estiver ao meu lado, sim.

—Eu vou estar, Malu. Sempre.

Capítulo 47

Malu

A reunião com os advogados foi desgastante, eu tive que contar a eles toda a minha história e reviver momentos que não queria. Tempos da minha vida que se eu tivesse poder teria apagado da minha memória.

Eles disseram que era importante saber de todos os detalhes para entender o acontecido e pensar em todas as possibilidades. Concordei mesmo me sentindo vulnerável. O Guilherme ficou ao meu lado segurando minha mão o tempo inteiro, e seus pais também estavam ali para me apoiar. Foi difícil, mas tê-los lá me deu forças e eu senti pela primeira vez o que era ter uma família de verdade.

Claro que o Bento foi durante muito tempo minha família, mas sempre foi somente eu e ele, apenas dois amigos solitários contra o mundo, e ter todos eles aqui comigo me fez ver o quão importante a família é na vida de uma pessoa.

Família essa que eu não tive.

E é por isso que eu vou agradecer a Deus todos os dias por ter permitido que eu chegasse até aqui com o meu filho no ventre, por ter sido acolhida nessa família linda que eu quero para mim e para o meu bebê.

Quando terminei de contar tudo para os advogados foi a vez do Guilherme falar do seu encontro com o Max, ele parecia ficar mais irritado conforme as palavras saíam de sua boca e deixou bem claro que não sabe o porquê de não ter acabado com ele na mesma hora.

Ele realmente havia me poupado dos detalhes da história, e agora entendo ainda mais porque ele ficou tão desnorteado com tudo. Eu não sei como ficaria se estivesse em seu lugar.

Os advogados disseram que ele fez o certo mesmo sem saber, que provavelmente o Max foi até lá para conseguir mais coisas contra ele, e se ele tivesse perdido a cabeça o Max poderia ter dado parte na delegacia e as coisas se complicariam ainda mais para o nosso lado, porém o que deixou todos ainda mais aflitos foi quando eles disseram que o Max sendo o pai biológico

do meu bebê tem direitos sobre ele, mas que iriam estudar melhor o caso e marcar uma nova reunião.

O Guilherme contou também para eles do embate que tivemos com a Lia e que eu acabei me descontrolando e dando uma surra nela. Nessa hora os olhos de todos se arregalaram como se não acreditassem que eu tivesse feito aquilo.

Os homens nos alertaram que era para nos prepararmos, porque ela podia ter dado parte de mim por conta das agressões que sofreu, e se isso acontecesse que eu poderia ser levada para a delegacia para prestar depoimento. Pediram ainda que se isso se confirmasse que era para eu ir até lá sem resistência e ligar para eles imediatamente que iriam lá me encontrar. Me instruíram ainda a não falar nada até que eles chegassem, e reforçaram ao Guilherme para não impedir que eu fosse levada, que isso só pioraria a situação.

Resumo de tudo, eu estou desesperada com medo do Max tirar o meu filho dos meus braços e da Lia dar parte de mim, e o Guilherme está completamente enfurecido.

—Eu vou matar esses dois! Se alguém tentar levar a Malu daqui eu juro que eu acabo com eles. — Foi a última coisa que ouvi antes de sair do escritório.

O Sr. Luiz está tentando acalmá-lo lá dentro enquanto a Dona Marta está conversando comigo no quarto. Eles acharam melhor que eu me deitasse um pouco por causa da gravidez.

Mesmo a contragosto acabei cedendo, sei que me excedi hoje, e por mais que eu quisesse ficar ao lado do Guilherme, também tenho que pensar no serzinho que cresce dentro de mim.

Dona Marta está sentada na cama ao meu lado, onde estou deitada, e faz carinho nos meus cabelos. Fecho os olhos em apreciação, nunca tive o amor ou carinho maternal, e sentindo isso agora percebo que era tudo o que eu sempre precisei na vida para me sentir acolhida. —Minha filha, como esse homem te achou aqui?

—Eu ainda não sei, Dona Marta, mas o Gui acha que a Lia foi atrás dele e contou onde eu estava. Ela sabia onde o Bento morava então automaticamente sabia de onde eu era. — Respiro fundo pensando em como

minha vida se complicou em tão pouco tempo. —Quando eu me envolvi com o Max achava que ele era uma pessoa simples como eu, eu não sabia que ele tinha tanto poder, mas agora sabendo da influência e do dinheiro que ele tem, sei que me achar não seria muito difícil, só que quando ele falou com o Guilherme deixou claro que já sabia que eu não havia perdido o bebê como eu disse a ele antes de fugir, e só quem sabia disso eram vocês, o Bento e a Lia. Como eu descarto a hipótese de ter sido um de vocês, só resta a Lia.

—Mas por que ela faria uma maldade dessas? — Dona Marta pergunta um tanto horrorizada.

Sento na cama e fico de frente para ela. —Por causa do Gui. Antes mesmo de ficarmos juntos ele já tinha terminado a relação que eles tinham, e pelo que ele me contou ela não aceitou muito bem esse término, principalmente por ele ter se apaixonado por uma mulher que não era ela. A senhora não conhece aquela mulher, as coisas que ela disse foram horríveis e me fizeram perder a cabeça. Eu fiquei cega e não pensei em mais nada.

—Eu também teria perdido a cabeça, minha filha. — Ela diz e segura minha mão. —Mas você tem que pensar no seu filho a partir de agora. Imagina se ela acerta sua barriga e acaba prejudicando o bebê?

Abaixo a cabeça porque sei que errei. —Eu sei, eu deveria ter pensado melhor, mas não consegui. Não sei o que me deu, quando vi já estava em cima dela. Mas também não me arrependo do que fiz porque ela mereceu cada tapa que levou. Ela chamou o meu filho de bastardo! Eu já estava entalada com ela pelas coisas que falou do Bento, como tratou vocês aqui aquele dia e por ter tentado criar uma cena com o Guilherme para nos separar.

Dona Marta sorri e dá tapinhas na minha mão. —Pois eu sei o que te deu. O nome disso é instinto materno. Você estava se segurando, mas quando ela falou do seu filho você virou uma leoa. Toda mãe sabe bem o que é isso. — Ela sorri e continua. —Sabe minha filha, eu nunca gostei dessa menina. Eu não sei, ela me passava uma coisa estranha, era como se ela tentasse mostrar que era uma coisa e na realidade era outra. Parece que as mães têm um sexto sentido para esse tipo de mulher que chega perto dos seus filhos, só que eu também nunca gostei de me intrometer nas relações deles, por isso acabei não falando nada para o Guilherme, mas tenho certeza que ele percebia que eu não gostava muito dela.

—Acho tão difícil imaginar a senhora não gostando de alguém.

—Eu posso não gostar, mas não trato mal a pessoa. Com ela eu era cordial, mas nunca dei muita atenção nem liberdade, apesar de ela viver tentando ter uma intimidade que não existia. Eu sabia que ela não era mulher para o Gui, diferente de você que eu vejo claramente o quanto é perfeita para ele. Linda por dentro e por fora e tem esse coração imenso que cabe todo o amor do mundo.

Fico emocionada com suas palavras. —Eu amo o seu filho demais Dona Marta, nunca imaginei que pudesse sentir algo parecido com isso. Eu achava que conhecia o amor, mas depois que o Gui entrou na minha vida eu descobri que tudo o que senti eram meras paixões, diferente do que sinto por ele. É uma coisa diferente, eu nem sei como explicar.

—Eu sei exatamente o que você sente porque sinto o mesmo pelo meu Luiz. Agora deita aqui um pouquinho no meu colo porque eu quero te mimar.

Ela não precisa pedir duas vezes, eu deito minha cabeça imediatamente no seu colo e ela volta a acariciar meus cabelos. Fecho os olhos sentindo suas mãos passando pelos fios e me acalmando, ficamos assim, em silêncio por um tempo, até que ela fala.

—Você tem algum palpite do sexo do bebê?

Sorrio e abro os olhos. —Eu sinceramente não sei, mas o Gui acha que vai ser uma menina.

Um sorriso brota em seus lábios e percebo que ela iria adorar ter uma menininha pela casa, já que teve dois homens e não pôde mais engravidar.

Antes que ela possa falar alguma coisa uma voz rouca soa pelo quarto e imediatamente meu corpo o reconhece. —Acho não, tenho certeza que será uma menina linda como a mãe e que será muito paparicada pela avó.

—Ahh isso vai ser mesmo. — Dona Marta diz sorrindo. — Independente do sexo, será muito paparicado. E se for uma menina eu vou enfeitar ela todinha com laços coloridos e vestidos rodados e sapatinhos fofos.

Sorrio para Dona Marta que continua seu carinho enquanto o Guilherme senta no pé da cama.

—É nessa hora que eu confesso estar com ciúmes? — Nós duas

olhamos para ele sem entender, então ele faz um biquinho lindo e diz: —Eu também preciso de carinho...

Caímos na gargalhada e ele se joga na cama ao meu lado pegando um pouquinho do colo da mãe.

—Agora veja bem, um homem desse tamanho... — Ela o repreende, mas começa a mexer em seu cabelo também. Ele me abraça e coloca a mão sobre a minha barriga, e ficamos os dois ali parecendo duas crianças no colo da mãe.

O Sr. Luiz aparece na porta de repente e fala: —Então é aqui que todos se esconderam?

—A cama está cheia, pai. Entre na fila.

Ele ri e responde: —Eu não preciso entrar na fila filho, tenho essas mãos e colo para mim todas as noites. — Então pisca para nós e a Dona Marta falta fulminar o homem com o olhar. —Marta, a Rosa pediu que te chamasse, não sei o que é, mas ela disse que tinha que ser você.

Levantamos um pouco a cabeça e a Dona Marta levanta, mas antes de sair do quarto deixa um beijo na minha cabeça e na do Guilherme dizendo que vai deixar a gente descansar um pouco e nos espera para o jantar.

Ela sai falando baixinho com o marido, no mínimo reclamando do que ele falou a pouco. Acho engraçada a forma como ele consegue a deixar com vergonha mesmo depois de tantos anos.

Viro a cabeça para o lado e pego o Guilherme me encarando. Coloco a mão em seu rosto e passo os dedos pela sua barba. —Você está mais calmo?

Ele suspira. —Mais ou menos. Quando eu acho que tudo vai ficar bem acontece alguma coisa. Mas e você? Está bem mesmo?

—Agora sim. Se eu tivesse que enfrentar tudo isso sozinha com certeza estaria desesperada, mas com vocês ao meu lado sei que vou conseguir.

Ele me puxa para o seu peito e me abraça apertado. —Eu te amo tanto... tenho tanto medo de te perder.

—Você não vai me perder, Gui.

—Eu espero que não.

Ele beija o topo da minha cabeça e ficamos ali abraçados sem falar

nada, apenas esperando que possamos ser o pilar um do outro para enfrentarmos tudo o que virá a seguir.

***

Surpreendentemente dois dias se passaram desde o episódio com o Max e a Lia e não tivemos nenhum sinal deles. Isso está me deixando cada dia mais louca.

Pior do que você estar enfrentando uma situação ruim é você não saber o que está por vir, qual será o próximo passo que darão. Me sinto a mercê deles e apreensiva pelo que pode acontecer.

Apesar do Guilherme ter tentado me levar para o seu apartamento eu fui firme em dizer que queria ficar aqui e tive todo o apoio da Dona Marta, porém ele deixou claro para ela que então eu estaria me mudando para o quarto dele, que não passaria as noites como um adolescente se esgueirando para o meu quarto e muito menos dormiria sem mim.

—Guilherme! — Exclamei colocando as duas mãos no rosto. Não acredito que ele disse isso.

—O quê? — Ele perguntou como se não fosse nada demais. —Ou é isso ou vamos para o meu apartamento.

Resumindo, me mudei para o seu quarto no mesmo dia e vi aparecer um sorriso de menino lindo em seu rosto enquanto levava minhas coisas para lá e abria espaço no seu closet para as minhas roupas. Toda a minha tensão foi embora no momento em que ele me abraçou em sua cama e disse que não conseguiria mais dormir sem mim, que precisava do meu cheiro e do meu corpo junto ao dele para se sentir em paz.

Durante esses dias o Guilherme não saiu do meu lado um minuto sequer, não que eu esteja reclamando, longe de mim, mas eu sei que ele tem seus compromissos e precisa trabalhar. E é exatamente por isso que estamos nesse momento tendo uma discussão acalorada.

—Maria Luísa, não adianta que eu não vou deixar você aqui sozinha.

—Guilherme, pelo amor de Deus! Eu não vou estar sozinha. Sua mãe já disse que não vai para o escritório hoje e além de tudo tem a Rosa aqui.

—Então você vem comigo!

—O que? Você está louco? É o seu trabalho!

—Não me importa, na verdade eu acho que essa é uma ótima ideia. Vou trabalhar muito mais feliz tendo você bem na minha frente sorrindo para mim o dia inteiro.

—Ah claro, e eu vou apenas me sentar lá e ver você trabalhar o dia inteiro.

—Óbvio que não. A cada hora podemos parar um pouco e namorar. — Ele diz com aquele sorriso malicioso.

—Seu pervertido. — Dou um tapa em seu peito e logo em seguida o abraço grudando nossos corpos. —Eu estou falando sério Gui, você precisa ir trabalhar. O seu pai está cansado, esses dias nem jantou com a gente e você sabe que é porque está cobrindo suas coisas lá.

Ele respira fundo como se estivesse se sentindo derrotado. —Eu sei. Também sei que tenho que ajudar ele, mas eu não quero deixar você sozinha. Parece que toda vez que me afasto de você alguma coisa acontece e eu quase te perco.

—Para com isso. Já disse que você não vai me perder. — Dou um selinho em sua boca. — Eu te amo. E prometo não sair de casa.

—Promete mesmo?

—Prometo.

Ele assente em derrota e começa a se arrumar. Quando descemos para tomar café da manhã o Sr. Luiz fala: —Graças a Deus você vai trabalhar, já não aguentava mais lidar com aquilo tudo sozinho.

Eu não digo nada, apenas olho para o Guilherme como quem diz "Está vendo?"

Começamos a comer e conversar, então a Dona Marta diz para mim: — Já que o meu filho mais velho resolveu desgrudar um pouco de você, o que acha de termos um dia de meninas e depois irmos visitar o Bento?

—Eu ia adorar. — Digo com um enorme sorriso.

—Malu, não! Você prometeu que não ia sair de casa.

—Gui, para com isso. Eu vou estar com a sua mãe, o que pode acontecer?

Ele resmunga mais alguma coisa, mas enfim assente, afinal que mal

tem em sair um pouco com a mãe dele?

Ele se despede de mim com aquela expressão de "eu não quero ir". E eu o beijo tentando tranquiliza-lo. Ele me abraça e sussurra em meu ouvido. — Você quebrou uma promessa, Maria Luísa. Mais tarde você me paga.

—Eu mal posso esperar... — Sussurro de volta o provocando, já imaginando o que ele vai fazer comigo.

Ele não diz nada enquanto eu me afasto e entro no carro da Dona Marta, mas parece querer correr até mim, me colocar no ombro e sair correndo.

—Pronta para um dia de meninas? — Ela diz assim que dá partida no carro.

—Sim! — Respondo animada.

—Eu sempre quis fazer isso.

—Eu também. — Digo e ela me leva para um salão de beleza que segundo ela é o melhor da região.

Conto a ela que eu trabalhava como recepcionista em um e ela diz: — Ah, então você sabe como é.

Bem, eu imaginava como era até conhecer esse lugar. Meu Deus! Parece uma mansão! Tem todos os tipos de tratamentos para cabelo, pele e unha, além de massagens, depilação e... são tantas coisas que eu não consigo nem mensurar tudo.

Dona Marta é reconhecida e logo um rapaz um pouco "espalhafatoso", digamos assim, nos recebe com beijinhos no rosto. Imediatamente gosto dele.

—Marcos, essa aqui é a Maria Luísa, minha nora.

Ele coloca a mão no coração e faz uma expressão chocada. —Minha deusa, qual dos boys maravilhosos que essa rainha tem o prazer de chamar de filhos você conseguiu fisgar?

Solto uma gargalhada. Esse homem não existe. —O Guilherme.

—Ai minha nossa senhora! Alguém me acode! — Ele diz e começa a se abanar e eu gargalho ainda mais. —Menina do céu! Você está com aquele Deus do Guilherme? Ele sempre foi o meu sonho de consumo, mas galinha que só e nunca nem uma vez sequer olhou para mim. Mas não tem problema,

porque agora que somos amigos você vai me contar cada detalhe de como ele é e o que fez para conseguir prender um homem como aquele. — Ele fala e vai caminhando comigo para dentro do salão com a Dona Marta rindo atrás de nós. Já vi que esse dia vai ser muito divertido.

As horas voam e eu nem vejo o tempo passar. Depois de vários tratamentos estéticos me sinto uma outra mulher. Eles já estavam me tratando maravilhosamente bem, mas quando minha sogra contou que eu estou grávida e que por isso tinham que tomar cuidado com os produtos que usariam em mim parecia que eu era uma princesa.

Olho para o meu reflexo no espelho e vejo a diferença. Meu cabelo tem muito mais brilho e meu corpo está relaxado. Aquela tensão que pairava sobre mim parece ter se dissipado.

O Guilherme já me mandou mil e uma mensagens querendo saber como eu estava, onde estava e com quem estava.

Envio para ele uma foto minha, com o Marcos ao meu lado, mandando beijo que prontamente ele responde com um áudio. —Beijos meu amor, está ainda mais linda. E Marcos, sem gracinhas com a minha mulher.

—Para tuuuudooooooooo!!! Que voz é essa!!! E ele sabe o meu nome. Podem me enterrar porque eu morrerei feliz. Me manda esse áudio que vou isolar só a parte que ele fala "Marcos". — Ele diz sonhador. —Mas me diz aqui Maluzinha, o outro boy, irmão do seu homem possessivo está solteiro?

—Sinto lhe informar que pelo que estou sabendo ele está muito bem amarrado.

—Mas que droga que todos os homens lindos dessa cidade estão comprometidos. Mas não tem problema porque a minha hora vai chegar.

—Vai sim, e você vai ser imensamente feliz.

Enquanto estamos conversando vejo a Dona Marta falando no telefone e sua expressão ficar um pouco confusa. Ela desliga e fala: —Minha filha, eu tinha esquecido que tenho uma consulta com o meu ginecologista daqui a 20 minutos e é do outro lado da cidade. Você se importa de ir comigo? Eu já remarquei tantas vezes por causa do acidente do Bento que não tenho mais como remarcar.

—Eu não me importaria, Dona Marta, mas eu queria muito ir ver o Bento. Então vamos fazer assim, eu vou para o hospital e depois a senhora

me encontra lá.

—Pode ser, eu te deixo lá.

—Não precisa, eu chamo um carro e depois a senhora me encontra no hospital. Tenho certeza que o Bento tem muito assunto para pôr em dia comigo e não vai deixar eu sair de lá tão cedo.

Ela espera que eu chame o carro, e quando o faço e ela vê que ele já está a caminho se despede e sai a passos apressados.

Fico na porta do salão e o Marcos se despede de mim dizendo que precisa voltar ao trabalho.

Olho para o celular e vejo que o motorista cancelou a viagem, mas um outro já está a caminho, aguardo mais um pouco e nada dele chegar, quando olho para o celular vejo que ele parou na esquina da rua e não em frente ao salão.

—Mas que merda! — Resmungo baixinho e vou para o local que ele está, mas quando estou chegando perto o desgraçado vai embora e cancela a viagem. Inferno! Olho para o visor enquanto espero que outro carro pegue a viagem e sinto um arrepio percorrer toda a minha espinha na mesma hora que uma sensação estranha passa por todo o meu corpo.

Parece que estou sendo observada. Penso comigo mesma.

Olho para os lados e nada, viro para trás e nada também.

Para com isso, Maria Luísa, você está ficando paranoica.

Espero, espero e espero, e nada de carro aceitar minha chamada.

Penso em ligar para o Guilherme e pedir para ele vir me buscar, mas não quero atrapalhar ainda mais o seu trabalho, e acho que ele teria um ataque se soubesse que estou sozinha além de acabar gerando um desentendimento entre ele e sua mãe.

Já estou ficando impaciente e a sensação de estar sendo observada se intensifica.

Começo a pensar que pode não ser coisa da minha cabeça e resolvo que o melhor é voltar para o salão e pedir o carro lá de dentro.

Mas antes que eu possa sair do lugar ou me virar sinto a presença de alguém atrás de mim. Bem perto, muito perto. Tanto que consigo sentir o

cheiro do perfume que exala da pessoa. Um cheiro familiar que por muito tempo foi o meu preferido.

E antes mesmo que as palavras soassem no meu ouvido eu já sabia quem era.

—Malu, meu amor...

Capítulo 48

Malu

Meu corpo congela.

Minha respiração trava.

Meu corpo fica trêmulo.

Minhas pernas estão bambas.

Não consigo me mover, eu sei que tenho, mas eu não consigo.

Fecho os olhos e os abro novamente, na tentativa de que isso seja apenas uma alucinação, mas quando o faço continuo sentindo a presença dele atrás de mim e o seu perfume permeando o espaço.

Pensa Malu. Pensa. Você tem que fazer alguma coisa. Você foi uma estúpida de ter ficado sozinha.

Olho para o celular ainda em minhas mãos e uma ideia me vem a cabeça, sei que pode dar ainda mais problema, mas no momento é a única solução que me parece viável.

Abaixo a cabeça e com os dedos trêmulos envio a mensagem, esperando que seja visualizada o mais rápido possível e ele venha ao meu socorro.

Coloco o telefone no silencioso para que não faça alarde, sei que ele vai ligar assim que ver o que escrevi, mas tenho medo do que o Max possa fazer.

Max.

Tão surreal quanto possa parecer, ele está aqui! Mesmo o Guilherme me dizendo que tinha encontrado com ele ainda parecia algo distante da minha realidade. Era como se eu não quisesse acreditar que ele de fato estava atrás de mim, tanto que insisti que iria sozinha para o hospital.

E percebo que ele devia estar me seguindo, apenas esperando o momento certo para me abordar.

Burra! É isso que eu sou.

E agora ele está aqui, apenas nós dois e o barulho das nossas respirações. Olho para a rua e vejo que ela está deserta, não estou mais perto do salão já que estupidamente fui atrás do motorista.

Olho para os lados e tento me acalmar, mas fica difícil quando me encontro aqui sozinha com ele sem ninguém por perto para me socorrer.

Como é que eu vou conseguir o encarar depois de tudo o que vivemos e passamos? Depois de tanta raiva, rancor e palavras ruins ditas um para o outro? Depois de tanto sofrimento.

Que ele pudesse lutar pelo filho eu já esperava, mas ele deixou claro para o Guilherme, e agora me chamando de "meu amor" que não é somente a criança que ele quer.

Coloco o celular dentro da bolsa e respiro fundo, ele não fala nada, parece que espera uma atitude minha. Por mim sairia correndo, mas ele com certeza iria atrás de mim e as coisas poderiam piorar.

Tomo mais uma lufada de ar, busco coragem de onde não tenho e calmamente viro o corpo, ficando de frente para o homem que um dia eu pensei ser o amor da minha vida e que hoje é o meu maior pesadelo.

Meus olhos se fixam em seu rosto e eu fico estática, encarando o homem que ao mesmo tempo me deu o presente mais precioso da minha vida e tirou o meu chão sem dó nem piedade.

Ele continua o mesmo Max de sempre, com porte altivo, cabelo alinhado e olhos brilhantes que me medem da cabeça aos pés. Parece que ele está querendo relembrar cada parte de mim, e eu só queria nunca mais ter que olhar para a cara dele.

Não consigo deixar de pensar em como ele foi um cafajeste comigo, em como me enganou e destruiu os meus sonhos.

Então seu olhar se volta para o meu rosto e ele abre um sorriso deslumbrante, que se fosse dado há um tempo atrás me faria derreter por ele, mas que hoje só me deixa desesperada. Porque ele parece determinado e eu não sei o que fazer.

—Como eu senti sua falta meu amor. — Ele fala e me dou conta que sua mão se levanta para tocar o meu rosto. Instintivamente dou um passo para trás, colocando espaço entre nós, e seu sorriso se desfaz.

—O que você está fazendo aqui, Max? — Levanto a cabeça e tento passar tranquilidade pela minha voz, mesmo que por dentro eu esteja em pânico e tenha vontade de gritar. Eu não sei o que esperar dele. Eu não o conheço mais, não sei do que ele é capaz, por isso preciso ser cautelosa.

—Eu estou aqui por você, Malu. Por vocês. — Ele fala e seus olhos caem diretamente para a minha barriga. —Nós precisamos conversar. — Ele fala e sinto o seu nervosismo, ele deixa escapar no seu tom de voz quando diz que precisamos conversar.

—Eu não tenho nada para conversar com você, Max. Eu disse tudo o que tinha para dizer no meu antigo apartamento antes de me mudar para cá.

—Você quer dizer fugir para cá, não? Porque uma pessoa não se muda de uma hora para outra assim e...

—Isso não importa. — Sou firme. —O importante é que nós não temos mais nada a dizer um para o outro, tudo que era preciso já foi dito. Tivemos muitas conversas e eu disse tudo o que era necessário para você.

—Eu me lembro, você realmente disse muitas coisas, inclusive que tinha perdido o nosso filho e na verdade ele está bem vivo aí dentro de você. — Não consigo mais decifrar o tom de sua voz. Seria raiva? Arrependimento? Rancor? —Por que você fez isso comigo, Malu? Sabe o quanto eu me culpei? O quanto eu sofri? Eu fui atrás de você e...

Dou uma risada sarcástica, toda a minha cautela foi para o espaço. Como ele tem coragem de me acusar de lhe causar sofrimento?

—Você foi atrás de mim? Você sofreu? Faça-me rir, Max. E o que eu sofri? Você tem a mínima ideia do que fez para mim? De como me destroçou? Você me enganou! Mentiu. Você me fez acreditar em uma história que não existiu durante um ano, Max. Me deixou acreditar em um conto de fadas para no primeiro problema ver tudo se desmoronar aos meus pés. Eu me entreguei, te confidenciei os meus segredos, as minhas inseguranças. E depois de tudo, mesmo sabendo de todos os meus traumas e medos, ainda assim você me abandonou e me chamou de interesseira. De puta! — Vejo que ele se encolhe com as minhas palavras.

—Eu não quis dizer aquilo.

—Mas disse! Justo para mim que só queria o seu amor. Eu nunca quis nada além disso. A única coisa que eu sempre quis na vida foi amar e ser

amada.

—Mas é por isso que eu estou aqui. Eu vim buscar você e apesar de tudo eu estou disposto a esquecer o que aconteceu.

—O que? Você está o que?

—Eu te vi, Maria Luísa. — Ele diz e sinto a raiva emanando do seu corpo. —Vi você com o irmão do Bento. Você estava sorrindo para ele de uma forma diferente, de um jeito que eu nunca vi você sorrir antes. Eu vi ele tocando você. Eu vi ele te beijando! — Ele passa as mãos pelo cabelo nervoso. —Porra! Você deixou que ele... Esquece. Eu não vou pensar nisso. Eu não quero pensar nisso. Eu sei que você estava com raiva de mim e usou ele como uma forma de tentar me esquecer. Mas eu estou aqui e te juro que nós vamos ser felizes de novo. Juntos. Dessa vez sem mentiras, sem nada escondido. Eu te amo, Malu.

—Ama? Agora você me ama? Quando eu mais precisei de você o que você fez? Quando eu estava com o coração transbordando de alegria por ter um pedaço meu e seu crescendo dentro de mim qual foi a sua reação? Me fala! — Ele não responde. —Você simplesmente me chutou como se eu fosse uma qualquer. Me tratou como lixo, disse que eu estava te dando um golpe e ainda me acusou de dormir com outros homens.

—Você não entende. Pessoas na minha posição são sempre alvo de pessoas que não se importam com nada a não ser dinheiro. Eu já sofri com isso, foi por esse motivo que eu não te disse quem eu era.

—Pessoas da sua posição? Eu estava pouco ligando para a sua posição, para o seus status ou para o seu dinheiro. — Eu já estou me exaltando, praticamente gritando na rua, mas não estou mais conseguindo me controlar.

—Eu sei, agora eu sei. E também sei que eu te magoei. Sei que eu menti, e fui um canalha, mas eu vou te explicar tudo. É só você me dar uma chance. Eu juro que você vai entender e a gente vai se acertar e nós vamos ser uma família. Eu, você e nosso bebê. Nós vamos voltar para casa, eu já comprei uma, você vai adorar. Eu vou comprar tudo o que você quiser, roupas, joias, vamos fazer viagens...

—Para! Pode ir parando por aí. Você está se ouvindo? Eu não quero o seu dinheiro! Eu não quero nada que venha de você.

—Você está falando isso agora, mas depois que estivermos na nossa

casa...

—Eu não vou com você para lugar nenhum, eu estou exatamente onde eu deveria estar. Houve um motivo para eu sumir, Max. E esse motivo foi você. Eu quero distância de você, da sua vida e de qualquer coisa que tenha relação contigo.

—Você dizia que me amava, não pode ter acabado assim de uma hora para outra. Eu posso reviver esse amor, fazer você me amar novamente.

—Eu sinceramente não posso dizer que te amei, já que tudo foi construído em cima de uma mentira que você inventou para mim. Eu gostei muito daquele Max, aquele carinhoso e doce, que me levava para tomar sorvete na praça com o que ele dizia ser o que tinha sobrado do adiantamento do salário. Aquele que me levava para o cinema na segunda-feira porque era mais barato e de presente em datas comemorativas me dava um chocolate com cereja porque sabia que era o que eu adorava. Aquele foi o Max que eu me entreguei e amei, ou seja, uma mentira. Não você! Por você eu não sinto nada!

—Calma. Não diga isso. Vamos para um lugar mais tranquilo para que a gente possa conversar. Eu vou te explicar porque eu agi dessa forma e te mostrar que eu sou aquele Max. — Ele diz e tenta segurar o meu braço, sinto seus dedos frios contra a minha pele, mas antes que sua mão se feche em mim consigo me desvencilhar.

—Eu não vou a lugar nenhum com você. — Seu semblante se fecha na mesma hora.

—Vai, e vai me escutar! Nem que eu tenha que te levar a força.

—Você não teria coragem de fazer isso comigo!

—Um homem apaixonado é capaz de tudo. — Ele diz e eu vejo suas feições se tornarem severas. Ele não está bem, seus olhos demonstram isso. Em um momento estava sereno e no outro com sangue nos olhos.

—Max, tenha respeito por tudo o que aconteceu entre a gente. Eu vou para casa e depois conversamos. Prometo que vou pensar em tudo o que você me disse. — Digo em um tom mais brando, tentando me acalmar e fazer com que ele se acalme, o olhar dele em mim está fazendo com que o meu desespero aumente. Parece o olhar de uma pessoa capaz de tudo para conseguir o que quer.

—A única casa a qual você irá será a nossa. Ou você acha que vou deixar você voltar para perto daquele engomadinho de merda?

—Max, eu não vou com você. Entenda...

—Claro que vai! Você é minha mulher e está carregando o meu filho.

—Eu não sou sua mulher!

Me descontrolo e grito, e isso parece ser o gatilho para que ele surte de vez.

Ele avança para cima de mim, segura meus braços com ambas as mãos e praticamente me arrasta pela rua, me obrigando a entrar em um beco. — Você é minha sim! — Ele grita bem em cima do meu rosto. —Sempre foi e sempre será. Se você não for minha não vai ser de mais ninguém. E eu vou te provar que você é somente minha. — As palavras saem mais como um rosnado, e sem que eu espere sua boca está sobre a minha.

Ele aperta os meus braços com força enquanto eu tento me desvencilhar. Luto com toda a força que eu tenho, me debatendo e chutando, mas ele é muito mais forte do que eu e facilmente está me imobilizando.

Ele me empurra até uma parede e me prende ali. Me sinto cada vez mais desesperada quando começo a perceber o olhar enlouquecido que ele tem na face.

Não é possível que ninguém esteja vendo isso e venha me ajudar. Tento gritar, mas sua boca continua sobre a minha tentando abrir passagem, cerro os dentes para que ele não consiga.

Fecho os olhos e abro a boca, sinto ele sorrir, então quando menos espera mordo seu lábio com força e sinto o gosto metálico de sangue na minha boca.

Ele puxa o rosto do meu e passa a língua no lábio, acho que ele vai desistir, mas isso parece ter o efeito contrário e faz com que ele queira provar ainda mais que sou sua e logo tenta me beijar novamente.

Começo a balançar a cabeça freneticamente tentando fugir do seu beijo. Sinto que posso vomitar a qualquer momento. Seus dedos apertam os meus braços com ainda mais força e eu sei que ficarei com marcas ali.

Sinto lágrimas querendo brotar dos meus olhos quando me dou conta que não vou conseguir ganhar essa luta, estou perdendo as forças. E é quando

eu estou começando a entregar os pontos que sinto o peso do seu corpo ser tirado abruptamente do meu.

Eu quase caio no chão no processo e demoro alguns segundos para me situar do que está acontecendo.

Quando consigo, a cena a minha frente parece se passar em câmera lenta. Um Guilherme furioso o joga contra a outra parede e acerta um soco no rosto dele, fazendo ele cambalear e cair no chão, mas ele é rápido e logo está de pé partindo para cima do Guilherme. Os dois entram em uma luta e eu me desespero, gritando por ajuda.

Socos e chutes são dados e eu não consigo saber mais quem está levando vantagem. Então eu vejo um vulto se aproximando de onde estamos e dou graças a Deus por alguém estar vindo ajudar.

Mas quando meus olhos focam na pessoa que está entrando no beco percebo que não é ajuda, e sim a única pessoa que eu não gostaria de ver nesse momento.

Lia.

Ela se aproxima calmamente, como se estivesse desfilando em uma passarela, seus olhos fixos em mim acompanhando cada respiração minha. Ela parece não ver a luta que está acontecendo bem a nossa frente.

Meus olhos caem para suas mãos e sinto o ar escapar dos meus pulmões com o que vejo.

Uma arma.

De onde essa mulher conseguiu uma arma?

Ela a aponta na minha direção, pisca um dos olhos e sorri. Percebo que eles estão vermelhos como se ela não dormisse a dias. Ou será o uso de algum entorpecente? E agora olhando bem para sua roupa eu vejo que estão um pouco desalinhadas.

Nessa mesma hora o Guilherme dá um último soco no Max e parece sentir o que está acontecendo, ele se levanta e olha para mim, nossos olhares travam e vejo os seus se arregalarem em horror quando vê a Lia bem ao meu lado com a arma na mão que agora está apontada para a minha cabeça.

—Você achou mesmo que ia me dar uma surra e ficar por isso mesmo? — Suas palavras são ácido puro enquanto empunha a arma contra mim.

O Guilherme cerra os punhos e tenta vir na minha direção, mas a Lia aperta ainda mais o cano da arma na minha têmpora. —Não, não... tsc tsc tsc. — Ela estala a língua. —Não chegue mais perto Guilherme, ou o seu amorzinho vai para o outro lado da vida.

Eu não consigo falar nem olhar para outro lugar que não seja para ele. Sua expressão é de puro terror.

—Lia, solta ela. — Ele diz e vejo que está tentando manter a calma. — O seu problema é comigo. A Malu não tem nada haver com isso.

Ela começa a gargalhar ao meu lado. Esta mulher só pode ser louca. — Aí é que você se engana Guilherme, eu e a Maluzinha temos muitos problemas e muito o que resolver, não é Malu? Eu posso te chamar assim, certo? Já que nós dividimos a cama com o mesmo homem que diga-se de passagem é um Deus do sexo, não concorda? — Ela faz a pergunta para mim, mas eu não respondo, não consigo.

Vejo o Max ficar de pé ao lado do Guilherme e ele olhar de mim para ela.

—Lia, o que você está fazendo. Abaixa essa arma e deixa ela ir. — Ele diz já de pé ao lado do Guilherme.

—Deixar ela ir? Não, Max. Ela vai comigo. — Então sussurra no meu ouvido. —Para o inferno.

—Porra Lia, não foi isso o que a gente combinou. — Ele fala e enfim temos a certeza que eles estavam juntos. O Guilherme olha para mim desesperado, querendo vir até mim, mas não podendo. Vejo medo passando pelos seus olhos quando olha para a arma que continua apontada na minha direção.

—Combinado? Você não serve para nada! Nem para pegar essa mulherzinha ridícula e levar de volta para o quinto dos infernos você serve. Mas não tem problema, porque eu vou resolver esse probleminha hoje mesmo e vou ter o meu amor de volta. Não é Gui? — Ela diz e olha para ele. —Você está enfeitiçado meu amor, eu sei que está. Mas você vai voltar a si assim que eu acabar com ela, e aí nós vamos nos casar e ter lindos bebês. Esse bebê dela nem é seu mesmo... — Ela coloca a mão na minha barriga e eu me encolho.

—Você não precisa acabar com ela, Lia. Nós podemos ser felizes. Só

eu e você. — Ele diz e ela o olha esperançosa. —Ela era só um passatempo, como todas as outras.

—Todas as outras... foram tantas. — Ela diz agora com a voz chorosa. —E eu só queria que você me amasse.

—Mas quem disse que eu não te amo?

Eu entendo o jogo dele, ele me lança um olhar que diz que nada disso é real. Ele está tentando distraí-la, mas mesmo assim dói ouvir isso.

Lágrimas começam a cair dos seus olhos com as palavras ditas, mas então ela parece se enfurecer e grita. —É mentira! Você não me ama, você só quer que eu a deixe viver. Eu sei... eu sei... enquanto ela não morrer o feitiço não acaba. Sua mãe também está enfeitiçada. Aquela chata! Ela nunca gostou de mim. Mas todo mundo vai me amar. Você vai ver.

—Lia, eu vou levar a Maria Luísa comigo e você pode ficar aqui com o Guilherme. Do jeito que a gente planejou. — O Max fala e começa a andar na minha direção.

—Não! — Ela grita e aponta a arma para ele, para logo depois voltar a aponta-la para mim. —Fica aí.

—Nós estamos do mesmo lado Lia.

Ela parece pensar e fica um pouco aérea. Ela realmente não está bem. O Guilherme fica parado onde está sem saber o que fazer ou como agir, mas pronto para atacar a qualquer movimento em falso dela enquanto o Max caminha até nós e chega bem próximo.

—Não! Eu não posso deixar ela viver. Ela tem que morrer! Ela acabou com a minha vida. Com os meus planos! Eu aturei por anos o Gui com outras mulheres, esperando que ele finalmente se desse conta de que eu era a mulher da sua vida, e ela apareceu e acabou com tudo! Enquanto eu fiquei anos recebendo migalhas, ela chegou e ficou com tudo! Eu não aceito!

Vejo que o Guilherme começa a dar passos para o lado enquanto a Lia divaga, se aproximando um pouco mais de mim.

—O que é que ela tem que eu não tenho??? — Ela pergunta e aponta a arma para a própria cabeça.

O Max aproveita esse momento e avança sobre ela puxando a arma da sua mão, no mesmo instante o Guilherme corre na minha direção e me puxa

para os seus braços, me protegendo e ficando de costas para os dois que parecem ter entrado em uma luta.

De repente um tiro soa e eu congelo. Busco os olhos do Guilherme e ele me aperta ainda mais ao seu corpo para me proteger.

Então um segundo tiro é dado e eu sinto como um solavanco sobre mim. O corpo do Guilherme fica duro, tenso, e seus olhos buscam desesperadamente os meus.

—Eu estou bem. — Digo para ele, mas então percebo que os seus olhos estão nublados e trêmulos, como se não estivessem conseguindo focar em mim. Suas pernas tremem e eu aperto meus braços em suas costas, o desespero e o medo já tomando conta de mim. Minhas mãos tateiam o seu corpo e passam por algo molhado em suas costas.

Não, meu Deus. Não. Por favor.

Ele abre os lábios e sussurra com os olhos se fechando. —Eu te amo. — Então desaba no chão, me levando junto com ele.

Capítulo 49

Malu

O Guilherme desaba, e como está agarrado a mim acabo caindo com todo o peso do seu corpo sobre o meu. Parece que antes de fechar os olhos e perder a consciência ele em um último impulso me apertou ainda mais contra si e se jogou para frente.

Um milhão de pensamentos aleatórios se passam pela minha cabeça somente nesse tempo em que estou indo ao chão junto com ele, mas o que mais me atormenta é o olhar que ele me deu quando foi atingido. É ter a consciência de que ele fez isso para me proteger.

Ele fez um escudo com o seu próprio corpo com medo que eu me ferisse. O meu amor, a minha vida, ofereceu a sua em sacrifício por mim.

No exato momento que sinto o piso duro contra as minhas costas um grito estridente e desesperado chega aos meus ouvidos.

—Nãoooooooooooooooooo!!!!

E imediatamente eu sei quem é.

Lia, ela atirou, ela feriu o meu Guilherme...

Eu preciso lutar, eu tenho que nos proteger.

Uso toda a força que possuo e empurro o Guilherme para o lado, seu corpo está sem vida, e isso só aumenta ainda mais o meu desespero.

Agora não. Você não pode perder o controle agora, Maria Luísa.

Eu preciso protegê-lo.

Eu preciso chamar ajuda.

Ele não pode morrer!

Ele não pode me deixar.

Nada mais importa, somente ele.

Puxo sua cabeça para o meu colo e vejo seu rosto pálido, sua boca está seca e com um tom arroxeado, e sua respiração fraca.

Não, meu Deus. Não!

—Guilherme... por favor. Fala comigo. Por favor, não me deixa. Abra os olhos.

Ele não responde, não se move, não tem reação. Eu preciso fazer alguma coisa, mas não consigo tirar meus olhos dele. Não consigo me mover.

Eu sei que tenho que agir, mas ao mesmo tempo eu preciso ter certeza que ele continua vivo.

Escuto vozes ao longe, mas não posso me concentrar em mais nada que não seja ele. Passo a mão pelo seu rosto e um rastro de sangue segue os meus dedos. O sangue dele, que eu fiquei nas mãos quando o abracei e senti a umidade em suas costas.

—Meu amor, por favor. Por favor. Abra os olhos.

Suas pálpebras ficam trêmulas, como se ele estivesse se esforçando para as abrir, e sem que eu espere aquela imensidão azul aparece e se conecta a mim.

Ao mesmo tempo que o alivio me invade, o medo continua crescente, pois o azul que sempre é tão vivo, tão brilhante, agora está nublado, como se estivesse sendo apagado aos poucos.

Ele abre os lábios secos, passa a língua por eles como se estivesse tentando molhá-los e diz com um sussurro: —Não chora.

Eu nem tinha me dado conta que estava chorando, mas depois dele dizer isso eu sinto a umidade escorrendo pelo meu rosto e passo a mão nas bochechas tentando em vão impedir que elas continuem caindo.

Vejo seus olhos se expandirem apenas um pouco e ele tentar levantar o braço. —Não se mexe. Por favor...

—Você... sangue.

—Não é meu, eu não estou ferida. — Não preciso dizer que é dele, vejo o entendimento passar pelo seu rosto. —Vai ficar tudo bem. — Eu digo ao mesmo tempo que acaricio as suas bochechas, não me importando mais se minhas mãos estão sujas de sangue. —Você vai ficar bem. — Repito, tentando tranquilizá-lo, mas percebo que é mais para mim do que para ele. Suas sobrancelhas se unem e sua testa se franze ao mesmo tempo que um gemido escapa de sua garganta.

Ele está sofrendo.

—Gui...

—Eu... es... tou... bem...

Ele fala entre as respirações e meu coração se aperta, pois seu rosto comprova que ele não está nada bem.

Eu preciso fazer alguma coisa, tomar alguma atitude. Não posso ficar aqui esperando ele morrer nos meus braços.

Olho para cima e vejo o Max caído no chão, não sei se vivo ou morto, com a arma ao seu lado. Meus olhos percorrem os lados freneticamente procurando pela Lia, mas não a vejo em lugar algum. De repente vejo o Marcos na entrada do beco, correndo na minha direção como um louco.

—Ah meu Deus, Malu. Que tragédia! Que tragédia. — Ele então olha para o meu colo e arregala os olhos. —O Guilherme... Ai minha nossa senhora! A ambulância já está chegando. Fica calma.

Graças a Deus!

—Viu meu amor, a ambulância já está... — Nem termino de falar e vejo os olhos do Guilherme se fechando. —Não! Não fecha os olhos. Fica comigo. Olha para mim. Fica comigo! Ouviu Guilherme? Não se entrega. Fica comigo! Abre os olhos agora!

Balanço o seu corpo e ele fixa os olhos novamente em mim, como se estivesse me vendo pela primeira vez. —Você... é... linda.

Sorrio mesmo sem querer, porque até nesse momento ele consegue dizer coisas que fazem eu me apaixonar ainda mais por ele. —Não fala nada. Não se esforça. A ajuda está chegando.

—Fica comigo... — Ele pede. —Até o fim.

Não... Ele não pode estar me pedindo isso. Ele não pode estar desistindo. —Eu vou ficar com você sim, até o fim das nossas vidas. Depois de termos vivido ela juntos e de vermos nossos filhos e netos crescerem. Eu não aceito nada menos que isso.

Seus olhos se enchem de lágrimas e eu nem tento mais segurar as minhas.

Cadê essa ambulância que não chega!

—Eu te amo. — Ele diz com uma intensidade no olhar que me dá até um arrepio.

—Não fala mais nada, por favor. — Eu não quero que ele fale para que possa guardar suas energias e lutar, mas principalmente porque não quero ouvir o que ele tem a dizer. Seus olhos fixos nos meus me dizem que ele está se despedindo, e eu não vou aceitar isso. Não vou aceitar perdê-lo. Eu não posso!

—Só... me escuta...

—Não faz isso, Gui... — Imploro.

Ele toma uma respiração profunda como se estivesse buscando toda a força possível para falar e eu fico quieta, imóvel, apenas olhando para o seu rosto, gravando cada linha de expressão e cada contorno que existe nele, até que ele começa a falar sem desviar os olhos dos meus e toma toda a minha atenção.

—Você foi a coisa mais linda que poderia ter acontecido na minha vida. — Ele pausa e com muito esforço levanta o braço e passa a mão no meu rosto. —Você chegou e virou ela de cabeça para baixo e fez eu me apaixonar tão loucamente por você, e sonhar em me casar e envelhecer ao seu lado. — Aconchego o rosto na palma da sua mão, sentindo o seu toque tão suave. — Eu que não acreditava em amor, e me vi amando não só você, mas também a nossa filha, que não importa que não seja do meu sangue, ela é minha.

—Por favor... — Eu não quero que ele continue. Eu não suporto ouvir isso.

—Eu amo vocês e daria a minha vida por vocês duas. Eu nunca deixaria que nada as atingisse. — Seu braço cai ao lado do seu corpo, mas seus olhos permanecem fixos nos meus. —Você me fez completo, Malu. E eu quero... — Suas feições se contorcem de dor e eu choro ainda mais vendo o seu sofrimento e sua luta para se declarar para mim. —que você me prometa...

—Não Gui, por favor. Eu não vou prometer nada porque vai ficar tudo bem. — Tem que ficar bem, não posso ver mais minha vida sem ele.

—Malu... por favor. Me promete... — Ele respira fundo. —Me promete que você vai ser feliz... — Ele geme, e eu sei que é de dor. —Que vai cuidar dela e falar sobre mim... que eu a amei com tudo de mim.

—Não... — Eu soluço e seguro seu rosto com ambas as mãos. —Você mesmo vai dizer isso a ela. — Digo confiante para que ele não desista.

—Mas se eu não puder... me promete que vai fazer. E também que vai ser feliz, mesmo que seja com... com outro homem.

—Eu vou ser feliz com você e com a nossa filha, e com todos os outros que virão depois. Com a nossa família.

—Por favor, Malu. — Ele diz e eu vejo a agonia em seus olhos. —Me promete...

—Eu não quero. Não faz isso comigo.

—Eu preciso...

Choro ainda mais. Eu não quero prometer, não quero imaginar uma vida sem ele. Não quero outro homem. Não quero dizer a nossa filha que ele a amou. Eu quero que ele esteja ao nosso lado, nos amando e protegendo sempre. Mas olhando para ele agora, vendo o quanto ele precisa disso, eu abro os lábios e deixo as palavras saírem da minha boca mesmo sabendo que eu nunca poderia ser feliz sem ele.

—Eu prometo.

Ele suspira aliviado e seu corpo começa a tremer um pouco. Passo a mão pelos seus braços e sinto como ele está gelado, coloco a mão em sua testa e sinto que ele está suando frio e cada vez mais pálido. Mesmo assim ele abre um sorriso lindo para mim. —Eu te amo, Malu. E vou te amar para sempre.

—Eu também te amo. Para sempre. — Me abaixo e sem tirar os olhos dos seus beijo seus lábios tão frios, fecho os olhos e peço a Deus que não o tire de mim, não agora que eu o encontrei e sei o que é amar e ser amada.

Sinto seu corpo perdendo as forças e me desespero ao sentir o peso dele cada vez mais sobre as minhas pernas. Abro os olhos e vejo os seus fechados.

—Gui... — Balanço o seu corpo. —Guilherme... Olha para mim. — Grito e balanço o seu corpo desesperadamente. —Amor, por favor. Não. Deus, por favor. Gui, acorda. Não me deixa. Por favor, fica comigo. Fica comigo. Eu não vou conseguir sem você. A gente precisa de você. Eu e ela. A sua menininha. Por favor...

Abraço o seu corpo com força, sentindo a dor me consumir, pedindo a

Deus que não o leve.

Por favor Deus, eu preciso dele.

Seguro o seu corpo firme contra mim tentando sentir seu coração, sua respiração, mas não sinto nenhum dos dois.

—Não. Não. Não. Você não pode me deixar. Você não pode me abandonar. Acorda! Por favor...

Então sinto alguém o arrancando dos meus braços, olho para cima pronta para lutar, mas outro par de mãos me puxa na outra direção, me afastando do meu amor.

—Não, me soltem. Eu quero ficar com ele.

—Malu, calma.

—Me solta, eu quero o Gui. — Empurro a pessoa que tenta me segurar.

—Malu! Para! A ambulância chegou. Olha para mim. — Meus olhos estão nublados das lágrimas, mas eu consigo ver que é o Marcos que está falando comigo. —Os médicos chegaram e precisam de espaço para cuidar do Guilherme.

Olho para o lado e vejo dois homens em cima dele fazendo vários procedimentos ao mesmo tempo. Meu coração acelera.

—Eu quero ficar com ele.

—Mas não pode, Malu. Olha para mim, eles precisam que você se acalme para poder salvá-lo. Eles não vão conseguir com você em cima dele.

Viro o corpo totalmente para o Guilherme e chego o mais perto que posso. Meu choro se intensifica ainda mais quando os médicos começam a rasgar sua camisa e constato quanto sangue há nele.

Meu Deus! Eles demoraram muito.

Tento prestar atenção no que os médicos dizem, mas estou tão desesperada que consigo entender apenas algumas palavras.

—Tiro nas costas... Pressão caindo... Rápido... Pulsação fraca, quase nula... Procedimento de reanimação.

—Luta Gui, luta! Volta para mim. — Eu sussurro uma oração silenciosa. Olho mais a frente e vejo que tem médicos em cima do Max também, mas não posso entender o que acontece lá, minha atenção está toda

voltada para o Guilherme.

Um dos médicos sobe em cima do Guilherme e começa a fazer massagem cardíaca nele. Ah meu Deus! O coração dele parou! Sinto minhas pernas tremerem, vou perder as forças, mas o Marcos me segura e me ampara.

—Eu vou te tirar daqui.

—Não! Eu quero ficar perto dele. — Então volto minha atenção para o Guilherme, diretamente para o seu rosto. —Volta Gui, volta para mim. — Sussurro pedindo a Deus que ele possa me escutar para lutar.

Eu sei que os médicos estão fazendo os procedimentos o mais rápido que podem, mas para mim parece que os segundos se arrastam e que o meu Gui está há horas deitado no chão totalmente sem vida enquanto continuam sem cessar massageando seu peito na tentativa de fazer o seu coração voltar a bater.

Eu não vou aguentar. Me sinto impotente. Desesperada. Desnorteada.

O meu coração está ameaçando entrar em colapso e minha mente não consegue focar em mais nada que não seja o seu rosto tão lindo pálido e todo sujo de sangue.

—Reage Gui. Por favor, reage. Por mim, pela nossa família... — Peço olhando fixamente em sua direção e então como se ele tivesse escutado o meu pedido ouço as únicas palavras que me fazem soltar a respiração que eu nem sabia que estava prendendo.

—Ele voltou. — Um dos homens diz e o Marcos me abraça com força.

—Ele vai ficar bem, Malu. Eu sei que vai.

Eu retribuo o seu abraço sem tirar os olhos do Guilherme, e vejo quando uma espécie de maca é colocada ao seu lado. No momento em que estão o colocando ali em cima uma médica entra no meu campo de visão e chama minha atenção. —Meu nome é Mônica e eu preciso que você venha comigo para que eu possa te examinar.

—Não, eu estou bem. Eu quero ir com ele.

Ela olha para o meu corpo e diz: —Você está com manchas de sangue nas roupas, pode ter se ferido. Vai ser rápido.

Olho para baixo e vejo a quantidade de sangue que há em mim. —Não

é meu. É do Guilherme. E eu não preciso de atendimento, eu quero ir com ele. Por favor. Eu preciso ir com ele.

Praticamente imploro. Eu não quero ser examinada, eu não quero sair de perto dele. Eu preciso ter certeza que ele está vivo.

—Certo. Mas quando chegar no hospital veremos como você está. — Ela diz e sai da minha frente, então posso ver os paramédicos levando o Guilherme para a ambulância.

—Malu, eu vou ligar para a Marta.

—Ah meu Deus, Marcos. A Dona Marta... — Meu coração se aperta só de pensar em como ela vai ficar quando receber a notícia.

Ela vai me odiar. Eu sei que vai. Não basta por minha causa seu filho mais novo ter sofrido um acidente e quase ter nos deixado, agora, também por minha culpa, pela minha teimosia em achar que estava tudo bem ficar sozinha, o Guilherme foi baleado.

—Não pensa nisso agora. Eu vou ligar para ela e acalmá-la, enquanto isso você vai para o hospital acompanhar o Guilherme. Mas por favor, quando chegar lá deixe que eles te examinem, você precisa saber se está tudo bem com o bebê.

—Eu só preciso que ele fique bem, Marcos.

—E ele vai ficar. Confia. Se tem uma coisa que eu aprendi com a vida foi confiar em Deus.

Concordo e vou em direção a ambulância que vejo que estão colocando o Guilherme dentro. Preciso correr para acompanha-los, já que eles andam rápido, com pressa e determinação gravadas em seus rostos. Há uma outra ambulância já saindo do local e imagino que seja com o Max dentro, mas não posso me preocupar com ele, não quando ele foi o grande causador disso tudo.

Ele e a Lia.

Já estão fechando as portas quando eu a seguro. —Por favor, deixa eu ir junto. Eu sou mulher dele. — Não sei se ouviram e muito menos repito ou espero autorização, eu simplesmente subo e vou para perto do Gui. Eles não me contrariam, mas nem que quisessem ou tentassem eu sairia de perto dele, então indicam um lugar para que eu possa me sentar e fico bem perto do rosto

dele que está imobilizado assim como o restante do seu corpo.

Eu quero tocá-lo, mas tenho medo de o machucar.

Passo a mão pelo lado do seu rosto e mais lágrimas caem pela minha face.

A sirene soa e o carro é colocado em movimento, logo andando em alta velocidade.

Enquanto o observo e sinto o carro em movimento várias perguntas começam a surgir na minha cabeça.

Por que eles não podiam aceitar que não queríamos mais eles em nossas vidas?

Por que o Max tinha que voltar e ainda se juntar com a Lia?

Como a Lia conseguiu uma arma?

Por que ela atirou?

Por que a vida está sendo mais uma vez tão cruel comigo?

Nada disso importa agora, somente que o Guilherme fique bem e ao meu lado.

Ao mesmo tempo que me concentro em seu rosto, forço minha mente a trabalhar e assimilar o que estão dizendo sobre o seu estado. É difícil de entender com a sirene soando tão alto.

—A pressão está estabilizada, mas ainda muito baixa. Ele perdeu muito sangue e a bala permanece em seu corpo. Avisa no hospital para a equipe médica ficar preparada para uma cirurgia de emergência. Ele não vai sobreviver se não for operado às pressas.

Mesmo sem querer os meus olhos se desviam e param diretamente nos homens com apenas uma parte do que eles falaram martelando na minha cabeça.

Ele não vai sobreviver.

Acho que o meu rosto demonstra todo o meu desespero porque um deles se aproxima de mim e fala. —Qual o seu parentesco com a vítima?

A palavra vítima soa tão ruim aos meus ouvidos, mas é exatamente o que o meu Gui é, uma vítima do Max e da Lia.

—Eu.. eu sou... — Tomo respirações profundas, tentando me acalmar e conseguir me expressar. —Eu sou namorada dele.

—E qual o seu nome?

—Maria Luísa.

—Certo. Maria Luísa, eu preciso que você mantenha a calma para que nós possamos fazer o necessário e garantir que ele fique vivo até chegarmos ao hospital. — Ele diz tranquilamente, mas sua expressão é preocupada.

—Ele corre riscos? — Eu pergunto, mesmo que tenha medo da resposta, e apesar de já saber o que ele vai dizer, o meu coração se aperta quando ele o faz.

—Eu não vou mentir para você. Sim, ele corre riscos, mas posso garantir que faremos de tudo para diminuir as chances dele vir a óbito. — Meu coração falha uma batida quando a palavra "óbito" é pronunciada. — Nós já temos uma equipe preparada para recebê-lo no hospital para o qual estamos indo, eles vão dar prosseguimento com o atendimento. Mas eu preciso que você entenda uma coisa, o tempo é o nosso maior inimigo agora. Por isso eu peço que quando chegarmos lá você mantenha a calma e nos deixe trabalhar. Então, independente do que acontecer daqui até lá, e principalmente depois que chegarmos, não fique no caminho, mesmo que você fique nervosa e se desespere, lembre-se que cada segundo conta e pode ser primordial para salvarmos a vida dele.

Minha cabeça está tentando processar tudo o que foi dito, mas ela está rodopiando com as palavras ditas e eu demoro a compreender, e quando o faço apenas aceno com a cabeça positivamente, porque é a única coisa que consigo fazer.

Minha garganta se fechou e o desespero cresceu, mas eu não posso deixar que isso me consuma. Eu preciso ser forte. Eu tenho que ser forte.

Ele responde o meu aceno e volta para o seu lugar, e eu só consigo permanecer aqui com os olhos fixos no Guilherme pedindo silenciosamente a Deus que o proteja e não o leve para junto de si.

Capítulo 50

Malu

A ambulância continua correndo pelas ruas a toda velocidade, e para a minha angústia e ao mesmo tempo alívio o Guilherme permanece da mesma forma.

Enquanto continuo olhando para a sua forma inerte, sem vida, sem cor, minha mente começa a voar e imagens do primeiro dia que o vi entram na minha cabeça.

Eu achava que tinha sido no dia em que os pais do Bento foram me visitar, mas eu já o tinha visto nos meus sonhos. Lembro do medo que senti durante o pesadelo em que sabia que algo estava me perseguindo e eu corria em desespero pelo meio de um temporal. Lembro do campo de flores que me dava paz e em um segundo se tornou assustador, com tudo morto ao redor. Recordo do vento gélido contra o meu corpo enquanto corria tentando me distanciar daquilo tudo, e lembro da dor que senti, física e emocional, no momento que caí e fechei os olhos me entregando ao que estivesse atrás de mim, mas então lembro do toque suave em meu rosto, da sensação de paz que me invadiu no exato instante que a palma quente de uma mão se firmou contra mim e me fez abrir os olhos instantaneamente, posso sentir o amor e a sensação de proteção que aquelas íris azuis me passaram em apenas um segundo.

Ali eu tive certeza quem era, sem saber o nome ou de onde vinha. Ele era o homem que seria o meu tudo, o meu abrigo, a minha fortaleza, a minha segurança, e quando acordei e o conheci, as incertezas vieram junto com a raiva e a luxúria e o desejo e o amor.

Lutei contra, mas é impossível não se entregar quando se está diante do amor da sua vida.

Você não pode se fechar quando percebe que enfim achou o seu lugar no mundo. E o meu lugar não é uma cidade, não é uma casa, não é um espaço físico. O meu lugar no mundo é dentro do coração do Guilherme. É o seu sorriso fácil, o seu olhar malicioso, o seu toque carinhoso, a sua pegada

gostosa, o seu ciúme exagerado, a sua possessividade fora do comum e a sua intensidade em tudo o que faz.

Então como eu posso imaginar viver em um mundo sem isso tudo? Como cogitar viver em um mundo sem ele?

Eu não vou conseguir.

De que adianta encontrar a sua alma gêmea para logo depois a ter arrancada da sua vida.

Eu não aceito.

Ele me fez prometer seguir em frente sem ele, e eu fiz, eu prometi. Mas foi tudo da boca para fora. Foram apenas palavras ditas sem nenhuma verdade, porque eu nunca, nunca vou conseguir seguir sem ele. Eu sei o que vai acontecer, eu vou me fechar e viver um eterno luto. Viver não, sobreviver, vou seguir em frente apenas pela nossa filha.

Eu não posso pensar assim, eu tenho que pensar que ele vai sair dessa situação e voltar para mim com aquele jeito cafajeste dele de andar e falar, de pegar o que quer sem se importar com mais nada.

Ele pediu que eu fosse feliz mesmo que fosse com outro homem. E eu guardo isso na memória, porque eu ainda vou perguntar a ele, quando ele estiver recuperado, se eu posso ter outro homem na minha vida.

Já imagino o seu rosto se fechando em uma carranca, sua testa franzida, as sobrancelhas quase unidas e o seu olhar de homem mau dizendo que vai me mostrar o único que pode me fazer feliz, o único homem que eu vou ter na vida, e o único que vai entrar dentro de mim até o final dos nossos dias.

Me abaixo até ter minha boca bem perto do seu ouvido e falo bem baixinho. —Eu sei que você pode me ouvir, porque quando eu estava inconsciente pude te sentir, então eu quero que você me escute bem. — Faço uma pausa e respiro fundo. —Eu não aceito que você me deixe. Eu não aceito criar nossa menina sozinha. Eu não aceito ser feliz se não for com você. Então lute e volte, porque nós não seremos completas sem você ao nosso lado.

Levanto o corpo no exato momento que a ambulância para com uma freada brusca. Dali para frente tudo acontece como um borrão, e a única coisa que eu penso é que tenho que manter a calma e não impedir que os médicos trabalhem.

Um deles, o que conversou comigo, me dá um aceno de cabeça como se fosse para me lembrar disso, e eu respondo da mesma forma, apenas acenando.

De repente as portas da ambulância se abrem e o meu coração acelera, a vida do meu amor depende do que acontecerá a partir de agora.

Olho para fora e vejo três pessoas vestidas de branco correndo na direção da ambulância, mas não consigo me concentrar em seus rostos, enquanto isso os dois médicos que o socorreram descem às pressas e começam a puxar a maca para fora.

Meu coração retumba no peito e eu me vejo ignorando tudo o que me pediram para fazer, e quando dou por mim já estou de pé descendo da ambulância bem ao lado do Guilherme.

Antes que eu dê um passo ao lado da maca meu braço é segurado e uma voz conhecida soa bem perto de mim. —Malu? — Olho para cima e vejo quem é o dono da voz. Maurício. Ele me encara surpreso, então olha para as minhas roupas sujas de sangue e a preocupação toma todo o seu rosto.

—Malu, o que você... — Ele está falando, mas minha atenção se volta para o Guilherme. Maurício segue o meu olhar e o fixa na maca que está sendo levada às pressas para dentro do hospital. —Guilherme?

—Mauricio... o Guilherme... Eu tenho que ir com...

Não consigo terminar de falar, pois um outro médico praticamente grita. —Mauricio, rápido.

Ele me solta automaticamente e um pouco desnorteado corre até onde estão os outros. Eu os sigo sem querer desgrudar os meus olhos do Gui.

—Homem baleado na região das costas, a bala permanece no corpo, possivelmente atingiu o fígado. — Um deles diz.

—O centro cirúrgico já está pronto. Preparar para cirurgia de emergência. — Uma mulher responde.

Todos correm com o Guilherme e eu vou atrás, não vejo para onde e nem como, mas quando chegamos em um determinado ponto, em que eles atravessam uma grande porta de aço, sou impedida pelo Maurício.

—Ele... ele...

—Malu, você não pode entrar.

—Mas eu não posso sair de perto dele. Por favor, Maurício. Eu não posso. Me deixa entrar e ficar com ele.

—Ele vai ser operado, Malu, e você não pode entrar na sala de cirurgia. Você está machucada?

—Não... ele me salvou. — Digo e então a realidade bate com tudo em mim de novo. Ele me salvou e pode morrer.

A dor me invade e o meu coração parece estar sendo apertado por uma prensa quando me dou conta que pode ter sido a última vez que eu vi o Guilherme com vida.

Sinto braços fortes ao meu redor, me segurando e me levando para algum lugar.

O Maurício então me senta em uma cadeira, se agacha e fica diante de mim bem na altura dos meus olhos que se encontram totalmente embaçados pelas lágrimas.

—Você precisa se acalmar, Malu. O Guilherme está vivo e é assim que vai permanecer. — Ele olha para mim e vira o rosto para as portas que acabaram de levar o meu Gui. Ele parece estar indeciso, sem saber o que fazer. —Eu vou chamar uma enfermeira para te verificar. Eu queria eu mesmo fazer isso, mas eu preciso entrar e ajudar na cirurgia. Você está me entendendo?

—Salva ele, Maurício. Por favor. Eu não vou conseguir viver sem ele.

Vejo os olhos dele se encherem de lágrimas enquanto segura minhas mãos com as suas e tenta se conter. Eu pouco conversei com esse homem aqui agachado na minha frente, mas pelo pouco que o Bento me falou é um ser iluminado assim como o meu amigo.

—Eu prometo para você que farei tudo que estiver ao meu alcance, e que eu só saio de lá depois de fazer e de ter certeza que o possível e até o impossível foi feito para trazer ele de volta. — Ele olha em volta e chama uma mulher que estava passando. —Bianca, você poderia por favor cuidar dela? Ela está grávida e sofreu um atentado junto com o namorado e eu preciso entrar para a cirurgia.

A mulher sorri e fala. —Claro! Pode ir Dr. Maurício.

—Fica bem, Malu. — Ele diz e beija minhas mãos para logo depois se

levantar e sumir da minha vista.

A enfermeira que ele chamou coloca a mão no meu ombro chamando minha atenção. —Querida, vamos até a sala de triagem para que eu possa te examinar?

—Não precisa, eu estou bem. — Digo isso porque não quero sair daqui, quero continuar no mesmo lugar, prestando atenção a cada um que passar por ali que possa me dar alguma notícia. Não quero me levantar e ir para lugar nenhum porque ali é o mais perto que posso estar dele.

—Eu prometo que vai ser rápido. E cirurgias demoram, então vai levar um tempinho até que você tenha alguma notícia. — Olho para ela quase suplicando que me deixe ali. —E além do mais você está grávida, certo? Não sei o que aconteceu com você e seu namorado, mas tenho certeza que ele ia querer ter certeza que o bebê de vocês está bem.

Ela tem razão, eu preciso saber se o bebê está bem, o Guilherme ia querer isso. Na verdade ele brigaria comigo se eu não fosse. E é somente por isso que eu me levanto da cadeira, decidida a ver o mais rápido possível como meu bebê está para que eu possa voltar e esperar por ele.

A mulher, Bianca, segura meu braço para me indicar para onde ir, e enquanto seguimos pelo corredor a passos lentos, dou um último olhar para onde o Guilherme foi levado. Pedindo mais uma vez a Deus por sua vida.

Sou direcionada para uma sala onde a Bianca me senta em uma maca e começa a fazer várias perguntas. Se eu me machuquei, o que estou sentindo, se tenho dores ou incômodos. Respondo a tudo mecanicamente torcendo para que aquilo passe logo.

Eu sei que meu filho está bem, posso sentir, então não vejo motivos para ficar longe do Guilherme.

Ela colhe o meu sangue e pede que eu aguarde um pouco. Quando retorna diz que um policial estava a minha procura, mas que como estou sendo atendida vai aguardar para falar comigo. Também disse que os nossos familiares já foram acionados.

Meu corpo tenciona na mesma hora.

Dona Marta.

Ela deve estar arrasada, desesperada. Acabou de passar por tudo isso

com o Bento e agora está passando de novo com o Guilherme. E tudo por culpa minha.

Tudo porque eu entrei na vida deles e trouxe junto comigo o Max, que começou toda essa desgraça.

A qualquer instante ela vai entrar por esse hospital sofrendo, sem saber se o filho vai sobreviver, e eu estou aqui sem poder fazer nada. Totalmente de mãos atadas.

A porta se abre bruscamente e eu saio do meu torpor quando meus olhos se encontram com os olhos desesperados da Dona Marta, que em nada se parece com aquela mulher jovem e sorridente que vive de bem com a vida. Nada parecida com a senhora elegante que passou o dia comigo, rindo e brincando enquanto éramos tratados como rainha e princesa.

Essa mulher na minha frente parece ter envelhecido uns 10 anos em apenas questão de minutos. Seus olhos estão vermelhos de lágrimas derramadas, seu cabelo um pouco desarrumado, como se ela tivesse o puxado em seu desespero, e sua expressão é de puro sofrimento enquanto continua parada no mesmo lugar olhando para mim.

—Maria Luísa... — Ela começa a falar, mas para logo em seguida, as lágrimas caindo em seu rosto enquanto me fita.

—Dona Marta, eu... eu... — Não consigo falar, um soluço escapa e eu coloco ambas as mãos na boca. O que eu posso falar para ela? Como eu posso dizer que mais um dos seus filhos ofereceu a própria vida para proteger a minha? Como eu posso me segurar e passar força quando eu me sinto desamparada e tudo o que mais preciso é que alguém me abrace e diga que tudo vai ficar bem?

Mesmo com a vista turva das lágrimas caindo eu posso ver ela chorando e me analisando de cima a baixo, como se procurasse por algo. Então seu cenho se suaviza um pouco e ela murmura. —Graças a Deus. — Para logo em seguida, vir em minha direção e me puxar de pé, envolvendo seus braços ao meu redor em um abraço apertado.

Eu que devia a estar consolando, explicando para ela o que aconteceu, mas me vejo ali, incapaz de fazer qualquer coisa que não seja me encolher em seu aconchego como uma menina indefesa, aquela de muitos anos atrás que nunca teve ninguém por ela e sempre precisou de um colo, mas que teve que

ser autossuficiente e lutar sozinha, independente. E agora aqui, essa menina finalmente entrega os pontos. Ela está cansada de lutar. Encosto a cabeça em seu ombro e choro em seus braços, extravasando toda a dor que senti desde que o Max me encurralou naquele beco.

Deixando a culpa me corroer de dentro para fora por ter mandado aquela maldita mensagem para o Guilherme. Por ter pedido socorro justamente para ele.

Agora eu vejo que eu tinha outras opções, gritar, espernear, ligar para a polícia, correr de volta para o salão... Mas a minha mente e o meu coração só conseguiram ver uma pessoa capaz de me proteger. O Guilherme.

Ela também chora, eu sinto seu peito se balançar, mas ela me conforta, faz carinho no meu cabelo e me balança de um lado para o outro. Como se buscasse me acalmar e se tranquilizar ao mesmo tempo.

Eu tenho tanta coisa para falar, tantas desculpas para pedir, mas não consigo, sou egoísta demais para perder esse calor materno que ela me passa. Para me afastar do seu toque, que embora ainda tenha desespero, me passa segurança.

Sem palavras ela me diz que tudo vai ficar bem.

Ela me puxa para que eu fique de frente para ela, e eu vejo tanta dor, tanto sofrimento, que meu coração se despedaça ainda mais.

Ela não merece passar por isso de novo. Essa família linda não merece nada disso.

—Você está bem? — Aceno com a cabeça sem conseguir dizer nenhuma palavra. —Realmente bem? E o bebê?

Vejo que ela está de verdade preocupada comigo e meu filho, e isso só faz a crescer culpa que tenho em mim.

—Dona Marta. — Digo tentando me controlar. —Me perdoa. A culpa foi minha, eu...

—Shiii... — Ela fala e segura o meu rosto com ambas as mãos. —Você não tem culpa de nada.

—Mas o Gui, ele... fui eu que o chamei porque o Max me abordou e eu fiquei assustada. — Encaro os olhos da Dona Marta que transmitem tanta angústia que posso sentir no fundo da minha alma. —Ele me protegeu, ele me

virou, e ele... ele... ele fez isso por mim. Para que eu não me ferisse.

—Entenda uma coisa Malu. A culpa não é sua. Foi você quem atirou?

—Não, mas...

Nesse momento o Sr. Luiz para ao lado dela e coloca a mão no meu braço. Eu estava tão desnorteada que não o vi entrar.

Ele então fala. —O verdadeiro culpado está nesse momento sendo operado, e pelo que me informei dificilmente sairá com vida. E a outra culpada está sendo procurada por toda a polícia da cidade. Eles são os culpados e irão pagar pelo que fizeram. Não você. Você é tão vítima quanto o nosso filho.

Não sei como, nem porque, mas eu sinto um alívio tão grande com essas palavras que meu coração se aquieta um pouquinho. E sem que eu espere, ele, o meu sogro, coloca a mão na minha barriga em um gesto carinhoso e me surpreenda ao falar. —Você é nossa filha, Malu. E esse bebê é nosso neto, no meu coração é isso que vocês são, e nós nunca iríamos pensar que você era culpada de alguma coisa.

As palavras que ele diz são tão lindas que eu sinto o amor em cada palavra proferida.

A enfermeira entra e fala. —Vocês não podem ficar aqui.

Dona Marta responde. —Ela é nossa filha e eu só precisava conferir se ela estava bem.

—Está sim, tudo bem com ela e com o bebê.

—Graças a Deus! Pelo menos uma notícia boa Luiz.

Eu já sabia que estávamos bem, mas precisava ter a confirmação.

A enfermeira então fala —Você está liberada Maria Luísa.

—Obrigada.

Saímos pela porta quando um furacão quase me atropela e me segura firme contra seu peito. Relaxo instantaneamente sentindo o cheiro tão familiar que é um dos únicos que tem o poder calmante em mim.

—Malu, o que foi que aconteceu? — A voz do Bento é tensa, carregada, preocupada.

—Bento, você não deveria estar aqui.

Dona Marta o repreende, e então eu me afasto e percebo que ele está com a roupa do hospital e um acesso pendurado no braço.

—Nada me deteria em uma cama sabendo que meu irmão e minha amiga estão aqui e machucados. — Vira o rosto para mim e indaga. —Como está o Gui?

—Eu não sei Bento. — Digo e me aconchego em seu peito. —Ele levou um tiro e eu fiquei com ele até que a ambulância chegasse, mas ele estava inconsciente, e quando chegamos aqui o Maurício estava entre os médicos que o atenderam e agora o Gui está em cirurgia.

—Quem fez isso com vocês? — Ele diz com tom melancólico.

—Não sei se foi o Max ou a Lia, mas acho que foi ela.

Ele segura minha mão e a leva até o seu coração. —Eu sei que você está sofrendo. E também sei que está se culpando. Assim como se culpou pelo nosso acidente. — Aperto os lábios juntos tentando conter o choro que ameaça voltar. —Mas eu vou te dizer que você não tem culpa de nada do que aconteceu, nem antes, muito menos agora. Você só é culpada de ter esse coração enorme que acredita no melhor das pessoas.

As lágrimas começam a cair livremente pelo meu rosto, porque o meu amigo me conhece tão bem que sabe tudo o que sinto. —Eu quero que você chore agora, que você se desespere agora. Eu vou te dar cinco minutos para isso, porque depois eu quero ver aquela Malu forte que me mostrou como a força do pensamento tem poder, como lutar de cabeça erguida. Como acreditar que tudo vai dar certo.

E assim eu faço, o abraço e choro em seu peito. Deixo a angústia me corroer por alguns minutos, e então me lembro do Guilherme tão lindo dizendo que me amava. É dali que eu tiro forças, do seu sorriso encantador e das suas palavras doces para erguer a cabeça e acreditar que ele vai voltar para mim.

***

Algumas horas se passaram e o Sr. Luiz nos deixou dizendo que iria buscar um café para a esposa. O tempo inteiro que ficamos aqui o Bento segura a minha mão e a dela. Passando força para nós duas.

Meus olhos, desde que nos sentamos nas cadeiras de espera, estão fixos

no local que levaram o Guilherme, sentindo o coração disparar a cada um que sai de lá, aguardando ansiosamente uma notícia que não vem.

Por que está demorando tanto?

Por que ninguém vem dar uma notícia?

Eu não estou mais aguentando essa espera.

—Malu... — Escuto o Sr. Luiz me chamar. —Eu consegui uma roupa para você do hospital. Você não pode ficar desse jeito.

Olho para ele, para a roupa que me oferece e para as portas, indecisa se saio daqui ou não, mas por fim agradeço e vou ao banheiro trocar de roupa, precisando de um momento sozinha.

Após já estar com a roupa trocada encaro o meu reflexo no espelho, olhos inchados, nariz vermelho e face corada. Nada parecida com a Maria Luísa de hoje mais cedo que estava radiante, certa de que nada no mundo poderia a atingir.

Me sinto derrotada, incapaz.

Jogo um pouco de água no rosto, então digo para mim mesma. —Você não pode fraquejar agora. Seja forte, como você sempre foi. — Tomo uma grande lufada de ar e saio do banheiro mais confiante do que quando entrei.

Quando volto para a sala de espera, me deparo com todos de pé, e de onde estou posso ver que o semblante do Bento está fechado enquanto conversam com um médico.

Meu coração bate descompassado. —Notícias do Guilherme?

Eles viram as cabeças em minha direção e o médico pergunta. —Maria Luísa?

—Sim.

—Eu sou o médico que socorreu o Sr. Max. Você é parente dele?

Olho para todos sem saber o que responder, então meu amigo fala por mim. —Nós dois o conhecemos, mas não temos parentesco.

—Certo. Nós encontramos o contato de emergência dele e já acionamos a família, mas imaginei que você seria algo dele porque ele nos pediu que a levasse até onde ele está.

—Eu? — Pergunto incrédula.

—Sim. E Maria Luísa? Eu preciso ser sincero com você. Ele entrou em uma cirurgia muito complicada porque a bala atingiu o baço. Nós tentamos tudo o que estava ao nosso alcance, mas não estamos conseguindo conter a hemorragia e é muito provável que ele não sobreviva.

Coloco a mão no peito e sinto meu coração falhar uma batida. Independentemente do que ele causou, nós tivemos uma história, e eu nunca, nunca mesmo desejaria a morte para alguém.

Todos estão quietos ao meu redor, esperando por mim. Sei que não vão me julgar, seja a decisão que eu tomar. Vê-lo ou simplesmente ignorar o seu pedido. Mas algo dentro de mim diz que eu devo ir e ouvir o que ele tem a dizer, entender os motivos de tudo o que fez para mim. Tanto aqui, quanto quando nos separamos. Mas ao mesmo tempo tenho medo que algo aconteça com o Gui ou que tenhamos notícias e eu não esteja aqui.

O Bento segura meu braço e nos afasta de todos pedindo um minuto comigo. —Eu acho que você deve ir e ouvir o que ele tem a dizer, saber o porquê disso tudo. O motivo dessa loucura toda. Eu sei que você quer ir, mas está com medo. Não tenha, vá lá e converse com ele, porque eu sei que se não fizer, você vai se martirizar pelo resto da vida por não ter tido essa conversa e encerrar uma parte da sua história.

Aceno com a cabeça, sabendo que eu preciso de algumas respostas.

Voltamos para onde o médico nos aguarda, juntamente com os pais do Gui, a espera de uma resposta minha, mas antes que eu possa dizer qualquer coisa o Maurício atravessa as portas e caminha em passos decididos até onde estamos. Seu rosto está duro, tenso. Suas feições demonstram o quanto está cansado e abatido.

Meu coração para por um segundo, para logo depois passar a bater descontroladamente. Ansioso, angustiado, desesperado.

Sinto que ele pode rasgar o meu peito a qualquer momento.

Ele franze o cenho quando vê o Bento de pé ao meu lado segurando minha cintura, só agora percebo que ele está me sustentando. Percebo que ele se indaga o que o Bento está fazendo ali ao invés de estar em seu quarto, afinal ele é paciente do hospital e não deveria estar conosco.

Porém nada disso importa agora, ele olha para todos reunidos e solta uma longa respiração.

—Mauricio... — Eu sussurro, implorando que ele fale logo e acabe com essa dor. —Ele...

Então sem que eu espere os seus olhos brilham com lágrimas contidas e um sorriso se espalha por todo o seu rosto.

—Ele está vivo, Malu. A cirurgia foi um sucesso. Ele está bem.

Capítulo 51

Malu

Vivo

Vivo

Vivo

A palavra ecoa nos meus ouvidos e uma alegria, uma euforia, uma vontade de gritar de felicidade toma conta de mim.

Eu sei que o Maurício disse uma frase inteira, mas a única palavra que martela na minha mente é essa: VIVO!

O Guilherme está vivo!

O meu amor está vivo!

Ele vai ficar bem!

Vai ficar tudo bem!

Nós vamos criar nosso bebê juntos!

Nós vamos ser uma família!

Sem que eu possa pensar ou me conter saio dos braços do Bento e pulo, sim literalmente pulo em cima do Maurício, jogando meus braços em torno do seu pescoço e o apertando bem junto a mim.

Ele o salvou.

Ele trouxe o meu Gui de volta.

Ele é pego de surpresa e quase cai me levando junto com ele ao chão, mas consegue se estabilizar a tempo de evitar a queda e me segura contra ele dando uma risada gostosa no meu ouvido.

—Obrigada. Obrigada. Muito obrigada. Você o salvou. Obrigada! Eu não tenho como te agradecer. Então, obrigada.

Ouço a alegria do meu amigo atrás de nós pela minha euforia sendo extravasada através de um riso alto, mas sei que ele está tão aliviado quanto

eu. Ouço também um choro contido e baixo vindo da Dona Marta.

—Não precisa me agradecer, Malu. Nós fizemos somente o nosso trabalho. — Ele diz tentando tirar o seu mérito.

Me afasto dele e falo com toda sinceridade do mundo. —Você fez muito mais que o seu trabalho. E eu estou te agradecendo não só por ter salvado a vida do Guilherme, mas também por ter me acalmado no momento em que eu estava tão desorientada, por não ter deixado eu ficar sozinha, por ter pedido que alguém cuidasse de mim... — Então abaixo o timbre da minha voz e falo para que só ele possa ouvir. —E principalmente por estar fazendo o meu amigo feliz.

Seu sorriso se amplia quando falo no Bento e seus olhos brilham ainda mais, no mesmo instante ele desvia o olhar do meu e os fixa no meu amigo, que assim que me viro vejo que está com um olhar apaixonado no rosto.

Olho em volta e vejo o Sr. Luiz abraçando a esposa, ela chora copiosamente em seus braços enquanto ele passa a mão para cima e para baixo das suas costas. —Acabou Marta. Agora está tudo bem. Nosso filho está bem. — Ele repete palavras tranquilas para ela, pedindo que não chore mais, mas posso ver que ele está lutando para não derramar lágrimas de puro alívio por saber que seu filho não corre mais nenhum risco.

—É um choro de alívio, Luiz. Meu menino está bem. Ele está vivo. — Ela diz e sorri ternamente para o marido, e ao ver aquela cena o meu coração transborda de alegria, porque eu tenho certeza que o amor que eu tenho com o Gui é exatamente assim como o deles e que vamos ter esse carinho um com o outro não importa a idade.

Meu Guilherme!

Eu sinto uma euforia louca dentro de mim. Eu preciso vê-lo. Tocá-lo. Beijar sua boca e sentir sua pele contra a minha. —Onde ele está? Eu posso vê-lo?

—Ainda não.

—Por que? — Quem indaga agora é a Dona Marta um pouco aflita.

—Ele perdeu muito sangue, mas de alguma forma que é inexplicável, mesmo com a vida por um fio, o coração dele não parou de bater depois que o reanimaram no primeiro atendimento. — Lembrar daquela cena faz meu peito se apertar. —A sorte é que ligaram rapidamente para o socorro, que

ainda o atendeu mais rápido, e se não fosse por isso, talvez ele não tivesse conseguido.

—Luiz, o Marcos que ligou. Eu preciso agradecer a ele tanto, mas tanto...

—Apesar de ter levado um tiro e os paramédicos terem achado que a bala tinha perfurado o fígado, por sorte ou milagre, chamem como quiser, a bala não acertou nenhum órgão do corpo dele. Ela ficou alojada bem próximo a sua coluna vertebral. Se ela tivesse entrado no corpo dele um milímetro para o lado ele poderia ficar tetraplégico.

—Ah meu Deus! — Dona Marta exclama colocando a mão no coração.

—O corpo dele sofreu e perdeu muito sangue como eu falei, mas conseguimos retirar o projétil e em menos de uma semana ele estará novinho em folha.

Obrigada Deus por ter escutado os meus pedidos e ter deixado ele aqui com a gente.

Fecho os olhos por um instante para que eu possa agradecer a Ele.

—Então por que não podemos vê-lo? — O Bento pergunta.

—Eu saí antes da cirurgia terminar porque sabia que vocês estariam aflitos aqui fora sem notícias. Mas ele vai ser levado para o quarto em pouco tempo e vocês poderão ver que ele está bem. Enquanto isso podem esperar no quarto do Bento, que na verdade nem deveria estar aqui.

Olho para o meu amigo que sorri levantando as mãos. —Culpado! Eu sei que não deveria, mas não podia ficar parado lá sabendo o que aconteceu. Sabendo que a minha família precisava de mim.

—Eu não te avisei por um motivo Bento, e não sei como você descobriu, mas não deveria ter saído assim.

—Então vamos para o quarto dele, assim ele pode descansar enquanto esperamos o Guilherme acordar. — A voz do Sr. Luiz soa e todos vamos em direção ao quarto dele, inclusive o Maurício.

Quando dou o primeiro passo sinto alguém tocar no meu braço. A emoção foi tanta que eu me esqueci completamente do médico que estava falando comigo sobre o Max, que ainda está ali e foi testemunha desse momento familiar.

—Maria Luísa, eu vou até a recepção assinar alguns papéis e volto em alguns minutos, se assim você quiser, me espere aqui que eu a levo até ele.

Balanço a cabeça em concordância e o homem se distancia, caminhando para longe de nós, e agora que eu sei que o meu Gui está bem, vivo e bem, eu sei que preciso desse encontro mais do que nunca, para entender o porquê disso tudo e fechar as lacunas em aberto dessa história.

Entramos no quarto e o Bento deita imediatamente, na verdade acho que o Maurício o obrigou a deitar, já que falou algo baixo para ele e permaneceu ao seu lado. Enquanto isso eu sento na poltrona a pedido da Dona Marta, na verdade ela quase me empurra sentada dizendo que eu preciso descansar um pouco também.

Um silêncio estranho se instala, mas não dura muito tempo porque a voz do meu amigo soa grave e instável, e quando eu me viro para ele para saber o que aconteceu, vejo que ele está um pouco nervoso apertando os dedos uns nos outros.

—Mãe, pai, eu queria apresentar uma pessoa para vocês. — Ele fala e olha para o Maurício.

Ah meu Deus!!! Ele vai fazer o que eu estou pensando?

Os olhos do Maurício parecem que vão pular para fora do seu rosto, na certa também imaginando a mesma coisa que eu.

Dona Marta e o Sr. Luiz dão atenção a ele, mas seus rostos mostram que estão um pouco confusos, afinal só temos nós cinco no quarto. —Claro, meu filho. Quem é? — O Sr. Luiz fala.

—Bom, eu queria apresentar a vocês o Maurício.

Dona Marta olha para o homem com um sorriso maternal tão sincero, tão cheio de carinho, que eu penso que só ela é capaz de dar. Ela consegue demonstrar seu amor pelas pessoas até em seus sorrisos.

—Querido, nós já o conhecemos. Esqueceu que nos encontramos no seu quarto aqui no hospital há alguns dias?

—Eu não esqueci, mãe. Mas quero apresentar a vocês o que ele é para mim. — Então estende a mão para o Maurício e abre um sorriso lindo que é retribuído no mesmo instante. O Maurício olha para a mão dele e depois para os seus olhos como se fizesse uma pergunta silenciosa. Então o Bento fala

com os olhos fixos nele. —Ontem quando eu pedi um tempo para poder conversar com eles você me disse que era tudo ou nada, e eu resolvi que quero tudo. Você estando ao meu lado eu quero tudo, Mau.

—Mau? — O sorriso do médico se amplia ainda mais enquanto repete o apelido e coloca sua mão sobre a do Bento. Dona Marta já está com a mão no coração e o Sr. Luiz ao lado dela apenas observando a cena.

—Bom... eu queria apresentar vocês ao Maurício como o que ele é agora para mim. Meu namorado. E queria que ele conhecesse vocês, meus pais, como sogros dele. Eu espero que o aceitem de coração na vida de vocês, porque eu tenho certeza que ele não sai mais da minha. — Diz e olha apaixonadamente para o Maurício que parece ainda mais encantado pelo meu amigo.

—Meu filho... — Dona Marta diz com a voz embargada. —Você está feliz?

—Muito mãe, como nunca estive em toda a minha vida.

E quem surpreende ao falar é o Sr. Luiz. —É apenas isso que importa para nós, meu filho. A sua felicidade. Seja bem-vindo a família Maurício. — Diz e estende a mão para ele, que imediatamente solta a mão do Bento e aperta a do nosso sogro.

—Muito obrigado, senhor. — Ele responde um pouco tímido.

Dona Marta então diminui a distância e fica bem de frente para ele, e como sempre, carinhosa como é, levanta as mãos e segura seu rosto. —Seja bem-vindo a nossa família, meu filho. Mas esteja ciente que depois que entrar nela eu vou te colocar debaixo da minha asa e tratá-lo como um filho. Mimar, proteger, cobrar, dar carinho... ou seja, o pacote completo.

—Dona Marta, eu vou adorar ser tratado desse jeito que a senhora falou. E olha, eu prometo cuidar do Bento, fazê-lo feliz e o proteger com a minha vida se for preciso. Eu sei que tem pouco tempo que nós nos conhecemos, mas eu sinto como se em outras vidas nós já tivéssemos nos encontrado.

—Que lindo isso que você disse, meu filho. E é assim mesmo que é o amor, você sente como se pertencesse a àquela pessoa de outras vidas. Vocês já tinham a minha aprovação, agora então... — Ela olha para o filho e se dirige a ele. —Eu já disse e repito Bento, eu só quero ver você feliz e

formando sua família. A única coisa que me importa é ter todos vocês bem juntinhos de mim.

—Eu estou feliz, mãe. E prometo que vamos ficar todos juntos do jeito que a senhora gosta.

Como é bom ver o meu amigo feliz. Amando e sendo amado! Finalmente encontrando uma pessoa que vale a pena.

O Maurício está radiante, assim como o Bento, eles conversam um pouco e a Dona Marta pergunta várias coisas sobre o hospital e sua vida, ele então parece se lembrar que está no meio do plantão e fala um pouco triste. —Eu gostaria muito de continuar aqui com vocês, mas preciso voltar ao trabalho.

Dona Marta sorri e deixa um beijo em seu rosto. —Claro, meu filho. E muito obrigada por ter ajudado minha Malu quando ela chegou aqui e por ter socorrido o Guilherme.

—Não precisa agradecer, Dona Marta. Eu já os considerava minha família, por isso, não foi nada demais. Eu lutaria até o fim pela vida deles.

Ele se despede de todos e quando vai falar comigo eu pergunto. —Você poderia me levar até o local que o Max está?

—Quem é Max? — Ele pergunta, e acabo me esquecendo que ele não estava presente quando o outro médico falou comigo.

—Max é o outro envolvido no que aconteceu hoje. Um médico me disse que as chances dele sobreviver são quase nulas, mas que ele pediu que eu fosse vê-lo.

Ele fica um pouco confuso, mas cede. —Certo, eu vou verificar onde ele está e te acompanho até lá.

Dona Marta chega perto de mim. —Você tem certeza que quer ir até lá? Nós não sabemos o que ele pode querer com você. O que pode falar. Podem ser coisas ruins que você não merece ouvir, minha filha.

—Eu preciso ir. Se eu não for vou ficar remoendo isso dentro de mim por um bom tempo, talvez para sempre. Querendo ou não ele fez parte da minha história, ele é o pai biológico do meu bebê, e eu acho que mereço saber pelo menos porque ele veio atrás de mim e se uniu a Lia.

—Eu vou com você então. — Ela diz decidida.

—Não. Por favor. Eu preciso fazer isso sozinha.

Ela respira fundo e muito contrariada aceita minha decisão, me abraça e diz: —Não importa o que ele diga, nós somos a sua família e estaremos aqui te esperando.

—Eu amo a senhora. — Digo o que está dentro de mim, sem me importar se serei retribuída.

Seus olhos se enchem de lágrimas quando ela me abraça de novo dizendo. —Eu também, minha menina. Amo muito você e meu netinho.

Saio do seu abraço e ando até o Maurício que já está me esperando com a porta aberta, sabendo que agora terei que enfrentar de cabeça erguida o meu passado, o homem que um dia amei e que hoje quase destruiu a minha vida.

O Maurício pede que eu aguarde um pouco em uma cadeira, bem perto de onde estávamos há algum tempo esperando notícias do Guilherme, dizendo que vai verificar com o médico que falou comigo qual a situação do Max e se eu ainda posso vê-lo.

Enquanto aguardo fico pensando e minha mente acaba me levando até uma pessoa.

Lia.

Onde será que ela está? Como uma pessoa pode chegar ao ponto de cometer uma loucura dessas por um homem? Acabar com a própria vida e a de outras pessoas.

Isso que ela sente pode ser chamado de amor? Para mim não, porque o amor é sublime e bondoso. O que ela tem pelo Guilherme é uma obsessão. Um sentimento ruim, que faz mal, que destrói, degrada, machuca.

O Maurício volta e me guia pelos corredores até chegarmos a uma porta fechada. Ele para por um momento como se estivesse indeciso se me deixa entrar ou não. —Malu, olha... a situação dele não está boa. Para falar a verdade, nada boa. Ele está muito fraco e nem sei se vai conseguir falar. Tem certeza que quer entrar e ver isso?

—Tenho. Eu preciso entrar.

Ele respira fundo derrotado. —Está bem. Mas eu vou ficar aqui fora e se você precisar é só me chamar.

Abro a porta e entro de uma vez, sem me dar muito tempo para pensar e

acabar desistindo, e a cena que vejo faz o meu coração doer. O Max está em cima de uma maca, e pelo que parece apenas um lençol cobre o seu corpo. Seu corpo está imóvel, seus olhos fechados e sua cor pálida, quase cinza. O cheiro no local é horrível, parece cheiro de morte.

Meu coração acelera a cada passo que dou para perto dele, e quando chego bem ao seu lado, os seus lábios ressecados se abrem e um sussurro sai dali. —Malu...

—Eu estou aqui. — Respondo, não sei mais o que falar ou fazer, então fico parada esperando.

Ele parece fazer um esforço sobre humano e abre as pálpebras, fixando os olhos em mim. —Eu sabia que era você. Reconheceria o seu perfume a quilômetros de distância. — Ele apenas me fita por um momento, como se estivesse tentando pensar no que falar. —Que bom que você veio. Eu tive... tanto medo que você se machucasse, ou o nosso filho.

Escutar ele falando do meu bebê dessa forma, o chamando de filho dele, é como uma faca cravada no meu peito. Como eu quis há um tempo atrás ouvir isso da boca dele.

—Eu sabia que você viria, porque você é a pessoa com o coração mais puro que eu já conheci na vida, e eu... — Ele não consegue terminar a frase porque começa a tossir e vejo um pouco de sangue sair da sua boca.

—Max, não fala. Você precisa se poupar.

—Não, eu preciso falar. O meu tempo está se esgotando.

—Não fala assim, você vai ficar bom.

Digo tentando fazer ele se sentir melhor, mas ele abre um pequeno sorriso triste. —Viu como você é a pessoa com o coração mais lindo do mundo? Mesmo depois de tudo que eu fiz está aqui a pedido meu e ainda tentando me confortar. Eu sei que não vou ficar bem, Malu. E a culpa é toda minha. — Ele diz e uma lágrima escorre pelo seu rosto.

—Max...

—Não, deixa eu terminar, por favor. Eu preciso que você saiba de tudo. Do porque eu comecei aquela mentira que trouxe a gente até esse momento. Você pode me ouvir?

—Eu vou te ouvir, Max.

Ele fecha os olhos por um breve segundo, tentando se controlar.

—Quando eu era mais novo me envolvi com uma mulher e me apaixonei loucamente, depois de um tempo juntos, já com casamento marcado e tudo pronto para a nossa vida, eu a peguei me traindo. A peguei na cama com o seu primo que ela vivia me dizendo que era como seu irmão. Ela estava lá, nua na cama com ele, quando escutei ele perguntando como eles fariam quando a gente se casasse, e ela apenas respondeu: "Fica tranquilo, porque enganar aquele imbecil é mole, e eu só vou ficar com ele até arrumar uma barriga e garantir uma pensão bem gorda para quando me divorciar". — Ele para por um momento como se reviver aquilo o fizesse mal. —Eu não vou te dizer o que aconteceu depois porque não foi bonito, o importante é que eu entrei em depressão e quase me matei, e quando melhorei jurei para mim mesmo que nunca mais ia me apaixonar por ninguém, que todas as mulheres eram interesseiras e só queriam o meu dinheiro. Então você apareceu... — Ele para de falar e tem outra crise de tosse, dessa vez mais sangue sai da sua boca e eu me desespero, viro para chamar alguém, mas ele segura meu pulso fracamente.

—Max, eu vou chamar um médico.

Ele ignora e continua. —Então você apareceu e eu me vi deslumbrado pelo seu jeito de ser, mas continuava com aquilo na cabeça, eu não conseguia deixar de pensar no que aconteceu com aquela mulher, e então veio a ideia estúpida de me passar por pobre para ver se você realmente me amava por quem eu era e não pelo meu dinheiro. Você pode pensar que foi fácil, mas não foi. Eu estava me sentindo cada vez mais sufocado com aquela mentira, e eu te amava tanto que resolvi acabar de vez com aquilo. Eu ia te pedir em casamento, Malu. Mas aí você falou que estava grávida e tudo o que aquela mulher fez e falou voltou com tudo para a minha cabeça e eu me perdi. Fiz e falei coisas que eu me arrependo de uma forma que você nem pode começar a imaginar.

—Eu nunca quis o seu dinheiro.

—Eu sei, hoje eu sei. Na verdade eu soube um pouco antes de você sair da cidade. Eu passei dias me martirizando por você ter perdido o bebê, e um dia o meu pai teve uma conversa séria comigo e me fez abrir os olhos. Ali eu vi que você nunca me enganou, que você acreditava em mim de olhos fechados e nem imaginava quem eu era. — Ele me olha com pesar. —Eu

nunca vou me perdoar pelas coisas que eu falei para você. Em como fui cruel sem que merecesse. Mesmo assim eu fui atrás de você, eu ia implorar o seu perdão, mas você já tinha sumido.

—E como você me achou aqui?

—A Lia. — Ele para de falar e mais uma lágrima rola pela sua face. — Ela me procurou, disse que você estava aqui e grávida. Eu não acreditei de início, mas ela me contou o que aconteceu com você e com o Bento e me mostrou fotos suas. Eu não pensei duas vezes e vim correndo para cá, mas quando cheguei e fui atrás de você te vi aos beijos com o irmão do Bento. Aquilo foi um baque para mim e eu fiquei desnorteado, então ela me disse que ele era namorado dela e a abandonou por sua causa, e que nós tínhamos que nos unir para separar vocês.

—Ele não era namorado dela, Max.

—Eu acreditei nela, Malu. Eu estava tão desesperado para ter você de volta que embarquei nesse plano maluco que ela criou, mas eu juro que eu nunca imaginei que ela ia tentar te machucar. Eu nunca a deixaria tocar em você ou no nosso filho. — Ele respira fundo e continua. —Eu sei que eu perdi a cabeça quando te encontrei hoje, mas fiquei louco imaginando que você havia me trocado por outro homem e achei que poderia te mostrar que nós nos amávamos. Nada justifica o que eu fiz, mas quando eu vi aquela arma apontada para a sua cabeça, eu me dei conta de como tudo aquilo estava errado. Eu lutei com ela, Malu, mas no meio da luta a arma disparou e me acertou, logo depois disparou de novo e dessa vez atingiu o Guilherme. O meu maior medo era que você tivesse sido atingida, e quando vi o desespero dela por ter atirado nele aproveitei e mandei ela fugir enquanto era tempo. Assim ela não teria chance de te machucar. Eu não fiz isso para protege-la, Malu. Eu fiz para proteger você.

—Max, eu não sei o que dizer. Tanta dor foi causada, tanto sofrimento foi vivido por causa de uma única mentira. E eu menti também, quando falei que tinha perdido o bebê. Eu me sinto tão mal por isso, por você ter sofrido pensando que tinha causado a perda do bebê. Me desculpa.

—Você é única, Malu. Depois de tudo ainda me pede desculpas. — Ele diz e me dá um sorriso melancólico. —Não precisa se desculpar porque eu sei que a culpa é toda minha, e você não sabe como me arrependo de tudo o que causei. Por causa de escolhas mal feitas eu perdi você. Por causa do meu

egoísmo eu não vou poder ver o meu filho nascer. Mas eu não vou embora completamente triste, porque eu te amei e fui extremamente feliz durante o tempo que estivemos juntos. Mas eu preciso saber de uma coisa. Eu te fiz feliz?

O meu coração se aperta, ele está se despedindo, e por mais que eu queira sentir raiva dele por tudo o que passei, agora consigo entender um pouco melhor as suas atitudes, mesmo ainda crendo que ele não devia ter mentido daquela forma para mim.

—Antes de te responder eu preciso que você me fale uma coisa. Quando nós estávamos juntos, você era o Max verdadeiro ou aquele cara também era uma mentira?

—Eu nunca fui tão eu como naquele tempo que estivemos juntos. — Ele fala e vejo sinceridade em seus olhos.

—Então sim, Max, eu fui muito feliz.

Ele fecha os olhos e abre um sorriso, mas logo em seguida suas feições se contorcem e ele geme, parece estar sentindo muita dor.

—Max?

Ele parece estar lutando para permanecer aqui, e quando abre os olhos de novo sei que ele está prestes a partir para sempre.

—Como eu queria poder voltar no tempo e fazer tudo diferente, Malu. Infelizmente eu não posso, e o meu tempo aqui acabou, mas só de saber que eu te fiz feliz mesmo que um pouco eu já vou mais tranquilo. — Ele parece aliviado. —Malu, você pode fazer uma última coisa por mim?

—Claro, Max. — Respondo com as lágrimas já ameaçando cair.

—Eu sei que eu não mereço, mas... eu posso tocar a sua barriga?

Aceno com a cabeça e me aproximo, eu não poderia negar isso a ele.

Pego sua mão gelada e levanto minha blusa, um arrepio sobe pela minha coluna ao sentir o contraste da quentura do meu corpo contra a palma da sua mão fria.

Ele começa a chorar e eu permito que as lágrimas rolem pela minha face.

Choro de tristeza porque sei que ele está se despedindo e pela família

que poderíamos ter sido.

Não o amo mais, mas um dia, por mais que não queira admitir, eu o amei, não como amo o Guilherme, mas amei. E vê-lo assim, tão frágil, abrindo seu coração e assumindo sua culpa, faz o meu peito se contorcer.

Ele então faz um esforço, como se fosse o último e sussurra ainda olhando para o meu ventre. —Eu sei que eu não posso te chamar de filho, porque eu te rejeitei e quase fiz sua mãe perder você, mas eu me arrependi... — Ele para de falar tentando controlar as lágrimas. —...e eu quero que você seja muito feliz e cresça igualzinho a sua mãe. Com caráter, coração puro e tão lindo quanto ela. — Ele então olha para mim e pede, praticamente implorando com os olhos por uma resposta. —Me perdoa, Malu?

—Max... eu... eu te perdoo. — Falo entre os soluços.

Ele sorri e fecha os olhos, no mesmo instante sua mão tomba da minha barriga e os aparelhos ligados a ele começam a apitar freneticamente.

Dou um passo para trás, tampando a boca com as mãos para não gritar por estar presenciando um momento tão triste como esse.

Ele se foi.

Para sempre.

A porta é aberta e várias pessoas entram, sinto meu corpo sendo empurrado e puxado para fora.

O Maurício me segura contra ele e abraça o meu corpo que só agora percebo estar tremendo.

—Ele... se... foi... — Falo com a voz abafada em sua camisa.

—Sim, Malu. Ele se foi. Foi melhor para ele. Vamos, vou te levar até os pais do Bento.

—Eu já posso ver o Guilherme? — Pergunto porque depois do que eu vi e ouvi, eu preciso dele.

—Ele já foi levado para o quarto, mas ainda está sedado. Fica tranquila que logo ele vai acordar e vocês poderão vê-lo. — Ele diz e me guia pelos corredores do hospital.

Apesar de estar com o coração pesado por ter presenciado a morte de uma pessoa que um dia já foi tão importante para mim, uma sensação de

tranquilidade vai se infiltrando no meu coração, porque apesar do Max ter deixado esse plano, ele foi em paz. Ele conseguiu ir sem mágoas. Eu pude entender o porquê das suas atitudes e consegui perdoa-lo.

Capítulo 52

Malu

Esperar.

Não sei quantas vezes já ouvi essa palavra hoje.

Esperar e ser paciente.

Será que as pessoas não entendem que eu não posso ser paciente quando sei que o Guilherme já saiu da cirurgia e está no quarto? Que eu não posso ser esperar e me manter sã enquanto eu não ver com os meus próprios olhos que ele está bem? Que ele está vivo!

A cena do Max morrendo ainda está fresca na minha memória, e eu não consigo parar de pensar que algo pode dar errado e o Guilherme me deixar.

O médico responsável pela operação veio até o quarto do Bento e disse que o Guilherme está sedado e que de nada adiantaria ficarmos lá com ele.

Claro que adiantaria.

Eu seguraria sua mão e diria que estou ali esperando por ele. Eu, nossa filha, seus pais, o Bento e até o Mauricio. Torcendo e rezando para que ele se recupere logo.

Ele sentiria a minha presença e acordaria mais rápido. Eu tenho certeza disso.

Mas o homem foi irredutível, dizendo que apesar da cirurgia ter sido um sucesso e nenhum órgão vital ter sido atingido que precisavam ver primeiro como ele acordaria, como seria a reação do seu corpo para depois permitir que nós fôssemos vê-lo. Dizendo ainda que ele perdeu muito sangue e seu corpo estaria fraco.

Ouvir isso me deixou ainda mais ansiosa e eu indaguei "como assim a reação do corpo dele? "

O médico então informou que mesmo que o atendimento tendo sido feito rápido e que os profissionais tenham sido excelentes nos primeiros socorros que o corpo dele poderia ter algumas sequelas, mas que estava

confiante que nada daquilo aconteceria.

Eu estava pronta para brigar, gritar e obrigar o homem a deixar que eu fosse ao seu quarto, porque tudo o que ele disse só serviu para me deixar ainda mais angustiada. Mas quando abri a boca para retrucar, o Bento vendo o meu estado e me conhecendo bem, levantou da cama, pegou meu braço e me sentou no colchão macio da cama do hospital. Logo depois se jogou ao meu lado e me abraçou, sabendo o quanto eu precisava daquilo.

Ele sempre sabe o que eu preciso.

Ele tentou me tranquilizar dizendo que eu deveria manter a calma, que isso não faria bem a mim ou ao afilhado dele, e que o importante era que o Guilherme estava se recuperando e que logo nós poderíamos vê-lo.

—O pior já passou, Malu. Você precisa acalmar esse seu coração. — Ele disse para mim.

Então eu olhei para ele e fiz a seguinte pergunta: —Se fosse o Mauricio lá você manteria a calma? Se tivesse a mínima chance que algo desse errado e você o perdesse para sempre você ficaria tranquilo?

Seu olhar ficou um pouco perdido, na certa se imaginando no meu lugar e o Mauricio na posição do Guilherme, então apertou minha mão para depois dizer. —Não, eu estaria quebrando esse quarto inteiro, talvez até a cara do médico que estivesse me impedindo de ir até ele. Mas eu acabaria ficando aqui e me acalmando. Sabe por que? — Nego com a cabeça. — Porque eu teria você aqui ao meu lado pronta para me trazer de volta para a realidade, falando para mim exatamente o que eu acabei de dizer e me mostrando que o melhor que podemos fazer é esperar, portanto a senhorita vai ficar aqui do meu lado e tentar descansar um pouco.

—Na verdade eu quebraria a cara do médico enquanto você corria para o seu amor. — Digo entre os dentes e ele sorri.

—Mentirosa... está falando isso para que eu te ajude, mas não vai adiantar. — Ele passa a mão no meu rosto. —Eu sei que você não está bem desde que voltou da conversa com o Max. Eu sei que o que viveu foi pesado. Quer me contar o que o Max te falou? Vai fazer bem para você desabafar.

Meus olhos se enchem de lágrimas. —Foi tão triste, Bento. Eu não estava preparada para aquilo, mas sabia que tinha que enfrentar porque seria a última chance de conversar com ele.

—Você foi muito corajosa, Malu. Eu não sei se teria conseguido.

—Ele disse que sempre me amou, me contou que foi traído e humilhado por uma mulher que só queria o dinheiro dele. Que foi por isso que mentiu para mim, por medo de sofrer tudo aquilo de novo, de ser enganado novamente e cair em depressão como da primeira vez. Ele chorou e disse que se arrependeu, que foi atrás de mim, mas a gente já tinha saído de lá.

—Você perguntou por que ele veio atrás de você?

—Ele disse que foi a Lia que o procurou, que enlouqueceu quando me viu com o Gui, que se uniu a ela para nos separar. Mas jurou que não sabia que ela ia me machucar, que ele nunca ia aceitar isso. Que se pudesse voltar atrás faria tudo diferente. Desde o começo. — Fecho os olhos quando meu coração se aperta ao lembrar das suas palavras. —Ele também pediu perdão e... e eu o perdoei Bento. Apesar de tudo o que ele me fez, eu o perdoei. Eu não poderia deixar ele partir sem o meu perdão, ainda mais quando eu vi a sinceridade em cada palavra dele. Eu precisava tirar essa pedra do meu peito.

—Você fez o certo minha amiga. A gente não deve levar rancor nem mágoa no coração. Ainda mais de uma pessoa que se arrependeu e pediu perdão. A vida é curta demais para isso. Mas agora passou, e o que importa é que você, o bebê e o Guilherme estão bem.

—Eu sei, mas tem uma coisa que não sai da minha cabeça.

—O quê?

—A Lia. Onde será que ela está, Bento? — Meu amigo fica pensativo. —Ela não está bem. Está completamente descontrolada. Você não tem ideia do olhar louco que ela tinha no rosto, da sua risada nervosa, da sua histeria.

—O que eu sei é que a polícia está atrás dela, inclusive você vai ter que prestar depoimento, mas eles garantiram que ela não vai a lugar nenhum sem que eles saibam e já estão vasculhando cada canto da cidade atrás dela.

—Como você sabe disso tudo?

—O pai me contou. Você sabe que ele tem muito prestígio por aqui, e quando as autoridades souberam o que aquela maluca fez, acionaram todos para ajudar nas buscas. Fica tranquila que eles vão encontrá-la.

—Eu espero que sim, Bento. Tenho medo que ela possa fazer algo

contra a gente de novo.

Quando termino de falar o Maurício entra com o rosto um pouco preocupado, e eu fico tensa no mesmo instante.

Ele olha para todos e quando finalmente chega no Sr. Luiz, que está perto da janela conversando com a Dona Marta, ele fala. —Sr. Luiz, será que poderíamos falar um minuto?

Sem que pudesse me controlar levanto da cama e vou na direção dele. —O que aconteceu com o Guilherme?

Ele parece surpreso com o meu desespero. —Nada, ele continua dormindo, Malu. — Vejo sinceridade em suas palavras e relaxo um pouco. — Apenas algumas questões é... questões... burocráticas para resolver.

Essa parte é mentira. Vejo pela forma como sua face fica corada e ele gagueja.

—Seja o que for meu filho, melhor falar na frente de todos logo. Porque eles não vão sossegar enquanto não souberem. — Agora é a Dona Marta quem fala.

O Maurício respira fundo, parece que tentando buscar as melhores palavras. —Certo, os pais do Max estão no hospital exigindo saber quem é a mulher que o filho veio atrás. Querem respostas para a morte do filho, e estão ameaçando tudo e todos lá fora.

—Eu não quero vê-los.

—E nem vai. — Dona Marta se posiciona ao meu lado e o Sr. Luiz do outro.

—Se eles querem conversar com alguém será comigo e com a Marta. — Meu sogro diz, e eu não poderia ser mais grata por eles estarem ao meu lado. —Eu sei quem são eles, depois que o Max apareceu eu o investiguei e descobri tudo sobre sua família. Pelo que vi o seu pai é um homem decente, já não podemos falar o mesmo da mãe.

—Sim, é ela mesmo que está criando esse problema todo. — Fala o Maurício.

Dona Marta empina o nariz, alisa a roupa e dá um passo para frente. — Pois se ela quer conhecer alguém, será a mim. Ela que não pense que irá atacar a minha menina. Vamos Luiz, que essa briga é nossa.

—Não, Dona Marta. É melhor não. — Peço.

—É melhor sim, minha filha. Assim eles vão ver que você não está sozinha e que tem quem a defenda. — Então se vira para o marido. —Vamos Luiz.

E assim eles saem do quarto com o Maurício logo atrás, viro o rosto para o meu amigo que sorri para mim. —Você devia acreditar quando ela disse que ao entrar na família é o pacote completo.

—Eu só não queria problemas para eles.

—E não vai ter. Eles sabem como lidar com pessoas como eles. — Ele bate com a mão na cama. —Agora vem aqui, quero te contar umas coisas.

—Sobre o Maurício? — Aperto os olhos para ele.

—Claro que sim. Preciso te inteirar dos detalhes mais sórdidos de tudo o que aconteceu.

Vou correndo para a cama e me sento ao seu lado. Eu realmente estava curiosa sobre ele e seu novo amor. Mas quando ele vai começar a falar eu o paro. —Espera, você está tentando me distrair?

Ele sorri. Aquele sorriso de garoto dele. —Está dando certo? — Dou um tapa em seu braço. Ele coloca a mão no local e massageia. —Merda! Doeu.

—Era para doer mesmo, por você estar tentando me distrair.

—Eu quero sim te distrair, Malu. Mas também estou louco para te contar tudo.

Sorrio para ele e escuto cada palavra de tudo o que aconteceu desde que eles ficaram a sós no dia que os deixei alegando estar cansada. Os olhos do meu amigo brilham, a felicidade estampada no seu rosto. E eu penso que para o meu coração ficar completo só falta o meu Gui acordar.

Ouço atentamente tudo o que o meu amigo diz, sabendo o quão feliz ele está vivendo esse novo amor. Se tem alguém nesse mundo que merece essa felicidade plena é ele.

Pelo que ouvi o Maurício é bem decidido, e quando perguntou sobre eles se assumirem e meu amigo pediu um tempo para conversar com os pais, ele foi sucinto ao dizer: "Se decida Bento, porque para mim é tudo ou nada."

—Eu não acredito que depois de tudo você ainda pediu um tempo a ele Bento.

—Malu, pelo amor de Deus. Acabei de assumir para os meus pais que sou gay. Eu estava nervoso de apresentar alguém a eles.

—Você sabe que seus pais são maravilhosos não sabe? E eles...

Não consigo terminar a frase porque a Dona Marta e o Sr. Luiz entram. Eles imediatamente me olham e a mulher diz: —Tudo resolvido.

—O que aconteceu?

—Nada demais. Aquela mulher nojenta achou que ia falar mais alto e ganhar as coisas gritando. Eu só não me deixei levar pelas coisas que ela disse porque tenho consciência que ela acabou de perder um filho e está fora de si. Eu sinceramente não sei como estaria se fosse um dos meus. Enfim, você não precisa mais se preocupar com eles.

—Mas eles sabem do meu filho?

—O pai do Max sabia que você estava grávida e tinha perdido o bebê, parece que o Max não chegou a dizer a eles a parte que você continuava grávida, somente que estava vindo te buscar. Como eu disse, fica tranquila minha filha, nós já resolvemos tudo e eles não vão mais nos perturbar.

—E quanto ao seu depoimento já conversei com o delegado e prometi amanhã levá-la até a delegacia. — O Sr. Luiz fala me tranquilizando.

—Obrigada. — Corro na direção deles e os abraço. —Não sei o que seria de mim sem vocês.

—Você é nossa família, Malu. E nós sempre vamos estar aqui para você. — Ela diz.

Abro a boca para agradecer de novo, mas a porta se abre e vejo uma enfermeira com o rosto assustado nos encarando.

—Maria Luísa está aqui?

Meu coração acelera e parece que vai sair pela boca. —E-eu. Sou eu.

—Eu preciso que você venha rápido comigo.

Tenho até medo de perguntar, mas as palavras acabam saindo sem controle. —Por que? O que houve?

—O Sr. Guilherme acordou e está agitado gritando o seu nome. O Dr.

Maurício pediu que eu viesse te buscar porque se ele não se acalmar precisará sedá-lo de novo.

—Não, isso não.

Vejo as lágrimas caindo do rosto da mulher que aprendi a amar como mãe, tão aliviada quanto eu por seu filho ter acordado, e fico indecisa se vou ou peço para ela ir primeiro, mesmo sabendo que ele chama por mim.

Não importa que eu ame o Guilherme com todas as minhas forças, ela é mãe, e seu amor por ele é incondicional.

Ela parece perceber o que estou pensando quando abre um sorriso em meio ao choro e fala: —Vai, Malu. Ele está pedindo por você. Nós estaremos logo atrás.

Ela não precisa falar duas vezes, saio do quarto às pressas, praticamente arrastando a enfermeira junto comigo. Minha vontade é correr e deixá-la para trás, mas como se eu não sei onde ele está? Por isso eu seguro seu braço e a puxo, ela tropeça, mas logo entende a minha pressa e começa a andar mais rápido, acompanhando os meus passos.

Eu já esperei muito tempo. Eu já fui paciente demais. E agora, que eu sei que ele acordou, que chama por mim, eu não posso aguardar nem mais um segundo. Eu preciso estar no mesmo local que ele, ver o seu rosto, o seu corpo, o seu sorriso. Me perder nos seus olhos azuis e ter certeza que tudo vai ficar bem.

Entramos em um longo corredor cheio de portas e ela desiste de me acompanhar. —Última porta a esquerda. Quarto 304.

—Obrigada. — Respondo, mas não sei se ela ouviu, porque eu já estava correndo.

Quanto mais perto eu chegava, mais o meu coração acelerava. Não fiz como naquelas cenas de filmes e nos livros de romance que a mocinha para na porta tentando controlar seus batimentos cardíacos e se preparar para ver o seu amor.

Não. Eu jamais poderia fazer isso. Não quando apenas uma porta me separava dele. Do meu Gui.

Antes mesmo de alcançar a porta minhas mãos já estavam na maçaneta a girando e empurrando-a aberta. E quando o fiz e coloquei os pés dentro do

quarto senti que todo o ar tinha saído dos meus pulmões.

Minha respiração travou e meu coração parou por um breve segundo para em seguida acelerar loucamente como se estivesse tentando se unir a sua outra metade.

Meus olhos se fixaram naquela imensidão azul que eu tanto amo, e como sempre acontecia, me perdi eu seus olhos.

Dessa vez não tentei me segurar, deixei que me perdesse, me deixei vagar dentro daquelas íris que tanto me cativam. Que tanto me dizem.

Eu só consegui ouvir a voz do Maurício dizendo. —Eu disse que ela estava bem.

Mas não conseguia pensar em mais nada ou focar em qualquer coisa que não fosse o homem sentado, recostado na cabeceira da cama do hospital olhando dentro dos meus olhos com uma intensidade tão grande que parecia me virar do avesso.

Eu não conseguia me mover. Eu queria, mas eu não conseguia. Ele também nada falava, apenas me encarava, nem se mexia. Parecia também não respirar. Era como se tivesse o mesmo medo que eu. Medo de piscar, fazer algum movimento e tudo isso desaparecer. Medo de tudo isso ser um sonho e não estarmos juntos.

Medo que o pesadelo que vivemos tivesse tomado outro rumo e não estivéssemos aqui.

—Eu vou deixar vocês dois sozinhos. — A voz do Maurício soa novamente lá no fundo da minha mente e logo depois ouço o barulho da porta batendo atrás de mim.

E então a realidade bate em mim.

O Guilherme está vivo.

Está aqui na minha frente.

Vivo!

Eu não vou mais precisar seguir em frente sem ele.

Eu não vou ter que falar dele para nossa filha.

Ele vai estar junto com a gente. Acompanhando cada momento da nossa vida. Me amando, amando nossa filha e sendo amado de volta.

Sem que eu perceba um soluço escapa da minha garganta e lágrimas inundam os meus olhos, rolando imediatamente pela minha face.

Os seus olhos não estão diferentes, estão mais brilhantes e sei que ele está lutando para não se entregar.

—Você... você... Gui... — Quero falar, mas não consigo formar uma frase coerente em meio aos soluços. A emoção é tanta que as palavras não saem.

Tento secar o rosto com as costas das mãos, preciso mostrar a ele que estou bem, mas está tão difícil.

Em meio a nebulosidade que as lágrimas estão causando em meus olhos consigo ver que ele levanta o braço direito, o que está mais perto de mim, e levanta a mão. Na verdade ele me oferece a mão, em um gesto que me chama para ele.

Ali eu entendo que ele também está embargado, dominado pelas emoções. E palavras não são necessárias nesse momento.

Então eu paro de tentar ser forte, paro de tentar procurar palavras e simplesmente me deixo sentir. Meus pés avançam e me levam de encontro a ele, meu corpo busca o seu, mas assim que me aproximo freio minhas vontades.

Ele acabou de ser operado, precisa de cuidados.

Seguro sua mão na minha ainda sem tirar os olhos dos seus. Ele levanta a outra mão e acaricia o meu rosto. E mesmo não querendo fechar os olhos ao sentir o toque suave da sua pele contra a minha, eu faço, eu os fecho, porque senti tanto medo dele nunca mais me tocar que a sensação é como um bálsamo para o meu coração inquieto.

Sua mão acaricia todo o meu rosto como se quisesse ter certeza de que eu estou de fato ali, a outra larga minha mão e vai direto para a minha barriga, em uma carícia suave. Tocando a nossa menina.

Sem nenhuma palavra ele me diz tudo o que quer que eu saiba. Que ele nos ama, que está ali por nós. Que lutou pela gente.

Abro os olhos e vejo os seus ainda fixos em mim, de repente vejo suas pupilas se dilatando ao mesmo tempo que os seus dedos se embrenham nos cabelos da minha nuca e puxam minha boca de encontro a sua.

Eu não o paro, eu não posso parar. Eu preciso disso tanto quanto ele.

O beijo começa lento, apenas um toque suave, como se ele estivesse de novo me provando pela primeira vez. Ele roça os lábios nos meus como uma pluma, então sua língua aparece e lambe o contorno da minha boca, pedindo permissão. E assim que eu a abro e nossas línguas se encontram eu sinto meu coração se encher de alegria, de desejo, de felicidade, de amor.

O beijo que antes era calmo, com nossas línguas imitando uma dança sensual, se degustando, se provando, agora está intenso, desesperado, cheio de saudade.

Sinto o gosto salgado das minhas lágrimas que não param de cair, e ao colocar a mão em seu rosto sinto a umidade ali também. Ele está chorando, e enquanto nos beijamos e provamos o gosto das nossas bocas misturado com o salgado das nossas lágrimas, eu sinto que nada poderia ser tão certo. Eu e ele. Nós dois. Entendo ali que estamos recebendo uma nova chance para ficarmos juntos, para nos amar, para ser uma família.

O beijo se torna mais exigente, mais rude, e a mão que estava em minha barriga agora rodeia o meu corpo. Seu braço enlaça a minha cintura e me cola a si. No mesmo instante ele geme de dor e eu abro os olhos ciente que o machuquei.

Tento me soltar, mas ele não me larga, apenas o suficiente para que ainda possamos sentir o calor do corpo um do outro sem que ele sinta dor, e mesmo que a minha posição esteja desajeitada, eu não sairia daqui por nada nesse mundo.

O primeiro a falar é ele, após um longo tempo em que ficamos apenas nos namorando com os olhos. —Malu... minha Malu. Eu tive tanto medo.

—Eu também meu amor. — Digo acariciando o seu rosto. —Mas o que importa é que você está bem, e nada de ruim aconteceu com você.

Ele balança a cabeça em negação. —Eu não tive medo por mim. Eu tive medo por vocês. De não ter conseguido proteger vocês. Pouco me importava o que estava acontecendo comigo, eu só precisava que vocês estivessem seguras.

—Nós não sofremos nada graças a você Gui. Você nos salvou. Mas por favor, nunca mais faça isso. Eu não ia conseguir sem você. Eu não posso viver em um mundo sem você.

—E eu não consigo pensar em um mundo sem você e a nossa filha. Ele seria triste sem a sua alegria, sem o seu coração bondoso, sem o seu amor que contagia a todos. E ela merece o direito de nascer e crescer, tão linda quanto você. Eu fiz e faria tudo de novo quantas vezes forem precis...

Ele para de falar e faz uma careta de dor. —O que foi? — Pergunto alarmada. —Eu vou chamar um médico.

Ele segura minha mão e nega. —Não precisa, é só um incômodo nas minhas costas. O Maurício disse que eu não podia ficar sentado, que preciso ficar deitado por pelo menos 24h, mas eu não conseguia ficar parado, eu precisava ver você, saber como você estava. Eles diziam que você estava bem, mas eu só pensava que eles estavam mentindo, e a minha vontade era sair dessa cama e ir atrás de você e ver por mim mesmo.

—Então deita, meu amor. — Saio do seu aperto e o ajudo a se deitar, mas em nenhum momento ele tira as mãos de mim. É como se ele precisasse saber que eu sou real e estou de fato ao seu lado. O acomodo até que ele fica confortável, então sento na beirada da cama e seguro sua mão na minha. — Está melhor assim?

—Você está aqui, então eu ficaria bem de qualquer forma. — Ele fala de forma apaixonada e eu derreto. Então me olha sério e pergunta. —O que aconteceu com eles?

Não preciso perguntar de quem se trata. Sei bem que "eles" significa Max e Lia.

—A Lia fugiu, o Max aproveitou o desespero dela por ter atirado em você e a incentivou a fugir com medo que ela tentasse algo contra mim.

—Mas que merda! E o Max?

—Ele... — Respiro fundo. —Ele morreu.

—Eu não posso te dizer que estou triste com isso, Malu. Deus sabe o desespero que eu senti quando recebi a sua mensagem pedindo socorro, e o ódio que tive quando o vi te agarrando naquele beco. Por mim acho que eu teria matado ele com minhas próprias mãos, mas quando a Lia apareceu com aquela arma e apontou para você, eu me vi de mãos atadas... parecia que o meu mundo ia cair. E foi por isso, pelo meu desespero em querer te ver livre e longe daquela mulher que eu acabei me unindo a ele. Porque eu percebi que ambos tínhamos um único intuito. Salvar você.

—Como assim?

—Eu estava sem saber o que fazer, então ele fez um sinal que se aproximaria dela e eu entendi. Ele iria distraí-la para que eu pudesse te proteger. Até pensei que fosse alguma jogada dele, mas eu não tinha outra saída e decidi arriscar.

—Você foi um louco. Eu quase morri com a possibilidade de você me deixar.

Ele sorri, aquele sorriso de canto que eu tanto amo. —Você acha mesmo que um tiro ia me tirar de jogada? Você acha mesmo que eu ia deixar você aqui nesse mundo dando sopa para que outro homem pudesse se aproximar e te cantar? Nunca!

Sorrio da sua possessividade. Então me lembro da promessa que ele me fez fazer.

—Ora Guilherme. Não vamos esquecer da promessa que você me fez fazer... — Seu semblante se fecha na hora. —Afinal eu deveria ser feliz com outro homem. — Digo para provocá-lo.

Ele segura o meu pulso com força e me puxa para ele. Caio quase deitada em cima do seu corpo, meio de lado na cama e com a mão em seu peito. Nossos rostos bem próximos.

—Nenhum homem vai ter o que é meu. Você está ouvindo? Nenhum homem vai saber a maravilha que é ter você. Como é te beijar, te acariciar, sentir o seu gosto, te abraçar, amar... e o único que vai estar dentro de você até o fim de nossas vidas sou eu.

—Mas você disse...

—Eu estava delirando... não leve em consideração.

Sorrio e passo a mão pelo seu peito, ombros, pescoço, barba, nariz e olhos. —Eu te amo tanto Guilherme. Por favor, nunca me deixe.

—Eu também te amo Malu. De uma forma que eu nunca pensei ser possível amar. E nunca, nunca vou te deixar. Agora eu preciso de um beijo para ter certeza que essa boca é só minha. Porque eu devia estar muito louco quando fiz você prometer aquilo. — Ele diz e me puxa para ele, mas antes que nossas bocas possam se juntar há uma batida na porta. Levanto em tempo recorde, com medo de ser um médico ou uma enfermeira e brigarem por eu

estar quase em cima dele, mas quem entra segundos depois é a minha família, a nossa família.

Vejo uma Dona Marta aos prantos que corre para abraçar o filho, um Sr. Luiz que tenta segurar as lágrimas, mas está tão emocionado quanto ela e vai para o outro lado da cama abraçando os dois, um Bento que sorri e chora ao mesmo tempo e se apressa em se juntar ao abraço, e também o Maurício, que permanece ao meu lado sorrindo para aquela cena linda que estamos presenciando.

E ali naquele quarto, onde o amor transborda e enche o meu coração, eu coloco a mão no ventre e agradeço a Deus por enfim ter me dado uma família de verdade.

Capítulo 53

Guilherme

Quando o Bento acordou do coma e contou toda a verdade aos nossos pais, sobre a sua orientação sexual e sobre sua vida, eu pensei que ele estava louco. Não por finalmente se abrir para eles, mas sim por ter simplesmente jogado tudo de uma vez em cima deles, sem prepara-los ou até mesmo esperar as coisas se acalmarem.

Só que hoje, depois de ter passado pelo que passei e quase ter morrido, eu o entendo perfeitamente.

Eu entendi que ele não queria deixar de viver mais nenhum minuto da sua vida de forma plena. Ele queria poder viver sem medo, sem precisar se esconder. Sem mentiras, sem amarras, sem se sentir enclausurado dentro do próprio corpo.

Eu o entendo porque eu percebi que a vida é uma coisa frágil demais que pode ser tirada de você a qualquer minuto. Em um momento você está rindo e planejando coisas para o futuro e no outro pode não estar mais aqui com quem você ama.

Em um instante tudo pode mudar e você não pode fazer nada, simplesmente nada.

Eu já tinha me decidido há muito tempo que ia me entregar de cabeça, corpo e alma a esse sentimento que cresceu dentro de mim, mas agora eu mudei, as minhas convicções mudaram, e eu tomei uma nova decisão: Eu quero viver tudo com ela. E eu quero para ontem.

Não vou dar brechas para arrependimentos ou pensamentos negativos. Eu a quero para sempre na minha vida.

Não importa se o para sempre serão 5 dias, 5 anos ou 5 décadas, poderiam ser até 5 horas ou 5 segundos, eu ainda ia querer que fosse ao seu lado.

Eu quero viver a intensidade do nosso amor. As brigas, as reconciliações, os carinhos, as alegrias, as tristezas, o sexo, o ciúme e a

cumplicidade.

Tudo!

Eu quero tudo.

E quero com ela.

Se tem uma coisa que eu sempre valorizei nessa vida foi a minha família. E eu tenho certeza que eu, ela, nosso bebê que está a caminho e todos os outros que virão, formaremos uma família tão perfeita quanto a que eu fui criado.

Não perfeita por não ter problemas, mas perfeito por não faltar amor.

Cresci em um ambiente onde os limites eram impostos e a rédea era curta, mas o carinho era gigante e o amor maior ainda. A comprovação disso que vivi é esse sentimento que transborda do meu coração e faz lágrimas saltarem dos meus olhos contra a minha vontade enquanto sinto o abraço apertado dos meus pais e do Bento.

Eles me fecham em um casulo, como se estivessem tentando me proteger do mundo, mas ao invés de me sentir um menino protegido, eu me sinto um homem muito mais forte pelo simples fato de saber que tenho eles ao meu lado para o que der e vier.

O primeiro a sair do abraço é o Bento que tenta disfarçar o choro, meu pai sai logo depois limpando o canto dos olhos sem tentar disfarçar nada, enquanto isso a Dona Marta continua grudada a mim chorando como se nunca mais fosse me ver.

Não posso imaginar o que ela sentiu ao saber do que aconteceu comigo. Em pouco tempo seus dois filhos estiveram à beira da morte. Quando penso nisso vejo o quanto essa mulher é guerreira por aguentar todas as rasteiras da vida sem perder o amor e a bondade no coração.

Eu sempre admirei isso nela, mas nunca consegui ser assim, eu ajo por impulso e não racionalmente como ela.

Lembro do ódio que senti ao ver o Max com as mãos em cima da minha mulher, tentando beijá-la contra a sua vontade, e sem pensar eu agi e quase acabei com a sua vida, mas eu tinha controle sobre as coisas, totalmente diferente de quando a Lia surgiu e ameaçou matar a Malu e consequentemente minha filha.

Ainda posso sentir o desespero que tomou conta do meu corpo, da vontade de matá-la com as minhas próprias mãos, de trocar de lugar com minha menina, mas principalmente da sensação de impotência ao ver o poder que a Lia tinha, que em um segundo ela poderia tirar de mim os meus bens mais preciosos.

Minha mulher e minha filha.

Naquele instante eu soube que faria tudo por elas. Que daria minha vida por elas sem pestanejar, exatamente da mesma forma que minha mãe sempre disse que faria por nós.

Ali não importava o que aconteceria comigo, o importante era garantir a segurança delas, e esse foi o motivo de eu ter acordado no hospital tão desesperado quando não a vi. Eu desmaiei e não pude mais protege-las. Eu lutei para permanecer acordado, me recordo dela pedir para eu não fechar os olhos, mas não consegui, e quando recobrei a consciência e não a vi, as cenas da Lia tentando matá-la preencheram minha mente e eu perdi a cabeça.

Mesmo com o Maurício falando e afirmando que ela estava bem eu não conseguia me convencer, eu precisava ver com os meus próprios olhos, porque flashes da Lia com a arma apontada para ela e do Max a agarrando não me deixavam raciocinar.

E então ela apareceu e o meu mundo entrou nos eixos novamente. Parecia que eu estava a vendo pela primeira vez e senti de novo aquele baque no coração que me tirou o ar quando a conheci.

E mesmo sabendo que ela estava ali comigo, aquela sensação de insegurança ainda me rondava, principalmente por saber que a Lia havia conseguido fugir.

Pelo menos não tenho mais que me preocupar com o Max.

Como eu disse para a Malu, não sinto pela morte dele, mesmo ele tendo sido de grande ajuda para ela estar viva.

Quando ele fez o gesto quase imperceptível que iria para cima da Lia eu tive que tomar uma decisão, confiar nele ou não. No fim me vi sem saída e sem opções a não ser confiar, então deixei o coração falar mais alto que a razão e consegui tirar a Malu das garras da louca da Lia, e quando vi que eles lutando com a arma nas mãos eu soube que ainda havia perigo e protegi minhas meninas do jeito que eu pude, com o meu próprio corpo.

Saio dos meus pensamentos quando minha mãe levanta o rosto banhado em lágrimas e beija toda a minha face para depois fixar aqueles olhos cheios de ternura nos meus. —Meu filho, meu menino... que susto você me deu. Nunca mais faça isso comigo. — Ela então passa a mão por todo o meu rosto como se para ter certeza que estou ali mesmo e sorri tão carinhosamente, que retribuo da mesma forma, mesmo que as lágrimas continuem rolando pelo meu rosto.

—Eu estava protegendo a minha filha, mãe.

—Eu sei, e no seu lugar teria feito a mesma coisa. Mas eu também não posso perder o meu filho, nem a minha filha e nem a minha neta, que ainda nem sabemos se é menina mesmo. — Ela diz e sorri. —Na verdade eu não posso perder nenhum de vocês.

—Você não vai perder ninguém, Dona Marta. Seus filhos já mostraram que são duros na queda. — Falo para tentar fazê-la acalmar um pouco o coração. E parece dar certo, porque ela levanta e sem tirar as mãos de mim olha para o Bento.

—Eu não sei a quem vocês puxaram, porque nunca vi filhos darem tanto trabalho assim ou deixarem a mãe com os nervos à flor da pele como vocês.

O Bento gargalha e a abraça. —Não reclama que eu sei que a senhora ama ter trabalho com a gente.

—Amo mesmo, e vou amar ainda mais quando os sustos que vocês me derem forem algo menos desesperadores.

Meu pai está ao meu lado e nada fala, apenas nos observa. —O que foi, pai? Que está aí tão quieto?

—Não foi nada meu filho. Só estou feliz por vocês estarem todos aqui.

—Bom Guilherme... — O Bento começa a falar. —Enquanto você estava se recuperando da sua tentativa miserável de ser super-herói, eu apresentei o Maurício a família e quero apresentar ele também a você. E antes que você diga alguma coisa que já o conhece ou dê outro ataque de ciúmes porque ele está grudado a Malu...

Meus olhos voam para onde a Malu está e vejo o Maurício realmente perto, muito perto dela para o meu gosto. —Enfim, antes que você assassine ele com os olhos, eu quero que você saiba que nós estamos namorando.

A Malu abre um sorriso do tamanho do mundo e levanta as sobrancelhas como quem diz "Eu não te falei?" antes do Maurício se aproximar de mim.

—Oi Guilherme. — Ele estende a mão para mim. —Sei que não começamos muito bem, mas espero que possamos mudar isso agora.

A Malu aproveita para dizer. —E foi ele quem te operou e me socorreu quando eu cheguei com você aqui.

Eu aperto sua mão e falo: —Começaremos de novo Dr. Maurício, mas esteja ciente de uma coisa, se magoar o meu irmão vai se ver comigo.

Ele sorri e o Bento bufa. —Corta essa Guilherme, não sou mais nenhuma criança.

—Não importa a idade que você tenha, Bento, vai ser o meu irmão mais novo sempre, e eu prometi que nunca mais deixaria que nada de ruim acontecesse com você. — Respondo e consigo perceber que ele sentiu a profundidade das minhas palavras, afinal uma vez ele precisou de mim e eu não estava lá para ele.

Sei que ainda vai demorar um tempo até que ele volte a confiar em mim, mas vou provar que ele tem o irmão dele de volta.

—Está certo Guilherme, mas não tenho nenhuma intenção de magoá-lo, pelo contrário, eu só quero a felicidade dele. — O Maurício responde.

Assinto com a cabeça, porque mesmo nessa cama de hospital e debilitado tenho que fazer o papel de irmão mais velho, não importando que seja um pouco tarde para isso.

—Ai Luiz, veja que coisa linda. Nossa família está crescendo do jeito que a gente sempre sonhou. — Minha mãe fala toda boba e meu pai sorri.

Começamos a conversar e eu vejo o quanto a minha família é linda e como sou sortudo por ter todos eles na minha vida.

Depois de um tempo o Maurício fala um pouco sem graça. —Eu não queria ser o portador de más notícias, mas o Guilherme precisa descansar e só um acompanhante pode ficar.

Meus olhos procuram imediatamente os da Malu porque eu não quero ficar longe dela nem um segundo que seja, porém vacilo quando analiso o seu rosto e percebo o quanto estou sendo egoísta.

Ela está com o semblante abatido e tem olheiras embaixo dos olhos, visivelmente cansada. Está usando uma roupa do hospital porque provavelmente as dela deviam estar sujas de sangue.

E por mais que eu queira muito que ela fique comigo, que eu tenha medo de perdê-la de vista e algo acontecer, eu preciso pensar no bem-estar dela.

Ela parece ler os meus pensamentos quando diz em alto e bom som. — Eu vou ficar.

Respiro fundo sabendo que vou comprar uma briga. —Eu queria pedir que todos vocês fossem para casa e descansassem, principalmente você Malu.

—Eu vou ficar. — Ela repete como se eu não tivesse dito nada, então recorro ao Bento que parece ser o único que ela ainda escuta. Imploro com os olhos que ele me ajude.

—Malu... — Ele diz, mas ela o corta antes mesmo dele começar.

—Se fosse o contrário você iria?

Ele se cala e fala para mim. —Sinto muito.

Travamos uma luta, minha mãe tenta convencê-la a pelo menos ir em casa comer alguma coisa, tomar um banho e descansar alguns minutos. Meu pai promete trazê-la de volta, mas ela não cede.

Como última tentativa eu falo sobre o nosso filho. —Malu, você precisa descansar, pensa no bebê.

Percebo que isso a faz titubear, mas logo ela responde. —Ou eu fico aqui ou na cadeira do lado de fora do quarto. Você decide.

—Teimosa. — Rosno sabendo que perdi a luta e ela sorri vitoriosa.

O Bento sai dizendo que vai pegar uma blusa dele para ela vestir e minha mãe promete trazer roupas limpas. O Maurício fala que vai mandar algo para ela comer e todos se despedem de nós dois.

Ela chega perto de mim, coloca a mão no meu braço e fala calmamente. —Não briga comigo, Gui, eu não ia conseguir descansar e muito menos ficar tranquila se estivesse longe de você. E te conheço o suficiente para saber que você ficaria da mesma forma. Então o melhor era eu ficar aqui, ou eu estou errada e você não queria que eu ficasse?

—É claro que eu queria você aqui comigo, meu amor. Só que eu não posso ser um bastardo egoísta de fazer você ficar em um hospital quando eu sei tudo o que você passou no dia de hoje. Não posso pedir que você fique ao meu lado quando eu olho para o seu rosto e vejo o quanto está abatida e cansada. Aposto que nem comeu. — Ela morde os lábios sabendo que deveria ter se alimentado, mas não tenho coragem de brigar com ela por isso, porque no seu lugar eu teria enlouquecido. —Você vai ficar, mas vai tomar um banho, colocar a roupa que o Bento vai trazer e comer o que Mauricio enviar, e quando acabar vai deitar aqui do meu lado e ficar agarradinha em mim.

—Você está louco? Eu não vou deitar na cama com você. — Ela diz alarmada como se eu estivesse falando algo sobrenatural.

—Vai fazer tudo o que eu disse e vai dormir nos meus braços como fazemos sempre e como vamos fazer todos os dias que estão por vir. — Respondo tranquilamente, certo de que ela vai fazer tudo como eu disse.

—Vai sonhando, Guilherme. — Ela coloca as mãos nos quadris e empina o nariz, daquele jeito que me deixa ainda mais louco por ela.

—Veremos, Maria Luísa. Veremos.

—Sim, nós veremos Guilherme!

***

Nesse momento eu estou deitado com uma Malu muito emburrada ao meu lado, sua cabeça está no meu peito e seu braço na minha cintura. Ela está segurando o peso do corpo, posso sentir como ela está toda dura sem se moldar a mim.

—Você não vai me machucar, eu já disse isso umas dez vezes, então relaxa. — Digo e beijo o topo da sua cabeça, sentindo seu cheiro gostoso.

—Você vai ver o sermão que vamos tomar se algum enfermeiro ou médico entrar aqui e me pegar na sua cama. — Ela diz, mas posso sentir seu corpo começando a ceder.

A abraço apertado e aquele medo que senti mais cedo de perdê-la aparece de novo, e junto com ele vem a vontade de fazer tudo, de ser tudo para ela.

—Quer casar comigo? — As palavras saem da minha boca sem que eu

espere.

Seu corpo que estava relaxando trava e fica tenso, da cabeça aos pés, e eu fico em silêncio, ansioso, esperando sua resposta que não vem.

Ela vai fingir que não ouviu? Não tem problema eu pergunto de novo.

—Malu... — Digo baixinho bem perto do seu ouvido. —Quer casar comigo?

Sua cabeça se levanta bruscamente, seus olhos me encaram arregalados e sua respiração parece inexistente. —O-o que você disse?

Ela gagueja de tão nervosa que ficou, então eu percebo que fui um bruto, que eu não deveria ter pedido ela em casamento em uma cama de hospital depois de um dia tão traumatizante.

Minha menina merece uma coisa especial, inesquecível, que marque a nossa história. Mas pelo menos agora ela já sabe que eu quero me casar com ela, então a ideia de querer viver plenamente já está em ação e me deixa mais tranquilo.

Abro um sorriso ao dizer: —Isso mesmo que você escutou. — Ela abre a boca para falar, mas eu a impeço. —Só que eu não quero a resposta agora. Esse não foi o pedido oficial. É só para que você saiba que eu quero me casar com você e que em breve, muito em breve, vou fazer o pedido de verdade do jeito que você merece.

—Guilherme...

—Shi... Nada de falar. Vamos dormir porque você precisa descansar, mas antes eu quero um beijo bem gostoso. — A puxo para um beijo que começa lento, sensual, mas conforme sua boca se abre e nossas línguas se encontram e o ritmo do beijo vai crescendo, sinto o desejo me engolfar e meu pau que já estava semi-ereto fica mais duro que rocha de tanto tesão.

Ela geme na minha boca e eu perco o controle.

Eu a quero. Agora!

Começo a me virar pronto para a atacar quando uma dor irradia por toda a minha coluna. —Puta que pariu! — Digo entre os dentes soltando sua boca da minha e puxando o ar com dificuldade.

—Ai meu Deus, eu te machuquei? — Ela está alarmada, mas fica imóvel, provavelmente com medo de fazer algum movimento que piore

minha dor. —Eu vou para a cadeira, Guilherme. Eu falei que isso não ia dar certo.

Respiro fundo para controlar a dor e volto a deitar de uma forma que a amenize. —Eu já disse que você vai ficar aqui. Eu que me empolguei como sempre, quando essa boca deliciosa e esse corpo gostoso estão grudados em mim.

Ela sorri um pouco maliciosa e logo depois boceja, mostrando o quanto está cansada e deita a cabeça no meu peito de novo, mas ainda sinto que sua mente continua dando voltas enquanto ela traça círculos com a ponta dos dedos no meu peito.

Com o tempo aquela carícia misturada com a sensação do seu corpo quente junto ao meu vai fazendo com que o sono chegue e eu feche os olhos aos poucos. Já estou quase dormindo quando sua voz me chama um pouco distante. —Gui?

—Hum?

—Sim... — Ouço quase que como um sussurro e não sei mais se estou acordado ou dormindo. —Minha resposta é sim.

Malu

Uma semana se passou desde o dia em que o Guilherme quase me deixou.

Meus dias consistem basicamente em ficar ao seu lado e aturar o seu mau-humor que está cada dia pior.

Ele vive perturbando que está bem, que não vê necessidade de ficar internado, que não sente mais dores, que está ocupando o lugar de quem realmente precisa e um milhão de outras coisas.

Para todas as suas frases repetitivas eu tenho a mesma reação. Reviro os olhos e finjo não ouvir, principalmente porque sei que a principal causa desse seu constante estado é a falta de sexo.

O médico deixou claro que ele não pode ter relações sexuais por enquanto porque não pode forçar a coluna, e mesmo assim ele tenta a todo momento me convencer a "namorarmos" um pouco, mas sou firme e digo não para todas as suas tentativas.

Ele insistiu até o quarto dia em que eu avisei que se ele não parasse eu não dormiria mais com ele, o que surtiu um pouco de efeito, porém ele usa de outros artifícios para me tentar e o feitiço acabou virando contra o feiticeiro.

Ele agora me beija de forma indecente, acaricia meu corpo, me gruda nele, força a ereção em mim, morde meu pescoço, e quando vê que estou a ponto de ceder para com tudo e diz sarcasticamente "Esqueci que não podemos."

E aí quem passou a ficar frustrada fui eu, quase subindo pelas paredes e tendo que me conter pelo seu bem-estar.

Dei o meu depoimento aqui mesmo no hospital junto com o Guilherme. O delegado disse que tinham uma pista de onde a Lia estava, mas até agora nada de concreto. O Bento teve alta há dois dias, faltou soltar fogos de artifício pelos corredores de tanta animação, e hoje finalmente o Guilherme está indo para casa.

—Está animado para ir para casa? — Pergunto quando ele sai do banheiro pronto para ir embora.

Ele me olha com um sorriso malicioso no rosto, me medindo da cabeça aos pés, então se aproxima de mim e me abraça apertado, roçando a ereção evidente no meu ventre. —Eu estou animado para te comer. — Diz sem tirar os olhos dos meus.

—Nós não sabemos se você já pode fazer esse tipo de esforço.

—Nem que o mundo esteja acabando lá fora, Malu. Nada vai me impedir de estar dentro de você hoje. Mas, como sou um homem precavido e conheço a mulher que tenho, já falei com o médico e ele disse que eu estou liberado, mas que por pelo menos mais uma semana nada de sexo selvagem.

Olho para ele horrorizada. —Eu não acredito que você perguntou isso ao médico!

Ele dá de ombros e se afasta de mim, mas não sem antes dizer. —Sua sorte é que eu não posso fazer movimentos bruscos, Maria Luísa, mas você não perde por esperar. Essa bundinha linda vai ser castigada por todas essas noites que ela ficou roçando no meu pau e tentando ele.

Ai meu Deus! Ele não pode prometer uma coisa dessas, porque instantaneamente sinto a umidade na minha calcinha de tanto desejo e tenho vontade de ignorar as ordens médicas, jogá-lo no banheiro e acabar com essa

seca que estamos vivendo, mas não tenho tempo de fazer nada porque escuto uma batida na porta e logo em seguida o pai do Gui entra. —Prontos?

—Sim, pai. Não vejo a hora de sair desse lugar. — Ele responde animado.

Como o médico já havia assinado a alta apenas nos dirigimos para a saída, e assim que colocamos os pés na rua o Guilherme enrijece ao meu lado e me puxa pela cintura.

—O que foi? — Pergunto olhando para os lados.

—Não sei, mas me senti exposto aqui fora.

—É por tudo o que você passou filho. É normal se sentir assim.

—Pode ser. — Ele responde meio incerto e vamos em direção ao carro. —Notícias da Lia?

—Ainda não, quase a pegaram em um hotel, mas ela conseguiu fugir de novo. A única coisa que sabemos é que ela continua na cidade.

—Merda. — O Guilherme resmunga ao meu lado antes de entrarmos no carro.

O Sr. Luiz o coloca em movimento e ficamos em silêncio, mas vejo o Gui mexendo no telefone enquanto uma música suave toca na rádio. De repente ele fala do banco do carona. —Pai, preciso ir ao meu apartamento.

—Você quer que a sua mãe enfarte ou que ela me mate por não aparecer em casa com você?

—Eu preciso ir até lá. — Ele diz e eu não entendo essa sua vontade repentina de ir para o apartamento, afinal conhecendo a Dona Marta ela deve estar preparando um banquete para nós, e ele sabe muito bem disso.

—Guilherme, sua mãe acordou cedo e está nervosa te esperando. Depois você vai lá.

—Não, eu preciso ir agora.

Decido intervir. —Guilherme, vamos para a...

Ele me corta e fala quase gritando. —Eu já disse que eu preciso ir lá!

Me assusto e o Sr. Luiz olha incrédulo para o filho. —Filho, depois...

—Pai!? — Ele exclama. —É rápido, eu só vou subir e descer em menos

de um minuto.

O Sr. Luiz assente meio a contragosto e muda a direção, indo para o apartamento do Guilherme.

Olho para ele tentando entender o que pode ter no apartamento de tão importante que ele tenha que ir lá nesse desespero todo, mas não consigo pensar em nada.

Estacionamos em frente ao edifício e o Guilherme parece nervoso, rapidamente tira o cinto de segurança e diz: —Eu já volto, me esperem aqui.

—Eu vou com você. — Falo já com a mão na maçaneta.

—Não! Não precisa. Eu vou rápido.

—Guilherme...

—Fica aqui, Malu. Eu volto rápido.

Ele sai do carro e anda a passos largos para dentro do prédio, sumindo no hall instantes depois.

—Esquisito isso... — Falo para mim mesma.

O Sr. Luiz me olha pelo retrovisor e sorri. —Espero que ele volte rápido, ou a Marta me mata. — Não aguento e sorrio junto com ele, mas logo minha atenção se volta para a entrada do prédio por onde o Gui sumiu.

—Ele está demorando demais.

—Calma, minha filha. Ele acabou de entrar.

Meus olhos alternam entre a entrada e os ponteiros do relógio. Sei que deu tempo dele no máximo pegar o elevador, mas algo me diz que tem alguma coisa errada.

—Eu vou lá Sr. Luiz. — Falo abrindo a porta, não dando tempo dele me responder.

Quando chego no hall o porteiro me cumprimenta. —Bom dia, Maria Luísa. O Sr. Guilherme acabou de pegar o elevador, estamos só com um funcionando, por isso está demorando um pouquinho mais que o normal.

Dou um sorriso para ele e aperto o botão de chamada, vejo que ele acabou de parar no andar do apartamento dele e logo depois começa a descer.

Parece que horas se passam até que ele chega e mais uma eternidade até

que apita avisando que cheguei no destino.

Saio e caminho em direção a porta que posso ver estar entreaberta, e de onde estou consigo ouvir vozes soando alto lá dentro.

Não.

Não.

Não.

De novo não!

Meu coração bate descompassado quando me aproximo, e pelo vão da porta vejo o Guilherme em pé de frente para mim com as mãos para cima, em sinal de rendição, olho para sua frente e ela está lá.

Lia.

Ela vai matá-lo.

Mas eu não vejo arma em suas mãos.

Então porque ele está com as mãos levantadas?

Por que ele veio aqui sozinho?

Ele sabia que ela estava aqui?

Por isso essa insistência toda de vir para cá?

Eu preciso agir, mas quando penso em fazer alguma coisa os olhos dele se fixam nos meus e ele nega com a cabeça em um movimento quase imperceptível.

Ele está dizendo para eu não entrar, ele mais uma vez está tentando me proteger.

E eu fico aqui olhando a cena que se desenrola a minha frente sem saber o que fazer.

Capítulo 54

Guilherme

Porra de mulher teimosa que eu fui arrumar.

Por que ela não podia ter ficado quietinha no carro como eu pedi?

Percebi que ela entraria assim que viu o que estava acontecendo aqui dentro, mas eu não podia deixar, eu não podia arriscar. Eu tinha tudo sob controle.

Eu sabia o que fazer, principalmente por estar sozinho com a Lia.

Eu só precisaria ganhar tempo, fazê-la falar e a segurar aqui, mas então eu a vi, minha Malu apareceu na porta com os olhos arregalados sem acreditar no que seus olhos viam.

Tentei fazer um gesto para que ela não tomasse nenhuma atitude, para que ela não tentasse nenhum movimento. Eu não podia nem cogitar a sua vida estar em perigo de novo.

Além disso, eu sabia bem que a Lia não me faria mal.

Ela está descompensada, sem controle e fora de si, mas não me machucaria propositadamente.

Quando eu recebi a mensagem dela em meu celular que dizia "Eu vou, mas eu não vou sozinha. Ou você me encontra no seu apartamento ou mais pessoas vão comigo." fiquei sem entender, mas logo depois fotos começaram a chegar. Imagens e mais imagens da minha mãe, do meu pai, e até do Bento com o Maurício.

Olhei para todas elas enquanto a ficha caía. Ela estava ameaçando a minha família que não tinha nada haver com a nossa história. E sem pensar muito eu tomei a decisão de acabar com isso de uma vez por todas.

—Lia, você precisa se acalmar.

—Me acalmar? Você acabou com a minha vida! — Ela grita. —Eu tinha tudo planejado, mas você tinha que estragar tudo! A gente ia casar!

Me assusto com a intensidade das suas palavras, eu nunca a vi dessa

forma.

—Eu nunca te prometi nada, Lia. Você sabe disso. Você aceitou.

—Claro que eu aceitei. Ou era isso ou era nada. O que eu podia fazer além de aceitar as suas condições? Além de aceitar as suas migalhas e ficar esperando enquanto você transava com meio mundo?

Ela anda de um lado para o outro passando as mãos freneticamente pelos cabelos desgrenhados e oleosos grudados na cabeça.

Ela bate com a arma na têmpora, como se estivesse tentando pensar. Seu rosto está abatido, pálido, olheiras profundas e arroxeadas aparecem embaixo dos seus olhos. Ela está sem maquiagem. Eu nunca a vi sem maquiagem. Ela não se parece nem de longe com a mulher exuberante que eu convivi por anos, sempre de salto alto, cabelo impecável e roupas coladas ao corpo mostrando sua bela forma, nada como essa mulher aqui na minha frente.

Não que isso tudo fosse um atrativo para mim, eu me apaixonei pela Malu com ela deitada em uma maca de hospital, toda machucada e com o rosto inchado.

Não vou ser hipócrita de dizer que não achava a Lia linda e gostava de como ela se vestia, mas era só tesão. Quando o momento carnal passava nós não tínhamos muito assunto. Alguns dias eu até tentava conversar, mas seus papos eram sempre fúteis e mesquinhos, sobre moda, maquiagem, baladas e viagens.

Algumas vezes ela me ouvia quando eu precisava, e até se esforçava, mas não conseguia por muito tempo, e eu nunca me importei, afinal eu sabia que o que rolava entre a gente era só sexo. Eu sabia que ela não era a minha companheira de vida.

—Eu nunca te obriguei a nada, Lia. Eu sempre fui muito sincero com você. Disso você não pode me acusar. E é exatamente por isso que eu não entendo o motivo de você estar fazendo tudo isso.

Preciso fazer ela falar, preciso que ela converse comigo.

Ela tem que manter o foco em mim e eu nela, mesmo que a cada segundo eu tenha vontade de olhar para a porta para ver se a Malu continua ali.

Ela para de andar e vira o rosto para mim. —Você não entende? — Fala baixo, e logo depois grita. —Você não entende??? Você sabe o que eu fiz para ter esse corpo aqui para você? Você tem ideia que eu anulei anos da minha vida para ficar a sua disposição?

—Eu nunca te pedi isso. Eu sempre falei que você era uma mulher linda e maravilhosa que merecia encontrar alguém legal que cuidasse de você.

—Você poderia ter feito isso. Eu queria que você tivesse sido esse alguém. Você podia ter cuidado de mim. Podia ter me dado amor! Mas você não fez nada disso! Você me usava quando queria, e eu não ligava. Não ligava porque eu sabia que quando a hora chegasse você ia querer formar uma família. Até porque a chata da sua mãe ia te cobrar isso. E quando acontecesse eu estaria lá para ser a nora perfeita para ela. Chata! Insuportável! É isso que a sua mãe é! Achava que eu gostava dela? Eu não suportava ela, e ainda não suporto! Fingia que sim para te agradar como sempre. — Antes que eu possa falar alguma coisa ela continua. —Anos e anos... anos esperando você se dar conta que já que eu sempre estive ali poderia ficar para sempre. Mas aí aquela mulher apareceu. Aquela... aquela... ahhhhhh — Ela grita e começa a dar tapas em seu rosto, e eu fico horrorizado com o tamanho do seu descontrole.

—Lia!

—Aí ela chega aqui, grávida de outro homem e você cai de quatro por ela! Se apaixona! Você se apaixona! E começa a olhar para ela como se ela fosse o seu mundo. Você nunca olhou assim para mim. NUNCA! E simples assim, do nada, eu sou jogada fora. Eu nunca... — Ela rosna. — Eu nunca vou aceitar isso! Nunca ouviu? Pode não ser hoje, pode não ser amanhã, mas eu vou acabar com ela! Ela roubou a minha vida! Era para eu estar recebendo os seus olhares, o seu carinho, o seu amor.

Eu preciso manter o controle, eu não posso estourar, mesmo que ela esteja ameaçando a Malu e esteja ofendendo minha mãe. Isso vai acabar.

—Lia, se acalma.

—Era para eu estar grávida do seu filho. Eu não queria deformar o meu corpo por causa de um bebê que não serve para nada, essas coisas só choram, gritam e dão trabalho, mas eu faria por você. Faria também pela velha chata da sua mãe. Eu ainda posso fazer. É por isso que você está aqui? Você

desistiu dela e vai ficar comigo? É isso Gui? — Ela diz com olhos esperançosos. Meu Deus! Ela não fala nada com nada, está totalmente enlouquecida, mas ali eu vejo a minha chance.

—Eu não sei se eu poderia, Lia. Você atirou em mim e... — Faço um gesto para a arma. —continua com uma arma na mão. Como eu vou ter certeza que você não vai me machucar de novo?

—Eu não vou! — Ela grita. —Foi sem querer! Eu juro. — Ela se aproxima de mim e joga a arma no sofá para poder acariciar o meu rosto. — Pronto, não tem mais arma. Viu? Era para acertar ela! Mas você entrou na frente e a arma disparou. Eu não queria. Eu juro que não queria te ferir. Quando eu vi eu me desesperei e queria ir até você, mas o Max disse que eu tinha que fugir porque eles iam querer me prender. Eles estão atrás de mim porque eu matei o Max. Graças a Deus que eu matei, ele não servia para nada mesmo. Mas eu sou esperta e eles não conseguem me pegar. — Ela ri como uma criança que fez uma traquinagem e está fugindo dos pais. Como ela pode ser assim? Como eu nunca vi isso? —Mas a gente pode fugir junto, não pode? — Ela fala e me abraça.

Seja forte Guilherme. Entre no jogo dela.

A abraço de volta e aproveito o momento para procurar a Malu, e quando consigo focar nela vejo os seus olhos marejados nos observando, ela tem que entender que isso não passa de uma encenação.

Escuto o som do elevador no momento que ela tenta sair do meu abraço dizendo. —Nós temos que ir.

A seguro contra mim, só preciso de mais um pouco de tempo. Ela não faz nada, apenas continua ali comigo, me abraçando e acreditando que vamos ficar juntos.

Vejo os homens entrando sorrateiramente pela porta e se aproximando enquanto meu peito se enche de alívio.

Eles chegaram.

O delegado olha para mim e eu faço sinal para o sofá onde ela jogou a arma. Ele a pega e fala em alto em bom som.

—Liliana Pinheiro, a senhorita está presa por tentativa de assassinato do Sr. Guilherme Morais e pelo assassinato do Sr. Max Herbertz.

Seu corpo se contrai e eu tiro os braços de sua volta, ela me encara com os olhos cheios de fúria. —Você me enganou! — Ela grita e começa a me bater com os punhos fechados. —Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio! Eu vou matar a sua família. Eu vou acabar com todos vocês.

Ela continua gritando enquanto homens a seguram pelos braços e a tiram de cima de mim.

Ela bate e se debate, mas eles a imobilizam e a algemam. Procuro a Malu com os olhos e a vejo parada no batente da porta segurando o próprio corpo enquanto vê a Lia sendo presa.

Acabou!

Estendo os braços para ela que sem pestanejar corre na minha direção enquanto lágrimas começam a cair dos seus olhos. Ela pula no meu colo e me abraça com força como se eu pudesse desaparecer a qualquer instante.

A seguro com a mesma intensidade enquanto acaricio seus cabelos. — Acabou, meu amor. Acabou.

—Eu tive tanto medo Guilherme.

—Eu tinha tudo sob controle, Malu. — Digo e então escuto a voz da Lia gritando enquanto a arrastam para fora do apartamento.

O delegado se aproxima. —Você não deveria ter subido, Guilherme. Eu disse para nos esperar.

Respondo ainda com a Malu grudada a mim. —Ela podia fugir, era nossa chance.

—Eu vou precisar que você vá até a delegacia prestar depoimento, você também Maria Luísa. Mas pode ser em outro momento, eu aviso a vocês. Como ela estava foragida, a prisão preventiva já tinha sido emitida.

Nesse momento meu pai entra ofegante no apartamento, corre até mim e me abraça com a Malu entre nós.

—Você ficou maluco? Porque não me disse o que estava acontecendo?

—Eu não podia arriscar, pai.

—Mas que merda Guilherme, ela podia ter matado você.

—Ela mandou fotos de vocês, os ameaçando, eu vi ali a chance de acabar com tudo isso.

—Por sorte não acabou em tragédia, meu filho.

—O que importa é que acabou.

Minha menina permanece quieta ao meu lado. Olho para o meu pai e ele também percebe, então fala. —Vou esperar vocês dois lá embaixo com o delegado, não demorem.

Quando eles saem eu seguro o rosto da Malu, forçando ela a olhar para mim. —Acabou. Para de chorar.

Ela respira fundo e diz soluçando. —Eu só conseguia pensar que ela ia atirar em você de novo. Eu não ia conseguir passar por tudo aquilo novamente, Gui. Eu não ia.

—E não vai precisar passar por mais nada porque acabou. Eu sei que o que fiz foi errado, mas eu não podia perder a oportunidade de acabar com isso de uma vez por todas.

—Eu sei que eu não devia, mas senti uma coisa tão ruim quando você a abraçou.

—Eu sei, eu vi nos seus olhos. Mas você sabe que eu não queria, não sabe? — Ela assente. —Tive que fazer aquilo para ganhar tempo. Você sabe que eu amo você. Só você.

—Eu também te amo.

—Acabou, Malu. Agora nós vamos ser felizes sem a sombra de ninguém nos perseguindo.

Ela sorri e me beija. Eu retribuo passando os braços pela sua cintura e grudando seu corpo no meu. Precisando sentir o seu calor, ter a certeza que ela está aqui comigo e que esse pesadelo finalmente acabou.

—Vamos para casa.

Ela sorri, entrelaça os nossos dedos e começa a me puxar para a porta.

Quando chegamos lá eu olho para trás, vejo o interior do lugar e tomo mais uma decisão.

Vou colocar esse apartamento a venda.

Mesmo que tenha sido aqui que a Malu se entregou a mim e eu me senti completo pela primeira vez, também foi aqui que a Lia me ameaçou, ameaçou minha mulher, pais, irmão e cunhado.

Foi aqui que eu vivi uma fase louca e desregrada da minha vida, e eu sinto no fundo de mim que isso acabou e eu nunca mais voltarei a ser aquele Guilherme.

Minha família, minhas meninas merecem mais do que isso.

Fecho a porta e vejo minha mulher na frente do elevador me esperando com um sorriso no rosto. E ali, indo de encontro a ela, sinto um peso sair do meu corpo, é como se eu estivesse iniciando uma nova jornada, e tendo ela ao meu lado, não importa o que vier, eu sei que serei o homem mais feliz do planeta.

Malu

Duas semanas se passaram desde o dia que o Guilherme saiu do hospital e a Lia foi presa.

Quando saímos de lá, do apartamento, eu senti como se estivéssemos virando uma página da nossa história. Era como se uma pedra tivesse sido tirada do nosso caminho, como se nós pudéssemos enfim respirar ar puro depois de um longo tempo.

Foi duro chegar em casa e enfrentar a Dona Marta, contar tudo a ela. Ela ficou pálida e abraçou o Guilherme com desespero, chorando, para logo depois encher ele de tapas como se ele fosse um garoto pego fazendo arte.

A cena foi hilária, ele ria e tentava se esquivar dela, mas ela não parou até que ele segurou seus braços e a beijou na testa dizendo que a amava.

Depois disso tudo se acalmou e nós tivemos um dia inteirinho em família, com muito amor e carinho. O Maurício só chegou a noite porque estava no hospital, mas nem por isso deixou de participar do nosso momento, afinal ele agora era uma parte da nós.

Senti que no início ele ficou um pouco deslocado, principalmente quando estávamos na beira da piscina conversando e o Bento segurou sua mão. Vi que seus olhos subiram diretamente para a Dona Marta que abriu um sorriso terno para ele. Depois disso ele relaxou e viu que ninguém ali julgaria a relação dele com o meu amigo, pelo contrário estávamos todos felizes por enfim a felicidade ter chego naquela casa.

Eu me sentia exausta, fisicamente e mentalmente, mas quis ficar até o

fim com eles, curtindo pela primeira vez o amor de uma família. Só que ao mesmo tempo que queria estar ali também queria ter um momento sozinha com o Guilherme, e quando isso aconteceu e enfim ficamos a sós, ele me despiu dizendo o quanto eu era linda, me colocou na cama com cuidado para só depois tirar suas roupas.

Naquela noite não teve euforia nem desespero, nós nos amamos lentamente.

Ele me penetrou devagar, como se tivesse todo tempo do mundo. Dizia a todo o momento que me amava e que eu o completava. Acariciou meu corpo com adoração, tocou cada parte minha mostrando que me amava de corpo e alma, e quando juntos atingimos o clímax ele disse que eu era o amor da sua vida.

Lágrimas saíram dos meus olhos porque eu nunca imaginei poder me sentir tão amada em um momento tão íntimo que era para ser de puro prazer.

Fiquei um tempo em seus braços, com sua mão protetoramente em minha barriga como se ele estivesse tentando proteger o nosso tesouro.

Nesse dia adormeci dessa forma, com sua respiração no meu ouvido e o seu carinho no meu ventre.

Três dias depois nós prestamos depoimento na delegacia, e quando terminamos fomos informados que a Lia havia sido transferida para uma clínica psiquiátrica.

Seus pais foram até lá e alegaram que ela tinha problemas mentais, que desde adolescente foi diagnosticada com bipolaridade e um transtorno mental que a fazia ficar obcecada por coisas e pessoas.

Se lamentaram que há tempos ela não apresentava nenhum indício da doença e por isso acabaram relaxando, disseram que confiavam quando ela dizia que ia às consultas com o psicólogo, mas descobriram que ela abandonou o tratamento a mais de um ano.

Mesmo que o Guilherme não tenha dito nada eu sei que no fundo ele se culpava por ela ter ficado daquela forma, que de alguma maneira ele possa ter dado algum indício que eles poderiam ter algo a mais. E ouvir que ela sempre teve um problema de certa forma aliviou um pouco essa culpa.

Quando chegamos em casa fomos direto para o quarto dele, ou nosso quarto como ele insiste em chamar. Seus pais estavam na empresa e o Bento

na casa do Maurício, por isso estávamos a sós. Ele apenas deitou e me puxou com ele, me abraçando sem falar nada. Eu preferi não o forçar, mas disse que eu estava ao seu lado e que estaria ali para ouvi-lo sempre que ele precisasse.

Temos vivido dias tranquilos desde então, temos conversado muito e em uma dessas conversas ele me perguntou por que ao invés de procurar um emprego eu não voltava a estudar.

Contei a ele que decidi que só farei algo depois que meu bebê nascer, quero poder me dedicar a esse momento e ser mãe em tempo integral. Ele concordou prontamente com a minha decisão, na verdade acho que eu fiz exatamente o que se passava na sua cabeça.

O Guilherme nunca mais falou sobre o pedido que me fez no hospital, e eu também não toquei mais no assunto, pode ser que ele tenha falado no calor do momento e ainda não se sinta preparado para esse passo, mas eu não me importo, eu estou com ele e isso me basta.

Hoje voltei com a Dona Marta no salão do Marcos para um novo dia de princesa. Ele me abraçou apertado e chorou, dizendo ter se sentido culpado por ter me deixado sozinha na porta do salão. Eu o beijei e disse que não tinha motivos para isso, que ele foi o meu herói e que se não fosse por ele ter chamado o socorro o pior podia ter acontecido.

Tivemos uma tarde maravilhosa, minha sogra falando o tempo inteiro em como era bom ter uma menina na família para dividir esses momentos com ela. Estranhei o sumiço do Guilherme durante toda a tarde, mas segundo ela me disse, ele e o Sr. Luiz estavam com o Bento resolvendo alguns problemas da empresa. Esqueci de mencionar isso, o Bento resolveu assumir seu lugar na empresa ao lado do pai e do irmão, e ambos estavam mais que felizes em tê-lo lá para dividir as atividades.

Saímos do salão quando a noite já caía, o tratamento foi tão especial que até roupas novas ganhamos. Dona Marta dirigia o carro feliz e percebi que ela não ia na direção de casa.

—Dona Marta, vamos a algum lugar?

—Sim, você se importa se desviarmos rapidinho?

—Claro que não.

Entramos em um condomínio com casas enormes, mansões para ser mais exata, uma mais linda que a outra. Parecia bastante com o lugar que

ficava a casa onde agora eu morava.

Ela para na frente de uma mansão que parece inabitada, e apenas uma das janelas, ao lado da porta, parece estar iluminada.

Ela destrava as portas, imediatamente tiro o cinto e saio, mas quando olho para trás percebo que ela não está vindo. —Dona Marta, a senhora...

Ela me interrompe e com um sorriso enorme no rosto diz: —Entre e seja feliz. — Logo depois dá partida no carro e me deixa ali a vendo ir embora.

Olho para a porta da frente da casa e com passos incertos faço o meu caminho até lá. Percebo que a porta está encostada e a empurro. Meu coração retumba dentro do meu peito quando olho o seu interior. A casa é imensa e vejo uma escadaria assim que entro, mas não há iluminação e aparentemente ninguém.

Viro a cabeça para o lado e um ponto de luz aparece ao mesmo tempo em que uma música suave chega aos meus ouvidos, caminho a passos cautelosos até lá e uma sala gigantesca aparece no meu campo de visão.

Fico paralisada com o que os meus olhos veem e imediatamente lágrimas começam a rolar pela minha face.

A sala vazia, sem nenhum móvel, está tomada por velas de todas as cores e tamanhos imagináveis, no meio da sala há um coração gigante formado por pétalas de rosas, e no centro dele está o meu Guilherme vestido com um terno obviamente feito sob medida que molda o seu corpo de uma forma perfeita.

Ele sorri para mim, e mesmo em meio as lágrimas que não param de descer eu sorrio e caminho na sua direção.

Quando estou a centímetros dele, já dentro do coração, paro em sua frente e toco o seu rosto, sentindo a sua barba bem aparada contra os meus dedos e o calor que emana do seu corpo e me acalma.

Ele também coloca sua mão em mim e acaricia a minha face, passando os dedos pela minha bochecha, nariz e lábios.

Ficamos assim por um tempo, apenas nós dois perdidos nos toques um do outro até que ele quebra o silêncio.

—Eu estou nervoso, parece que o meu coração vai sair do meu peito de

tão forte que está batendo. — Coloco minha outra mão em seu coração e vejo que bate acelerado, assim como o meu.

—Gui, você está bem?

—Vou ficar assim que você me responder.

—Assim que eu responder o que? — Pergunto sem fôlego, porque parece que o ar me falta nesse momento.

—Malu, você sabe que eu não sou muito bom com palavras, mas eu queria que esse momento fosse especial. Foi por isso que eu pedi a ajuda do Bento para decorar isso aqui e da minha mãe para te trazer para cá. — Ele diz e abre os braços mostrando a sala totalmente decorada e meu coração começa a bater descontroladamente porque eu sei o que ele vai fazer.

—Que lugar é esse? — Encontro minha voz e pergunto.

—Esse é o lugar que eu espero passar o resto da minha vida com você. É o lugar que eu espero ver os nossos filhos correndo e crescendo. É o lugar que eu espero que ganhe vida com a nossa presença. É o lugar que eu espero cuidar e proteger a nossa família. Esse lugar Malu é a casa que eu comprei para que a gente possa passar o resto dos nossos dias sendo felizes e nos amando. E é por isso que eu escolhi esse lugar para te fazer uma pergunta.

Ele vai pedir, ele não esqueceu. Ele está preparado.

—Maria Luísa, aqui, na sala da nossa futura casa, eu te juro o meu amor e prometo te fazer feliz para o resto dos nossos dias. Não só você, mas nossa filha que está chegando e todos os outros que virão. Eu sei que o que eu vou fazer a seguir é clichê, mas eu não consigo imaginar isso de outra forma. — Ele então pega uma caixinha de veludo do bolso do terno e cai em um joelho na minha frente. Minhas mãos vão direto para minha boca tentando abafar o soluço que ameaça sair, já que as lágrimas eu não consigo mais controlar. —Maria Luísa, você aceita se casar comigo? Você me faria o homem mais feliz desse mundo sendo minha para sempre e passando o resto dos seus dias comigo?

Olho para ele, o amor da minha vida, de joelhos na minha frente me jurando amor eterno, me pedindo em casamento e um filme se passa na minha cabeça.

Lembro da infância no orfanato, do abandono, da rejeição dos meus pais adotivos, do dia que conheci o Bento e o salvei, do Max que eu pensei

ser minha felicidade, mas que quase foi a minha ruína, do dia que saí com meu amigo e abandonei tudo desacreditada do amor e da felicidade, na Dona Marta e no Sr. Luiz que me acolheram como sua filha e em como me apaixonei perdidamente pelo Guilherme no momento em que coloquei meus olhos nele.

Dizem que na vida você sempre vai carregar tristezas e arrependimentos do passado, mas agora olhando para tudo o que vivi, eu vejo que não mudaria absolutamente nada, não tiraria um momento para colocar outro. Eu faria exatamente igual, porque tudo serviu para apenas uma coisa, me trazer até esse dia. Me trazer até ele.

—Sim. Eu aceito ser sua. — Respondo enquanto ele abre aquele sorriso que derrete o meu coração. —Eu já sou sua, eu sempre fui, desde o momento que abri os olhos naquele hospital e te vi. Eu te amo!

Ele levanta em um rompante e me abraça com força, então me pega no colo e começa a me rodar, rindo alto como uma criança feliz gritando que me ama.

Quando me põe no chão pega minha mão direita e coloca um anel lindo, um solitário, em meu dedo anelar. Logo depois puxa um par de alianças idênticas do bolso e colocamos um no dedo do outro. Ele beija a minha aliança e eu faço o mesmo com a dele.

Olho para o meu dedo e fico admirando os meus anéis de noivado, era óbvio que ele colocaria logo dois para deixar bem claro que eu era dele.

—Você gostou? Eu estava com medo de você não aceitar o meu pedido. — Ele pergunta quando vê que estou olhando fixamente para os anéis.

—Eu amei Gui, nunca vi nada mais lindo. Mas você sabe que eu já tinha aceitado me casar com você, então não tinha motivos para ficar nervoso.

—Já? — Ele pergunta confuso e eu aproveito para passar os braços ao redor do seu pescoço.

—Já. No dia que você me pediu em casamento no hospital eu aceitei, mas acho que você já estava dormindo.

—Eu achei que tivesse sido um sonho.

—Não foi. Eu disse sim, e eu diria sim quantas vezes fossem necessárias, porque eu te amo e é do seu lado que eu quero viver até o fim dos meus dias.

Ele me puxa para um beijo e eu gemo ao sentir o seu gosto em minha boca. Estou pronta para arrancar suas roupas e pedir que o meu noivo me faça sua ali na sala da nossa casa quando as luzes se acendem e aplausos são ouvidos. O Guilherme rosna de frustração, com certeza tinha tido a mesma ideia que eu.

Desgrudamos nossas bocas a tempo de ver a Dona Marta, o Sr. Luiz, o Bento e o Maurício entrando na sala.

O Bento corre e me abraça, me tirando dos braços do Guilherme. Ele pega minha mão e analisa os anéis, se gabando que ajudou o Gui a escolher. Eu sabia que tinha o dedo dele na escolha. Enquanto isso meus sogros abraçam o Guilherme e logo depois me puxam para um abraço. Minha sogra está eufórica dizendo que conseguiu me enganar direitinho. O Maurício também nos cumprimenta com felicidade estampada no rosto e descubro que ele e o Sr. Luiz que organizaram as velas.

Todos eles estavam envolvidos para que esse momento fosse único e perfeito como foi.

O Guilherme sorri para todos, me puxa pela cintura e fala com entusiasmo. —Ela aceitou!

Todos riem e começam a falar ao mesmo tempo, fazendo planos para o futuro, para o nosso casamento, para o chá de bebê, para as férias, para uma infinidade de coisas que faremos todos juntos.

E enquanto eles falam eu os observo e coloco a mão no ventre sentindo o meu bebê. E ao fazer isso percebo o quanto sou sortuda por termos entrado para as suas vidas.

Olho para o meu noivo que ostenta um sorriso imenso no rosto e penso que a nossa comemoração a sós pode ficar para mais tarde, porque agora não há nada que eu queira mais do que comemorar esse momento de alegria com a minha família. Com a nossa família.

Epílogo

Guilherme

Com o coração querendo passar pela garganta e sair pela boca eu piso cada vez mais fundo no acelerador.

—Merda! Merda! Merda!

Soco o volante do carro com raiva de mim mesmo que não segui os meus instintos e fiquei em casa.

Eu não tinha nada que ter saído para essa maldita reunião em outra cidade deixando minha mulher com a barriga de quase nove meses sozinha em casa podendo entrar em trabalho de parto a qualquer momento.

Algo me dizia naquela manhã que eu não deveria sair.

Assim que acordei e vi minha linda e doce esposa deitada de costas para mim eu tive a sensação que precisava ficar com ela. Que ela ia precisar de mim.

Ainda mais depois que ela virou de frente para mim, abriu os olhos e me deu um sorriso cansado dizendo "Mais uma noite sem dormir."

Ela vinha se queixando a mais de duas semanas que o bebê não a deixava dormir chutando a noite inteira.

Como todos os dias, segui meu ritual.

Deixei um beijo em seus lábios e desci até a sua barriga redonda. Coloquei um beijo demorado ali e disse contra sua pele. "Eu sei que está quentinho aí dentro da mamãe, mas não acha que está na hora de deixar o papai te conhecer?"

E como acontecia todas as vezes que eu falava com a minha princesa, ela se animou e se movimentou contra o meu toque. Era sempre assim, bastava eu tocar na Malu ou falar com ela que instantaneamente ela começava a se mexer dentro da barriga da mãe.

Lembro da primeira ultra que eu acompanhei. Eu estava nervoso, mas fingi que não para poder passar tranquilidade para a Malu, porém acabei

chorando como um bebê quando o som mais lindo de todo o universo preencheu os meus ouvidos. O coraçãozinho da minha menina. Nada nunca vai se comparar a aquele som. E apesar de eu continuar insistindo que será uma menina, em todos os exames feitos não conseguimos ter certeza. Fizemos de tudo, mas o médico sempre dizia a mesma coisa. "As perninhas continuam fechadas."

Eu brincava dizendo que é porque a neném do papai é uma moça comportada, e a Malu brincava comigo dizendo que queria muito ver minha cara se nascesse um menino.

O que ela não sabe é que sendo menino ou menina eu ia amar da mesma maneira. Incondicionalmente. Mas eu tenho plena certeza e convicção que a minha menininha está chegando.

Eu não contei isso para ninguém, mas no dia que eu fui baleado e quase deixei este mundo, eu sonhei com ela.

Foi um sonho tão real que ainda hoje eu me pergunto se aquilo de fato não aconteceu.

Eu estava em um jardim florido e a Malu deitada embaixo de uma árvore lia um livro enquanto acariciava sua barriga enorme. Então de repente eu escutava passos apressados e uma vozinha gritando: —Papai!!! Olha o que eu achei! Vem aqui!

Eu olhava para trás sem entender e via uma menina linda com longos cabelos castanhos e olhos da mesma cor, tão expressivos que fizeram meu coração falhar uma batida.

Eu olhava para a Malu e para sua barriga sem entender, afinal o bebê estava ali dentro. —Nem me olhe, papai. Ela chamou por você, até porque o seu meninão aqui hoje está impossível e eu estou cheia de dor nas costas.

Levantei ainda tentando processar aquilo tudo e fui até a menina que continuava no mesmo lugar me esperando, e quando cheguei perto ela disse animada: —Olha papai, uma joaninha. — Eu queria olhar para o que ela apontava, mas eu não conseguia tirar os meus olhos dela, era tão linda, era como uma Malu em miniatura.

—Ahhh papai, ela foi embora. Você demorou.

—Você é linda.

Ela sorriu para mim e pulou no meu colo. —E você é o melhor pai do mundo inteirinho.

Minha menina. Minha princesa. Ela estava ali para me acalmar e dizer que eu ia vê-la crescer.

É por isso que eu estou nesse desespero todo tentando chegar até minha mulher. Minha filha está chegando ao mundo e eu não estou com ela.

—Mas que merda!

Meu telefone toca de novo, mas dessa vez não é minha mãe que atendeu o meu chamado desesperado quando a Malu me ligou dizendo que a bolsa tinha estourado. Agora é o Bento.

—Bento, você está com ela?

—Porra cara, onde é que você está?

De fundo eu a ouço gritando de dor e dizendo. —Cadê o Guilherme? Eu quero ele aqui! Eu não vou conseguir sem ele.

—Puta que pariu Bento! Eu estou chegando! Falta dez minutos ainda.

—Cara, você tem que correr, eu acho que o bebê está com pressa para chegar. A Malu está se fazendo de forte, mas as contrações estão cada vez mais intensas e o Maurício me disse que falta muito pouco para nascer.

—Eu não posso perder esse momento Bento. Eu sonhei com isso. Ela não pode estar sozinha.

Deixo meus medos virem a tona para o meu irmão, o meu melhor amigo.

—Eu sei, mas se for preciso eu vou entrar com ela. Eu nunca deixaria a minha amiga sozinha. — Ele diz e desliga.

Se concentra Guilherme. Você precisa chegar antes que ela nasça.

Chego ao hospital em tempo recorde, ofegante e sem saber para onde ir. Desorientado. Por sorte o Maurício estava na recepção, parecia me esperar.

—Eu sabia que você ia conseguir. Rápido, ela acabou de ser levada. Seu bebê está nascendo cunhado. — Ele dá tapinhas nas minhas costas enquanto eu sorrio para o homem que aprendi a amar como um irmão.

Troco de roupa e coloco a do hospital, esterilizo as mãos e entro na sala. Ouço um gemido seguido de um choro baixinho vindo da mulher

deitada na maca de olhos fechados enquanto a equipe médica se prepara.

Minha mulher. Sinto um aperto no peito quando a vejo ali deitada parecendo tão frágil.

Seus olhos se abrem e encontram os meus. Vejo alívio passando por eles quando se dá conta que estou aqui, que consegui chegar. Esse sentimento reflete exatamente o que sinto por não ter perdido esse momento.

Ela estende a mão para mim. —Eu sabia que você não ia me deixar sozinha.

Ando até ela e seguro em sua mão suada. —Nunca. Eu nunca te deixaria sozinha. Eu prometi no dia que nos casamos que eu estaria ao seu lado para todo o sempre. Não importa o quê. — Digo e dou um beijo em sua testa, afastando os cabelos grudados ali.

Ela faz que sim com a cabeça e chora dizendo. —Eu nunca esqueceria do dia em que eu me tornei sua para sempre.

Então me recordo do dia que eu a fiz minha em todos os sentidos. Eu não quis esperar, quis casar logo. Ela queria esperar o bebê nascer, mas eu fui enfático que eu queria o meu sobrenome no dela em no máximo um mês.

Apesar de nunca ter sonhado com um casamento grandioso, eu daria um a ela, eu faria um casamento digno de princesa se ela assim quisesse, mas como sempre ela me surpreendeu dizendo. —Eu quero que seja só a gente. Só as pessoas mais importantes da nossa vida.

E assim foi. Um mês depois, assim que a papelada ficou pronta, eu a vi linda, com um vestido branco de seda que marcava sua barriguinha em constante crescimento, entrando no jardim da casa da minha mãe de braços dados com o meu pai. Ali eu achei que sabia o que era felicidade, mas em alguns instantes eu descobriria que nada daquilo se comparava com o que estava prestes a acontecer.

—Ahhhh — Um grito me tira dos meus devaneios no mesmo instante que sinto minha mão quase sendo quebrada de tão forte o aperto da Malu.

—Eu não aguento mais. — Ela diz cansada.

—Aguenta meu amor, ela está chegando. Nossa menina.

—E se for um menino? — Ela fala em meio as lágrimas.

—Eu vou amar tanto quanto se for uma menina pelo simples fato de ser

uma parte sua e minha.

—Mas você sabe que não é...

Não deixo que ela termine de falar. Eu sei dos seus receios mesmo que ela não os pronuncie.

—Não termine essa frase. É uma parte minha e sua sim. Sempre foi e sempre vai ser. Não importa se não é do meu sangue, é do meu coração e sempre vai ser. Por isso eu preciso que você seja forte como sempre foi para trazer o nosso bebê ao mundo. Você pode fazer isso pela nossa família?

Ela assente com a cabeça quando uma nova contração chega. —Ahhhhhhhhhhh

—Vamos lá Maria Luísa. — Um dos médicos diz e vejo que é o obstetra dela. —Chegou a hora de finalmente sabermos o que esse bebê tanto esconde. Prontos para saber se é um menino ou uma menina?

Minha mulher sorri e diz que sim. Eu não consigo falar, porque a emoção toma conta de mim ao perceber que está chegando o momento de ter minha filha em meus braços.

—Então vamos lá! Chegou a hora de empurrar! No três, Maria Luísa. Um... dois... três...

Dali em diante tudo acontece como um borrão. O médico continua dizendo para a Malu empurrar, minha mulher aperta forte minha mão enquanto grita alto, de dor e da força que faz, e eu tento acalmá-la quando ela diz que não aguenta mais.

Repetimos esse processo muitas e muitas vezes até que o médico fala: —Vai Maria Luísa. Não para agora. Já estou vendo a cabeça. Só mais um empurrão. Agora!

Seus olhos se fixam nos meus como que buscando forças e eu aperto forte sua mão, ela joga o corpo para frente e grita tão alto e faz tanta força que parece que pode desmaiar a qualquer segundo, mas então ela se joga para trás já com um sorriso aparecendo nos lábios no mesmo instante que o meu coração para de bater. O exato momento que um choro estridente entra em meus ouvidos e percorre todo o meu corpo indo parar direto no órgão que eu achei ter parado de funcionar.

Mas ele não parou, ele apenas se preparou para ser tomado, inundado

por um amor tão avassalador, tão sublime, tão perfeito, tão puro, que eu nunca imaginei poder sentir.

Meus olhos buscam a fonte do choro e quando encontram eu sinto meu corpo tremer, percebendo então que eu não sabia o real sentido do amor até esse minuto.

Um sentimento forte de proteção se apoderou de mim e eu queria tirar aquele ser tão pequeno das mãos de qualquer um que não fosse eu.

Então ouvimos a voz do médico soar. —É uma menina! O papai estava certo. Uma menina linda.

Olho para minha mulher e a beijo, enquanto ela sorri e chora ao mesmo tempo. —Obrigada. Obrigada por me fazer o homem mais feliz do mundo.

Antes que ela possa dizer alguma coisa eu volto a buscar a minha menina com os olhos e vejo uma enfermeira a trazendo ainda cheia de sangue para a Malu. Minha esposa sorri e estende os braços, pegando em seu colo pela primeira vez a nossa filhotinha.

Assim que a Malu a pega e faz carinho em sua cabeça minha menininha que chorava a plenos pulmões se cala com o doce tom de voz da sua mãe.

Uma enfermeira se aproxima e me mostra uma pulseirinha com o nome da minha esposa que será colocada na minha menina. E quando o faz nos avisa que precisará levá-la para o berçário para cuidar dela, mas que em pouco tempo a levará para o quarto.

Tenho vontade de segui-la para ver se vão cuidar direito dela, mas a Malu segura minha mão e diz com a voz cansada: —O Maurício me disse que ia ficar com ela o tempo inteiro. — E mesmo sabendo que ele não deixaria que nada de ruim acontecesse com ela, sinto meu peito se apertar quando a vejo sumir pela porta, onde meus olhos não podem mais a acompanhar.

***

Estamos todos no quarto que trouxeram a Malu. Eu, minha mulher, meus pais e o Bento. Todos ansiosos pela chegada da minha bonequinha.

Minha mãe ajudou a Malu a tomar banho, e mesmo que eu quisesse estar lá e a ajudar, sei que a Dona Marta era a pessoa mais indicada para isso. Ela tem a Malu como sua filha.

Minha mãe chorou quando a viu sendo levada para o quarto e disse que o Maurício tinha deixado ela ver sua neta. Segurou o rosto da minha esposa e disse totalmente emocionada: —Muito obrigada. Você trouxe vida de novo para essa família. Eu nunca vi uma princesa tão linda em toda a minha vida.

E agora, que tudo se acalmou, falta a parte mais importante de mim chegar. A minha filha.

A Malu está aflita, já pediu não sei quantas vezes para o Bento ir atrás do Maurício, e quando ele decide ir, a porta se abre e um Maurício entra com um sorriso bobo no rosto segurando um pacote rosa em seus braços.

A Malu chora, assim como minha mãe, meu pai e o Bento correm para ajudar a enfermeira que vem atrás com um carrinho parecendo um berço móvel.

O Maurício entrega a minha menininha nos braços da Malu e fala: — Eu prometi que não tiraria os olhos dela, e nem no carrinho eu deixei que a colocassem.

Minha esposa parece hipnotizada pela nossa filha enquanto a embala em seus braços.

Sento na cama ao seu lado e me abaixo deixando um beijo na cabecinha da minha pequena, logo depois coloco um beijo nos cabelos da Malu. Elas são a minha vida.

—Luiz... nossa neta... ela... é... — Minha mãe fala em meio aos soluços.

—Sim, Marta. Ela é perfeita. — Meu pai diz e vejo seus olhos marejados admirando sua netinha.

—Claro que sim, minha afilhada é a coisa mais linda desse mundo.

O Bento emenda e o Maurício o corrige. —Nossa afilhada. Nossa, Bento.

Meu irmão bufa, e de repente todos começam a falar juntos como sempre, mas eu permaneço calado, apenas olhando, admirando, namorando esse pinguinho de gente que minha mulher tem nos braços. Não consigo tirar meus olhos dela.

Uma enfermeira entra e fala que infelizmente vai precisar que todos se retirem e que apenas uma pessoa pode ficar.

Minha mãe seria de muito mais utilidade aqui, mas eu não posso nem cogitar a ideia de deixar minhas meninas.

Todos se despedem, prometendo voltar no dia seguinte assim que as visitas começarem.

A enfermeira ajuda a Malu a amamentar pela primeira vez, no começo é um pouco desajeitado, mas ela logo pega o jeito, e a bebê assim que entende que se sugar sai leite passa a puxar com vontade.

—Temos que dar um nome a ela Malu. — Falo baixinho após a enfermeira nos deixar e vejo minha bonequinha procurar o som da minha voz. Meu peito se estufa de tanto orgulho ao perceber que ela me reconhece.

—Sim, nós temos. — Ela olha para a bebezinha mamando avidamente em seu seio e ri. —Acho que poderia ser Magali, ela parece esfomeada.

Dou uma risada alta e a neném para o que está fazendo para me procurar. Malu tenta fazer com que ela volte a mamar, mas ela não aceita de jeito nenhum.

Depois de fazê-la arrotar, o que eu acompanho tudo de perto para aprender, a Malu me olha e diz. —Segura ela.

Olho horrorizado para minha esposa. —Não! Eu vou machucar ela. Vou deixar ela cair.

Ela ri alto e a bebezinha resmunga. —Claro que não vai, amor. Você nunca a machucaria. Ou você não quer pegar?

—Eu quero! — Falo rápido. —Mas eu nunca peguei um bebê, e tenho medo de fazer alguma coisa errada.

—Não vai fazer. Pega ela aqui. — Ela diz e boceja. Minha menina está cansada e precisa de um tempo.

—Certo, mas se eu fizer alguma coisa errada você me diz?

Ela não responde e se ajeita para me entregar nossa filha. Me agacho um pouco para a segurar em meus braços, e quando faço sinto que meu coração pode explodir de tanta felicidade. Olho para o seu rostinho perfeito, para os seus olhinhos já abertos me encarando com uma intensidade tão grande que poderia me deixar de joelhos. —Oi minha princesa. Eu sou o seu papai. — Falo sorrindo e ela faz um barulhinho com a boca. —Você viu isso? Ela me respondeu. — Pergunto para a Malu e vejo ela sorrir, mas seus olhos

estão pesados.

Com cuidado caminho até ela com nossa bonequinha nos braços, dou um beijo em sua testa e digo: —Você me fez um homem completo, Malu. Eu te amo.

—Eu também te amo, Gui. Você me fez a mulher mais feliz do mundo. Eu não sabia, até agora que vi você com nossa menina nos braços, que eu poderia amar tanto e ser amada com a mesma intensidade.

Beijo seus lábios de leve e minha menina resmunga no meu colo. — Vamos ter que conversar sobre dividir a mamãe mocinha. — Brinco e a Malu sorri, mas seus olhos dizem o quanto está exausta. —Descansa meu amor, eu vou cuidar da nossa princesa.

—Mas nós precisamos escolher um nome para ela. — Malu diz com os olhos quase se fechando, mas antes que deixe se levar para os sonhos um nome sai dos seus lábios quase como um sussurro. —Mariana.

Olho para minha princesa aconchegada em meus braços e sorrio. Mariana. Um nome forte, de uma menina que se tornará uma mulher tão linda e tão guerreira quanto a mãe.

—Mariana. — Sussurro e seus olhos encontram os meus como se ela soubesse que estou a chamando. —Seja bem-vinda a esse mundo, minha princesa. Ele é um pouco confuso e um pouco louco, você vai ver isso com o tempo e vai aprender a viver nele. Mas não se preocupe, porque você tem uma família que te ama e que vai te ajudar nessa caminhada. Seus avós são maravilhosos, vão te amar e mimar até você não aguentar mais. Seus tios e dindos, Bento e Mauricio, vão fazer todas as suas vontades e te amar como se você fosse filha deles. Sua mãe, você vai ver, ela é uma mulher extraordinária, que vai te orientar, amar, cuidar e ser sua melhor amiga. — Respiro fundo, embargado, quando sinto o quanto aquele ser minúsculo representa na minha vida. —E você sempre terá a mim, minha filha. O seu pai. Que vai te guiar e te proteger de tudo e todos com a própria vida se for preciso. E quando você for adulta e tiver os seus próprios filhos vai poder dizer a eles o quanto foi amada por todos nós. Sua família.

Fim